
EU SOU O ALFA E O ÔMEGA, O PRIMEIRO E O ÚLTIMO,
O PRINCÍPIO E O FIM. APOCALIPSE 22:13
APOCALIPSE
autora best seller da amazon
LARISSA ABREU

EU SOU O ALFA E O ÔMEGA, O PRIMEIRO E O ÚLTIMO,
O PRINCÍPIO E O FIM. ***APOCALIPSE 22:13***



autora best seller da amazon

LARISSA **ABREU**

OceanofPDF.com

COPYRIGHT © 2024 LARISSA ABREU
Todos os direitos desta edição reservados para a autora.

Revisão Ortográfica: Mariana Acquaro | Laila Nascimento.
Betagem: Tatiana Bezerra | Danielle Karine | Cris Garcêz | M.Colchero | Marcela Machado
Diagramação: Grazi Fontes
Ilustração: Jefley Mattos
Mentoria de escrita: Amanda Tavares

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

Dedicatória
Série completa
Nota da Autora
Sinopse
Gatilhos
Playlist
Epígrafe
Prólogo | Noite de Domingo de Páscoa
PRIMEIRA TROMBETA
Capítulo 1 | Nublado
Capítulo 2 | Inconsequências
Capítulo 3 | Caça às bruxas
Capítulo 4 | A teoria da dor
Capítulo 5 | Jogos psicológicos
Capítulo 6 | Critérios duvidosos
Capítulo 7 | Ócios Divinos
Capítulo 8 | Ossos cinzentos
Capítulo 9 | O Mártir da dúvida
SEGUNDA TROMBETA
Capítulo 10 | A Inércia da escuridão
Capítulo 11 | A noite dos homens
Capítulo 12 | Delírios saudáveis
Capítulo 13 | Segunda instância
Capítulo 14 | Penitências
Capítulo 15 | Destruição parcial
Capítulo 16 | Por que olhos tão grandes?
Capítulo 17 | Dualidade distinta
Capítulo 18 | Um brinde à desgraça
TERCEIRA TROMBETA
Capítulo 19 | O primeiro fôlego
Capítulo 20 | Um acordo com o mal
Capítulo 21 | A decisão primordial
Capítulo 22 | Santa enganação

Capítulo 23 | Vésperas da eternidade
QUARTA TROMBETA
Capítulo 24 | Um grande amigo
Capítulo 25 | Na lei dos homens
Capítulo 26 | O combinado não será caro
Capítulo 27 | Perspectiva alternativa
Capítulo 28 | Ignição
Capítulo 29 | Uma caçada inteligente
Capítulo 30 | À flor da pele
Capítulo 31 | Lua de núpcias
Capítulo 32 | A outra face
Capítulo 33 | Águas claras
Capítulo 34 | Condições matrimoniais
Capítulo 35 | Estilhaçado
Capítulo 36 | Spiritus Sancti
Capítulo 37 | Funil
Capítulo 38 | Entranhas carnais
Capítulo 39 | Escalando os problemas
Capítulo 40 | Possibilidades catastróficas
QUINTA TROMBETA
Capítulo 41 | Ruptura
Capítulo 42 | Um rasgo no véu
Capítulo 43 | Requiem
Capítulo 44 | Um passo à frente
Capítulo 45 | Um pesadelo
Capítulo 46 | Uma chama se apaga
Capítulo 47 |Um recado no escuro
Capítulo 48 | Os primeiros traços
Capítulo 49 | Maldição familiar
Capítulo 50 | A face do abismo
Capítulo 51 | Trágicos fins
Capítulo 52 | Uma falha assintomática
Capítulo 53 | Ofensiva
Capítulo 54 | Primeira falha
Capítulo 55 | Revelações
Capítulo 56 | Amém

Capítulo 57 | Uma fenda no futuro
Capítulo 58 | Bela adormecida
Capítulo 59 | Pesadelo real
Capítulo 60 | A Origem do erro
Capítulo 61 | A Última chance
Capítulo 62 | Bom filho à casa torna
Capítulo 63 | Desconfiança amarga
SEXTA TROMBETA
Capítulo 64 | Erupção
Capítulo 65 | O inferno está em festa
Capítulo 66 | Erro parcial
Capítulo 67 | Mentiras banais
Capítulo 68 | Tórrido alicerce familiar
Capítulo 69 | A Caixa de pandora
Capítulo 70 | Desespero
Capítulo 71 | O outro lado
Capítulo 72 | Desconfianças
Capítulo 73 | Certezas
Capítulo 74 | A inconstância da razão
SÉTIMA TROMBETA
Capítulo 75 | Bem-vindo ao inferno
Capítulo 76 | Um fio de esperança
Capítulo 77 | Mate ou morra tentando
Capítulo 78 | Queime sozinho
Capítulo 79 | Ponto de equilíbrio
Capítulo 80 | Advento
Capítulo 81 | Véspera de Natal
Capítulo 82 | Um alento no escuro
Capítulo 83 | A fé de Alessa
Capítulo 84 | A grande traição
Capítulo 85 | Noite de Natal
OITAVA TROMBETA
Capítulo 86 | Dia de Reis
Capítulo 87 | Solucionando o passado
Capítulo 88 | Uma premissa do futuro
Capítulo 89 | Barganha

Epilogo
Agradecimentos

OceanofPDF.com



Existem muitas pessoas às quais eu poderia dedicar este terceiro e o último livro, mas para NENHUMA outra pessoa teria tanta razão quanto para quem produziu esta história, talvez tanto quanto eu, para minha amiga, irmã, minha Magali, de quem eu sou verdadeiramente fã, **M.Colchero**, sem você e **Bárbara**, sequer haveria um primeiro livro. OBRIGADA! Eu amo vocês!

OceanofPDF.com



Este é o terceiro volume da série 7. É extremamente necessário ler desde o primeiro livro para compreender os fatos da história.

OceanofPDF.com

NOTA DA AUTORA

Esse é o terceiro livro e acredito que não será necessário pedir que você respeite os seus limites e os gatilhos. *Apocalipse* é mais pesado e blasfemo que *Judas* ou *Anticristo.*

Esta história é APENAS FICÇÃO. Se você é incapaz de separar isso da realidade, remova o livro da sua biblioteca e opte por ler outro.

Espero que você goste do livro, escrevi com todo o meu coração e talvez, quando chegar no final dele, entenda o motivo de eu não ter lançado o fechamento da série no ano de 2023, como o combinado. E para você, que se sentiu insatisfeito com a finalização da série, eu sinto muito e espero poder vê-lo novamente em projetos futuros.

NÃO PULE PARA AS PÁGINAS FINAIS, VIVA A HISTÓRIA, VIVA OS PERSONAGENS.

Não se esqueça de ler as notas finais.

Boa leitura.

E lembre-se: DEUS É FIEL!

OceanofPDF.com

SINOPSE

Ele é o princípio;

Ela conhecerá o fim;

Ele é aquele que foi dado como morto;

Ela perpetuará a vida.

Daemon DeMarco agora é Alessandro Constantini, o último de uma linhagem a dar continuidade à Monarquia da *Omertà*, ao lado de Jezebel Salerno, a futura senhora da Cosa Nostra, aquela que irá gerar o sétimo filho do sétimo filho.

Mas ele está prestes a descobrir que a lei e a ordem que conhece são apenas as sombras do verdadeiro poder, ao qual jamais irá se submeter.

Acima dele, nem mesmo Deus.

Nem mesmo a *Legião*.

As chaves do inferno estão prestes a serem reivindicadas e Daemon DeMarco não se importará em trazer o fim de uma era na história da humanidade apenas para destruir a *Legião* e obter o que deseja.

A revelação do Apocalipse será conhecida.

Não há santos.

Não há salvos.

Acabou a fé.

Poderão os homens sobreviver à condenação eterna?

OceanofPDF.com



Violência extrema, machismo extremo, masoquismo e sadismo físico e psicológico, infanticídio gráfico, estupro e pedofilia, abuso de poder, blasfêmia e intolerância religiosa extrema, relacionamento tóxico, relações sexuais de consentimento duvidoso, asfixiofilia.

OceanofPDF.com

PLAYLIST

Ouça a playlist de Apocalipse no Spotify Para ouvi-la, basta abrir o leitor de QR Code no seu celular e apontar a câmera para o código abaixo:

OceanofPDF.com

A QUEDA DA COSA NOSTRA

O inferno está vazio, todos os demônios estão aqui.

“A tempestade” de William Shakespeare.

OceanofPDF.com

EPÍGRAFE

Todo homem em um alto cargo de poder, seja doméstico ou político, aprende que, para manter as rédeas que estabelecem os seus domínios, é necessário preservar a sua estabilidade e aniquilar, com imediatismo e segurança, qualquer suspeita de ameaça que possa conspirar contra a cadeira na qual se senta e lhe dá o título de líder.

A melhor solução é sempre eliminar.

Mesmo que seja um grande amigo.

Mesmo que seja um amor.

Mesmo que seja um filho.

Para o homem, não há vida sem poder e não há ninguém que tenha vivido nesta humanidade que possa refutar isso.

Nem mesmo *Deus*.

OceanofPDF.com

PRÓLOGO

Noite de Domingo de Páscoa

ALESSANDRO CONSTANTINI

A chuva é cruel, mas não tanto quanto eu.

Os pingos queimam a minha pele, e não tenho recordação em minha mente que me faça considerar que algum homem esteja tão vivo quanto estou agora: os pés na terra úmida, a friagem da tempestade e da ventania, e a combustão flamejante que corre junto ao meu sangue quente.

— Daemon... — Eu ouço Mattia, mas o ignoro, como tenho feito há um mês, desde que tivemos nosso pequeno... incidente com Martino. — Você não precisava vir, temos homens suficientes que poderiam...

— Cala a boca. — Entreabro os meus lábios e as minhas palavras saem com uma mistura de água pluvial e ar, enquanto encaro o céu. — Fez o que eu pedi?

Poderia alegar que ele está vencido, mas um peão jamais luta contra o rei.

A casa é muito bonita; as janelas fechadas e o mármore cristalizado nos pilares são algumas das evidências mais óbvias do bom gosto e da vasta, larga e gorda conta bancária da qual os Trajanos dispõem, mas a regra é clara para quem compõe a última fila da pirâmide que ergue a Cosa Nostra: não há dinheiro que

poupe as consequências de um erro, ainda mais quando há um Constantini no poder.

Somos bons com a balança e bons em cobrar, tanto dos homens que aparam as suas barbas quanto dos que não falam ou sequer saíram da barriga de suas mães.

A porta de entrada está aberta, a luz transmitida por suas arestas iluminando a escuridão que não incomoda nem a mim, nem aos meus homens, todos do lado de fora, esperando que eu ponha a cereja no bolo.

— Queimem os corpos do casal e joguem os restos do penhasco mais alto da Sicília.

A sala parece ter sido alvo de um pequeno furacão, mas nada que me atrapalhe a driblar as cadeiras que Luana Trajano tentou quebrar na cabeça de Mattia, quando ele exigiu que os homens separassem as crianças dos pais.

Eles não verão o sol nascer nas próximas horas e o motivo está longe de ser o mau tempo que assola a cidade.

Era claro para Luana que as suas filhas teriam o mesmo destino cármico que ela, afinal burro é quem acredita que os filhos não pagam pelos erros dos pais e vice-versa. A vida é um eterno capitalismo, no qual, quando não se pode usar dinheiro e favores para pagar, usa-se o último suspiro. E, aqui, a dívida não finda até que o último descendente a pague.

As pegadas de lama formam desenhos no chão. Pergunto-me o quanto David Trajano prezava por qualidade quando resolveu colocar um assoalho velho e barulhento na escada, o que funcionou como um alarme para anunciar a minha chegada para quem estivesse no segundo andar.

A mãe de Luana Trajano, uma idosa, já estava sem vida na entrada do quarto das crianças. A morte a encontraria em breve, apenas tratei de adiantar o processo.

Os pedidos de socorro nas vozes infantis são, além de músicas para os meus ouvidos, uma garantia de que não receberei um passe ao paraíso.

As respirações são tão altas que o vento e a chuva não são capazes de aplacá-las.

— Eu posso fazer. — Atrás de mim, entre os olhares desesperados de duas meninas e a escada, Mattia me encara, refutando a minha ordem na esperança básica de que eu regrida na decisão e dê a tarefa a qualquer homem que não emplaque um número centenário de jovens vidas ceifadas em mãos e possa se arrepender depois.

Daemon se arrependeria, mas *eu* não sou ele.

Disso, meu Conselheiro não sabe.

— Temos um problema, Mattia? — As pontas de seus dedos são certeiras na barba malfeita.

Os fios molhados do seu cabelo expelem água quando sacudidos e eu posso ver as gotas dissipando-se pelo ar.

— E se isso alimentar a volta de Alessandro?

Cada dente cintila na minha boca.

Sinto a friagem atravessar a gengiva.

— Ah... então essa é a sua preocupação? — questiono e ele arregala os olhos, surpreso.

— Seu bem-estar é a *minha preocupação* — retifica, duro.

Desço dois degraus, o suficiente para estar próximo dele, ainda com meu sorriso de felicidade. Mattia não faz ideia de que não sou quem ele acha que sou.

Eu poderia matá-lo, e ele morreria antes de descobrir que não sou Daemon.

— Não se preocupe. *Alessandro nunca mais irá voltar.* — Eu lhe dou as costas outra vez, como fiz do lado de fora. — Faça o que pedi. A partir daqui, é *comigo.*

Ele se vai, sem pensar duas vezes ou olhar para trás, fazendo jus ao meu nome pela primeira vez nessa noite, já que cortar os seus questionamentos de forma tão abrupta pode, talvez,

trazer a ele a ideia de que a sua preocupação deva ser levada a sério.

As paredes do quarto são de um tom cor-de-rosa mais claro. O cheiro doce e o excesso de ursinhos e bonecas não chamam a minha atenção, mas teriam funcionado como distração há alguns anos, pois o quarto *dela* era *exatamente* assim.

Criada como uma verdadeira princesa, para ser tratada como uma prostituta ao se casar.

Mas não foi para fazer suposições e considerações que vim até aqui, senão para garantir que mais uma família, das várias que traíram a Cosa Nostra, não se perpetue entre os homens.

No fundo do quarto, encolhidas no canto da cama, as duas se abraçam, como se pudessem fundir-se em uma só.

Gêmeas idênticas.

Sequer completaram sete anos e, com esta idade, mal sabem sobre sexualidade, que dirá sobre a morte.

Qual nomenclatura darei a mim mesmo?

A cegonha que veio recolher a encomenda deixada com os seus pais há sete anos, ou o anjo que veio fazer com que elas virem estrelinhas junto da avó, morta à porta do quarto? Estou de mãos atadas diante de duas ótimas escolhas.

Há duas balas no pente da arma na minha mão.

Puxo o pequeno banquinho rosa jogado ao chão para me sentar diante delas, que me encaram de rabo de olho.

Tremem de medo.

Desperdício.

Poderiam ser boas esposas quando adultas. Nada melhor do que bons acordos com associados, e os bancários são os meus favoritos. É uma boa escolha para a facilitação da lavagem de dinheiro, mesmo que a polícia esteja na palma da nossa mão.

— Sou um homem rápido, acreditem. — O cano da arma está sujo de sangue, e sei que o pequeno lenço branco sobre o edredom da cama pode limpá-lo. — Mas, ainda que eu bata um recorde esta noite, uma de vocês duas vai ver a irmã... voltando com a *cegonha*. A grande questão é... quem vai ver?

Elas se entreolham e, pela naturalidade com a qual agem, sem o aumento do medo, tenho certeza de que sequer entendem o que estou falando. Não julgo. Se os seus pais, já adultos, não entenderam as nossas regras, por que duas crianças entenderiam?

— Onde está... a mamãe? — A menina da direita sequer me olha. Seu olhar raspa o chão, *temerosa*.

— Sua mãe vai virar cinzas, junto ao seu pai. Mas não se preocupem, vocês serão estrelinhas. Não é mais interessante? — Elas não esboçam sorrisos ou gestos de euforia. — Da forma como fui criado, uma morte rápida é quase um presente de *Deus*. Considerem este, o meu presente de Páscoa adiantado.

A curiosa se ergue, após perguntar pela matriarca, e estica os pés até soltar as mãos da irmã, apoiando as palmas no chão para ficar de pé.

Estou curioso, confesso.

Nunca cheguei nessa parte.

Nunca deixei que elas perguntassem.

Nunca deixei sequer que me encarassem antes de morrer.

— Mamãe disse que a gente só ia virar estrelinha quando ficasse idosa...

Passo o pano uma última vez sobre o aço brilhante do cano da arma, que reflete a minha imagem, facilitando que eu me enxergue nela.

— Acontece que os seus pais não agiram com condutas adequadas. Chamamos isso de *traição*. Portanto, assim como você puxou os olhos da sua mãe... — Coloco o cano da arma a postos, apoiada na minha perna. — Talvez puxe o traço de traição dela também... e, bom, isso não pode acontecer.

Ela busca o ursinho branco que jaz no chão no canto do quarto e, antes de dar meia dúzia de passos que a tragam para mais perto de mim, estica o pequeno objeto em minha direção, buscando uma rendição inexistente, como se o item fosse uma sacola de um milhão de euros.

A ciência cria remédio para muitos males, mas não importa quantos anos passem, nunca haverá cura para uma linhagem traidora.

Acaricio o gatilho.

— Eu aceito virar uma estrelinha, mas você pode aceitar esse ursinho, para esperar que minha irmã vire uma estrelinha só quando estiver idosa? — questiona, tão indefesa, ingênua e esperançosa.

— Só se ela mesma me entregar.

Seus olhos brilham e ela se vira.

Elas não podem escolher, mas eu, sim, e acho justo a que mais preza pela outra irmã ser a primeira. Sou rápido neste momento. Talvez dois segundos até o segundo disparo, mas no instante que encontro os olhos escuros da menina sentada no chão, enquanto o seu cérebro entende que precisa parar de funcionar, já que há um corpo estranho dentro dele, percebo que ela, de alguma forma, sempre soube o que aconteceria quando entrei no quarto.

Se sua irmã tivesse o mesmo conhecimento que ela, não teria me oferecido um ursinho de pelúcia em troca de sua vida.

O segundo disparo perfura a parede, arrancando a última vida dessa noite, antes que o vermelho sanguinolento no chão se misture às cerdas macias do ursinho, que também me encara.

O pequeno corpo está sentado, de olhos abertos, julgando-me, culpando-me. No seu punho, há uma pequena pulseira de lantejoulas cor-de-rosa, que carrega o seguinte letreiro: *família*. É justo, já que a sua última memória será da morte de toda a família.

— Que Deus *não* me perdoe... — Suspiro. — Vamos, não me olhe assim! — Mas ela continua a me encarar. — Se estivesse viva, você me teria me agradecido por ser tão rápido.

Se o cano da arma não brilhasse tanto, mesmo na luz escassa, a pólvora que o suja seria imperceptível.

Mais um dia concluído, *como nos velhos tempos.*

Seus corpos estão suspensos no teto e o imaculado sangue que lhe pertence agora forma um tapete no chão. Seus olhos estão abertos, para separar o joio do trigo a qualquer um que, na tentativa de decifrar seus semblantes no último suspiro, encontre somente o julgamento em suas expressões mórbidas, sem vida.

O fogo engole o quarto quando quebro frascos de perfume. *Álcool puro.*

O aroma de cinzas e perfume barato preenche o ar. Só não é mais forte do que o cheiro de sangue queimado, que me lembra o cheiro dos animais frescos que Alessa costumava preparar quando Adriano caçava sozinho ou comigo. Cheiro de cordeiro assado, talvez porco. Um cheiro... *rançoso.*

Consigo ouvir a gordura fresca borbulhar debaixo da carne e estalar, à medida que derrete e fortalecer o cheiro que impregna tudo.

Mattia não poderia encontrar as crianças suspensas, já que ligaria os acontecimentos do primeiro massacre a esse.

Não há penitências nos meus atos, tampouco consequências negativas. Apenas há a idealização de um mundo sem manchas dentro de uma Monarquia pura e livre de traições, mesmo que aqueles a cometê-las sequer tenham vindo à luz ainda.

Ao sair de dentro da casa, o velho relógio marca a meia-noite, o fim de um dia Páscoal e, dessa vez, terminei meu dia com sorte, já que desfrutei do sangue antes mesmo que alguém pudesse dizer que ele era capaz de salvar alguém. No fim do dia, não vejo ressurreição.

OceanofPDF.com



PRIMEIRA TROMBETA

“E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve Saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte, queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erve verde foi queimada. —Apocalipse 8:7

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 1

Nublado

DAEMON DEMARCO

Em algum momento do passado...

A sensação é de que o meu corpo está tão frágil quanto papel.

Em um sonho inimigo do fim, no qual não importa por quais vias eu ande dentro da minha mente, ainda haverá bastante caminho a percorrer.

Este é o mesmo corredor dos outros pesadelos.

A noite evapora, sem fumaça desta vez, como se a opacidade escura diminuísse e desse lugar ao sol, que entra sem ser convidado pelas janelas, ofuscando a minha visão que, há poucos segundos, estava familiarizada com a baixa luz.

A densidade maligna que, antes, esmagava os meus pulmões decidiu me dar um tempo para irrigar os brônquios com ar puro e *respirável.*

O som de insetos dos jardins externos chega aos meus ouvidos, causando desconfiança do que não vejo e desconheço, mas sei que está lá, *esperando por mim*.

Sempre está.

Aprendi que nada é ruim o suficiente para que não possa piorar, então os meus pés estão sempre preparados para se firmarem no chão e a musculatura do punho está sempre enrijecida para uma possível defesa.

Essa porra de sonho nunca acaba.

Em vez de continuar a andar para frente, procuro o caminho que percorri há pouco, marcado pela aflição de tentar encontrar, além dele, uma maneira de desfazer essa ilusão, que perpetua mais como pesadelo do que sonho.

A porta de entrada está aberta e convida toda a claridade de fora a entrar.

Ao cruzar o batente, a cena me chacoalha com rispidez.

Brincando onde deveria ser o jardim da minha irmã, está uma versão pequena dela: com os pés descalços, a pele cheia de colágeno, ossos talvez mais resistentes do que quando a peguei pela primeira vez e uma mente intacta, livre de qualquer dano que sofreu já mais velha.

Ela não me vê.

Apenas Daemon está de pé próximo a ela, ao lado de um dos arbustos que compõem a ornamentação do jardim de entrada da mansão. É uma versão minha menos vingativa, ao mesmo tempo, mais dura, autoritária, fria, inconsequente e obediente à Cosa Nostra.

Alessandra perde o equilíbrio e as mãos macias, que nunca viram um arranhão, espalmam-se no chão para amparar o seu corpo pequeno, porém roliço.

De nada adianta, ela cai sentada.

É uma lembrança.

Eu me lembro.

Lembro-me do sentimento de raiva por vê-la carregar o nosso sobrenome, mas de sequer saber como se erguer e ficar de pé.

A ideologia de força da nossa família já estava tão enraizada na minha cabeça que eu sequer era capaz de pegar leve com uma criança de dois anos.

— Levante-se — ele exige. Há claridade demais nos meus olhos para enxergar a fisionomia de Daemon com tanta nitidez do outro lado do jardim. — Não seja tão fraca. — A criança estende os pequenos braços em sua direção e o seu olhar é indiferente. — *Não*, levante-se sozinha.

— Ma-maa-maamãe... — Ela se engasga no próprio soluço ao romper a voz fina em um choro angustiado.

— Por sorte sua, eu não sou a sua mãe. — A minha imagem mais jovem se agacha, não para nivelar o olhar com o de Alessandra, mas para enxergá-la melhor e ter certeza de que, ainda tão pequena, note o ódio e a vontade oscilante entre matá-la e mantê-la viva, apenas para se casar com um homem qualquer com o objetivo de irrigar ainda mais o poder político da Cosa Nostra. — Se você soubesse o que te espera, nem teria nascido... *coisinha*.

Era só para isso que ela servia.

É só para isso que ela *deveria* servir.

Se eu a tivesse matado, ainda naquele berço que cheirava a enjoo, ela não estaria viva hoje, Dario não a teria pegado, não teria lapidado a sua mente ao horror, eu não teria ido parar no Monastério de Pavia, Jezebel teria seguido com a própria vida e... Alessandro ainda não existiria.

Alessandro.

Por que, realmente, ele existe?

Do outro lado do jardim, distante do meu *eu* que despreza a própria irmã ainda caída no chão, existe outra *persona*.

A parte errada que fugiu da minha consciência em um deslize.

Meu corpo se vira, ainda desconexo com tanta informação, mas tentando encaixar todas e conectá-las, como um quebra-

cabeça no qual conheço muito bem as peças sobre a mesa.

A casa some e meus pés se molham.

Estou de pé, sobre a superfície de um lago. Aos poucos, reconheço esse lugar. *É um dos refúgios de Alessa.*

O vento sopra gelado, no efeito de um prelúdio em que tudo o que me ronda, em algum momento da história, já aconteceu. Lembro-me do momento exato que percebi, mesmo que tardiamente, que toda tragédia sucedia um momento de paz, como *esse*.

— *Você não deveria estar mais aqui.* — Dedos se enroscam no meu calcanhar e, ao olhar para baixo, lá está ele. — Este lugar *me pertence*.

Através do espelho da água, dentro dela, mas de uma forma que não entendo, o seu corpo está *seco*, com o semblante cansado, o terno branco impecável e os olhos duros como pedras, prontos para serem arremessados sobre alguém.

Sua imagem some, e então eu me afogo *em sangue*.

Mais uma vez.

Dentro de um pesadelo que nunca acaba.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 2

Inconsequências

ALESSANDRO CONSTANTINI

Sonhar com quem você deseja morto, torna-se um pesadelo.

Transforma boas noites de sono em insônia acumulada.

Dizem as más línguas que desejar a morte do próximo é um sinal de loucura.

Então o quão louco seria almejar, do fundo do meu âmago, a morte de uma parte da minha consciência? Ou devo dizer, da minha *inconsciência*.

Ele se foi.

Isso é apenas um pesadelo.

Sinto falta da porra do conhaque.

Sinto falta do seu cheiro cítrico e temperado, que me desperta a vontade de passar a língua no fundo da garrafa. Infelizmente, tudo o que me sobra é entornar copos do que finjo ser a minha bebida preferida, pois o uísque entre os meus dedos se torna pragmático em dar a impressão de ser a oitava maravilha do mundo.

A realidade direta e crua é que parece que estou tomando um copo de veneno. Mato a mim mesmo um dia após o outro. Grito, em meu interior, com o desespero de querer ser apenas eu.

Alessandro.

Estar do lado de fora é bom, mas fingir ter qualquer pingo de moralidade, que não existe, é o verdadeiro sacrifício e o que anula boa parte dos benefícios. Este é o real sentido de encontrar o sofrimento enquanto se busca o prazer de ter controle.

Não há prazer em ser Daemon.

O preço a pagar: *Fingir ser ele*.

Estou deitado sobre a cama, encarando os lençóis no chão e o teto, dividido entre a vontade de sair e a de mandar metade do Conselho, que finge me ver como *Capo*, para qualquer lugar do mundo no qual não seja possível respirar.

Quero ignorá-los, porque acreditam que sou um homem moral, *ao menos perante esta organização*, ou alguém parecido com *ele*.

Quatro semanas que visto este personagem como se fosse um ator.

Quatro semanas que observo a ingênua Jezebel cruzar o chalé até o jardim para cuidar das plantas todos os dias.

Quatro semanas que tenho vontade de assistir a uma bala atravessar a cabeça de Mattia, da mesma forma que tenho assistido, no fim da tarde, ao pardal amarelo atravessar os galhos entre as árvores além dos portões.

Quatro semanas que a vontade de fazer uma reforma dentro da *Omertà* só aumenta, mas não posso, porque fazer isso seria enfiar no buraco qualquer intenção de permanecer no controle por mais tempo e de prover solução aos eternos erros que esta organização vem enfrentando com o tempo.

Tudo está tão monótono.

Cheguei ao limite.

No lugar dele, não dá para retroceder em qualquer decisão. Puxo as cordas que ainda me inibem e estão se puindo a cada vez

que exerço mais força, na tentativa de ser Daemon com as atitudes de outro.

Posso ser descoberto a qualquer momento, pois decidi que viverei cada dia como se fosse o último, na espera de que seja o início da eternidade, ou de que me façam chegar mais cedo a ela.

Que seja!

Um dia a mais no inferno e um a menos no paraíso não vai fazer diferença, desde que eu faça o que *devo* fazer.

Em todas as glórias da história, nenhum vilão ligou para os percalços no caminho que o fizeram alcançar a linha de chegada, pois é apenas este que importa: *o objetivo*.

A camisa branca de gola média aperta o meu punho com os botões insuportáveis que Daemon insiste em usar pela formalidade e imposição de respeito em conversas formais e políticas, mas eu facilmente resolveria isso de bermuda, afinal precisam da minha liderança e não de pedaços de pano para passar credibilidade.

Eu sou a credibilidade.

Todo o excesso de roupa me irrita, *me sufoca*.

Antes que eu abra a porta do quarto, Mattia está lá, em pé, pronto para fazer o que faz todas as manhãs, sem achar chato ou entediante, e sem querer pôr fogo nessa casa ou em mim. Por mais que não se espere um pensamento assim vindo dele, eu não acharia ruim; há dias, sonho com uma maneira de fazer exatamente isso com ele, sem acabar fodendo a mim mesmo quando seu corpo virar cinzas no chão.

O meu olhar injuriado fala mais do que qualquer palavra.

Não é cansaço físico ou psicológico. Todos os dias são os mesmos. É como comprar meia dúzia de quadros com o mesmo desenho e espalhá-los pela casa, na intenção de serem únicos.

Não funciona.

— Bom dia, *padrinho!*

Revitalizado, está cheio de toda e qualquer energia que só ele tem, porque visivelmente até os demais, que sempre estão presentes aqui, aparentam cansaço.

— Bom dia — respondo.

Meu olhar o deixa rapidamente e eu arrasto os meus pés descalços pelo chão, sentindo-os derrapar. A tentativa de fazer coisas diferentes das do dia anterior transparece até mesmo no fato de descer os degraus, pulando um.

Um degrau sim, outro não.

Quando encontro o pequeno bar na sala, os meus pés perdem a velocidade e meu olhar se fixa na nova garrafa de rum, assim como na de uísque, mas é pela garrafa de conhaque, a favorita de Mattia também, que a minha boca saliva.

Parece uma idiotice, pois a minha palavra é a lei, a qual homem algum que anda nessas terras pode renegar ou remoldar.

Talvez seja irrelevante um copo com água, para alguém que possui água potável à vontade em casa, mas, para um homem no deserto, tem o valor que nenhum dinheiro pode pagar.

E, agora, eu me sinto como esse homem no deserto, que daria tudo pela porra do conhaque sobre a mesa.

O meu olhar chega a oscilar.

As pontas dos meus dedos desejam uma coisa, mas vão em busca de outra.

Ninguém mata sede de água com alimento.

Isso só te deixa mais sedento, de garganta seca. É isso que faço todas as manhãs quando bebo um terço do uísque para não puxar o gatilho contra uma quantidade significante de pessoas.

Funciona como um tranquilizante para cavalos.

— Todos chegaram? — questiono-o.

— Falta apenas você.

— Qual o assunto de hoje? — O seu rosto não reproduz as expressões de alguém decisivo, mas as de alguém que hesita ao falar.

Passa-se tempo demais para que esteja apenas pensando.

— Alguma mulher comeu a sua língua?

As pontas dos seus dedos trafegam pela beirada da estante que compõe o bar no canto da sala. Seus olhos não estão submetidos a mim, mas somente quando as suas próximas palavras são lançadas no ar que entendo tamanha espera.

— Precisamos dar andamento aos processos pré-matrimoniais, marcar a data do casamento e entre outras coisas. — *Claro que é isso.* — Eles estão desesperados por um... *sucessor.*

Uma risada evapora da minha boca, tão morta quanto os destilados nas suas garrafas.

— Claro que estão. — Eu, um homem de quase trinta e dois anos, diante da *Omertà*, estou atrasado no quesito *construção de um legado de sucessores*. É esperado que o sétimo filho venha até os quarenta e cinco anos, mas caso haja o azar de vir uma filha, ela será encarregada de gerar o sétimo filho, uma vez que o posto não lhe é destinado, sendo necessárias assim pelo menos mais algumas décadas. Entretanto, isso nunca aconteceu. — Já que estão esperando por tanto tempo, deixe que esperem um pouco mais.

Durante todas essas décadas, as esposas dos chefes da Cosa Nostra imploravam a Deus que o sétimo filho nunca viesse uma mulher, pois isso seria ter a certeza de presenciar a sua violação para que o sétimo filho fosse criado como um *Capo* indestrutível, já que, para ocupar o cargo, ele precisava ser quebrado pela própria família, assim, nada no mundo poderia quebrá-lo de novo.

Um sacrifício para um destino muito maior.

A queda de uma mãe para a ascensão de um filho.

— Você *matou* Antônia, assim como também preciso lembrar a você que casamentos nunca foram cancelados dentro desta Monarquia. — Essa, talvez, seja a única coisa que Daemon fez que eu aprovo.

— Eles já sabem que Jezebel será a minha esposa na próxima estação. Qual o motivo de tanto alarde?

— A falta de andamento com as novas etapas para organizar esse casamento. Faz um mês que isso não é discutido. Em todas as reuniões, você apenas dispõe de assuntos e decisões de ganhos territoriais, tais como novos caminhos de influência, importação de ativos para a fabricação de drogas... — Mattia não dá uma pausa sequer. — Entenda, sou o seu Conselheiro, mas não posso dar um passo para solucionar problemas se você não ceder quanto a isso e me permitir dar seguimento aos tramites com Jezebel.

— Então o Conselho quer falar sobre o meu casamento hoje?

— E não estão nem um pouco felizes com a sua escolha. — Ele ergue o olhar dessa vez, e eu o sustento. — Segurei por semanas, Padrinho, mas eles estão *eufóricos* na sala. — Os pés pesados de meu Conselheiro o trazem para perto de mim. — Sei que sobre isso não devo lembrá-lo, Daemon... — Mattia usa o nome *dele* e isso me irrita, mas engano-o com um sorriso mais azedo do que limão. — Casamentos são negócios. Antônia era filha de Fabbri, de um *Capo*... isso traria coisas infindáveis para nós, mas o casamento com Jezebel, na visão do Conselho, é totalmente... impensado. Um *desperdício*.

Meus olhos reviram-se.

Negar, como Alessandro, uma verdade que foi imposta por Daemon DeMarco seria olhar para frente e destruir tudo, já que isso levantaria poeira sobre quem sou.

É necessário aprender a conviver no inferno, perante os demônios, e no paraíso, perante os anjos, nem que, para tanto, eu adentre os portões do Céu ainda ardendo em chamas.

É necessário saber transitar.

— Quero que o Conselho se... — *foda, se exploda, vá para qualquer lugar onde eu não possa ouvir qualquer murmúrio de um deles sequer...* — aquiete, Mattia. Portanto, quando estiverem mais calmos, conversarei sobre minha futura vida matrimonial. Hoje, não falaremos sobre mulheres, falaremos sobre os Fabbri e nós não misturamos nossas mulheres com nossos negócios.

— Daemon... as mulheres dentro da Cosa Nostra são um produto do negócio. — Eu me viro e aperto os olhos. *Como odeio este nome.* — Dê algo a eles... qualquer coisa para apaziguar os nervos que estão à flor da pele naquela sala.

— E desde quando o *Capo* apazigua o Conselho? Não deveria ser o contrário?

— Nenhum homem governa sozinho — e alerta-me.

— Governar sozinho me parece ser mais fácil do que ter um Conselho sem o *Capo*.

— Pensando em deixar sua cadeira? — Dessa vez, Mattia ri.

— Gosto mais da ideia de fazer com que eles substituam as cadeiras da sala de reuniões por caixões no quintal. — Arrebento o botão da gola da minha camisa, na tentativa de folgá-la. — O primeiro presente de casamento de Jezebel será *adubo para o seu jardim.*

Estar no fingimento de ser Daemon é como estar em uma terapia que só faz o efeito contrário.

— Dê algo a eles — insiste, retornando ao assunto. Desta vez, mais sério.

Ceder. Isso nunca foi necessário antes. Não que agora seja, mas o que pode acontecer de pior, se esta não for a primeira vez? Eu me vingarei da sua insistência quando o matar. Por enquanto, preciso continuar transitando.

— Solicite à noiva os exames que as regras determinam. — Ele não sorri, mas o seu suspiro é tão aliviado que, nem se conseguisse mostrar todos os dentes, seria capaz de medir a sua

satisfação com a minha desistência. O meu Conselheiro não se move, perdido nos seus achismos. — Vai ficar aí?

— Você sabe que um dos exames é sobre a... *pureza*, certo?

Rio comigo mesmo.

— Isso não é um problema. Explicarei ao Conselho que esta parte foi adiantada.

— Você não está falando sério — diz.

— Não é um problema. O problema vai acontecer se eles não entenderem isso. — Há um botão pendurado na manga do punho direito. Na verdade, estava aqui até eu arrancá-lo. — Se a preocupação daqueles que se sentam à mesa é que o *Capo* seja o primeiro a comer a noiva, eles devem ficar aquietados. *Isso já aconteceu.*

— Por que está falando dessa forma, com desrespeito? Se não o fez com Antônia, por que o fazer com Jezebel?

Meu olhar é certeiro no seu.

— Você não deveria estar me contrariando.

— Não estou contrariando você, Daemon — responde-me.

— Então me diga: o que está tentando fazer?

Eu lhe dou as costas à medida que meus pés me levam ao corredor, no qual há uma reunião do Conselho me aguardando.

Sei que Mattia me segue.

— Só quero lembrar a você que Jezebel não faz parte do nosso mundo. Ela saiu de um lugar onde era cobrado apenas a caridade, bondade e amor ao próximo. Você não deu a ela a chance de optar por esse casamento. — *Verdades.* E, pela primeira vez, preciso concordar cem por cento com ele. — Ela não tem uma família com tradições. Ela não tem absolutamente ninguém. Ela só tem a mim... e a *você*. Então a honre, assim como você quis que o seu pai tivesse honrado Alessa.

A minha cabeça corre em devaneios, mesmo quando já sei exatamente o que falar para ele.

— Depois da sua traição ao *Capo*... *ela teve o que mereceu.* — O peso das minhas sílabas expressam os meus pensamentos e a falta de cordialidade à mulher que me pôs no mundo e traiu a Monarquia à qual regeu como braço direito do homem que a governou. — O que está esperando, Mattia?

Foram tantos erros.

Mas farei jus ao pensamento de que sou o único e melhor acerto que poderia existir.

— Há alguém que quer vê-lo antes da reunião.

Arqueio a minha sobrancelha, suspendendo-a na parte mais alta da testa. Ele não deveria ter deixado a visita sequer cruzar os portões da minha casa sem a minha permissão.

— Não me recordo de permitir alguém aqui.

— Eu me recordo de que tínhamos uma trégua com nossa visita — rebate.

A minha ironia se quebra e a minha paciência oscila em picos tão grandes que a mão pulsa à medida que abre e fecha. O sangue parece não correr por ela e, toda vez que isso acontece, eu me pergunto quem entraria no lugar de Mattia como *Consigliere* se ele acidentalmente falecesse.

Respire.

Respire só mais um pouco.

— Quem? — Minha voz vibra um pouco, salientando a raiva que, ainda que eu faça um esforço, não consigo conter.

Ele percebe, mas não dá prioridade.

— *Saliu*, a detetive — responde, sem mais explicações, sabendo que as peças na minha cabeça o farão por ele.

Meu longo suspiro de cansaço antecipado se mistura no ar.

— Onde?

— No escritório — diz e aponta com o olhar.

Não ouço mais as suas contestações, tampouco qualquer coisa que o faça merecer a minha atenção, mas, ao adentrar aquela sala, Mattia fica para trás, porque sabe que a presença dessa mulher imbecil dispensa qualquer autoridade que não seja a minha, afinal decisões precisam ser tomadas e é por isso que me chamam de *Capo*.

Ela está lá, parada diante da janela, encarando o sol que aquece o jardim do lado de fora.

Saliu sabe que estou aqui, mas a minha presença não a intimida.

Ela não liga de me dar as costas e abaixar a guarda, afinal, de certa forma, está segura, mas o seu nível de segurança aqui dentro depende das palavras que ela escolher usar durante a nossa conversa.

— Sr. Constantini, você tem um belo jardim.

Confiante demais.

— Não se deixe enganar. Por mim, eu botaria fogo em cada folha, mas esse aglomerado de mato é o que deixa minha noiva ocupada no chalé do outro lado da mansão — respondo, ácido.

Mantenho-me ereto, as mãos preenchendo os bolsos da minha calça e apertando os dedos, enquanto tento descobrir o que a trouxe aqui, antes que possa me dizer exatamente isso.

— Sua noiva? Achei que ela estivesse morta.

— Minha *esposa* está, a não ser que... — O meu sorriso se abre quando ela se vira, ajeitando os óculos redondos que preenchem o seu rosto redondo. — um milagre a tenha tirado do túmulo, mas não acho que seria possível, já que recebeu um tiro no meio da testa. Minha noiva, no entanto, está respirando de forma saudável a alguns metros de nós.

— Está se confessando?

As suas suposições cheiram à falta de respeito e a uma grande possibilidade de que ela acredite que estou à sua mercê,

apenas pelo motivo de Daemon ter dado uma trégua à polícia italiana.

A sensação que tenho é de que a saliva da minha boca vira borracha. Em segundos, estou diante dela que, com a sua baixa estatura, vê-se obrigada a olhar para cima, onde encontra a minha mão retirando seus óculos.

Saliu demonstra estar assustada, e eu gosto disso.

Quanto mais desespero e medo, *melhor.*

Seus óculos são amassados dentro do meu punho à medida que fecho os dedos, trincando e quebrando as lentes, que furam a carne da minha mão.

Não dou a mínima, desde que ela entenda onde está.

Com tantas palavras na ponta da língua, detenho-me na impressão de que ela não entende, na verdade.

— Vem à minha casa sem a minha permissão, elogia o meu jardim, faz suposições... — *Respire.* — Você tem sessenta segundos para me contar a sua motivação para vir aqui. Caso contrário, será a sua traqueia no lugar dos óculos na minha mão. — Saliu puxa o ar em espanto. — E eu sugiro que comece *agora.*

A sua língua erra os movimentos, fazendo com que palavras sejam sons sem sentido, mas os segundos passam e, pela falta de movimento das minhas pálpebras, que sequer piscam, Saliu sabe que propago apenas a verdade e que os requintes de crueldade virão com as suas mentiras.

— É... sã-ã... são muitos os motivos, mas a sua falecida esposa é o mais preocupante deles.

Rio, pela grande importância banal.

O real problema foi sanado com tanta excelência que, talvez, nem eu fosse capaz de executá-lo tão bem.

— E onde está o problema?

— Você a matou com um tiro na testa, no meio de um casamento — diz o óbvio.

— Sou um homem novo, não preciso que me recordem dos meus atos, detetive.

— Todos viram. O que o motivou àquilo?

O que motivou Daemon. Não eu.

Para ele, o motivo certeiro foi Jezebel, mas, para mim, a suposição de uma traição basta.

— Você veio solucionar um problema. E eu solucionei um no dia que ela morreu. — O som dos meus sapatos se arrastando contra o assoalho é baixo, mas chama a sua atenção. — E todos terem visto a decisão que tomei sobre a minha falecida esposa não é um problema. Aqui, na nossa casa, detetive, os feitos da minha cônjuge se espelharam em mim, assim como os dos meus futuros filhos o farão. — Aproximo-me, a ponto de conseguir ver que o jardim está vazio. — Antônia morreu, porque o pai dela me traiu. Como eu disse, os feitos da minha linhagem se espelham em mim, assim os meus feitos o afetam. — A sua atenção está no meu rosto enquanto a encaro. — E eu jamais poderia me casar com a filha de um traidor. A morte de descendentes de traidores é sempre um exemplo, afinal, se fiz isso com ela, o que não faria com eles?

— Ótima lógica, mas ainda foi um crime.

As minhas sobrancelhas se envergam em dúvidas.

— Não me diga que algum dos meus convidados achou ruim… Achei que tivéssemos um acordo.

— O nosso acordo era que você fosse discreto nas suas ações. E eu não consigo enxergar onde você possa ter tido discrição nos seus atos desde o seu casamento até os últimos dias.

— Do que tem medo, detetive? Que as minhas ações chamem atenção de órgãos maiores e o governo italiano chute o seu rabo para fora da Polícia Italiana? — Saliu torce o nariz, como se eu tivesse acertado precisamente a suposição. — Fique tranquila. Existe tanta merda debaixo do pano dentro do governo

da Itália que você ficaria surpresa. Nem o papa é tão certo quanto ele prega, sabia?

— E como você espera que eu explique uma bala ter atravessado a cabeça de Antônia Fabbri em meio ao casamento?

— Dê um jeito. Sei que consegue. Os homens que a antecederam já esconderam merdas piores de meu pai, então esse é um ótimo momento para que você os supere. — Alguns passos e estamos cara a cara. Considerando a sua falta de visão nítida, já que aperta os olhos para tentar saber exatamente qual a minha expressão, arrisco que o seu pavor é tão vivo que eu lhe daria um nome e número de registro. *O medo fede*. — E, se não conseguir, vão ter que explicar como você também teve o mesmo fim de Antônia.

— Está me ameaçando, Alessandro? — Ela sabe *exatamente* o que estou fazendo.

— Dentro de uma guerra avisada, nem cegos e surdos perdem.

— Eu já avisei ao Ministério Público da Itália que todos estão sendo interrogados... — A detetive encara os seus óculos amassados, sabendo que vai precisar de um novo par. — Estou usando testemunhas fantasmas.

— Problema resolvido. Viu? Sequer precisava ter vindo, Saliu. — *Medo e raiva*. A musculatura de seu braço está rígida. — Apenas gastou o seu tempo e o *meu*.

É natural que ela se esforce para manter o seu bom trabalho, mas, em se tratando da Sicília, Saliu ainda tem muito o que aprender.

Este lugar é um campo minado e, em cada espaço entre as bombas, há um ninho de cobras.

A atenção deve ser redobrada, inclusive com a sua sombra, porque até mesmo ela se comporta diferente de acordo com a posição do sol.

Batendo em retirada, ela se aproxima da porta.

— Sei exatamente qual deve ser a minha posição, Alessandro. Não me esqueci do caso de Jezebel, mas saiba que, se o meu tapete for levado, aqueles que têm acordos comigo serão levados junto.

Os olhos castanhos piscam e chego bem perto.

No caminho rápido até Saliu, um pedaço de vidro ocupa espaço entre os meus dedos e, logo que o corpo dela sofre um baque contra a porta, quase consigo ouvir a carne do seu rosto rasgando-se ao meio para que o objeto adentre superficialmente.

O corte desce pela maçã do seu rosto e entra mais dois centímetros na parte inferior do seu queixo magro.

Tento enfiar mais, mas o caco encontra o osso da mandíbula.

Ela grita, apavorada.

Quando empurro o seu rosto para cima, ela fecha a boca e o seu urro se torna abafado.

— O único motivo pelo qual não enviarei você para uma vala agora é que eu não teria onde enterrá-la, e a minha casa não é um cemitério. Estou com convidados, então não dá para sair e botar fogo no que restar de você. — Os seus olhos estão tão esbugalhados que, se continuarem a se abrir, pularão com muita facilidade para fora da órbita. — Escolha muito bem as suas palavras, antes de tirar a bunda do seu escritório de merda.

— Você... vo-cê... vo-vo-vo... você... — murmura, quando faço menção de afrouxar o aperto contra o seu corpo e deixar que puxe mais ar.

Dois de meus dedos vão até o ferimento, recolhendo algumas gotas do sangue que mancha sua pele.

— Sangue é rico em... — O gosto ferruginoso se espalha em minha língua quando o experimento, trazendo muitas lembranças. Nunca precisei levá-lo aos lábios, mas era natural que, quando alguém estava sendo esmagado, ele viesse até minha língua. — ferro.

— *Daemon? Está tudo bem aí?* — A voz de Mattia é alta do outro lado da porta. Não soa preocupado, senão em alerta, como sempre.

Por que as pessoas complicam uma situação de fácil solução?

Encaro Saliu dentro de seus olhos.

— Está tudo ótimo. Eu e Saliu estamos apenas tendo uma conversa amigável — respondo.

O sangue escorre por seu queixo, manchando a camiseta branca por baixo do colete fechado no seu peito.

Afasto-me e a detetive leva os dedos ao ferimento no rosto, tomando mais tempo do que imaginei para acreditar no que acabei de fazer.

Contra fatos não há argumento.

Se precisava de uma prova, aqui está.

Eu a despedaçaria, se ela tentasse ser a pedra no meu caminho.

Eu a partiria em duas. Um pedaço serviria de exemplo para seu sucessor e o outro seria dado à família, para terem o que enterrar.

— Meu presente de Páscoa atrasado para você.

Ela encara os dedos.

A palma da minha mão arde, mas eu não ligo.

Não é importante.

Não mais do que a lapidação de planos que acabo de fazer com a detetive.

— Você está brincando de ser Deus, Alessandro. Está bancando a lei, matando todos os soldados da ‘Ndrangheta e da Camorra. Está chamando atenção demais. E depois, o que vai fazer? Matar os associados também?

— Se me trouxer algum benefício, não será uma má ideia. — A minha ironia é um sopro sob a minha voz. — Entenda, detetive, nunca precisei mostrar o que costumo fazer com os indisciplinados para aqueles que vieram antes de você, e eu quero muito que continue assim. Vai me dar um trabalho desnecessário conversar com quem vier depois de você.

Ela se ergue com a mão no rosto enquanto o sangue vaza por entre os seus dedos. Logo, abre a porta e passa por Mattia, que está de pé.

Ele demora algum tempo até entender o que realmente está acontecendo, ou melhor, *o que aconteceu.*

Alguns instantes depois, apenas o som do pneu contra o chão empoeirado do portão da mansão faz-se ouvir, pois é alto.

Creio que não é pela pressa, mas pela mais genuína e natural raiva.

Não julgo.

Eu também ficaria furioso se alguém rasgasse o meu rosto.

— Por que fez aquilo? O que houve?

— Eu só expliquei para ela que, dentro da minha casa, quem ameaça sou eu. — Ele arqueia a sobrancelha. — Deixa para lá, nada de mais, mas acho que ela entendeu minha explicação.

Sem qualquer espaço para contestação da parte do Conselheiro, atravesso a sua presença em direção à sala de reunião.

OceanofPDF.com



Caça às bruxas



Mattia veio logo depois de mim.

Ele se recolhe para se sentar ao meu lado direito, já que, no esquerdo, uma cadeira permanece vazia para lembrar a todos o que acontece com traidores, cuja única serventia, após o ato banal, é serem comidos pela terra.

Vittorio.

Assim como toda a sua família, contando os filhos e aqueles que vieram antes dele.

Uma linhagem inteira foi apagada e há mais homens para eliminar qualquer outra linhagem que siga os mesmos rastros.

O Conselho está a postos, aguardando uma palavra para o início da reunião.

Homens de peitos cheios, prontos para defender os seus achismos e opiniões como se fossem as maiores verdades, e eu estou pronto para ignorá-los.

Embora a Cosa Nostra defenda que o Conselho faça parte dos vereditos, eu sei que nenhuma das opiniões agregaram à base do nosso poder, pois a discussão que os cega de raiva é sobree as suas mãos não deterem tanto poder quanto as minhas. Adriano os

escutava, mas os meus ouvidos, mesmos livres, não estarão disponíveis para lhes dar a chance de opinar.

— Bom dia ao Conselho — digo, encarando-os.

Nero está ausente. Está se recuperando de uma cirurgia no joelho esquerdo, mas vinha dando tanto com a língua nas reuniões passadas, e de maneira que não deveria, que mal sabe que sua ausência foi cúmplice em salvar sua vida.

Os homens retrucam a saudação e eu aceno para Otto, aquele que respira mais controladamente entre nós e o que menos infringe raiva.

— Bom dia, Alessandro. — Ele se ajeita sobre a cadeira, arranhando a garganta para que a voz imponente não falhe devido à idade. — Antes de você chegar, estávamos conversando sobre...

Sorrio, firme, atropelando as suas próximas palavras:

— Não deveriam estar decidindo nada na minha ausência.

Otto engole a saliva.

— Não decidimos nada. Estávamos discutindo sobre opiniões, para formulá-las e levá-las a você já lapidadas. — Puxa o ar. — Nada sério.

— Se não era nada sério, por que fizeram tanta questão dessa reunião hoje? Pelo que sei, os nossos negócios estão se expandindo a todo vapor, para que vocês fiquem bem *soltos* e sem o que fazer por aí. — A minha ironia é tão contida que me sinto transpirar em concentração.

— *Daemon* — sussurra Mattia ao meu lado, travando-me. A cada dia, eu me jogo um pouco mais em direção ao precipício, colocando não só os olhos na brecha da porta, mas já quase os braços e as pernas. — Eu teria pedido que Marta lhe desse um suco de maracujá mais cedo, se soubesse do seu... *estresse*.

— Nem se ela tivesse colhido a plantação inteira — respondo. — Estão calados demais para o alvoroço excessivo que fizeram aqui. Me parecem calmos. — O ar preenche meus

pulmões. — Fiquem à vontade. A minha palavra nesta sala será a última.

— Por que o chama de Daemon, *Consigliere*? Pelo que me lembro, o seu pai o batizou como Alessandro — questiona Emiliano Massimo, mas estou pronto para interrompê-lo, antes que Mattia formule uma resposta para devolver.

— Diante das traições do meu pai, você deveria considerar menos as escolhas dele. Não corrija o meu *Consigliere*. Apenas eu devo fazê-lo. E, agora, não há motivos para que eu o faça, Emiliano. — Meus dentes se friccionam dentro da minha boca ao perceber que Mattia assim me chama para garantir que sou justamente Daemon, não Alessandro. — Foque a sua atenção em coisas *realmente necessárias*.

— Estamos preocupados com o seu casamento e...

É insistente como o pai.

— Os exames de Jezebel foram solicitados. Não há motivos para preocupação. Estamos seguindo o protocolo — fala Mattia.

Um grande suspiro ressoa contra o ar na ponta da mesa, seguido de mãos ásperas que alisam a superfície de madeira em função de aplacar a ansiedade, ou talvez o nervosismo, de falar uma besteira e terminar a noite com qualquer uma das minhas punições.

Valério Casanova, ao fundo, mói o interior de sua boca em uma mastigação sem fim, mas o seu silêncio rompe o ar, como uma explosão acautelada. É como se, nos últimos segundos, ele estivesse se dando conta das consequências que acarretariam de seu ato impensado.

— Será mesmo que estamos seguindo o protocolo, Chefe? — questiona em um misto de ironia e desesperança.

— A menos que haja outro protocolo matrimonial, creio que sim. — A minha boca amarga com o sabor de sua desobediência.

Fui feito para impor ordens e para ser obedecido.

Qualquer coisa contrária a isso mexe com a minha psique negativa, que só precisa de um encorajamento para expor desejos ominosos[1].

— As regras ditam que o *Capo* deve se casar com uma esposa de honra, que lhe trará uma boa linhagem e...

Cerro os meus olhos.

— E que porra estou prestes a fazer, Valério? — O estresse me consume.

— Você é o sétimo filho do sétimo filho. A mulher que lhe daria o sétimo filho homem, para se sentar no seu lugar, está *morta* e tudo o que você fez foi escolher uma *qualquer* como esposa. Essa mulher não tem família, não sabemos nada sobre a sua linhagem e ainda pediu para ser exclusa de um monastério... — Ele ri, como se todos nós fôssemos uma enorme piada, inclusive eu. — Ela sequer deve ser virgem. Você está envergonhando esta Monarquia e...

A minha reação de imediato é gargalhar.

Gargalho tão alto que, ainda que tentem falar qualquer coisa, sei que é impossível, pois estou abafando qualquer outro som.

Em um minuto, estou sentado na minha cadeira de forma diplomática, mas, no outro, tenho um punhal entre os meus dedos da mão esquerda sobre o pomo de adão de Valério, enquanto os dedos da outra mão prendem os seus cabelos, imobilizando-o com a cabeça para trás.

Mattia se levanta, usando de qualquer fé que ele tenha guardado, durante os anos, para este exato momento.

Daemon já matou um dos homens do Conselho e não acho que faria falta se eu matasse outro.

— Você está certo. Jezebel não é mais virgem. — Cochichos chegam aos meus ouvidos, mas o arranhar da minha garganta faz com que qualquer som se dissipe, atraindo toda a atenção para mim, enquanto raiva escorre por meus poros. — Mas

não há com o que se preocupar, já que o primeiro homem entre as suas pernas fui eu. Imaginem que arrependimento me casar com uma boceta fria. — Analiso o medo nos seus olhos. Gosto dessa apreensão, de quando vejo no seu rosto a certeza de que sabe do que sou capaz e que, se for do meu desejo, ele será servido no espeto ao fim da reunião. — Nunca ligaram para o fato de Antônia ser mais rodada que um carrossel em parque de diversões aos finais de semana. — A minha mão com a lâmina se distancia do seu pescoço, mas a mão em sua cabeça força-a contra a mesa três vezes, até que o seu nariz se desfaça em sangue.

— Espera, não precisa.... *disso* — diz Otto, sempre o pró-paz.

— Não preciso relembrar o significado que tem o anel no meu dedo. — O rosto de Valério vai de novo de encontro à mesa, ensopando-a de sangue vermelho e fresco. O cheiro de ferro inunda a sala. Todos são homens aqui, mas nenhum é corajoso o suficiente para tomar partido de Valério e avançar contra mim, para soltá-lo do meu agarre. — Somos todos movidos por motivações. Vocês estão preocupados com filhos e casamentos enquanto estou preocupado em foder com o que restou de Fabbri e da ‘Ndrangheta. Se não houver uma Cosa Nostra forte no caralho do futuro — digo, com a minha voz subindo duas oitavas — não haverá motivos para ter a porra de um sétimo filho legítimo. Se preocupem menos com a boceta que dormirá na minha cama nos próximos meses e mais com a Monarquia que insistem em aconselhar de forma porca. Se eu disse que tudo está sob controle, então *TUDO ESTÁ SOB CONTROLE,* ainda que o céu esteja debaixo de nossos pés.

Meu queixo se ergue em direção ao teto e a única lâmpada que nos ilumina chacoalha, ainda que nenhum vento entre no recinto.

A lareira crepita em sincronia com as respirações descompassadas pelo medo do que julgam ser um descontrole da minha parte.

A verdade é que tenho o total controle da situação.

Recordo-me de quando Daemon assassinou Geovani com um tiro. Arrancar a sua cabeça e deixar que ferva na lareira não seria, assim, tanta falta de controle, senão um lembrete feito quando as coisas são normalmente esquecidas com o tempo.

O receio de ser descoberto domina minhas ações e acaba me tornando muito mais brando do que *ele* era como Chefe desta organização.

Solto Valério, que ameaça se levantar.

— Sentado. A nossa reunião ainda não acabou — oriento, enquanto me encaixo de volta na minha cadeira. — Podemos começar a nossa reunião ou ainda há qualquer outro assunto a ser destacado em mesa? — Apenas silêncio predomina. — *Fale agora ou se cale para sempre.* — A diversão é apenas minha. — Mattia, prossiga.

— Atualmente, devido a alguns acontecimentos que são da ciência de todos, estamos com a cadeira de *Sottocapo* vazia, mas alguns membros, tão capacitados quanto Vittorio foi, se dividem na tarefa de ordem dos *Caporegimes*, deliberando e dividindo as suas atuações por Palermo e em alguns lugares na Sicília. — O *Consigliere* folheia algumas páginas, partindo a unha do indicador entre os dentes. — Todos os homens de Dario e Fabbri estão sendo mortos quando encontrados próximo ao nosso território e, de acordo com nossas investidas, estamos recuperando boa parte da região que era da Camorra. Fabbri enfraqueceu com o falecimento da esposa por causas cardíacas, depois da morte de sua filha. A Ordem não existe mais e, com isso, estamos livres para agir da forma que queremos.

Agora, ele me encara.

O Conselho condena a atitude impensada de Daemon, visto que ter uma Fabbri sob a nossa custódia, como esposa de um *Capo*, tornando-a inimiga do próprio pai, seria um ótimo começo, mas matar a esposa, não por causa de uma traição, e sim por outra mulher? Isso foi hilário. A morte de Antônia trouxe como bônus a morte da mãe, assim deixando Fabbri com um enorme vão em sua força monárquica.

Isso só o torna ainda mais fraco.

— Entendo que precisamos compensar o atraso no desenvolvimento fiscal da Cosa Nostra, com o período que ficamos estagnados após a morte de Adriano e à espera da ascensão de Daem... — Otto engole sua palavra. Apenas Mattia me chama deste nome, e a minha permissão para isso vem apenas para que ele acredite que, de fato, sou *ele* — de Alessandro, mas estamos fazendo... *coisas demais*. Isso acaba chamando atenção. Os associados podem ficar receosos com tanto movimento.

— Temos o mundo nas mãos. Somos donos do tráfico de influência. O fato de chamarmos atenção não me deixa preocupado, pelo contrário. Me deixa mais confortável para agir nos conformes. — Um pouco de diplomacia não faz mal, exceto quando preciso usá-la demais, deixando-me em um estado de catarse de impaciência. Demonstro ações e resultados, então me pergunto: com base em que eles acreditam que o excesso de movimento possa atrair resultados negativos? — Se chamarmos atenção pelos feitos bem-sucedidos, então atrairemos respeito.

— É só com isso que se importa? Meses atrás, você era outro homem, Alessandro. Queria restabelecer a Cosa Nostra, como todos os outros sétimos filhos fizeram antes de você. Estava obcecado por vingar a sua irmã e, agora, sequer se recorda de que ela existe. Quer uma ascensão desta Monarquia a troco do quê? Nossa futura queda? — A voz anasalada de Valério estabelece bons pontos a serem tratados.

— Alessandra é a nossa inimiga, como esposa de Dario. Terá um destino pior do que o de minha esposa. A minha obsessão, agora, é acabar com Dario e transformar a Cosa Nostra em algo muito maior do que já é. Temos o governo nas nossas mãos, a polícia, a Sicília e, em breve, o papado, assim como o governador. O que vocês querem? Que façamos distribuições de flores pelas ruas de Palermo? Ajudemos velhinhas a atravessarem as ruas? Porque, se for isso, acho que terei que trocar os membros desse Conselho pelos soldados que derramam o sangue na porra do chão que agora nos ergue. Não estamos em sintonia. — Na presença da minha fúria, bocas se calam. — Somos a maior

potência na produção de cocaína deste país. Quando Fabbri morrer, tomaremos a frente das armas, e será o mesmo com Dario.

— A Ordem caiu, mas ainda precisamos saber o que é *a Legião*, à qual os traidores se referiram. — Otto nos lembra.

— A ‘Ndrangheta. Vão sumir quando a máfia calabresa estiver dentro de um buraco abaixo da terra — respondo, esbaforido, pois Alessandra deixou claro que eles são a Legião. *Ela* é a Legião.

— Isso ainda é muito vago, Alessandro. Foram inúmeros traidores que entraram nessa casa. Um *Sottocapo* morreu por causa deles, então a resposta de que é apenas a ‘Ndrangheta é vaga demais para o tanto de coisas que deixamos passar. — Luizio quebra o seu silêncio, que o manteve invisível desde o início da reunião.

— Está sugerindo que sou descuidado?

— De forma alguma, mas, sim, que a ideia de que a tal *Legião*, à qual os traidores se referiram, não me parece ser parte exatamente de um núcleo da máfia calabresa. Seus comportamentos diferem dos soldados e dos *Caporegimes*. — Luizio já é um homem de idade, o braço direito de Geovani.

Com a morte do imbecil, soube se portar, preservando a própria vida aqui, já que, uma vez dentro da Cosa Nostra, apenas morto se sai.

— Um núcleo à parte. Eles não são importantes. São apenas folhas na árvore de Dario. Cauterizando a raiz, acabaremos com todos eles. — Sem perceber, estou tentando apaziguá-los, quando deveria ser o oposto.

Faço-o para o meu próprio bem. Caso contrário, a paciência que me prende a essa cadeira se dissiparia como fumaça.

— O escândalo com o papa. Ele era um Constantini, a influência desse assunto aflige os associados. A notícia estampou o jornal por semanas, e ainda o faz. — Otto toma a água do seu copo de uma vez só.

— Ele será substituído, como qualquer outro membro da Monarquia. O próximo Governador da Itália estará conosco. — Mattia está calado, observando-me mais do que qualquer um e eu não gosto de ser estudado da forma com que ele faz. — Ao meu lado, andam apenas aqueles que podem me acompanhar.

— Precisamos segurar os *Caporegimes*, ao menos um pouco. — Otto retorna à sua declaração de paz.

Reviro os olhos.

Nunca deixamos de ser soldados de guerra.

— Somos bestas, Otto. E bestas não foram feitas para serem contidas.

— Mas celas foram feitas para prendê-las — murmura Mattia, encarando-me.

Faço o mesmo, observando seus olhos castanhos.

— Não o estou entendendo.

— O meu avô tem razão. Precisamos focar em uma coisa por vez. Vamos focar no seu casamento com Jezebel e ficaremos de olho em Fabbri e Dario. Depois que tudo for resolvido, iremos tocar o que foi iniciado até agora.

Então ele desconfia, demonstra e, logo após, *disfarça*.

— Antes disso, quero a cabeça de Fabbri. — Rodeios e tensões servem apenas para nos separar de nossos objetivos. — Não farei meu casamento ser um banquete para aquele filho da puta. Não há problema algum em transformar a cerimônia em um banho de sangue, mas não é do interesse de ninguém aqui perder associados.

— Podemos pedir a ajuda do Lucius com o tráfico de informações. Fabbri desapareceu e não sabemos onde ele possa estar. Seria de grande ajuda — sugere meu *Consigliere*.

Lucius, o *Capo* da máfia casalesa, de alguma forma, sabia separar completamente a personificação do Daemon da minha. A

esta altura dos meus planos, preciso de muita coisa, menos que ele descubra que não sou quem deveria ser.

— Não. — A minha resposta é rápida.

— Por quê? — insiste.

— Motivos pessoais. — Um sorriso falso, quase sarcástico, nasce na minha boca e morre na mesma velocidade. Levanto-me, atraindo a atenção de todos. As minhas mãos deslizam sobre a mesa lisa e estufo o peito, prestes a sugerir o impensado. — Como sabem, o cargo de *Sottocapo* está vazio, então quem descobrir onde está a cabeça de Fabbri, para que eu possa retirá-la do corpo, se sentará na cadeira que pertencia a Vittorio. Que a procura comece! Avisem aos *Caporegimes*.

OceanofPDF.com



A teoria da dor



Aos 13 anos

A dor é psicológica.

Essa foi a frase que mais ouvi da psicóloga que esteve comigo durante toda a minha vida até hoje . embora, Adriano dissesse que eu nunca tive problema algum e que ele apenas queria que eu crescesse saudável.

Eu sabia que a iniciação é difícil, mas não tinha ideia de que eles pretendiam destruir a minha cabeça.

Soube disso hoje e entendi o porquê dos encontros com a psicóloga duas vezes por semana: para me transformar em algo ruim, a minha mente precisava estar *saudável.*

A dor é psicológica e eu acreditava nisso, até senti-la.

A pior delas é a fome, porque a sensação é de que o estômago está se alimentando dele mesmo ou de que tudo em meu corpo lateja, atrapalhando qualquer pensamento que faça sentido.

Estou estirado em uma grama molhada, à medida que algumas gotas de água caem sobre mim, depois de pularem das folhas das árvores que me cercam.

Sei que é uma floresta.

Sei reconhecer uma, mas não faço ideia se fica na Sicília ou se até mesmo na Itália.

Apenas sei que estou com fome, muita, resultado de alguns dias sem comer. Estou fraco, com os lábios rachados pelo ressecamento da pele, devido à falta de água, e não sei o que é ferimento pelas etapas anteriores da iniciação e o que faz parte da surra que tomei, por desobedecer o *Sottocapo* do meu pai.

Estou com sede.

Virado de barriga para baixo, lambo os pedaços de capim molhado no chão, na tentativa de beber qualquer mísera gota d'água que possa acabar com a queimação na minha boca e na garganta, mas é inútil. Ainda queima.

"— Os Constantinis são leões. E os leões caçam, Alessandro. Não seja caçado pela morte. Será um problema para a Omertà se o sétimo filho se deixar levar."

Não consigo ter saudade de casa.

Não posso ir embora, não posso sumir.

A única coisa que me espera é a morte ou a mansão principal dos Constantinis, quando eu couber no molde que Adriano determina ser perfeito.

A minha morte fará Alessa ser acusada de não ter lhe dado um filho forte o suficiente, para aguentar a iniciação, e tenho certeza de que o meu pai a culpará pelo nascimento de um sétimo filho que não atingiu o patamar que a Cosa Nostra determina: *o posto de Capo*.

Não posso desistir.

A minha falha vai trazer o pior para Alessa.

Não é justo que, depois de se doar para a Monarquia durante toda a vida, ela sofra mais do que já o fez.

A minha única preocupação deve ser com a Cosa Nostra, pois este será o meu foco para sempre, enquanto eu me sentar na

cadeira que, agora, pertence a ele.

Foi isso que o meu pai me ensinou, mas, neste momento, essa é a minha menor preocupação.

Se eu não for capaz de mudar este pensamento, sei que será a minha ruína, pois o que evitou que o meu pai caísse em um abismo foi o fato de que a *Omertà* é tudo o que importa para ele.

Não o seu filho ou a sua esposa.

Apenas esta organização.

É exatamente para isso que Alessa e eu estamos aqui: fazer com que ela continue existindo, assim como vem fazendo, já que Adriano estima que nem o tempo será capaz de destruí-la.

Eu me ergo com um resto de força, tentando vencer meus braços magros, que tremem ao menor movimento.

Nasci um homem morto.

Um escravo do poder bélico e político.

Eu sou a política de Adriano, e ele está apenas me lapidando para que eu possa ser a carta usada no jogo que fortalece nossa casa.

Se eu não comer na próxima hora, perderei a consciência, e a dor, que deveria existir apenas na minha mente, será muito real e definitiva

Forço a vista para enxergar com nitidez, quando um ponto branco na grama verde cria forma .

Um coelho.

Meus braços ainda tremem, mas, com a pouca força que lhes resta, agarro o animal pelo pescoço e enfio os dentes em sua pele, enquanto sinto a tristeza me consumir, exatamente como faço com a sua carne, para salvar a minha, à medida que o ressecamento nos meus lábios cede e a queimação finalmente começa a desaparecer

Esta foi a primeira das inúmeras vidas que o meu pai me obrigará a ceifar.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 5

Jogos psicológicos

JEZEBEL SALERNO

Eu estou acordada, entretanto meus olhos continuam fechados.

Ultimamente, tem sido assim. Minha mente tem estado atenta, mas meus olhos se recusam a se abrir, um cansaço que faz as pálpebras pesarem e cola suas extremidades, como se este chalé roubasse toda a minha energia, embora não ache que seja o chalé.

É toda esta situação. Tudo o que aconteceu e vem acontecendo.

Eu sou oficialmente a noiva de um *Capo*, *a noiva de Daemon*, mesmo sem dizer que sim ou que queria. Estou presa a ele de formas que ainda não entendo, mesmo depois de tantas coisas. Soldados da Cosa Nostra preenchem cada canto do lado de fora da porta, espalhados pelo quintal, à espera de que alguém tente romper a segurança, que agora é absoluta, da mansão.

Ele disse que me daria espaço.

Estamos em casas diferentes.

Vivendo vidas diferentes, mas pareço ser uma ramificação de sua vida; aquele pequeno pedaço de seu meio que deve ser

protegido.

Eu o amo, mas e Daemon? O que sente por mim? Longe de ser mútuo, já que ele fez questão de deixar-me aqui, presa dentro de um dos chalés que pertenciam à sua mãe. *A minha liberdade lá fora é arriscada*, segundo ele, mas e aqui? Não é? E Alessandro? Disse-me que, se não aceitasse compartilhar de sua presença, eu não compartilharia a de ninguém, então cá estou, dando à Cosa Nostra minha liberdade, como se eu tivesse escolhas quando, na verdade, seu *Don* retirou qualquer arbítrio que me foi dado. Sou dele e, pela lei dos homens, ele também será meu.

Ao finalmente abrir os olhos, Marta está parada diante de minha janela, afastando as cortinas do vidro para que a luz matinal os atravesse.

— Que horas... são? — Ela amarra o tecido nas duas extremidades da parede, para que não impeçam o quarto de ser arejado.

— Cinco minutos para uma hora da tarde. Seu almoço já está pronto. — Eu estou me sentindo uma criança com uma babá vinte e quatro horas. Nunca precisei que alguém fizesse absolutamente tudo por mim e Daemon fez com que Marta lidasse com os afazeres da mansão principal no período da manhã, para que se dedicasse cem por cento a mim no restante do dia.

Eu não tenho mais autoridade para fazer nada.

Tomar banho.

Fazer meu próprio almoço.

Escolher livros para ler ao entardecer ou... sair para andar no jardim, já que a cada passo que dou, os soldados das *decinas* estão sempre com os olhos em mim, observando ao norte antes mesmo de eu decidir ser aquela a minha direção.

É tudo muito confortável, o lugar é espaçoso, a cozinha é antiga e as panelas estão manchadas, embora façam comidas incríveis. Os moveis são rústicos, o aconchego é agradável e familiar, como no Convento de Palermo, os livros são muito mais do que eu conseguiria ler em meses, a cama é macia e *espaçosa*

demais, a água do chuveiro é quente, mas eu ainda me sinto... *insegura*. Eu ainda tenho a sensação de que alguém pode passar por essas portas a qualquer momento e me levar para um prostíbulo como aquele. E eu vi nos olhos de Dario, naquela boate, que se ele me queria antes, agora me deseja com mais ímpeto, apenas porque Daemon dispõe de algum tipo de obsessão por mim.

Talvez isso se deva à forma com a qual foi criado, porque nunca teve que lidar com sentimentos antes e agora, no pico da confusão que trago para sua vida, ele se vê obrigado a me deter próximo de si de alguma maneira. E o que eu posso fazer contra isso? Apenas me deixar levar pela corrente da maré, que me deixa de mãos atadas e à mercê dos movimentos desordenados que me prendem aqui e em nada me deixam opinar.

Mas se ele, de fato, sente algo, ainda que seja possessão ou raiva por ter atrapalhado seus planos, por que motivo me abandonou nesse chalé, presa, e nunca mais veio me ver? Talvez desista do casamento por entender que nada tenho a oferecer, senão apenas um pouco de fé, de medo e... *fraqueza*? É tudo isso o que represento, um ponto fraco dentro de seus muros e que, em algum momento, aqueles homens lá fora não serão capazes de defender, porque, ainda que ele tenha me prometido o contrário, talvez Daemon seja o meu real perigo, e embora longe dele eu encontre a morte, ao seu lado, apenas a solidão e o sofrimento me restam.

Ele me prometeu, e está cumprindo, uma vida sozinha dentro deste chalé, com todos os dias sendo como os anteriores e os próximos: *monotonia*.

— Vou tomar um banho! — Eu me arrasto até o pé da cama quando me ergo para ir ao banheiro, vendo-me obrigada a sair desse sentimento e pensamentos que me consomem.

— Mattia virá em uma hora. Esteja arrumada até lá... — Marta não é alguém de muitas palavras, talvez a pedido do próprio Daemon. Ela não dá informações, não que eu pergunte, mas é sempre tão... *séria*. Só costuma sair deste chalé quando eu

finalmente durmo, nunca a vejo ir embora e, ultimamente, nem mesmo a tenho visto entrar. Talvez isso ajude com a coisa de eu me sentir sempre solitária.

Mattia raramente vem, e não me comunica de muitas coisas, sempre me privando dos acontecimentos. Não sei se o mundo acabou lá fora, e tampouco se Daemon ainda levará adiante a história do casamento, já que sua esposa, com quem ele chegou a se casar, está agora ocupando uma sepultura em algum cemitério na Sicília.

Sei que o acontecimento não deve ter acarretado bons resultados para todos os laços que ele queria construir, mas, de alguma maneira, ele viu uma solução dentro deste casamento, mesmo que eu não veja rastro dela.

Eu devia me sentir segura, mas é como se estivesse dormindo abraçada com o perigo, à espreita, assim como no passado.

Após terminar o banho, faço minha refeição no silêncio não tão absoluto, já que, por ser de tarde, é possível ouvir as árvores ao redor do chalé chacoalhando-se e os passarinhos cantando em seus galhos rígidos e secos. O jardineiro está lá fora, varrendo o chão, mas não importa quantas vezes ele junta as folhas, o vento sempre está de volta para forrar o chão com elas novamente.

Meu jardim.

As flores não crescem.

O solo está amaldiçoado; este lugar está.

Não importa o quanto eu regue, o quanto eu pode, elas continuam lá, da mesma forma, do mesmo jeito, *no mesmo formato.*

A rotina é a mesma; lavar os pratos, lavar as mãos, escovar os dentes e escolher um livro dentro os milhares, mas, ultimamente, tenho sempre aberto as primeiras páginas e logo me pergunto: *o que vou fazer depois daqui?* Então assim é a vida? Parada e sem sentido?

Meus dedos derrapam pelas palavras e títulos que pareceram muito interessantes quando Daemon me trouxe a lista para escolher os do meu agrado, mas agora, olhando cada exemplar, com certeza me trará mais diversão fazer uma fogueira com eles ou, talvez, fazer qualquer coisa que eu não tenha feito nos últimos dias.

Estou dispersa de novo e não preciso me autoflagelar para sair do transe, a porta se abrindo faz isso por mim.

Mattia está bem-vestido com seu terno azul e, pela quantidade de vezes que o usa para vir aqui, chego a duas conclusões: este é o seu preferido ou ele tem poucas unidades. Ele logo abre um sorriso, e tento retribuir no mesmo nível, mas os antigos pensamentos fazem questão de manter meus lábios em linhas finas, transmitindo apenas a seriedade de não estar tão feliz, mesmo tendo tudo o que nunca tive.

— Você está péssima. — Essa é a primeira frase dele, quando nota o meu coque malfeito e o blusão masculino de que muito gosto, que obviamente não pertence a mim.

— Então você assume que, em algum momento, eu já estive bem? — Meus braços se cruzam.

— Sem pôr palavras em minha boca, *Bel*. — Bate a porta às suas costas. — Você não era tão atrevida.

— Sei me defender, mas talvez não se lembre, porque se esqueceu de que eu existo neste chalé — digo, tombando a cabeça para o lado, e Mattia simplesmente faz um bico pequeno, como se desdenhasse de uma criança em sua frente. *Ele sempre faz isso;* acabar com minha credibilidade.

— Marta. — Ele acena com a cabeça e ela some pelos corredores do chalé. — Não fique chateada, nem triste, são tempos meio... *conturbados*. Estou botando muitas coisas em ordem com Daemon e ele também não está em um bom momento. — O Conselheiro do *Capo* filtra muito bem suas palavras, e isso é notável, já que, em cada frase, há uma pequena pausa dramática

para escolher exatamente o que falar. Nem muito, nem pouco, *apenas o necessário.*

— E... por que ele não vem... *aqui?* — Mesmo que eu tente fazer o mesmo que Mattia, filtrando o tom de voz para não demonstrar um interesse tão grande, é inevitável que ele não leia a minha alma ou os meus olhos. Mattia Santino é tudo, menos bobo.

— Reuniões com o Conselho, com associados, resolvendo quem ascenderá ao papado, ao Governo da Sicília, e... — Eu o corto tão fino e rápido que ele se surpreende.

— Estamos dentro da mesma mansão. Ele não levaria dois minutos se descesse de seu carro e passasse aqui. Sequer o vejo na janela quando estou cuidando do jardim. — Cansado mentalmente e tentando me poupar de outras informações, Mattia passa a mão no rosto, como se limpasse o suor da pele, mas apenas tenta ganhar tempo para inventar uma mentira qualquer pelo motivo de Daemon sumir da minha vida. — Eu sou uma... prisioneira?

O homem à minha frente tira a última mão do bolso para estendê-la até o diafragma e conter a risada cômica que o explora.

— De onde tirou isso? Você está no chalé de Alessa. Daemon nunca deixou que ninguém pisasse aqui, então acho que isso deve responder à sua pergunta.

— Eu estou sozinha neste lugar — rebato, mas ele parece não entender o meu lado.

— Marta está aqui.

— Ela sequer fala comigo direito. Parece a minha... *mãe*... — As lembranças são frescas, graças à minha boa memória, e mesmo que não fossem, os traumas que aquela mulher me fez passar jamais serão esquecidos. — Eu quero companhia, Mattia, uma que seja real e não alguém que faça tudo por mim.

Ele sabe que estou certa, sabe sim, embora jamais vá contrariar seu líder, pois foi feito e criado para obedecê-lo.

Porém, se gosta tanto de mim quanto relatou, precisa me ajudar de alguma forma.

— Jezebel... — Seu suspiro declara sua luta entre consciência e querer. Uma moeda e, em cada lado dela, uma vontade. — Daemon te pôs aqui por um motivo. Você vai se casar com ele.

— E vou permanecer dentro dessa casa, como estou agora. — Meu nível de estresse salta justamente porque, na idealização dos dois, é como se isso fosse o certo. — Eu sei, Mattia. Ele já especificou, *vamos nos casar e eu continuarei aqui* — eu explico, mesmo que provavelmente, por ser seu Conselheiro, ele já deva saber.

— Daemon quer que você esteja segura.

— E eu quero espaço... *liberdade*.

— E você vai ter!

— Quando?

— Quando se tornar esposa dele.

— Eu não vou me tornar esposa de ninguém. Estou esquecida aqui dentro, você não percebeu? Não posso fazer meu próprio almoço, sequer posso me aproximar desta droga de fogão.

Ele solta uma risada cômica.

— É sempre um prazer ver você xingar. Sequer tem tamanho para isso. — Sempre me olhando de cima para baixo, diminuindo-me de alguma forma e contribuindo para o pensamento que já está enraizado em mim: *sou fraca*. — Quer ter liberdade para fazer o que quiser aqui dentro? Daemon só queria que você estivesse segura e saudável.

— Ele controla até a hora que eu durmo.

— Como eu disse, *ele quer que você seja saudável* — insiste.

— Será mesmo que quer? Ficarei saudável, mas terminarei louca, presa aqui dentro. — A insistência em algo que, para mim,

não tem a menor consistência, me tira do sério. Que exigência é essa de que eu esteja saudável? Sinto-me como um suíno sendo preparado para o abate.

— Céus, como pude me esquecer de que você é tão... irritante. — Ele se vira e olha para a porta. — Ok, você quer autonomia... você, por acaso, sabe cozinhar? Sabe fazer alguma coisa?

— Eu vim de um centro religioso, o que você acha?

— Essa é nova, não achei que o papel das freiras fosse cozinhar — zomba de mim.

— Estou sendo sincera, pedindo algo mínimo, que é minha liberdade, e você ignora. Não estou pedindo para que me deixe ir embora e... — Agora, é Mattia quem me interrompe.

— Nem se pedisse, você iria embora. — Ele agarra meus ombros. — Jezebel, me escuta. — Cautela, é isso que vejo em seu semblante. — Existe um protocolo muito rígido de casamentos na *Omertà*. A noiva precisa ser virgem, bom... *precisava*. — Minhas maçãs do rosto esquentam. — Você precisa ter uma boa saúde, estar livre de doenças, tanto as congênitas quanto hereditárias. Não poder ter qualquer vício ou qualquer má conduta.

Do que ele está falando?

— Eu... não tenho nenhuma... doença... — murmuro, incomodada. — Para que isso... para que isso tudo? Por que precisam de tudo isso... ele apenas precisa de uma... esposa, não é? — A amostra de que este casamento não será tão simples quanto acreditei que fosse faz com que meu estômago se revire. Antes, achei que Daemon fosse maior do que tudo isso, agora, pela destreza e calma de Mattia em explicar, creio que, na verdade, este casamento é ainda maior do que meu futuro marido. — Mattia, o que está me escondendo? Por que... não me fala? — O ar pesa mais do que nós dois.

Ele aperta meus ombros com a ponta dos dedos.

— O Conselho não te aprova como esposa. — Eu pisco diversas vezes. *Então por que fui escolhida para o papel?* — É

normal que o *Capo* tenha todo o histórico de vida de sua futura noiva, e o seu... não agrada eles. Seu pai foi preso por agressão à mulher e sua mãe era garota de programa em um prostíbulo que pertencia a Dario. Então o que nos resta é seguir os trâmites nos mínimos detalhes para não... piorar o que já não anda bem.

Eu sou um problema. Continuo sendo um fardo.

— Eu... eu não quero ser uma vergonha — falo para mim mesma, mas a grande questão é que já estou exercendo este papel.

— Escuta... — Mattia morde a boca, cansado. — Escuta, por mim, você estaria longe, no fim do mundo, em algum buraco no qual ninguém te encontraria, mas...

— Mas? — minha pergunta vem na esperança de que sua resposta seja minimamente boa.

— Mas se casar com você é uma decisão dele. E Daemon é egoísta o suficiente para não querer perder mais ninguém por escolhas erradas... — Sua resposta não esclarece muitas coisas. Ainda estou no nevoeiro. — E eu sou leal ao meu *Capo*. Se esta é a vontade dele, então também...

Ele silencia repentinamente.

— Então o quê?

— *Também será a minha.*

— Então é por isso que... ele me mantém aqui? Para evitar... *falatórios* entre membros do Conselho?

— Você vai precisar aprender muita coisa, mesmo que ele precise te manter longe. Vai precisar aprender sobre etiqueta... — encara minha roupa — sobre vestimentas, costumes... — Mattia ri. — Acho que você não entende o lugar que vai ocupar, mas você será a esposa do sétimo filho, Jezebel. Existem mulheres que dariam tudo apenas para ocupar o posto de amante na cama de Daemon. — A ideia me enoja, porque não consigo visualizar a ideia de que outra mulher possa estar ao lado dele. — Você será respeitada, será o futuro da Cosa Nostra. Daemon será a cabeça

desta Monarquia, mas você... será o nosso coração, a responsável por gerar o sétimo filho dele, assim como manda a tradição.

Meu corpo endurece feito pedra e, se um vento sequer passar por mim, decerto me quebrará ao meio. Filho? Futuro de uma Monarquia? O casamento, até onde eu soube, foi sugerido para que minha morte fosse evitada e minha segurança, resguardada, mas jogar no meu colo a responsabilidade de gerar um filho, assim como Alessa gerou Daemon?

As lembranças do Monastério de Pavia devastam a minha mente....

"— E, acredite, eles usam muitos métodos para isso. O primeiro passo é destruir a primeira fonte de sentimento universal. A mãe é estuprada, durante dias, diante dos olhos da criança..."

Eu seria violada para dar um *Capo* a uma organização criminosa? Então é para isso que estou aqui, como uma planta sendo regada para dar os frutos quando estes estiverem maduros?

— Você... você está dizendo que eu terei de ser estuprada... para... para gerar um... *líder* para a Cosa Nostra... eu... — minha voz oscila — eu serei obrigada a lhe dar filhos... eu... — Meus pés retrocedem alguns centímetros, em desespero e preocupação. Ele não faria isso. Daemon pode ser um homem de muitas coisas, mas jamais será um homem de mentiras e violações físicas contra minha vontade, pois, de todos os seus erros, não cumprir uma promessa não está na lista.

Mattia me alcança e meu olhar divaga pelos espaços da casa, tentando encontrar qualquer resposta que não seja a de sua boca.

— Merda. Olha, é uma tradição que vai ser mudada! A Cosa Nostra espera que filhos saiam desse casamento, já que, comparando aos seus líderes passados, ele já se permitiu passar tempo demais solteiro, e Daemon não quer filhos. Ainda é confuso, para mim, entender o que ele tem em mente, mas saiba que ele jamais vai deixar que qualquer outro homem chegue perto você. — Há verdade em seus olhos, mas como acreditar com

todas as minhas forças que isso é uma verdade sólida, se o *Capo* da *Omertà* já se mostrou fiel à sua Monarquia? Será ele tão fiel à sua vontade de me manter segura quanto é à Cosa Nostra?

— Então por que ele não manifesta sua vontade para o Conselho?

— Você ainda pergunta, Jezebel? Óbvio que isso seria um crime contra nossas regras. A primeira esposa de Adriano interrompeu diversas gestações e quando descoberta, foi executada. — Ele engole a própria saliva. — Se o *Capo* tivesse a mesma intenção de não ter filhos, isso seria ferir a constituição, afinal a única chance de haver um próximo *Don* é com uma gestação da esposa do *Don* atual. A Cosa Nostra nunca foi uma república. É uma Monarquia e o Conselho não tem a menor vontade de mudá-la, embora este seja o desejo do atual *Capo*.

— E se isso não sair conforme ele planejar?

— Não tem como dar errado. Você continuará morando aqui e ele, na mansão principal. Como esposa dele, poderá ter suas saídas, desde que sejam em comum acordo, estará segura conosco e Daemon terá o que quer: um Conselho apaziguado enquanto ele muda a constituição da Cosa Nostra aos poucos. — Ele está eufórico ao meu lado. — Você será uma mulher visada e um símbolo de respeito. Subirá ao cargo mais alto que qualquer mulher nascida neste mundo deseja.

— Eu não nasci nesse mundo — murmuro. — Tampouco este será o meu desejo.

— *Todos saem ganhando.* — Mattia simplifica de uma forma tão normal que não pareço estar prestes a ser acorrentada a uma aliança.

— Você me promete?

— O quê? — Ele está curioso agora.

— Que tudo vai dar certo?

— *Com a minha vida.*

Mattia é um bom homem, mas, desta vez, não consigo confiar em nem uma sequer de suas palavras.

Se Jesus pediu perdão a Deus por toda humanidade, dizendo que não sabíamos o que estávamos fazendo, eu peço perdão a Deus, porque o Conselheiro de meu futuro marido faz promessas que não pode cumprir.

Eu sinto isso, mas ele não sabe.

Não ainda.

OceanofPDF.com



Critérios duvidosos



As roupas que Mattia comprou na última vez sempre serviram quando quero não parecer uma *pessoa em situação de rua*.

Exames de sangue, ele disse, e eu estou certamente acatando o que ele propôs, rezando para que seja como seu *Capo*: um homem que não quebra as próprias promessas, porque, se o fizer, pagarei com a minha vida, e ainda que ela não seja tão valiosa para ele, é a única coisa que eu tenho no momento.

O sorriso pequeno que dou em frente ao espelho é uma desastrosa tentativa de parecer ser simpática ao mundo livre quando, no fundo, minha mente tenta me enganar, pregando que a ideia de fazer o exame se parece mais com um convite ou solicitação de aceite para o interior de uma cova.

Daemon estará lá.

Depois de tanto tempo sem vê-lo, não sei qual será sua reação, tampouco a minha. Talvez fique nem um pouco surpreso, já que nunca pôde tirar um segundo sequer para ter a certeza de que ainda estou viva dentro deste chalé.

Seria adorável odiá-lo; assim, pode ser que eu tenha mais argumentos para me defender, mas o que pensar quando, embora eu tenha a plena consciência de que estaria melhor longe dele, ainda é minha vontade estar aqui? Talvez a solução seja me impor como dona de minha própria vida, tendo o resquício de fé de que tudo ficará bem.

Na verdade, as coisas já estão ruins; essa é a minha perspectiva. Há alguma forma de melhorar? Há alguma forma de deixar as coisas fáceis, para que o passado não seja tão pesado e cruel? Para que pareça que o que aconteceu não está acorrentado aos nossos calcanhares, esperando uma pequena chance de pular no nosso colo?

Eu puxo todo o ar do peito antes de abrir a porta da frente. Marta sumiu por entre os quartos e eu gostaria de tê-lo comigo, ao menos agora, indo contra a minha vontade anterior.

Com toda a autoridade que tenho guardada, dou o primeiro passo para o lado de fora, mas uma barreira espaçosa me arremessa ao chão da sala e caio sentada, como se eu fosse uma pequena boneca de plástico que saiu da caixa de brinquedos.

Reconheço-o pelo cheiro, antes mesmo de encarar o seu rosto, e meu corpo retesa, mas é olhando o verde-escuro de seus olhos que sinto o pequeno frio na barriga, o qual sempre se faz presente quando estou com medo. Seu olhar é desdenhoso e me inferioriza. Encara-me de cima e não faz a menor menção de me auxiliar a me erguer outra vez, como se sua posição fosse mais cômoda do que ver-me em pé diante dele. *Estarei sempre abaixo dele, eu sei.*

— Achei que Mattia tivesse sido claro ao dizer que temos um horário. — Nem um boa-tarde, uma saudação educada ou até mesmo um cortejo saudável de sua parte, apenas o seu jeito ríspido, como se ele fosse uma personalidade central e não tivesse qualquer outra para apresentar agora. Um arrepio faz minha espinha formigar com o seu olhar e, de forma automática, quase inconsciente, encaro o anel em seu dedo, certificando-me

sobre estar *no lugar certo*, e, embora esteja, ainda não sinto alívio.

— Estávamos conversando. — Dou apenas a resposta de algo que sequer foi uma pergunta dele.

— Eu não perguntei. Entre no carro... — ele encara o chalé como se nunca o tivesse feito em todas as vezes que veio aqui, antes de este lugar ser a minha casa — *quieta*, de preferência.

Sua arrogância me surpreende. Sua promessa de nunca fazer qualquer mal a mim me pareceu ser sólida e verdadeira, mesmo não havendo especificado se física ou mentalmente, e prefiro acreditar que se referiu a ambas as partes. Não quero ter que acreditar que a moeda de troca para que eu simplesmente tenha segurança absoluta seja ouvir sua falta de educação e ignorância.

Ao atravessar o portal diante de seu corpo erguido, sinto seu olhar queimar a minha nuca. É inevitável não reparar em seu corpo, preenchendo ainda mais o paletó, que quase não cabe em seus ombros e braços. Seus cabelos estão maiores, a barba também. Está mais maduro, e *eu gosto*.

Ao entrar no carro, Mattia está falando algo ao telefone sobre pastas de informações e transações bancárias em Bitcoins. Mantenho-me quieta e tento disfarçar que estou prestando atenção em cada palavra, mas é quando Daemon entra que minha vontade de enfiar a cabeça na poltrona, para esconder o rosto já vermelho, surge.

Ele me encara, de forma mal-educada, rude e sem disfarçar, como se em meu rosto estampasse alguma espécie de equação e ele estivesse fazendo os cálculos de todas as maneiras erradas. Minha respiração me denuncia e me trai quando, na tentativa de controlá-la, acabo enchendo demais o peito e dando a qualquer um que me encare a sensação de que não estou sequer respirando direito. Ergo o queixo e Mattia nem mesmo presta atenção no meu desconforto. As roupas cobrem boa parte de meu corpo. O vestido preto que me reveste é de gola alta, a barra encosta no chão e a manga chega quase ao cotovelo.

Dois carros nos acompanham pelo caminho, que mesmo aparentando ter sido curto, com os olhos de Daemon sobre mim, parece durar duas eternidades e meia.

Mattia foi bem claro quando me disse para não chamar atenção. Notícias correm e, para uma instituição prestigiada, eu não devo faltar com respeito através do que visto.

Meus dedos estão doloridos, a velha mania de feri-los volta às vezes, não tão constante quanto foi um dia, mas ainda me consome quando meu corpo solicita, e eu apenas deixo-me levar, como muitas vezes já o fiz.

Daemon fica para trás quando saímos do carro. Mattia se junta ao meu lado, fazendo com que eu agarre a oportunidade de perguntar qual tipo de problema está no ar e não estou vendo; por qual motivação o *Capo* da Cosa Nostra me encara como se eu devesse algo a ele.

— O que há com ele? — O Conselheiro está na frente, andando pela clínica de alto padrão. Os corredores estão vazios, apenas alguns funcionários transitam entre as salas.

As paredes são claras demais para a densidade do lugar, o frio exagerado faz com que eu esfregue os braços e os pelos que neles se eriçam.

— De quem você está falando? — Olho para trás e noto que ele não nos acompanhou. O telefone tocando durante toda a viagem talvez seja o real motivo e, com tanto julgamento silencioso recebido por todo o caminho até aqui, eu me sinto estranhamente aliviada com sua ausência.

— De quem, oras?

Através dos corredores, chegamos a uma enorme sala de espera vazia, na qual Mattia, em segundos, ocupa uma das cadeiras macias, e faço o mesmo ao seu lado.

— Com quem está aprendendo a usar ironia? — Sua sobrancelha arqueia e ele ri, novamente na mania de minimizar meus reais interesses. — Aliás, seja mais direta. Você faz perguntas pela metade.

— Ele está... *estranho*... — É complicado tentar encontrar uma palavra certa, mas acho que essa é a que mais se encaixa no momento.

— Defina *estranho* — o homem ao meu lado pede.

— Está diferente da última vez que o encontrei. A forma como me olhava dentro do carro.

— E como queria que ele a olhasse? Cheio de amor e carinho? — caçoa.

— Mattia! — eu o repreendo. Suspiro controladamente, tentando ser mais específica. — Seu olhar era... grosseiro... com raiva.

— Impressão sua. — Seu foco está na tela da TV, em que há um indicativo de quando será a minha vez de ser chamada para o exame.

— Mattia?

— Estou ouvindo — responde. Sua atenção se dirige a mim e, pelo ceticismo em acreditar no que estou falando, repenso algumas vezes antes de fazer a pergunta que está prestes a sair da minha boca.

— Alessandro só sai à noite?

Algo afrouxa dentro dele, *eu posso ver.*

Seu semblante relaxa e, pela forma como sua boca abre e fecha, sei que ele está pensativo.

— Alessandro não sai mais — diz, firme.

— Como você pode afirmar isso com tanta certeza?

— Ele só saía à noite. Botamos grades na janela do quarto dele e uma porta mais... *resistente,* também botamos câmeras. Sem sinal de que Alessandro tenha voltado sequer uma vez. Ele dorme todas as noites e acorda sempre pela manhã. — Mattia suspira aliviado, o que, para mim, é sem sentido, visto que o meu receio é agora muito maior do que já foi um dia, e normalmente o meu medo sempre está diante da origem certa, *ele nunca falha*. —

Eu não o chamo mais por “aquele” nome. Fizemos algumas pesquisas com os melhores psiquiatras e uma forma de enfraquecer a outra *persona* é não dar força a ela, chamando-a pelo nome. Assim, impedimos que a a personalidade de Alessandro se... hum... *cristalize, como os psiquiatras chamam.* Outra maneira seria ajudar nos... *traumas* que o originaram, mas Daemon se nega a ir. E, bom, eu acho que ele está muito bem.

— Como... como eles parecem ser tão... *diferentes* um do outro, sendo que são a mesma pessoa? Por que ele... *esquece*?

— Vou tentar explicar de uma forma que faça sentido... — Ele olha para o corredor, certificando-se de que Daemon não vai aparecer para interromper seu raciocínio. — O nosso cérebro tem uma alta capacidade de dissociação, seja de memórias, sentimentos e várias outras coisas... — Gesticula com as mãos. — Alessa criou Daemon para ser um bom homem, um homem justo, mas Adriano fez o caminho contrário, pondo-o muitas vezes em um tom de justiça que não era *justo*, era apenas bom para a *Omertà*. Isso, somado a várias outras situações, resultaram em traumas gigantescos, que combinados com a capacidade de dissociação mental forçam sua própria cabeça a romper os laços com esses traumas, impedindo uma memória de se integrar a outra, então essa dissociação da personalidade central serve para proteger a psique sadia de Daemon, a parte que o pai menos afetou com esse trauma. — Mattia faz uma breve pausa. — Daemon não explicou sobre isso?

— Explicou, mas ainda é... difícil, para mim, entender. Parecem ser pessoas diferentes. — Apenas palavras fazem com que eu me recorde de tudo o que passou naquela floresta; tudo o que quero esquecer, tudo o que quero manter longe. — Ele não se lembra da iniciação?

— Algumas coisas sim e outras não, mas... sabemos que Alessandro, de fato, surgiu no dia que ele teve a notícia da possível morte de Alessandra. Nunca houve um indício de que ele houvesse existido antes, ao menos não tão evidente. Talvez até tenha existido de forma inconsciente, sem se “nominar” como outra pessoa.

É claro que sim.

Tudo foi por ela, desde o início, os acontecimentos em Pavia, quando ele quis tomar o trono de seu pai para vingar sua irmã. Eu fui apenas um erro no percurso, o contratempo que ele encontrou no meio do caminho e não pôde ignorar, mas... por quê? Será que Daemon está tentando fazer por mim o que não pode fazer pela própria irmã? Mas por que ir tão longe? Um casamento... é evidente que não há desejo ou vontade de me tomar como esposa. Mesmo que haja desejo carnal de sua parte, ainda é substancial, já que apenas isso não é motivação suficiente para pôr uma aliança em meu dedo, mesmo que ele quisesse incomodar a Cosa Nostra. Esse seria um caminho burro demais para alguém como ele.

— Se a dissociação não existisse, Alessandro e Daemon seriam um só e todos teriam que temê-lo vinte e quatro horas por dia — ele diz e acho que não percebe o que fala.

— Você o teme?

— Não por mim, mas por todos... inclusive por *você*. — Suas palavras são um pequeno choque em mim. — Mas não há motivos para temê-lo, já que ele não está aqui, certo? — Seu sorriso é grande.

— E se ele... *fingisse* ser Daemon?

— Se o fizesse, seria apenas à noite, o que não é o caso, já que está sendo sempre monitorado — especula, mas ao sugerir a possibilidade crítica, que seria como um desastre infame, acaricio as laterais de meu dedo, uma vez que a cena da floresta estampa um quadro em minha cabeça. — E ainda que ele pudesse sair de dia, eu saberia... Alessandro deixa rastro por onde passa e, pelo que eu me lembro, ele ameaçou você, não foi? — Ao redor, tudo se torna tão lento. — Então se ele, de fato, estivesse mentindo... *aquele chalé jamais protegeria você*. — Minhas mãos apertam o plástico do assento embaixo de mim. — Mas não precisa se preocupar com isso, afinal *é* o *Daemon*.

— Eu... eu não gosto de pensar nisso.

Acho que agora ele consegue ver meu receio, que acaba de se transformar em medo.

— Ei, eu jamais deixaria que ele fizesse algo a você, Bel. — Sorrio, mas sei o quanto Alessandro é implacável e nem mesmo uma parede de aço é capaz de barrar sua força, mas é bom saber que há alguém que preze por mim.

A pequena placa atrás da TV indica o banheiro feminino. Eu não meço esforços para chegar lá, e Mattia só não vem atrás, porque sabe a resposta de para aonde estou indo.

O lugar está vazio. Os pelos de minha nuca estão eriçados de uma forma que há muito tempo eu não sentia; o excesso de estresse não está me fazendo bem, tampouco pensar que aquele chalé será a minha casa pelo resto de minha vida.

Tantas coisas que prometi fazer... a primeira delas era ter minha liberdade quando saí do Monastério de Pavia, a segunda era nunca, jamais, ser alguém como Jean foi, não só como mãe, como também como mulher, para alcançar seu desejo por sadismo. No entanto, olhe onde estou? Presa, por vontade própria, mas também porque não há outro lugar em que eu possa estar, senão aqui.

Sob o olhar dele.

Jogo uma grande quantidade de água em meu rosto, repetidas vezes, curvada sobre a pia.

— Se escondendo, Jezebel? — O reflexo de Daemon está bem à minha frente, nítido no espelho. Ele não desvia o olhar do meu, não quer e nem parece oscilar. Seus olhos piscam, mas não consigo acompanhar.

Quando ele entrou aqui?

Fechei a porta ao entrar e sequer a ouvi ser aberta. O *Capo* percebe minha surpresa, eu não faço questão de escondê-la, nem conseguiria se quisesse. Seu semblante está duro, como antes, mas também como nunca esteve, exceto quando eu ainda o chamava por “Padre Daemon”.

— Eu... — Estou perdida em seu olhar. *O que está acontecendo com ele?* — Eu... só vim jogar água no rosto.

— Presumo que já tenha acabado — afirma sem ter minha confirmação.

Olho ao nosso redor, tentando identificar qualquer irregularidade que o tenha trazido até aqui. Este banheiro não é para homens.

— Esse é o banheiro feminino. O que está fazendo aqui? Há algum problema?

Eu me viro e me arrependo de tê-lo feito.

— O único problema dentro deste lugar é você, mas isso também não é uma preocupação, já que sei lidar muito bem com contratempos. — Sua sentença me desestabiliza, porque, se o pensamento de ser um fardo tivesse sido superado por mim antes, sei que ele acaba de ffazê-lo lorescer mais uma vez em meu consciente; então eu me pergunto em que momento passei a me tornar um fardo. Ou talvez eu seja mais um de seus jogos de sadismo, para me ver mal.

— O que aconteceu que eu perdi? Por que está agindo assim? — Minha curiosidade é cada vez maior e, em vez de segurar a língua dentro da boca, eu a uso para expor minhas dúvidas, quando não sei se ele está a fim de respondê-las.

— Você não me conhece... — Seus dedos calejados arranham meu ombro até entrarem com ignorância entre os fios de cabelo da minha nuca, machucando-me. Não é terno, muito menos carinhoso. *Ele está medindo poder.* — Mas irá me conhecer no momento que eu enfiar a aliança em seu dedo. — Ele dá uma risadinha. — Seja mais obediente com Mattia. Eu estava no jardim quando você fez a sequência de indagações a ele. — A ponta de sua língua passa nos dentes da frente. — Aquela é minha casa, você come da minha comida e dorme em uma de minhas camas. Seja grata por ainda respirar.

— Por que está me tratando dessa forma, Daemon? — Seus dedos apertam mais o meu cabelo, fazendo com que meu corpo se

arrepie com a dor que lateja em minha cabeça, devido à força de sua mão. — Você... você disse que não me faria mal algum. Foi claro quanto a isso. — Eu rosno em dor, *incomodada*. — Está me *machucando*.

— Podia ter ido embora quando pôde. Vai ter que se encaixar em nosso meio, e não ao contrário.

Que conversa é essa?

— Isso nunca foi uma escolha. Você me obrigou a participar disso tudo. — Minha pele eriçada responde ao seu toque, mas a rigidez de seu braço e a agressividade de seu olhar são peças que não se encaixam.

— Vou te contar a primeira regra dos casamentos dentro da Cosa Nostra; *não existe divórcio*. — Seus dedos me soltam vagarosamente.

— Se não me levar para o altar, não será preciso um divórcio. — Daemon ri. Eu olho pela pequena janela no canto do banheiro, pela qual alguns raios de sol são suficientes para iluminá-lo por inteiro. O anel brilha no dedo dele, mas ainda que a ideia da partida me doa, é apenas isso que desejo quando sinto essa ignorância que não provém do homem que vi nas últimas vezes. — Eu não pedi por isso. É um direito meu reivindicar minha liberdade.

— Você tem um bom senso de humor, mas... preciso que me entenda... — Quero fugir dos olhos dele, no entanto estou presa e amarrada. — Você não tem uma família para reivindicá-la, então, quando estiver contando os seus pedaços no chão do nosso quarto, vai entender que não importa em quantas partes eu te divida, todas serão minhas, e se, daqui a algum tempo, elas não servirem para compor minha esposa, eu as usarei de enfeite socialmente.

Meus olhos se enchem, não de tristeza, não de raiva, muito menos de ódio, mas por me sentir tão descartável quanto já me senti um dia, tão insignificante quanto me sentia nos anos que morei com Jean.

— Não vou tolerar que me trate... assim.

Ele dá dois passos para trás, à medida que as lágrimas irrompem de meus olhos e escorrem até o queixo.

— Seja grata. Não costumo dar teto a filhas de meretrizes e muito menos me deitar com elas. — Antes de sair, com um pequeno sorriso, ele suspira profundamente, provando do ar, que está denso por sua culpa. — Só vai sair de dentro daquele chalé quando a sociedade lhe conhecer como minha esposa.

— O acordo foi que eu continuaria vivendo no chalé e o casamento seria apenas para a minha segurança. — Por que estou recitando suas promessas como se ele mesmo tivesse se esquecido delas?

— Os planos mudaram e, embora você não saiba, casamentos são negócios.

— Eu não pretendo fazer parte dos seus negócios. — A coragem corre por minhas veias. — Não nasci para esse mundo.

— O ser humano foi feito para se moldar; com você, não será diferente. Não estou aberto a possibilidades.

Entre a falta de ar e tentativas de recuperá-lo, eu digo:

— Eu quero... me desvincular de você.

Ele se distancia mais, aproximando-se da porta.

— Tarde demais.

Qual a chance de Daemon não ser *Daemon*?

Ele parte, deixando-me atônita no banheiro e sozinha... *como sempre.*

Que véu é este que se ergueu e me impediu de ver? O que eu fiz para ele?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 7

Ócios Divinos

ALESSANDRO CONSTANTINI

Existem crenças aos montes estampadas dentro dos livros empoeirados nas áreas mais remotas das mais antigas bibliotecas, mas não importa qual sejam, nenhuma será tão imbecil quanto o catolicismo.

Pregam que rezemos a um deus para pedir saúde, dinheiro e prosperidade, mas, no fim, o desejo só acontece se nos dirigirmos a ele, enchermos as mãos de calos e realizá-los.

Somos o nosso próprio Deus.

Eu sou meu próprio Deus.

Eu dou o prazer da vida, assim como acometo aqueles que merecem a presença da morte.

Eu realizo desejos e defiro sentenças. Sou onipotente, onipresente e onisciente; nada escapa aos meus olhos, nenhuma palavra foge de meus ouvidos e mandamentos sempre deixarão minha boca, pois é assim que foi designado. Eu, um homem para governar, e aqueles que me rodeiam, para me servir.

A Cosa Nostra sempre pôs a religião sobre um altar, mas deveriam entender que estamos acima dela, não a manejando a nosso favor, mais usando-a como os ladrilhos que compõem o chão em que pisamos.

A Catedral de Ludovico é um lugar familiar, mas a forma com a qual ele transita em uma ambiguidade suspeita entre o clero do Vaticano e a minha casa, não me deixa à vontade para manter com ele a nomenclatura de *associado*, ainda mais quando descubro que visitou Czar Benitino, *o último papa*, há apenas dois dias , sem comunicar Mattia ou qualquer órgão dentro da *Omertà*.

As *decinas* se espalham pela rua, como sempre fazem. Meu Conselheiro está distante, pelas decisões burocráticas que não sou capaz de tomar e sei que será melhor assim, caso as coisas precisem sair do planejado. O lugar está fechado e, por ser tão cedo, não haverá ninguém com ele. As portas sequer destravaram para o público e eu já as estou abrindo.

Uma suave melodia toca, que não reconheço, tampouco tenho a pretensão de fazê-lo. Algumas velas já estão acesas, mas é no centro do altar religioso que Padre Ludovico se enverga enquanto fecha os olhos e dá a um deus inexistente toda a sua fé. Talvez a maior graça dos centros religiosos seja a quantidade de dinheiro que se pode lavar com eles. *Isso, sim, é lindo*.

— ... e que me proteja de todo mal. — Ludovico passa os dedos pela testa, peito ombros, e então os beija, abrindo finalmente os olhos.

— Proteger de todo o mal? Não há como se proteger de si mesmo, padre. — A concessão de meu sorriso é devido ao semblante de susto que ele me mostra, e isso só me alegra. Quem erra, tem medo, e consigo ver isso cada vez que venho aqui.

— Alessandro! — ele exclama meu nome, surpreso. — Não esperava que viesse tão cedo aqui.

— Nem eu, na verdade. — Seu peito se enche para falar sobre algo, mas desiste quando eu retomo as palavras. — Mas precisei vir quando soube que você visitou Czar e não emitiu qualquer comunicado quanto a isso.

— Sou um padre, Sr. Constantini, e Czar era o papa. Ainda que eu seja um associado da Cosa Nostra, continuo sendo um

membro da casa de Deus.

— Isso não me responde sobre o motivo pelo qual você o visitou e por que não fomos comunicados. — Eu suspiro, tão profundamente que posso ouvir o ar derrapar por minhas narinas. Assim, ele pode entender a falta de paciência que me transborda.

— O papa precisa pedir perdão pelos atos cometidos, e... bom... Mattia disse que estavam querendo saber mais sobre a Legião, eu... eu tentei descobrir alguma coisa de Czar, mas ele está completamente fechado para conversar com qualquer um... parece ter ficado *atônito* com tudo o que aconteceu. — Ludovico gesticula, visivelmente sentido com a conversa que tivera, como se eu também pudesse vê-la bem diante de meus olhos. — E acabei não relatando, porque queria já ter algo em mãos quando... informasse a *Omertà*.

— E então?

— Eu consegui um contato com Peter Novak, no Vaticano, que me daria o passe para olhar a Biblioteca Católica Restrita. Já foi alguém de Czar, mas se distanciou com suas recentes acusações. — Faz uma pausa dramática, espremendo os lábios uns contra os outros. *Agora, sim, as coisas estão começando a ficar interessantes.*

A Biblioteca Italiana do Vaticano é onde o governo italiano guarda boa parte dos documentos que confrontaram, através da ciência e com provas, as ideias inelegíveis de teses humanitárias através do catolicismo; informações sobre concílios, sobre acontecimentos que nunca foram liberados para os livros de história e muitas outras coisas. Até mesmo os documentos sobre a Cosa Nostra estão lá, o nome de cada um dos homens que morreu para que hoje nosso nome seja conhecido e respeitado. Ludovico sabe dessa relevância e, por isso, prossegue:

— Eu tive duas horas para vasculhar aquele lugar, encontrei coisas sobre o primeiro homem de sua linhagem, sobre a ‘Ndrangheta e muitos outros, mas, sobre a *Legião*, havia apenas um papel e nada mais. — Ludovico joga sobre a mesa alguns

papéis. *São fotos.* Nítidas, tiradas de alguma câmera, de papéis de cor tão amarela que não me restam dúvidas de que sejam velhos.

— Mas que porra é *isso*? — O pequeno nome que se destaca, escrito em tinta quase borrada, diz *Legio*.

Que significa: *Legião.*

— O documento diz que a Legião é uma organização que apareceu pela primeira vez poucos anos depois de Cristo, registrada na história pelo auxílio às viagens dos discípulos, para disseminar a crença em Jesus de Nazaré. Auxiliou Pedro à Roma, André à Grécia e, principalmente, Paulo a inúmeros lugares — diz ele.

— Eu não quero saber de onde eles vieram, Ludovico, quero saber onde estão. Assim, posso empalhar suas cabeças e pôr na sala de espera da minha casa. — Sorrio de forma tão desagradável que nem eu acredito. — O passado deve ficar dentro de um museu. I futuro é a única coisa que me interessa.

— Aí é que está: não há mais nada sobre eles. Eles simplesmente... *sumiram.* — Minha sobrancelha se arqueia.

— Então você está dizendo que esses fodidos de merda fizeram a cabeça de Vittorio, mataram inúmeros dos meus homens, estão junto da ‘Ndrangheta, foderam Alessandra até que ela ficasse louca da cabeça, mas... *ninguém* sabe onde eles estão? — Embora seja a resposta que tenho, eu prefiro crer que ele não procurou o suficiente. — É impossível que uma organização que existe há tanto tempo não tenha deixado rastro algum.

— Nenhum, Alessandro. — Esfrega o nariz. — Vou precisar procurar um pouco mais. Eu gostaria da ajuda da Cosa Nostra para entrar em algumas bibliotecas, talvez eu possa conseguir algo e, quem sabe, juntando as peças, nós possamos conseguir mais alguma coisa para rastreá-los.

Nada se esconde por tanto tempo e tão bem assim. A Cosa Nostra é muito bem inserida no meio político e religioso; isso faz com que mexamos em muitas peças no tabuleiro. Os feitos da

Legião mostraram que, embora ocultos, estão bem alinhados quando o assunto é andar nas sombras.

— Possuem alguma característica? Algum *modus operandi*?

— Não. Não há qualquer informação sobre como fazem, o que são ou qualquer outra coisa — responde.

— Isso ainda é muito vago. Não são qualquer um, para mexer em um vespeiro tão grande quanto o nosso. — Minha garganta arranha. — São os nossos homens que estão se virando contra nós.

— Eu entendo.

— Não abra a boca para me dizer que entende, porque não entende. São os meus homens que estão morrendo.

— Sei que sente por eles e... — Eu o corto com ignorância em demasia:

— Essa merda é um tabuleiro, meus homens são peões e eu não me sinto confortável de saber que há poucas peças sobre a mesa. Assim é a vida, Ludovico... os mais fracos morrem para bens maiores e, nesse caso, as mortes foram... *em vão*. Não houve lucro algum com elas para nós, o lucro foi apenas deles... — Vejo a saliva descer pela garganta de Ludovico como uma pasta grossa. *Está seca*. — Não sinta. *Ache o que preciso*.

— E do que mais precisa? — Corto minha língua entre os dentes quando o ouço perguntar.

— Isso, você também vai ter que descobrir.

OceanofPDF.com



Ossos cinzentos



16 anos

Lucca está ao meu lado e eu vejo mais sangue sobre ele do que a cor natural bronzeada de sua pele. Ele será o chefe de umas das *decinas* quando eu assumir o posto de *Capo*. Ele o faz, porque prometi que as leis de estupro das mulheres dos líderes do alto da pirâmide seriam extinguidas quando eu estivesse no poder. A cena de minha mãe sendo violada ainda está em minha cabeça de forma estática, em um *looping* que me faz relembrar de cada um dos detalhes, dos sons e, principalmente, do seu semblante. A loucura de apreciar a prática de infligir dor tem sido crucial dentro da Monarquia, e faz com que eu me sinta menos ruim do que sei que sou. Faz com que pareça ser uma... *diversão*, e não uma banalidade.

É natural.

Quando Adriano ordena que eu lhe dê os números específicos de baixas, tento canalizar seus rostos, instantes antes de suas mortes, para substituir a lembrança de Alessa naquele inferno de momento no qual me quebraram nos primeiros pedaços, mas não importa quantos homens eu mate, não importa quanta dor eu defira, não importa o quanto eu olhe e tente

memorizar, a imagem dela está lá, tão fresca quanto o sangue viscoso, agora em meu corpo.

Sangue inocente.

Sangue de crianças.

É tudo o que faço; matar e destruir.

Somos a máquina da *Omertà*, o que o Conselho chama de *ceifadores*. Ainda sendo moldados, mas sempre de olhos abertos e ouvidos limpos, ansiando pela última ordem do dia. Alessa chora a todo momento, eu não a vejo há anos, mas as notícias correm e os soldados comentam. Mesmo que meu corpo e vestes estejam limpos, meus poros fedem a sangue, e a notícia de que um líder das *decinas* de Adriano é implacável, não carrega meu nome, mas sim minha fama.

Ouvi a notícia de que Alessa está grávida.

Uma menina.

Eu me indago: tão pequena e frágil, qual utilidade terá para Adriano?

Sei que a esposa do *Capo* chora, porque sabe que, se eu falhar, será sua filha a ser estuprada pelas *decinas* e o *Sottocapo*, para gerar o sétimo filho de acordo com a tradição, mas também chora, pois está ciente de que, quando Adriano bater o martelo de satisfação por me deixar no molde que ele sempre quis, será a cartada final, concluindo que estou fodido da cabeça da forma que mostram os pesadelos sempre que a acordam no meio da noite; sem sentimentos e sem qualquer tipo de receio ou arrependimento sobre os meus atos.

— Você foi rápido, hoje. Inspirado ou ansioso para ir embora? — ele pergunta. — Achei que preferia asfixiar os traidores mais novos[2] a... atirar contra eles.

Os corpos da família inteira queimam: um bebê recém-nascido, um adolescente e seus pais, empilhados um sobre os outros, encharcados de gasolina. Talvez não tão encharcados agora.

Crime cometido? Deram mais informações do que deveriam à polícia da Sicília.

Associados. O maior índice de punição vem deles.

— Só fiz o que deveria ser feito. A Cosa Nostra pediu a morte deles e foi isso que eu dei — murmuro e esfrego as mãos uma contra a outra, sentindo o sangue viscoso secar.

Tive uma sensação... diferente quando encarei *o bebê*. Como se polos magnéticos me repelissem para longe dele. Aprendi que um bom assassinato é feito quando há ausência de provas, mas eu soube, no momento que o vi, que uma bala faria o trabalho melhor do que minhas mãos.

Hoje foi diferente das outras vezes, talvez por saber que, em breve, haverá um bebê da mesma idade para eu proteger, mas tendo em mente que, se Adriano ordenar, também terei um da mesma idade para matar. Sangue do meu sangue.

— Você também estava com pressa. Não costuma matar tão rápido.

Lucca é filho de um dos membros do Conselho e quem, na maioria das vezes, está ao meu lado quando nomes precisam ser apagados dos registros. Já teve sua formatura e seu anel de prata em brasas, ao contrário de mim.

Ele abaixa a cabeça e suspira profundamente.

— Minha irmã nasceu. — Sei exatamente o que ele sente, sei que ele não deveria sentir e sei que, se alguém do Conselho soubesse que ele sente, Lucca voltaria ao começo da iniciação, pois é para isso que ela serve: exortar-nos de sentimentos e pesares. Não somos regidos pelas leis dos homens, mas pelas leis da *Omertà*, que também dita que se deve cuidar da família como a configuração de um negócio longínquo, mas o garoto ao meu lado não pensa assim.

O chão do quarto está uma bagunça, repleto de itens de maternidade e muitas outras coisas. Entre os pensamentos de vontade e satisfação em fazer o que faço, às vezes me questiono o *porquê de tudo isso.*

Não o porquê de matar em nome da Monarquia, mas o motivo de um homem em seu ápice do poder patriarcal, enfiar sua família sob a custódia da Cosa Nostra. Eles não ganham nada com isso, apenas *nós*.

Eles nos devem lealdade enquanto *nós* não devemos nada a eles, nem a Deus.

— Entendo. — O nascimento de filhas mulheres não são motivos de grande alegria. Funciona como nos tempos antigos; o filho homem é o único que pode trazer glória e ascensão ao nome da família.

O filho homem traz densidade de poder e a filha mulher é encarregada de esticar a permanência da família pelas décadas.

Encaro as chamas. O cheiro da pele queimando é mais forte no início, como gordura fresca. Ele me lembra o cheiro de carne de cordeiro quando é recém-servida em churrascos e comemorações que acontecem nas reuniões, mas então, depois que a gordura queima tanto que derrete, o cheiro de carne incinerada sobe no ar, junto da fumaça escura, e nós só vamos embora quando os ossos viram cinzas.

Retiramos os dentes da arcada para apresentá-los ao Conselho e arquivar o pedido de morte do associado.

Meu pai é organizado, e eu preciso ser da mesma forma, se pretendo assumir o trono no qual ele espera que eu me sente.

— Alessandro? — ele murmura, aguardando que, ao estar mais à frente, eu olhe para trás. Eu pronuncio um "*humm*" de boca ainda fechada, olhando-o pelo canto do ombro. — Às vezes, eu acho que seu pai e o Conselho nunca permitiriam mudar a forma como as mulheres são tratadas dentro da Monarquia.

— Coisas da sua cabeça, Lucca. — Viro-me para continuar andando. — Eu serei o *Capo*.

— Mas ainda há um Conselho, e, mesmo que você se torne o *Capo*, vai levar centenas de anos para que eles tenham, por você, o mesmo respeito que têm pelo seu pai.

Consigo ouvir seus passos longos atrás de mim, pesados, *cansados*.

— Então o que você me sugere? — questiono.

— Que encontre uma forma de fazer com que o Conselho te respeite mais rápido.

— Tipo o quê? Enviando uma mulher nua para a casa de cada um dos membros do Conselho? — A risada inevitável ecoa pela sala, quando estou prestes a sair da casa; é inevitável.

Eu paro de ouvir seus passos.

— Tipo... dar um golpe na Monarquia da Cosa Nostra. Matar seu pai e assumir o poder.

A saliva engrossa, e sinto o coração bater eloquente no alto da minha cabeça, palpitando como se, de fato, estivesse dentro do meu cérebro e todo o sangue do meu corpo estivesse correndo por ele.

— Mas... que merda é essa, Lucca? — Não tem como não o encarar depois dessa ideia maluca. — A Cosa Nostra me executaria por... *traição*. Teríamos o mesmo destino que os traidores têm.

— Você só precisa provar para o Conselho que Adriano não seguiu alguma regra. Sabemos que ele viola muitas. Há infrações contra a Ordem das quais os membros do Conselho sequer sabem, Alessandro.

— *Não*. — Meus olhos se fecham com força, como se tivessem sido colados.

— Pense em Alessa.

— *Não* — repito.

— Pense em sua irmã, quando nascer.

— *Não... não... não...* — Eu não quero ouvi-lo. A idealização de Lucca não é uma solução, é apenas um sinônimo de traição e não serei um traidor.

— Pense em todas as mulheres que ainda serão violadas, quantas crianças ainda irão morrer nas iniciações e tudo o que podemos evitar, *Daemon*. — Ele usa meu primeiro nome, o qual Adriano proíbe os outros de falarem. — Pense na nova Cosa Nostra que podemos criar.

— Eu disse não, Lucca!!! — E então seus ombros descem e ele desiste, tão facilmente, tão... *desapontado*.

A ideia dele é um alarme, chegando a ser banal, e, se as paredes ouvirem, serão elas a nos engolirem. A ascensão como *Capo* deve ser feita da maneira certa, tendo a coroação de um sétimo filho para marcar a sua aptidão.

Lucca passa à minha frente, de cabeça baixa, depois de negar as ações que apenas eu posso tomar.

— Sei que é errado, mas te considero meu amigo. Pense nisso, é o nosso segredo.

A ideia de um golpe é um ultraje, e é inegável que ele está certo, porém a minha régua ética com o meu propósito me invalida de aceitar isso, e ela ainda está muito nova para ser quebrada.

Ainda.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 9

O Mártir da dúvida

JEZEBEL SALERNO

— Com a quantidade de água que você põe, vai transbordar quando começar a ferver. — Marta está logo atrás de mim, como uma leoa que vigia seu filhote. Seu corpo está relaxado, mas o pescoço está rígido e esticado, para ver com clareza tudo o que estou fazendo na cozinha, a qual ela podia chamar de *sua* até alguns dias atrás.

— Eu sei cozinhar — murmuro, ao acertar a quantidade de pó no coador.

— Eu nunca disse que você não sabia — rebate, piscando os olhos de pálpebras mais caídas do que o normal, por conta da velhice.

A enxotada que recebo da governanta me deixa estressada. Talvez não seja exatamente isso que me irrita, mas toda a situação que vem acontecendo, a forma com a qual Daemon me coagiu na ida ao médico, o quanto eu tenho me sentido tão... *sozinha*. Não que isso seja novidade para mim, mas agora parece estar cada vez mais nítido. Sinto que fico mais frágil a cada dia, impotente diante de tudo. Quando olho pela janela e vejo os homens da Cosa Nostra andarem pelo quintal, percebo o quão incapaz para sequer de defender minha própria dignidade sou.

Com toda essa segurança, o perigo parece se aquietar na menor e mais próxima sombra.

Ao sentir a mão sobre meu cotovelo, minha mão esbarra no bule sobre o fogão, derramando-o e queimando levemente a minha pele, antes mesmo que eu perceba.

A água cai no chão, espirrando gotas ferventes em minha perna.

— Deus! — minha exclamação é um susto.

— JEZEBEL! — É Marta. — Onde está com a cabeça?

— Eu achei que... que... — *Que era ele.*

A adrenalina pelo susto se aquieta. Meu corpo sofre a passagem do pico de ansiedade, dando lugar ao ardor na pele, à queimação intensa.

— Precisa prestar atenção. Olha só! — Puxa meu braço, analisando devagar cada centímetro de pele. — Você está queimada.

— Eu estava... eu só... eu só... eu só me distraí por um segundo. — Dispersa. Essa é a melhor palavra para classificar como ando ultimamente.

— E tomou um banho de água fervente. — Marta me puxa, ainda com a mão em meu braço, na tentativa de me afastar do fogão. — Vá para o banho. Deixe que água corrente passe pelas queimaduras.

— Eu não vou deixar você me tratar como se eu fosse uma criança. — Imponho-me, mesmo sabendo que o estou fazendo com a pessoa errada. — Eu sei que você obedece a ele, eu sei que você jamais negaria uma ordem dele, mas eu estou ficando... *sufocada*.

A governanta de Daemon força um pequeno riso, que logo desaparece, como o rio deságua no mar, e ela se torna séria outra vez.

— Do que está falando? Acha que o que estamos fazendo é ruim? Acha que estarmos cuidando de você é sufocante? Você realmente não conhece Daemon! — Ela decide me acusar agora, como se a ingrata fosse eu. — Estou dentro dessa casa há mais do que o dobro de tempo que você tem de vida; cuidei do avô de Daemon antes de ele falecer, cuidei de Adriano e Alessa, assim como eu cuidei de Alessandra, e agora de você. — Suas sobrancelhas se contraem no alto da testa. — Vivi por décadas aqui dentro, vi de tudo, mas esta é a primeira vez que vejo um casamento por...

Ela não termina. Por semanas, eu quis que ela não começasse uma frase sequer, mas estou desejando, nesse momento e pela primeira vez, que ela termine essa.

— *Por*...? — repito, na tentativa de que ela conclua.

— Esqueça. Não sei o que fez com Daemon, não sei o que aconteceu dentro daquele monastério em Pavia, mas nunca achei que veria um *Capo* da Cosa Nostra quebrando todas as regras por uma civil. Eu nunca achei que veria o *pequeno Daemon sentindo algo por alguém*.

Daemon sentindo algo por... alguém? Ela parece conhecê-lo tanto.

— Como fala com tanta propriedade? — Minha pergunta é um sopro.

— Daemon era tão apegado à própria mãe que, em seu parto, tive que tirá-lo à força de dentro dela... era como se ele soubesse tudo o que o aguardava aqui fora... — Seus olhos transitam no ar como se os fragmentos das lembranças fossem palpáveis para nós duas agora. — Ele era apenas uma criança, mas, desde bebê, Adriano já o tratava como um produto dentro da *Omertà*. Sempre preocupado com seu desenvolvimento, com todo passo que dava e, a cada vez que ele ficava mais velho, um pedaço de Alessa morria, só de imaginar o que eles dois passariam juntos na iniciação. — Marta está tão confortável com suas alegações que ela parece se recordar ainda mais, como se falar sobre o assunto pudesse trazer-lhe mais detalhes do que ela

atualmente se lembra. — Rocco foi um alívio momentâneo para Alessa, mas, quando ele morreu, ela teve certeza do destino de Daemon.

— Rocco? — De quem ela está falando? — Quem é Rocco?

Ela sorri com a premissa de um passado distante em que fora feliz.

— Rocco era a carta trunfo de Adriano. Era o sexto filho que ele dizia para o mundo ser o sétimo. Adriano queria acabar com a Ordem e matava os homens de Dario por baixo dos panos, usando Daemon, depois da iniciação. Ele tinha medo de pôr o rosto de Daemon em evidência e todas as famílias da Ordem tentarem algo contra ele na surdina, em sinônimo de retaliação.

— Mas... isso não faz sentido. — De fato, não fazia. — Então, Rocco foi iniciado como um sétimo filho?

— Sim. Quando isso aconteceu, Daemon ainda era uma criança. Adriano queria tempo para treiná-lo e transformá-lo no *Capo perfeito*. — Sua falácia muito me lembra Alessandro, a forma com que tenta construir o mundo à sua maneira e como ele se autodenomina a obra perfeita de Adriano. — A Itália estava ocupada e atenta a Rocco enquanto Daemon acabava de vir ao mundo. Mas, após sua formatura da iniciação, Rocco se suicidou na frente de Daemon, quando ele tinha apenas seis anos, no corredor da casa principal. Adriano continuou escondendo Daemon por anos, só souberam que o *Capo* da Cosa Nostra tinha um sucessor depois da morte de Alessa, visto que nem no enterro da mãe o antigo *Don* permitiu que seus filhos fossem. Alessandra já estava em Pavia.

— Então ninguém nunca viu Daemon?

— Na verdade, ele até ia a alguns eventos, mas se misturava entre as *decinas*, fazendo todos acreditarem que o futuro *Capo* era apenas um... *soldado*. — Seus olhos brilharam em lágrimas que secaram antes de escorrerem, sem manchar sua pele. — A Ordem nunca descobriu que o próximo *Don* era quem trazia todas as mortes bem-sucedidas para as mãos de Adriano.

Daemon era um assassino implacável. Eliminava tudo e todos, mesmo que fossem grávidas, bebês ou idosos. Para sentir o peso de sua mão, bastava apenas que fosse um traidor ou dar motivos a Adriano.

— Se Daemon respeitava tanto o pai, por que ele o matou e tomou seu lugar?

Minha pergunta torna seus olhos ainda mais brilhantes e, dessa vez, é impossível que seu rosto não fique molhado, mas antes que a lágrima cruze seu nariz, Marta a seca.

— Porque nada é capaz de quebrar o amor de um filho por uma mãe e não importa o esforço que Adriano tenha feito para quebrá-lo, a parte que Alessa criou com tanto amor ainda está lá dentro. — Ela sorri. — Daemon prometeu à sua mãe que cuidaria de Alessandra, e então, quando ele descobriu que sua irmã havia morrido por culpa de seu pai, ele resolveu... fazer o que foi ensinado a fazer: *matar traidores*. E seu pai foi um.

— Por que ele... simplesmente não abandona isso tudo? Por que ele não vive uma vida normal?

— Ele jamais seria capaz. Foram muitos anos aprendendo, da pior maneira, que ele é dependente da Cosa Nostra, assim como ela depende dele. São infinitas linhagens, uma responsabilidade muito grande, um poder político e estatal muito extenso, dentro de um equilíbrio que apenas ele, o último Constantini, é capaz de gerenciar. — Seu olhar vagueia. — Daemon nunca seria capaz de deixar tudo isso. A Cosa Nostra alimenta tudo o que o constitui e ele sabe que ninguém sai *vivo* de um cargo tão alto. — Em outras palavras: ele só deixará seu cargo morto. Eu nunca irei sugerir isso, mas, levando em conta tudo o que viveu até hoje, afastar-se de todo esse peso poderia, quem sabe, transformá-lo em um novo homem, embora eu saiba que Alessandro é o grande problema. — Eu sei que há uma parte boa nele, a forma como ele olha para você... esse casamento pode ser a chance para que Daemon entenda que nem tudo precisa ser da forma que Adriano disse que deveria ser. Ele é o *Capo* agora, é

ele quem dita as regras, mas, dentro de sua cabeça, é como se eu pai ainda estivesse ditando tudo.

— Por que está me contando isso? — questiono, ainda em dúvidas e um pouco desconcertada. A relevância que Marta tem na vida de Daemon é muito maior do que eu achei a princípio e não consigo mensurar a alegria em seu olhar com a possibilidade da quebra de um ciclo tão duro e difícil. Ainda que eu seja um pouco ingênua, consigo ver e perceber o pequeno cargo de responsabilidade que ela deposita em mim quando espera que eu seja a segunda carta de trunfo de Alessa, mesmo já morta.

— Nada acontece por acaso. Se está aqui, é por um propósito. — Mas agora, com seu tom de voz, parece-me mais uma obrigação.

— Propósito dele, você diz. Eu quero ter a minha vida como uma pessoa normal. Não impute a mim um propósito que não é meu. Se você, que está aqui há tantos anos, nunca conseguiu, por que eu, que cheguei há tão pouco tempo, deveria ter sucesso?

Então, como uma rajada ou um golpe em meu estômago, ela diz de uma só vez:

— Porque não é a mim que ele ama. — Preciso de alguns segundos para entender, assimilar e perceber o que Marta acaba de dizer, com cada letra e sílaba, mas o espírito de negação sobrepõe a aceitação. É mais forte, mesmo que isso já tenha sido suposição em minha mente, e só me resta a surpresa e a ideia dúbia de que ela possa estar certa. Se for o caso, quem poderia me confirmar? Ninguém, porque, ainda que fosse verdade, Daemon jamais seria capaz de assinar embaixo do que Marta afirma.

— Você não faz ideia do que está falando, Marta. Daemon não ama ninguém e, se isso fosse verdade, ele não teria me tratado como um lixo no hospital. Ele me prometeu que... que eu viveria *aqui* e ele viveria *na casa principal.* E assim será a minha vida. — Daemon me roubou da morte no Monastério de Pavia e

agora, como pagamento, decide meu destino como se eu pertencesse a ele.

— Você não o conhece. — Sua voz não se eleva, mas é possível sentir o descontentamento em sua entonação. — Conversa encerrada, Jezebel. Você será a próxima mulher a carregar o nome Constantini e não acho que possa fazer algo para mudar isso.

— Serei uma *péssima esposa* — desafio, como se isso fosse fazê-la desistir.

— Mas, ainda assim, será esposa dele e eu estarei aqui para cuidar de seu filho, quando ele enfiar um dentro de você. — Tudo o que Marta faz é sorrir vitoriosa quando desisto da briga violenta que ameaça nascer, para ir ao meu quarto à procura de um banho; não para me lavar, mas para deixar que a água corrente leve qualquer pensamento que me deixa enferma psicologicamente.

Sequer desfiz algumas bolsas de roupas minhas que Mattia pediu para que trouxessem da casa principal. E, já que a maioria das que haviam sido dobradas e guardadas no guarda-roupa estavam sujas, faço questão de abrir as sacolas e despejar tudo no piso; depois vou arrumar todas elas.

Tomo um banho, no qual lavo cada centímetro do meu corpo, estendendo o máximo possível meu tempo dentro do banheiro, para que, quando eu olhar para Marta novamente, toda a quentura do meu corpo, causada pelo estresse, tenha evaporado.

Visto-me e saio do quarto em direção à cozinha, pois sei que cozinhar dispersará a minha mente em um bom sentido. Uma sopa quente de tomate vai muito bem, já que o clima lá fora está frio.

Após separar as verduras, temperos e alhos sobre o balcão, procuro as panelas nos armários antigos, suspensos sobre o fogão.

O rádio. *Uma música seria perfeita agora.*

— Marta... — eu a chamo. Ela costuma usá-lo e sabe onde pode ter deixado, economizando-me do tempo de procurá-lo sem ter a menor ideia de onde possa estar. — Marta!!! — grito, à medida que ponho todos os tomates dentro da água que ferve no fogão, dessa vez com cautela, para não correr o mesmo risco de antes, a despeito da queimadura ter sido de pouca gravidade. Ativo o *timer*[i] para me lembrar de não abandonar a sopa e encontrá-la transbordando na panela. A governanta limpou toda a cozinha no momento que fui tomar banho. Posso reclamar de muitas coisas, menos de sua organização impecável. — Marta, onde está o rádio? — Ela não responde, mais uma vez, mas, no lugar de sua resposta, o rádio liga e uma música charmosa, que não conheço, toca em tom médio. A mulher não é desaforada a ponto de me deixar falando sozinha, então...

— O rádio está aqui. — A voz grave certamente não pertence a Marta, tampouco a Mattia, e eu não preciso me virar para entender a quem pertence. Minha saliva rasteja-se por minha garganta antes que eu me vire. Sinto o sangue fugir do meu rosto, deixando-o gélido. O mundo está ruindo e o que minhas mãos cozinhavam agora há pouco, cai em oblívio dentro de minha cabeça. — Por que está me olhando dessa forma? Parece que viu um... fantasma.

Daemon está com um rádio sobre a mesa na qual ele se debruça, o anel em seu indicador brilha, mas é nos livros, dados por ele mesmo que sua atenção se detém enquanto folheia ‘A república de Platão’.

— O que está fazendo aqui? — Minha voz se arma e se sustenta em um fio.

— A casa é minha, Jezebel. Então não use o rompante de posse quando nem mesmo você se pertence. — Eu me sinto tão pequena diante dele, e não é como se fosse Daemon, ainda assim *é* Daemon. O olhar repressor se parece com o de Alessandro e me confunde, como se apenas eu conseguisse enxergar. Mattia o conhece bem e me garantiu que era apenas coisa da minha cabeça, mas então por que meus sentidos me confundem?

— Eu nunca disse que não era. — A tentativa de esconder meu medo dá tão errado quanto a de fazer café mais cedo.

— A casa ou *você*? — Ele ri, zombeteiro.

— Onde está Marta?

— Eu disse que ela poderia ir, já que você é tão... *autossuficiente*. — Ele ainda fala sobre a conversa que ouviu entre mim e Mattia.

— Não vi você entrar. — O avental em meu corpo me incomoda e, se antes eu sentia frio, agora sinto o calor da adrenalina.

— Há muitas coisas que você não vê. — Daemon folheia o livro muitas vezes enquanto bate a ponta de seus dedos pesados na mesa. Fazem eco, como se fossem um ponteiro dentro de minha cabeça, acompanhando com sincronia os segundos do *timer* do fogão. Quero engolir mais saliva, entretanto minha boca está seca. — Argh... a minha justiça é bem melhor do que isso.

O silêncio grita e eu me mantenho calada, mas há tanto barulho em minha mente que sou impedida de pensar.

— O que está fazendo aqui? — Ele não me responde e, em um ato impulsivo, eu o questiono mais uma vez, porém com uma abordagem diferente, a qual não deveria ser usada, já que a ideia de que seja a *outra persona* assumindo o corpo de Daemon existe apenas dentro da minha cabeça. — O que está fazendo aqui, *Alessandro?* — Seu corpo retesa e ele levanta a cabeça para me encarar. É difícil dizer o porquê de prestar tanta atenção em mim. Daemon odiaria ser chamado como se fosse *ele*, e Alessandro, se estivesse mentindo, não gostaria de ser chamado pelo seu verdadeiro nome.

Ele sorri e meu corpo se arrepia, de uma maneira ruim. Não é sarcasmo estampado em seu rosto, mas, sim, *ruindade*.

— É isso que acha? É nisso que acredita? Que sou Alessandro? — Ele está afastado, do outro lado da cozinha, quase na sala, e eu estou próximo à pia, um pouco longe do fogão, coisa que só percebo quando o *timer* apita.

— Não acho nada — rebato, correndo até o fogão para desligar a chama. O manjericão que recolhi esta manhã está sobre o balcão, abaixo do espelho redondo do outro lado da cozinha, junto de outras plantas enroladas em um elástico, pois eu sei que poderia perdê-las no meio do jardim. Seu olhar me segue e, com apenas esse ato peculiar, ele expõe em minha pele todos os meus medos. De costas para ele, eu encaro, através da janela, os homens da *Omertà* do lado de fora. Será que me protegeriam se fosse Alessandro, agora, em minha cozinha? Será que viriam, caso eu gritasse? Ou será que eles me matariam em nome de seu *Don*?

Paro de frente para o espelho, vejo Daemon se locomover pela cozinha e o meu desespero só aumenta quando ouço o som nítido de uma das facas sendo deslocada do faqueiro. Olhando pelo vidro, não consigo enxergar sua mão, apenas que ele se aproxima de mim com passos espaçados que parecem afundar-se no chão. Ao me virar para olhar o ramo de temperos em minha mão, sinto a ponta de ferro arranhar minha costela e, ao olhar para o espelho, vejo o quão próximo estamos.

— Se eu fosse Alessandro, degolaria você como uma galinha, botaria você de cabeça pra baixo, me encarando enquanto morre, faria um pequeno corte para que tivesse uma morte lenta, jogaria perfume dentro da sua boca e a costuraria para que você fosse um cadáver cheiroso e perfumasse a terra que cobrisse seu corpo... — Ele aperta algo denso e gelado contra minha costela, obrigando-me a prender a respiração em resposta, pois respirar dilatará ainda mais meus pulmões e caixa torácica, então a ponta da faca me levaria a ter um ferimento. Eu o ouço rir. — Mas, como não sou, não há motivos para temer. Vim apenas para avisar que o casamento acontecerá em dezesseis dias. — Lágrimas caem dos meus olhos e não consigo entender ao certo o motivo, mas de tantas certezas que eu poderia ter nos últimos tempos, a primeira de todas elas é que o homem que se distancia de mim agora e encaixa a faca no faqueiro, não pode se tratar de Daemon.

— Os exames ainda não ficaram prontos. — Minha contestação é falha e fraca.

— São apenas burocracias. — Meus olhos marejados mal piscam. — Está com medo?

Eu o encaro pelo vidro e o sorriso de cinismo não está mais lá. Ele fecha e organiza o livro sobre a mesa, encarando-me.

— N-não... — murmuro, tão mentirosa que nem mesmo eu acredito.

— Mas talvez *devesse*. Gosto quando você fica com medo.

Há um soldado à porta, esperando que o *Capo* saia para lhe dar a devida atenção e ele o faz sem olhar para trás, transformando-me em algo insignificante, porque não importa o quanto ele me maltrate, eu ainda estarei aqui no fim do dia.

— E então? — questiona ao soldado, que abre um sorriso vitorioso e o responde de volta:

— *Achamos ele, Padrinho.*

Se este homem for Daemon, eu preciso fugir, e se eu tiver certeza de que ele é Alessandro, preciso encontrar provas para contar a Mattia.

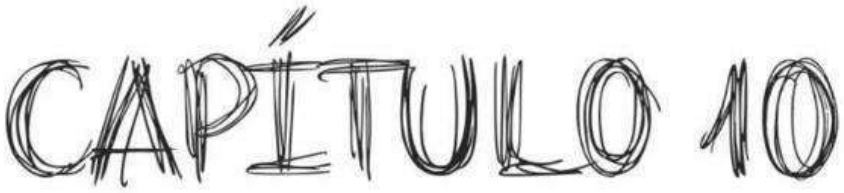
OceanofPDF.com



SEGUNDA TROMBETA

…”e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. — Apocalipse 8:8

OceanofPDF.com



A Inércia da escuridão



15 anos

Minha respiração nunca se regula. Meus pulmões parecem viver uma escassez eterna de oxigênio. Fico preso em minha própria cabeça quando sou jogado entre o passado e o presente de forma incessante, como se eu precisasse buscar dentro de mim por algo que nem mesmo sei o que é.

Desta vez, estou de pé. O corpo está dormente e inflamado.

Essa sensação eu conheço bem. Depois de tomar tanta porrada, você se acostuma com a dor, é psicológico e funciona com todo mundo. Uns desmaiam e outros se anestesiam; é assim que me sinto agora: *anestesiado e inflamado,* como se alguém tivesse me enchido, feito um balão. A derme está lesionada em diversas regiões diferentes, mas ao menos não desmaiei, o *Sottocapo* de meu pai disse que seria meu presente de aniversário, afinal... estou fazendo quinze anos hoje.

Estou dentro do escritório de Adriano e, do lado de fora, consigo ouvir as vozes estridentes que tentam sobrepor umas às outras, disputando autoridade quando quem quer que seja obviamente se esqueceu de que está falando com um *Capo*.

— Eu quero ver Daemon agora! — Alessa impõe, com uma raiva que nunca ouvi em sua voz. É a primeira vez que estou ouvindo-a em anos.

— Daemon morreu. Meu filho se chama Alessandro Constantini. O nome de batismo importa muito mais do que o civil. — A instabilidade materna provoca nela o medo da perda. Por ordem natural biológica, um filho perde a mãe primeiro e, quando isso é invertido, o desequilíbrio psicológico é só um fator resultante. Não importa quantos homens Adriano tenha matado para se tornar um homem duro, a coragem de uma mãe em risco de perda se sobrepõe à coragem de qualquer homem.

— Eu quero vê-lo *agora!* Sei que ele está aqui, que voltou da iniciação — ela volta a exigir, com um rompante muito mais decidido.

Eu quero sentir algo ao ouvi-la, mas nada acontece. Meu coração não se acelera e tampouco sinto saudade. Sei que Alessa deveria ser tudo para mim e, no fundo, ela é tudo o que eu tenho, mas estou tão quebrado para o mundo que tudo o que consigo fazer é esperar uma ordem de meu pai.

Ela sempre soube a quem eu pertenceria quando aceitou casar-se com o *Capo* da Cosa Nostra. Nunca fui dela, apesar de sua natureza dizer o contrário. Meu pai sempre intervinha quando notava grandes provas de carinho por parte dela, com a alegação de que um ambiente muito amoroso poderia comprometer a iniciação.

E aqui estou eu, em pé, mas de quatro como um cachorro, salivando pelos cantos da boca, à espera de um dever para cumprir.

O som de um tapa forte ecoa, mesmo com a porta fechada que separa os cômodos.

— Voltou apenas para provar o que aprendeu fora. Quando eliminar, em nome da Cosa Nostra, quem precisa, ele vai voltar para se aperfeiçoar e então estará pronto para a formatura da iniciação — Adriano diz. Ele não me deixa reconhecê-lo como

pai. Diz que meu nascimento foi a continuação de um pilar de certezas e de uma Sociedade, que é a *Omertà*. A melhor forma de confirmar que ela continuaria crescendo monetária e politicamente é propagar seus conhecimentos e habilidades a alguém que ele tenha total liberdade de dobrar quantas vezes fossem necessárias; *um filho*. Além de acreditar que o sangue entre linhagens carrega muitos genes que alguém de fora jamais seria capaz de desenvolver.

Memória genética.

— Eu só quero vê-lo... — O tom de voz desce e vai de exigência à súplica. — Ele também é meu filho, Adriano.

— Ele nunca foi seu, sequer meu. Ele pertence à Cosa Nostra, assim como eu pertenço a ela; *assim como você, Alessa*. — A zombaria é uma característica infindável do *Capo*, ainda mais quando se trata de coisas tão óbvias, que formulam nossas leis. Não é como se ela não soubesse, mas evidentemente deixa seu sentimento falar mais alto.

O silêncio se manifesta, mas é interrompido quando a porta se abre tão depressa que estala contra a parede. Alessa atravessa o batente e se agarra ao meu corpo, apertando-me tanto que agora consigo sentir todos os ferimentos se tornando latentes. Não me sinto em agonia, pois estou acostumado a senti-los a todo momento.

Tão pequena que consigo ver o topo de seus cabelos, mas me recordo de quando precisava olhar para cima para ver seus olhos verdes, que ficavam sobre o alto de minha cabeça. No entanto, os papéis se invertem. Um dia, chorei em seu colo, manchando seu vestido, mas agora é ela quem chora no meu, a diferença no cenário é que estou modificado o suficiente para não pedir que ela não chore, já que nada consigo sentir.

— Meu Deus... — É o que diz quando me encara, a voz trêmula, os dedos suados sobre a minha pele, seu corpo quente e a preocupação estampada em seu olhar. Esta é a mulher que me pôs no mundo. Seu toque aquece meu corpo por dentro, mas eu não consigo retribuir, como se uma grande faixa vermelha

estivesse entre nós dois. Quando ela tenta tocar meu rosto, meu reflexo ligeiro faz com que meus dedos se fechem em seu punho e eu a atire contra a parede. Suas costas se chocam no quadro de uma águia, que despenca junto dela até o chão. — Daemon... — Eu não sei o que responder. Nem quero.

Não sinto nada.

Não sou capaz de sequer sentir remorso *por não sentir.*

Meu pai entra no recinto, agraciado com a cena que acaba de presenciar, pois, se havia qualquer tipo de dúvida quanto a sentimentos do passado, ela foi sanada agora.

— Eu lhe disse que Daemon morreu — atesta ele. Alessa está debruçada em lágrimas, olhos esbugalhados, e vejo sua garganta se contrair em uma aparente dor que não consigo mensurar, pois ela sente tristeza, eu sei, mas não me compadeço; já não sei mais o que é isso.

— O que você fez com ele? O que você fez com o meu menino? — ela grita, avançando contra ele, feroz como uma leoa, mas antes que chegue lá, enrolo seus cabelos em minhas mãos.

Ela não deve ir contra o *Capo*.

Ela deve respeitá-lo.

Ela não deve desacatá-lo.

Adriano está servido em honra.

É a minha mãe. Eu deveria protegê-la, mas a Cosa Nostra é quem merece meu cuidado e, se ela é pelo *Capo* e o *Capo* é por ela, eu devo proteger Adriano.

— Alessandro é perfeito, não? — O *Don* suspira. *Quase apaixonado.* — Se eu pedir que ele a mate agora, ele o fará.

Alessa segura em minha mão, ainda enroscada em seus fios loiros.

— Sou eu, Daemon, *A SUA MÃE!* — Desesperada, não pela sua vida, que agora corre risco, mas porque seu próprio filho sequer a reconhece como genitora. — Eu... eu deveria ter fugido

quando tive você... me perdoa, meu amor... — Ela tenta se desculpar, mas por quê, se desde que ela nascera de sua mãe já estava com o destino cruel tão traçado quanto cordas de cera em um poço? Ela quer passar os dedos em meu rosto, como fazia no passado, mas não há motivo, se não há finalidades que somem a *Omertà*, tanto quanto sua presença aqui.

Dois soldados da primeira *decina* entram no escritório da casa principal. Alessa me tem como destino de seu olhar, e seus olhos só não piscam, porque as lágrimas os mantém úmidos.

— Tranquem-na no quarto do segundo andar — ordena Adriano. Os homens seguram seus braços e seus cabelos deslizam por entre os meus dedos. — E você, esposa... me espere de pernas abertas à noite. *Você me deve uma filha.* — Ela se vai e só corta sua atenção dos meus hematomas quando some pelo corredor.

O *Don* da Cosa Nostra se aproxima, ergue meu queixo para o alto e admira o que ele vem lapidando há anos, esperando o pico de perfeição que nenhum de nossos antepassados foi capaz de alcançar.

Sei que isso é uma lembrança, mas não consigo entender em que momento a obediência por Adriano se tornou ódio a ponto de surgir a vontade de matá-lo. Não foi no dia que soube que Alessandra morreu. Foi antes.

Bem antes.

A idealização de sua morte sempre foi um broto, escondido na grama, e quando menos percebi, floresceu, sobressaindo-se a qualquer verde.

É na inércia do escuro que a luz é engolida pela escuridão.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 11

A noite dos homens

ALESSANDRO CONSTANTINI

O carro é pequeno para a quantidade de pensamentos que tenho. O caminho não é tão curto, mas também já percorri distâncias mais longas.

— Ele está em Caltanissetta. — Benito acende um cigarro enquanto a janela está aberta. Sinto o cheiro de nicotina, mas o vento externo carrega a maior parte dele.

— No meio da Sicília? — Minha sobrancelha se arqueia e ele balança a cabeça de forma positiva.

— Rastreamos alguns associados da Camorra e um deles, recentemente, soltou a informação incompleta de um centro de arquivos e contratos dentro da Sicília. Ele falou sobre Bigini, então começamos a olhar o maior movimento de associados pelas redondezas, averiguamos, ficamos alguns dias de olho e os homens de Fabbri apareceram, fortemente armados, porém em pequeno número, para não chamar atenção. — Ele traga o cigarro. — Perdemos dezessete homens.

A regra é bem clara dentro da Cosa Nostra... *o benefício precisa ser maior do que a perda.*

— E então?

— Matamos todos. Deixamos Fabbri e os filhos vivos à sua espera. — Dar doces a crianças tem o mesmo efeito de dar o poder de ceifar seus inimigos a um homem.

— As *decinas* podem ser substituídas! — exclamo encarando as árvores à medida que nos aproximamos. — E por que estão aqui na Sicília, em nosso território? Tão longe de casa...

— Talvez fosse óbvio demais para que desconfiássemos.

— E por que não percebemos antes? — Deixo o carro, assistindo ao filho de Nero bater com força a porta do automóvel. Poeira intensa novamente sobe pelo ar, aquietando-se no chão uma vez que tudo está parado.

— Essa, Padrinho, é uma pergunta à qual eu infelizmente não sei responder. — Embora sem resposta, é uma boa questão para refletir. Como Fabbri estava com seus negócios debaixo dos nossos narizes e nunca percebemos?

— Claro — murmuro.

Essa é a hora perfeita para acabar com Fabbri. Ele ainda detém seu *Sottocapo* e seu *Consigliere*, mas a Monarquia está fraca já que sua filha, que acabou de se casar, agora se encontra falecida. Olhando com outros olhos, se ele saísse vivo daqui, poderia procurar uma nova esposa e, assim, expandir seu sangue, mas, à beira da morte, o máximo que ele conseguirá é pedir aos céus que seus entes o venham receber quando o espírito se separar da carne.

É um prédio abandonado, nos fundos de algumas fazendas, rodeado de árvores, sem qualquer sinal com internet, mas está tudo aqui, cada maldito arquivo de transações da Camorra, perfis de associados e muitas outras coisas. O que quero encontrar é pouco provável de estar dentro dos enormes e milhares de armários ou entre as folhas impressas e suas pastas. Frederico Fabbri teria que ser muito burro para deixar qualquer coisa sobre *a Legião* ou a ‘Ndrangheta aqui.

O som animalesco vindo de fora, como uma espécie de engasgo, chama minha atenção.

— Porcos. Há um chiqueiro lá atrás. São enormes — Benito responde, como se ouvisse meus pensamentos.

Meu telefone toca no bolso, vibrando desde que eu cheguei aqui.

— Quem sabe que estamos aqui? — questiono.

— Alguns *Caporegimes* que estavam na mansão. É inevitável que o Conselho não saiba, Alessandro. Não contei a Mattia, mas sei que ele deve estar a caminho agora, depois de se informar com o Conselho.

Meu *Consigliere* estava ocupado com assuntos mais burocráticos, tomando decisões que me obrigariam a arrancar cabeças, se eu precisasse pensar muito. Mattia Santino é um homem inteligente e sabe quando jogar água sobre a brasa.

Nos fundos do prédio, onde a terra é escura e molhada, o cheiro de mato é tão forte que chega a ser ácido. Fabbri encara o chão, ajoelhado e amarrado em companhia dos dois filhos. Paolo, seu Subchefe, quase rosna como um cachorro quando vê minha imagem, o homem que arruinou sua família na prática, pois ele não está pronto para entender que, na teoria, a culpa pertence ao seu pai, quando decidiu me trair.

— Frederico Fabbri, meu grandíssimo amigo. — O *Capo* da Camorra ergue os olhos perdidos, tentando recobrar o mínimo de juízo e sabedoria sobre como evitar sua morte. Eu não o julgo, faria o mesmo se estivesse em seu lugar. O par de olhos roxos e profundos percorrem o chão inteiro, até chegarem às pontas de meus sapatos, já empoeirados.

Ele ri, ou ao menos tenta. O peito se move com pouca respiração, mas ele desiste no meio do caminho.

— Nós? Amigos? — Balança a cabeça de forma negativa. Ele sabe que seu senso de cinismo não se encaixa em nosso momento de conversa. — Você é um desgraçado. Conseguiu

acabar com tudo: o governo do seu pai, a minha família e a Ordem.

— Estou apenas retribuindo sua traição. Sobre a Ordem, ela só servia para que não nos matássemos nas ruas da Itália à luz do dia, porque, quando a noite caía, você sabe muito bem o que acontecia.

— Você matou minha filha, porra. O que esperava que eu fizesse, hein? Acha que sou o único a enfraquecer? O que acha que os associados da Cosa Nostra estão pensando agora, depois que o *Capo* assassinou a própria esposa por causa de outra mulher? — Ele cospe rente aos meus pés, e eu sequer consigo sentir pena. Apenas quero arrancar sua língua, para que não escarre mais.

— Vocês nos traíram muito antes e você sabe disso — contesto, sem muitas especulações.

— E você está traindo sua própria Monarquia, Alessandro. — Paolo está de olho em mim e sequer pisca, mas ainda é seu pai que me dá o azar de sua voz. — Vai casar-se com uma mulher sem família, tradição ou qualquer honra. Vai fazer de uma meretriz sua esposa.

— Para mim, não faz muita diferença, mas, se quer saber, sua filha seria tratada como uma vagabunda e a cada visita sua, eu a faria implorar para voltar para debaixo das asas do pai, então respondendo à sua pergunta: *Deus sempre sabe o que faz;* e se ela está sendo comida pela terra agora, é muito mais honroso do que dormir ao meu lado. — Minha gargalhada é impossível de conter. — Ao contrário de Antônia, Jezebel sabe bem o que a aguarda depois da troca de alianças.

— *Desgraçado*... — Por mais baixo que seja, consigo ouvir seu sussurro.

Em um reflexo apressado, que cintila no mais denso escuro, consigo ver Paolo erguer-se do chão, no momento exato que seus joelhos se despregam da areia e ele corre em minha direção, como um lobo faminto. Ele está próximo a mim e, com as mãos

amarradas para trás, ele conseguiria no máximo usar a cabeça de forma literal, mas minha perna flexionada não precisa se esticar para ser rápida e tudo o que Paolo encontra é a sola de meu pé, chocando-se com tanta força contra seu peito que o meu joelho dói, quando ele é lançado cerca de meia dúzia de metros para trás de seu pai.

— Se você, Fabbri, tivesse um *Sottocapo* mais forte, minha *decina* não teria esmagado todos os seus homens, assim como, se tivesse um *Consigliere* inteligente, ele jamais deixaria você possuir uma base aqui, no meio da Sicília, *da minha casa*. — Isso é um fato e, diante dele, não há argumentos.

— E se você fosse tão bom quanto acha, teria descoberto essa base desde que se sentou na cadeira de *Cap*...- — Minha mão se fecha, com todos os dedos rígidos feitos pedra. O som de alguns dentes se partindo dentro da boca fechada é alto quando defiro um soco, forte e certeiro, em sua mandíbula. Frederico se desorienta e demora alguns segundos para entender que seu canino, antes longo, já não existe mais, perdido em algum lugar na terra molhada que o ampara.

— Acho que você está falando demais. — Agarro Fabbri pelas cordas que prendem suas mãos e o arrasto para onde o som dos porcos fica cada vez mais alto. Paolo está desacordado, mas desperta quando alguns soldados o arrastam para fazer companhia ao pai. — Benito, o meu presente. — O homem se aproxima com um facão de pelo menos quarenta centímetros de extensão, dourado e que cintila de tão afiado.

— O que vai fazer com isso? — Mario arregala os olhos. É incrível o quanto se assemelha ao pai em questão de aparência. Os olhos puxados, com cílios pretos e cheios, embora curtos, e o rosto vermelho, que não me deixa adivinhar a origem da coloração. Talvez raiva, ira, vergonha ou... *medo*. Isso não importa agora.

— Se eu ainda não tivesse assuntos pendentes com seu pai, não estaríamos todos aqui, nessa confraternização. Existem coisas que eu preciso saber e não acho que Dario vai me fornecer

de bom grado. — Minha respiração só mostra o quanto consigo imaginar o caminho que ainda preciso percorrer para obter as informações das quais preciso. — Então, já que estamos aqui, podemos adiantar esse processo.

— Acha mesmo que vamos te dizer alguma coisa? — Paolo fala de maneira dificultosa. Seu pulmão ainda sente o peso do meu pé; disso, eu tenho certeza.

— Não só acho, como tenho certeza — murmuro.

— Sinto lhe informar que perdeu seu tempo vindo aqui. — Frederico ainda não entendeu a posição na qual está, mas, para sua sorte, eu estou disposto a fazê-lo se lembrar a cada segundo que ele se esquecer.

— Ponham as mãos dele para frente. — Meu pedido é atendido por dois soldados em minha retaguarda. Seguro o facão em punho e, sem qualquer vestígio de hesitação, desfiro o primeiro golpe contra os dois punhos de Fabbri. Ele se sacode como o porco cheio de fome, não tão longe daqui, mas os homens que o estão imobilizando são muito mais jovens e fortes. O primeiro golpe deixa exposta a fratura dos ossos rádio e ulna, o segundo os parte pela metade e, colocando ainda mais força nos meu cotovelos, eu separo as mãos dos punhos. Seus olhos se arregalam e seus filhos entram em um desespero com o qual eu facilmente os compararia a civis. Não é à toa que sempre achei que a Camorra tinha uma iniciação de merda. — Me pergunto se seus filhos foram quebrados o suficiente, mas, pela reação deles, eu realmente acredito que não.

— Filho de uma p...- — Antes que o *Capo* termine suas lamentações, devolvo um golpe em cheio em seu nariz. O par de mãos caídas, cada uma para um lado, ainda está quente quando o pego. Segurando as mãos de Fabbri, eu encaro os porcos e, como se seguisse um sexto sentido, eu as jogo através do cercado de madeira. Para minha surpresa, quatro porcos quase se matam para disputar aquele mísero pedaço de carne.

Paolo Fabbri me encara assustado, não pelo que acabei de fazer, mas pelo que acabamos de perceber; *os porcos estão*

famintos e o som que eles fazem sem parar não é qualquer um, é simplesmente uma reclamação pelo longo tempo de estômago vazio.

O punho de Frederico parece uma torneira que foi esquecida aberta. Ele está mais calmo, sua pressão sanguínea provavelmente está caindo a cada segundo que passa e eu me pergunto o quão feliz ficariam os porcos por comê-lo por inteiro.

— O que é a *Legião?* De onde vieram? O que querem? Por que Vittorio e Alessandra estão com eles? — Frederico apenas ri e eu, que não sou o tipo de homem que gosta de ser feito de idiota, mostro o peso do meu punho pela terceira vez. Ele ainda ri, porém, sem os quatro dentes da frente.

— Então você quer saber quem são eles? — Eu me detenho sobre minhas palavras, não esperava que sua frase se pronunciasse sobre a informação que acabei de solicitar a ele. — E o que eles são? Você só vai saber o que eles quiserem que você saiba.

Essa merda de palavras-cruzadas está me dando nos nervos e ele está fazendo com que toda a paciência que reuni para extrair algo de útil dele, evapore feito álcool sob alta temperatura. Fabbri tem as informações, mas não vai falar, assim como sei que nada vai me impedir de tentar consegui-las.

O telefone toca; é Mattia de novo. Eu atendo, porque, se este telefone tocar mais uma vez, eu o enfiarei no rabo de um dos três.

— *Onde você está?* — Meu *Consigliere* não está feliz e, ao menos agora, falamos a mesma língua.

— Conversando com o *Capo* da Camorra. — O velho respira pela boca. Seu nariz está inchado e acho que nem uma pequena quantidade de ar consegue passar por suas naridas de alguma forma.

— Assim como você estava conversando com a detetive Saliu? Eu quero a localização exata. Sei que é em Caltanissetta, mas quero a geolocalização do lugar. — O rompante de liderança

não me deixa conformado e não gosto de me sentir assim. Há tantos sentimentos errados que me fazem querer sair do personagem que eu pergunto o que, de fato, eu perderia se saísse.

— Acho que você está começando a confundir o seu lugar, Mattia.

— O meu lugar é impedir que você faça besteiras. E, sinceramente, eu não sei o que vem dando em você, Daemon. Está distante, agindo de forma irracional. O combinado de que Fabbri receberia sua sentença foi bem claro, mas, antes, ele deve passar pelo Conselho. Pela sua voz, não acho que essa seja a sua intenção. — Ouço o som de vento do outro lado da linha. Sei que ele está a caminho.

— Sei o que faço. Se suas soluções fossem tão boas como prega, o *Capo* seria você, mas esse cargo me pertence, portanto sou eu que decido o que precisa ser feito — murmuro, olhando para os soldados que aguardam uma ordem. — Fabbri perdeu as duas mãos e seu *Sottocapo* provavelmente teve algumas costelas quebradas pelos meus pés.

— Não faça isso. O Conselho já sabe que vocês encontraram Fabbri. Já estão infelizes com suas atitudes. Matá-lo será um problema, só vai alimentar a fogueira e nós precisamos apagá-la, não a aumentar. — *Boa tentativa, Mattia*.

— Então veremos o quão bom *Consigliere* você é para resolver esse problema. — Não me comportarei com fraqueza, pois, neste momento, há uma parte de mim que não consegue seguir o *modus operandi* de Daemon. Eu só consigo pensar em quantos pedaços é possível fatiar Frederico e no que posso fazer seus filhos presenciarem, antes de soltá-los por aí, para que espalhem as atrocidades que gosto de praticar enquanto sorrio. Desligo, pensando em quanto Mattia deve estar remoendo minhas palavras. — Então... voltando de onde estávamos. Estou aguardando minha resposta e a cada vez que você não me der, eu vou tomar uma parte de você para servir de comida aos porcos.

— Eu não sei. — Agora há pouco estava cheio de enigmas, mas então, com o cheiro da mentira, ele nega em hipocrisia.

O facão em minha mão só decepa sua perna, na altura do joelho, na quarta pancada sobre o tendão patelar. Fabbri não grita, seu rosto se retorce em caretas, mas apenas as lágrimas se manifestam, sem qualquer esboço de dor.

— Quem são eles? — pergunto mais uma vez.

— Eles sempre sabem... de tudo, Alessandro. S... s... se... seu... seu pai tentou transformar a Cosa Nostra em algo acima deles e... — Frederico era um homem de pele quase vermelha, mas a palidez prepondera cada centímetro dela agora — e pagou o preço. Eles estão usando os seus contra você.

— Abra a porra da boca, que inferno! — grito, sem qualquer sucesso.

— Ele não sabe! Eles nunca vieram atrás de nós... — Mario encara o irmão, avalia o estado do pai, e sabe que perdeu. — Tudo o que sabemos sobre eles é por causa de Dario. Nunca procuramos saber, porque nunca representaram perigo.

— O que Dario falava? — questiono, esperançoso, sem dar nas entrelinhas.

— Noites antes do seu casamento com Antônia, Dario disse que você estava chamando muita atenção e que a *Legião* cuidaria para que isso não acontecesse. — Mario está afobado. — Dario tirou vantagem disso, se aproveitando da sua agitação por vingança, depois de saber sobre sua irmã. Ele estava atiçando você, Daemon. Assim, te manteria ocupado com a *Legião*.

— Que droga de explicação maluca é essa? O que eles são? — Meus dedos se fecham no pescoço de Fabbri, ele sequer afirma ou nega as alegações do próprio filho. Tudo é tão confuso que só separando os acontecimentos por tabela para entender do que Mario fala.

— Eles são a balança, Daemon. — Minha paciência se esgota e, sem mais tempo para qualquer assunto desnecessário ou sem sentido, eu arremesso Fabbri dentro do cercado, no qual os porcos famintos fazem a festa com sua carne.

— Joguem Paolo também. — E ele grita, pedindo por misericórdia, mas ser um homem misericordioso nunca esteve em meu sangue. Meus olhos acompanham pai e filho serem devorados juntos, tomando dentadas, sendo pisoteados, servindo de alimento para criaturas tão nobres. Mario está estático, encarando o chão, temoroso por talvez ser sua vez nos próximos segundos, mas pensando bem... que graça teria acabar com uma família inteira?

Eu me aproximo, erguendo-o por inteiro para ficar da minha altura. Ele não é burro como o irmão, sabe que não resta coisa alguma, sequer temer pela própria vida o ajudará, pois ela me pertence agora.

— Benito, segure seus braços. — E ele o faz. A respiração de Mario acelera por não saber o que virá a seguir; se será degolado ou se terá o mesmo fim do resto de sua família. O último filho vivo de Fabbri me encara enquanto ainda é possível ouvir os porcos mastigarem a carne de seus entes; ele me encara sabendo que sou o motivo do fim de sua família e que, de alguma forma, mesmo que não agora, eu também serei o responsável por seu fim. — Serei a última coisa que você verá. Você vai carregar pelo mundo o meu nome na boca, dizer a todos o que fiz com aqueles que me traíram. Vai ficar vivo para que, quando eu acabar com cada homem que me traiu e anda sobre a terra, ainda exista alguém que possa me dar alguma diversão. — Puxo seus dois olhos, um por um, com os dedos indicador e polegar em pinça, obrigando-os a deixarem as órbitas, os nervos emaranhando-se em meus dedos enquanto o sangue escorre deles como se fosse lágrimas. Ele cai no chão, sem reclamações, mas também sabe que isso é pior do que a morte: vagar sem lar, não sabendo para onde ir; se no próximo metro haverá um abraço amigo ou uma arma carregada. — Largue-o na estrada mais distante possível.

Trabalho feito e informações parcialmente obtidas, mas ainda não consigo responder à pergunta crucial que me trouxe aqui. *Quem é a Legião?* Uma Monarquia? Uma república? Tudo ainda vagueia tão solto que é difícil juntar e formar coerência.

— Daemon! — Estou de costas, livrando-me do sangue seco que se prende aos meus dedos. Sei que é a voz de Mattia, mas, ao me virar, não são os olhos escuros dele que encontro vindo em minha direção, mas, sim, os de outra pessoa que não me desce, ou talvez eu não desça para ele.

Dante.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 12

Delírios saudáveis

ALESSANDRO CONSTANTINI

Olhos estreitos e atentos como uma águia que procura comida no mar. Este é Dante. Antes mesmo de me encarar, sei que ele já analisou cada pequeno pedaço do que aconteceu minutos atrás, mas sua atenção em mim mostra que ele se preocupa com o que está acontecendo agora, visto que ele possui sua própria percepção sobre o passado.

Apenas o som de poeira subindo e insetos no mato. Os suínos, de estômago cheio após comerem o *Capo* da Camorra, deitam-se sobre a lama pútrida em uma mistura de água, terra e sangue. Nem mesmo os olhos sobraram para contar história.

O único que carrega o sangue dos Fabbri está a caminho de se perder, não só no caminho das estradas sicilianas, como também na própria vida.

— Pelo visto, chegamos tarde. — O falso pesar de Dante é proposital. Ele não encara os porcos, e nem precisa, para saber de quem está falando.

— Sinto muito. Culpe os porcos. Foram eles quem devoraram Fabbri e o *Sottocapo* em apenas oito minutos. — Mattia vem logo atrás, com um olhar tão centrado em mim que tenho certeza de que está me analisando. Isso me incomoda cada

vez mais, porque ele o tem feito muitas vezes e não sou burro para deixar de entender que quem muito procura quer achar algo, então me questiono se Mattia está procurando por mim dentro da casca que ocupo.

As chances são vastas e sinto o tempo que tenho ser bem pequeno, suficiente apenas para poucos feitos dentro de uma fantasia inútil que sempre desaparece ao dormir e acordar.

Dante se aproxima, balançando meu ombro com a ponta dos dedos, e eu não sei responder, já que nem mesmo Mattia tem o costume de se aproximar tanto. Tudo que consigo fazer é encará-lo, vazio e seco como um vaso de barro.

— Você nunca foi o tipo de homem que se diverte sozinho. Quando se tornou tão egoísta? — ele questiona, alisando a cabeça de um dos porcos ao se envergar sobre o cercado.

— E quando você virou um péssimo hóspede, sem avisar que me faria uma visita? — Minhas palavras o cortam, tirando a sensação de amizade que apenas Daemon lhe fornecia.

Ele fica ereto e sua expressão muda. Há mais seriedade e questionamentos nela agora.

— Não achei que minha visita fosse um problema. Há motivações para isso? — questiona o não só Conselheiro, mas também padre.

— É um problema a partir do momento que você confunde nosso relacionamento interpessoal com a posição que ocupo dentro da minha Monarquia, Dante. Deveria ter avisado a Mattia que vinha.

— Nós somos bons em quebrar regras, certo? — Sua língua encosta-se em um dos dentes superiores e suga o ar, fazendo um barulho baixo, que não chega a ser um assobio. — Lucius, como você sabe, obviamente, ficou sabendo que tinha *gente demais* aqui na cidade... — Dante Barbieri ronda o lugar, encarando os galhos secos no chão e os corpos de alguns homens que morreram para que chegássemos até a cena que se estende ao redor. — Lucius esteve muito *satisfeito* com você, desde que sua adorável

esposa faleceu, mas agora... — observa os porcos — com a Campânia livre de Frederico Fabbri, você se tornou uma pessoa querida para os casaleses. Nesse momento, nossas *decinas* estão dizimando o restante dos soldados da Camorra, então acho que vocês nos devem um obrigado.

— O obrigado deve partir de vocês, já que quem arrancou a cabeça da cobra fui eu. É muito fácil lidar com o rabo dela, quando o que sobrou são apenas espasmos musculares após a morte. — Dante abre um sorriso grande e meticuloso. Enquanto isso, Matia continua com seu rosto rígido.

— Fico satisfeito vendo que você esteve resolvendo questões importantes. O nome da Cosa Nostra sempre foi muito forte no meio das contravenções Italianas. Se eu não te conhecesse tão bem, eu ficaria com medo de cruzar o seu caminho também — diz ele.

— Sem forçar a empatia. Sei que a morte de Fabbri irá beneficiar Lucius — falo, cortando a leveza que o assunto toma.

— Todos sabemos. Aliás, foi por causa da morte de Antônia que Lucius me permitiu ajudar vocês. — Seu olhar se estreita. — Não se engane, sou seu amigo, mas ainda sou fiel ao meu *Capo*.

— Eu nunca duvidei disso.

— Isso é ótimo. — O conselheiro casalês ri. — Bom, mas não me parece que Mattia está tão feliz. Não há felicidade em ser o último a saber dos planos que deveriam ser pensados em conjunto. — Suspira enquanto dá de ombros, dirigindo-se para o lugar onde arquivos aguardam para serem destrinchados. — Mas vou deixar vocês a sós. Sei que existem coisas mais interessantes aqui do que um *Consigliere* chateado e alguns porcos de estômago cheio.

Ele então desaparece. Alguns homens dispersam-se, juntando armas e outras coisas para que possamos nos preparar para a viagem de volta, afinal são quase duas horas de Palermo até aqui, mas Mattia, como antes, segue de pé, na mesma posição. Seu punho está fechado e ele me encara com meticulosidade,

como se minha cara estivesse cheia de pontos que ele pudesse ligar mentalmente.

— Empalharam você no caminho até aqui? — eu o questiono.

— Você acabou de complicar a nossa vida, porra! — Ele, agora, presta atenção nos porcos deitados, redondos e cheios. — Cada homem do Conselho está ocupando sua cadeira nesse momento, à espera de que a gente chegue lá com Frederico Fabbri dentro do carro, formulando perguntas para o interrogatório e muitas outras coisas. E o que eu vou dizer para eles quando souberem que o *Capo* da Camorra, que deveria estar sendo interrogado, está em pedaços dentro de porcos famintos, porque Alessandro Constantini queria se vingar?

— Está dizendo que sou desequilibrado?

— Estou dizendo que está fazendo apenas o que é melhor para você — ele rebate em um tom ainda mais alto. Meus passos são largos, poucos são necessários para me levar próximo a ele. Dou um sorriso pequeno, que some quando penso em tantas coisas que me impossibilitam de apertar seu pescoço e romper tendões, veias e tudo o que evita a separação da sua cabeça com os ombros.

— Fabbri nos traiu. E por que, caralhos, estou dando alguma satisfação a você?

— Porque eu sou o seu conselheiro. Sou o seu braço direito, Daemon. — *Esse nome*. Como o odeio. O som de seus fonemas arranha meus ouvidos e eu tenho vontade de arrancar a língua do homem à minha frente toda vez que ele o usa.

— Vamos fazer um acordo, Mattia? — Ele não acena, muito menos concorda, mas está disposto a ouvir, como sempre, mesmo que a ideia seja péssima para ele. — Eu prometo que, a partir de hoje, ninguém daquele Conselho vai me contrariar.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Não é assim que *deveria funcionar?* A palavra de meu pai era uma lei e, assim que me sentei naquela cadeira imunda,

funcionava da mesma forma, mas depois do meu primeiro casamento, os homens que se acham o pilar desta casa passaram a acreditar que possuem tanta importância quanto eu, *o Capo!*

Ele esfrega o rosto com a mão.

— Você não era tão ignorante.

— Novos tempos, *fratello*. Eles exigem medidas que nunca tomamos antes.

— Olha o que está fazendo! — Mattia grita, injuriado.

Meus dedos se fecham na palma de minhas mãos e um zunido forte interrompe qualquer linha de raciocínio lógico. Não porque é alto, mas, sim, porque a dor em minha cabeça é tão latente que não consigo pensar em nada que não seja ela.

Minha visão fica acinzentada, mas sei que estou acordado e aqui, já que sinto meus dedos dos pés úmidos, friccionando-se por dentro das meias nos sapatos.

— Merda. — Ouço minha própria voz e sinto os dedos de alguém na tentativa de me amparar. Aperto o que acredito serem meus olhos, pálpebras umas contra as outras.

A latência não se potencializa, pelo contrário; esvai-se aos poucos, perdendo força até que o mundo recobre as cores e eu finalmente possa abrir os olhos.

— Daemon? — Ele me olha, aguardando qualquer reação minha. — É a droga da dor? Ela voltou? Porra!

Daemon, antes, sentia a mesma dor que sinto agora? Minha grande preocupação dá início neste mesmo segundo, porque se esta mesma dor era sentida antes, para que eu pudesse sair, então o que sinto, neste momento, é para que ele possa sair? De que maneira estou enfraquecendo? Em que momento tornei a perder a minha força?

Encarando o sol que já sumiu do horizonte e deixa apenas o rastro alaranjado no azul, outrora claro, escurece ao passar das nuvens, eu me detenho na ironia passiva de que, mesmo após muitas semanas tentando me esconder, basta que Daemon saia

uma vez e diga que esteve preso por todo esse tempo para que eu seja condenado a alguma cela, até que possamos ser controlados ou eu possa ser declaradamente excluído, se é que isso é possível, já que há mais raízes entre nós dois nesta cabeça do que nos jardins de Alessandra.

Não me restam escolhas.

Não restam chances, e tenho tão pouco tempo.

Restam-me apenas poucas oportunidades de fazer com que minha passagem seja perpétua na memória de todos. Mesmo que a dor talvez não seja nada de mais e eu continue assumindo o controle por anos, prefiro-me abster da escolha e deixar que a oportunidade passe para que todos acreditem que minha loucura é nula, quando, na realidade, estou prestes a mostrar que o remédio para a deselegância e o descompromisso da Cosa Nostra sou eu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 13

Segunda instância

ALESSANDRO CONSTANTINI

Somos feitos de honra, que envelhece como vinho, fica cada vez mais estabelecida com o tempo, fortalece os laços de respeito e mostra que a desigualdade é necessária, pois precisa ter alguém governando a escada da hierarquia abaixo de nós.

A princípio, Lucius está conosco. O inimigo do meu inimigo é o meu amigo e, desde que Dante não faça tantas perguntas e Mattia não abra a boca, ainda é possível transitar entre eles sem que a máscara seja tirada de minha face. A respiração sobressalente funciona como um alarme em meu corpo, seja ela de raiva ou de impaciência; não porque o conselho me espera, mas porque não tenho a pergunta que agora bate à porta e pede para ser respondida: *e se Daemon conseguir realmente sair?*

A quantidade extra de soldados na mansão é enorme. Devido à notícia de ter dizimado a Monarquia da Campânia, o Conselho está sempre preparado para um ataque, ainda mais quando estamos todos juntos. Existem protocolos de segurança que estão à espera de serem acionados em caso de necessidade e nós sempre estamos torcendo para que esta hora não chegue.

Fabbri precisava morrer, assim como de todos os traidores tiveram suas mortes solicitadas e executadas com obediência e

imediatismo. Homens que carregam o seu sangue servem apenas de prevenção para aqueles que resolverem usá-los como exemplo.

Ao entrar na sala, todos esperam que o *Capo* da Camorra também entre por estas portas em algum momento, mas felizmente acredito que sua alma possa nos acompanhar muito mal agora, visto que seu corpo precisaria ser reconstruído dos milhares de pedaços nos quais fora dividido para estar presente.

Mattia toma a frente, já que, mesmo que ele não tenha sido conivente com o fim que Fabbri levou, ainda se senta em sua cadeira e ainda precisa apaziguar os problemas que precisam dele. Meu conselheiro se adianta, porque sabe que o maior problema está sobre a nossa mesa e, mesmo que ache que eu o causei, sei que ele vai entender, em algum momento, que eu trouxe uma solução futura.

Quanto menos ervas daninhas em nosso jardim, *melhor.*

Nero já entende o que aconteceu. Não duvido que seu filho lhe tenha contado quando ainda estava a caminho de Caltanissetta. Seu olhar com zero expectativa, quase no fim da mesa, é neutro; olhar de quem sabe o que vai acontecer e não está frustrado, mas à espera do resultado de ações que não partiram dele.

Quando a porta se fecha e o último homem passa, o murmúrio começa, alto o suficiente para tornar-se audível e baixo o suficiente para que eu não entenda o que dizem.

Ordem é necessária no tribunal e, embora este lugar não seja a justiça, eu sou o juiz.

— Silêncio. — Minha voz não funciona como um grito, mas o tom é mais alto do que os murmúrios.

— Onde está Frederico Fabbri, o *Capo* da Camorra? — Henrico Moretti, filho do falecido Bernardi Moretti, um dos homens que seguiam Adriano Constantini, levanta-se, eufórico, mas também um tanto frustrado.

— Morto — Mattia completa, confirmando as suspeitas de alguns, visto que, para outros, talvez a teoria de que ele pudesse

ter fugido também fosse válida.

O Conselho está completo na sala. Homens que muito se ausentaram estão presentes hoje. A queda de um *Capo* rival precede sempre a ascensão de um próximo, mas, nesse caso, não há outro que o possa substituir, apenas nós, a *Omertà*, que subtrairemos todos os seus negócios.

O que foi deles um dia, hoje é nosso.

— O quê? — Alguém se assusta.

— Morto? Não haveria de ter uma investigação na Camorra, através de Fabbri? — Russo Carbone completa, mas Henrico está tão frustrado que não consegue parar as mãos saltitantes sobre a mesa quando, na verdade, tem coisas entaladas na garganta para falar.

— Frederico está onde deveria estar, como deveria estar, da forma que deveria estar. A pequena ênfase que foi dada sobre sua morte não deveria ser questionada, *companheiros*. A forma com a qual respiram dentro da sala, usando mais oxigênio do que deveriam, mostra-me que, mais uma vez, vocês não estão satisfeitos com as decisões aqui tomadas. — Sou terno em minhas palavras, como uma espécie de *pai de todos*, como se meus conselhos tivessem o cheiro de ouro, tão preciosos quanto diamante, mas aqui, com a sede de poder que se estabelece em cada homem, não é natural que eles se compadeçam com minha decisão não unanime. Eles procuram *poder*. Procuram segredos que talvez o falecido *Don* possa ter abandonado, segredos que valem ouro. — Os homens lá fora defendem a vida, porque é através dela que o poder é exponenciado. Então, quando você acaba com a vida desses homens, a fase de poder moral e territorial cessa. A morte de Frederico carrega nossa assinatura, não a minha, mas a de nossa casa, e o poder moral e territorial da Cosa Nostra, nesse momento, acaba de dobrar.

— E as informações sobre Vittorio, que nos traiu, sobre Dario e as sobre a *legião*? — Emiliano, irmão de Benito, seu oposto em questões de obediência, questiona-me como se estivéssemos em um interrogatório, não pela quantidade de

perguntas, mas pela ênfase autoritária e sem respeito que usa comigo quando estica o queixo e me encara, como se eu estivesse abaixo dele. Ele sabe a resposta de suas perguntas, sabe que eu trouxe nenhuma das informações, mas o que acredito que ele não saiba é que: *não gosto de lembrar aos homens que esperam por mim qual é o meu cargo aqui dentro*. Naturalmente, quando eu começar a lembrá-los, também levantarei o questionamento sobre terem me deixado ocupar este cargo. É o ato de instaurar a balança da dúvida em suas cabeças, porque, na minha, sei exatamente o que ditar, o que o fazer. Não há dúvidas, sou um homem de plena certeza.

— Estamos investigando. Frederico não sabia de muita coisa. O acordo com Dario havia sido feito há pouco tempo, antes do casamento com Antônia. Com a morte da filha e o fim da Ordem, eles mantiveram um afastamento para não levantar hipóteses do paradeiro de ambos, no caso, da Camorra e da ‘Ndrangheta. — Mattia espalha papéis sobre a mesa. Alguns homens destacam algumas páginas, mas, para os outros, a ausência de alguém para responder às suas perguntas é muito mais importante do que qualquer documento sujo de letras em tintas.

— E o que vamos falar para os associados? O que vamos explicar a eles, Alessandro? — Massimo, o mais velho deles, encara-me rudemente. Não devo explicações aos associados, mesmo que ele discorde.

— Diga que a morte dele foi uma vontade do *Capo* — respondo à altura.

— Nossa imagem está um asco. O número de associados tentando se desvincular de nós está cada dia mais alto. — Meu olhar encolhe e minhas pálpebras se apertam, pois não é costume que as pessoas rodeiem os assuntos para falar comigo, e não me traz felicidade saber que um dos homens do Conselho está tentando fazer isso. — Culpa também de seu casamento com a freira exclusa.

— Jezebel Salerno — Mattia ressalta, com a voz dura. — Tenham ordem nessa mesa.

— Como, ordem? Como você me pede ordem, se o *Don* da *Omertà* é o primeiro a transformar as nossas regras em uma tremenda bagunça? Temos um desordeiro sentado no posto mais alto — Russo Carbone grunhe, com medo, e essa será sua última fala de língua afiada. Poderia fazer tantas coisas, há tanta criatividade presa em minha cabeça, para conduzir as mortes dos péssimos homens que me cercam.

Meus olhos se fecham e, antes que eu mesmo possa entender a fonte de minha raiva e ódio ao ser contrariado, quando deveria ser venerado, alcanço o colarinho de Russo, enquanto seus olhos castanhos se arregalam, porque ele entende que Daemon seria compassivo e teria usado do respeito para com seu Conselho, mas não sou ele. Sou aquele que atira em meio ao movimento e no escuro; não um homem que espera o movimento se manifestar, para então agir.

— Daemon! — meu conselheiro grita. Pobre homem, não entende que sua presença não me impediu de dar fim ao *Don* da Camorra, então não será sua voz que me impedirá agora. Eu sinto as veias pulsarem nas laterais de meu rosto, esquenta-me toda a cabeça e os olhos queimam como se fogo surgisse por eles.

Russo Carbone é arrastado como um porco para o abate através da sala. Ninguém se compadece ou é corajoso o suficiente para tirar qualquer um do agarre de meus dedos. A lareira crepita em brasas, e eu poderia fazê-lo engolir o flamejante, mas isso seria pouco, já que ele apenas morreria, e já houve mortes suficientes para servirem de exemplo em minha casa. Precisamos ter algo do que nos lembrar, e nada melhor do que uma cicatriz visível que desperte a memória dos esquecidos.

O Conselheiro não tenta se defender. Seu rosto desliza sobre a beirada quente de aço, até que a pele, contando com os olhos, nariz, boca, testa e bochecha estejam cem por cento em contato com o carvão, que lasca a cada latência de calor

excessivo em seu interior e superfície. Ele urra de dor, mas é somente um pano de fundo para minha mensagem.

— A partir de hoje, a única contravenção dentro da Itália é a Cosa Nostra. A partir de hoje, qualquer *Caporegime*, *decinas* e membros da Monarquia Calabresa que forem vistos em *qualquer* território, deverão ser aniquilados. O governador de nossa influência será nomeado em breve e ninguém dentro do governo siciliano poderá pôr as mãos em nós. — Os olhares de todos arregalados em harmonia me apetecem. — Subimos os muros deste inferno de organização há séculos, todos sucumbiram para que nos erguêssemos, e eu me recuso a acreditar que os homens que participam deste Conselho mais questionam-me do que se vestem das minhas ideias. — Puxo a arma. — Geovani morreu em exemplo, e agora... — O cano da arma alinha-se ao ouvido de Russo antes que eu aperte o gatilho e seu tímpano direito saia pelo outro ouvido, junto de restos cerebrais. Ele cai com a cara queimada e o familiar cheiro de carne assada. — Russo também servirá.

— Droga... — Mattia pragueja. É inviável que as coisas cheguem a este nível, mas posso piorar, se for adiantar de algo.

— Cresceremos juntos, mas as regras passivas não nos cabem mais quando querem a nossa cabeça lá fora. Estou cansado dos desacordos que são expostos nessa mesa. Vocês não servem para decidir nada por mim. Precisam aprimorar as sugestões que trago e não se oporem a todas elas. Então, começando por agora, o próximo que fizer isso, nesta droga de lugar, terá o mesmo destino que Russo Carbone e toda sua família. — Benito, ereto, com o rosto erguido e sem resquício de desobediência, aguarda uma ordem. — Benito será meu novo *Sottocapo*. — Um silêncio sepulcral preenche o ambiente. — Estão de acordo? — Agora, sim, um grito alto e potente, como um brado após a vitória na guerra.

— Sim, *Don* Constantini. — O primeiro a concordar foi Benito, agora mostrando um sorriso ao saber que toda a sua honra à nossa casa será gratificada com um convite a subir um novo

degrau na hierarquia siciliana. Todos os homens vieram logo depois.

— Guardem suas opiniões para quando eu não estiver com o ouvido próximo da boca de vocês, caso contrário, perderão a língua. — Acenam todos em concordância. — Agora, como prova de lealdade, tirem os anéis de seus dedos, os tornem brasas, façam seus votos e deixem que eles queimem suas peles, para que se lembrem de quando se iniciaram em nossa conduta. — Mattia está calado. O corpo do Carbone está estirado no chão, sujando o sapato de todos e, consequentemente, minha casa, mas não é um problema. Ele está onde deveria estar. — *A Cosa Nostra agradece a lealdade de vocês.*

É quase cômico. Um por um, eles refazem seus votos. Aqueles que não prezam pela própria vida, certamente prezam pela vida da família. Esse é o básico a se seguir. Um sorriso imprudente gruda em mim. É o traço da felicidade em saber que, quando sangue mancha o chão nesta sala, todos me ouvem, como se a minha voz fosse a de Deus e minhas leis fossem as da física.

Com meus sapatos manchando o chão a cada passo meu, só paro quando meus pés alcançam o segundo andar e o rastro desaparece no carpete. A porta de meu quarto é a última e eu teria chegado a ela se os passos de Mattia não tivessem me feito parar.

— Violência? É assim que você resolve as coisas agora?

Uma risada cômica deixa meus lábios.

— Resolvemos as coisas assim há décadas e só agora você se incomodou?

— Pelo que eu me lembro, foi por isso que você matou seu pai. *Para fazer a diferença*, Daemon.

Meu sorriso some.

— E é exatamente isso que estou fazendo. Perdas fazem parte do processo. Russo era um inútil, de qualquer forma.

— Você está passando uma imagem de desequilíbrio. — Ele tem uma pasta na mão. Na verdade, é um envelope pardo com um

sinete como lacre.

— Eu não estou dando a mínima para a imagem que passo para eles. Precisam ser leais, independentemente da circunstância. Talvez, se souberem que há muito de Adriano em mim, eles entendam suas posições. — O Conselheiro arqueia as sobrancelhas, incrédulo.

— Está se ouvindo? Está se comparando ao seu pai?

— Se precisarem me comparar a ele para fazer por mim metade do que seus falecidos entes fizeram pelo antigo *Capo*, então eu aceito. Não vou abrir margem para conversar sobre isso. — Ajusto a gravata no pescoço, afrouxando-a para retirá-la dentro do quarto. — Faça o seu trabalho e farei o meu.

Ele abana a cabeça positivamente, não porque concorda, mas porque foi vencido. O *Consigliere* se mantém calado, com os olhos arriados.

— Os exames de Jezebel. Vou deixar que você descanse. Se me der licença... —Acena com a cabeça e deixa de me fazer companhia no corredor, batendo em retirada.

O quarto está gelado. A cama arrumada deixa rastros da passagem de Marta por aqui. Já está escuro o suficiente para tornar a visibilidade da janela do meu quarto para o jardim precária. Eu me deito sobre a cama, esticando o corpo, enquanto os espasmos das dores na cabeça vão e voltam.

Pela madeira que está completamente consumida, arrisco dizer que a lareira do quarto está acesa desde cedo.

Sentado sobre a cama e com os sapatos ainda envolvendo meus pés, eu abro o envelope. Há um grande número de papéis. Naturalmente, um dos conselheiros deveria olhar os laudos exemplificados de cada exame, sem a necessidade de ser um médico, já que tudo está bem explicado no documento, mas o ódio deles pertinente à noiva é tão grande que continuariam odiando-a, mesmo que ela fosse a mulher mais saudável da Terra. Em contrapartida, se Jezebel tivesse uma leve condição de saúde,

seria certeza que o Conselho faria de tudo para cancelar o matrimônio.

Mas eles não podem cancelar o que não sabem.

Vejo um por um.

Tudo nos conformes;

Diabetes.

Pressão.

Fígado, rins, estômago, entre outros.

HIV e outras doenças transmissíveis são inexistentes.

Mas há um pequeno e último papel que me chama atenção, não porque normalmente seria um alarme, mas porque o pequeno *positivo* é a primeira palavra depois de seu nome, no topo da folha.

Positivo para gonadotrofina coriônica humano, hCG.

Eu não me lembro de ser um bom aluno, mas as aulas de biologia sempre me interessaram e parte de concepção e anatomia humana tiveram mais da minha atenção do que qualquer outra.

Há uma pequena extensão de Daemon dentro de Jezebel. Uma pequena extensão de *nós.*

O futuro da Cosa Nostra está crescendo dentro daquele ventre imaculado neste exato momento; uma exponenciação dos Constantinis, uma certeza de que continuaremos nos misturando à história e ao tempo, com o passar das décadas.

Eu sou o único que sabe. O envelope lacrado pelo sinete mostra que Mattia não o abriu e o laboratório, no qual são feitos os exames, possui um tratado de influência conosco. Sua segurança é impenetrável. E, mesmo que Jezebel fosse uma mulher um tanto inteligente, ela não teria a maldade de entender que nas poucas vezes que *estivemos* dentro dela, deixaríamos um presente tão pequeno e frutífero.

Ela pode não ter notado, mas agora *eu sei.*

Daemon não quer um filho.

Daemon odiaria um filho.

Então, neste momento, a menos que ela odeie a criança, eu a terei na palma de minha mão.

Jezebel está grávida de um Constantini e este é um vínculo com a Cosa Nostra muito maior do que um casamento.

Há um pequeno empecilho, porém tão forte quanto qualquer um de nós; Jezebel não tem qualquer honra para carregar um filho da Monarquia, então, mesmo que a criança vingue, será um bastardo e nossas regras são claras, ainda mais quando diz respeito a um herdeiro: *bastardos devem morrer.*

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 14

Penitências

JEZEBEL SALERNO

Dois dias passaram, depressa. Eu vejo, em todos eles, o sol arrastar-se atrás da montanha de um lado, até ficar a pino, no ponto mais alto do céu. Banha as plantas com seus raios, mas então, antes da cinco, ele começa a descer até se esconder do outro lado da montanha, trazendo a chuva e a escuridão junto do silêncio que me engole todas as noites antes de dormir, como aconteceu na última noite. Não sei dizer em que momento pego no sono, não sei a linha que o separa da realidade durante a madrugada.

Mas sei que estou aqui, tentando lidar com o fato de que será assim até que eu me perca nos dias da semana, nas semanas do mês e nos meses do ano.

É noite agora. Pedi para que Marta fosse chamar Mattia depois de tempos sem vê-lo, pois eu precisava, de alguma forma, sem ser diretamente, levantar a hipótese de que talvez não fosse Daemon a andar entre nós. Pode parecer loucura, mas quantas já não foram realidades nesse mundo?

Estou sentada no sofá quando a porta se abre. Mattia entra, elegante, com uma pequena bolsa plástica e preta na mão.

— Você veio. — Minha felicidade em vê-lo é sempre tão evidente. A impressão familiar que tenho com ele é maior do que qualquer coisa.

Ele vem em minha direção e faço o mesmo, rodeando meus braços em torno de sua cintura, dando-lhe um abraço apertado enquanto ele me abraça pelos ombros.

— Não vim porque me pediu, vim porque precisava trazer algo para você, mas, me diga, como está? — Tanto tempo com o *Capo* o está deixando tão ignorante quanto.

— Quer mesmo que eu responda? — questiono.

— Na verdade, não, estou apenas sendo educado. Mas estou vendo que você está bem alimentada, bem-vestida e confortável, então não existe uma preocupação da minha parte. — Ele ri, divertido, quando não acho a menor graça. — Não fique emburrada. Sua vida como esposa do *Don* será mais interessante. Eu prometo. — Eu rio. Mesmo não parecendo, sei que Mattia, de alguma maneira, tenta deixar minha estadia mais leve, ainda que seja *do jeito dele.* Ele me oferece a sacola.

— O que é isso?

— Seu remédio. Pelas minhas contas, sei que o que dei a você acabou, então preferi trazer pessoalmente, para evitar erros. — Não entendo do que ele fala. *Remédios?* Tento disfarçar com um pequeno sorriso de lábios fechados, que morre no mesmo instante que eu encaro a pequena caixinha no fundo da sacola preta.

O remédio ao qual ele se refere é uma caixinha de anticoncepcional, do mesmo tipo que me deu na casa principal, tempos antes do casamento de Daemon com Antônia.

Meu rosto esquenta. Sei que eles são para evitar a gravidez, gravidez essa que eu corria risco quando tinha relações com Daemon.

Relações essas que não ocorrem mais.

Remédio esse que não cheguei a tomar sequer um terço da cartela.

Tantas coisas estão acontecendo, e não posso mostrar minha falta de responsabilidade agora. Há problemas demais para que eu surja com outro.

Não estou grávida. Eu me sinto normal, durmo e me alimento como uma pessoa normal.

Eu só preciso prosseguir tomando as pílulas, cada uma delas.

— Jezebel? Por que essa cara? — Tão esperto, mas agora, lendo-me, ele demonstra o quanto também consegue ser ingênuo. O sorriso pequeno volta para meu rosto e pego o pequeno produto, balançando-o de um lado para o outro.

— Porque esse era um dos motivos pelo qual eu pedi que você viesse. — Tão astuta para contar mentiras, mas tão burra para seguir com responsabilidades. Quando fiquei assim?

— E qual o segundo? — Deus, o que estou fazendo? E se eu causar um problema? Antônia acabou de morrer, isso explica a ignorância de Daemon. Ainda assim, a forma imponente e avaliativa com a qual sempre me olha, em diminutivo, causa-me o mesmo arrepio que apenas Alessandro causava, como se me lembrasse de que ele me faria pagar as penitências pendentes quando prometi que me doaria a uma causa que abandonei agora.

E se eu estiver errada?

— Daemon falou algo sobre... *mim?* — A dualidade em perguntar e me manter quieta faz meu corpo suar. A respiração oscila, como se eu devesse algo a alguém e estivesse com medo do acerto de contas.

— E você se importa com isso agora?

— Talvez eu me importe. — Tento mentir, mesmo sabendo que, no fundo, é verdade.

— Não, ele não disse nada. Há coisas demais acontecendo agora, *Bel*. Ele se desequilibrou e... precisou matar alguém do

Conselho que estava sendo contra muitas coisas. O tipo mais precioso de respeito é aquele que se extrai com a lealdade e não com a violência. — Ele anda pela cozinha, encarando o tempo se fechar de novo lá fora. — Estamos passando por tempos sombrios. O inimigo sempre esteve muito visível, mas agora é como se... não soubéssemos para onde ir, e isso não está fazendo bem a nenhum de nós. Acredite, esse chalé é o lugar mais tranquilo da Sicília nesse momento.

Eu vejo sinceridade em Mattia. É difícil vê-lo falar tanto, quando sei que para abrir-se comigo dessa forma e ter aparecido aqui, no segundo dia, pedindo para que Marta o convocasse, ele realmente procura uma válvula de escape. No fundo, eu fico feliz em saber que talvez ele sinta que sou tão parte da família quanto acredito que ele seja da minha.

— Mesmo não confiando em muitas coisas, confio em suas palavras.

— Confie em Daemon também, vai precisar. Afinal, você se casará com ele.

— Estou me acostumando com a ideia — murmuro. Encaro o pequeno remédio.

— Isso é um começo. — Ele se aproxima da porta. — Vou tentar passar aqui mais vezes, para que não se sinta tão só até o casamento, mas vou moderar. *Daemon é ciumento com o que lhe pertence.*

Ele arranca um sorriso de mim. Tão genuíno, porque a imagem do homem que vem à minha mente não é daquele que veio alguns dias atrás e me tratou feito uma qualquer dentro do chalé, mas a do homem que cruzou a Sicília para me arrancar da mão de Dario Martino; não porque sua organização precisava de mim, mas porque *ele precisava de mim.* Essa é a grande divergência. Não consigo ver aquele homem no *Capo*, que agora me encara como se eu fosse tão pequena quanto um grão de areia.

Balanço a caixinha em seu campo de visão.

— Obrigado por lembrar. — Tiro um comprimido do recipiente e, depois de encher um copo de água para auxiliar na digestão, eu o tomo, como se estivesse fazendo este mesmo gesto há semanas.

— Jezebel? — ele questiona parado à porta, prestes a girá-la e partir mais uma vez.

— Oi.

Mattia coça o nariz, formulando a pergunta. Eu nunca o vi assim, mas seu rosto está vermelho.

— Você pensa em ser mãe?

Está aí uma pergunta interessante.

— Há uma motivação por trás do seu questionamento?

— Curiosidade apenas — ele me responde, dando de ombros.

— Eu fui uma freira a vida toda, Mattia. Nunca tive tempo para pensar em casamentos, até revistas eram de difícil acesso, mas, respondendo à sua pergunta, eu jamais teria um filho vivendo essa vida. Na verdade, eu acho que... jamais teria um filho sem saber como dar amor ou uma criação digna a ele ou... ela. Nunca tive qualquer exemplo de uma boa criação. Tudo o que me lembro da minha infância é a violência e eu jamais desejaria isso para uma criança.

Ele suspira. Falar sobre isso me traz as recordações indesejadas. Eu respiro fundo, aguardando que os pensamentos se dissipem, como fumaça em meio à ventania.

— Por que a pergunta?

— Daemon também não pretende ter filhos. Acho que fica mais fácil quando os dois não querem. — Ele suspira. — Crianças dentro da Cosa Nostra só nascem para uma coisa...

— O quê? — pergunto, mesmo que talvez já saiba a resposta.

— Fazer negócios ou política, mas, em outras palavras... morrer.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 15

Destruição parcial

DAEMON DEMARCO

Passado...

Meu corpo emerge da água gelada, muito gelada. Energia obsoleta que foi drenada por cada pedra de gelo. São pouco mais de quatro horas da manhã e, com o passar da noite, duas famílias foram exterminadas. Demoramos mais dessa vez.

Lucca me auxiliou, já que um dos adolescentes fugiu e nós tivemos de caçá-lo entre as árvores curtas da floresta próxima à mansão em que ele morava. Seu pai tentou implantar uma corrente de contrabando de cocaína na Sicília. Não estamos falando de alguns pontos de venda, mas de toneladas, várias delas, e isso fode, mesmo que em baixa porcentagem, com a escala de exportação de cocaína da Cosa Nostra.

Ele sabia.

Não era um associado, mas sabia de nós.

Todos sabem.

O pai, o bilionário Clevmen, estava deitado sobre a cama com a filha de cinco anos e, diferentemente da maioria dos homens que costumamos pegar, ele sabia manusear uma arma. A criança tomou o primeiro tiro enquanto dormia, assim o homem

ficou indeciso entre se defender e socorrer a filha. Enquanto ele se confundia com o instinto paterno e o de sobrevivência, sua cabeça explodiu em uma bola de carne quando o projetil da AK-47 a atravessou.

A esposa tomou uma pancada na nuca antes que pudesse gritar, então teve a jugular cortada; o adolescente mais velho morreu ainda na piscina, e o mais novo... eu o cacei no meio da floresta como um animal. No fundo do terreno, quando apenas um precipício o aguardava lá embaixo, ele se encolheu sobre os próprios pés, porque, ainda que fosse muito corajoso, era muito jovem para ter o ímpeto de acabar com sua própria vida. Ele morreu asfixiado depois que meus dedos apertaram seu pescoço por sete minutos, mas no sexto minuto já havia sinais de hipóxia[3]. Deixamos os corpos todos juntos dentro do quarto e pusemos fogo neles.

É na calada da noite que me torno o homem que Adriano precisa. É na calada da noite que deixo de ser Daemon, o filho de Alessa, para ser Alessandro, o exterminador do *Capo*. É quando faço o nosso nome e nossas regras.

As madrugadas têm sido sempre assim, vazias. E eu sempre me pergunto: então isso é tudo?

O gelo é responsável por desinchar o corpo por conta dos treinos, mas também é responsável por esfriá-lo quando os pensamentos ininterruptos sobre a necessidade de sangue esquentam minha pele a ponto de me fazer senti-la sempre em brasas.

Isso nunca para, e eu sempre quero mais.

Deixo a banheira, enxugando-me com a toalha escura.

A cada dia que passa, eu me faço os questionamentos indevidos que não deveriam existir. Fui iniciado para estar a par da certeza, sempre absoluta, e não da inação, que acena como uma árvore no canto do jardim.

Visto a roupa de dormir, mesmo sendo tão tarde para uma noite de sono, mas ultimamente é apenas assim que consigo

adormecer. Poucas horas de descanso têm sido suficientes, o banho de gelo no meio da noite sempre faz o seu trabalho.

Meu quarto fica ao lado do de meu pai, mas eu, ultimamente, tenho ido dormir no quarto que Alessa usava para praticar suas pinturas. As telas costumam ficar nas laterais do lugar, cobertas por uma lona de plástico branca, e a cama de viúva fica ao centro. As janelas são menores do que na maioria dos outros quartos.

A esposa de Adriano sempre me orientou; *pinte apenas o que você mais ama.*

Talvez seja por isso que todas as minhas telas de pintura sempre estiveram pretas, porque a parte que eu mais gostava, durante a época que ela me ensinou, era quando eu era agredido pelo *Sottocapo* tantas vezes que eu só deixava de sentir ao enxergar tudo preto.

Deito-me na cama, encarando o teto e, embora esteja escuro, ainda consigo enxergar a infiltração que causa bolsões de ar, pequenos, mas ainda perceptíveis.

Passa-se algum tempo enquanto estou distraído, encarando o mais absoluto nada. O trinco da porta destrava, a mão na arma embaixo do travesseiro é ligeira, mas olhando perceptivelmente para a luz, que entra pelo batente, consigo adivinhar quem é apenas pela baixa estatura e a silhueta minguada que arrasta algum tipo de pano no chão, e o espirro infantil logo confirma minha teoria, afinal *nenhum dos soldados da Cosa Nostra é tão pequeno.*

Suspiro aliviado.

— Daemon? — Sua voz é sonolenta, certamente deveria estar dormindo, mas, por um algum motivo, ela está empenhada em não continuar ao fazê-lo no mesmo quarto de sua mãe.

— O que faz aqui? — Alessandra se aproxima do pé da cama. Tão jovem e pequena que, mesmo que eu esteja deitado, ainda preciso encará-la de cima pra baixo.

— Não estou conseguindo dormir no quarto da mamãe. — Sem grandes permissões, ela sobe na cama, botando primeiro a mão direita e depois a perna do mesmo lado. O pequeno coelho branco que ela usa como manta descansa em meu abdômen. — Quero dormir aqui.

— Eu não disse que você poderia. Volte para o quarto. — Ao depositar o coelho ao meu lado, sobre o colchão, eu lhe dou as costas, virando-me de lado.

Coisinha irritante.

— Eu... eu estou com medo do monstro embaixo da cama. — *Ela tem apenas cinco anos e me desarma como ninguém.* — *Por favor,* mamãe disse que você protege o papai e, como nós somos irmãos, pensei que você talvez pudesse me proteger também. Tenho medo do escuro.

Eu aperto os olhos e me viro de barriga para cima, vendo-a deitar sua cabeça pequena em meu braço direito. Ela encosta sua orelha em minha pele, de repente levanta-se de novo, busca o cobertor no fim da cama e demora um pouco até nos cobrir.

— O que está fazendo?

— Você está gelado, deve estar com frio. — Alessandra se aninha em meu peito com os olhos fechados e com a respiração que regulariza. Sei que ela deve estar quase pegando no sono.

Irônico. Algumas horas atrás, o homem que matei estava em uma cama nesta mesma posição com sua filha. Pensar que talvez pudesse ser eu e a pequena criança naquela cama me deixa angustiado, com uma bola na garganta que impede até a saliva de descer pela traqueia.

— Então você tem medo do escuro? — eu murmuro.

— Tenho, mas com toda a força que você tem, acho que ele também tem medo de você. — ela suspira — Agora eu vou sonhar, Daemon.

Alessandra é uma pequena destruição parcial a tudo que Adriano planejou para mim. Ela é a chave que desarma o *modus*

operandi que eu venho seguindo há tanto tempo.

— Te vejo nos seus sonhos, *coisinha*. — Sorrio de lado, antes de pegar no sono.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 16

Por que olhos tão grandes?

JEZEBEL SALERNO

Encarando a porta de entrada do outro lado do jardim, eu me pergunto quem dorme sobre aquela cama.

Daemon ou Alessandro.

Alguns galhos no jardim estão secos e mortos. Sei que preciso cortá-los, mas não é a isso que minha mente se prega, é na porta fechada, que talvez esconda mais segredos do que sou capaz de guardar em minha memória.

Marta está em meu quarto, em pé ao lado da cama, enquanto passa minhas roupas. Mesmo escondendo-as, ela as achou e torna a tomar como prioridade a ordem que recebeu de seu patrão, meu futuro marido.

A noite já está quase completa, mas já não tenho mais preferência entre ela e o dia. Meus olhos pequenos manifestam-se em sono, mesmo já tendo dormido por boas horas e que grande parte delas tenha sido de pesadelos dos quais não consigo me lembrar. Eu sei que dormi, ao menos.

Tomei o anticoncepcional um pouco mais tarde do que ontem e, ainda que eu não esteja tentando prevenir nada agora, faço-o porque Mattia espera isso de mim, pois assim o prometi.

Esquentando a água sobre o fogão para tomar um chá de canela, ouço os passos de Marta pelo corredor. Encaro-a por cima dos ombros e ela acena com a cabeça, presumo que já esteja indo embora. É difícil vê-la partir cedo.

— Já está partindo?

— Voltarei amanhã cedo, ainda há muitas roupas para passar. Tenha um boa noite, Jezebel. — Desligo o fogo do bocal de ferro e, ao me virar para lhe desejar boa-noite também, quase queimo o dedo após pegar a panela com tanta força que minha mão escapa do pano de prato em contato com o ferro.

É Daemon.

— O que faz aqui? — Minha voz é quase um engasgo. Ele não sorri e o seu olhar não é diminutivo, como já me deu várias outras vezes. Sugere paciência, quando seu sapato se arrasta vagarosamente no chão.

— Boa noite, Jezebel. — Educação não é um feitio seu ultimamente, então, quando ele torna a usá-la, tudo o que consigo sentir é surpresa e curiosidade.

— Boa noite. Ainda não me respondeu.

— Não é você quem faz as perguntas. Já deveria saber disso. — Há algumas garrafas de bebida sobre a prateleira no canto da cozinha e ele as encara. Duas garrafas de uísque e outra de conhaque. — Marta disse que você estava fazendo um chá, portanto eu decidi vir aqui e beber um bocado, sabe? — Ele ri.

Não sei se está com dúvida, com sede ou estressado, mas seja lá o que esteja sentindo o faz desejar uma daquelas bebidas.

— Não terminei ainda.

— Não tenho pressa. Vou esperar aqui. — Eu me mantenho de costas. Sinto seu olhar queimar meus ombros e minha nuca.

Contra a minha vontade, reparto a água quente em duas xícaras, dentro das quais deposito os saquinhos do chá para a infusão enquanto o cheiro rompe-se pelo ar, irrigando o lugar com o aroma doce.

Não gosto de estar desconfiada, ao menos não agora. Ele é silencioso e, com os passar dos minutos, vai ficando mais estranho que esteja me olhando por todo esse tempo. Por cima dos ombros, consigo ver pouco, mas o que enxergo me enfia em um estado de quase pânico.

Daemon está de pé atrás do balcão com o dedo fora do anel de prata que pertence ao *Capo*. Ele brinca com a ponta do dedo na beirada circular, e o que me preocupa não é o que ele faz, mas qual dedo samba em suas extremidades: *o anelar.*

Não é Alessandro.

Não é Alessandro.

Meu corpo se arrepia.

"Então se ele, de fato, estivesse mentindo... aquele chalé jamais protegeria você".

Meus ossos trepidam e o frio, antes ausente, está aqui, arrepiando-me por inteiro.

Não é Alessandro; não pode ser ele.

Preciso disfarçar o meu nervosismo, antes que eu me vire.

A porta se abre mais uma vez, e Mattia entra. Minha vontade mais sincera é de correr até ele e pedir socorro, mas, ao mesmo tempo que minha ciência de autodefesa soa como uma sirene na minha cabeça, eu me questiono sobre quais seriam as consequências de estar errada.

— Que clima de velório aqui dentro! — o *Consigliere* exclama ao entrar. — Daemon, preciso da sua assinatura antes de ir. — Ele puxa um papel qualquer. — O que faz aqui?

— O chá de Jezebel, estou esperando que fique pronto — fala, olhando diretamente para mim, sem parecer que a presença de seu talvez amigo esteja tão próxima dele.

O *Capo* se aproxima do papel, já com a caneta em mãos e o assina. Afasta-se da bancada e anda até estar próximo de mim

com uma xícara de chá em mãos, que sequer esfria antes de pôr em sua boca.

— Tem um pouco para mim? — questiona com o papel em mãos, verificando a assinatura de seu líder.

— Não — murmura Daemon.

Mattia encara a mesma prateleira de antes e avança com os dedos no conhaque quase pela metade. Ele arruma um copo qualquer, apenas para degustar dois dedos da bebida. O cheiro de álcool é tão forte, que consigo sentir mesmo estando a alguns metros. Olho para o Conselheiro de meu futuro marido nos olhos, à espera de que ele consiga enxergar o pânico que me consome.

— Aceita? — Ele mira a boca da garrafa em direção a Daemon, que a encara por longos segundos. Seu braço está duro, com a xícara parada no meio do caminho; ele espera mais um pouco e então a leva à boca.

— Me oferece, como se não soubesse que bebo uísque.

Mattia encara a mim, e logo depois ao seu chefe.

O ar está tão pesado que consigo sentir a tonelada em meus ombros, minha cabeça queima.

— Eu pensei que, de repente, você pudesse ter mudado seu gosto para álcool. — O Conselheiro balança os ombros, sacudindo a cabeça quando a bebida lhe queima toda a garganta. — O carro está me esperando lá fora.

Meu desespero aumenta e vejo certa satisfação no olhar de Daemon ao vê-lo se afastar.

— Mattia? — Chamo sua atenção por impulso. Ele me encara. — Pode vir aqui mais tarde? Eu queria... sua opinião sobre algo.

— Acho que sim. Até... *logo*.

Dá uma última olhada no *Capo*, que não lhe dá a menor confiança, e me deixa um sorriso antes de fechar a porta. Meu

interior quer gritar, mas tudo o que faço é vê-lo deixar o chalé e entrar no carro que o aguarda no pátio do jardim.

Eu me viro, de costas, respirando desenfreadamente. Meu rosto está quente como fogo e, mesmo com o chá, que desce homeopaticamente por minha garganta, tenho a sensação de secura. Estou suando como se tivesse corrido por horas.

— Por que está nervosa? — Sua voz desce dois tons. Está baixa e o fato de ela ser o único som em meio ao silêncio piora tudo.

Ele não pode ser Alessandro.

— É impressão sua — respondo rápido, na intenção de que ele não note a trepidação de nervosismo em minha voz.

— Ah, claro que é impressão minha — concorda, carregado de cinismo. Daemon anda por mais alguns metros, até alcançar a cesta de maçãs no canto da cozinha. Sua xícara é depositada na bancada para que ele ocupe seus dedos com a maior faca do faqueiro. Consigo ouvir o som do metal.

— O que está fazendo? — questiono, ouvir minha voz, sem ter plena consciência do que pergunto, é melhor do que não ouvir nada.

Seu corpo me encurrala na bancada da pia, como uma barreira. A possibilidade de que ele seja Alessandro é completamente válida e, mesmo assim, meu corpo ainda reconhece o dele, seu cheiro, sua quentura e seu hálito fresco. Estou sendo enganada, confusa entre o medo e a vontade de tocá-lo para me recordar do quão macia é sua pele.

— Partindo a maçã. — Com os braços em minhas laterais, ele o faz, põe a fruta na bancada e olhando de relance, eu o vejo parti-la em um só golpe. Enfia a ponta da faca na madeira, a ponto de que ela fique em pé de forma independente. A parte cortada do alimento, ele estende na altura de minha boca. — Coma. — Mordo a ponta, mastigando devagar. — Estou muito curioso para saber as motivações de você ter me chamado de

Alessandro na última vez que estive aqui. — Daemon se afasta e, quando chega próximo à porta, ele a tranca.

Meus olhos não piscam, mas queimam, obrigando-me a fazê-lo.

— E... E... E... Es-este é o seu nome, não?! — gaguejo e me praguejo quase audivelmente por me engasgar com as palavras desta forma.

— Não seja cínica. Eu também consigo ver quando você mente, Jezebel.

— "Eu também"? E quem mais consegue? — Ele ri, enfadonho e sem grandes vontades. Respira fundo e se aproxima. Conhecer Alessandro é quase como conhecer Daemon no início de nossa convivência no Monastério de Pavia, e é exatamente assim que eu o vejo agora, impetuoso e ainda mais desafiador. Não há como alguém mudar do dia para a noite assim. — Por que está trancando a porta?

— Você pergunta demais. — Ele se aproxima, nossos olhos se alinham, como o segredo e a chave de um cofre de segurança máxima, fenda por fenda, mas, em vez de uma porta se abrir, eu vejo a curiosidade surgir dentro de mim e ser solucionada em um gesto tão pequeno que passaria despercebido por muitos. *A pupila de seus olhos está tão dilatada que é quase impossível saber que seus olhos são verdes.*

— Os seus olhos, por que estão assim? — Um enorme sorriso com todos os dentes à vista se abre. — Está tudo bem?

— Para enxergar você melhor. — Uma nova onda de arrepio quase me parte ao meio. Ele está ansioso. Não sou a melhor em ler as pessoas, mas a forma com que ele se toma em euforia é totalmente perceptiva por mim. Sua frase me lembra algo, uma memória que me acompanha, mas eu prefiro deixar escondida. Agora ela força contra minha mente e pede passagem, pois é inevitável.

Seu sorriso me dá medo, à medida que ele avança cada vez mais para perto.

— Você... — sussurro, cerrando os olhos.

— Não vai perguntar pela boca grande? — Gargalha baixo, e eu tento contornar a bancada, mas ele me segue, em uma perseguição passiva. — Então deixe que eu lhe responda: é para comer você melhor... *coisinha*.

E então a lembrança vem: "*Pela estrada afora... Jezebel vai sozinha, acreditando que vai fugir do meu tormento. A estrada é longa e o caminho é incerto, e o caçador está quase por perto...*"

O Alessandro da floresta é o mesmo que está aqui, à minha frente agora.

Penso mais rápido do que já pensei, afinal minha vida depende disso. Balanço a cabeça de forma negativa e, enquanto me torno completamente agitada, ele está de pé, sorrindo. Sua promessa de morte ainda está viva dentro de mim.

Por que ele ainda não me matou? Há muitas coisas que explicam a forma como ele tem agido nos últimos dias, principalmente comigo, mas o que não é explicitado é como Alessandro consegue sair de dia, já que, mesmo que agora seja noite, eu não duvido que ele esteja no comando há muito tempo.

Meu corpo esquenta ainda mais e eu torno a correr. Ele me observa, parado exatamente como está, enquanto corro para o meu quarto, tão veloz quanto um lampejo no céu em dia de chuva, e fecho a porta, buscando a chave sobre a cômoda para trancá-la.

A caça.

A procura.

A conquista.

Minha voz não sai, dividindo-se entre as possibilidades de gritar e a de respirar, porque é impossível fazer os dois ao mesmo tempo no nível de nervosismo que estou.

— *Estava com saudade, amor?* — grita do outro lado da porta. A maçaneta vibra enquanto ele tenta abri-la, mas não

consegue. — *Eu estava com saudade de ver você fugindo, se escondendo e temendo pela própria vida.*

— Cadê o Daemon? — A madeira da janela está emperrada ou provavelmente é culpa do nervosismo que não consigo movê-la, já que eu a subi de manhã, como se fosse peso para papel. — Socorro!!!

— Não acho que Daemon vá voltar, ele está queimando no inferno agora. — Meu coração palpita.

— Mattia!!!!! — A chuva abafa qualquer grito, pedido ou súplica. Somos apenas eu e ele aqui dentro.

— Existe algo em você que me pertence, mas está tão verde que, para tomar de você, vou precisar arrancar, mesmo que a mate no processo. — Ele ri. — Vamos, abra a porta.

Mais uma vez, como na floresta, ele está disposto a me dobrar, mas não acho que ele vá me deixar inteira para contar qualquer história.

Com o pé, forço a madeira para fora, arrebentando os pedaços auxiliares do lado de fora, que impediam o basculante de desalinhar com o batente da janela. Eles se partem, fazendo com que ripas afiadas ainda fiquem ali e eu não tenho tempo para retirá-las.

Ainda é o primeiro andar e isso facilita tudo.

Passo a primeira perna e, ao passar a segunda, a ponta da madeira exposta entra na pele da minha coxa, na área interna, talvez por dois centímetros.

Estou vivendo o mesmo pesadelo de novo.

Saio pelo deck de trás da casa e me vejo encurralada quando as laterais da mansão e da casa estão cheias de homens. Nenhum deles há de avançar se eu não tentar atravessar pelos portões.

Tenho fôlego e coragem para gritar agora, mas Alessandro quer me matar e chamar a atenção de sua *decina*, que está pelos arredores do jardim, é pedir para que ele ordene a um dos homens

que o faça, afinal *ele é o Capo e seus homens estão sempre aguardando suas ordens.*

Meu desespero é palpável. Se não consigo fugir, como uma vez fiz, ao menos preciso me esconder.

Corpo quente, cólicas leves, cabeça latejando e os pulmões em combustão pela quantidade de oxigênio que mal aguentam.

A chuva cai aos montes, poucos raios agora, mas a quantidade de água compensa por eles. Correndo pelo jardim, eu não consigo enxergar Alessandro, embora, quando tento atravessar os arbustos, sinta o puxão violento em meus cabelos. Minhas costas se chocam com o chão e o vejo vir para cima de mim, tal como um leão que está há dias vagando com fome. O instinto de sobrevivência que venho adquirindo, graças a ele mesmo, faz com que eu chute sua barriga quando se aproxima.

Consigo ver uma mecha de cabelo inteira presa em sua mão. A água da chuva e meu suor descem pelo ferimento na minha perna, que arde, mas o sangue corre tão quente por debaixo de minha pele que não sinto qualquer vestígio de dor.

Alguns soldados se aproximam e eu corro em direção à casa principal, rezando para que esteja aberta e Marta esteja lá.

A porta desliza quando a maçaneta gira. Eu bato, sem querer saber se o diabo no corpo do homem que eu amo está a me seguir com dezenas de soldados.

A sala de tintas.

A sala dos quadros de Daemon.

Corro até lá, a porta está aberta e tento não fazer muito barulho ao fechá-la. A visibilidade está escassa, mas não posso me entregar acendendo a luz.

— Confesso, *coisinha*... — Seus passos vêm junto com seu resmungo. — Tenho saudades da sua boceta regada à sangue... — Algum lugar range e ele abre uma das portas que não é a minha. Estou debaixo de um dos cavaletes cobertos com uma lona. Não será difícil de ele me encontrar, se entrar aqui. Agarro uma das

tábuas para pintura; são de madeira e talvez eu consiga causar algum dano com isso, embora apenas um tapa da mão de Alessandro seja como dez pancadas dessa. — Eu a vejo todas as manhãs, da janela do quarto... — mais uma porta se abre e o grunhido mostra sua frustação por não me encontrar lá. Ele está no quarto que um dia fora meu. — Já fiz tantos planos para você... te queimar viva foi um deles. Estou pensando no que vou dizer a Mattia quando ele chegar e encontrar seu corpo. Talvez eu diga que você tentou fugir e um dos soldados te confundiu com algum... *invasor.* O que acha? — Alessandro abre algo dentro do quarto. O guarda-roupa provavelmente. — Acho que a brincadeira acabou. Não me deixe estressado — ele resmunga outra vez. Tento apoiar o pé em algum lugar, mas com a má-sorte que apenas eu tenho, um dos cavaletes apoiados na parede cai, causando um enorme som dentro do quarto. Ouço Alessandro gargalhar.

Derrubei o cavalete, mas encontrei... *uma lata de tinta preta.*

Começo a sentir dor na perna ao mesmo tempo que ele abre a porta com um estrondo, e quando acende a luz, recebe uma lata de tinta inteira no rosto, que mancha não só seu corpo, mas o carpete também. Inocência minha, de achar que eu não escorregaria entre suas pernas ao passar. Ele prende as pernas em meus ombros, impedindo minha passagem, e eu faço força, levando nós dois ao chão.

Sua mão agarra meu pescoço.

— Dessa vez, eu vou deixar você sem ar por muito mais tempo. — Alessandro ri, tendo o que ele mais gosta: *diversão.* Mas me recuso a morrer assim. Ao me virar, sua mão suja de tinta escorrega e eu consigo morder seu antebraço quando se apoia no chão.

—SOCORRO! — Uso toda a força que tenho no diafragma para gritar.

Forço as mãos sobre o carpete, engatinhando pelo corredor na tentativa de me levantar. Ele vem logo atrás, puxando meu

tornozelo, e chuto seu rosto. O carpete está seco de novo e ele, de pé. Um passo de Alessandro equivale a quatro dos meus. Ele agarra meus cabelos pela nuca, *meu ponto cego*.

Arrasta-me de volta, agora para seu quarto, puxa de dentro da calça uma *pistola*, *e* meu corpo se alarma em pânico.

— Grite à vontade, o quarto tem isolamento acústico. — A única satisfação que consigo sentir é a de tê-lo deixado um tanto cansado, mas a velocidade com a qual recupera seu fôlego é quase a mesma que uso para dar meia dúzia de piscadas.

Sua mão segura meu cabelo úmido em um aperto, que não suaviza nem um segundo sequer.

Estamos ensopados pela chuva e, mesmo que esteja seco aqui dentro, consigo ver as gotas despencando de seu rosto e caindo no meu quando ele me obriga a ficar de joelhos e encará-lo de baixo para cima.

— DAEMON! — Ele *precisa* estar em algum lugar ali dentro. Alessandro puxa a arma, preparando o gatilho ao encostar o cano em minha têmpora.

— Eu embaralhei as balas aqui, então... — Ele está ansioso. Deus, por que não me reconhece? Por que ele não volta ao seu estado normal? *Eu sei que Daemon jamais faria isso.* — Você pode morrer no primeiro tiro ou... no último. — Ele ri.

— Olha o que você está fazendo! Nunca vai se perdoar quando perceber. ME SOLTA! — Minha voz ressoa em um grito alto e agudo. Tento sacudir a cabeça, mas tudo que eu faço é sentir alguns fios se arrebentando em meu couro cabeludo ao medir a força dele com minha vontade de sair daqui. — Você *precisa* voltar! — Sem remorso, ele posiciona a arma na lateral de minha cabeça e aperta o gatilho, que está vazio. Assim que ouço o clique, eu me assusto.

Ele realmente apertou o gatilho.

Ele realmente vai me matar.

— O que houve? Achei que me amasse... ou no mínimo desejasse.

— Você não é *ele*! — respondo, ordinária.

Alessandro gira o carregador, usando a perna como apoio. Ele o fecha, alinhando-o novamente, e posiciona a pistola mais uma vez.

— Eu sou, *acredite*. Não consegue perceber isso agora, mas irá! — exclama, imponente e tão confiante que me causa medo. — Será que você é uma garota de sorte?

— O QUE VOCÊ QUER? — grito, novamente. — Eu... eu dou a você... o que quiser...

Minha perna sangra e o pequeno ferimento não está nada bonito.

Encarando o chão, procurando por algo que possa me dar a menor chance ou possibilidade de ter mais tempo, vejo que próximo da porta, na parte de trás, há um balde de tinta vazio, e eu preciso que seja algo afiado, caso contrário ele vai alinhar a bala certa no carregador e finalmente enfiá-la dentro da minha cabeça.

— Nem se você quisesse, poderia. Não pode haver bastardos dentro da Cosa Nostra. — Ele posiciona a arma em minha têmpora outra vez.

— Do que está falando?

— Nada que você precise saber. — Seu dedo roça no gatilho e ele aperta mais uma vez, mostrando a ausência da bala. Com a onda de adrenalina, aproveito o impulso para me jogar perto da porta, agarro o balde e parte de meu cabelo desliza por sua mão, mas ele ainda agarra firme os fios.

Puxo o balde até que uma das chaves de fenda esteja entre meus dedos, viro-me, magoada, e tento cravá-la em seu ombro. Sua mão grande tampa todo o meu campo de visão, recebendo o furo bem no meio da palma. Ele me larga quando grita, não de dor, mas de raiva.

O tempo que ele usa para retirar da mão o ferro introduzido em seus dedos é o tempo que uso para abrir a porta e correr.

— Socorro! Por favor, ajuda! — O meu berro é abafado pela chuva. Desço pelo corredor no instante que vejo as escadas, mas estou tão apressada e tão afobada que meus pés não conseguem fazer um movimento certeiro e seguro. Em algum momento, tropeço e desabo pelos degraus até o térreo. Meu corpo cai em um baque tão forte que, em alguns segundos, eu era capaz de sentir tudo e agora não sinto nada, embora, antes de chegar ao chão, eu consiga enxergar pela janela o carro executivo que Daemon ou Alessandro costumam usar para os afazeres oficiais, só que não é Mattia que sai dele, e sim outra pessoa.

Dante.

Meu rosto se choca contra o chão, e minha última visão é dos sapatos de Alessandro no fim da escada.

De um lado, alguém que pode me salvar, e do outro, aquele que quer me dar um fim de alguma forma, seja lá por qual motivo ele julga ser o certo.

Se Alessandro está aqui, para onde terá ido Daemon?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 17

Dualidade distinta

ALESSANDRO CONSTANTINI

Uma camisa de força e um quarto branco.

É exatamente isso que ganho por tentar fazer o certo. Jezebel já sabia de fato quem eu era. Não houve muitas formas de premeditar que isso não iria acontecer. Fiz-lhe uma promessa: se não se juntasse a mim, não se juntaria a ninguém.

Demorei a cumprir e falhei quando deveria ter tido sucesso. A fome pela caça não me permitiu fazer dela uma mulher morta com rapidez, mas não nego que ela é uma graça correndo de mim. É sempre um prazer vê-la me evitar, embora aqui esteja eu, um homem... *inevitável*.

Minha cabeça está latejando, pulsando como se um coração bombeasse os neurônios no lugar do cérebro.

A pequena freira desmaiou ao cair no chão. Dante, ao entrar, acertou um tiro em meu pé, assim que pisei no terceiro degrau. O tiro me fez desabar pela escada e, quando eu finalmente estava em um lugar que não me pertencia, *o chão*, recebi uma coronhada que nublou todos os meus sentidos.

A sede de matar Jezebel foi maior do que a coerência de meu raciocínio, e com este déficit de atenção, estou preso como um louco em um quarto branco.

Consigo sentir minhas costelas nas laterais do corpo, devido ao quão apertada está a camisa, que, não importa a força que eu faça, continua imóvel.

A porra da minha cabeça dói e eu não gosto disso.

O lugar está frio e a claridade me incomoda, pois gosto do escuro.

A porta à minha frente é aparentemente pesada, mas por uma pequena janela, que não tem mais de vinte centímetros quadrados, tenho uma visão parcial do lado de fora, e se bem conheço esse lugar, parece ser os fundos do salão de confraternizações da mansão.

Eu me ponho de pé e não me recordo da última vez que enfaixei algum lugar do meu corpo por causa de um tiro, mas para tudo há um retorno.

Ao me aproximar, ouço a discussão. Mattia vem andando de costas, como se estivesse impedindo Dante, que vem logo depois, de tomar alguma decisão acerca da porta que me tranca aqui dentro.

— Ele precisa ser solto. — O Conselheiro de Lucius tem a postura relaxada. Seu nervosismo inexistente e paciência demasiada que me faz duvidar se ele realmente sabe quem está dentro da camisa de força.

— Você não entendeu que ele não pode ser solto? Que ele é uma ameaça? — Mattia Santino está perplexo. Não preciso ver seu rosto para saber disso, pois sua voz injuriada diz muito mais.

— Independentemente de ser uma ameaça ou não, ele ainda é o *Capo* e você está um degrau abaixo dele — o homem retorna a falar.

— Você lhe deu um tiro no pé — Mattia afirma.

— Era isso ou ele mataria uma segunda *esposa*.

— E ele ter tentado matar Jezebel já não é motivo o suficiente para estar trancado lá?

— Vamos perguntar para ele sobre o motivo dele ter tentado matar Jezebel. — O amigo de Daemon me encara, solene. Sabia o tempo todo que eu estava aqui e não se importou; Ele não sente medo e isso me incomoda. É disso que vive minha imponência: o medo das pessoas.

— Mas que porr... porra... — Meu Conselheiro se vira e me encara. Um vidro fino separa nós dois.

— Vejo que temos um impasse entre vocês dois — murmuro, encarando Dante no fundo dos olhos. Ele não cede à minha fixação, sequer pisca.

— Você está errado, não existe um impasse, mas Mattia, como vê, quer entender o motivo de você querer cancelar "diretamente pela raiz" seu compromisso com a noiva. — Embora as palavras soem irônicas, Dante não as está usando comigo. Ele parece estar mais entediado do que qualquer outra coisa.

— Dante, você só pode estar brincando.

O fato de Jezebel estar grávida não me faz idiota a ponto de contar isso a eles, mesmo que já tenha tido uma motivação anterior para promover sua morte. Agora, além da promessa que fiz, há o fato de ela carregar um filho que pode manchar a reputação da família, que vem sendo filtrada e mantida por tantas décadas.

— O compromisso foi feito por Daemon e não por mim. Jezebel não tem qualquer tipo de honra para carregar o meu sobrenome. — Ergo as sobrancelhas na tentativa de explicar algo óbvio. Se Adriano estivesse vivo, ele jamais permitiria que uma mulher como ela se casasse com seu sétimo filho.

— Abram a porta — o conselheiro de Lucius exige a três dos soldados que estão no lugar.

Um resquício de felicidade vibra em mim.

— Não — Mattia se impõe.

— Ele é o *Capo*.

— Ele não vai sair — impõe mais uma vez.

— Eu não disse que ele iria sair. Eu que irei entrar. — Santino arregala os olhos e me encara, à medida que dou meus passos para me afastar.

— Eu não vou te tirar daí de dentro se... — Ele é interrompido.

— Não seja imbecil. Alessandro ou Daemon podem ser violentos, mas não são deuses para conseguir o impossível dentro de uma camisa de força. — Um dos soldados destranca a porta, temoroso. Dante põe uma das mechas de seu cabelo atrás da orelha e coloca o primeiro pé dentro do quarto branco.

— Espero não me arrepender disso. — Mattia suspira.

Faz um leve bico balançando a cabeça positivamente, encarando os quatro cantos do quarto, no qual há apenas uma cama e uma privada. Os homens atrás dele fecham a porta e posso ouvir o som da tranca sendo girada para nos prender aqui.

— Lugar interessante. — Ele cruza os braços e alinha seu corpo cem por cento virado em minha direção. — Eu me pergunto o que é preciso fazer para alguém vir parar num lugar como esse?

Deixo uma risada escapar.

— Tenho a impressão de que você sabe. Um homem de fé sempre sabe de tudo, não é isso que você costuma dizer? — Dante concorda. — Então quem deve pedir bênção a quem? — Ele sabe que estou me referindo ao fato de ele, que embora seja um *Consigliere*, também ser um padre.

— Não acho que você tenha fé para isso, *Alessandro*.

— E você tem? — Não consigo qualquer resposta quando tudo o que ele faz é me encarar. — Precisa ter, para acreditar que vai comer a noiva de Lucius algum dia.

— Posso lidar com isso melhor do que você, que acha que vai conseguir matar a própria noiva.

— Quem acredita sempre alcança. — A conversa toma um rumo sem pé e sem cabeça. Estamos apenas jogando palavras fora, mas sei que o Conselheiro de Lucius não dá ponto sem nó.

— Você já teria alcançado, se quisesse. — Dante caminha pelo quarto, passando a ponta dos dedos na parede.

— Até que esse lugar é interessante. — Estou saindo por baixo, no subterrâneo. Minha posição não é favorável para abrir a boca e discutir agora.

— Espero que isso seja verdade, porque é daqui que você vai ver a Cosa Nostra ruir. — Sua contestação me impacta. A *Omertà* jamais ruiria comigo no poder. Sou sinônimo de resistência, força e respeito, então por que ele diz isso? Dante não é o tipo de homem que joga sujo, nem mesmo com o inimigo. Um defeito? Ser sincero. Uma qualidade? Ser sincero. — Então pergunto a você: qual o seu real propósito? Daemon aprendeu um pouco comigo, mas você? Acho que não.

A certeza de que Daemon nunca poderia voltar me deixou confortável o suficiente para agir com sadismo, quando era necessário agir apenas com o dever. É sempre bom alimentar o ego, e a violência extrema alimenta o meu.

Ao tentar matar Jezebel de forma tão lenta, eu apenas fiz uma enorme bagunça.

— Egocentrismo, padre? Achei que fosse um pecado. — Se eu estivesse, ao menos, com minhas mãos soltas, eu poderia tentar matá-lo. Não seria difícil.

— Pensando bem, adorei esse quarto. É a sua cara. É exatamente para delírios feito você que ele existe, não é? Ou então não envergonharia o nome do seu pai dessa forma, *Capo*. — Minhas mãos pulsam, tremulando meu corpo desde as laterais do meu tronco até a nuca. *Filho de uma puta*.

— Cala a boca! — A contestação deixa minha garganta em um rugido baixo. — Eu sou exatamente o homem que Daemon deveria ser.

Dante Barbieri balança a cabeça.

— Não. Você é a sombra de Daemon. É só um mísero pedaço de insanidade e traumas tentando tomar um lugar que não te cabe e, se seguir tentando, vai levar as duas partes para o

fundo de um caixão. — Ele está mentindo. Daemon é a parte mais fraca. Fui cultuado como um deus pelos soldados da Monarquia, fui temido pelos homens e fui estimulado a ficar na luz a todo tempo. *Dante mente. Dante precisa estar mentindo.*

— Estes foram os meus feitos, o sangue de Fabbri corre em minhas mãos. Este é o lugar que me cabe. — Meus dedos se dobram quando fecho as mãos em punho.

— Cabe mesmo? — O conselheiro solta um breve sorriso. — A maior prova de que não te cabe é você estar aqui dentro, porque Daemon estaria lá fora. — Minhas palavras simplesmente não saem, a mistura da dor que sinto dentro da minha mente com a frustração de não poder enfiar meus dedos dentro de seus olhos e perfurá-los faz com que os músculos dos meus braços, dentro da camisa de força, enrijeçam. — Dario resolveu atacar algumas bases na Sicília. Levaram alguns carregamentos de cocaína que seriam destinados a outro lugar. O Conselho está desesperado e pedindo uma audiência, mas sabe o pior? Não há um *Capo*. Tem noção do tamanho do problema? — Meus dentes rangem. — A *Omertà* está há mais de vinte e quatro horas sem um Don, vamos ver quanto mais ela aguenta. Se você soubesse o caos que está lá fora... daria um jeito de se comportar ou deixar que Daemon venha à luz para resolver a confusão.

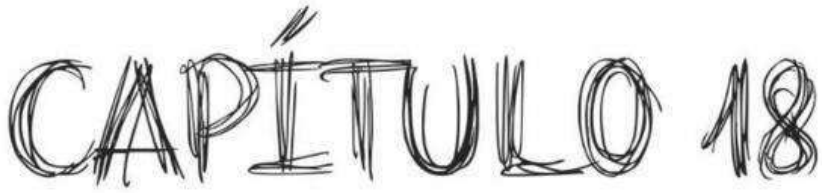
— Você está mentindo.

— Se é nisso que você prefere acreditar, sem problemas. Eu tenho a semana inteira. Lucius vai gostar de saber que a Sicília está sem um *Capo*. Quem sabe, assim, pode tomar o tráfico de influência e de cocaína na cidade? Vamos aguardar pacientemente.

Desgraçado. Dentre centenas de alternativas, qual tenho agora?

A destruição, que tanto plantei estar vindo de Daemon, acaba sendo instalada pela minha ausência. Soluções precisam ser tomadas e, em se tratando da Cosa Nostra, desde que seja resolvido, precisa ser de comum acordo.

OceanofPDF.com



Um brinde à desgraça



Algum momento da infância...

Estou dentro de um banheiro, encarando minha imagem em frente a um espelho sujo de beira de estrada. O posto de gasolina deveria estar abandonado, mas alguns associados que fizeram besteira resolveram se refugiar nele.

Estou na minha segunda execução.

A primeira foi um fiasco. Embora tenha treinado muito e tenha uma ótima experiência de pontaria em campo, o nervosismo me fez usar mais do que quatro balas para atingir uma área vital da vítima.

Adriano está lá fora, matando os pais, enquanto um menino de pouco mais de quatorze anos aguarda para ser morto por mim.

O *Capo* da Cosa Nostra veio especificamente para uma execução, o que nunca acontece, exceto por hoje, porque é seu filho quem recebeu a ordem.

Ao abrir a porta, há seis homens próximo aos galões de gasolina. Adriano tem a mão no bolso enquanto me encara. Fui ensinado a cumprir as ordens de meu pai apenas pelo olhar, e o

dele, nesse momento, diz que preciso ser mais rápido, já que todos acabaram seus feitos.

— Demorou, Alessandro. — É, este é meu nome. É assim que ele me chama.

Nunca matei alguém tão jovem.

Ele deve ter quase a mesma idade que eu.

Seu rosto está vermelho e, pela respiração acelerada, ele sabe que vai morrer.

Eu não me importo agora.

Na verdade, já não me importo há muito tempo, mas a feição dessa vítima me faz refletir: por que ele precisa pagar pelos erros do pai, se sequer participou de seus raciocínios e decisões?

A arma está fria entre meus dedos.

A Beretta 9mm estala por dentro, tão afoita quanto Adriano. As munições da Cosa Nostra são benzidas antes de entrarem no carregador de aço, para assim dizer que suas vítimas são perdoadas pelo pecado de traição, mas, em troca, *precisam morrer.*

Andando alguns passos, logo estou na frente dele, que espera sentado.

De seu nariz, um filete de sangue fresco continua escorrendo, até que ele o aparta com a manga do casaco azul antes que chegue aos lábios.

Encaro a pistola em minhas mãos mais uma vez, mas quando volto minha atenção para o menino, ele está em cima de mim de repente, agarrando-me pela cintura, levando-me diretamente para o chão. Sua mão acerta meu queixo e minha arma cai no chão, *destravada*.

Nenhum dos soldados, ou mesmo meu pai, se mexe um centímetro sequer. Um futuro *Capo* que não sabe se defender de uma criança não merece o trono que lhe é prometido desde que

nasceu, e antes que este me seja dado, é uma missão dária provar que eu o mereço, mas, nesse exato momento, estou fazendo o extremo oposto diante de meu pai.

É a minha vida ou a dele.

Agarro seus cabelos dourados e bato com sua cabeça no chão. Ele não desacorda, mas é neutralizado por alguns segundos, até que eu ponha a arma a ponto de bala e dispare erroneamente em seu ombro.

— Seu merda! — o menino grita e cai no chão. O rosto do meu pai não expressa qualquer emoção e, embora ele tenha me ensinado a fazer o mesmo, sei que estou assustado. — Eu posso morrer, mas espero que você veja o meu rosto todas as vezes que se deitar.

Era isso que eu pensava, mas o *Sottocapo* de meu pai me prometeu que todos ficam iguais depois da décima morte e o que antes parecia ser um martírio, torna-se uma simples tarefa.

— Por que já não o matou? — Adriano questiona. O chão está se enchendo de sangue quente. A vítima ainda está entorpecida e estou ainda controlando a minha respiração. Não porque estou cansado, mas porque, de alguma forma, o ataque repentino me desestabilizou.

— O alvo está controlado. Ele não consegue atacar de volta! — Antes que eu empunhe a arma, meu pai puxa o cano da Beretta e acerta no meio da testa do menino, cuja mão se arrasta pelo peito. Segundos se passam até que seu corpo entenda que já não existe mais vida para lutar.

— Agora, ele está controlado.

— Pai... — Minhas palavras se escondem na garganta quando ele volta a ponta da pistola para mim e desfere um tiro no meu ombro.

Meu primeiro tiro.

Não de um inimigo, de um sócio ou de uma vítima, mas do *meu pai*.

Sinto a bala abrir espaço na gordura do ombro, depois na carne, como um pedaço de ferro quente que me impulsiona para trás com o impacto e faz com que meus ossos vibrem, a ponto de eu precisar apoiar o pé no chão para não cair para trás.

— Meu Deus! — Praguejo. Minha mão vai até o ferimento automaticamente. Minha blusa não demora a se molhar.

— Me diga, você consegue erguer sua arma? — Embora a entonação de sua voz soe como uma pergunta, sei que é uma ordem. Eu o faço. — Agora, venha andando até mim. — Minha cabeça está uma confusão. Ando até ele, respirando firme, como se o tiro não fosse nada, mas a quem quero enganar? Cada célula do meu corpo só quer que a dor pare.

— Sim, senhor.

— Agora, me diga, você está neutralizado, Alessandro? — Entendo o ponto ao qual quer chegar e o motivo do tiro em meu ombro.

— Não, senhor.

Ele sorri, acendendo o cigarro.

— Então quando eu disser para neutralizar alguém, *o faça*. Nunca pegue nesta maldita arma se não for para matar alguém, entendeu?

Essa é uma ótima maneira de ensinar à moda *Omertà*, pois, depois deste erro, não haverá nenhum outro.



Jezebel Salerno, dias atuais.

Desperto devagar. Meus dedos tateiam pelo lençol sobre a cama, até encontrarem o cobertor. Dentro da minha cabeça, está um silêncio que há muito não experimento. Minhas pálpebras

estão pesadas e meu corpo, dolorido. ´R como se um prédio de vinte andares tivesse desabado sobre mim.

Estou no meu quarto, *no chalé.*

Meus olhos estão ressecados quando roletam devagar pelos móveis, e então para a imagem de Mattia sentado na cadeira, despertando. Eu podia jurar que, alguns minutos atrás, ele roncava; ou talvez tivesse sido apenas um dos vários sonhos que tive.

— *Bel.* — Algumas meninas me chamavam deste apelido no convento, e eu nunca gostei, até ouvir Mattia usando-o.

Os últimos acontecimentos vêm à tona.

Alessandro.

— Cadê... ele... — murmuro, experimentando um pouco da realidade.

— Como está se sentindo? — A palma de sua mão repousa em minha testa, ele me avalia por completo, mas não estou preocupada com isso agora. Sinto-me bem o suficiente para estar viva.

— Cadê Daemon? — Minha preocupação é outra agora.

O *Consigliere* abaixa a cabeça por alguns segundos e esfrega o rosto.

— Não sei, mas Alessandro está em uma camisa de força no segundo quarto branco da mansão. — Meus olhos arregalam-se. Então, realmente, era ele.

— Você disse que era impossível ser Alessandro.

— Eu não sabia e jamais iria te expor, se ao menos desconfiasse. — Suas duas mãos massageiam o cabelo para trás, aliviado por ter evitado o pior, mas, ainda assim, um remorso enorme por não ter percebido antes transparece em sua expressão. Como posso julgá-lo se nem mesmo eu, que me deitei com Daemon, soube diferenciar com certeza, mesmo que a desconfiança sempre andasse de mãos dadas com o juízo? —

Droga, se Dante e eu não tivéssemos voltado, você provavelmente estaria morta.

A ideia faz meu corpo se arrepiar. Acredito que ainda me falte muito amor-próprio, mas a ponto de deixar-me ser morta, *jamais*.

— Por que... Por que voltou? — pergunto.

Um vinco se forma entre as sobrancelhas escuras dele.

— Esqueci as moedas de prata para carimbar o documento na biblioteca, *sorella*. Quando saí do carro, os soldados disseram que Daemon estava perseguindo você do quintal até dentro da casa... — Ele dá uma grande pausa. — Eu sei que você não fugiria, como fez no passado, apenas se tivesse motivo e, bom... eu estava achando Daemon muito estranho. Foi violento com Saliu e matou um dos *Caporegimes* do Conselho. — Ele me encara. — As pessoas respeitam o *Don*, Jezebel, e ele nunca precisou de violência para que elas entendessem isso, mas ultimamente... tem sido impossível.

— Eu venho desconfiando há dias. Fiquei com medo de... *estar ficando louca*. — E, de fato, a minha loucura não era nada mais, nada menos, que o meu sexto sentido, alertando-me.

— Quando cheguei, você estava jogada no chão. Dante conseguiu abater Alessandro e um médico veio te examinar. Parece que foi só um tombo, não quebrou osso algum. — Mattia ri. — Se tiver sinais de tontura ou dores, me avise. — Aceno com a cabeça. — Como se sente?

— Então é isso? Daemon se foi? — Esse era meu medo, mas, ainda que eu negue, se ele ter partido for uma certeza, a minha chance é essa, pois sei que o Conselheiro do *Capo* jamais me obrigaria a me casar com ele nesta situação.

— Ainda é cedo pra dizer e...

Eu o interrompo:

— Cedo? Alessandro está há semanas na cabeça de Daemon e você ainda me diz que é cedo para dizer? Já se foram os

momentos que eu acreditava em tudo o que você dizia, Mattia.

Ele levanta as sobrancelhas. Sinto uma pontada de dor no ventre.

— Está me acusando de mentir ou de ser desleixado com a sua segurança?

Suspiro em um desgaste emocional que não consigo mensurar.

— Alessandro disse “Daemon está queimando no inferno”. Isso é motivo o suficiente para cancelar o casamento e me deixar livre. — Tiro a coberta das pernas, mexendo os dedos e me preparando para levantar-me.

— Jezebel, é impossível.

— É totalmente possível, você acha que eu...-

Sua voz sobe o tom e não me dá qualquer chance de continuar.

— A notícia do casamento já foi divulgada. Sua foto já está correndo por toda a Itália. Cada associado, cada pessoa que transita e sobrevive da energia do submundo que é essa metrópole, abaixo da política na Sicília, já sabe quem você é. — Seus olhos estão fixos nos meus. — Você estava no noivado. Acha que não perceberam que Daemon não está se casando por dever?

— E por qual outro motivo ele está se casando comigo?

— No fundo, você sabe, mas vai ter muito tempo, após o casamento, para entender do que eu falo. — As pessoas tiraram os dias para falar em enigmas, como se eu fosse uma espécie de matemática que facilmente resolve contas e problemas quando, na realidade, estou à procura de alguém que possa somar as contas da minha vida.

— Então você está me dizendo que...

— Que você não pode sair daqui. — Mattia segura minha mão em um gesto que busca demonstrar carinho, quando seu

olhar é de medo. — Escuta, vou dar um jeito.

— Não há jeito para Alessandro.

— Mas vou encontrar um e... – A porta do meu quarto se abre sem qualquer tipo de educação. Dante surge por ela, com seu sobretudo preto e um palito nos dentes, ao lado direito da boca. Ele me encara com desdém. — Não sabe bater?

— Não podemos deixá-lo daquela forma. Se qualquer um do Conselho encontrar Alessandro lá dentro, ele vai ser executado e, se não aparecer na reunião do Conselho, de qualquer forma vai ser *um inferno*. — Dante não me pareceu ser um homem sem educação quando o conheci no monastério de Lucius. Sequer me deu um bom-dia ou perguntou se estou bem, depois de quase ter sido assassinada pelo homem que será meu marido em breve. — Além do mais, ele ainda é o *Capo* e o tratamento de camisa de força é indigno.

Mattia se levanta e se põe em postura ereta com um rompante sério que nunca vi.

— Esta Monarquia não lhe pertence. Se está em terras sicilianas é porque eu permiti, enquanto o *Capo* não é capaz de ditar suas escolhas, portanto não se comporte como se o *Consigliere* de Daemon fosse você.

— Eu poderia fazer muitas coisas agora... — o Conselheiro de Lucius murmura.

— Tente e vai ver como os soldados da Cosa Nostra são certeiros quando têm uma arma na mão — Mattia o ameaça de volta.

— Faça um acordo com Alessandro — o homem sugere.

— Impossível. Você não o conhece — Santino atesta.

— A *Omertà* vai ruir e, mesmo que seja um louco dentro daquele quarto, sem ele, isso vai ocorrer muito mais depressa. — Dante não está errado no que diz. Ainda que o Conselheiro do *Capo* seja um homem de destreza incomparável, ele não é o líder. — Vou aguardar por você lá fora. Deixarei que pense.

O Conselheiro me encara mais uma vez e, mais um pouco, eu poderia jurar que ele iria revirar os olhos. O homem nos dá as costas e parte para a sala.

Tiro a perna da cama, sentindo o formigamento no pé suavizar até sumir de vez. Ao encarar o colchão, há uma pequenina mancha de sangue nele.

Ao menos uma notícia boa, a regra do mês acaba de chegar. Mattia a encara na mesma hora que eu e, pela primeira vez, vejo-o envergonhado. Ele fica de pé, dirigindo-se para a saída do quarto. Antes de sair, diz sem me olhar:

— Vou pedir que... Marta traga um absorvente. Qualquer coisa, peça a ela para que me chame.

— Obrigada... — digo.

OceanofPDF.com



TERCEIRA TROMBETA

E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas. — Apocalipse 8:10

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 19

O primeiro fôlego

DAEMON DEMARCO

Este é outro daqueles sonhos.

E por agora, já nem mesmo vontade tenho de atravessar este corredor, quando tudo que encontro do outro lado são coisas que me moldaram no passado e me trouxeram até aqui.

Eu me sinto estranho, como se estivesse flutuando, mas meus pés ainda estão presos ao chão. Ouço gemidos que vêm de tantos lugares que é difícil discernir suas origens exatas. É noite, como sempre, mas ao chegar à sala na qual estou, entre a porta de saída da mansão e a escada para o segundo andar, escuto um rangido de cama, sabendo agora que o som não vem de fora, e sim de dentro deste lugar.

A cada passo que dou, o meu corpo se arrepia.

É uma mistura de fumaça com sereno e, mesmo que o sangue corra depressa por baixo de minha carne, aquecendo meu corpo, meus pelos se eriçam pelo frio externo, como um choque térmico estranho e que não me agrada.

Mais um degrau e o som aumenta. São gemidos masculinos.

Meus pés se arrastam pelo carpete do segundo andar e, nesse momento, eu entendo que o som angustiante vem de meu

quarto. A porta está entreaberta. Sinto algo no estômago, como uma dor causada por fome, porém é mais aguda.

A cena que encontro, quando meus olhos passam pela brecha, só me faz querer furá-los, para nunca mais ver qualquer imagem à minha frente. A ideia de que essa tenha sido uma das muitas vezes que minha irmã foi quebrada me faz querer ser incapaz de imaginar como foram todas as outras.

Alessandra está sobre Dario, muito mais nova do que da última vez que a vi, talvez isso tenha acontecido assim que foi extraída de Pavia. Ela chora em uma combustão tão grande que se engasga no próprio choro. Sua pele inteira esta roxa, bem como seu olho direito, que mal se abre de tão inchado.

Então Dario Martino sorri e, enquanto ele a auxilia a cavalgar em seu colo, alisando seu rosto, na tentativa incessante e inconsequente de enxugar as lágrimas infinitas, ele diz:

— Não chora, papai vai cuidar de você. — E isso só a faz chorar ainda mais.

Isso deve ser um sonho.

Maldito sonho que não cessa, não acaba, apenas expande-se.

É a porra de um sonho, porque sei que Alessandra desconhece que o homem que fodeu com sua vida é seu próprio pai.

— Não... — ela sussurra.

Ele enrola o dedo em uma de suas mechas loiras.

— Vou cuidar de você melhor do que seu irmão teria cuidado. — Meu ódio explode e agora, mesmo que seja em um sonho e meus passos estejam lentos, eu preciso tirá-la de lá, explicar-me de alguma forma, fazer com que ela entenda que sempre achei que estivesse em segurança.

Eu jamais a teria deixado lá, se soubesse da possibilidade de Dario pôr as mãos nela.

Ao correr até eles, minha tentativa é de agarrar Alessandra pelo braço, mas um enorme vão se abre onde eles deveriam estar e, em mais uma das centenas de vezes que caio no limbo, eu me deixo levar porque não há no que me agarrar, a não ser a parede sólida que me rodeia.

Finalmente encontro algo duro e o cheiro de terra molhada me mostra que é o chão. Sinto-me consternado por não conseguir controlar as cenas que passam diante de mim, como um filme. Viram fumaça e simplesmente me afundo em algum líquido, que ora é sangue, ora é água salgada.

Tenho uma arma em mãos, a mesma Beretta desgraçada que me baleou pela primeira vez. Pelo tamanho dos dedos, sei que é meu corpo quando era apenas uma criança. O Daemon que Alessa levava para o chalé segura a arma, muito mais novo do que deveria, mas há um lago à minha frente e do outro lado da margem está a minha versão derradeira, a que deu certo aos olhos do mundo, embora tenha sido o maior erro que Adriano pôde criar. Seu terno branco alinhado demonstra rudez.

Eu me questiono, se eu tivesse matado algumas atitudes na infância, Alessandro existiria agora?

Estou em um sonho no qual tudo vira pó e as possibilidades se multiplicam a cada segundo.

Com as duas mãos pequenas e com toda a falta de destreza, viro o cano da arma para minha barriga, com dificuldade. Sinto o gelado do metal, mesmo com uma fina camiseta de algodão protegendo minha pele. O gatilho soa e, segundos depois, um tiro é dado.

Eu não sinto absolutamente nada, mas, ao encarar o outro lado do lago, um enorme ponto vermelho começa a tomar o terno de Alessandro.

Seu rosto configura dor e o meu, ao vê-lo ruir ao menos uma vez, desde os infindáveis dias que aqui cheguei, apenas alegria.

Desejar que ele vá para o inferno é acompanhá-lo até lá.

Sinto a fraqueza abrupta me tomar. Meus joelhos cedem e eu estou face a face com meu reflexo na água. Mesmo sabendo que sou apenas uma criança nesse sonho, não é o rosto infantil que reflete bem diante de mim, mas sim ele... *ensanguentado*.

— Você não vai sair — ele murmura enquanto mãos surgem de todos os lados, por dentro do terno completamente ensopado de sangue, e o puxam pelo pescoço.

— Onde eu... eu... — Ele ri.

— Essa é a *nossa vida*. — Alessandro aperta os olhos, um ato que parece ser dificultoso, mas respiro fundo quando meus braços cedem e finalmente caio dentro da água gelada.

Meu corpo flutua e rodopia. Sinto calafrios, a escuridão consumindo cada canto da minha consciência. Então o que antes era a mais absoluta sensação, torna-se algo concreto quando, aos poucos, vou sentindo as pernas e os braços atados ao meu corpo, bem como meu pé latejando.

Quando finalmente abro os olhos, parece que nadei durante horas, uma vez que meus pulmões nunca precisaram de tanto ar como agora.

O quarto é branco. Eu o conheço, é a prisão neutra dos fundos da mansão.

Mas qual a confirmação que tenho de que este lugar também não faz parte de algum sonho macabro? Estou preso, não consigo movimentar os braços, já que este inferno de camisa me impede.

É tão real.

Encostando o dorso na parede, eu me ponho de pé e caminho até a porta. Pela pequena janela que está aberta, vejo três soldados me encarando do lado de fora. O som da chuva lá fora é forte, das árvores também, e tudo balança.

É tão real.

— Ei... — Os soldados se entreolham e voltam a assumir a postura rígida de antes, mas diferentemente de todos os dias que

estive por aqui... *eles me olham*. — Me respondam. Onde está Mattia?

— O Conselheiro volta em breve. — A falta de informação e respeito dos homens à minha frente para comigo me cheira a algo muito errado.

Se essa merda não for um sonho, por que estou dentro de uma camisa de força?

Puxo a cabeça para trás e a empurro com toda força contra o vidro da janela.

Minha testa se corta com os estilhaços do vidro, e então sinto o filete de sangue descer por ela, vagarosamente, desviando-se pelo côncavo dos olhos, até que rodeie o nariz e passe pelos lábios, enquanto meus sentidos se aguçam e eu possa realmente atestar que, dessa vez, não é a porra de um sonho.

Ouço passos apressados do lado de fora, que se aproximam após algum tempo. A pequena *decina* que acabou de me responder olha em outra direção que não consigo ver agora.

Mattia surge, com os olhos arregalados.

A sensação é de acordar de um longo sonho.

— Mas que merda você está tentando fazer? — Por que usa a ignorância dessa forma? Ele não parece estar surpreso com o fato que estou no quarto branco, mas, sim, por a minha cabeça estar machucada.

— Me tire daqui agora. Por que estou com a droga de uma camisa de força? O meu pé... — Ele dá curtos passos, com a sobrancelha arqueada. Os olhos pequenos que se cerram, à medida que me encara. — Por quanto tempo eu dormi?

Meu Conselheiro encara o ferimento em minha testa com mais afinco.

— Daemon? — Sua boca se entreabre.

As informações se unem.

É tudo real.

Isso não é um sonho dessa vez, e agora tenho certeza.

— Por que está em dúvida? Abra a porta!

Mattia se aproxima, espalmando suas mãos na lateral do metal, e me encara, dolorido, ainda assim com uma esperança genuína.

— Droga, é você! — Ele põe a mão na tranca, mas algum pensamento intrusivo surge antes e o faz desistir da ideia que, de acordo com seus olhos, parece ser uma salvação. — *Não posso, não posso...* — ele murmura. Aperto os olhos quando a dor de cabeça vem, vagarosa, mas presente. Meu pico de estresse está alto, a dor por detrás dos olhos não me deixa mentir.

— Não me diga que...

Mattia abaixa a cabeça, com um sentimento tão grande de pesar que nem mesmo essa grossa porta de aço e chumbo me impede de sentir.

— Ao que tudo indica, você ficou fora por semanas, Daemon. Há algumas horas, ele estava parado aqui, na minha frente, rindo da situação. — Meu coração palpita e minhas pernas tremem. Não é o fato de Alessandro ter surgido que me causa medo, mas o que ele fez no tempo que esteve aqui. Mas como ele pôde ficar por semanas?

— Eu... ele assumiu durante o dia... — Não é uma pergunta, mas o silêncio do Conselheiro é uma resposta. — Porra, porra, PORRA! — Meus braços se agitam sob o tecido rígido da camisa, como se pudesse me libertar e socar Alessandro. Se ele assumiu durante o dia, então, de alguma forma, está tendo mais autonomia para guiar a minha cabeça do que eu. Em que momento enfraqueci? Em que momento me deixei levar, para que ele assuma uma posição que não lhe pertence? — O que ele fez? O que... *eu fiz?*

— Há dois dias, você tentou... matar Jezebel. Dante chegou e impediu, mas também... matou um dos membros do Conselho, quando desaprovaram que você tivesse matado Fabbri e seu *Sottocapo* sem a chance de um interrogatório. — Ele continua a

explicar todos os acontecimentos dos dias passados. Um a um. A impressão que tenho é de que, enquanto eu tinha pesadelos, preso dentro da minha cabeça em delírios que passavam longe da verdade, Alessandro estava aqui fora fazendo tudo o que eu passava em meus sonhos; caos e destruição sendo o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o início e o fim. — O casamento está marcado para daqui a pouco mais de dez dias. O Conselho ordena uma reunião e estou postergando o máximo que posso.

Droga. *Eu prometi que a protegeria*. E, mais uma vez, sou o motivo de asco.

— E Jezebel? — Minha pergunta é pequena, mas detém tantos significados, que mesmo muitas palavras não poderiam traduzir.

— Está com medo, Daemon, e... quer a liberdade para ir embora. — A frustração é algo irremediável, não existe exercício físico ou medicamento para a aplacar, você apenas fica parado enquanto ela te ronda e te consome. Entendi, com o passar do tempo, que nenhum lugar será seguro o suficiente, quando o maior perigo para ela sou eu.

O que eu poderia fazer para tornar sua vida melhor? Deixá-la longe disso, sem dúvidas, mas entender que estará distante é saber que talvez ela leve junto uma parte racional minha e, ainda que eu a deixe partir, vou estar sempre procurando por algo dela pelos cantos e lugares.

— Eu estou matando-a aos poucos — murmuro e Mattia ouve.

— Se a libertar, você vai matá-la mais depressa. Todos sabem que ela é sua noiva. A cabeça de Jezebel vai estar a prêmio quando ela botar os pés para fora daqui como uma mulher oficialmente solteira. — Ele não mente, eu sempre soube que seria assim.

— Existem lugares para onde podemos enviá-la — sugiro.

— Daemon, o Conselho espera que esse casamento aconteça. As coisas não estão nada bem. Embora você tenha

imposto respeito, bom, *Alessandro* tenha imposto respeito, com a última morte no meio da mesa, eles não estão felizes com o seu governo. Você precisa ser sábio agora.

— Você está sugerindo que eu ignore o fato de que agora Alessandro pode sair a qualquer hora, querendo matar Jezebel, e continue com o casamento? — A sugestão dele não é coerente, tampouco segura. É estranho, há tanto tempo que não me preocupo com a segurança de nada, que olhar para o fato de estar tentando preservar a segurança de Jezebel chega a ser cômico. O Daemon do passado iria rir da minha tentativa frustrada de proteger alguém, quando nasci apenas para matar.

— Estamos encrencados de qualquer forma; se você não tiver uma esposa, o Conselho vai enlouquecer, mas Jezebel, de todas as maneiras, vai estar em perigo se continuar aqui. — Ele tem toda razão. Existe dois pesos na balança e, nesse momento, estão empatados. Egoísmo seria expô-la a este infame erro que é a outra persona, e temo já ter batido minha cota de irresponsabilidade.

— De um a dez, o quanto estou ferrado com o Conselho?

— Vinte — ele responde, aumentando minha preocupação.

— Acho que, pela primeira vez, eu não sei o que fazer.

O silêncio sopra pela janela da cela.

— Precisa chegar a um consenso com você mesmo. — Minha sobrancelha arqueia e eu estou encarando-o com um sorriso no rosto. Mattia não é o tipo de homem que fica rindo no meio de tragédias iminentes e, a menos que ele tenha uma ótima solução, ele não o faria.

— Consenso? Não é assim que funciona. Tenho transtorno de identidade e não esquizofrenia.

— Se Alessandro escreveu cartas para você, você pode tentar fazer o mesmo. — O *Consigliere* esfrega o rosto, cansado, e não julgo. Não posso mensurar os problemas que ele segurou antes que eu voltasse.

— Eu me pergunto como você nunca desconfiou que... não era o meu lado certo convivendo com você. — Uma verdadeira incógnita. — Não sei se isso funcionaria.

— Alessandro vem em grandes momentos de estresse, certo? Mentalize todo o problema que você vai ter se não sair daqui. Dante está pela cidade, posso pedir que ele tente ajudar... — Aí está uma novidade.

— Dante? Esqueça. Já o envolvemos demais nisso — respondo.

— Tem alguma alternativa que possamos tentar? — Odeio quando, além de ele estar certo, não consigo sugerir algo melhor e com menor dano.

— E se eu não voltar?

— Se voltou uma vez, você pode voltar de novo. — Acena positivamente. Não sou um homem que tem familiaridade com sentir medo, mas o temor de perder a consciência de vez e sumir no meu próprio inconsciente está sempre presente quando descubro que, horas atrás, eu não tinha o controle do meu corpo.

— Não é assim que funciona na prática.

— Eu sugiro que a prática funcione logo. Não posso deixar você sair daí de dentro, sabendo que existe a possibilidade de que você resolva botar fogo no mundo aqui fora, Daemon.

Idealizações suicidas têm o mesmo teor de permanecer aqui sem tentar nada, e o meu leque de opções, nesse momento, é tão pequeno que não me permite pensar por muito tempo. Há uma tempestade lá fora, mas não está diferente aqui dentro.

— Por que Alessandro faria um acordo comigo?

De alguma forma, o tiro que dei em Alessandro, do outro lado daquele lago, serviu de alguma coisa para corroborar com a minha volta, mas não consigo entender qual foi o ponto exato que me trouxe de volta para a luz.

— Porque todo mundo quer alguma coisa, e você só precisa descobrir o que ele quer.

No meu ponto mais obscuro do passado, fui incapaz de sentir qualquer tipo de remorso e o único com quem eu poderia fazer qualquer tipo de acordo seria o próprio Diabo, então realmente não sei o que eu poderia fazer para conseguir um acerto com o meu eu preso na escuridão dos desejos mais profundos de meu pai.

Preciso enfrentá-lo agora.

— Mattia? — Seu nome sai suave de minha boca enquanto, dentro de minha cabeça, sigo pensando em como isso vai funcionar e que, no máximo, poderei usar as informações que tenho para um pacto no inferno, pois é para lá que pretendo ir agora. — Preciso que solte os meus braços, me dê uma caneta, um papel e uma faca. Aconteça o que acontecer, não abra essa porta até eu estar na luz de novo.

— O que vai fazer com uma faca?

— Se eu me matar aqui dentro, o assento de *Capo* é seu. — Não espero que isso aconteça, mas se tivesse que olhar para todos os homens e nomear alguém capaz de passar a Monarquia adiante, nenhum deles seria melhor do que Mattia.

— Do que está falando, porra?

— É tudo ou nada.

De fato, será, mas, para convencer Alessandro, precisarei medir o quanto sou capaz de reconhecer a mim mesmo, e essa é uma ótima maneira de testar.

— Ei, ei, ei, eu não pedi para que se matasse.

— Me pede para fazer um acordo com o diabo e quer que eu saia sem me queimar? — Solto uma risada fraca. Às vezes, ele é inocente demais. — Mesmo que não seja agora, sei que terei consequências, Mattia.

O *Consigliere* respira fundo. Ele entende que todos nós temos responsabilidades e, nesse caso, o problema foge de sua alçada. O máximo que pode fazer é usar sua fé e rezar para que

isso dê certo, porque, caso contrário, a execução não será uma escolha do Conselho, quando souber do meu quadro.

Estamos em uma bola de neve e, pela primeira vez, teremos a chance de derretê-la antes que ela derrube ainda mais pessoas.

Eu sei que o inferno é o fim de todas as coisas e é justamente nele que reivindicarei todo o controle sobre mim mesmo. Não sei quando eu o perdi, mas Alessandro tem razão: é a *nossa* vida, e eu a quero de volta.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 20

Um acordo com o mal

ALESSANDRO CONSTANTINI

Dia 1

O cansaço arria meus ombros e deixa meu pescoço dolorido. Poderia dizer que foi um sonho, mas a nova dor latente em meu ombro é a prova de que eu não estava aqui quando ela foi ocasionada.

Em minha perna, até quase a metade da lâmina, uma faca descansa, e pela forma como foi desferida, sei que não foi qualquer um que o fez, já que nesse momento consigo enxergar que a pessoa sabia muito bem onde a estava enfiando. Longe de qualquer artéria ou vaso, apenas muscular.

Meus braços estão livres e, embora isso tenha chamado minha atenção, o pequeno papel entre minhas pernas chama muito mais, porque achei que eu estava sozinho aqui, mas a grafia, que mais parece um rascunho, mostra-me que estou errado *mais uma vez*.

"Nunca pensei que passaria pela loucura de enviar cartinhas para mim mesmo. Sei que vou me arrepender disso, mas você pode morrer do mesmo tiro que eu. A faca em nossa perna mostra bem isso, fui eu quem a enfiei e, ainda que eu tenha sentido a dor inicial, é você quem sangrará até a morte.

Dividimos o mesmo corpo e se não houver um consenso, ao menos de opinião, esta será nossa casa a partir de hoje, talvez até mais uma execução em pátio público, dentro da Monarquia. Você tem propósitos e eu também, então prove-me que posso continuar enviando instruções. Três soldados vão entrar pela porta, são enfermeiros, você deve permitir que eles tirem a faca e façam um curativo.

Daemon.”

Dia 2



Acordo de um sonho e, diferentemente de antes, esse me parece ter sido muito mais rápido. Temos um bom começo, já que há uma faixa em minha perna representando um curativo. No canto do quarto, há uma bolinha de papel. O pequeno pedaço de papel com a grafia elegante está no mesmo lugar onde deixei a última.

“Já passei por coisas piores do que uma faca na perna.”

Eu me levanto, andando o mais rápido que posso até a porta. Mattia não demora a aparecer e um sorriso no canto do rosto mostra que as coisas não estão tão ruins quanto eu acreditava que estivessem.

— E então?

— Eu queria entender o que fiz para que o seu “eu” nervosinho tenha tanta raiva de mim. — Minha vez de abrir um sorriso. — Alessandro não disse nada. Os homens abriram a porta, entraram e então... fizeram o curativo.

— Só isso?

— Só? Isso é um grande avanço. — Mattia ri, coçando a cabeça.

— Eu espero que dê certo.

— Precisa dar certo — ele atesta.

Dia 3

“Temos um objetivo claro e nossa estadia estendida só vai piorar as coisas. Precisamos sair daqui como um só, porque, se souberem que nossa cabeça é dividida, iremos de mãos dadas para o inferno. Precisamos de um acordo.

Daemon.”

Dia 4

“Está pedindo demais. Aliás, sempre sei o que você pretende, mas seria monótono debater sozinho. Muito mais divertido te obrigar a escrever bilhetes.

Alessandro.”

Dia 5

Fico ligeiramente incomodado por ser o único que sofre de perda de memória ao tomar a frente nesta relação transtornada que tenho com ele.

“Estou pedindo o básico para continuar respirando. Morrer agora seria anular tudo o que foi conquistado até o momento.

Daemon.”

Dia 6

“Quero autonomia.

Alessandro.”

Dia 7

“Que tipo de autonomia?

Daemon.”

Dia 8

“Poder decidir o rumo das decisões e suas consequências.

Alessandro.”

Dia 9

“Apenas com a supervisão de Mattia, e suas ações precisam ser previamente avisadas, porque, se qualquer dedo sair dos trilhos, voltaremos para cá.

Daemon.”

Dia 10

“Tenho mais uma condição.

Alessandro.”

Dia 11

“Hoje já é o décimo primeiro dia que estamos aqui. Seja direto e poupe cartas.

Daemon.”

Dia 12

“Jezebel deve se mudar para a casa principal e, quando chegar a hora, a vida de Alessandra e Dario serão ceifadas por mim.

Alessandro.”

Dia 13

“Jezebel vai continuar no chalé, esse foi o combinado, não vou correr o risco de que você a mate e, sobre Alessandra e Dario, não vetarei.

Daemon.”

Dia 14

“Não vou passar a vergonha de ter minha futura esposa dormindo em um teto diferente. Se tivermos um acordo, eu terei minha liberdade e Jezebel certamente terá sua segurança.

Alessandro.”

Dia 15

“Minha condição é que você não toque nela, tampouco lhe dirija a palavra quando estiver na luz.

Daemon.”

Dia 16

“Feito, contanto que se lembre dos nossos planos. Não me importo que você a foda de vez em quando. Até mesmo Jesus precisou de Maria Madalena, não é mesmo?

Alessandro.”

Dia 16

“No primeiro erro, nós voltaremos para cá.

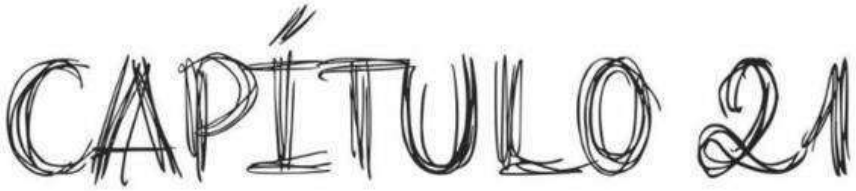
Daemon.”

Dia 17

“Estou ansioso para ver a gaiola aberta.

Alessandro.”

OceanofPDF.com



A decisão primordial



Estou em frente ao espelho agora. Não há nuvem de fumaça que me impeça de ver, minhas mãos não são infantis e eu não vejo, na inércia de meus pensamentos, pessoas que já se foram. Eu sou quem me controla, tenho a autonomia dos meus atos e, por ter feito um acordo comigo mesmo, sei que nada e nem ninguém vai me impedir.

Existe um ditado que diz: “sua maior barreira é você mesmo e quando consegue vencê-la, nada mais é capaz de segurá-lo”. E olhando agora, de uma perspectiva diferente, a única barreira que poderia me impedir está ao meu lado, ao menos por ora. Os problemas encontraram uma solução e eu apenas preciso posicionar as peças no tabuleiro para começar a jogar.

Senti falta do terno apertado.

Foram dias preso no quarto branco e então, do lado de fora, para o Conselho, preciso vestir a mentira de que eu estava enfermo durante os dezessete dias que sumi e atrasei o casamento, como ninguém jamais havia feito. Porém, fui o primeiro a estrear tantas coisas dentro da Monarquia que esse feito será apenas mais uma delas.

Jezebel.

Minhas escolhas sempre esbarram nela.

Há semanas, ela não sabe notícias minhas, mas hoje, da janela do meu quarto, eu consigo vê-la.

Ela está parada na janela da cozinha, lavando algo sobre a pia. Os cabelos bagunçados e a velha mania de tomar minhas roupas como se fossem dela ainda está presente em seu jeito. Os olhos azuis estão sempre brilhando, pois não importa o círculo de fogo em que ela ande, a esperança é algo intrínseco a ela, e acho que tem conseguido transmitir isso para mim.

Eu sinto esperança quando a vejo.

Eu sinto a mesma esperança que sentia em Alessa quando ela olhava para mim e dizia que tudo ia ficar bem, mas que tipo de homem eu me tornarei quando ceder aos caprichos de uma mulher?

Fui ensinado a ceder a esses caprichos apenas quando nos deitarmos em uma cama, pois, ao nos levantarmos com o raiar do dia, é ela quem deve ceder aos meus, portanto me pergunto: há quanto tempo venho fazendo com que ela ceda às minhas vontades?

— Eu queria que você pudesse ver a forma como olha para ela. — Meu rosto não vira. Reconheço a voz de Mattia, mas, ao encará-lo por cima dos ombros, enxergo seu semblante de pesar, como se eu tivesse perdido algo, e eu sei que cada vez que Alessandro vem e fica frente a frente com Jezebel, sou eu quem torno a perder um pouco dela.

— Olho para Jezebel como se olhasse para qualquer uma.

— Não... *não mesmo.* — Ele ri. — Você a guardaria em um vaso se pudesse. Como Alessa, que guardava as rosas que você buscava no jardim, se lembra? As mesmas que ensinou Alessandra a plantar, Daemon. — Alguns passos e Mattia está com a mão sobre um dos meus ombros. Jezebel esfrega o rosto, faz um coque em seus cabelos e leva a xícara com algum líquido

qualquer à boca. Mesmo em uma tremenda confusão, ela tenta viver um dia de cada vez, pois isso é tudo o que lhe resta.

— Isso é passado. — Respiro profundamente. Meus dedos procuram a gravata e eu o encaro.

— A Cosa Nostra que Adriano exigiu de você também é passado. O futuro é você quem faz. — Não existe nada que me dê um choque de realidade, pois a minha é o que muitos consideram a mais forte banalização. — Hoje, você vai decidir as condições da configuração matrimonial com Jezebel. Serão seus últimos dias como um solteiro.

Ele sai.

Minha perna dói. A ferida ainda está sarando e ela será uma lembrança do momento em que talvez mais tenha me aproximado da morte, mesmo sendo o ferimento menos grave que Alessandro e eu tivemos em nossa existência comum.

É bom andar pelos corredores de minha casa de novo, sabendo que a realidade está em todos os cantos para os quais olho, mas também tendo em vista que um erro trará consequências que o inconsciente não tinha.

Hoje, acontecerá o momento pelo qual esperei por muitos anos, é o primeiro passo para a formulação de uma Monarquia que tem tudo para ser muito maior do que já é, mas agora opta por respeitar as mulheres que nos trouxeram para cá.

Homens quebrados desde a infância formam bons soldados, mas sei que há alternativas de fazer com que eles sejam lapidados, sem terem que ver suas mães passarem por estupros coletivos. O quão degradantes nos tornamos ao ter essa etapa como escolha? Eu não quero ser como Adriano foi, eu não quero fazer como ele fez, assim como eu não farei de Jezebel Salerno uma nova versão de Alessa.

O Conselho está calmo assim que entro na sala de reunião. Mattia já está me esperando e Benito já ocupa a vaga de *Sottocapo* que eu soube ter sido prometida a quem conseguisse trazer Fabbri até mim.

Tudo o que antes eu queria que não existisse, no momento me dá um senso de satisfação, porque vê-los sentados à minha espera só me mostra que faço o que nasci para fazer.

— Boa tarde, cavalheiros — digo, ao me sentar sobre a cadeira. O copo de uísque me espera, mas é o de água que eu escolho. Minha mente tem se bagunçado demais para que eu também o faça com tanto álcool.

— Estou feliz em saber que você está de volta. Ficamos preocupados — murmura Nero. Ele me encara de todos os lados. Sabe sobre Alessandro e, provavelmente, Mattia tenha lhe contado que não era eu nos dias que se passaram, mas aqui estou e aquelas são águas passadas.

— Minha ausência me imputou muitos problemas, então hoje seremos breves para resolver em que pé a *Omertà* irá andar após o meu casamento. — Meu Conselheiro distribui um papel para cada um dos membros presentes, que, na verdade, trata-se de um documento especificando todas as mudanças propostas para dentro de nossa casa.

— Você vai mexer na iniciação? — Emiliano questiona, mas posso ver a satisfação e a surpresa em sua expressão facial. Ele viu sua mãe ser estuprada por quatro dias, por quatro homens, e não acho que irá querer o mesmo se o mundo resolver lhe dar uma filha no lugar de um filho homem.

— Não acho que as mulheres precisem passar por isso. É uma violação pessoal desnecessária demais — digo, minha voz faz um eco quando a borda do copo de vidro ainda está encostada em meus lábios.

— E você tem alguma alternativa para que os homens tenham sua obediência externada? — Henrico não me encara, apenas pergunta enquanto tenta encontrar divergências no documento que eu mesmo preparei.

— Vamos encontrar alguma. A disciplina é a chave — respondo.

— Você não foi criado na disciplina. Os traumas trazem força ao homem e apenas as vivências podem trazê-las à tona. — O *Caporegime* continua encarando o papel. — Pretende implantar de imediato essas *1ábulas*?

— Não são 1ábulas. São restituições às regras da casa. Não posso permitir que a futura esposa de Mattia ou Benito passe por isso. *São nossas mulheres,* mesmo que o casamento seja apenas um produto do meio, até a cadeira que nos sentamos precisa de respeito.

— Digamos que aceitemos, as regras passam a valer de agora? — Emiliano questiona.

— Essa é a intenção.

— Precisamos de um plano de contenção para os métodos de iniciação serem substituídos, então. Um que seja tão bom quanto o anterior. — Sinto surpresa. Não achei que fosse ser tão fácil, entretanto, esse é um empecilho que eu não tinha imaginado.

— O anterior não era bom, apesar de eficaz — contesto.

— Então Jezebel não passaria pela iniciação, caso o sétimo filho viesse um homem? — Henrico me encara agora. Intriga-se com a proposta, mas mal sabe ele que dela não virá um filho meu sequer. Não enfiarei crianças no mundo para serem destruídas de uma forma tão brutal.

— Não — digo apenas.

— Acho que posso lidar com isso, considerando Mattia e Benito, mas você... acho que podemos manter Jezebel como a última mulher a passar pela iniciação. Até lá, poderemos pensar em algo que seja tão eficiente quanto. — Valério e Luizio, um dos homens que também constituem a mesa, sugerem como se fosse uma grande opção, quando ela nunca foi, na verdade.

— Vocês não entenderam. A partir do momento que eu estiver casado, nenhuma mulher, de nenhum membro da Cosa Nostra, deverá passar por esse tipo de iniciação. Nossos homens aprenderão disciplina, inteligência, violência e ordem de outra

forma. — Meus dedos apertam o copo em minha mão; sei que mais um pouco e eu irei quebrá-lo. Mattia encara meus dedos vermelhos e ainda que queira se meter, ele não irá fazer isso, porque sabe que a face que visto é a da solução.

— Concordo com Valério e Luizio — Henrico se manifesta outra vez. — Se Jezebel for a última, não vejo por que não aceitar. Teremos tempo até que o próximo *Capo*, depois de você, se case novamente e até lá teremos uma solução para qual conduta seguir nas iniciações, a fim de termos um bom líder pelas próximas gerações. — Suspiro, lembrando-me do rosto de Alessa naquele quarto, lembrando-me de seu choro e do deleite daqueles que encheram seu corpo de dedos. Ela não mereceu aquilo, Jezebel tampouco merece.

— Por que apenas Jezebel? — Roletando os olhos pela mesavendo cada homem à espera de que eu bata o martelo na mesa, como o único juiz.

— Porque o próximo *Capo* virá dela. Precisamos de alguém tão iniciado quanto você. Não podemos ter a chance de falhar no meio do caminho — diz Luizio. — Você já tomou muitas decisões erradas, Alessandro. Tenha em mente que esta é a primeira das muitas certas.

— *Eu concordo* — diz um dos homens à mesa.

— *Eu também* — fala outro.

— *Eu também concordo* — falam juntos.

A violência é uma arma muito eficaz, na maioria das vezes, mas agora não posso fazer dela uma opção, já que, durante muitas oportunidades, Alessandro o fez e se eu der continuidade, transformando isso em um círculo vicioso, vou ruir sua confiança e desalinhar a balança, pois é a lealdade que funciona como um motor nesta casa.

— Daemon... — Mattia sussurra em meu ouvido. — Podemos conversar lá fora?

Eu me retiro da sala e o *Consigliere* faz a mesma coisa. Logo depois, quando a porta se fecha e a única coisa entre nós é

o silencio do corredor, Mattia solta os ombros pesados e morde a boca em um sinal de aflição.

— Ainda pretende não ter filhos? — Se ele sabe da resposta, por que pergunta?

— Isso nunca foi uma opção para mim. Minha resposta sempre foi a mesma. *Não*.

— Escuta, você não está com uma boa reputação. Aceite que Jezebel seja a última, e mesmo que você resolva viver um *casamento real* com Jezebel, já que você não quer filhos, ela faz uso de anticoncepcional, não vai engravidar. — Suas mãos apertam os meus ombros. — Vamos matar vários coelhos em uma tacada só; você aceita, se livra da iniciação envolvendo mulheres para os outros membros e ganha pontos com o Conselho. Faremos um documento pedindo segredo de informações para evitar que alguém saiba. Jezebel não vai se inteirar.

Mattia Santino acaba de fechar todos os pontos que estavam em aberto. De fato, isso é matar mais de um coelho com apenas uma tacada, mas a premonição que tenho de ditar se algo vai bem ou mal me ronda quando sei que a escolha que ele me oferece, parecendo ser a melhor, pode se tornar uma tragédia no futuro.

— Os exames dela, você pediu?

— No dia que prendemos Alessandro, ela estava menstruada. Eu mesmo tenho me encarregado de entregar os anticoncepcionais a ela. — Uma onda de alívio me engole. — A única coisa com a qual você tem que se preocupar é em fazer com que ela saia sorrindo nas fotos do casamento. Ela não quer subir ao altar.

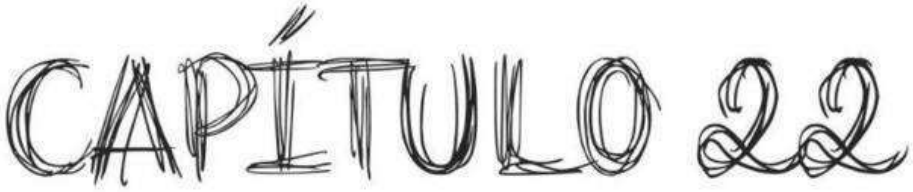
— O casamento não é uma escolha para ela. — Tenho ciência de tudo o que impus a ela, mas isso não me dá a ideia de tentar reparar. Meu velho amigo me dá um abraço.

— Eu sei que você vai tomar a decisão certa. E então o que me diz?

Este caminho oferecido é de vias estreitas, mas o chão para percorrê-lo é o mais sólido. Minha mão encosta sobre a maçaneta da sala de reuniões e sente a falta de tempo em encontrar uma solução que, a longo prazo, não demande mais mentiras ou mais problemas, porque sei que uma hora o Conselho há de me questionar o motivo de Jezebel ainda não ter um filho, e sei que vou precisar ter muito mais pulso firme do que já tive para tentar fazer dessa Monarquia uma república, pois não pretendo dar uma gota do meu sangue para as seguintes gerações da Cosa Nostra.

O legado dos Constantinis vai terminar comigo.

— Arrume um jato para o Vaticano hoje à noite... tenho coisas para finalizar lá. — A ponta de minha língua trafega pela beirada dos dentes inferiores. — E dê início aos trâmites. Jezebel será a última.



Santa enganação



Vaticano

O Vaticano é um lugar imenso e por ter uma grande rotatividade de pilares religiosos com suas nomenclaturas

eclesiásticas, como padres, bispos e outros, nem todos conhecem minha figura, mas certamente conhecem meu nome.

Não sou bem-vindo nesse lugar, mas também não sou expulso. Sabem que Arthur Casarin morreu por minhas mãos, ou melhor dizendo, pelas mãos de Alessandro, mas a Santa Sé guarda tantos segredos sujos que eliminar apenas um de sua enorme corja não é lá algo tão... sério.

Eles têm o poder mundial, mas foram os Constantinis que ergueram o seu solo sagrado de merda. Sei que, no momento que eu der o meu último suspiro, a Cosa Nostra deixará de ter uma influência tão direta.

Peter abre um enorme sorriso ao me ver e mesmo que eu não siga a doutrina cristã, é uma questão de respeito me comportar e cumprimentá-lo como tal.

— A bênção, arcebispo. — Pego sua mão, beijando-a, e Peter Novak acena com a cabeça.

— Fico feliz que tenha se lembrado de mim — diz à medida que tornamos a caminhar para a prisão da Santa Sé para padres e religiosos infratores. — Mas também estou surpreso de vê-lo aqui. Achei que já tivesse resolvido tudo o que queria com Czar Benitino.

— Há um Constantini atrás das grades por pedofilia e outros afins. Achei que me conhecesse o suficiente para entender que eu jamais ficaria sentado em Palermo vendo-o manchar o nosso nome. — E, de fato, é verdade.

— O conselho eclesiástico da Santa Sé está um pouco agitado. Descobertas de rede de pedofilia dentro das Igrejas e Catedrais nunca são casos isolados e basta um cair para levar todos os outros. — Passamos pela entrada principal, oferecendo documentos de identificação para liberação. Não que haja a possibilidade de sermos barrados, mas é um *modus operandi* pelo qual ninguém está livre de passar. — Dario não caiu.

— Mas não tem mais Catedral alguma em seu poder. Foi expulso de todas. — Eu o encaro. — O governador está morto e

Arthur Casarin, que organizava os esquemas, também foi para o mesmo buraco. O Vaticano abriu um inquérito para apurar todas as denúncias que se perderam. Está tudo se encaminhando.

— Não podemos perder a nossa influência no polo político de maior poder no mundo. Embora cada país tenha seu presidente, a cadeira do papado ainda rege qualquer lei entre os homens. Um Constantini esteve nesse trono há séculos e isso não pode mudar agora, não enquanto eu estiver na cadeira de *Capo*, Peter. — Ele sabe que é o homem a quem escolhi para substituir Czar Benitino e, ainda que ele não tenha o mesmo sangue que o meu, confio nele da mesma forma que confio em Mattia.

— Quando eu for nomeado, jamais deixarei que algo como isso aconteça, Daemon.

— Eu confio em você. — Confirmo seu voto de lealdade e sei que é sincero.

A Santa Sé paga valores exorbitantes à Cosa Nostra para a anulação de provas prejudiciais à crença de que a igreja é tão sagrada como pensam.

O homem passou décadas crendo que o divino realmente existe. Realmente acreditou que os pilares de paz mundial foram sempre sacramentados sob a igreja, mas adivinhem só? Existem muitas provas retiradas das linhas do tempo da história humana que provam que não.

Nós temos a verdade, já que fomos nós mesmo quem a fundamos, e eles nos cedem seus centros religiosos, protegidos e livres de impostos para realizar, ao longo de todo esse tempo, os feitos que nascemos para fazer.

Houve uma época que eu podia dizer que nós éramos o Vaticano, mas agora, quando tudo se estreita e eu estou prestes a me tornar um dos únicos que sobrou, não sei se essa falácia me engloba.

— Não gosto de me envolver em problemas como esses, mas... aqui está a erva que me pediu. — O comprimido que ele me entrega é pequeno, mas com um potencial de morte quase

instantâneo. — Aí dentro, há uma quantidade grande de tetrodotoxina, vai causar aos poucos paralisia muscular e então virá uma parada cardiorrespiratória. — Ouço-o engolir a saliva. — As câmeras estão desligadas e o nosso nome será apagado do histórico de visitas.

— Alguém veio vê-lo?

— Ele não tem ninguém. Você é o seu único familiar. — Aceno com a cabeça.

— Obrigada, Peter. — Reverencio-o em respeito. — Vejo você em Palermo, no meu casamento.

— Estarei lá.



Diferente de um presídio comum, as celas do Vaticano são todas reformadas em cores claras, imagens religiosas para todo o canto, enquanto a maioria das pessoas que trabalham lá internamente parecem estar fazendo mais um trabalho de caridade do que cuidando de um homem criminoso, que vestiu uma batina para cometer seus atos ilícitos com quem não conseguia se defender.

Reprimir vontades, desejos e idealizações como se fosse algo banal, normalmente costuma trazer a degradação da psique humana. Existem religiosos no puteiro, religiosos se drogando, os que matam e os que abandonam filhos, enquanto supõe-se que deveriam estar em total celibato, mas adivinha? A igreja acolhe, sendo a principal inimiga da psicologia humana quando nega que precisamos extravasar a energia mental que geramos pela frustração de não fazermos o que queremos. Precisa haver um consenso entre a moral e a ética.

As portas das celas são totalmente fechadas. Há apenas um pequeno vão lacrado, que costuma ser aberto para se ter a visão

do *preso*.

A de Czar é a última.

Uma pequena senhora me acompanha, deixando-me seguir em frente. O chaveiro em sua mão balança junto do som de nossos sapatos. Ao chegar à porta, ela a abre e sequer olha para mim, ouço apenas sua voz baixa quando me entrega o molho das chaves e dá as costas.

— Bata a porta ao sair, que ela tranca automaticamente.

O som dos meus passos chama atenção de Czar.

Ele está mais magro, abatido, alerta, e o mais importante: *ele não está surpreso.*

Solta uma risada tristonha e cansada. A porta é fechada por mim e me sento em sua cama. A cela não é grande, acredito que dez metros quadrados. No entanto, é confortável para apenas um homem.

— Eu realmente achei que... mandariam alguém. — A porta está encostada, não fechada.

— Você conhece as regras — respondo.

— *Quando um Constantini quebra as regras, apenas um Constantini pode tirar sua vida* — ele recita, mostrando ter decorado cada uma das palavras.

— Você sempre soube que Dario esteve lá — murmuro, encarando cada uma das chaves em meus dedos. Ele não é digno de um olhar meu. — Você poderia ter me alertado sobre Alessandra correr perigo, sobre todo o plano do meu pai.

— Eu tive medo. Você teria me poupado, se soubesse o que eu fiz? —pergunta, e arranho a garganta com um pigarro.

— Você nos devia lealdade.

— E eu fui leal ao seu pai — tenta se defender.

— Mas não foi leal a mim quando ascendi como *Capo* e pedi o nome do homem que permitiu a *morte* de Alessandra. Você sabia, inclusive, que ela estava viva, Czar. Ela era a nossa

família. — Eu sei que ele está arrependido, e sei que talvez tivesse sido fiel, se também não tivesse rabo preso com Arthur Casarin.

— Sua irmã... não era filha dele, Alessandro. Você não deveria ficar com raiva pela opção que escolhemos. Seu pai a abandonou lá, e o casamento dela com Dario seria lucro, sabendo que ela não tinha o sangue Constantini. Ele tinha vergonha de Alessandra e o sumiço dela apenas veio a calhar.

— E você sabe de quem ela é filha? — Essa informação sei que Dario não passaria ou deixaria que alguém carregasse para mais longe do que deveria. Czar não sabe que ele pretendia se casar com a própria filha.

— Por que eu saberia?

— Alessandra não só se casou, como engravidou do próprio pai, Czar. Ela não era filha de Adriano, mas de Alessa. Era minha irmã. — Fico de pé. Estar aqui dentro, sabendo que ele poderia ter feito diferente, me dá asco. Ele a viu crescer, correr pelos corredores da Catedral do Vaticano quando Alessa vinha aqui, mas não se importou quando Adriano resolveu descartá-la como uma embalagem vazia. Alessandra pagou o preço com maldades maiores do que fui impelido a cometer, e tudo o que posso fazer agora é ter, de alguma forma, minha vingança, punindo aqueles que cruzaram os braços. Mesmo que isso não mude o passado, me trará o senso de que não sou o homem para quem escolhem mentir.

A verdade não é uma escolha, é a única opção.

Minha mão sai do bolso, estico-a a Czar, sentado na cadeira no canto do quarto, e ofereço-lhe o pequeno comprimido.

— E o que seria isso? — questiona.

— Essa aqui é a escolha que estou lhe dando, Czar, de ser perdoado por seus pecados. — Alguns passos e estamos cara a cara. — Quando entrei no seminário, segui com dignidade a vida cristã. Fui impelido a ter fé lá dentro e saí sem um pingo dela. —

Seus olhos não piscam. — Eu poderia matá-lo hoje. Poderia causar um apagão, poderia pôr fogo na sua cela.

— Daemon, me dê uma chance de...

— Eu tenho vergonha de você. — Ponho o pequeno comprimido esbranquiçado na ponta de meus dedos, dando ênfase a algo tão pequeno que para ele seria... *libertador.* — Com isso aqui, você pode pagar sua penitência, mas preciso que deixe esse papel sobre a sua cama esta noite... — murmurei. Ele o pega e ainda me olha de relance, como se um enorme buraco de luz surgisse no céu e contasse a ele do que se trata o pequeno comprimido.

— Sentirei dor?

Eu me ponho próximo à porta.

— Nada perto do que Alessandra sentiu desde que pisou em Pavia. — Sempre fui tão ligeiro, tão desconfiado da minha própria sombra, mas dei de bandeja a única coisa que eu deveria ter protegido com minha vida. Quebrei minha promessa, e agora, só me resta peregrinar tomando a vida daqueles que, de alguma forma, transformaram Alessandra no poço de destruição que ela é hoje. — *"Tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar..."*

— Eclesiastes.

— Estou no meu tempo de edificar a casa, Czar.

— Eu sinto muito, Alessandro... por tudo.

Solto uma risada fraca, para então cair em uma feição séria.

— Não sente. Você, na verdade, sente não poder voltar atrás para provar sua lealdade e se manter vivo, mas fique tranquilo, o homem que vai substituí-lo pretende queimar todos aqueles que seguirem os mesmos passos que você.

— Eu serei enterrado junto de toda família?

— Não há um corpo no túmulo de Adriano e você não é digno de estar próximo à minha mãe. — A porta range antes que

eu a feche e sopro minhas últimas palavras: — Faça sua última reza antes de amanhecer, pois amanhã espero me sentar para almoçar como o último Constantini vivo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 23

Vésperas da eternidade

JEZEBEL CONSTANTINI

“O ex sumo pontífice, que foi indiciado por aliciação de menores, é encontrado morto esta manhã na prisão eclesiástica do Vaticano. Ao que tudo indica, ele sofreu uma parada cardiorrespiratória no começo do dia, após a primeira oração matinal. Foi encontrado um bilhete sobre sua cama que dizia: “Dario Martino auxiliava os padres acusados com atendimentos de menores, meninos e meninas de programa”. O Ministério Público investigará os estabelecimentos do empresário, que reside na Calábria...”.

A notícia no rádio me fez arrepiar.

Chamam Dario Martino de empresário quando, na verdade, ele é dono de boa parte dos negócios ilícitos, não só na Calábria, mas em alguns outros lugares da Sicília. Ao menos era, antes da Ordem ser extinta.

Meu quadril está doendo, assim como a coluna. O mau sono tem escarnecido de mim quando até mesmo o jardim eu tenho evitado, na finalidade de não encontrar Daemon.

Mattia me disse que ele estava de volta, que um acordo havia se estabelecido entre eles e que havia problemas demais

para resolver pela ausência da coerência mental, coisa que apenas o *real Capo* tem.

Eu não fui uma alternativa.

O casamento atrasou e eu orei em agradecimento. Não estou preparada para criar um vínculo tão sério com alguém, mesmo que, no fundo, eu o queira tanto quanto queira fugir. Casamentos são sagrados e este está longe de ser. Minha cabeça maneja tantas possibilidades que mal posso acompanhá-la.

Minhas unhas foram feitas e meus cabelos, secos com um secador que eu nunca havia visto de perto. Há um enorme vestido branco no quarto de convidados, com mangas extensas que irão até meus punhos, gola alta, seios aparentes e, como eu odiei essa parte: um enorme véu atado a uma coroa de pérolas que irá no alto de minha cabeça. Tanta elegância, sem um pingo sequer de amor.

Qual a diferença entre morrer aqui dentro ou lá fora, quando o outro lado do meu futuro marido acredita que sou uma inimiga?

Mesmo não querendo, sou apaixonada por Daemon, e é um ato de suicídio não tentar fugir, mas por que gastar forças, se ele vai me encontrar?

— Por que está pensando tanto? — Marta aparece, oferecendo-me uma pequena xicara de café. Tenho tido mais apreço por ela, já que foi a única companhia que tive, e mudar meu foco para outra coisa, que não fossem as amarras que eu teria com o casamento, acalmou-me, mas agora, tendo ciência de que amanhã eu não terei escolhas e sequer voz para dizer não, estou um poço de ansiedade. Finalmente irei encarar Daemon, depois de tanto tempo.

— Estou pensando em como será amanhã — respondo, ainda sentada sobre o sofá enquanto meus braços abraçam minhas pernas. — Eu não sei o que fazer, talvez apenas o básico: andar até Daemon e dizer sim na frente do padre.

— Mattia não te contou como será...?

Meus olhos piscam quando ela entra em meu campo de visão.

— Não.

Depois que fiquei melhor, após o incidente com o Alessandro, levou alguns dias até que eu finalmente pudesse sair no jardim. Minha regra foi embora pouco mais de dois dias depois, ainda sinto um pouco de cólica, mas Marta disse que poderia ser por causa dos hormônios do remédio. Mattia estava ocupado e eu mal o via chegar, mas isso não o impedia de acenar para mim pela janela.

— Quando o matrimônio acontecer, Daemon pode escolher marcar você antes ou depois da festa com os convidados. — Eu não consigo entender.

— Me marcar?

Do que ela está falando?

— Você não pertencerá mais à sua família. Você pertence ao *Capo*. O anel de casamento pode sair e se perder, mas as iniciais dele, a ferro, não. Terá que rezar e pedir perdão por seus pecados diante de um altar católico, como manda a tradição dos Constantini. — Minha saliva escorre pela garganta. Ele o fez antes, mas acredito que Marta não saiba deste fato e eu não pretendo mudar isso. — Deverá dormir na cama com seu marido, mas, quando engravidar, deverá mudar de quarto.

— Eu... eu... não tenho família. — Meu rosto se torna rubro. Acabo me lembrando da mulher que me pôs no mundo e do remorso que ela não teve quando decidiu me abandonar. As lembranças vagueiam tão frescas que consigo me lembrar do cheiro que ela tinha enquanto a água da chuva cobria sua pele.

— Nós somos a sua família — Marta retifica e eu sorrio. — Eu quis fazer muitas coisas por Alessa, mas Adriano sempre me impedia. Ele a mantinha em cárcere na maioria das vezes, ela realmente era apenas uma... *parideira*. Chamava-a de *galinha dos ovos de ouro*, por ter lhe dado Alessandro. — Nunca convivi com

famílias que fossem exemplo, mas a de Daemon mais parece ter saído de um pesadelo do que qualquer outra coisa.

— Eu não serei um objeto, Marta. — Se eu mesma não souber o meu valor, qual será o meu destino, deixando que me manuseiem da forma que bem pretendem? — Você... você estava aqui quando Adriano foi morto?

O silencio é infindável. Seus olhos encaram a janela, procurando pelo exato momento em suas memórias, no qual Daemon deixou de ser o filho do *Don* para ser nomeado como *Capo*.

— Todos estávamos — sussurra. — Daemon reuniu homens e *Caporegimes* que não eram a favor dos ideais de Adriano e então, em um dia de iniciação, ele simplesmente matou todos com uma frieza que... nunca vi nos olhos de um homem. Ele usou tudo o que aprendeu contra o próprio pai. — Ela se senta ao meu lado, esfregando os dois joelhos com a mãos. Aos meus olhos, está tentando aliviar o estresse. — E quando o dia amanheceu, havia sangue por todo lado, poças vermelhas no chão, manchas nas paredes e nos móveis... *por todo lugar.*

— Você aceitou?

— Qualquer um que tivesse presenciado tudo o que presenciei dentro desta família aceitaria. Alessa foi vingada. Esta, sim, era uma mãe de forma incondicional. — Há um quadro sobre a parede. É um jardim de rosas vermelhas com um céu escuro. Parece uma pintura, mas é uma foto, na realidade. — Ela apreciava tudo o que vinha de seus filhos. Daemon a matou em nome do pai.

— Por que ele simplesmente não disse *não?*

— Não é assim que a Cosa Nostra funciona. Achei que entendesse que a palavra de um *Capo* é a maior certeza dentro de uma Monarquia.

Aperto meus olhos. Como posso amar um homem que matou a própria família? Sei que há centenas de motivos para tê-

lo feito, mas a falta de remorso de Daemon sempre me deixa com um pé atrás.

— Você sabe sobre... hum... — Com quais palavras devo andar pela linha dessa conversa?

— Alessandro?

— Então você sabe... e você confia nele? — questiono, e vejo em seu rosto o sol sair de trás das nuvens.

— De toda forma, ele ainda é Daemon, então, sim, com toda a minha vida. — O som de batidas à porta chega até nós e, ao se virar para olhar, ela trava vagarosamente. Seus olhos piscam e ela se levanta. Ao acompanhar Marta, meu corpo retesa.

Do outro lado da porta, aguardando para abri-la, mesmo sabendo que tem a chave, está ele: Daemon.

Não o hostil, não aquele que aguarda uma demonstração de fraqueza minha para exalar superioridade, mas o Daemon que me prometeu que este casamento aconteceria apenas para garantir a minha segurança.

A governanta me encara antes de qualquer coisa, pois ela sabe exatamente o que ele quer. Despede-se de mim para que eu entenda que, a partir dos próximos segundos, seremos apenas ele e eu. Não saio do lugar, estou concentrada em respirar normalmente.

O *Capo* cumprimenta Marta, que sai sem olhar para trás. Ela o respeita e não me parece forçado; é leal a ele, porque ele também é leal a ela.

— Eu não sei por onde começar — pronuncia devagar. Seu terno é preto, apertado e justo no corpo. Eu havia me esquecido do quão alto ele é. Sua barba está mais cheia e seu cabelo maior, marcado nas laterais. Seus cílios cheios têm a mesma cor das sobrancelhas e sua boca é tão vermelha quanto maçãs.

Sinto falta dele.

Mas ainda não posso me esquecer de que foi este mesmo corpo que quase enfiou uma bala dentro de minha cabeça. A

lembrança deste fato faz com que eu sinta raiva, um suor na nuca e um estremecer na espinha. Seus olhos densos estão enraizados aos meus, não tornando-me maior ou menor, mas igual a ele.

— Perdão? — murmuro.

— Isso mudaria algo? — responde-me com outra pergunta. Sei que ele está se aproximando cada vez mais, porque seus olhos estão crescendo e o som de seu sapato ainda soa pelo corredor.

— Sabemos que não. — E se eu quebrar o contato, será que perderei para sempre seu olhar? É duro saber que a proximidade que me satisfaz, quando sei que é Daemon à minha frente, é a mesma que me desespera quando sei que é Alessandro.

— Mas posso mudar o amanhã, prometendo que nada mais vai acontecer. — Ele está tão calmo.

— A sua promessa não muda o que eu sinto hoje, Daemon.

— E o que você sente hoje, Jezebel? — Suspiro profundamente antes de lhe responder.

— Sinto vontade de ir embora. Este não é o meu lugar. — Ele sabe que o que digo é verdade. É como pôr um peixe no deserto, quando ele deveria estar dentro da água.

— Não há outro lugar, senão aqui, perto de mim, onde é mais seguro.

É quase cômica sua alegação.

— Depois de Pavia, estar exposta a Alessandro é menos seguro do que o mundo lá fora. — Ar demais sai de dentro de sua boca ao me ouvir. Ele tenta sorrir, mas não lhe dei motivo algum, quando ele não consegue entender os meus, mesmo tendo todo o embasamento.

— E onde é seguro para você?

— Eu ainda não consegui descobrir. — Não que ele esteja certo, mas sabe que o que acabei de dizer é verdade. O *Capo* não está me dando uma chance de escolha, ele está apenas me deixando escolher algo que ele já decidiu.

— Talvez eu não tenha sido justo com você.

Soa uma risada de minha boca, não sai como uma gargalhada, porque é preciso um pouco de humor para que essa conversa seja outra coisa que não uma tragédia.

— Por que quer se casar comigo? — Silêncio. É com isso que Daemon me responde. Ele se aproxima, seus dedos sobem até o meu cabelo, afastando-o de minha orelha.

— Alguns motivos suficientes são a sua segurança, o fato de eu precisar estar casado para acalmar o Conselho e... mudar algumas regras. Cumprindo apenas com o dever de minha cadeira. — Ele está mentindo ou *omitindo*.

— Poderia se casar com qualquer mulher, então. Por que eu? — Ele encara o volume de meus seios por baixo do vestido branco de manga e gola V, avaliando a mulher que, em breve, poderá chamar de sua e, apesar de todos os problemas que tivemos, foram incontáveis as noites que sonhei em chamá-lo de meu. Agora, prestes a realizar esse desejo, eu me pergunto o que estou realmente disposta a perder por isso.

— Poderia, mas escolhi você. — Não é como se estivesse me escolhendo como parceira, mas apenas por dever. Seus dedos derrapam por minha mandíbula, queixo, lateral do pescoço e nuca, meu corpo arrepia-se com seu toque quente e ele percebe, sabe que estou suspensa por sua mão e daria a ele o que quisesse.

— Diga a verdade... o que sente por mim? — insisto. Seu queixo roça minha bochecha, sinto seu hálito fresco, seu cheiro denso e a enxurrada de lembranças me invade com tanta violência que consigo me recordar de cada toque dele sobre mim. Meu primeiro e último homem.

Daemon puxa todo o ar com o nariz, como se pudesse arrancar o cheiro natural de minha pele. Ele está tão quente, e eu não acho que esteja diferente. A memória afetiva é tão forte que meu corpo reage enquanto a recordação de nosso último encontro passa como um filme diante de meus olhos. Ouço meus próprios

suspiros, meus lábios procuram os seus, mas ele não me deixa achá-los.

— Nada. — O *Capo* se afasta e me deixa tonta com o mais obsoleto resto de carícia que ele não tem a menor vontade de prolongar. — Nosso casamento é um dever e a sua segurança é uma promessa.

— Por que está mentindo?

— Não foi minha intenção direta destruir a sua vida. — Sinto pesar verdadeiro vindo dele.

— A escolha foi minha. — Ele ri.

— Não, a escolha nunca foi sua. Você nunca teve escolha. A grande questão é que você me ama o suficiente para fazer da minha escolha a sua. Está apaixonada a ponto de acreditar que uma pequena porcentagem de você deseja estar aqui quando, na verdade, está fazendo um sacrifício por amor sem perceber.

— Por que está falando isso?

— Porque é justo que você tenha uma escolha e eu estou disposto a lhe dar. — Ele puxa uma pequena pasta de dentro do paletó do terno e a entrega em minhas mãos. Faço menção de abri-la, mas ele me impede, repousando sua mão sobre as minhas.

— O que está fazendo? — pergunto, sem entender seu movimento.

— Nessa pasta contém uma escolha, um cheque para uma conta fora do país, uma identidade nova e documentos de uma casa. Você vai poder recomeçar. Mattia não sabe, então se você fizer a escolha de partir, não pode contar a ele, pois não permitiria que você fosse. — Eu não posso acreditar no que estou ouvindo.

Meus olhos se arregalam. Não preciso olhar para confiar nele. Mesmo que Daemon minta sobre seus sentimentos, não acho que viria até aqui para contar inverdades.

— Daemon, não estou entendendo o porquê disso. Está sentindo pena de mim?

— Vá embora, Jezebel. Estou dando a você a chance de uma escolha que ninguém nunca te deu. Estou dando a você o livre arbítrio.

Seu semblante indecifrável não me dá pistas, tampouco me diz se ele finalmente entendeu que a única soma que sua presença poderia causar em minha vida é a minha morte, seja comigo dentro de um caixão ou ao seu lado, com uma aliança no dedo.

— Você fala como se eu estivesse indo à morte. — É uma observação engraçada, mas ele fica tão sério que acho que minha sugestão pode ser considerada uma certeza. — Daemon. — Seu silêncio me incomoda. — Fale alguma coisa.

— Não existem divórcios dentro da Cosa Nostra. Você será minha até o fim de seus dias, e não será fácil. Não posso obrigar você a passar por um abismo sem deixar que você escolha fazer isso. — O quão louca eu seria de escolher algo assim?

— Está me pedindo para escolher uma vida de privações? — indago, incrédula.

— Não estou pedindo para que escolha um casamento para o resto da vida, estou pedindo que julgue, não pelo que sente por mim agora, mas por como você se enxerga no futuro.

— O que espera que eu faça? — Ele dá meia dúzia de passos para trás.

— Vista-se com o vestido, o véu e grinalda. Dante vai te esperar antes de ir para a Igreja, haverá uma mala no carro e se sua escolha for partir, ele vai levá-la até um embarque particular, mas se você decidir ficar, eu a estarei aguardando no altar da igreja.

— E o que você quer? — Ele está longe de novo. Mais uma vez, meu corpo sintetiza sua falta em uma abstinência que me causa falta de oxigenação nos pulmões.

— Quero que faça sua escolha sem a interferência de ninguém. — Daemon morde sua boca vermelha e aperta os olhos. — Você só poderá fazê-la uma vez.

Daemon se vira e eu consigo ver os verdes de seus olhos brilharem tão forte, de maneira que eu nunca vi antes, ele abre a porta, arrastando seus sapatos pelo chão.

— Então eu não tenho mais... serventia ou eu sou uma fraqueza?

— Prefiro acreditar que esse é o meu ato de coragem! — Seu olhar pesado carrega tantos males passados que é impossível sustentá-lo por muito tempo. — Me mostre o mesmo, mostre-me coragem e não esteja na igreja amanhã.

Não vai haver despedidas.

Daemon não gosta delas.

Não se despediu de Alessa e ela partiu.

Não se despediu de Alessandra e ela partiu.

Ele não vai se despedir de mim, porque espera que eu também parta hoje.

— Por quê? Por que não me expulsa?

— Porque eu sou um homem egoísta e não quero deixar de ser; me sinto confortável sendo assim. Eu fui ensinado a prender os pássaros que me pertencem e não a abrir a gaiola para deixar que eles fujam. Então seja inteligente, não faça a escolha errada dessa vez.

— Se eu quiser ficar?

— Eu nunca mais vou deixar você ir, e não ache que estou sendo gentil ou desejando sua companhia, eu serei egoísta, no estado mais cru que um homem poderia ser Então, por favor... Vá. Embora.

— E se eu partir?

— Então este é um adeus.

Ele se vira mais uma vez. Suas costas ocupam todo meu campo de visão, e seus passos para longe de mim me fazem deduzir que esse é o último tom de verde que verei em seus olhos. Ele está distante quando fecha a porta, sem palavras

adicionais ou grandes demonstrações de importância, mas através do vidro, mesmo que a escuridão esteja cobrindo tudo lá fora, eu ainda consigo vê-lo me dar seu último olhar por cima do ombro. Descubro que o brilho de seus olhos não é o reluzir do olhar mais convincente que eu já vi na vida, mas, sim, a decência de presenciar uma sincera lágrima do que parece ser tristeza.

Daemon se vai e não sei se era exatamente isso o que ele sentia, mas vejo o seu arrependimento em me dar esta opção, e sei que também irei me arrepender.

O meu maior ato de coragem será vestir aquele véu branco e carregar seu sobrenome a partir de amanhã. Aprendi que despedidas podem ser muito mais emotivas do que encontros. Este é o nosso terceiro e, diante de tanto me arriscar, prefiro acreditar que, em meio a tantas demonstrações de egoísmo de Daemon, esta é de longe a mais importante, na qual ele me prova que talvez, mesmo que não me ame, me dê a escolha de estar com ele.

Sei que Alessandro faz parte de tudo e, embora este seja um monstro que estará sempre em sua outra face, não será o primeiro, nem o último que hei de enfrentar. Apenas o primeiro de muitos.

Daemon prometeu-me segurança a partir de hoje, portanto este é o último voto que dedico a ele, envolvida por um amor que não controlo e que retira de mim qualquer chance, até a de estar longe.

Jezebel Constantini.

O nome é lindo, mas o futuro que terei com ele será bárbaro.

OceanofPDF.com



QUARTA TROMBETA

E o quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite. — Apocalipse 8:12

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 24

Um grande amigo

DAEMON DEMARCO

Em algum lugar da adolescência.

O teor da lealdade dentro da Cosa Nostra é a estipulação do quanto você pode dar de si mesmo pela Monarquia. Não existe uma medida certa, porém acredito que essa seja a primeira opção de livre arbítrio que nos foi dada aqui dentro, exatamente o quanto queremos oferecer de lealdade.

Estamos na Catedral de Ludovico. O grupo mais novo de *Caporegimes*, que o Conselho denomina como ceifadores, está à espera da confissão de seus pecados.

A *Omertà* é religiosa ao extremo e, ainda que seus feitos vão exatamente de encontro à Doutrina católica, eles a têm como pilar de alguns embasamentos, que não são tão sólidos quanto suas regras.

Assim como a igreja absolvia, diante de um altar religioso, os pecados dos cavaleiros templários na época das grandes Cruzadas, a Cosa Nostra faz o mesmo com os homens que matam e edificam a Sicília em seu nome.

Nós ajoelhamos, pedimos perdão por todo o mal provocado ao próximo e, por segundos, arrependemo-nos de os ter feito ,

mas no minuto seguinte, saímos da Catedral com um nome para procurar e matar.

É sempre assim. Não é um círculo vicioso, porque não fazemos por própria autonomia, mas causar dor acaba por se tornar algo viciante, já que é nas vítimas que ponho todo o meu ódio, quando me ensinam ao infligir dor em mim, para que eu faça com o próximo.

Não posso ferir a mim mesmo, mas aos outros sim.

Eu tenho pensado muito sobre o que Lucca disse.

Embora tenha sido um tanto contraditório tê-lo ignorado, o sentimento que tenho por Adriano é esse, não de raiva, mas de vê-lo morto, e não é por querer me sentar em seu trono. Entretanto, fui configurado para respeitá-lo, é quase como uma programação genética. Não consigo armar contra ele, não consigo encará-lo com desdém ou usar falácias perigosas que possam me enfiar em um frigorífico por dias, como ele já o fez.

Apenas alguns sabem que sou filho do *Capo*: o Conselho, o *Sottocapo*, o *Consigliere* e os soldados nomeados como *ceifadores*, e eu não sei se me respeitam por esse fato ou porque, dentre todos, a força e a destreza de minha mira é a que mais se destaca.

Ao entrar no confessionário, escuto a voz de Ludovico. Sei que ele trabalha para nossa Monarquia, mas tudo o que sei dele é o que ouço dizerem por aí: *um homem de fé*.

Nas palavras de meu pai: *um associado*.

— Diga, o que te aflige, meu filho? — Os pequenos buracos vazados acomodam alguns raios de sol que vêm das mais altas janelas nas laterais das paredes.

Somos responsáveis pelos nossos pecados, então por qual motivo óbvio iríamos pedir perdão por algo que cometeremos novamente, e talvez até mesmo de forma pior do que a anterior?

— Vim confessar os meus pecados, padre. — Nada que seja uma surpresa.

— Prossiga, criança.

— Essa semana, matei trinte e seis pessoas. Doze crianças e seus pais.

— E você se arrepende? — questiona.

Penso um pouco.

— Não. — Suspiro, não derrotado, mas cansado. Três dos números passados a ele aconteceram na noite anterior e não tive descanso.

— Entendo, ainda assim, Deus vai lhe perdoar. O pecado de ceifar a vida do próximo é um mal necessário dentro de sua casa. Que Deus lhe guarde. — Sua voz é tão terna que, se eu não tivesse certeza do que ele está falando, eu diria que Ludovico profere isso automaticamente, sem discernir os pecados de cada homem que entra nesta caixa de madeira. — Reze sete Pais-Nossos e tome um banho de água benta. Isso vai garantir sua passagem ao paraíso quando Deus arrebatar todos nós.

Tiro uma pequena moeda de prata do bolso, passando-a pelo pequeno vão abaixo de mim.

— A Cosa Nostra agradece sua lealdade — murmuro antes de sair.

Do lado de fora, quando outro homem toma o meu lugar, não consigo encontrar o meu companheiro de ordens, e ele deveria estar aqui.

— Ei, você viu Lucca? — questiono a um dos C*aporegimes*.

— Lucca Barten? — ele pergunta de volta.

— É.

— Hum, não sei. Soube que o próprio *Capo* o visitou hoje, pela manhã, depois disso não o vi... — Eu o teria ouvido até o final, se não tivesse sido cortado por alguém.

— Alessandro, o *Capo* pediu para convocar você até a mansão. — É Velez Guerra, um dos principais *Caporegimes* já

iniciado e formado, filho do *Sottocapo* de meu pai. Eu o encaro, sem entender a necessidade de uma convocação tão cedo se, antes de vir para cá, no meio da madrugada, eu lhe entreguei os dentes que comprovavam a morte daqueles que foram solicitados pelo tríplice hierárquico, a pirâmide da Cosa Nostra.

— Eu já passei em seu escritório pela manhã. Além do mais, achei que a regra fosse que Alessa não me visse ainda. — A regra é clara. Eu só poderei ter contato com ela após a formatura da iniciação, quando receber o anel de prata em brasas e declarar a minha vida pela minha casa.

— Alessandro, acho que não entendeu. Não foi seu pai que pediu, foi o *Capo* que ordenou que levasse você para lá *agora*. Alessa não está na mansão.

Meu pai tem o hábito de me pedir muitas coisas. As ordens do *Capo* só vêm de madrugada e esse é um hábito normal, ele se esquece de que existo durante o dia, pois, com minhas responsabilidades, consigo lidar com tudo, sem que haja a necessidade de uma ordem de intervenção. No entanto, sei que devo me preocupar quando Adriano se lembra de mim no meio do dia, pois é sob sua luz que ele percebe falhas que não deveriam existir, e é a mim que ele usa para solucionar esses pequenos erros infames.

— O que aconteceu?

Velez suspira e quando finalmente estamos prestes a entrar no carro, um vento agride seus cabelos e ele me encara.

— Adriano descobriu que Lucca planejava matá-lo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 25

Na lei dos homens

DAEMON DEMARCO

— Eu ainda estou tentando entender como esse acordo vai manter vocês dois em uma balança. Tem noção de que, a qualquer hora Alessandro pode, simplesmente, querer foder com tudo? — Mattia parece um pouco perplexo com a ideia que lhe foi passada, mas não é como se eu tivesse uma alternativa para escolher, além do que foi escolhido.

— Será que você pode falar um pouco mais baixo? — peço encarecidamente, ao notar que somos o foco de atenção. A igreja está cheia. A falta do laranja no céu mostra que a noite está apenas começando. O azul, então claro, vai tornando-se escuro no horizonte; dá para ver pelas portas abertas da igreja. — Pode parar de olhar para esse relógio?

Dezoito minutos de atraso.

— Respondendo à sua pergunta: não sei se o acordo vai dar certo. É minha única e última escolha. A única coisa que eu sei é que, se não der, farei questão de fazer com que nós dois sejamos comidos pela terra.

— Vai se matar? — O Conselheiro arregala os olhos, como se eu tivesse dito alguma banalidade.

— Tudo vai dar certo — afirmo, encarando a entrada.

Antônia estava à porta da igreja antes mesmo do planejado, talvez fosse apenas a pressa ou uma desconfiança de que eu pudesse desistir, já que meu comportamento em nossa festa de noivado pôs a ideia do nosso casamento de forma dúbia em relação à minha vontade.

Eu realmente não queria.

Também não quero agora.

Mas hoje as perspectivas do não querer são diferentes .

Eu não queria Antônia, porque ela não era Jezebel, mas me casaria com ela por pouco me importar com o que ela passaria após o casamento.

Eu quero Jezebel, mas não me casaria com ela, porque me importo, de certa forma, com o que ela passará após o casamento.

Peter Novak está à sua espera.

Na verdade, todos estão.

Até mesmo eu, ainda que prefira que ela tenha ido embora, já que esse é o melhor para ela.

Eu poderia tê-la expulsado, tê-la excomungado para um lugar no buraco do mundo, mas o meu egoísmo não me permitiu e me fez dar a ela uma das opções que eu queria, que era vê-la entrar por essa igreja, caracterizando-a aos olhos de Deus e do mundo como a minha mulher, minha posse, algo pelo qual eu poderia matar.

Os minutos correm, apressados, dando a volta pelo relógio.

Então, passada uma hora de atraso e na ausência de Dante, quem a traria para a igreja, entendi qual a escolha que ela fez e creio que, ao menos agora, ela fez a escolha certa.

O que eu direi a Cosa Nostra? *Pobre noiva, foi sequestrada e morta pela ‘Ndrangheta.* Talvez seja um motivo a mais para enfiar na goela de Dario uma culpa, dentre várias às quais ele merece ser imputado.

Mas e Alessandra? Nem sinal dela ou do nascimento da criança, que deveria acontecer pelas próximas semanas. O silêncio de um inimigo é a pior coisa que se pode ouvir.

O certo seria aniquilá-la, enterrá-la ao lado de Alessa, mas o quão frio eu seria para matar a irmã que vi crescer, a irmã que preciso matar justamente por não ter conseguido proteger. Tantas coisas que poderiam ter sido diferentes.

Meus dedos procuram o bolso da calça na intenção de aplacar o nervosismo que eu não deveria sentir, mas, em contrapartida, acabo encontrando outra coisa.

Um papel demonstrando que, desde que saí do quarto branco, em algum momento, Alessandro deu as caras para mandar um recado.

"Um conceito básico da amizade é a divisão de segredos, me pergunto, então: se eu souber de um e guardá-lo, sou considerado um amigo?"

— O que é isso? — Mattia se aproxima, vendo em que eu deposito toda a minha atenção. — Alessandro? — E eu concordo com a cabeça.

— Um recado cheio de cinismo! — exclamo, ainda tentando raciocinar algo que possa se encaixar nessas falácias.

Ele não assinara com seu nome, tampouco precisa, pois pela audácia do enigma, sei de quem se trata. Encaro as letras pequenas e organizadas sobre o papel e suas dobras. Sei que ele zomba de algo, mas o que quis dizer com isso?

Mattia Santino o lê repetidas vezes, após eu passar o papel para ele.

— Isso não faz sentido, eu não concederia qualquer segredo com a sua *versão maligna* e menos ainda Jezebel o faria, já que ele quase a matou. — Isso faz sentido. Eu mato pessoas, mas Alessandro é a versão completa, o inimigo que, segundo a bíblia, mata, rouba e dissemina o caos, ao passo que as mortes carregadas nas minhas costas são organizadas.

A imagem de Dante entra em nosso campo de visão, não apenas no meu, mas no dos convidados. Todos se põem a postos. Lucius entra primeiro, para minha surpresa. O convite fora feito por educação, mas sua audácia em sair da Calábria, de seu mosteiro, demonstra que ele entende que acordos foram firmados e ele está sempre à espreita para solicitar que se cumpram, como bem entender. Dei minha palavra, então quando ele quiser, sabe que pode cobrá-la. É uma questão de honra, desenvolvida junto a todos os traumas que carrego.

Quando o carro preto estaciona, Dante sai, encarando-me mesmo que de tão longe. Ele sabe perfeitamente que Jezebel não se encaixa; que ela é frágil como vidro e não nasceu para isso.

Não o julgarei, sou teimoso.

Ele dá dois passos para a frente.

Ela não veio.

Ela escolheu ir embora.

Escolheu a própria liberdade.

Viro-me, dando as costas para a entrada, encarando o rosto de Cristo estirado sobre a cruz de mármore. O destino é um fardo pesado quando se pensa que já fora decidido desde que nascemos, mas ainda é reconfortante acreditar que existe a possibilidade de mudá-lo em algum momento da vida.

Talvez eu precise ser grato a ele por levar embora e poupar a única coisa que eu não queria destruir em tantos anos. Ensaio um agradecimento por reconhecer que aquele foi, de fato, um adeus, mas a música que começa com o grupo de canto gregoriano me detém. Desperto para a realidade que se concretiza e se mostra diferente daquela que eu já havia aceitado. Ao me virar, eu a vejo.

Quanto tempo divaguei sobre sua ausência? Não tenho certeza, mas sei que foi tempo suficiente para que Mattia estivesse à sua frente, dando-lhe um beijo na testa e fazendo a companhia que seu pai deveria lhe fazer agora.

Eu estou aqui por dever e promessa.

Ela está aqui por amor e confiança.

Eu espero dela a passividade.

Ela espera de mim qualquer reação que não seja diminuí-la, qualquer sinal de admiração em meu olhar, qualquer menção de uma possível vida que, embora não seja um conto de fadas, ao menos carregue a promessa de gerar a mísera fagulha de felicidade que ela desejou em algum momento de sua vida.

Véu e grinalda.

O branco combina com ela.

É um anjo enviado especificamente por *Ele*, daqueles que não têm asas.

Afundei-me na corrupção de meus ensinamentos, estou prestes a carregá-la comigo e não creio que o sorriso que contrai os músculos de sua face continuará presente no momento que ela perceber.

Eu quis mantê-la a salvo, mas estou levando-a para o olho do furacão.

Eu quis salvar Alessandra e a dei de bandeja para o inimigo.

Qual a probabilidade de eu estar fazendo tudo errado?

Mesmo tendo lhe dado a liberdade, dentre as alternativas que não eram a minha vontade, ela escolheu cortar as próprias asas quando deveria batê-las para bem longe de mim, e vai descobrir da pior maneira, quando entender o motivo de todos a olharem desgostosos enquanto cruza o corredor da catedral. O véu arrasta-se pelo chão por metros, à medida que ela vem em direção à pior escolha que poderia ter tomado.

Em minha direção.

Ela tem os olhos pequenos, ou talvez seja o véu que cobre os seus olhos.

Ao se aproximar, Mattia a entrega para mim, encarando-me e acenando com a cabeça antes de tomar seu lugar na lateral do altar.

— Aqui, hoje, encontramo-nos para celebrar a comunhão de honra e dever. — Ela respira vagarosamente, mesmo sabendo que está nervosa, não se deixa abater. Peter tem um sorriso no rosto, porque ele testemunha a primeira quebra de regras em décadas, talvez a primeira desde que foi fundada. — Daemon Alessandro DeMarco Costantini, o *Capo* da Cosa Nostra, e Jezebel Salerno... — todos esperam para saber qual nomenclatura será dirigida a ela —, o coração de seu marido a partir de hoje. — Ela sorri, não genuinamente, mas com um grande "*obrigado*" estampado nos lábios.

Peter Novak continua falando, ministrando algumas palavras antes de nos vincular para toda a eternidade.

— Então essa foi sua escolha? — sussurro, aproximando-me um pouco mais.

— Ainda estou nervosa — sussurra, tão baixo que por pouco não a ouço. — Talvez, com madrinhas, eu estivesse menos — Jezebel fala de uma forma que sequer parece que a possibilidade de se casar seja um pesadelo.

— Sabe a história das madrinhas? — Deveria estar de boca calada, mas sei que essa conversa em voz baixa é capaz de restaurar os ânimos dela. Ela nega com a cabeça. — Na Roma antiga, damas com idades próximas à da noiva tinham o costume de acompanhá-la até o altar, vestidas do mesmo jeito.

— Por qual motivo?

— Para que o Diabo e seus demônios não soubessem diferenciá-las da noiva. — Ela suspira, olhando em volta, e me encara em seguida.

— Posso chutar? — Arqueio as sobrancelhas.

— Estou ouvindo.

— Não há madrinhas, porque o mal aqui é você? — Sua suposição me agrada e este pequeno pensamento dela expande sua visão de como será me ter como marido. Quem sabe, se ela nada aguardar, possa ser surpreendida.

Peter, o bispo à nossa frente, é um homem ocupado e fez questão de conseguir um tempo para nos casar. Poderia ser até Ludovico, mas certamente essa é mais uma das tradições que foram quebradas aos olhos de todos.

Sei que a maioria dos presentes desejaria ver Jezebel bem longe agora ou que ela não tivesse vindo. Talvez não só isso, como também queriam que ela dissesse não.

— Eu, Daemon Alessandro DeMarco Constantini, recebo você, Jezebel Salerno, como minha legítima esposa. Prometo ser fiel para amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias de nossas vidas, até que a morte nos separe. — Minhas palavras evaporam, baixo e rápido. Não preciso que ninguém as escute, apenas ela, já que se trata de uma promessa.

— Eu, Jezebel Salerno, recebo você, Daemon Alessandro DeMarco Constantini, como meu legítimo esposo. Prometo ser fiel para amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias de nossas vidas, até que a morte nos separe — fala, no mesmo tom que usei. Respeito e nervosismo, não com medo de mim, mas do que virá depois daqui.

Peter continua perguntando se aceito me casar com ela. Entretanto, o que ela acaba de descobrir é que ele não precisa de uma aceitação sua para que o casamento seja efetivado.

A vontade do Capo é a vontade de todos e contra isso não há nada a rebater.

— Então pode beijar a noiva. — Há olhares demais para nós dois. Tanto ódio destilado de todos os lados que não há necessidade de expô-la mais do que já está sendo exposta. Dou-lhe um beijo sobre os olhos, no meio da testa, e a vejo desarmar-

se, como se realmente esperasse um beijo de verdade. Seus cabelos e sua pele têm um cheiro bom. — E eu os declaro, *marido e mulher.*

Mas apenas eu sei o quanto posso evitar que ela caia em desordem.

Não é preciso que tenhamos envolvimento.

Não é preciso tocar no corpo dela.

Não é preciso colocar minha boca em sua boca.

Ela pode estar em um lugar e eu, no outro.

Vai viver a sua vida como quis, *como eu prometi: liberdade e segurança.*

Vai viver sua vida como deveria ter sido desde o começo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 26

O combinado não será caro

JEZEBEL CONSTANTINI

É normal que toda vez que eu faça uma escolha, eu sinta que elegi a errada e, conforme os dias vão passando, percebo que ela é somente uma ansiedade pulsante de ter dado um salto de independência por mim mesma.

Tudo é lindo, desde o vestido, o véu, a grinalda até as joias, mas principalmente o homem que me aguardou no altar e, agora, posso chamar de marido. Em outra configuração, eu estaria orgulhosa por tê-lo. Sei que Daemon cumpre tudo o que promete, e é essa crença que uso para ter desistido de ir embora.

Não tive dúvidas.

Ao adentrar o carro, eu pedi a Dante para que me trouxesse aqui, ao altar.

"*Espero que não se arrependa*". Essa foi a única frase que ele disse durante toda a viagem. E eu, honestamente, não espero me arrepender, mas se acontecer, estarei aqui para lidar com as minhas escolhas, como estive por todo esse tempo.

Em vez de sairmos da igreja, somos direcionados a uma pequena sala do templo, para, segundo Peter, pedir perdão por

todos os nossos pecados, e, embora eu tenha uma lista enorme deles, não sei se vai adiantar de alguma coisa.

Estamos de joelhos, um ao lado do outro. Uma enorme imagem de Maria Madalena em lágrimas está erguida diante de nós, e então eu me pergunto se chorar, como ela fez, faria Deus enviar dois anjos para me amparar quando a solidão chegar.

— Perdoe-me pelos meus pecados e perdoe-me pela minha última escolha — murmuro, mesmo sabendo que Daemon já está ao meu lado, sentado no banco no canto da sala pequena, inteiramente feita de madeira, assim como o chão embaixo de nossos pés.

— Se acha que a sua escolha é um erro, *um pecado*, o que está fazendo aqui? Por que não foi embora? — É tão óbvio que não sei por que ele pergunta.

— Estou aqui por amor, Daemon. — Assusto-me com minha confissão sincera e ele apenas processa a informação, lentamente e com atenção.

— Então deveria ter ido, seu amor não será retribuído. Eu te disse; estou aqui por dever e promessa, e não foi amor que eu prometi, Jezebel. — Suas palavras não têm medições, ele apenas solta cada uma, sem saber o peso delas.

— Posso lidar com isso — afirmo, sem saber se isso é verdade.

— Não parecia, no altar. — Daemon se refere aos meus olhos, que miraram seus lábios no momento que o Arcebispo autorizou que eles se unissem aos meus .

— Sua percepção sobre isso está errada.

Ele suspira, entediado.

— Não teremos qualquer tipo de contato íntimo ou diário, não teremos filhos, você continuará no chalé, como prometido, e tudo o que quiser, eu darei a você. Poderá sair desde que Mattia e Marta estejam livres para acompanhá-la. — Cada segundo é como uma porrada em meu peito, talvez ele acredite que eu esteja

prendendo o ar, mas eu simplesmente não consigo inspirá-lo. — Poderá ir a eventos, caridade e outros lugares. Quando eu precisar de sua presença em algum evento social, solicitarei com antecedência.

Meus olhos tornam-se úmidos e eu não duvido que Daemon os esteja vendo brilhar.

— Eu jamais teria um filho com você. — Raiva é tudo o que eu sinto, não apenas por impor sua distância, mas por renegar o que eu sei que sente, mesmo que possa ser uma fração do que eu tenho em meu peito. Não sou boa o suficiente, ou ele é pequeno demais para o que sinto?

Ele contrai as sobrancelhas, surpreso pelo que acabo de dizer. Não pelo conteúdo, mas pela audácia.

— Ótimo, continue com esse pensamento. Existe algo que você queira?

— No mínimo, uma boa convivência — peço, entredentes. — E você?

— Não se meta nos meus negócios. Existem muitas coisas que ainda precisamos fazer fora da *Omertà* e existem informações das quais você precisa ser poupada — murmura e dá alguns passos próximo à saída. — No mais, se precisar de mim para qualquer coisa, você deve pedir. Não espere que eu perceba. Você não tinha ninguém, mas, hoje, você tem a mim, *seu marido*. — Ele estica a mão em minha direção. — Sobretudo, *nunca minta para mim*. Eu não lido bem com mentiras.

— Você também pode conversar comigo quando quiser, eu sou a sua... *esposa*... — Proclamar-me como a esposa de alguém é estranho. Nunca parei para pensar em como seria, exceto agora. — Também espero que não minta para mim, Daemon.

— Não espere que eu lhe conte tudo o que faço — devolve em seguida. — Aos inimigos, apenas meias informações bastam.

— Então é assim que você me vê? Uma inimiga?

Ele ri, de lábios fechados.

— Vou pedir que não beba. Mantenha-se na água apenas, *você é a noiva*.

A sensação imediata é como se eu tivesse uma ferida no peito. Não adianta acreditar que tudo vai ficar bem e que tenho o que tanto queria: *minha liberdade*. Mas é como se, agora que a tenho, ela simplesmente não fizesse mais sentido, porque ainda não estou feliz. Como eu estaria? A aliança fina e dourada em meu dedo brilha, mesmo na luz baixa da lâmpada quente.

Seguro sua mão e ele me puxa para perto, nossos corpos ainda estão afastados, mas posso sentir a quentura que emana dele, de seus olhos, da barba feita e desenhada em seu rosto. Gosto de seu cabelo assim, grande.

Daemon é um homem lindo, mesmo que acredite que, por dentro, é o pior dos seres humanos.

Gostaria de ser compreensiva, entender suas dúvidas, dizer que estou aqui, mesmo que não seja da maneira que eu gostaria de estar, mas as brechas que meu agora marido me dá são estreitas demais para eu conseguir atravessá-las. Ele instalou um muro alto entre nós dois, como se escondesse algo que pudesse me deixar cega, caso eu visse.

— Preparada para ser apresentada ao mundo como Jezebel Constantini? — Sinto seu hálito de onde estou, mais alguns centímetros e eu o teria dentro de minha boca, mas, ao ouvir o som da maçaneta girar, ele se afasta devagar.

Um carro nos aguarda na entrada da igreja para irmos ao salão da mansão, *nossa mansão*.

— Não.

— É uma pena que isso não importe. — E honestamente, pela primeira vez nesta noite, eu concordo com ele, não importa, pois, mesmo não estando pronta, *eu sou uma Constantini agora*.



Ao entrarmos no salão, somos recepcionados por muitos; por convidados, associados e homens que talvez eu me lembre de ter visto em algum comercial da TV. Os membros do Conselho, mais da metade, cumprimentam Daemon ao meu lado e fingem que não existo.

É inevitável não me sentir menor do que já sou, diminuída, inferior e incapaz. A euforia vem mais forte e respiro fundo quando percebo que estou tentando mexer na pele da lateral de meus dedos por cima da luva de seda. É errado, não quero borrar de vermelho o branco celeste tão belo em que estou vestida.

Daemon se dissipou pelo salão, Marta está me fazendo companhia, já que, com os olhares discriminadores e assediadores, o *Capo* preferiu que eu não ficasse sozinha. Além do mais, eu também não gostaria disso. Estou em um vespeiro e posso ouvir o som de suas asas batendo.

— Eu não quero ser a sombra de ninguém — murmuro para Marta, que está ao meu lado, segurando meu copo com água. Algumas mulheres vêm me cumprimentar.

— E você não será — Marta responde com um sorriso genuíno.

O lugar está repleto de flores brancas e amarelas, mesas de vidro, talheres de prata e pratos de porcelana, castiçais acesos e uma banda que toca apenas clássicos com violino. Alguns casais, sentados, conversam, e outros dançam.

— Então por que todos me encaram como se eu fosse? — Uma simples pergunta, mas com tantas respostas plausíveis.

— Para eles, você é apenas um negócio que enriquecerá a Cosa Nostra. — Sinto seus dedos alisarem meu cabelo, como se eu fosse uma criança. — Mas não ache que ele a vê assim.

— Promessa e dever — sussurro.

Não consigo mensurar o quão caro tudo isso deve ter sido, mas nem todo o dinheiro do mundo seria capaz de comprar minha satisfação para usá-la agora.
— O quê?

— Promessa e dever. Essa é a base do nosso casamento. Uma promessa de segurança e um dever com a *Omertà*, Marta. — Ela se aproxima, esticando a água até mim e eu a bebo, mesmo sem ter a menor vontade. Molho os lábios protegidos pelo gloss. É estranho, é a mesma sensação de passar mel na boca.

— Por qual motivo está tão insegura?

— Não sei, achei que talvez pudesse ser diferente. — Ela ri baixo, vejo compaixão na forma com a qual me olha.

— Está casada há pouco mais de duas horas e já está reclamando de um casamento que acabou de começar? — A governanta me arranca um sorriso pequeno, de canto. — Espere ao menos chegarem no primeiro ano de casamento. — O pensamento me deixa com os ombros flácidos. Mas pensando por outro lado, posso ocupar a minha cabeça com muitas coisas para me esquecer desse pequeno ponto fixo que será minha vida conjugal. Em outras palavras: *um casamento de fachada.*

— Sempre quis... aprender a bordar... pintar... — Meus olhos procuram os seus de relance e logo estão procurando por *ele* no meio do salão.

— Nós podemos começ... — Marta continua falando, mas meu senso cognitivo fecha meus ouvidos para qualquer outro som que esteja próximo. Meus olhos se estagnam em uma cena que me queima por dentro, ou talvez nem mesmo se tivesse algo me queimando neste nível por dentro, eu estaria assim, entrando em combustão.

A mulher usa um vestido branco justo ao corpo. As costas estão cobertas, tem um coque mal feito no cabelo com mechas que caem bagunçadas, não de um jeito bonito, mas algo mais... *desleixado.* Seus braços estão marcados de cicatrizes,

obviamente, seu corpo está escondido, entretanto consigo ver cada curva dele sob o tecido fino. Ela não joga seu corpo para cima de Daemon, como faz com outros homens, mas sua mão está sempre em seu ombro, massageando-o, o tipo de mulher que extrai muitas coisas de um homem apenas com a mão.

Hoje é o nosso casamento.

Eu não vou até lá pôr o meu nome na boca do Conselho, quando talvez seja exatamente isso que eles queiram. Sei que não sou a melhor esposa do mundo, mas espero apenas que ele se aproxime de onde estou, já que diante de um altar ele prometeu cuidar de mim.

As horas passam e tudo o que recebo de meu marido são algumas olhadelas de vez em quando, para se certificar de que estou viva e de pé.

O tempo corre e, finalmente, quando o relógio bate nove horas, Daemon se aproxima com Mattia.

Eu quero perguntar quem é a mulher, mas hoje é o primeiro dia que eu experimento seu nome no meu e, para ficar longe de problemas, prefiro me abster de qualquer desentendimento com Daemon.

— E então, onde será a lua de mel? — o Conselheiro brinca, ainda inebriado pelo álcool ,que o faz simular uma felicidade por estar presenciando algo que não achou ser possível, quando sabia que era Alessandro apossando-se do corpo de seu *Capo*.

Queria que ao menos ele se alegrasse verdadeiramente por nós, mas isso parece ser uma tarefa difícil que nem mesmo ele consegue disfarçar. Como poderia, se Daemon e eu nem parecemos ser noivos felizes?

— Eu em minha casa e Jezebel na dela. Vamos? — Meu então marido responde seco, sem qualquer ressentimento ou arrependimento. É como ele mesmo disse, apenas se importa com os próprios sentimentos, talvez nem mesmo isso.

Precisamos apenas atravessar o jardim para estar nas imediações da casa principal e do chalé de Alessa. Mattia se despede e vai embora primeiro, enquanto eu e Daemon paramos um de frente ao outro, ouvindo apenas o som dos grilos e dos sapos que ali habitam.

— Entre. Qualquer coisa, peça para que me chamem ou a Marta. — Ele se vira, sem desejar um boa-noite ou dizer "até logo".

— Eu não me casei com Marta — murmuro, ainda de frente para o jardim.

— Mas se casou com o *Capo*, você foi avisada e vestiu a aliança em seu dedo por livre e espontânea vontade.

— E se eu tivesse partido?

Sem paciência, ele se vira.

— *Eu teria me casado com outra*. — Outra porrada em meu peito. Meus olhos se enchem como os rios, mas não vazam em suas bordas.

— Então é isso? Você quer me fazer odiá-lo?

— Está dando certo? — Sua pergunta reafirma a minha.

— Por que quer me manter longe?

— Boa noite, Jezebel. — Daemon me dá as costas definitivamente. Sou teimosa, mas essa é uma tecla na qual eu não insistirei em pressionar. Se ele fizer jus ao seu combinado, eu farei com o meu. Não terei pendências com o *Capo*, tampouco ele com sua esposa. Terá sua liberdade nos negócios e terei a *minha vida de liberdade*.

Minha respiração se dissipa quando as lágrimas vêm ao entrar em casa. É a minha casa, onde eu estarei até os últimos dias; *sozinha*.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 27

Perspectiva alternativa

JEZEBEL CONSTANTINI

O dia mal começa e me levanto bem cedo. As frutas que guardei na geladeira, há dois dias, foram parar dentro do vaso sanitário, depois que tentei comê-las de café da manhã, mas provavelmente não vedei o pote da forma certa e isso pode tê-las contaminado.

A insônia foi embora, dando lugar a uma enorme carga de sono que, se não fosse pelo mal-estar, faria com que eu ainda estivesse dormindo.

Tomei água e um remédio para o estômago, voltei a tentar comer outra coisa de café da manhã e então consegui me alimentar da forma certa. Eu teria lido um livro se alguém não estivesse esmurrando minha porta como se quisesse colocá-la abaixo.

Ao abrir, dou de cara com Benito, o novo Subchefe de Daemon.

Sua mão está para trás e a luva preta recobre os seus dedos, deduzo que ele passou a noite fora, mas não serei eu a fazer suposições.

— Bom dia, Sra. Constantini... — Mais educado do que meu marido, pelo menos. — Daemon está te esperando. — Minha cabeça vira confusão. Não marcamos nada no dia anterior e nem ao menos ingeri qualquer tipo de bebida que me fizesse não lembrar-me. De fato, *eu me lembraria*.

— Desculpe, Benito, para quê?

— Seus treinos começam hoje. Você tem dez minutos, Jezebel — murmura com um sorriso no rosto e me deixa sozinha, no vazio das minhas divagações, quando me questiono onde estão as solicitações de minha presença com antecedência.

— Treinos? — questiono, como se alguém pudesse responder.

Eu me visto na correria, respirando fundo quando, na realidade, não faço a menor ideia de que tipo de treino é esse. Um tênis, uma calça de lycra e uma camiseta de manga. Não gosto disso, todos os itens são pretos, parece que estou de luto ou indo para um velório, e a menos que eu esteja enganada, ninguém morreu. *Ainda*.

Temos apenas um dia de casados, ainda teremos tantos anos juntos que não tenho ideia de quanta saúde mental terei até lá.

Um dos soldados das *decinas*, presente para fazer a segurança dos jardins, leva-me até um lugar que eu nunca havia ido na mansão, ainda no fundo e atrás do salão em que ocorreu nossa festa de casamento na noite anterior. É como se fosse uma pequena estufa de alumínio no qual, ao passar pela porta de entrada, dou de cara com Daemon sozinho, entretanto de costas.

O lugar é enorme, o chão é de algum tipo de espuma macia e há alguns aparelhos para exercícios físicos, bem como sacos de pancada e pesos, feito halteres. Acredito que seja o centro de treinamento ou de prática de musuclação.

O cheiro de fumaça me incomoda, mas não há qualquer sinal de sua origem ou resquícios visuais dela.

— Eu achei que éramos casados. Custava você ir lá me avisar? — Não sou ignorante em minhas palavras, estou apenas

exigindo o básico: *uma boa convivência*.

Ele se vira, e então eu quase engulo a própria língua. Daemon está com uma calça jogger, mas não é a roupa que veste que me incomoda, e sim a parte dela que está ausente, deixando todo seu torso evidentemente exposto.

Meu marido está banhado em suor, ele tem as mãos na cintura, os cabelos loiro-escuros colados em sua testa, as maçãs do rosto vermelhas e uma respiração que afunda o tórax toda vez que o ar é expelido pela boca. Estava treinando.

Não é como se eu pudesse ter percebido, tanto como agora, o seu corpo.

Ele está maior, *muito maior* do que antes. Músculos mais marcados pelas fibras debaixo da pele, a dorsal mais larga, bem como o trapézio. Talvez os treinos feitos longe de minha visão estivessem corroborando para um físico mais... *elaborado*.

— Em um jogo de xadrez, eu sou a mão que controla e você é só um peão, *esposa*. — Sua forma de tratamento contém um cinismo que me faltou quando tentei usar, mas de forma desajeitada. — Então não ache que vai pular as casas sem permissão. Se eu chamo você, você vem.

— Não sou uma égua, para ser domada.

— Mas é minha esposa. *Minha*. — Ele destaca o pronome possessivo. — Tem o meu sobrenome no seu nome e, em breve, vai ter minhas iniciais em sua pele. — Eu havia me esquecido disso, *completamente*.

— Você não vai me marcar. — Ele gargalha, mas não é de uma forma amigável.

— Eu sei que Marta te disse, antes do casamento, como seria o *após*. Eu te dei a sua chance de correr para longe quando podia, mas aqui e agora... — ele aponta para o chão em que pisamos — são as minhas regras. E a regra da Cosa Nostra é que a esposa do *Capo* seja marcada em até quarenta e oito horas depois do casamento.

Em alguns passos, estamos frente a frente.

— Por que isso é necessário? — Seu corpo brilha de suor, e mesmo que eu sinta o cheiro salgado que ele expele, também sinto seu cheiro vigoroso, fresco, como se cada ponto nele fizesse eu me sentir atraída.

Seu dedo põe uma mecha de meu cabelo atrás da orelha, encostando apenas a ponta do dedo quente em meu lóbulo gelado, e é apenas disso que meu corpo precisa para se recordar do que ele já foi capaz de fazer na posse de uma das mãos.

— É necessário porque, caso eu morra, aqueles que compõem a Cosa Nostra matarão cada homem que tocar em seu corpo. — Meus olhos se arregalam. Isso é doentio, até mesmo para uma organização deste tamanho. Ele não pode estar falando sério.

— Eu jamais deixaria outro homem me tocar. — O tom de minha voz diminui e eu sinto vergonha ao pensar na possibilidade ser real. Meu olhar cai ao chão, meu o rosto ficando quente.

— Faremos hoje a sua marcação. O máximo que posso fazer é deixá-la escolher o lugar — explica. Ainda não acredito que Marta expõe todas as confissões que faço a ela para Daemon. A ideia de talvez estar conseguindo uma amiga me causou alívio quando entendi que ela só queria meu bem, mas, na verdade, a governanta funciona mais como uma peneira de informações, que leva para Daemon tudo o que acontece, sempre quando o dia se encerra.

— O que viemos fazer aqui? — Não darei murro em ponta de faca, questionando coisas que, mesmo sendo erradas, fazem com que ele tenha razão. Aceitei estar aqui e me encaixar, quando uma escolha de liberdade foi dada.

— Marta me disse que você não queria ser uma sombra, mais precisamente *um fardo*. Então, a partir de hoje, vou treinar você. — Caio na gargalhada, dando-lhe as costas, porque talvez sua tentativa seja me desmoralizar, mostrando, não na teoria, mas na prática, que não consigo defender nem a mim mesma. Estou

pronta para ir embora quando sua voz engrossa e chama meu nome. — Jezebel Constantini.

O sobrenome causa um efeito retardante em mim, já que acredito não ser eu a ter o mesmo sobrenome que ele, mas logo depois me lembro de que sim.

— Quando eu disse que não queria ser uma sombra, eu não disse que queria *isso*. — Aponto para o saco de pancadas. — Não quero entrar no seu ciclo de violência.

— Foi um ciclo de violência que me manteve vivo — tenta argumentar.

— E dividiu a sua cabeça em duas partes, uma que tenta destruir o mundo e você, que tenta consertar o que ele destrói. — Daemon se aproxima rápido ao agarrar o meu queixo, apertando os lábios contra os dentes. Ele está com raiva; posso ter passado dos limites agora.

— Está com medo de ficar igual a mim? — Ele balança meu queixo. — Para você ficar como eu, precisaria passar fome por dias, ver sua mãe sendo estuprada por dias, matar inúmeras crianças, famílias inteiras, queimar pessoas, tomar tiros do próprio pai, ficar dias dentro de um frigorífico com temperaturas negativas e apenas uma garrafa do destilado como castigo, e dentre muitas outras coisas, acontecendo na porra de um *looping* que nunca acaba. Daí, se você não morrer nesse processo, talvez a sua cabeça se divida... — O *Capo* aponta para a própria cabeça. — *Como a minha*. — E em um pequeno impulso, apenas com o punho, ele me solta, convencido de que apenas seu alerta amigável tenha sido o suficiente para mexer comigo. — Agora... volte para o chalé e se esconda lá dentro. Se tiver dificuldade, finja que é Alessandro aqui fora e não eu.

Ele se distancia na intenção de me deixar sozinha, quando pega uma garrafa da água e me dá as costas.

Ele... *acabou de me humilhar.*

A raiva de ter sido deixada de lado na noite anterior mexe com cada parte de mim, pois não posso deixar que ele me

humilhe assim, como se eu fosse absolutamente nada. Em um impulso que sequer deveria existir, projeto meus pés para trás a avanço nele, ainda de costas, e sua agilidade é maior do que posso notar. Ele agarra meu punho, girando meu braço como se não demandasse o mínimo esforço.

— Está me machucando — murmuro. Sua mão força contra meu punho, torcendo-o cada vez mais, enquanto sinto seu corpo úmido colar em minhas costas. — Me solta.

— O nome disso não é coragem, é covardia. Não se deve esperar ninguém virar de costas para atacar! — ele exclama e sinto seu hálito quente em minha orelha, respirando fundo enquanto dá espaço entre as palavras que pronuncia. — Vamos, você... — Antes que ele diga a sentença completa, eu viro o pescoço e consigo morder seu braço, fazendo com que ele me deixe livre.

— Você... me *machucou*. — Massageando meu punho, minha reclamação sai como um gemido. —Talvez você não seja tão rápido ass... — É minha vez de pagar com a língua, quando, em um segundo, eu estou diante dele, e no outro, eu estou deitada no chão, sentindo a dor nas costas que vai com tudo contra a espuma sobre a qual há pouco eu estava de pé.

Meu campo de visão turva e meu nariz queima com o ar que entra, como se fosse fumaça. Minha raiva não sana, ela só aumenta. Ele me *derrotou* para valer, como faz com os homens que compõem suas *decinas*.

— Vai pegar a manha com o tempo... — Ele se levanta, enquanto eu mal consigo sustentar o peso de meu corpo, devido ao impacto que ainda sinto. Minha cabeça dói. — Ou não.

Seu olhar me avalia e sei que ele tem consciência do que fez, mas não parece se importar quando pega a água e torna a beber, como se eu fosse apenas um peso caído no chão.

— Isso é uma... tentativa de me humilhar? — As divagações aumentam em minha mente.

— Não preciso diminuir você, quando você mesma faz isso.

Escolhi estar aqui, ao seu lado, não posso me permitir cair com apenas esse golpe, embora seja inevitável que a tristeza não me consuma em tais reflexões. Eu não o faço com palavras, mas a forma com que faço determinados questionamentos o induzem a ler isso em mim. Daemon é muito bom com sua percepção e ele sabe que, antes mesmo que julgue, eu o estou fazendo por ele, *o tempo inteiro*.

— Daemon, para que tudo isso? — Ainda deitada, encarando-o de baixo para cima, eu vejo a imagem de Mattia se aproximando, cuja primeira reação é se aproximar e me amparar para que eu esteja de pé. Meu quadril dói, mas entre o Conselheiro e eu, o corpo de meu marido nos separa em um tom hostil de indisciplina.

— Nem mais um passo. — Daemon o repele, ao mesmo tempo que me deixa sem resposta, ao menos verbal. Os passos sobre o tatame aumentam quando um soldado qualquer se aproxima. A bandeja de prata circular, que é amparada por sua mão, carrega algo que meus olhos não alcançam, já que, por estar no chão, tudo que vejo é sua parte de baixo.

— O que vai fazer? — Mattia questiona, mas seu semblante relaxado mostra que talvez ele saiba e esteja querendo nada mais do que uma confirmação.

O soldado, que tem sua mão vestida por uma luva que brilha como couro, toca em algo no centro da bandeja.

— Olhe para o chão. — O *Capo* ordena e eu o faço de forma automática, arrependendo-me amargamente. Seus dedos ásperos arrastam meu cabelo, livrando minhas costas dos fios escuros e lhe dando uma visão limpa da pele sardenta. Ele aperta meu ombro quando os dedos sobem até ele. O cheiro de aroma de fumaça invade minhas narinas e eu entendo o que vem em seguida.

A tentativa de fuga arqueando o corpo é anulada quando Daemon agarra-me pelo pescoço, impossibilitando o escape. O susto me obriga a arquear ainda mais minha coluna, pois algo queima minha pele, deixando-a em brasa. O som borbulhante

chega aos meus ouvidos e o cheiro de carne queimada faz minhas narinas arderem.

— ME SOLTA! — grito, em um misto de sentimentos que facilmente posso confundir com medo e desespero.

Ele faz exatamente o que peço.

— Pronto, agora cumpri com o meu dever. — Seus joelhos deixam o chão, pondo-se de pé.

Minha nuca queima, queima como o inferno.

— Cumpriu seu dever e se esqueceu de sua promessa — argumento, apertando os olhos ao sentir a pele pulsar. Levo os dedos no local em que a dor se iniciou e consigo sentir a destruição da derme, desnivelando em um estrago da pele.

— Jamais. Seu treino e a marca fazem parte da promessa. Só tocará em você quem eu permitir. — Daemon me encara e depois a Mattia, que assiste à cena com o semblante impassível. — Agora, sim, você pode tocá-la sem o risco de perder a mão. — O que deu nele para falar assim com o próprio *Consigliere*? — Já acabamos. — O *Capo* me ignora, pega sua toalha, joga-a por cima dos ombros e simplesmente vai embora, como se eu fosse o mais absoluto nada, ao mesmo tempo que a marca em minha nuca torna-me tudo.

Eu não espero amor dele, talvez não externamente, mas, em meu inconsciente, essa é uma ideia que desejo que floresça com o passar dos meses, já que ninguém vence o tempo, nem mesmo o amor.

Engulo a saliva e o Conselheiro de meu marido me abraça. Como em um porto seguro, eu choro copiosamente. Não apenas por tristeza, não por amor, não por solidão, não pela falta de companhia, mas pelo excesso; de pensamentos, de achismos, de “*e se*”, e do que poderia ter sido, mas agora infelizmente não é, e ninguém sabe se poderá ser.

— O que aconteceu, Bel? — Meu rosto se afunda em seu peito, e não quero encará-lo.

— Será que vai ser sempre assim? — questiono, em uma tentativa ingênua de respirar ao mesmo tempo.

— Assim, como? — Ele sabe do que falo, talvez apenas não saiba de qual parte.

— Como se fêssemos estranhos, sempre tão hostil.

— Com o tempo ele vai... amolecer. Ele também está se acostumando a essa ideia de casamento, mas não tente agradá-lo. Se você nunca o desagradar, se submeterá a uma escravidão sem igual.

Sua frase me faz refletir. Este é o primeiro dia após nosso casamento, deveriam ser dias brandos, nos quais é necessário muito fogo para pôr o palheiro em desordem, mas se agora ele me humilha sem qualquer resquício de arrependimento, em alguns anos verei de minha cozinha inúmeras mulheres saindo de sua casa, pois qual é o marido que não se atrai pela esposa?

— Eu também estou me acostumando — murmuro, esfrego a região dos ombros, na qual foi o maior dos impactos. Mattia anda ao meu lado quando nota que o posso fazer sozinha, em direção ao chalé.

— Dê um tempo a ele e se dê um tempo também. Evite perguntas e evite... tentativas de aproximação. Ele vai te procurar quando necessário, confie em mim. — Ao chegar diante de minha porta, ele me encara.

— E se ele não procurar?

— Então viva sua vida como se ele não estivesse no mesmo lugar que você. Existem muitas coisas que estão e irão tirar o foco de Daemon nos próximos dias. Você pode solicitar saídas junto de Marta, posso acompanhar vocês, isso não é um problema. — O Conselheiro do *Capo* tenta a todo momento desfazer as burradas que seu líder faz. Mattia sente muito por ele, mas Daemon, se pudesse, faria pior, apenas para se certificar de que não entendi errado.

— Obrigada pelas... palavras. Vou ocupar minha cabeça com... algo... — Meus dedos abrem a porta devagar e Mattia

acena com a cabeça.

Ao me virar, Marta está de pé, ao lado do sofá e com as mãos para trás, como se esperasse uma ordem.

Acreditei que ela realmente fosse minha amiga, mas suas maquinações em tentativas falsas de tentar ter informações minhas para levar ao meu marido foram longes demais.

— Você, eu achei que fosse minha amiga. Achei que quisesse o meu bem. Eu confiei em você. Conta tudo o que conversamos a ele! — eu a acuso, as palavras de Daemon foram provas muito mais verídicas do que qualquer pedaço de papel.

— Jezebel, eu não prejudiquei você. Ele queria saber como voc... — Sequer a deixo falar e tampouco pretendo.

— Sai. — Apontando para a porta, quase grito.

— Podemos conversar?

— Eu quero ficar sozinha. — Ela não insiste. Virando o rosto em direção ao corredor, apenas ouço Marta sair pela porta e a bater em seguida. Eu não quero ser ou parecer fraca, talvez a minha maior fraqueza seja exatamente essa: *demonstrar demais*.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 28

Ignição

JEZEBEL CONSTANTINI

Os dias correm devagar. Decidi não lutar contra as pequenas coisas. *Marta,* por exemplo.

Há uma semana trocamos os nossos votos e faz a mesma quantidade de tempo que eu não o vejo, sequer andando pelo jardim. Pedi que Marta cuidasse da queimadura que rendeu poucas noites de sono após obtê-la das mãos de meu marido.

Eu não entendo por que *ele* estava tão distante, apenas sei que Daemon sente algo por mim, talvez compaixão, ou pena, mas sei que é algo além do que demonstra.

Minha imagem no espelho é, no mínimo, estranha. Estar dentro de roupas tão formais nunca foi algo com o qual achei que teria que me acostumar.

— Isso me sufoca, meu Deus! — reclamo. A governanta chama de corselete, tem suas extremidades duras e comprimem não só o meu corpo, como rouba todo o ar que pretendo usar para me manter lúcida.

— Você será o centro das atenções — Marta quase rosna, fechando os dentes, e aperta o corselete o quanto pode.

— Achei que a Cosa Nostra fosse... ilícita. Não sabia que participava de caridade. — Ela me solta e me sinto ereta de uma

forma que não é possível me curvar.

Benito veio, há dois dias, dar a notícia de que eu teria que comparecer a uma das instituições de caridade, a de menores carentes, que inaugurará hoje, e pelo que entendi, é dessa e de muitas outras formas que a *Omertà* disfarça e lava dinheiro sujo. Recebem doações em largos lotes, como se tivessem sido doadas de fato. Uma pequena porcentagem vai para os bairros pobres das cidades, não só da Sicília, mas de toda a Itália.

É, literalmente, um grande submundo escondido, que cresce a cada dia e carrega suas regras restritas a quem dá a vida por eles.

— O que eu... o que eu vou dizer? Eu estava dentro de um monastério dois anos atrás. Não podem me jogar aos lobos, esperando que fale como se tivesse nascido em berço de ouro. — Eu me sento na cadeira e ela torna a fazer um coque em meus cabelos. A maquiagem em meu rosto faz com que eu me sinta estranha, assim como os fios repuxados, que apertam meu couro cabeludo e me dão dor de cabeça.

Já são quase cinco da tarde.

Ser uma boa esposa em troca de dever e promessa. Me parece justo, não?!

— Prometa o melhor para as crianças, prometa valores e presentes, fale que... batemos o recorde de doações. Fale sobre esperança e sobre o que você sabe... *O catolicismo e a fé.* — Ela dá a volta, ajoelha-se à minha frente e põe um par de sapatos em meus pés. São pretos, deixam meus dedos à mostra e são *altos demais.*

— Espera que eu minta? — questiono.

— O mundo é uma grande mentira, Jezebel. Tudo é manipulado, a felicidade, a tristeza, o dinheiro e a pobreza. Nem tudo que parece, *realmente é.*

"*É tudo questão de perspectiva*". Essas foram as palavras de Daemon no monastério.

— Isso não parece ser tão simples. — E, de fato, não é. Vai de encontro a tudo o que eu aprendi.

— Nada é tão simples, mas, com o passar dos anos, você se acostuma. — Sei que não será fácil, assim como também sei que o costume virá, no entanto nunca vou me habituar a saber que o homem que amo estará do outro lado do jardim, evitando-me sem motivo, apenas por negar ser necessário passar uma vida inteira acompanhado.

Qual a sua motivação? Tudo ainda é tão vago para mim.

— Vai estar comigo?

— Eu, Mattia e alguns seguranças ao redor — confirma. Ela se põe atrás de mim, apertando meus ombros firmemente. — Bote um sorriso no rosto. Você é a esposa do *Capo*.

— Isso não significa muito para mim, Marta. — Encaro a aliança em meu dedo, sabendo que é apenas uma mera decoração. — Minha aliança é apenas um enfeite.

— Ele sabe o que está fazendo. Se mantém você aqui, é porque tem seus motivos. Não fique assim! — É claro que ela vai sempre tentar defendê-lo. É o seu patrão, trabalha há anos para a família e jamais o trairia ou diria algo que pudesse prejudicá-lor. — Depois deste evento, você o encontrará à noite.

Ela chama minha atenção de forma que eu a encaro diretamente nos olhos.

— Daemon?

— Sim, hoje é a nomeação do governador. Durante a nomeação, apenas homens podem estar presentes, mas, no jantar comemorativo, você precisa estar ao lado dele. A maioria dos associados irão. — Ouço-a falar enquanto tento normalizar o aperto em meus pés. Respiro profundamente, tentando não prestar atenção a todas as mudanças em meu corpo, que são totalmente desnecessárias a meu ver.

— O que Daemon faz na nomeação do governador? Sei que a Cosa Nostra é responsável pelo tráfico de influências, mas não

achei que tivessem tanto contato direto assim. — Se não posso tentar manejar as coisas a meu favor, o mínimo que posso fazer é tentar entender as relações que me cercam.

— Com um Constantini sobre a cadeira de sumo pontífice, a Cosa Nostra conseguia muitas coisas, as influências apenas auxiliavam. O governador não era nosso, embora isso não importasse, porque tínhamos o Papa. Mas, agora, com a *morte* de Czar, Daemon precisa ter alguém no governo para auxiliar a entrada de um novo papa, que também é um dos nossos, apesar de não ter o mesmo sangue que o *Capo*.

As configurações de poder e liderança ainda são um pouco abstratas para mim, mas o tempo será um amigo para me fazer entendê-las. Não que mudarão algo na minha vida, só é bom saber com qual pé devo pisar em certos ambientes.

— Acha... essa roupa ideal para mim? Não acha que está um pouco... colada demais? — O vestido azul-escuro tomara que caia marca bem a cintura, e segue folgado no quadril, como uma espécie de saia que desce solta até o meio das canelas.

— Elegante! — exclama.

Saímos de casa antes do planejado, melhor estar adiantada do que atrasada. Se tiver alguma forma de tirar a atenção do público de mim, é a que prefiro.

Mattia não fala comigo durante todo o percurso que traçamos de carro. Também não preciso que ele fale, fico o caminho inteiro apertando os dedos com ansiedade. Simplesmente não posso arrancar o esmalte das unhas.

É, eu as pintei de azul e, sinceramente? Sei que vou demorar a me acostumar com isso. Este é o lugar que me cabe agora, mas ainda me sinto *fora de ambiente*.

O local é uma unidade de distribuição social de alimentos e comida, alguma espécie de ONG. Há uma grande quantidade de pessoas em frente a um palco montado no ginásio e, olhando todas as outras mulheres presentes, temo que talvez eu esteja mais arrumada do que deveria.

— Por que está suando? — Mattia, ao meu lado, questiona, alguns soldados estão à minha volta e eu sinceramente não sei se alguns começam a me encarar por haver homens demais em torno de mim ou pela roupa que visto. Um buraco para enfiar minha cabeça seria ótimo agora.

— Estou com calor — murmuro, tentando falhamente controlar minha respiração alvoroçada.

— Está frio. — E percebo que nem para isso eu presto. — Tente não parecer tão assustada, as mulheres acham que isso é uma competição.

— E pelo que seria?

Droga, agora também ficarei encabulada com minha expressão.

— Qual marido é o mais rico, qual roupa é a mais cara, qual tem mais segurança, e por aí vai. — Damos a volta para nos aproximarmos do palco.

Algumas crianças se apresentam cantando e dançando algumas músicas clássicas sobre o palco, no qual um homem toca piano de forma tão lenta que ninguém é capaz de fazer qualquer barulho que possa atrapalhá-lo. Está vestido formalmente, cabelos curtos, quase careca, pele bronzeada e um corpo atlético. Ele se destaca mais pela forma com que se veste do que pela beleza.

Minha mão está suando, não apenas meu rosto, uma sensação de embrulho no estômago e um calafrio que me deixa a segundos de pedir para que Mattia me leve correndo para casa.

O que deu na cabeça de Daemon? Por que ele achava que eu, sem qualquer tipo de contato com eventos desse tipo, poderia vir a público como se fosse expert no assunto?

Meus seios estão doloridos por dentro do corselete, e cada vez que mexo o tronco, sinto a dor nas glândulas mamárias aumentar, a ponto de tentar estabilizá-lo por cima do vestido, como se realmente fosse adiantar de alguma coisa.

Lendo a bula do remédio, vi que poderia desorganizar alguns hormônios e causar alguns sintomas indesejáveis, mas que com o tempo, tudo se normalizaria.

— Por que você não veio no meu lugar? — Procuro Marta com o olhar e ela está longe. O Conselheiro de meu marido, ao meu lado, mantém-se distante, com o olhar na plateia.

— Porque não sou a esposa *dele* — ele deduz, obviamente.

— Jezebel Constantini, esposa de Alessandro Constantini. — Estou tão dispersa, que mal noto o homem, que antes tocava piano, aproximar-se. Algumas mulheres me encaram e cochicham, sei que falam de mim, pois enquanto seus olhares me engolem elas tampam a boca para que eu sequer possa ler seus lábios. — Me chamo Maurice de Vaz. — Ele estende a mão e eu me demoro, perdida, antes de entender que ele espera um gesto meu.

— Boa... boa noite. — Estico a mão e ele a aperta.

— Boa noite, Maurice. — Mattia se intromete e os ares não são dos melhores.

— Mattia — o homem cumprimenta o Conselheiro também. — Sou o divisor de recursos da Sociedade do seu marido. Sou eu quem faz as porcentagens de distribuição de doações. — Meus lábios se entreabrem e depois se fecham. — Eu fico feliz que tenha vindo, Sra. Constantini, ficamos... *curiosos* para saber quem seria a primeira-dama da... hum... *Monarquia*.

— Como se alguém não tivesse contado antes. — O Conselheiro da Cosa Nostra é rude, como se o homem que escancara sorrisos de graça pudesse representar algo pouco positivo, mas duvido que Daemon não confie nele, caso contrário, sequer seria um associado. — Viemos apenas marcar presença e não pretendemos nos demorar.

Ironia, o *Capo* da Cosa Nostra, aos olhos do mundo, alimenta crianças e salva famílias, mas quando necessário e provada uma traição, ele as mata junto daqueles que as botaram no mundo.

— Augusto Valarini irá assumir o cargo de novo governador da Sicília, hoje. Alessandro realmente está se saindo bem, fazendo mais do que seu pai fez quando se sentava sobre a cadeira de *Capo*. — Ele tem um microfone nas mãos, mas a apresentação segue rolando. — Sempre com belas mulheres, de uma régua e postura inabaláveis. — Desta vez, ele se refere a mim. — Grandes homens merecem grandes mulheres, então eu lhe pergunto: *o quão grande é você, Jezebel?*

Os olhos dele são como duas uvas pretas, e ainda distraída com a dança, eu o respondo primeiro, para depois me deparar com sua atenção sobre mim.

— O quanto o meu marido precisa que eu seja.

Ele ergue o queixo.

— Boa resposta. — Maurice ergue o microfone. — Prometi a Alessandro que você seria breve.

— Breve? — Ainda não entendo do que ele fala. — É com ele que eu devo falar, certo? — Eu me viro em direção a Mattia, que parece ficar mais aflito do que eu mesma. — Mattia. — Ele não me atende, então eu entendo. Não era para falar com as crianças ou com os organizadores do evento, mas, sim, em público, para talvez algo perto de duas mil pessoas, eretas, encarando-me perto de Maurice. — Mattia, nem pensar. — Encaro o homem com microfone. — Eu não quero.

— Como não? Este é um momento seu. — Maurice tenta me persuadir.

— Meu? — questiono.

— O que pertence a ele é seu também e, na ausência de Alessandro, a última palavra é sua. — Independência, era assim que os de fora conseguiam enxergar, mas meu marido faz sempre questão de mostrar que estou um degrau abaixo dele, esperando uma ordem, como se fosse um soldado das *decinas* da *Omertà*.

Como alguém como ele pode amar? Como alguém como Daemon sentiria algo por mim? Por que um coração tão maldoso

buscou a menor das necessidades em uma mulher tão simples como eu?

— Diga que estou... indisposta e... — Ele me puxa pela cintura, e Mattia não faz absolutamente nada, interrompe minha fala e me joga no meio do palco, não tão mais alto do que a pista em que repousam os convidados.

— Agradeço a presença de cada convidado aqui hoje. É muito importante que tenhamos pessoas que pensem nas crianças e nas pessoas que não possuem renda o suficiente para ter uma vida minimamente digna na Sicília. — Ele me encara e eu sinto a vertigem em minha cabeça quando dois fotógrafos se revezam entre tirar fotos e estourarem um *flash* fotográfico no meio do meu rosto. — Muitas pessoas contribuíram para o recorde que atingimos hoje e, graças a Família Constantini e à caridade da Arquidiocese de Milão, nós dobramos a meta. Então com vocês... — *Não, não, não!* — Jezebel Constantini.

O chão se abre e eu fielmente acredito que irei cair dentro dele. Minha respiração trava e eu juro que meu rosto está mais vermelho do que o fogo quando se alimenta de papel. Maurice passa para mim o microfone e, em um piscar de olhos, estou sozinha, sendo o foco total de atenções, com olhares que não só gritam ignorância, mas também a sussurros que, mesmo distante, consigo ouvir e até mesmo ler suas bocas.

"Quem ela pensa que é?"

"Está gorda neste vestido, olha o tamanho daquele quadril."

— Eu... eu... — A voz sai acompanhada da escassez de ar. Eu sempre fui péssima em todos os tipos de discursos e orações em público no convento. — Droga... eu... — encaro Mattia, que espera mais do que uma palavra. — Eu... vim no lugar do meu marido, Daemon... — *merda, merda, merda, que desastre* — digo, Alessandro, ele não pôde vir mas... mas... mas quis que eu viesse aqui, para agradecer pela condecoração e pelo carinho e... — Um novo *flash* estoura, e então outro, e mais outro, com tanta força que não consigo raciocinar direito, quase ferem minha vista,

juntando nervosismo e todo tipo de emoção que me faz suar cada vez mais por cada canto do meu corpo. O corselete parece estar cada vez mais apertado. *Eu não posso ficar aqui.*

"*— ...que vergonha! Onde ele arrumou essa mulher? No mato?*".

Mas lá no fundo, onde meus olhos quase não alcançam mais, vejo a figura esguia de uma mulher ereta, olhos cerrados e sobrancelhas grossas, seus cabelos loiros e familiares não me deixam confundi-la, tampouco seu rosto magro e branco. Meus olhos se acendem como estrelas. Não é qualquer uma e, se eu não estiver ficando louca, *é Alessandra.*

Olho para Maurice, que tem um sorriso no rosto, mesmo que não haja sequer uma motivação para tal coisa, afinal não há alegria na desgraça.

Volto minha atenção para a plateia e o semblante de dúvida estampa meu rosto quando o corpo magro e os cabelos loiros somem assim que os *flashes* se intensificam. Eles não querem perder o meu desnorteamento.

Meu estômago se embrulha ainda mais, eu largo o microfone, que faz um barulho terrível sobre o piano, e procuro desesperadamente descer do palco. Preciso de uma placa indicando banheiro.

— Jezebel. — O Conselheiro se aproxima, tentando buscar meu braço, mas ao identificar, ao fim do corredor, atrás do palco, uma pequena placa azul indicando o banheiro feminino, é para lá que eu corro, sem me importar se estou sendo acompanhada ou que alguém cruze o meu caminho.

Minhas mãos espalmam-se na porta de entrada, e na da primeira divisória em seguida. Pela rigidez do corselete, eu mal consigo ficar de joelhos e, ao sentir o vômito quase na garganta, sei que não tenho tempo sequer de tentar tirá-lo.

Sufocada, é assim que me sinto. Não só no ambiente, mas dentro da cabeça, dentro deste vestido, em todo lugar possível.

Eu me sento no vaso, respirando fundo, a pressão cai e, ao abrir os olhos, eu vejo Marta me encarando, agachada à minha frente.

— Jezebel? Está bem? — Uma toalha pequena seca a umidade em meu rosto, que antes foi provocada por calor, mas agora me acomete o frio, que sei que não existe.

— Eu não quero ficar aqui, eu quero sair daqui! — Mattia está parado à porta, de pé, enquanto acompanha o tratamento que a governanta me dá dentro do banheiro. Péssima ideia, eu não sirvo para isso, para essa coisa de representar homens. Um dia, eu mal saio de casa e, no outro, represento meu marido de fachada em uma doação milionária a uma instituição que só funciona também como fachada para lavagem de dinheiro. — Eu disse que esse corselete estava apertado.

— Dê água a ela — Mattia pede.

— Precisamos levá-la para casa e trocar essa roupa antes de levá-la até Daemon.

Meus compromissos como *primeira-dama* ainda não foram finalizados. O primeiro encerrava-se agora, e não tenho grandes esperanças de que minha noite vá ser incrível com o segundo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 29

Uma caçada inteligente

DAEMON DEMARCO

Existem algumas coisas que passei a fazer depois do acordo *com o outro lado da moeda;* olhar no calendário a data do dia todas as manhãs que me levanto. Isso me faz ter a certeza de que fui eu a viver o dia anterior, ter a certeza de que fui dormir e acordo com a autonomia de meus atos de forma intacta.

O lado da minha cama, vazio, sempre me lembra de que deveria estar preenchido, mas sejamos honestos, o que eu poderia oferecer a Jezebel? Nada. Uma boa vida é tudo o que eu poderia dar e é exatamente o que eu estou dando. Somos feitos de carne e osso, esse talvez seja o maior testamento de que jamais seremos perfeitos, e eu não quero ser.

Homens fortes construíram eras mais fáceis, e tempos fáceis, constroem homens fracos. Não posso dar a melhor parte de mim e fazer com que minha esposa acredite que sou um homem bom, isso a enfraqueceria. Ela precisa ser forte e ter poder de escolha, longe de mim. Não posso, em tempos fáceis como esses, deixar-me ser o homem fraco.

Eu não sou digno dela, e o quanto antes entender isso, com a distância e o rancor, melhor será.

A fumaça está por todo lado, em cada canto da sala de reuniões, mas é em meu pulmão que ela se encontra em maiores quantidades. O cigarro entre meus dedos vai diminuindo quando minha atenção maior está no filtro, amarelado de tanto passar nicotina para dentro de minha boca.

— Você vai morrer, se continuar fumando desse jeito. — Censuro Dante, do outro lado da mesa, apenas com os olhos.

Esta é uma reunião parlamentar, ou melhor... deveria ser. Com minha ajuda, Augusto Valarini acaba de se tornar o governador da Sicília, e tendo contato com o juizado Italiano, as influências aumentam e os favores que me deve também. Agora é só questão de tempo até por tudo em seu devido lugar, mas a ideia de que Dario Martino esteja tão silencioso e escondido me deixa um tanto incomodado.

A pergunta que não sai da minha cabeça: *quem é a legião?*

— Existem muitas coisas que podem me matar, Dante, mas tenha em mente que este cigarro não é uma delas. — Uma última tragada e toda a nicotina se vai. O filtro se perde dentre outros no cinzeiro. — E então?

— Lucius chegou. Deve estar no estacionamento a esta hora. — O Palácio dos Normandos é enorme, responsável pelas reuniões do Parlamento italiano, assim como confraternizações em sua enorme ala de eventos. Visto que agora os casaleses estão conosco, nada mais justo do que os inserir entre os homens que gerem a Sicília por cima dos panos, enquanto nós estamos embaixo. Estou uma bagunça por dentro, a mente perdida em tantos assuntos que é quase difícil me concentrar em apenas um. Sei que nada mais é tão simples quanto um dia foi, em teoria, não é uma escolha entender que pendências devem ser resolvidas, e eu não posso suspirar em minha cadeira enquanto tudo não for sanado. — Sua escolha para esposa foi péssima.

Dante e sua mania de se intrometer em coisas que fogem de sua alçada.

— Essa não me parecia ser sua opinião quando estávamos em seu mosteiro. — A opinião dele não me preocupa. Dante é um amigo, mas não faz parte do meu Conselho e as regras e imposições que fazem com os casaleses não vão impactar dentro de minha casa.

— Você apareceu com ela vestida de freira dentro do mosteiro, estava noivo de Antônia e, mesmo que os Fabbri não fossem tão queridos por nós, Antônia tinha uma família. *Ela tinha honra*. — Ah, claro. A moralidade de Dante chega a ser irritante porque, externamente, ele se preocupa com isso, mas não acho que se sinta um traidor quando pensa em Beatrice.

— Me diga, o que você sabe sobre honra? Seu pai foi um padre e sua mãe uma freira, Dante.

— Minha mãe não era uma meretriz, Daemon. — Ele não acusa, tampouco é cínico, mas a mera enfática sentença estipula que Jezebel tem a mesma classificação que sua mãe e esta é uma falta de respeito que não posso permitir. O copo de água à sua frente é minha mira certeira quando minha arma, por dentro do paletó, se destrava e a bala cruza o ar tão rápido quanto o som, estilhaçando o recipiente em mais pedaços do que podemos contar. Ele retesa em sua cadeira, do outro lado da mesa, ainda incrédulo pela minha audácia.

— Ela carrega o meu sobrenome, portanto tenha mais respeito com minha esposa. — Minha voz sai como um rosnado, enquanto mistura na língua o gosto de cigarro e uísque.

— Sua esposa? Hum... vamos fingir que vocês não se engoliam pelos cantos antes. A forma como vocês dois falam um do outro é exageradamente expositora. É preciso apenas um olhar dela para saber o quanto ela é dependente emocional de você. — Seus dedos jogam pelo chão o restante do copo que ficou sobre a mesa, pelo menos os pedaços dele.

— E agora está se importando com a forma como minha esposa olha para mim?

— O que vai fazer quando ela engravidar?

Uma pergunta emblemática que possui tantos níveis e camadas, por motivos e satisfações, mas talvez três deles já falem por si: Jezebel já é fraqueza o suficiente, não preciso de mais uma; não farei com uma criança o que Adriano fez comigo, tampouco faria Jezebel passar pelo que Alessa passou; mas há uma outra, maior do que todas as anteriores, *com o contrato de iniciação assinado, um filho homem a levaria à ruína.*

Assinei o documento apenas por ter a garantia de que seu útero nunca produzirá um fruto meu. Todas as crianças que pretendem compor o corpo hierárquico da Cosa Nostra devem passar pela iniciação, exceto os filhos de associados.

— Ela não vai engravidar. — Minha certeza o surpreende.

— E como tem tanta certeza assim? Uma Monarquia não é uma Monarquia sem herdeiros. — Não o respondo, embora saiba que posso confiar nele. Não sou eu a quem ele normalmente chama de Padrinho, e é natural que os homens que regem a casa de Lucius também passem informações para ele. Sendo assim, eu já devo favores demais aos casaleses. — E se ela engravidar?

— Eu o tiro com minhas próprias mãos.

— Você sabe que o Conselho vai lhe apertar com o passar dos anos, não sabe? — Date indaga.

— Sei, e sei também que tenho esses mesmos anos para fazer com que a Cosa Nostra vire uma república — murmuro, encarando o maço de cigarro vazio.

— Deus, Adriano deve estar se revirando no fundo do mar.

— Contanto que ele fique lá, eu não ligo. — Ouço os passos apressados vindos do corredor, não me importo. Há soldados o suficiente lá fora, para explodirem qualquer um que não seja autorizado a passar. Eu decidi não ir até a cerimônia de nomeação, para estar aqui e receber Lucius a sós. Mesmo já tendo muito favores em minhas costas para dar a ele, eu estou disposto a somar mais um para saber as informações que não conseguimos encontrar em lugar nenhum.

— Sei que não preciso te lembrar, mas você deve um filho a Lucius.

— Se sabe que não precisa me lembrar, eu também sei que não preciso te responder, afinal prometi a ele e não a você. — A ignorância entre nós dois não é algo trivial que precise ser amparado; somos adultos e o dia em que formos carinhosos um com o outro será para enfiar uma bala em nossas cabeças.

A conversa não se estende, Lucius entra na sala com seis homens, como se fosse realmente adiantar de algo. Acho interessante a diferença dos líderes de outras organizações quando comparadas à nossa. Normalmente, um *Capo* de outro lugar precisa ser um homem engenhoso e perspicaz em suas escolhas, agregando um crescimento geral e não pessoal, mas, na Cosa Nostra, um *Capo* que não consegue ao menos se defender, não é ninguém.

Não espero que meus homens me defendam enquanto me sento em uma cadeira com os braços cruzados, à espera de que os corpos estejam estirados no chão. Estarei ao lado deles, empunhando a arma e acabando com cada desgraçado que ousar se opor a nós.

Dentro da *Omertà*, se um soldado é mais perspicaz do que o *Don*, de nada serve a cadeira de líder.

— Alessandro ou Daemon? — Lucius sugere ao se sentar ao lado de seu Conselheiro.

— Prefiro Daemon — respondo.

O *Capo* da Monarquia da Campânia se acomoda, como se estivesse em casa. A sua personalidade cheia de ironia é bem a sua cara, talvez seja com esse senso de carisma positivo que consiga tirar informações de homens como leite de pedra.

— Ah, claro. — Ele olha em volta, encara os pedaços de vidro no chão, assim como o buraco na parede, e deduz: — Fizeram uma festa e não me chamaram?

— Dante apenas me ajudou a praticar um pouco da mira.

— Então suponho que esteja enferrujado, já que ele ainda respira. — Puxo a musculatura das bochechas sem mostrar os dentes.

— Sabemos não há motivos para que ele seja feito de alvo, certo? Mas o copo de vidro que guardava sua água não teve tanta sorte. — Lucius gargalha como se fosse engraçado, e o fato de sempre estar em um modo infinito de felicidade e sorrisos faz com que eu me pergunte se ele tem algum problema na vida ou se vive sabendo que sempre tem a solução para todos eles.

— Eu gosto de você, Daemon, mesmo que você tenha fodido com a vida da minha esposa. — Ele busca alguns papéis em uma prancheta de ferro em sua mão. — Na verdade, *eu preciso gostar de você*, afinal você me deve um favor e posso precisar dele a qualquer hora.

— Às vezes, tenho a impressão de que você se esqueceu, e não eu, Lucius. — O homem separa mais documentos ao seu lado, com o auxílio de Dante, e me repassa cada um dos papéis.

— Ah... jamais. Sonho com esse dia, aquele que você não vai poder me negar, mas fique tranquilo que a escolha do meu pedido será feita com muito carinho, não quero correr o risco de desperdiçar algo pelo qual muitos matariam. — Suspira profundamente. — Aliás, eu sabia que a jovem em sua companhia no meu mosteiro representava algo no mínimo íntimo, mas torná-la sua esposa? Nem mesmo eu premeditaria isso.

— Nem eu — respondo, ignorando completamente a ênfase exagerada sobre o último favor que devo.

— Bom, três homens meus foram mortos enquanto estavam aqui na Sicília e deixaram essa merda de escrita em suas peles. Foi feito em latim, significa *legião*. — Ele estica o papel em minha direção, para que eu possa ver a foto de todos eles degolados e, em suas costas, o letreiro de fácil leitura se estende sobre a pele ensanguentada. — Pesquisei mais sobre eles e, bom, são bem antigos, talvez tanto ou até mais que a Cosa Nostra. Atuaram sempre dentro do polo religioso, pois seus rastros ao longo das décadas vêm sempre próximos do Catolicismo, então

eles até podem estar em outros meios, mas foi apenas neste que consegui algo... — Escrituras e documentos, tantas coisas que me sinto perdido nesse exato momento.

— E quem são? Nomes? Quais suas áreas de atuação? Como eles funcionam?

— Esse é o problema. Eles têm interesses pessoais e não são uma Monarquia, como a Cosa Nostra, então podem ser qualquer um. Levando em consideração que Vittorio nasceu dentro da *Omertà*, acredito que ele tenha recebido algo para participar desse movimento de traidores, mas também não me pareceu que ele tenha tido nada em troca — Lucius diz sem chegar aos finalmentes.

— E o que você sugere com isso?

— Você esbarrou em algum interesse deles ou eles querem algo de você. — O *Capo* joga o corpo na cadeira. — Por qual motivo eles invadiriam sua casa? Vittorio poderia tê-lo matado se quisesse.

É difícil pensar em algo quando o *modus operandi* de quem quer que faça parte do grupo oculto não anda em uma linha cognitiva tão certa.

— Isso não faz sentido. Pelo que eu me lembre, meu pai nunca falou sobre a possibilidade de haver traidores nessa magnitude. As mortes expedidas eram de associados que não seguiam de acordo com as regras, falavam demais com os órgãos federais, quebravam as regras e entre outras coisas. — Dante coça a barba malfeita.

— Vocês estão deixando alguma coisa passar. Procurei por eles em todos os lugares, mas sem sinal. Você falou que Alessandra fazia parte dessa *Legião*? — O Conselheiro de Lucius questiona.

— Sim.

— Entendo. Vou fazer algumas pesquisas e vou retornar. — Lucius suspira.

O *Capo* casalês não ajuda ninguém de graça, mas da mesma forma que preciso de informações sobre a *Legião*, ele também quer coisas: o lugar de Frederico Fabbri, por exemplo. Dividimos os pontos da Camorra, mas a mansão dos Fabbri ficou inteiramente para ele.

Quanto mais eu puder postergar meus favores, tendo-os como aliados, eu o farei. Existem coisas muito mais sérias para se preocupar agora.

— Estarei esperando — murmuro cansado, e tudo é culpa das noites mal dormidas, nas quais passo a maior parte do tempo encarando o teto como se ele pudesse cuspir alguma espécie de resposta, mas o *looping* de informação nunca me leva aos finalmentes, é sempre uma pista que acaba me levando para outra e depois para outra de novo.

— E a lua de mel, como foi? — Lucius ajeita seu blazer, de cor vinho e renda nas extremidades, cujo gosto eu nunca sei de onde ele tirou, talvez algum momento da era vitoriana, mas que combina com sua pele negra.

— Melhor do que eu gostaria. — Levanto-me da mesa com as mãos abertas enquanto ele procura apenas resquícios de tragédia para fazer piadas. Alegrias não interessam a Lucius e nem a Dante.

— Então deve odiar muito sua esposa, para deixá-la em outra casa. Ela parece o amar tanto... — Os *dreads* em seu cabelo se mexem. Seu olhar sorrateiro trafega pela mesa enquanto arrasta os pés pelo chão, chutando os vidros de seu caminho. — Aproveite a festa, Daemon. Você está tenso demais! Dante vai fazer contato por mim. — Ele faz uma breve pausa dramática. — Ah, já ia me esquecendo, não sei se isso é algo do seu interesse, mas... o sumiço de sua irmã deve-se ao nascimento de seu... hum... *sobrinho* dentro do próximo mês. Acho que entende o que estou falando.

Sozinho de novo e, mais uma vez, sem a resposta que quero.

O poder, o dinheiro e as influências me fazem crer que nada basta quando se precisa de algo. Se nem mesmo Lucius, um homem que trafega por muitos lugares com informações que nem mesmo o Diabo tem, como eu saberia de quem se trata a *Legião*? Se estão me rondando como hienas famintas, no que posso ter tropeçado ou o que posso ter feito para que eles vejam em minha imagem uma ameaça?

Tento traçar uma linha de raciocínio limpa, que falha à medida que tento avançar.

— Padrinho, o governador chegou e os primeiros convidados também. — Um soldado preenche a sala, tirando-me dos devaneios que me tacaram em uma tempestade interna.

— Estou indo — respondo.

A tensão aumenta, meu estresse também, porque a cada vez que acho que avancei, percebo que, na realidade, estou andando em círculos, correndo atrás do meu próprio rabo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 30

À flor da pele

JEZEBEL CONSTANTINI

— Você tem certeza de que está bem? — Mattia me questiona pela milésima vez.

Troquei a roupa e agora que não tenho nada para esmagar minhas costelas, ao menos consigo respirar de forma livre, sem que a roupa tente cometer um homicídio contra mim.

— Eu já disse que sim. — Essa também é a milésima vez que eu o respondo de forma positiva.

— Eu posso ligar para Daemon e dizer a ele que você não está bem. — Seus olhos parecem duas lâmpadas acesas enquanto ele aguarda apenas uma palavra afirmativa minha.

Uma euforia me preenche e nego com a cabeça. Há dias, eu não o vejo e, mesmo que esteja com raiva, não quero perder uma das únicas oportunidades de fazer isso e de, talvez, poder agir como sua esposa, sem estar sozinha enquanto uso um anel de enfeite nos dedos.

— Não, não diga nada — exijo —, foi apenas excesso de nervosismo, eu achei que... todos estavam zombando de mim. — *O rosto dela. Eu a vi. Alessandra.* Mas se ela era tão real, o que estava fazendo lá?

— Você ainda não me parece estar bem — ele atesta.

— Estou feia? — questiono, erguendo a sobrancelha e passando os dedos em meu vestido verde-escuro.

— Você é tudo, menos feia, Jezebel. — E é neste momento que ele me arranca um sorriso pequeno, talvez não tão escancarado, mas com certeza o mais sincero que tenho.

O lugar é gigantesco. Como um enorme palácio! Jogos de luzes do lado de fora ornamentam os jardins, um engarrafamento de carros na entrada estipula que a festa é um tanto prestigiada, em vista dos trajes que os convidados usam, e que eu não duvido que custem uma fortuna.

— Você vai entrar comigo, não vai? — Meu rosto se esquenta.

— Não. Você é a esposa do *Capo*, não posso andar como seu par em um evento assim. Você entra sozinha, eu entro logo atrás de você e te encontro lá dentro. — Meu corpo inteiro esquenta. Fui servida viva antes de estar aqui, para que a mesma cena se repita, porém na frente de Daemon.

Eu não nasci para isso.

Esse não é o meu lugar.

Mas precisa ser o meu lugar.

A porta do carro se abre e sinto o vento gelado bater na fresta do vestido, subindo por minha perna e arrepiando minha pele. Mattia já está do lado de fora para abrir a porta, e Marta, desta vez, preferiu ficar em casa, já que, embora ela seja a governanta, sabe que esta não é uma festa na qual ela precise estar presente.

— Obrigada — declaro.

Tapetes vestem o chão e preciso sincronizar meus passos para que o salto do meu sapato não agarre no chão. O gloss em meus lábios faz com que eles se colem um ao outro, coisa à qual tento não prestar atenção. Assim que algumas pessoas me

encaram, sinto a pele repuxar pela nova camada de maquiagem que Marta fez questão de que eu usasse quando saí de casa.

Fui contra, claro.

Coisas demais para um dia só, e apenas consigo imaginar que estou tão cansada que não quero me levantar da cama antes das dez amanhã.

Meus olhos giram por todos os lugares, até pelos mais escondidos deles e sequer consigo ver um sinal de meu marido.

— Sei que você sabe onde está, mas ainda me parece perdida. — Dante. Ele é um homem bonito, tem uma forma educada de abordar as pessoas, mas ultimamente suas feições não têm me transmitido a melhor de suas intenções, é apenas o que acho e o que ouvi enquanto ele falava com Mattia, na última vez que Daemon esteve naquele quarto branco.

— Dante — sussurro.

— Veja, se não é a noiva mais odiada da Sicília. — Inteiramente honesto em suas palavras. Não duvido do que fala. Embora eu tente ser a noiva que preciso, sei que nem mesmo que eu vire ouro serei o suficiente aos olhos de outros.

— Obrigada por me lembrar. — Uso minha ironia contra a sua e ele ri, abrindo os dentes brancos, maçãs cheias e um queixo oval.

— E como tem sido o casamento?

— Você sabe como tem sido o casamento, por que me questiona? — Sua feição amistosa muda e toda a beleza e cinismo cai por terra quando ele assume uma posição séria e avaliativa. Puxa o ar entre a língua e o dente e um assobio quase soa.

— Porque eu realmente queria saber o quão masoquista você é, para não ter ido embora quando teve a oportunidade. Se me dissesse que o seu casamento está sendo mil maravilhas, eu teria certeza. — Não acho que meu marido tenha falado com ele sobre minhas preferências íntimas, então prefiro crer que a

palavra certeira que ele usa serve, na realidade, para implantar a ideia do quanto gosto de sofrer.

— A forma com que você expõe faz parecer que ficou triste com a minha escolha.

— Aceitei te buscar na mansão, porque achei que você seria inteligente e iria embora. Eu tinha certeza de que seria Alessandro a acabar com a Cosa Nostra, mas acho que será outra a causa da destruição. — Meus olhos piscam repetidas vezes, porque penso estar em um sonho, ou que talvez as falácias de Dante, agora há pouco, tenham sido coisa da minha cabeça, mas ele me encara como se quisesse ter a certeza de que ouvi sua acusação.

— E por quais motivos eu destruiria a Cosa Nostra?

Ele ri, olhando adiante. Ao seguir seu rumo, encontro Mattia vindo em nossa direção.

— Eu não disse que seria você a destruí-la, mas a forma como ele se comporta... eu não duvidaria que ele a destruísse por você. — Ele põe seu cabelo atrás da orelha, mostrando o brinco pequeninho nela, tão pequeno que só está exposto à minha visão porque brilha intensamente. — Eu tentei o impedir de ir para aquele Monastério em Pavia. Sou contra esse casamento, e vou continuar sendo. Se Mattia não estivesse comigo, eu teria deixado Alessandro *matar* você.

Ele se vai e fico estagnada enquanto minha mente está a milhões por hora. Fincada com os pés no chão, como se fosse uma árvore de raízes grossas, o vento bate frio, mas sei que estou suando. Minha mão aberta massageia o diafragma, tentando apaziguar o início de um enjoo que me ataca de mansinho.

Eu sou indesejada por todos.

Alguns esperavam outra noiva, poucos esperavam que eu não tivesse chegado até a igreja e outros provavelmente querem minha morte. O mau agouro está por todos os lados que meus olhos alcançam e até mesmo onde não o fazem.

Os segundos parecem horas.

Então, como se ele sempre estivesse estado ali, eu o vejo, ao fundo do salão, quando um grupo de pessoas se locomove, deixando mais livre minha visão, antes obstruída.

Mas ele não está sozinho.

Alguns casais o rodeiam, e há uma mulher em específico, que talvez eu conheça de algum ambiente, embora não me recorde, porém sua fisionomia não me é estranha. Ela encara Daemon com um sorriso tão escancarado que parece estar admirando a oitava maravilha do mundo.

Me incomoda.

— Demorei? — Mattia se aproxima finalmente, sorrindo, mas estou desconcertada demais com a imagem de meu marido tão distante de mim desde que cheguei, ou talvez desde que nos casamos.

Quebro o contato visual para poder respirar e a sensação é como se o corselete ainda apertasse meu tórax, mas sei que não, porque o que sinto é dentro do peito.

— Não. — Estou abalada demais para falar mais do que isso.

O garçom passa e, com gentileza, para à minha frente. Há taças de água, mas não acho que se encaixe com a ocasião. Dizem que a bebida traz alegria, então é disso que preciso enquanto a tristeza me rodeia, uma vez que, com a cena a alguns metros de mim, fazem-me crer que qualquer lugar, em que não estejam em minha companhia, poderia ser melhor.

A taça cheia de champagne se torna passado quando bebo tudo de uma vez, como se estivesse voltado de uma viagem ao deserto.

O Conselheiro de meu marido não tem sequer o tempo de me vetar, pois, em um instante, eu a deixo vazia na bandeja de outro do garçom que se aproxima para recolhê-la.

— Está tudo bem? — ele questiona, vetando uma nova taça quando outro homem se aproxima com a bandeja. — Pode

esquecer.

— Estou esperando Daemon. — Um breve sorriso com um pouco de atenção é o que ele tem de mim, mas logo meus olhos voltam ao mesmo lugar.

Pessoas demais.

— O que está acontecendo? Hein? O que Dante disse a você? — pergunta, e eu não respondo. Hoje, foi um péssimo dia e se todos os próximos forem como esse, não vou durar muito tempo. Eu não acho que eu vá conseguir mudar a cabeça de alguém fingindo ser quem eu não sou.

— Dante... Dante não disse nada.

— Jezebel, você saiu daquele carro de uma forma e quando eu chego aqui, encontro você parecendo que tomou um choque? E ainda quer mentir para mim?

— Eu sabia que esse casamento não seria tão *bem-quisto*. Mas não sabia que eu seria tão odiada — sussurro.

— Não dê ouvidos a ele. Dante defende o monarquismo dentro da Cosa Nostra. Então é natural que ele seja contra você.

Suspiro fundo, porque se eu falhar e parar no meio do caminho, vou manchar meu rosto de lágrimas e maquiagem.

— Ele disse que, se soubesse que eu não teria ido embora, ele teria deixado Alessandro me matar. — Seu semblante é de quem entendeu apenas metade do que eu disse, mas depois de analisar minhas palavras, compreendo exatamente o que ele tenta contextualizar.

— Como assim, *ido embora?* — Um pequeno erro. Mattia não sabia, mas agora será impossível esconder.

— Uma noite antes de nos casarmos, Daemon me deu a escolha de ir embora, se eu quisesse.

Os olhos escuros de Mattia se arregalaram quando termina de me ouvir, sua boca se abre, ele pronuncia algo que não sei o que é e, pela euforia na descoberta, acho que nem ele.

— O quê? Como assim? — O Conselheiro pisca repetidas vezes. — Daemon não faria isso.

— Fez, e eu me arrependo de não ter aceitado a proposta quando pude. Ele disse que tudo isso aconteceria e, ainda assim, eu acreditei que... — meus olhos o encaram do outro lado do salão — seria diferente de alguma forma.

— Ele não tinha o direito de te oferecer isso. É um ultraje.

Meus lábios vestem um sorriso desleixado. Não é sinônimo de alegria, ao menos não para mim.

— Mas ofereceu. Entendo que eu deveria ter morrido dentro daquele monastério. Eu não morri, porque Daemon foi atrás de mim e agora estou pagando a ele a dívida que tenho.

— Não existe dívida — ele contesta.

Meu corpo se agita a cada segundo, meu rosto esquenta, mas não é de vergonha.

Minha cabeça me prega tantas peças que me pergunto se ele faz isso sem perceber ou porque quer me ver mal. O que aconteceu com o homem que deixou um bilhete sobre a cama no dia de seu casamento? O que aconteceu com o homem que me fez promessas quando acordei, no primeiro dia depois do sequestro de Dario?

A pergunta é insistente e sempre a refaço a mim mesma, porque acho que, da última vez que ela planou em minha mente, eu a respondi de forma errada: *eu não sou o suficiente?*

Sinto uma mistura de raiva e agonia. Ela não deveria estar lá.

Há dedos demais no terno de Daemon.

Posso contá-los através das longas unhas vermelhas.

Nossos olhos são como ímãs e toda vez que ele me encara, mesmo que de longe, consigo ver sua pupila dilatar, é como se trocássemos informações valiosas que morreriam comigo; muito mais do que uma troca de olhares entre uma esposa e seu marido,

é como se ele pudesse enxergar de forma nítida e limpa a minha agonia.

As mãos da mulher escorregam por seu ombro, em direção ao peito estufado e duro por baixo do linho e, em dois ou mais segundos, ele as segura e quase torce seus punhos, encarando-me.

A mulher, cuja identidade ainda não me recordo e que quase implora por atenção, não é importante, mas a minha instabilidade por perceber em suas costas as mesmas marcas que tenho nas minhas agora, sim.

É a mesma mulher que estava em nosso casamento.

Meu estômago se embrulha.

— Ali está ele, vamos lá. — Antes que eu sequer negue a ideia, Mattia abre sua mão às minhas costas e me empurra em direção ao meu marido, que desde o momento que pôs os olhos em mim, não os tirou mais.

A mulher me encara junto dele, mas, diferentemente dele, ela tem um desdém que me amarga a garganta.

— Eu não vi vocês chegarem! — Daemon exclama com tanta simplicidade que não parece ter ficado segundos petrificado enquanto eu me aproximava.

Sinto uma pressão forte no peito, um incômodo imensurável por outra mulher pôr as mãos em meu marido de forma que nem mesmo eu, depois de casada, tive a oportunidade de fazer.

Eu a odeio.

Eu não a conheço, mas a odeio.

Há uma gargantilha em seu pescoço, que mais se parece com uma... *coleira*.

Algumas letras embaralhadas.

Um dos homens presentes me avalia, e me sinto como uma mercadoria.

Daemon cruza o pequeno espaço entre nós e enfia seu braço em volta da minha cintura de forma possessiva, apertando seus dedos endurecidos em minha última costela.

— Então essa foi sua escolha para esposa? — o homem que me avaliava antes pergunta.

— Qualquer mulher aqui poderia ser minha esposa. É muito fácil encontrar um anel que caiba em qualquer uma aqui. *Jezebel é minha mulher.* — Ele está sério. Sua referência me deixa menos desconfortável, mas estou sendo usada como prêmio e não como esposa.

— Claro, nem todas as mulheres aguentariam seu gosto peculiar, Alessandro. — A sua audácia me energiza e eu encaro os dois, oscilando entre meu marido e a mulher imbecil que, com o menor esforço, desestabiliza-me mais do que já vinha fazendo.

Aguentariam seu gosto peculiar? Então ela já esteve em sua cama?

Meu rosto está em chamas e meus olhos indo para o mesmo buraco, quando sinto-os se encherem. Eu não lhe darei o gosto de me derrubar em público. Não importa qual tipo de mulher eu seja, não mereço isso e *nem preciso.*

— Irene, nem pensar. Tenha modos — Mattia a reprime.

O nome.

O nome não me é estranho.

— Irene? — questiono comigo mesma, em voz alta.

— Não se lembra de mim, Jezebel? — Ela sorri, mexendo nos cabelos castanho-escuros e sorrindo enquanto seus dedos trafegam por cima de seus seios sobre a roupa que usa.

— Quem é você?

— Estive em Pavia.

— Irene — Mattia lhe dá uma nova reprimenda.

Como uma explosão, as lembranças se achegam, com enxurradas de memórias nas quais agora consigo lapidar seu

sorriso enfermo enquanto ela me encara sarcástica.

A mulher à minha frente se trata de Irene, *irmã Irene,* a freira que participava de uma orgia com Francesca e Felippo na primeira noite que cheguei ao monastério. Aquela que vi saindo do quarto de Daemon no meio da noite certa vez que estive fora do quarto.

Meu estômago se embrulha e preciso fechar os olhos para controlar a quantidade de sentimentos exagerados que não sei gerenciar.

— Eu... — Todos me olham. Estão acostumados a este tipo de abordagem, com mulheres, com dinheiro e *com poder,* assim como estão acostumados a querer mais, mas o que eu queria mesmo está muito longe disso: *o meu marido.* — Eu não estou me sentindo bem, vou me retirar. Tenham uma boa noite.

Ela tem as mesmas marcas que eu em suas costas.

Recuo o olhar, acenando com a cabeça em um sinal de inferioridade que sempre me acompanha, antes de perceber que eu o estou fazendo. Meus joelhos tremem e tento manter os passos sincronizados até estar do lado de fora do Palácio, tentando não me preocupar se estou sozinha ou acompanhada, pois preciso apenas encontrar o motorista para ir embora.

Ela tem as mesmas marcas que eu em suas costas.

Ao descer o último dos degraus, sinto dedos envolverem meu punho e, pelo seu cheiro familiar, já sei que é Daemon. Meus olhos estão cheios, prestes a transbordar. Eu o encaro e é inevitável que ele veja minha tristeza. Puxando meu braço de seu agarre, ele tenta retornar o contato desfeito, mas eu o empurro e não o vejo se mover um centímetro sequer.

Ela tem as mesmas marcas que eu em suas costas.

— Eu te odeio, satisfeito? É isso que você queria? — Sua boca se abre, ele pensa em falar algo, mas desiste no processo.

— Quer que eu minta?

Meu Deus, onde está o coração dele?

Minhas mãos batem com força em seu peito, como se pudessem fazer qualquer efeito que não fosse um carinho. Não importa o quanto eu tente atingi-lo, nunca parece ser o suficiente.

Quero causar dor, da forma como ele me causa agora, mas sua feição parece ser a mesma desde que estava no meio do salão, sendo acariciado por Irene.

Que droga! Só de pensar o que podem ter feito, o que podem ter tido, o meu sangue borbulha.

Algumas pessoas nos olham e quando Daemon percebe que estamos tendo mais plateia do que deveríamos, ele me puxa pelo punho e anda até o outro lado do jardim. Ao que parece, é onde o nosso carro está, e o motorista aguarda com a porta aberta. Ele me empurra, caio entre o estofado e o banco do motorista, e meus olhos se arregalam pela delicadeza que só ele tem.

A porta bate depois que ele entra, rompendo a música que vinha de dentro do castelo. Não vejo um sinal sequer de Mattia, e sinceramente? Tudo o que eu quero é ir para casa, e agora agradeço por, de fato, não dormir na mesma cama que ele.

Eu me ajeito, sentando-me ao seu lado.

Permaneço em silêncio por todo o caminho, matutando internamente sobre a grande possibilidade de que eu tenha deixado alguma questão passar ou que o homem ao meu lado tenha decidido, de alguma forma, que a clemência a mim prometida não entraria em total vigor.

— Está mais calma agora? — Daemon me questiona, como se a cena que presenciei fosse apenas um mal-entendido. Será que ele ouviu o mesmo que eu?

O carro entra pelos portões da mansão, então para no jardim e logo o motorista abre a porta.

— Você já dormiu com ela? — A ansiedade aumenta com minha pergunta.

Ele hesita antes de dizer algo, mas então a resposta vem.

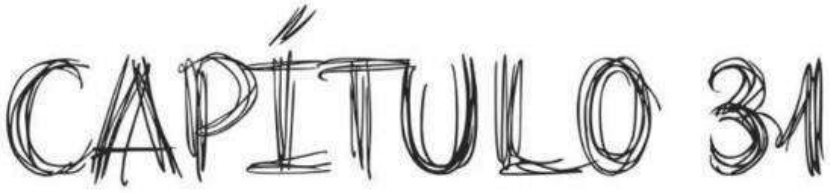
— Sim.

Meus olhos pequenos se erguem, abrindo-se espantados com a naturalidade com a qual ele me conta isso.

Abrindo a porta do lado contrário do carro, eu saio com os pés rígidos no chão, chutando algumas pedras no caminho com a confirmação de que o meu marido marcou uma mulher inteira, da mesma forma como me marcou, e a julgar pelo que ela disse, houve muitas outras.

Deus, o que eu fiz? Por que não fui embora quando pude?

OceanofPDF.com



Lua de núpcias



Ela sai do carro, batendo os pequenos pés que mal cabem no salto que ela calça. O meu incômodo ao vê-la tão desestabilizada sobre algo com que ela sequer deveria se preocupar é grande e cresce a cada centímetro que ela se distancia.

Eu poderia fazer o mesmo que Jezebel; me levantar, entrar na mansão e ir me deitar, como tenho feito todos os dias, mas olhando a aliança dourada que brilha em meu dedo, eu me questiono sobre o significado que ela tem, se ao menos eu não puder fazer o que ela me pediu: *ter um bom convívio*. E deixar que ela se vá de coração partido e com raiva de mim, não é uma boa maneira de cumprir com o que prometi.

Ela abre a porta com força e, antes que a força contrária faça com que o trinco bata e trave a fechadura, eu a seguro.

Jezebel está de costas para mim e, quando não ouve o som da porta que acabo de abrir e tranco, ela se vira, encarando-me de uma forma que eu facilmente acreditaria ter feito alguma banalidade.

Tira o sapato do pé e o lança em minha direção. Não preciso fazer muito para desviar.

— Acabou com a palhaçada? — Meu questionamento é firme.

— Acabei com a palhaçada? — Ela, então, joga o outro sapato. — Ela estava alisando você! — Depois joga uma das almofadas do sofá, andando para trás até estar quase encostada na estante. Desvio novamente. — As marcas, Daemon! As marcas nas costas dela são como as minhas! — Não satisfeita, ela puxa um dos livros da prateleira, pesado, um calhamaço por sinal, e ainda com dificuldade devido ao peso que nem mesmo seus braços conseguem erguer direito, ela o lança e eu o seguro entre os dedos, antes que atinja meu rosto.

Força ela não tem, mas destreza, certamente sim.

— Eu não cometi qualquer tipo de infidelidade. — Ela puxa outro livro, jogando-o contra mim e bato no objeto com a mão, jogando-o longe.

— O que espera que eu deduza quando a vejo passar a mão no meu *marido*, como se você pertencesse a ela e eu... eu estava abandonada naquele salão, você tem me abandonado aqui há dias. — Gosto do som que a palavra destacada tem em sua boca. Ela expõe sua dor, abre sua ferida enquanto me mostra, e tudo o que seus olhos azul-celeste me pedem é uma dose pequena de cura. Eu só consigo encará-la. *Como ela está linda*. — Aquelas marcas, foi você? Ela disse sobre o seu *gosto peculiar,* foi você? — Mais e mais silêncio. — Droga, fala alguma coisa! Eu não aguento mais esse silêncio!

— Fui eu. As marcas, eu fiz nela quando estava em Pavia. Irene é uma informante, está abaixo dos associados e flutua por todo lugar. — Os pequenos olhos se arregalam. — Eu a marquei imaginando você.

E então não só livros, mas exatamente qualquer coisa que esteja à sua frente, ela separa para tentar enfiar na minha cara.

— Como tem coragem de falar isso? — grita.

Sua insistência me irrita.

— Pare com isso — peço tão baixo que quase não se ouve minha voz. — Você está se mordendo de ciúmes por isso? — peço mais uma vez. É difícil defender-me e tentar apanhá-la ao mesmo tempo.

— Transou com outra mulher! — Ela está pronta para arremessar um exemplar ainda maior do que antes, que obviamente necessita de muito mais força do que os outros para ser erguido, mas há em seu semblante uma hesitação, não porque não tem a intenção de fazer, mas porque quer ver a minha reação enquanto me acusa. — MARCOU ELA!

— Cala a boca, mas que porra! Será que dá para você me deixar falar? — Meus dedos apertam com tanta força a pele de seu punho que ela range os dentes, comprimindo os olhos. — Irene é masoquista. Eu não transei com ela em Pavia, eu apenas a açoitei antes de fazer o mesmo com você. Nós dormimos juntos algumas vezes, depois que você saiu de Pavia, porque eu não te queria nem pintada de ouro, mas eu estava com raiva, depois de descobrir o que aconteceu com Alessandra. Queria você longe.

Jezebel chora, copiosamente, desmanchando o corpo pela parede enquanto sua cabeça pendura de lado, *exausta*.

— Queria? — Ela levanta a mão, mostrando a aliança que brilha. — Você se casou comigo e me abandonou aqui. Então era esse o egoísmo do qual você falava? Egoísta demais para me deixar ir depois de me tomar como sua esposa e imbecil o suficiente para se tornar o meu esposo?

— Eu avisei que seria assim e você escolheu ficar, mas que inferno, Jezebel! O que você quer? — Desta vez, sou eu quem perco a paciência que tento com tanto afinco manter sob minhas rédeas. — Você tem uma casa, tem comida, roupas limpas, uma boa saúde e segurança, o que mais você quer?

A lista é gigantesca e sua respiração se acelera com cada palavra que aponta as regalias que tem. Está tudo denso demais. Da mesma forma que tenho vontade de enforcá-la, também tenho

vontade de estar entre suas pernas ou enfiado na sua bunda, mas ela, provando que pode ser tão mais simples do que penso, não fala com raiva ou ódio, mas com *calma*.

— O meu marido. — E esta é uma resposta que me pega desprevenido. — No dia que nos casamos, você disse que estaria aqui.

— E eu estou. — Minha resposta é rápida, não preciso pensar muito para dar a ela. Nossos olhares se agarram, com unhas e dentes, e não se soltam. Ela pisca algumas vezes, umedecendo os olhos azuis.

— O *Capo* está aqui, eu quero o meu marido, aquele que fez os votos no altar — ela implora e meus olhos se fecham. Meus pés bambos procuram o chão que parece faltar, eu lhe dou as costas de forma sútil.

Preciso ir embora e sair daqui.

Eu já estou fazendo conforme prometi.

Dever e promessa estão sendo cumpridos, mas, se eu ficar, o que darei a Jezebel? O que mais eu tenho para dar a ela?

O que estou fazendo?

— Tenha uma boa noite de sono. Amanhã vai passar. — Ignoro-a como venho fazendo há dias, como a tenho ignorado no jardim, na janela enquanto ela faz um chá qualquer, quando está fritando algo ou assando pães... sempre estou ignorando-a. Ignorar a mulher com a qual me casei é fazê-lo por todas as vontades que tenho quando me aproximo e meu corpo e mente entendem que devemos ser um só.

— Você é um covarde que tem medo de passar uma noite que seja com a própria esposa. — Meus pés travam, como concreto seco, e agora quem sente raiva sou eu, porque, se existe palavra na qual não me encaixo é esta que ainda está molhada em sua boca e fresca em meus ouvidos.

— O que você disse? — Ainda não está lá, mas está quase, a maldita musculatura em seu rosto subindo em direção à orelha,

quase um sorriso. Ela está feliz com minha iminente desestabilização.

— Eu disse que você é um covarde que corre da própria esposa — ela repete com muito mais vontade do que a primeira vez.

Sinto a veia do meu braço saltar, vagarosamente, junto da veia do pescoço, latejantes. Meus dentes cerram e o peito dela sobe com o suspiro longo e pesado. Estou a poucos passos de Jezebel de novo, logo mais a ponta de meu sapato encostará na ponta de seus pequenos dedos descalços sobre o tapete rente ao livreiro às suas costas. Meus dedos agarram o queixo pontudo, bem nas extremidades, tendo mais carne do que osso em minhas mãos. Ela me fita autoritária, mesmo que tenha a metade da minha altura.

— Então é isso que quer? Uma noite? — Eu diria que vejo nos olhos dela um desespero que facilmente seria confundido com coragem. É típico de pessoas que jogam a isca à espera de peixes grandes, mas têm medo de que eles mordam o anzol.

— É muito para você? — Seu desdenho me faz rosnar, comprimindo os lábios. Minha sobrancelha se suspende no alto da testa e nem eu acredito que seu plano medíocre vai dar certo.

— Isso tudo, porque quer que eu te coma por uma noite? — O quarto está aberto. Minha mão desce pela fresta do vestido, tentando encontrar qualquer vestígio de pele por baixo do tecido. Meus dedos saem de seu queixo e trilham a lateral do pescoço. Sua mão gelada sobrepõe o meu punho, dedos tão pequenos que parecem infantis perto dos meus.

— Eu não quero ser qualquer uma.

— Eu nunca disse que você era. — Sua pele quente se eriça, cada pelo, áspera em contato com meus dedos, talvez seja por conta da pele rígida dos calos de minha mão, mas ela suspira quando chego até a calcinha.

— Então por que me trata como tal?

— Está me pedindo algo que não posso dar a você, Jezebel. — Meu dedo tateia a beirada entre sua pele e a renda, sentindo os pelos pubianos finos encontrarem a barreira de minha unha, e ela entreabre mais os lábios.

— Não peço os seus dias, apenas as suas noites. — Embora não possa acreditar no que meus ouvidos escutam, sei que esse é um pedido desesperado, porque ela quer experimentar mais do que sente agora, com o mínimo de contato da ponta dos meus dedos.

— Está me pedindo que... — começo, mas ela me interrompe antes que eu termine:

— Estou pedindo que durma comigo. Não estou pedindo mais promessas, tampouco deveres; estou pedindo que entre pela porta e seja meu marido, sem dizer uma palavra. Eu não me importo que não esteja aqui pela manhã, desde que à noite você aqueça minha cama de novo. — Diante de mim, está uma mulher tão cedida pelos próprios desejos que não olha a moralidade em aceitar que seu marido apenas aqueça sua cama. Deveria ser assim em qualquer outra ocasião. Ela tem um visível medo de ser substituída, como foi em sua casa quando criança, mas, embora o meu comportamento mostre o contrário, ela devia saber que, desde que a vi pela primeira vez, nenhuma outra mulher conseguiu roubar minha atenção como ela.

— E isso é o suficiente para você?

— Sim. — Ela assina embaixo. Eu poderia ditar qual é a minha resposta, mas há tantas maneiras alternativas e mais intuitivas de mostrar a ela minha escolha, que seria um desperdício usar palavras.

Minhas mãos deixam seus cabelos e agarram beiradas alças de seu vestido, abrindo-o sem qualquer delicadeza, mas eu também duvido que ela espere alguma quando sinto sua mão atrapalhada tentar abrir os botões da minha camisa. Jezebel é um desastre quando se trata de habilidade com os dedos.

Ela enfia a mão na maior abertura, arrebentando todos os botões até encontrar minha pele embaixo da camisa. Meu abdômen se contrai com seu toque gelado e é impossível que eu não sinta meu pau pulsar dentro das calças. Na verdade, já estou duro por ela desde o momento que atirou o primeiro sapato.

Seu vestido cai até a cintura e, embora seus seios estejam expostos, preciso de mais do que isso, mas não tenho a menor paciência para que ela se agache e o tire pelo pé. Na altura de sua coxa direita existe uma fenda, uma costura perfeita que não dura segundos quando minhas mãos afastam a linha, arrebentando todo o pano até parti-lo completamente.

O cheiro dela é como chegar em casa com fome e sentir o aroma de comida no fogo, você quer abrir a panela e comer, mesmo que esteja cru. Minha barba arranha seu pescoço de forma agressiva, enquanto meu nariz roça em sua pele e ela se enverga por inteiro em minha mão, vestindo apenas uma calcinha. Seu pescoço está vermelho enquanto todo o seu corpo parece ter sido banhado no leite, macio e quente.

— Há quanto tempo estava me esperando? — Ainda estamos diante do livreiro, perto do salão. Carrego-a pelas pernas, enquanto cada uma delas repousa ao lado do meu corpo, o lugar mais próximo, que é a mesa de jantar, será o primeiro a ser feito de cama.

Ela resmunga.

— Desde o dia que nós nos casamos. — Sua bunda se esparrama sobre a mesa, a calcinha fina, que ficou torta momentos antes, expõe metade dos lábios de sua boceta. As pontas de meus dedos ásperos apertam com violência o bico de seu peito e ela impulsiona o corpo para frente, desejosa.

Capturo sua boca assim que ela responde, mordendo forte seu lábio inferior até que o gosto de sangue, uísque e cigarro se misture em nossas línguas. Jezebel tenta me auxiliar na retirada do blazer, enquanto ainda estamos agarrados pela boca, pelo queixo, pelo pescoço, ou por qualquer lugar.

Eu poderia marcá-la inteira, como já o fiz muitas vezes. Apagar um cigarro em seu seio, queimar sua pele com um cinto, morder suas costas, mas, agora, tudo o que eu tenho é necessidade dela, como uma espécie de manutenção interna ordenada por meu corpo. É uma necessidade errada, que eu não deveria ter desenvolvido, *um ponto fraco*.

Porque enquanto muitas vezes eu a via de longe, sabendo que a queria, mantive-me afastado, à espreita, engolindo cada onda de vontade e insatisfação.

Sua mão aperta a minha cintura por dentro do blazer, que em poucos segundos é atirado para algum lugar invisível, perdendo-se no sofá, a camisa vai logo depois que o cinto é aberto por ela e expõe o botão da calça.

— Eu sinto muito pela pressa... — assoprando contra seu ouvido, meus dedos deslizam pela lateral da calcinha entre suas pernas, ela está tão úmida que se torcer o tecido minúsculo, teremos algumas gotas do fluido doce — mas não acho que queremos esperar...

Minha língua lambuza seu ombro, busto, até encontrar seu seio quente, farto e pesado. Jezebel ganhara quilos a mais e, honestamente, o espaço maior para ocupar os meus dedos muito me agrada, porque terei mais dela para marcar.

Ela me empurra, e eu me afasto, encarando seus olhos desérticos, cerrados, tão carregados de vontades que sua boca não consegue expor qualquer outro tipo de palavra que não sejam gemidos e suspiros. Alguns passos para trás, e o sofá me acomoda quando caio sobre ele.

— A cueca, ela... — murmura, tão sôfrega que a menor das palavras lhe rouba todo o ar que ela luta para respirar.

Não é sobre sexo detalhista, não é sobre posições, sobre quantos beijos dou em sua boca ou quantos chupões terá em seu pescoço. É sobre a porra de uma vontade de estar dentro dela há muito tempo, que foi anulada pelo pensamento de que a vida de casado e a de líder monárquico não poderiam andar juntas.

E não podem.

Mas, se posso ocupar minha cama durante a noite, por que não ocupar a dela, quando tudo que terei é um espaço quente e úmido no qual me abrigar e lençóis sedosos para me forrar?

Serão apenas algumas horas, certo?

Suas mãos mostram uma agilidade maior do que antes, puxando minha calça pela metade das pernas, mas o meu corpo se arrepia quando ela engatinha pelo estofado do sofá reclinável, fazendo meu quadril de assento.

Jezebel está mais dependente do que jamais a vi.

Eu quero, mas ela *necessita* disso.

De mim.

Seu toque é trêmulo. As bandas de suas coxas estão molhadas, minhas mãos descem a cueca até o quadril enquanto ela, sem cabeça para tirar até mesmo a própria calcinha, tem forças apenas para colocá-la de lado. Meu pau salta, finalmente, para fora da cueca, pulsante, tão duro que faz minhas bolas latejarem.

Jezebel abre as duas mãos sobre o meu peito enquanto me posiciona entre suas dobras. Sinto seus grandes lábios úmidos, lambuzando minha cabeça, esquentando-a e engolindo-a, da glande até a base.

— Ai... — ela resmunga entre prazer e dor, fechando os olhos e apertando os dedos na musculatura do meu peito. Tudo que eu preciso é de oxigênio para manter a calma, porque a vontade que tenho, nesse exato momento, enquanto sinto-a me ordenhar como se tivesse as mãos apertadas em volta de mim, é de estar inteiro dentro de Jezebel, arrastar a sua bunda pelo sofá como se eu pudesse me enfiar até as bolas.

Meus dedos apertam seu seio esquerdo com força, à medida que seu quadril começa a se movimentar e eu consigo sentir todo o meu comprimento abrir espaço em seu interior apertado, *fervendo*.

Minha outra mão agarra uma das bandas de sua bunda, auxiliando-a nos movimentos. Eu não sabia o quanto sentia saudade de fodê-la assim, tão entregue, até de fato fodê-la. Sua bunda se suspende até a cabeça, engolindo gulosa toda a minha extensão até a base, chocando as nádegas vermelhas com minhas bolas doloridas.

Cheias.

Meus dedos se enfiam por trás do seu joelho, tornando-a submissa quando a ponho abaixo de mim e fico entre suas pernas.

— Marta vai entrar por essa porta amanhã e sentir que a casa inteira fede a sexo — murmuro contra sua boca, meus lábios procuram sua língua e ela geme quando arrasto seu corpo até o braço do sofá.

— Dói... — reclama, tão ofegante que talvez eu tivesse pena, talvez não. — Dói, mas é bom. — Meu braço rodeia sua cintura, erguendo seu corpo junto a mim enquanto andamos pela casa, agora pelados.

Passando pelo corredor, no qual um pequeno armário descansa, eu a ponho sobre o tampo, derrubando o único vaso de plantas no local. Os gemidos de Jezebel se misturam ao som de quando entro e saio de dentro dela com raiva, fazendo jus ao apelido mal-educado que me dera mais cedo.

Ela precisa aprender da pior forma que não se chama um homem de covarde.

Com a boca colada na dela, nos deslocamos até o quarto, em que me jogo de costas na cama, com o pau ainda latente, esfomeado por ela.

Jezebel beija minha boca enquanto rebola sobre meu colo, juntando fome e saciedade conforme mela toda minha virilha com seu mel e tesão. Meus dedos se revezam entre apertar seus cabelos e caminhar por seu corpo.

Quando seu tronco se ergue um pouco mais, um de seus seios para em minha língua, até que eu tenha seu bico intumescido entre meus dentes, mordendo à medida que ela

arqueia as costas e senta em mim com o mesmo ímpeto de uma leoa.

Seu corpo derrapa contra o meu, molhada, suada, pele salgada e maçãs rosadas quando, lá fora, a temperatura é quase negativa, mas aqui dentro é quase verão. Ela é um sol.

Pele arrepiada. Não vejo mais a cor de seus olhos azuis, ela está entregue e, se o mundo acabar lá fora, só verá quando acabar aqui. Jezebel morde tão forte os lábios que vejo o vermelho suave se apossar deles; *sangue*.

Ela continua, os gemidos se intensificam, tão altos que não duvido que os homens que vigiam sobre os jardins estejam ouvindo tudo.

Somos casados, isso não importa. Ela é minha mulher e, desde que esteja gemendo sobre meu pau, não me importa se estiver usando até mesmo um microfone.

Ela me beija, sem qualquer coordenação coerente, meu corpo treme ao passo que sinto o interior de Jezebel me espremer como se fosse uma laranja, de forma violenta e firme. Estou tão perdido em sua expressão genuína, que é dali que vem o meu prazer, vê-la se derramar sobre mim, quando estou fazendo o mesmo, derramando-me dentro dela.

Não sabe se me beija ou aproveita o orgasmo brutal e exigente, molhando de suor todo o lençol sobre nossa cama.

Os segundos voam e ela abre um dos olhos, cansada, quando antes acreditei que iríamos noite adentro até quebrar os pés da cama.

Eu me estico sobre o colchão enquanto o teto tem minha atenção e os cabelos molhados dela obtêm a atenção de meus dedos.

Ela respira serena, mas sei que não está dormindo.

— Jezebel?

Demora a entender que chamo sua atenção.

— Hum? — lamuria-se.

— Viu a coleira que estava no pescoço de Irene? — Ergue o rosto rosado em minha direção.

— O que tem?

— Lembra-se das letras que havia nela?

Jezebel desce o rosto enquanto esfrega a lateral da face em meu peito, sobre as primeiras letras da tatuagem estampada nele.

— Eu estava ocupada vendo-a passar os dedos em você.

— "*aittam*" — murmuro. — Agora, leia de trás pra frente.

Alguns segundos se arrastam até que eu torne a acreditar que ela talvez tenha dormido, mas minha esposa apoia o corpo com o cotovelo sobre a cama.

— O quê? — Sua voz desperta e ela soa espantada. — Não é possível.

— Sim. — Rio de sua descoberta tardia.

— Mattia? Não me diga que Mattia...

Meus dedos se enfiam por entre suas mexas escuras.

— Irene não aceita dinheiro pelos seus favores, então ela costuma cobrar de outra forma. — Quando os olhos de minha esposa se cerram, eu entendo que talvez ela possa entender errado, já que tem esse costume. — Não, ela não presta mais favores para mim.

— Mas para Mattia, sim — conclui e eu aceno positivamente com a cabeça.
O silêncio predomina, junto ao som dos animais no jardim, alguns sapos e outros insetos, ela sobe o braço para a altura de meu diafragma e eu posso notar que seu corpo ainda está quente.
— Eu jamais achei que Mattia...

— Não que ele goste como eu, mas ele se diverte.

— Daemon? — Ela estica meu nome lentamente, denunciando o cansaço.

— Estou ouvindo.

— Eu acho que vou gostar de ser sua esposa.

— Não acho que afirmar isso com tanta propriedade, após um orgasmo, seja válido. — A respiração controlada e a falta de resposta me confirmam o sono profundo. Ela já estava cansada, e nossa primeira brincadeira pós-matrimônio foi a responsável por drenar o restante das energias poupadas durante seu último sono.

Não estou no meu melhor momento de falta de sono, mas, olhando para o teto escuro, não é como se eu soubesse a diferença dele para minha mente quando entra em sono profundo e é ocupada apenas por escuridão.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 32

A outra face

JEZEBEL CONSTANTINI

Estou acordada. Eu sei.

Meus olhos estão fechados, reprimidos, quando as ondas de um sentimento estranho se manifestam dentro do meu diafragma. Não é felicidade, não é tristeza ou ansiedade. É, na verdade, uma onda de azia que queima o esôfago.

Marta está trazendo frutas para o chalé e, como uma boa faminta, eu as tenho comido como se tivesse acabado de tirá-las do pé de árvore.

Daemon está deitado na cama. Segundo nossa conversa, na última noite, ele deveria ter ido embora pela manhã, mas seja pelo cansaço ou pelo esquecimento, ele ainda está aqui, emaranhado comigo, enquanto suas pernas dão um nó nas minhas. Estamos sem qualquer tipo de roupa e o corpo dele aquece mais o meu do que qualquer lençol ou cobertor.

Os pequenos raios de sol marcam o chão do quarto, mas o ambiente ainda está escuro o suficiente para eu abrir os olhos e não sentir qualquer incômodo.

Seu queixo está em meu pescoço e sinto seu hálito quente soprar contra minha pele, acalorando-me. Sua respiração pesada

mostra que seu sono é completa e igualmente pesado. A primeira coisa a se fazer é tirar minhas pernas desse enlace, pois eu *preciso* chegar até o banheiro e, para ser mais específica, até o vaso.

Quando metade da minha cintura já está na beirada da cama, tirar o restante é fácil. Daemon se remexe e se vira sobre o colchão, expondo as costas com o enorme sete tatuado, levando a barriga de encontro ao lençol, virando o rosto e soltando um longo suspiro esgotado.

Na ponta dos pés, amparando o topo da barriga com a mão, caminho vagarosamente até o banheiro, no qual a ânsia vem com tanta força garganta acima que não tenho escolha a não ser vomitar tudo *o que não tenho* no estômago direto no vaso. Minha pele se arrepia e sinto a pressão cair. É apenas uma gosma amarela que desce com a descarga.

Sento-me nua no chão do banheiro, não é lá uma das formas mais higiênicas de me recuperar de uma possível gastrite, mas, no momento que eu recupero minhas forças antes de tomar um banho, não existe lugar melhor.

Minha testa está suada.

É nesse pequeno momento, entre devaneios e lástimas por comer em uma fome tão intensa que não tenho o filtro para saber o que realmente tem me feito mal, que me recordo dos feitos da última noite.

Existe um pequeno ponto que foi vencido. Daemon vai ceder suas noites, não por querer ser meu marido, mas porque, de alguma forma, o jeito com o qual exponho minhas insatisfações o afeta, em tese, e estou disposta a mudar isso, mesmo que leve muito tempo.

— Eu nunca gostei desse chalé. É tão... *pequeno.* — Sua voz me desperta em um susto. Abrindo os olhos, eu tenho Daemon em toda minha visão, parado entre o batente da porta sem qualquer roupa, com os genitais para fora, uma cara de sono e um sorriso discrepante na cara. Certa vez, ouvi na faculdade

alguém dizendo algo como: “*Só é triste quem não transa*”. Acho que posso compreender essa falácia agora.

— Você acordou — murmuro, levantando-me, ou ao menos tentando. Mesmo que ele já tenha visto meu corpo muitas vezes, a insegurança e a vergonha ainda predominam sempre que seus olhos estão sobre minha pele.

— Exatamente como gostaria —afirma, e minha sobrancelha arqueja.

—E como... gostaria?

Ele está passivo, sem o traço de rispidez, mas seu olhar denso pesa a cada segundo, até finalmente tornar-se áspero como espinho e tomar a posição de superioridade que apenas *Alessandro* tem.

Sua mão fica à vista. A aliança dourada matrimonial repousa no anelar, mas para o meu medo e desespero, o anel prata referente à sua liderança também. Ele ri do meu desespero e está atento ao meu olhar, enquanto tento encontrar algum lugar por onde escapar, pois seu corpo grande e rígido bloqueia completamente a porta.

— A única forma de sair daqui é pela janela, mas com uma bunda desse tamanho, você ficaria entalada pelo quadril. — Gargalha alto, cruzando os braços, curioso para saber quais serão os próximos passos que darei em um desespero tão pleno que ele aprecia com vigor.

Daemon me prometeu que não me faria mal, entretanto, agora, preciso me decidir e agir pelo medo que corre em mim, ou confiar nas palavras de um homem que já quis me matar, mas por uma razão muito óbvia, mesmo que ele não diga, decidiu que minha segurança seria máxima prioridade.

Para me proteger de ele mesmo. O quão louco é isso?

O esfregão está no canto do vaso, ao lado do blindex do box. Não que faça muita diferença, em questões de defesa, mas, em casos de necessidade crítica, quaisquer itens podem virar uma arma, até mesmo as palavras.

— Eu não vou correr dessa vez. — Tento usar mais firmeza nas palavras, entretanto ele ri como se eu cheirasse a medo.

— Não acho que você tenha muitas opções, *coisinha*. — Alessandro puxa uma das toalhas brancas que repousam sobre o cabide de aço no canto do banheiro. — Talvez eu não tenha sido tão carinhoso com você, como Daemon, na última vez que nós nos vimos, mas não fique triste. Já fui menos carinhoso com outras pessoas. — Enrola a toalha na cintura, espreguiçando-se. — E, no fim, você não aceitou minha proposta, mas está aqui de qualquer forma.

— Me casei com Daemon.

Alessandro gargalha e o que me causa mais medo é que a aparência é a mesma, mas a fisionomia de afronte faz-se presente e até mesmo o timbre de sua voz muda quando ele troca sua personalidade. É outro homem, mas sem sair de seu corpo. Olhando agora, eu me sinto uma tremenda idiota por não ter percebido antes a diferença entre Daemon e Alessandro, não é uma linha tênue que separa a psique dos dois, é um enorme vão, que eu poderia apelidar de precipício.

— Se casou com ele, mas é a mim que vai pedir ajuda quando ele te virar as costas, Jezebel.

— Você se casou comigo, não...

Ele rosna, estressado.

— *Você*, não. Não fale como se fôssemos a mesma pessoa, porque não somos — pontua, com tanta certeza que até o mais cético dos homens acreditaria, uma vez que até a densidade do ambiente se intensifica com sua presença. — Daemon se casou com você. Por mim, você estaria morta há muito tempo.

Alessandro não está mentindo, pois pouco importa para ele a verdade que me espanta. A grande questão é: existe algo que lhe importe, que não seja a Cosa Nostra?

— Daemon se casou comigo. Ele me prometeu segurança. Por qual motivo me viraria as costas?

Ele se abaixa, aproximando-se de mim, um sorriso enormemente extenso se desenha em seu rosto e a quantidade de dentes que ele expõe em sua boca me assusta. À medida que seu olhar oscila por todo o meu rosto, sinto meu corpo se arrepiar.

— Ah, ele vai virar. Ele vai virar e vou estar aqui para ver isso de camarote. — Suas palavras me dão calafrios, não é como se fosse uma suposição, mas uma certeza, baseando-se em uma informação que ainda não é de meu conhecimento. — E então eu vou dizer "*eu avisei*". — Ele fica de pé. — E você vai perceber que ele, bem no fundo, talvez seja tão ruim quanto eu.

— Sai daqui. — Não gosto de tantas certezas juntas em uma fala só. Aprendi que Alessandro não especula, ele amaldiçoa, e já vivo maldições demais todos os dias, para que o homem, mesmo que não seja com quem me casei, adicione mais infortúnios à minha vida.

O *Capo* caminha em direção à porta e, quando seus passos cessam, ele se vira mais uma vez, talvez não tendo falado o suficiente, mesmo que eu acredite que sim.

— Junte suas coisas. Você vai sair desse chiqueiro. Embora Daemon não cumpra com sua parte do acordo, eu o farei! — exclama antes de me deixar sozinha.

Hoje, o dia tinha tudo para começar da melhor forma. Pássaros cantam lá fora e as nuvens escuras do dia anterior dão espaço para os raios de sol fugazes nos vidros da janela. Entretanto, de que vale formosura do lado de fora, quando a verdadeira tragédia está aqui dentro?

Já vivi um pedaço do céu no inferno, mas aqui é exatamente o contrário.

Quando Daemon se levanta como Alessandro, entendo que tenho um pequeno pedaço do inferno estendido no meio do céu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 33

Águas claras

ALESSANDRO CONSTANTINI

A sensação de estar respirando fumaça é ruim *pra* caralho. E eu não me refiro à forma literal, mas à figurativa. Em qual sentido? *Estar contido.* A fumaça é a situação de merda e a intoxicação é nada mais, nada menos, que a contenção interna que precisei fazer por semanas, para me enfiar em uma persona que não me pertencia, mas, por outro lado, o alívio de poder andar com os ombros caídos e clamar meu nome como único, é como ter uma máscara de ar puro que sopra contra o meu rosto depois de ter queimado minhas vias aéreas com a porra da fumaça.

Sem meias e apenas com uma cueca por baixo da calça, cruzo o jardim em direção à mansão principal, que está quieta demais para o dia de sol que promete ser revolucionário, comigo presente. Meu pé dolorido ainda reclama por conta do tiro que Dante me dera.

Ao entrar pela porta da frente, meus olhos encaram a miragem genuína da adega próximo à sala, que sempre cruzei ao iniciar o dia, mas na qual nunca pude desfrutar de um gole sequer, porque Daemon não toma uma gota do maldito conhaque.

Minhas mãos suam ao encarar a garrafa e meus dedos quase derrapam pelo vidro quando eu a tiro, pesada, de seu lugar de

descanso. No entanto, não é o desejo por algo que me cega ao entorno, pois minha percepção é rápida quando pego a arma escondida embaixo da adega, mas Mattia, que vem da cozinha, é surpreendentemente mais rápido do que eu, que, na sede pela bebida, permito-me ser mais lento do que o normal.

Maldito conhaque, sempre fodendo a vida dos homens.

Eu teria engatilhado, se o *Consigliere* não tivesse atirado no cano de minha Beretta com uma mira impressionante, esquentando o ferro, que queima meus dedos e me obriga a deixá-la no chão.

— Filho de uma... — Eu teria amaldiçoado sua mãe, se não fossem suas palavras a me cortar.

— Nem pense, Alessandro! — ele exclama, ainda apontando a arma para mim.

— Eu devia ter matado você quando tive a chance, sabe? — O copo de vidro esfria meus dedos em chamas. Neutraliza a queimação instantaneamente. O copo não fica vazio e dispenso a cordialidade de tomar duas doses de conhaque quando eu poderia facilmente lamber a garrafa inteira. — Mas estou tão feliz de *estar aqui*, com todos *sabendo* que estou de volta, e a melhor parte... — viro metade do copo na boca. Meus olhos chegam a lacrimejar enquanto o destilado queima minha língua e garganta — é que você não pode fazer nada.

— Mas só preciso de um motivo para fazer —fala, e termino a bebida, batendo com o copo na mesa. Fecho os olhos, sentindo cada gota de euforia que corre em meu sangue. *Eu gosto disso, eu gosto muito da sensação de liberdade.*

— Ah, Mattia... vamos lá! Não torne o ambiente uma merda. Sabe... foi difícil me manter no personagem, mas agora posso ser... *eu mesmo.* — Arranho a garganta. — Aliás, como está a cicatriz que te dei?

— O acordo foi que você só poderia tomar decisões com a minha permissão — ele rememora o que eu já sei.

— Não estou falando de matar pessoas. Estou falando de outros termos, a não ser que você também decida a cueca que irei usar. — Rio. — Por sinal, mande que tragam uma caixa de conhaque e destruam todas as garrafas de uísque.

— Todos os seus pedidos serão filtrados. Não ache que vai pedir e eu vou fazer. — Eu me ergo, aproximando-me dele até que a ponta do cano gele a pele de meu peito e nossos olhares estejam nivelados. Ele não retrocede e, por incrível que pareça, diferentemente da última vez, na qual quase o matei, ele não sente medo.

— Fiz um acordo com Daemon, não com você. — Minha voz torna-se grave. Não estou zombando ou sendo cínico, mas referindo-me às promessas que, quando faço, cumpro. — Eu não pretendo causar problemas... — Meus olhos cerram-se. — Pelo menos, não para a Monarquia.

Ele retrocede. Não com o olhar ou com a voz, mas com a arma que mira em meu coração.

— Lucius pediu que você fosse até ele urgentemente, agora pela manhã. Eu ia deixar que você fosse sozinho, mas... alguém precisa contar a Daemon o que... aconteceu lá, e talvez evitar que Lucius mate você quando souber que está com a... *cabeça virada*. — Sua preocupação é uma graça. Questiono-me se o desespero de perder um amigo é maior do que o de perder o *Capo*. Mas que seja. Não é como se eu me importasse com este pequeno detalhe.

— O seu senso de credibilidade em mim é desonesto, Mattia. Deveria se preocupar para que eu não mate Dante e devolva a ele, no meio de sua testa, o tiro que tenho no pé. — Ele revira os olhos. Saindo de seu campo de visão, subo os primeiros degraus, na intenção de chegar até o quarto e poder sair dele vestido, como deveria ter sido desde o início.

Com a ausência de Daemon e a presença do último Constantini vivo.

Há muitas peças que me servem no guarda-roupa, mas nenhuma seria tão convidativa quanto o terno branco que está

dobrado sobre a cômoda mais alta dentro dele, assim como nenhuma é mais chamativa do que o terno vermelho, que chama, quase brilha, glorioso, dentre todos os outros no cabideiro.

Ao descer pelas escadas, Marta me encara e Mattia acaba fazendo o mesmo com a sobrancelhas franzidas.

— O que é isso? — o Conselheiro pergunta, como se a prova visual não fosse o bastante para lhe servir de resposta.

— Não acho que você seja cego —respondo-lhe, sem dar a ele qualquer atenção quando, na verdade, procuro a garrafa de conhaque. Encho o copo com os últimos dedos restantes de líquido dentro dela.

— Não deveria beber tanto, tampouco sair de casa parecendo um pavão. O terno é horrível! — exclama Mattia.

— Se você odeia, então eu gosto. — Sorrio, dando a última golada revitalizante no copo, antes de deixá-lo sobre a mesa, passando pela porta e batendo-a sem esperar que ele venha atrás, mesmo que eu saiba que está vindo.

O motorista não se demora com o carro ligado, pois o Conselheiro logo sai pela porta, ocupando o banco ao meu lado, desconfortável.

— Onde é a reunião? — questiono. Ele sequer me olha.

— Em um prédio corporativo no centro de Capaci, aqui na Sicília, na província de Palermo — murmura. Sua cabeça vira para frente e eu o ouço suspirar, encarando a rodovia que corre depressa pela janela. — Escute, seja lá o que você tem na cabeça, estamos todos no mesmo barco, então... se contenha.

— Não acho que você tenha o costume de fazer o mesmo pedido a Daemon.

— Não crie comparações — ele alerta.

— Então não me faça pedidos. Quando eu quiser e achar que é viável te informar de alguma decisão minha, eu o farei. Fiz um acordo com Daemon e, embora eu tenha mais pulso e vontade para resolver os problemas, vou cumprir com o que prometi e

avisar você. — É irritante ter a sensação de que alguém tenta cuidar de mim quando não preciso ser cuidado. — Ouvir você enchendo o meu ouvido não estava na lista, então vou pedir que controle a sua língua.

— Já se provou indigno de confiança. — Ele agora me encara.

— Não espero que confie em mim, porque... *adivinha?* — Meus lábios se abrem em um sorriso. — Porque não sou deveras confiável. Se, em algum momento, eu achar que esse acordo não faz mais sentido...

O tempo passa e não termino a frase.

— E então?

— O inimaginável acontecerá — murmuro.

— Não mirei uma arma para você hoje, por acreditar no inimaginável.

— E não serviu para nada, apenas para entender que talvez você não seja tão lerdo quanto eu achava. — Minhas palavras encerram nossa conversa.

O carro para, anunciando nossa breve chegada. Ele está tenso e é possível que o humor ácido camufle meus desejos mais sórdidos de fazer com Mattia a mesma coisa que Daemon fez com Lucca no período da iniciação. *Me dá água na boca.*

O prédio é discreto. Não chama muita atenção e parece mais uma galeria. Alguns bordéis ainda funcionam de dia, como se fossem bares, mas sou homem, e não sou idiota.

Mattia vai na frente, tenso, e não me recordo da última vez que o vi assim.

Dois elevadores e algumas portas dentro de outras salas. *Um labirinto.*

O Conselheiro me olha por cima do ombro, respirando profundamente, o suficiente para eu entender que é ali o nosso destino. A porta se abre e, no momento que Lucius bate os olhos

sobre mim, sua mão se ergue, destravando a arma que ele tem firme nos dedos, em uma euforia recorde para atirar. Julgando pela circunferência tangente de seu braço e pela inclinação do punho, seu alvo é o centro de minha testa.

Não estou em posse de uma arma, mas também sei que o *Capo* casalês não é um homem burro a ponto de me matar agora. Embora ele tenha muita vontade nos dedos de fazê-lo, apertar o gatilho e espalhar meus neurônios pela sala, ele vai se conter com o passar dos segundos.

— Eu avisei — murmura Mattia, baixo, passando a mão no rosto sem saber se me tira da sala ou aconselha Lucius a abaixar a arma.

— Isso não é jeito de receber os amigos, Padrinho. — Abro os braços, batendo com eles na lateral do corpo e, segundos depois, com um cano de aço tendo-me como mira, sento-me em uma cadeira oval. A luz da sala é baixa, mas o lustre no meio da mesa ilumina o necessário para haver um diálogo e entendimento.

— Você não é meu amigo, Alessandro — ele grunhe entredentes.

Dante, sentado ao seu lado, não se manifesta, porque sabe do acordo. Não acredito que ele não tenha falado sobre isso com seu *Capo*, mas Lucius jamais perderia a chance de me ter em sua mira e experimentar o gosto de algo que está tão fora de seu alcance.

— E então, como está seu pé? — Meus olhos, pequenos e pesados, com uma preguiça gigante de responder Dante, reviram-se à medida que ele torna a rir com o meu silêncio.

— Vocês me chamaram e eu aqui estou! — exclamo como se isso fosse algum motivo de alegria.

— Tem alguma forma de trazer Daemon de volta? — Lucius não me encara. Sua postura injuriada para Mattia demonstra que talvez não seja tão fácil ter uma conversa com ele, quando o outro lado mais fraco de minha cabeça não toma conta.

— Não — meu Conselheiro simplesmente diz.

— Então não teremos conversa. — O homem de *dreads* pontua, ele se prepara para sair, mas não pretendo deixar que isso se cumpra.

Acontece que sou muitas coisas: *desonesto*, *covarde*, quando é preciso, *ruim*, *assassino*, *um monstro* e outros adjetivos agradáveis aos olhos de uma monarquia, embora desprezíveis aos olhos dos homens, porém, existe algo que afirmo sempre não ser; *palhaço*. Não vim até aqui, tirando tempo do meu relógio, para admirar o cano da arma de Lucius e aceitar a satisfação de que ele não faz negócios com o homem que, indiretamente, causou a morte de sua mulher. O mundo só não evolui, porque as pessoas não deixam os rancores de lado.

Mas sei que ele não vai desistir com um pedido. Eu gosto da audácia, do suor que é expelido da pele com a suposição de quase morte.

Ninguém espera quando, com o punho fechado, desfiro um soco na mão de Lucius, por baixo do punho que ainda segura a arma. Ele respira assustado, vendo a pistola pular devido à força da minha pancada. Com a outra mão, pego em sua alça e aponto o cano gelado, que antes mirava em minha testa, ao vão entre os seus olhos castanhos.

— Na verdade, eu acho, *sim*, que teremos uma conversa. — Ao olhar para o lado, vejo Dante com a arma engatilhada mirando a lateral de minha cabeça, mas, ironicamente, ao lado de sua cabeça está o cano da arma de Mattia, quem mais cedo ameaçava-me e agora toma partido ao perceber o desnível da competição. — Uau, estou surpreso — respondo ao meu Conselheiro.

Ele não tinha a menor vontade de atirar, mais cedo.

— Se apertar esse gatilho, as coisas não vão ficar legais para você, Alessandro. — Dante murmura.

— Não sei se percebeu, mas as coisas também não ficarão bem para Lucius, tampouco para você, Dante — rebato. — Acredite, *Mattia tem uma ótima mira.* — Minha vez de rir. Ainda que eles queiram rir por último, não terão essa mordomia. — Não

pretendo sair daqui sem informações sobre o que quero. Então, pelo menos agora, vamos todos fingir que eu... — encaro Lucius, apertando o cano da arma em seu nariz achatado — não fodi você em algum momento da sua vida e agir como adultos.

Se eles precisam de um voto de confiança, estou prestes a dá-lo; retrocedo com a pistola em punho e entrego a ele a autonomia de pegá-la da minha mão, quando a penduro em meu dedo indicador, esticado em sua direção.

— Eu sei que vou me arrepender! — Lucius exclama para si mesmo, fechando os olhos antes de abri-los e encarar Dante, que baixa a guarda e se junta ao seu *Capo*.

— Modos, Alessandro. Não ache que, porque saiu, vai dominar o mundo. — O Conselheiro do *Capo* casalês murmura, fitando os próprios dedos.

— Não fui eu que apontei a arma pra alguém quando cruzei a porta — respondo.

— Você sabe que Lucius tem motivos para fazer muito mais do que isso — Dante murmura.

— Que seja. — Suspiro. — Estou aqui e estou ouvindo.

Dante Barbieri se curva para buscar no chão uma pequena mala preta que, de tão surrada, passaria despercebida com a maior tranquilidade do mundo. Abre devagar enquanto a sala é tomada por silêncio e apenas o som do zíper sendo aberto é capaz de causar um transbordar de ansiedade.

A reunião poderia ter sido na mansão, mas a falta de confiança de Lucius na Cosa Nostra mostra que aquele lugar não é mais tão seguro em sua visão. Não vou contrapor seu pensamento, porque a única forma de ter certeza de que os jardins da *Omertà* estão livres de ervas daninhas é descobrir quem faz parte da *Legião* e arrancar suas raízes com violência, ceifando assim a origem do problema que tem tirado o sono de muitos de nós.

Há tantos anos, acostumei-me com o fato de que traidores ficam vivos por pouco tempo e que é uma infâmia saber que os

membros, que regem esta organização desconhecida, estão respirando por tempo demais.

— Eu quero deixar bem claro que informações custam caro, Alessandro. E o preço de conseguir cada uma será pago pela Cosa Nostra. Não estou regulando até onde eu posso expor o que sei, e eu espero que você também não se regule quando eu precisar do favor em troca — Lucius pontua.

Dante suspira, tomando as palavras e nossa atenção.

— Não achamos muitos documentos, mas as paredes têm ouvidos, as pessoas também. Sei que você pode acreditar que talvez algum deles esteja blefando, mas... foram muitas informações idênticas e que batiam com os documentos achados. — O Conselheiro tira de dentro da mala um fichário com páginas plastificadas e o abre, folheando-as. — Procuramos em muitos lugares específicos por fotos, até que... encontramos este homem. — Ele empurra o fichário em minha direção. É uma foto revelada de Adriano, lado a lado com outro homem a quem não reconheço. — Olhe a tatuagem em seu braço, em cima do punho. — A foto não tem a melhor qualidade, mas o letreiro em hebraico ainda é legível. Apesar de não fazer ideia do que signifique, posso dar um palpite. — Sabe o que está escrito?

— Deixe-me pensar: *Legião?*

— Exato — confirma Lucius. — Sabemos que a Cosa Nostra se originou há muito tempo, sabemos que a igreja cresceu tendo-a como alicerce e vice-versa, também sabemos que *a Legião* pode ser tão antiga quanto a sua Monarquia. Então voltamos na história e adivinha? Passe a próxima página.

Eu a passo e as gravuras são impressionantes. Imagens antigas, que retratam poucos anos após a vinda de Cristo, dentro da linha cronológica histórica: o primeiro Constantini, *Imperador Constantino*, junto de outro homem desconhecido, não tão em evidência quanto o líder romano. O pequeno símbolo desenhado em sua mão se destaca, não uma tatuagem, mas como uma cicatriz, e não em hebraico, senão em latim, o qual domino com maestria: *Legião*.

— Os exércitos também eram chamados de “legião” pelos imperadores romanos nos primeiros mil anos depois de Cristo. Não há como afirmar que isso pertence à *Legião*, sabendo que muitos capitães tinham a mania de marcar seus soldados — digo, mas não é preciso ser um grande fã de história para saber a informação que trago. — Aliás, o latim nem existia nessa época, não?

— Na verdade, o latim é uma mistura de etrusco e grego, que nasceu muito anos antes de Cristo em algum lugar da região do Lácio, na Península Itálica — murmura Dante, procurando novos papéis. — Pensamos o mesmo que você sobre a gravura de Constantino. Pesquisamos mais e descobrimos que a única “legião” nesta época pertencia a um comandante que está na próxima imagem. — E então, na página seguinte, um homem com armadura dourada e face envelhecida o suficiente para não conseguir segurar o escudo foi retratado ao lado do imperador. — Mas essas gravuras são muito antigas e resolvemos procurar não pelo homem, mas pelo símbolo usado em sua mão em qualquer outro idioma, *hebraico*, *grego*, *latim e italiano*. Achamos um brasão de séculos depois, no ano de mil cento e oitenta e três, ano do Concílio de Verona, um quadro em que, ao lado da bandeira que representa a fundação da Inquisição criada pela Igreja Católica, outra bandeira se ergue de fundo, com o mesmo símbolo em hebraico que havia na mão do homem ao lado de Adriano e o mesmo significado da cicatriz que traz o homem acompanhando o Imperador Constantino. — Meus olhos se erguem com a pequena hipótese ainda sem fundamento, mas certamente um tanto coerente com a história traçada por eles. Não me oponho a acreditar nisso, mas se, de fato, for tão antiga e poderosa como eles sugerem, a ponto de ser invisível, será um grande problema.

— Vocês só podem estar brincando.... — sussurro.

— Não. Então começamos a fazer mais pesquisas e descobrimos que a *Legião* era uma entidade, um grupo independente que auxiliava a Igreja Católica com o controle de massa — Lucius prossegue. — Enquanto a Cosa Nostra seguiu

monetizando todo tipo de serviço e crescendo debaixo dos pilares da igreja, a única intenção da *legião* era preservar o catolicismo.

— E eles eram financiados por quem?

— É aí que está, por ninguém, o que me leva a crer que talvez, de alguma forma, eles tenham se tornado o próprio catolicismo que veio se moldando com os anos, como membros que não se expõem. Como se o catolicismo e o Vaticano, que o mundo hoje conhece, fossem a sua casca. — Dante emerge com o assunto e minha cabeça expande de uma forma tão abrupta que dói. — A Igreja é o órgão privado mais rico do mundo, Alessandro. Históricos, dinheiro... *todos querem a salvação divina,* e estão aptos a pagar qualquer preço por isso.

— Qual o intuito? Apenas uma proteção à igreja? — minhas dúvidas se revelam.

— Dinheiro, isenção de impostos... a igreja tem seu órgão próprio de investigação interna. Vocês, de certa forma, usam o poder dela, tendo se tornado independentes. Ao que me parece, a *Legião* fez o caminho contrário, ela se fundiu com a fé e as preces ao longo dos anos.

— Então você está me dizendo que a igreja está tentando me sabotar? — questiono.

— É exatamente isso. Ainda não sabemos a ligação direta com a Cosa Nostra, ou quem é esse homem, mas estamos pesquisando. É só questão de tempo para termos tudo traçado e sabermos quem eles são. — Dante me promete e sinto a repulsa que vem com o medo, porque talvez, pela primeira vez na história, uma organização cresceu tanto quanto nós. — Precisamos tirá-los de dentro do casulo para observamos como eles agem.

— E como eu chamo a atenção deles? — Lucius sorri, para logo responder:

— Sujando a imagem do que eles mais prezam.

— O catolicismo — concluo. — Claro. A derrubada do Monastério de Pavia e a morte de Felippo pelas mãos de Daemon,

a morte de Arthur Casarin pelas minhas, a exposição do papado e das denúncias, a morte do papa.

— O seu casamento com uma freira. Pondo um papa seu no poder, matando o governador — completa Dante. — Você os irritou. E é uma ameaça para eles.

— Dario entrou no monastério e traficava freiras. E todas as coisas que aconteceram com Alessandra? Deixaram passar? — questiono, surpreso e, a cada segundo, mais irritado.

— Dario entrava lá com a permissão do governador e esse permitia os abusos em troca de votos. Nada foi feito sem a permissão deles. Mãos foram lavadas para que eles tivessem as permissões necessárias. O tráfico de pessoas em Pavia foi como um... — Dante esfrega a ponta dos dedos, procurando o termo certo — mal necessário — explica. — Se quiser seguir adiante, tenha em mente que precisará ser mais cauteloso.

— Então vocês precisam que eu os tire do casulo, entendi certo?

— Sim — confirma o *Capo* casalês.

— Ainda preciso resolver a questão de minha irmã.

— Não acho que a ‘Ndrangheta possa ter uma participação direta na *Legião*. Acho que juntaram interesses. Dario quer você morto, assim como, ao que parece, a *Legião*. — Dante fecha o fichário sobre a mesa e, logo depois, a mala. — Também acho que, se eles são tão fortes como parecem, já poderiam ter te matado ou... *existe um obstáculo, um impedimento*. Mas, como eu disse, vamos continuar investigando.

— Se eu pegar Alessandra, talvez eu consiga interrogá-la — meu Conselheiro sugere.

— Sem chances. Dario sumiu para o nascimento do filho, vamos ter que esperar que apareça de novo. Nem os próprios associados da Monarquia calabresa tiveram contato com ele nas últimas semanas. — Dante fica de pé, pondo a mala, que antes estava sobre a mesa, no chão. — Tempos sombrios virão e não se esqueça de que você pode estar sendo vigiado.

— Eu sei me cuidar. — O nervosismo arranha a minha garganta. A possibilidade de que as coisas possam sair dos eixos me desconcerta, não porque tenho medo de perder o poder, mas sim pelo tamanho do inferno que vou precisar criar para recuperá-lo.

— Não se esqueça de que Adriano também sabia. — Lucius vai embora, deixando aberto um leque de possibilidades. Talvez seja coisa da minha cabeça, mas, depois de entender a ponta do *iceberg*, minha mente maquina possibilidades infinitas, e nenhuma delas é pacífica.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 34

Condições matrimoniais

DAEMON DEMARCO

Desperto em um susto.

Suado, respirando fundo e com a porra dos pulmões queimando, como se estivesse inalando fogo. A sensação não é das melhores, mas eu a sinto passar conforme inspiro e expiro. O anel de prata fora de meu dedo é um sinal sutil de que, já que não me lembro de tê-lo feito, não fui exatamente eu a tirá-lo.

O calendário sobre a bancada do armário do quarto marca dois dias passados, *dois dias que eu não vivi.* O pequeno bilhete com letras alinhadas e organizadas preenche a superfície do meu travesseiro, o que me faz comprovar que Alessandro deu as caras outra vez.

"A próxima vez que ela dormir naquele chalé, vou arrastá-la pelos pés até a cama do nosso quarto."

Ele não assina, nem precisa, porque meu entendimento sobre o outro lado da moeda é mais cristalino agora.

— Daemon? — O rosto de Mattia surge na porta, como se tivesse um ponto de interrogação no alto de sua cabeça; a dúvida que espera sanar com minha resposta.

— Ele veio? — Minha pergunta o faz suspirar aliviado e, da mesma forma que responde à minha indagação indiretamente, eu respondo à dele. O Conselheiro entra no quarto, joga seu corpo mole sobre minha cama, passando a mão em todo o rosto, e abre os braços enquanto fecha os olhos.

— Graças a Deus. Eu nem me recordava de como era sentir raiva dele.

— Ele... se comportou?

Seus olhos castanhos se revelam.

— Um senso de humor ridículo. Bebeu seis garrafas de conhaque, ameaçou metade dos soldados lá fora, manteve-se longe de Jezebel, mas disse que ela deve estar na mansão principal, ou ele voltaria para cobrar você. — Um verdadeiro mensageiro. É a minha vez de suspirar aliviado; não que eu acredite que Alessandro possa não cumprir com o combinado. Mattia me conta sobre a reunião com Dante e Lucius, informando sobre as origens interessantes da *Legião*. Estudei muito a história do catolicismo com o passar dos anos, mas nada que me fizesse algum tipo de pesquisador ou especialista no assunto, apenas o básico para não me permitir ser manobrado por um controle de massas.

Eu não faço parte da massa.

Usamos o mesmo véu que a arquidiocese usa no mundo para benefícios próprios, e os meus conhecimentos se mantiveram nisso para alimentar o que aqueles que vieram antes já faziam. É apenas a continuidade de um trabalho de cargo. Não é como se deturpássemos a visão das pessoas diante de um achismo com base nas escrituras antigas.

As pessoas se enganam, porque querem; acreditam, porque querem. Poucas procuram embasamento teórico ou teológico para os milagres, pois desejam ficar na ignorância, e embora eu já tenha tido muito mais fé do que hoje tenho, minha crença é na colheita automática daquilo que se planta, mesmo sem perceber.

— Precisamos fazer a nomeação de Peter a sumo pontífice. — Sento-me na cama, meus pés parecendo estar melhores quando exerço força ao chão.

— Peter Novak não é um Constantini. Não acha que isso pode ser um problema? — Mattia está um pouco receoso. — Nunca houve uma ascensão ao cargo sem o seu sangue, Daemon.

— Teremos uma primeira vez e eu, sinceramente, espero que chame a atenção deles, assim como a de Alessandra e Dario, pois, quem sabe, conseguimos acertar dois coelhos com apenas uma cajadada.

— Eu estou preocupado.

— Não vou dizer para que não fique. — Esfrego os punhos, sentindo-os doloridos. — Jezebel?

— Tentei fazer com que ela se sentisse tranquila durante o período que você... *ficou fora*, mas todas as vezes que passei pelo jardim, ela estava na janela — ele alerta e minha preocupação se mantém, na possibilidade de que eu possa ter feito alguma besteira, ou melhor, que *Alessandro* possa ter feito alguma besteira.

Calço os sapatos com pressa, vestindo a calça escura jogada pelo chão, e desço a escada enquanto ainda visto a camiseta, tentando não cair pelos degraus. Mattia fica para trás sem uma resposta, quando, na verdade, quero ter certeza de que minha esposa está tão inteira quanto na última noite que estive em sua cama.

Abro a porta do chalé em um rompante bruto. Eu caminho, procurando-a com o olhar pela casa arrumada, e atravesso o corredor até encontrar a porta de seu quarto aberta. A cama está bagunçada, embora o que chame minha atenção não seja metade do cobertor no chão e os dois travesseiros deslocados sobre ela, mas o meu anel de prata, que brilha sobre o móvel de seu quarto.

Eu o seguro entre os dedos e encaixo-o no indicador. Está gelado. O som de descarga ecoa e Jezebel surge à porta do

banheiro, secando o rosto . Ela paralisa ao enxergar minha imagem bem diante dela.

Tantas coisas se passam pela minha cabeça, e uma delas, que me revira o estômago, é saber que Alessandro pode ter se deitado com ela. Que tipo de mulher faria isso com alguém que quase a matou várias vezes? Bom, ela se deitou comigo, por que não se deitaria com ele? O corpo é o mesmo, mas abomino a ideia de me deitar com ela e sequer ter lembranças ou controle do que faço. É como ter um buraco vazio entre as memórias densas do meu consciente.

— Quem dormiu aqui? — Zero cordialidade, porque, neste momento, a minha fome por respostas é maior do que qualquer educação.

— Daemon? — ela questiona e eu não afirmo, tampouco nego, espero pelo que pedi. — Hum... eu.

— Apenas você? — volto a questionar e seu rosto fica rubro, os olhos diminuem. Ela está envergonhada.

— E... você, da última vez. — Jezebel usa a tolha para cobrir a região dos seios por cima da camisola, mas não foi rápida o suficiente para que eu deixasse de ver, ao menos por alguns segundos, os bicos de seus seios marcando o tecido volátil, pela ausência do sutiã. — Você está... bem?

— Sim — respondo. As imagens de Jezebel com outro homem me fazem contrair a musculatura da mão com toda força e ouço os meus próprios dedos estalarem apertados.

— Mattia disse que vocês... tiveram uma reunião importante com Lucius. Conseguiram descobrir o que é a *Legião*?

— Eu disse que havia assuntos que não eram da sua alçada, Jezebel. — Um alerta costumava ser mais eficaz.

Sem perceber, ela arreia a toalha até o quadril, expondo novamente os mamilos marcados na camisola.

— E o que difere os assuntos que não são de minha alçada? Um anel de casamento? — minha esposa questiona, tão corajosa

que eu sentiria orgulho, se não fosse algo preocupante. Ela provou que seus excessos de coragem nunca deram bons fins. — Quando precisou de mim, em Pavia, não hesitou para que eu ajudasse. Quando precisou de mim, antes de seu casamento com Antônia, também não hesitou, mas por que hesita agora? Do que tem medo, Daemon?

— Não é sobre ter medo, é sobre entender o seu lugar. Você é a parte mais fraca que existe hoje, dentro da Cosa Nostra, e não vou expor você às informações que nem sei ainda se são verídicas.

— Achei que Lucius não mentisse — insiste, porque isso é o que ela faz de mim.

— Você não dita nada. — Minha voz sobe.

— Eu não vou participar de exposições ridículas, como se fosse uma *integrante* da alta sociedade. As pessoas cochicham, as pessoas zombam de mim em sussurros. Você não quer me expor à sua investigação acerca da *Legião*, mas quer me expor a quem agoura sua esposa? — Lá vamos nós. O silêncio ao dar as costas é sempre a melhor solução quando não quero respondê-la, mas acho que já se foi a época que Jezebel se calava apenas por minha ausência. — Você não está me dando liberdade, está tentando me distrair. Daemon, não me vire as costas. — Passo pelo corredor, ouvindo sua voz, que não se distancia; sinal de que ela vem logo atrás de mim.

— Não vou perguntar o que você quer, porque já perguntei e você já teve o que queria. Não me faça arrancar de você o pouco que tem. Dê valor ao que eu lhe dei, pois o combinado foi que você ficasse em sua casa e eu na minha. — Jezebel aperta seus lábios em um bico feroz e suas sobrancelhas se unem em uma demonstração de raiva.

— Eu sei que você ama sua irmã... — *Esse assunto agora não.*

— Para — peço baixo, fechando os olhos e juntando paciência.

— Sei que Alessandra, no fundo, também te ama... — *Ela precisa parar.*

— Eu mandei parar... — A pele interna de minha boca é comprimida entre meus dentes.

— Ela só precisa do estímulo certo para voltar... — O fio de paciência se vai ligeiro quando meus dedos se fecham em torno de seu pescoço, acabando com qualquer palavra que completaria sua frase. Meu indicador se afunda em sua bochecha e eu sei que, nesse instante, tudo o que ela enxerga nos meus olhos é raiva.

— EU MATEI ALESSANDRA! — grito. — Eu a matei, assim como fiz com Adriano, com Alessa, com *Lucca*, com todos! — Suas mãos se fecham em torno de meu punho e ela tenta se esticar na ponta dos pés, em uma tentativa banal de aliviar meu aperto.

—... Daemon... o... o... a-ar... —murmura, e eu a solto de supetão. — Eu vi Alessandra no discurso de filantropia — diz em uma lufada de ar, passando os dedos pelo pescoço e aliviando a pele antes comprimida. O descontrole da raiva é insalubre ao lado de minha consciência racional, tendo em vista que esse é um assunto delicado, porque muitas coisas poderiam ter sido evitadas se eu tivesse dado atenção ao ponto certo quando achei que tudo estava sob controle e Alessandra estava mais protegida em Pavia do que ao meu lado.

Sinto uma fagulha do que não sentia há muito tempo: *arrependimento*.

— Impossível — digo, ríspido. Alessandra estava reclusa para dar à luz a seu filho e, mesmo que eu não concorde, sei que Jezebel tem um bom coração e quer enfiar meio mundo dentro dele, mas o mundo em que ela viveu lá fora, nada se parece com este, ao qual tenta se moldar. — Não tente inserir mentiras, como se fossem verdades, entre nós dois.

— Tenta me sufocar e me chama de mentirosa? Nós nos casamos não tem um mês sequer e já estamos assim, brigando a

cada vez que nos vemos.

— Controle sua língua e vamos viver em harmonia. — Minha mão sobre a maçaneta abre a porta.

— Controlar a minha língua? Sou sua esposa, *preciso* participar da sua vida. — Eu a encaro por pequenos segundos e não acredito que ela aguentaria uma fagulha do que o peso do poder de governar pode causar.

— Então é isso que você quer? Participar da minha vida? — eu questiono, e uma faísca de esperança se acende em Jezebel, como se eu estivesse fazendo-lhe um convite primoroso.

— Não é assim que deveria ser, desde o começo? — pergunta.

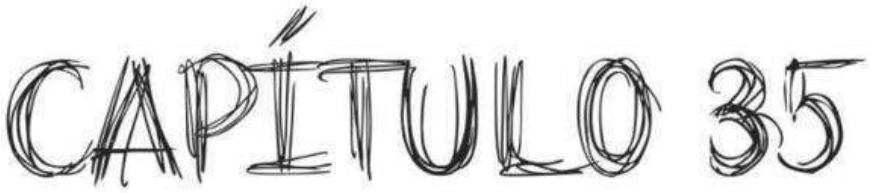
Esfrego o rosto com a mão áspera, pensando em como fugir disso, mas a realidade é que não posso. Ela está certa, vai continuar insistindo com essa ideia de divisão de vida matrimonial até que eu ceda. O que ela precisa é apenas desistir, e não é necessário muito para que ela o faça. Uma fagulha de horror e os dois pés, que Jezebel insiste em botar para a frente, irão retroceder mais passos do que ela avançou.

— Vou pedir que Mattia providencie sua ida para a mansão principal em dois dias. Você vai dormir no meu quarto e me acompanhar a partir da primeira noite que estiver acomodada lá. — Ela abre um sorriso tão grande que mal parece que quase a fiz engasgar com minha mão em sua garganta. — Os seus treinos continuam com Benito, o *Sottocapo*. Vou pedir para que ele pegue leve. Hoje, você vai dormir com o vazio ao seu lado e, em dois dias, esteja pronta. Será a posse de Peter Novak.

— Peter?

— O novo papa do Vaticano — concluo, antes de deixá-la sozinha.

OceanofPDF.com



Estilhaçado



9 anos.

— Você está criando um homem frouxo, porra! — Escondido dentro do guarda-roupa, tudo que consigo enxergar é a mão de meu pai. A madeira rente aos meus olhos esconde o rosto de minha mãe, que, pelos soluços que ouço enquanto a mão dele estala sobre sua pele, não me parece estar feliz.

Mamãe disse para eu não sair.

— Ele é uma criança ansiosa, Adriano. Gosta de aprend... — A voz feminina é tão baixa que até mesmo a respiração do *Capo* é um ponto crucial para que eu mal a ouça falar. Ele estala alguns tapas seguidos e, pela forma com a qual encara o chão, acredito que Alessa esteja nele.

Mamãe disse para eu não sair.

— Então ensine-o anatomia. Ensine-o matemática, mas não dê pincéis e tintas a uma criança que vai ser destruída daqui a dois anos. Não torne o meu momento de glória mais difícil. — Seu rosto está vermelho, e não gosto quando meu pai fica assim. As veias na lateral de sua cabeça saltam visivelmente e seus

olhos estão tão esbugalhados que eu não me assustaria se pulassem de seu rosto.

— Você me pediu um sétimo filho homem e eu lhe dei, Adriano. Não estou tirando sua autonomia de pai, estou distraindo o nosso filho enquanto você destrói o mundo à nossa volta. — Seu punho cruza o ar e ele agacha, puxando os cabelos loiros que enxergo entre seus dedos.

Mamãe disse para eu não sair.

— Não, você não vai desmaiar. Abra a merda dos seus olhos e escute enquanto eu falo com você. — Adriano sorri. Passa a ponta da língua entre os dentes e suga o ar, soando como um apito. — *O meu filho* não vai fazer o que você acha que é certo. Seguimos um protocolo há anos e não vai ser você que vai quebrá-lo, porque julga ser certo. Eu sei o que é certo, e deixar com que ele pinte quadros, com diabos de rosas vermelhas, é uma banalidade. Ele é um homem, porra!

Mamãe disse para eu não sair.

— Adriano... para... — Ele a solta. Em volta e por todos os lugares, há quadros.

— Pinte o que quiser, faça o que quiser, mas bem longe de Alessandro, você entendeu? Essas são as suas preferências, não tente as impor a ele. — Enquanto fala, o *Capo* chuta as diversas telas brancas que repousam pelo quarto, para que secassem. Derruba o cavalete com a tinta que ainda cheira fresca, quebrando os suportes, manchando os tecidos e furando as telas maiores.

Mamãe disse para eu não sair.

Então ele quebra meu quadro, o pequeno, da rosa vermelha que pintei para mamãe, e logo depois sai, batendo a porta tão firme quanto seu pé no chão.

Sentindo o peito pesado e ligeiramente rápido com as respirações intensas, abro a porta de madeira do guarda-roupa, sendo cuspido com alguns cabides e outras peças de algodão puro, que ela nunca usa.

— Mãe... — Meu corpo se debruça sobre o dela, no chão, fitando o teto. Erguendo o olhar, é possível notar o tom roxo em sua pele, misturado a lágrimas e sangue.

Seus braços me rodeiam e ela me aninha, quando, na verdade, parece precisar ser o contrário.

— Desculpa fazê-lo presenciar isso, pequeno Daemon. — *Eu gosto quando ela me chama assim.* Alessa encara o quadro antes pintado por mim, agora arruinado no canto do quarto. — E me desculpe também por não poder impedi-lo.

— Eu posso pintar outro, não se preocupe. — Ficamos durante minutos deitados, mas, em algum momento, depois de ter pegado no sono, acordo em minha cama com a ausência dela.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 36

Spiritus Sancti



Rezei esta manhã e me perguntei em voz alta se este casamento é uma carga pesada demais para que eu possa suportar. Embora minha pergunta não tenha sido feita antes com tanta clareza, talvez os acontecimentos possam falar por si só, pois não existe escolha, senão insistir para que tudo entre nos eixos.

É notório que existem pautas que, de alguma forma, mexam mais com Daemon do que o normal. Entretanto, ainda que falar de sua irmã seja um assunto delicado, a maneira abrupta com a qual reage quando o nome dela é mencionado parece ter se intensificado em comparação à última vez.

Eu sei que ele sente.

Apesar de ter os toques de crueldade, que são como uma marca registrada, sei que Daemon é um homem feito de um amontoado de traumas, os quais ele enclausura dentro de si, sedimentando sua personalidade atípica e única, afinal é disso que Alessandro surgiu.

Toquei em sua ferida ao falar nela, não acho que falar de Alessa tenha o mesmo efeito, mas pode ser uma tentativa na próxima vez, para entender até onde os traumas desenvolvidos

com base materna o afetaram e até onde posso compreendê-los para ter mais de Daemon do que ele já me oferece.

Precisa haver um jeito de penetrar sua casca.

— Este vestido é lindo. — Marta surge atrás de mim com um sorriso enorme. — Combinou com você.

Eu não sabia que seda conseguia esticar tanto. Foi necessário encolher a barriga e conter o ar para que ele passasse do quadril, mas, no fim, embora eu esteja completamente apertada e sem saber se poderei me sentar sem rasgá-lo, ainda preciso concordar que ficou impecável.

Foi uma vida inteira na igreja e dois anos fora dela não fariam com que me acostumasse cem por cento às roupas extravagantes que priorizam mais a pele do corpo do que a do rosto.

— Tenho medo de respirar profundamente e ele rasgar — exponho, passando a mão no diafragma e na barriga. O vestido não tem decote. Mangas longas, na altura do cotovelo, em uma espécie de manga boca de sino. O tecido na área dos seios é largo e só torna a ficar justo na parte mais baixa da cintura; aperta-se no quadril e na metade das coxas torna-se largo novamente, até o meio das canelas. Os saltos em meus pés não têm mais do que três dedos de altura.

— A seda não é lá um tecido que cede muito, mas, como está novo, deve lacear alguns centímetros enquanto você andar — explica. A governanta hesita, passando os olhos por algum lugar dentro do quarto. Ela olha pela janela e então se vira, com um humor fresco demais. — *Ele* veio buscar você.

Meu cabelo está solto e o par de brincos em minhas orelhas é pequeno, mas quando expostos à luz, perecem duas lanternas brilhantes.

Não vejo meu marido há dois dias. Seja lá o que ele estiver fazendo, eu me reservei, à espera de que a mudança de meus itens fosse feita para a mansão principal. Marta e Mattia cuidaram de tudo e eu me mantive dentro de uma redoma em minha cabeça,

sendo comida viva pelos pensamentos e situaçõesmaquinadas, em prol da tentativa de entender como viver melhor a dois.

Benito me treinou nesses dois dias e me ensinou sobre guarda baixa, os conhecimentos básicos de como desmontar uma arma e outras coisas. Embora eu tenha prestado atenção a cada coisa ensinada, o sentimento de estar fora de órbita, como um planeta estranho, ainda me toma. Eu olho em volta e me pergunto: *o que estou fazendo?*

É como estar deslocada do mundo, mesmo que eu esteja aqui por vontade própria. Fiz minhas escolhas, mas as consequências... essas se intensificaram.

Há momentos em que quero ir embora, há momentos em que me arrependo amargamente de não ter partido quando tive a chance, mas agora que aqui estou, por que não tentar? Por que não realocar as peças para criarmos uma base plana? Ficarei aqui a vida inteira, por que não tentar uma vida com menos danos possíveis?

Essa noite foi a minha última dormindo no chalé. Acordei pela manhã e fui convidada pela governanta a arrumar minhas coisas no quarto de Daemon, que agora pertence a mim também.

Desço os degraus da mansão com o pensamento intrusivo sobre a possível falta de decência em minhas roupas, que, embora longas, marcam meu corpo mais do que o necessário.

Ao abrir a porta, ele está de pé, com o semblante fechado e os ombros pesados, como se estivesse carregando peso demais, invisível aos nossos olhos.

Mattia disse que eles passaram a noite organizando galpões em Palermo que pertenciam à ‘Ndrangheta, que virariam depósitos da *Omertà*. Não me atrevi a perguntar *quais tipos de depósitos seriam.* O histórico ilícito da Monarquia responde por si só. Seria idiotice questionar.

Daemon está vestido com um terno preto, algo mais *politizado.* Não importa o tipo de tecido que cubra o seu corpo, ele sempre fica muito bem. A barba está maior, em uma desordem

no seu rosto, assim como as sobrancelhas parecem ter se enchido e tornado seu olhar verde mais rude. As pontas de seus cabelos esfregam-se por sua testa saliente, alinhando o rosto que antes já era lindo, mas agora me causa calafrios de tão moldado à base da perfeição.

— Bom dia — desejo, antes de entrar pela porta que ele acaba de abrir.

— Bom dia — ele retruca. Mattia não está presente. Alegou precisar dar entrada em documentos de expansões territoriais, agora que a Camorra não existe mais na Itália e acontecerá o mesmo com a ‘Ndrangheta em breve.

Daemon ocupa o mesmo lugar de sempre ao meu lado.

— Eu fiquei pensando sobre o que você disse. Hoje é a nomeação de Peter como papa, mas, pelo pouco que estudei, primeiro é preciso haver um conclave para a votação de um sucessor, não? — Seu rosto vira em minha direção e seus cílios superiores batem contra os inferiores rapidamente quando ele pisca.

— Algumas congregações e assembleias normalmente precisam ser feitas para debater o estado da igreja e definir um perfil para o novo papa. Então um conclave é realizado com a presença de cento e vinte cardeais, e o acontecimento dele só é avisado ao público quando todos já estão reunidos. A Capela Sistina é trancada até o final da votação. Costuma demorar poucos dias. — Sua explicação é tão clara que somente um tolo não entenderia.

— Achei que os Constantinis sempre entravam no papado — murmuro quando ele finaliza seu detalhamento sobre o assunto.

— Esta será a primeira vez que não é alguém da família a se tornar pontífice, mas Peter, ainda assim, é um dos meus. O governador faz a ponte, como parte da influência, as assembleias e congregações são divulgadas ao público apenas como parte do processo, porque Peter já é o líder do papado atual, antes que o

conclave seja solicitado. — Suspira. — A Cosa Nostra administra alguns centros religiosos pela arquidiocese, então conseguimos... *comprar* alguns cardeais que compõem o Colégio Cardinalício. Mesmo que não esteja oficialmente escrito, já temos a certeza.

Minha sobrancelha se ergue, curiosa.

— Então o papa já foi escolhido?

— Estamos indo à Capela Sistina apenas para parabenizar Peter e estarmos presentes. — Ele abre o vidro da janela quando nos aproximamos do aeroporto, passando por uma entrada privativa. — Quando a fumaça for solta em uma hora, Peter irá se dirigir à sala das lágrimas, vestir sua batina branca, seu sapato vermelho e se apresentará como o novo papa da Igreja Católica Apostólica Romana, na sacada da praça de São Pedro.

— E quando Peter morrer? Quem ascenderá ao seu lugar, no futuro?

O *Capo* divaga enquanto meu questionamento causa ainda mais dúvidas e futuros dúbios em sua mente.

— Ninguém. Então a Cosa Nostra deixará de ter um homem no papado. Temos influência e somos também respeitados pela própria história. — Ele deixa o carro, abrindo a porta, e eu saio. — Mas, de fato, será a primeira vez que não teremos força direta no Vaticano.

A pista de voo está vazia, mas alguns soldados nos acompanham junto do piloto.

Não é uma surpresa de que um jato particular já estivesse nos aguardando. Daemon não perderia tanto tempo assim para atravessar a Itália de formas mais lentas. Já é quase meio-dia, e voltaremos para casa ainda essa noite.

São quase três horas entre o período de voo e de chegada à Capela Sistina, entramos pelos fundos, diretamente para dentro da capela principal, na qual famosas pinturas estampam as paredes e o teto. O nervosismo de estar em um lugar, no qual acreditei que só pisaria com o hábito vestido no corpo, ainda emerge.

— É estranho — murmuro. O eco de minha voz é persistente e, mesmo quando de minha boca não sai nada, ainda ouço minhas palavras pelos corredores do lugar. Estamos sós, já que a porta está fechada ao público e o silêncio é tão grande que meus pensamentos parecem gritar.

— O que é estranho? — ele questiona, encarando uma das pinturas de Michelangelo, a mesma que vimos na viagem à Volterra, *A criação de Adão*.

— Eu prometi a mim mesma, antes de fazer meus votos na transição de noviça para freira, que eu jamais me desviaria do caminho de fé. — O sentimento é quase de uma catarse pessoal, talvez não tão acentuada, por já ter passado por isso, mas a sensação de *"e se"* sempre estará comigo, não importa quanto tempo passe.

— Não confunda as coisas. O caminho de fé torna-se subjetivo demais quando você põe dessa forma. O significado de fé é acreditar, portanto é possível ter fé de que posso subir lá e matar o próximo papa. — Questiono-me se, em algum momento, a ignorância não será uma repreensão imediata sempre que eu tentar ter um diálogo normal com Daemon.

— Não é esse o meu ponto — retruco, à medida que avançamos pelos corredores.

— Eu sei e o entendi. — Suas mãos grandes e robustas se abrigam nos bolsos da calça. — Você quase foi morta pelo caminho religioso em que muito confiou. Não estou dizendo que ter fé em um Deus é errado, mas salvei você, porque eu não tinha fé. — Encaro sua gravata torta abaixo de seu queixo largo e quadrado. — Eu tive provas de que a religião imposta à beira do fanatismo fode muito mais a vida das pessoas do que traz algum benefício. O mal no bem também oferece benefícios e, ainda que as pessoas clamem por paz, somente a violência traz justiça.

— É nisso que acredita? — Meus dedos avançam em sua gravata torta, ajeitando-a. Ele me encara, tão passivo quanto um homem que tenta compreender um cubo mágico. — Olha aonde a vingança te trouxe.

— Se não fosse minha vingança, você estaria morta, nós não estaríamos casados e eu talvez não fosse o atual *Capo* da Cosa Nostra. *Tudo aconteceu da forma que tinha que acontecer* — concordo levemente com a cabeça quando ele fala, seus dedos se fecham em meu punho e, embora a pele deles seja áspera, seu toque não é firme como costuma ser. É estranhamente delicado. — Eu não deveria ter enforcado você.

Isso, sim, é uma surpresa. A falácia de que ele não se arrependia de nada, talvez esteja a mudar agora. As coisas estão se formulando na cabeça de Daemon e, mesmo que ele afirme não mudar por nada ou ninguém, é exatamente o contrário que estou vendo.

— Eu entendo.

— Não entende. — Ele volta a afirmar. — Não toque no nome da minha irmã. Ela não é mais sangue do meu sangue, não tente criar a narrativa de que existe a possibilidade de que ela volte a fazer parte da Monarquia.

— E o que pretende fazer quando encontrá-la?

— O que fazemos com todos os inimigos. — Daemon promete. Eu gostaria que nada disso tivesse acontecido, gostaria de tê-lo conhecido em outra situação, *em outra vida;* uma na qual eu não fosse Jezebel Salerno, filha de Jean Salerno, abandonada em um convento e ele não fosse Daemon ou Alessandro, que está tão preso a amarras de seu passado que nem um milagre poderia soltá-lo.

Eu o amo, copiosamente.

Ainda que eu esteja mais alta do que o normal por conta do sapato, os quase três dedos a mais em minha altura não são o suficiente para que eu alcance seus lábios, mas ao suspender meu corpo na ponta dos pés, consigo alcançar meu objetivo.

Ele se surpreende, mas não veta meu ato. Minha boca se esparra na de Daemon em um beijo só, mas quando meus lábios se entreabrem e ele entende que quero prosseguir, afasta o pescoço, receoso.

— Jezebel. — Eu não atendo, mas sei que ele quer me lembrar de onde estamos. Brevemente, ao me separar, eu lhe dou um sorriso espaçoso, revelando a resposta e o aval que é concedido, mesmo que ele não precise de fato.

Eu sou dele.

Sua boca engole a minha, à medida que eu sinto seus dedos por cima do pano do vestido tão fino. Sua língua saboreia a minha enquanto uma de minhas mãos se enfia em sua nuca, entre seus fios claros e maiores do que antes. Ele morde minha boca ao sentir meu aperto em seu cabelo.

— Me beija, me beija... — sussurro tão sôfrega, tomada pela violência de um desejo acumulado de dois dias, nos quais me deitei sozinha, desejando estar com ele. Ele arrasta meu corpo pelo interior da Capela, encontrando a parede mais próxima para apertar-me contra ela. Sua língua desce por meu queixo, mordendo meu pescoço com força. Eu sinto meu interior se revirar e a calcinha torna-se mais quente do que o normal. Ele chupa minha orelha no processo e eu juro que ficaria nua aqui e agora, se ele me pedisse.

— Estamos em uma capela — ele grunhe contra meu pescoço. Sua mão se fecha em um dos meus seios, por cima da roupa, e eu só consigo pensar no quanto me odeio para ter aceitado vestir este vestido. — O meu pau está duro enquanto o papa está sendo nomeado em algum lugar aqui dentro.

Eu consigo sentir sua virilidade, que roça em minha perna, mais dura do que o cinto que lhe fecha as calças.

— Você já foi mais respeitoso com a fé alheia, Daemon. — A voz alta quase me faz pular, agarrada no pescoço de meu marido. Sua mão se abre na parede atrás de mim, enquanto a outra paralisa sobre meu corpo. Quando ele enfia a cabeça em meu pescoço, posso jurar que está fechando os olhos e xingando até sua décima geração.

Ele se recolhe para ter uma visão mais plena de mim.

— Ajeite sua roupa e seu cabelo — sussurra preocupado, não tanto comigo, mas com o volume exagerado em sua calça. O *Capo* enfia a mão pela calça, ajeitando o membro duro e questionando-se, provavelmente, porque cedeu a um beijo que, por pouco, não nos deixa pelados em plena Capela Sistina. — Peter, meu grande amigo. — Ele se vira, abraçando o homem na tentativa de tirar o peso do flagra. — Espero que entenda, acabamos de nos casar.

Meu rosto se aquece e o Papa sorri. Sua batina branca é um espetáculo à parte e seu semblante de felicidade deixa explícito o prazer que ele tem, não só de estar aqui por Daemon, como também por sua fé. Mesmo sendo um associado, Peter Novak é um homem de grande fé, que tem uma crença sólida em um mundo melhor.

— Ah, Jezebel... hum... você está muito bonita e, bom... fico feliz que as raízes da esposa do *Capo* da Cosa Nostra sejam de origem católica também. — Eu me lembro dele. O padre que nos ajudou quando estávamos em Volterra, em um eminente problema, que teria se tornado um desastre sem ele.

— Vossa Santidade. — Torno à tentativa de reverenciá-lo, mas seu sorriso se torna maior e ele balança a mão. — A bênção.

— Aqui, não precisamos disso. Aliás, o seu pé, como está? — Minha vez de retribuir a gentileza do carisma e cordialidade ao lhe dar um sorriso na mesma potência.

— Melhorou cem por cento. Obrigado por perguntar — digo.

— E então, como se sente sendo o novo sumo pontífice dentro do Vaticano? — Daemon se aproxima, apertando seu ombro em um otimismo presunçoso. Seu olhar se estreita. — Alguma notícia... *interna?*

— Não. — Peter responde ao meu marido, embora eu sinta, quando me encara, como se o fizesse para mim.

— Grato. Deus só nos dá a carga que podemos suportar. — Meu corpo se arrepia imprevisivelmente, como uma reposta

ligeira, ou talvez seja só coincidência. O pontífice se volta para o *Capo* de pé à sua frente, e eles tornam a caminhar vagarosamente até o corredor principal que dá no altar da capela.

— Há algo no ar. Não sei exatamente, mas todos os cardeais estão muito calados. A Santa Sé não prestou o memorando cotidiano de coroação papal, está tudo muito... *silencioso*. Já estive presente em outros conclaves e este... é o mais estranho de todos. — Daemon o encara, raciocina e, pelo rosto sereno, não acho que ele tenha dúvida do que está acontecendo, no entanto é a face de Peter Novak que está espalhada ao mundo, e, embora ele não seja um Constantini, Daemon é leal a ele como se fosse.

— É natural. Czar Benitino morreu, eles sabem que não foi um ataque cardíaco, mesmo que o laudo especifique isso.

— Não, acho que você não entendeu. Durante o Conclave, cento e doze dos centos e vinte Cardeais votaram em mim. Não houve unanimidade, sendo que a maioria foi contra minha ascendência a este poder durante a organização das assembleias para traçar o perfil do pontífice, e agora, muito dos que foram contra, foram silenciados e votaram a favor. Isso não soa estranho para você? — Peter está com medo e isso é lógico. Com a onda de traições acontecendo, eu também ficaria.

— Acredita que possa estar correndo algum perigo? — Daemon questiona.

— Não sei, é cedo para dizer. Há algum tempo, consegui obter a entrada de Ludovico na biblioteca secreta do Vaticano. Vasculhamos as inúmeras prateleiras em busca do material frágil com a ajuda de pesquisadores, mas não há nada lá, Daemon. Vou procurar outros acervos sobre esta *Legião* que tanto procura e vou lhe informando.

O Papa respira fundo, encarando a imagem de Jesus estirado sobre uma cruz de ouro e prata. O *Capo* retira de dentro de seu paletó um pequeno telefone quadrado e o estica na direção do Santíssimo.

— Vamos nos falar por esse telefone. Se necessário, eu venho ao Vaticano. — Ele alisa sua barba. — Vou deixar duas *decinas* aqui na cidade e, se precisar, eu o levo para a Sicília. Não hesite em falar, Peter. Não acho que tenhamos esbarrado em gente pequena dessa vez.

— Tenha fé, Daemon.

Ele ri.

— Não acho que fé vai adiantar de muita coisa agora, mas agradeço sua boa intenção. — O sumo pontífice estende sua mão e meu marido a aperta em um gesto de despedida. — Estarei de olho. Qualquer movimentação, você sabe como me encontrar.

Daemon se vira, aguardando que eu me junte a ele, ao seu lado.

— Até mais, Sra. Constantini — Peter diz.

Talvez o futuro bárbaro, com o sobrenome de Daemon, não seja lá tão bárbaro assim.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 37

Funil

DAEMON DEMARCO

É fim de tarde quando chegamos à mansão de novo. Jezebel dormiu boa parte do caminho no avião e se manteve calada enquanto estávamos dentro do carro. Não me fez perguntas ou pedidos, apenas subiu para o segundo andar quando chegamos.

Mattia desce a escada enquanto ela faz o caminho contrário, sumindo no corredor.

— O que ela tem? — ele questiona, apontando para ela com o polegar por cima do ombro.

— Não faço ideia.

— Achei que estivesse com ela na Capela Sistina. — Aproxima-se da garrafa de conhaque na mesa do bar na sala, enchendo um copo e me encarando com os olhos cerrados.

— Mas eu estava.

— E como não sabe o que ela tem?

— Por que eu saberia?

— Você se casou com ela. — Meus olhos reviram-se e eu gargalho.

— Não sei, deve estar cansada. Por que o interesse? — Minha questão o faz pensar.

— Curiosidade apenas. — O Conselheiro, que antes dava ênfase a outro assunto, faz uma pausa melancólica ao olhar para o jornal aberto em sua mão, mas é só quando ele me encara com um peso no olhar, que percebo existir um “i” sem o ponto em seu semblante.

— O que houve? — pergunto, e o ouço suspirar profundamente.

— Temos um... pequeno problema.

Mattia vira o jornal e, bem no centro, um slogan da família Constantini com um enorme letreiro que, de forma tendenciosa, diz: “*Os galpões pertencentes à empresa Constantini são alvo de denúncias no Ministério Público da Itália, por suspeita de sonegação de impostos com mercadorias não registradas...*”. Meus olhos se estreitam e eu não consigo pensar em nada, porque, em qualquer outro cenário, teríamos sido avisados no momento que a denúncia tivesse sido feita, mas para chegar ao ponto da informação ter vazado em um jornal, é sinal de que Saliu não estava filtrando o que chegava à sua mesa.

— Isso parece um pequeno problema, para você? — tomando o jornal em minhas mãos, pergunto a ele.

— Também não me parece grande. Dá para resolver fácil. Converse com o Governador.

— O problema não é a denúncia ter sido feita, mas sim como essa informação chegou ao jornal e por quê, E se, de fato, uma denúncia foi feita, por que Saliu não nos avisou, se a polícia da Sicília é nossa? — Tantos questionamentos que não seria surpresa se saísse fumaça da minha cabeça. Os neurônios estão em pane, porque, se isso não for uma conspiração sorrateira contra a Cosa Nostra, eu não faço ideia do que possa ser.

— Isso vai afastar os associados e causar mais problemas com o Conselho. Vão achar que estamos perdendo o controle das influências. — E Mattia não está errado. Um associado busca segurança para ir e vir, abrir e fechar negócios dentro da Monarquia, mas com uma demonstração pública de descontrole

de mídia, isso se agrava e boa parte do dinheiro que deveria entrar, só irá sair, por medo de investigação. — Que tal, irmos até ela? — Sua sugestão é primorosa. Se existe um problema, existe uma solução, e não vai ser aqui, em pé, que conseguirei encontrá-la.

— Você fica. Vou juntar uma *decina* e ir atrás dela.



A polícia é um órgão público peculiar. Para os que não têm dinheiro o suficiente, eles resolvem a questão de segurança pública como se fosse um tema qualquer, mas, para empresas e herdeiros, a polícia é só um pé no saco para regular nossa autonomia financeira e estratégica.

Saliu é nova, não só em termos de idade, como também em experiência de campo. Embora tenha estudo com a promessa de que bons policiais fazem uma cidade, ela só vai aprender que, para lidar com sujeira precisa ser sujo, quando passar pela experiência de quase perder a vida.

Mas... por outro lado, sua falta de prática em campo vai fazer com que ela perdoe as loucuras de Alessandro com mais facilidade. Acho a porcentagem de sucesso dessa escolha maior do que a opção, na qual ela enfia uma bala em algum lugar do meu corpo.

Eu poderia pedir para que Mattia tentasse resolver isso qualquer outro dia, mas não posso perder a oportunidade e a credibilidade, depois de ter feito besteira, porque tenho certeza de que, se eu tentar explicar a ela como funciona a dinâmica de Daemon versus Alessandro, ela vai ter a convicção de que sou louco.

Talvez eu realmente seja.

Mattia foi eficiente em arrumar o endereço da casa de Saliu. Um apartamento no centro de Palermo, nada muito luxuoso, e eu poderia até dizer que ela tem um bom gosto, mas que também se camufla muito bem.

Toco a companhia duas vezes. Seu apartamento é o único do último andar e, a julgar pelo horário, ou ela está dormindo, ou fodendo, se for casada. Quando meu dedo pressiona o botão pela terceira vez, a porta se abre.

Sua cara de sono denuncia o cansaço de um plantão cheio. Primeiro, ela se espanta e eu sequer aguardo sua permissão, apens entro em seu apartamento sem ser convidado.

Uma *decina* inteira, de dez soldados, espera por mim do lado de fora da porta, todos encarando-a. Não sei como ela vai explicar ao síndico tamanha movimentação de madrugada, mas isso não é da minha conta.

— Lugar interessante. É aqui que você se esconde? — questiono ao entrar. A sacada é pequena, mas os móveis são modernos. O ventilador da sala faz mais barulho do que o normal e o vento gelado que vem da porta aberta no fundo do corredor indica que o ar-condicionado está ligado. É, ela realmente estava dormindo.

— Como conseguiu meu endereço? — Em seu queixo, há um curativo, uma espécie de *band-aid* pequeno.

— Deveria ficar surpresa se eu não conseguisse seu endereço, isso sim. — Saliu fecha a porta. Ainda veste a calça e a blusa da polícia siciliana, seu cabelo bagunçado e o rosto completamente amassado indicam que ela ainda está raciocinando o que acontece.

— Não deveria ter vindo. Você quase me matou da última vez, o mínimo que deveria fazer era pedir para que Mattia tivesse me ligado — a detetive reclama, sentando-se à minha frente enquanto esfrega o rosto, visivelmente estressada.

— E o mínimo que você deveria fazer era ter me dito sobre essa merda aqui. — Jogo o jornal sobre a mesa de sua sala e ela

rapidamente o lê, mesmo na baixa luz noturna.

— Você quase me mata e ainda invade a minha casa a essa hora da noite?

— Foi você quem abriu a porta. — Minhas mãos se espalmam sobre a mesa em uma forma básica de tentar controlar a raiva e não acabar fazendo pior do que Alessandro. As regras são simples para com a polícia da Sicília: não é pedido o impossível, apenas o básico.

— Foi uma denúncia. Não vai dar em nada. — Saliu está visivelmente envergonhada. — Não entrei em contato, mas já enviei um relatório de averiguação, dizendo que a denúncia foi falsa. Aliás, nem sei por que isso saiu no jornal. Eu controlo o sistema, Daemon, e não as mídias.

— E por que não fui avisado sobre isso? — A detetive bufa, jogando seu corpo pesado no sofá e puxando os cabelos para trás ao tentar arrumá-los.

— Ainda me pergunta? Você quase cortou minha garganta da última vez. — Seus dedos passam por seu queixo e pescoço.

O que eu posso falar? Sequer me lembro e, ainda que eu diga que pode ter sido um pequeno episódio de descontrole, só vai piorar a situação. No lugar dela, eu teria dado um chute na minha bunda, mas obviamente, se tivesse feito isso, eu decerto teria enfiado sua cabeça sete palmos para baixo da terra com dois dentes a menos.

— Poderia ter falado com Mattia. — Tenho minha parcela de culpa, mas sei que, se ela tivesse se movido, eu poderia ter evitado algo.

— O que está pegando? Você me parece preocupado com muito mais coisas do que apenas uma notícia dessas. — É quase instintiva, a aflição, antes moderada e que começa a passar um pouco do limite, já que nunca presenciei algo assim. A mídia nos teme, mas por que publicariam algo tão tendencioso?

— Você vai fazer exatamente o seguinte... — Respiro fundo, tentando pôr em ordem toda a bagunça que gira em minha

mente a cada vez que meus pulmões soltam este maldito ar pesado. — Vai descobrir quem foi o responsável por publicar a matéria.

— O que está acontecendo?

— Acho que alguém está tentando desarmar a *Omertà* de dentro da fora — murmuro.

— Alguém? — a detetive faz a pergunta e eu me retenho em resposta, porque isso não está dentro dos parâmetros de conhecimento de Saliu. Não há nada que ela possa fazer.

— Apenas providencie o que pedi. Mattia vai entrar em contato em quarenta e oito horas.

Rio comigo mesmo. A questão é: *quem?* Dario não seria ousado a tal ponto, mas se, de fato, ele está trabalhando com a *Legião*, sei que deve ter ciência de uma parcela do que está acontecendo. Em duas décadas ativamente dentro da Cosa Nostra, nunca vi ninguém tentar se opor diretamente a nós; há sempre ervas daninhas, línguas compridas com algumas delações públicas, mas nada assim, corajoso o suficiente para pôr um traidor dentro de minha casa e o nosso nome em escândalos nos jornais.

Somos o alto poder, sempre fomos e, por mim, sempre seremos.

O elevador desce duas vezes para que todos os homens estejam no primeiro andar. Ao adentrar o carro, meu telefone vibra, silencioso.

Número restrito.

— Alô. — O som engasgado do sinal precário do outro lado corta e volta, à medida que espero por uma resposta. O número desconhecido é no mínimo curioso. — Quem é?

— Sem as espadas, os acordos são só palavras. — O som grave não é conhecido por mim e a voz, tampouco familiar, mas me incomodam as palavras que usa, como se fosse alguém próximo, porque se realmente o fosse, eu reconheceria. — São

palavras de Thomas Hobbes, um matemát... — Ele tenta, mas eu o corto.

— Um matemático e filosofo inglês. Para não se apresentar, creio que saiba pra quem está ligando, e eu também não acho que tenha me ligado sem querer. — As suposições fervem em minha frente e me pergunto se seriam tão articulados a ponto de me ligarem, em vez de continuarem nas sombras.

— De forma alguma. — O homem suspira profundamente, estourando o som de seu alto falante. — Você está se tornando um problema, Alessandro. A Cosa Nostra sempre manteve uma aliança tão íntegra conosco e é uma lástima vê-lo cuspir no prato em que, por tantos séculos, sua Monarquia comeu.

— Então vocês são os fantasmas religiosos que estão tentando pôr a minha casa abaixo? — Um tom de desdém toma conta de mim. — É isso que vocês chamam de agir? Uma matéria no jornal? Alguns imbecis para se misturarem entre os meus...

— Queremos um acordo. — Meus dentes trincam, e sinto a mandíbula queimar.

— Vão se foder. Enfiem o acordo no rabo de vocês. Se conheceram o suficiente da Cosa Nostra para manter uma aliança, sabem que eu não faço alianças com quem invade minha casa pela porta dos fundos e tenta matar os meus. — Consigo ouvir meu coração bater contra o telefone no ouvido e minha respiração, que antes estava alvoroçada, agora quase me transforma em um touro.

— Você não está em posição de escolher.

— Que porra vocês querem? — Minha cabeça dói em uma latência que se torna insuportável.

— Primeiro, peça para que Peter Novak renuncie ao papado.

— Não. — Ele mal termina de falar e minha resposta é a mais direta possível.

— Suas escolhas terão consequênci... — Desligo o telefone urgentemente, fechando meus dedos em volta dele com uma raiva sepulcral por eu, pela primeira vez, não conseguir encontrar meu inimigo, mas ele, provavelmente, sabe de cada passo meu.

Embora eu possa fazer inúmeras suposições, as reais intenções da *Legião,* ligadas a Alessandra, ainda não estão claras. O pedido inusitado ainda não clareia diante dos meus olhos. Por que Peter seria um problema para eles?

Todas as escolhas têm consequências, tirar Peter do papado também tem as suas, mas este é um momento no qual não posso sofrê-las. Tirá-lo de lá seria perder boa parte das catedrais e monastérios por toda a Itália. Boa parte das riquezas da Cosa Nostra vêm deles e, se eu tirar Peter de sua posição, a *Legião* certamente daria um jeito de colocar um pontífice deles no cargo, para tomar de minha Monarquia tudo o que construímos e dar para ‘Ndrangheta.

Seria só questão de tempo até que Dario se sentisse vitorioso o suficiente para atentar contra nós. Alessandra possui um filho e acredita fielmente que ele pode se sentar em minha cadeira, já que o Conselho não possui o conhecimento de que sua paternidade não pertence a Adriano.

Ela precisa morrer por minhas mãos e o Conselho jamais deixará, se souber que ela é filha de Dario. Será ordenada sua execução pelos *Caporegimes*.

Eu tinha um problema antes, mas agora tenho uma bola de fogo vindo em minha direção a centenas de quilômetros por hora, e a pior das certezas é que não consigo enxergar de onde ela vem.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 38

Entranhas carnais

JEZEBEL CONSTANTINI

A cama vazia me causa frio. A quentura do corpo de Daemon é natural e, embora Marta tenha trazido todos os meus pertences para cá, simplesmente fui incapaz de encontrar qualquer lençol ou cobertor dentro deste quarto.

É quase meia-noite, e a breve saída de Daemon torna-se infindável. Não há o que fazer lá fora. Deixo o quarto, encarando a porta de outro quarto do corredor, aquele no qual entrei apenas uma vez e conheci um pedaço do passado de meu marido que não foi mostrado a mim e, a julgar pela hostilidade dos últimos acontecimentos, duvido que ele vá me mostrar.

Ao girar a maçaneta, a porta se abre, e acredito ser possível apenas porque alguém tenha se esquecido de fechá-la, como faziam antes. A luz é escassa, já que a única que entra é pela porta que acabo de abrir. Lonas estão por todo o lugar e o material cinzento de plástico não me permite ver muito.

Curiosidade é um traço marcante em mim, o qual não consigo esconder. Eu poderia me deitar e me forçar a dormir, mesmo que meus questionamentos a respeito do paradeiro de Daemon estejam sendo predominantes agora, mas tudo em que

consigo pensar é no sentimento que tive quando vi o quadro com meu rosto pela primeira vez.

Puxo a lona de cima dos quadros e ela acaba caindo por inteiro na lateral esquerda do quarto. Respiro fundo quando encontro o quadro de Alessandra, não mulher-feita, como agora é, mas criança, talvez cinco anos; apenas seu rosto, cabelos dourados e olhos tão azuis quanto os meus. O quadro é enorme. Passando os dedos pela lã pintada, consigo sentir a poeira da obra que, a julgar pelo estado, não é nova, senão muito antiga. Logo abaixo, atrás do cavalete, repousada na parede, está uma tela menor, *rasgada* por sinal, mas ao suspender a parte caída do tecido rasgado, uma flor é exposta, desbotada entre o vermelho e o rosa.

— Você não deveria estar aqui, Jezebel. — Meu susto é imediato. Ele jamais gostaria que eu estivesse aqui e Mattia sabe disso. O Conselheiro está parado bem atrás de mim, encarando-me, e, se não está espantado com o que vê, é porque sabe exatamente o que Daemon esconde aqui e dentro de si.

— Eu apenas quis ver — digo, alternando o olhar entre Mattia e o meu rosto no quadro pintado por Daemon.

— Daemon não vai gostar se souber que você veio aqui, mas acredito que, se você voltar para o quarto, eu possa concluir que isso foi, na verdade, um delírio da minha cabeça. — Eu me retiro do cômodo escuro, deixando que ele feche a porta e, dessa vez, passe a chave pela fechadura.

— Eu só quero entender melhor com quem me casei. — Não é uma desculpa, tampouco uma tentativa cruel e fria de fazer com que eu consiga retirar disso um pouco de benefício.

— Acho que agora é meio tarde para isso, não? — Mattia me encara, perspicaz. — Vamos, vá para o seu quarto.

— Por que Daemon nunca fala sobre Alessandra? — Sei que se eu pedir a ele para fazer uma pergunta, a resposta será negativa. Então talvez a grande sacada esteja em perguntar diretamente. Ele me parece surpreso com a questão.

— Você gosta de falar sobre o que viveu em Pavia? — O Conselheiro de Daemon é tão certeiro que eu consigo me sentir arremessada nas emoções sufocantes que me cercavam quando me recordo do que vivi lá.

— Todos em Pavia estão mortos, Alessandra está viva — afirmo.

— Aquela Alessandra é outra pessoa. A Alessandra, irmã do Daemon, era... um doce de menina, e ele... cuidava dela como se ela pudesse se quebrar a qualquer momento. Tudo o que ele viveu gerou traumas, mas, sem dúvidas, saber tudo o que aconteceu com ela foi o maior deles. — Mattia parece ter conhecido a menina e eu lamento muito que ele se sinta assim, porque, na maneira como ele fala, vejo que não é só o irmão de Alessandra que sofre com tudo o que ela passou.

— E se... tentarmos provar a ela que Daemon realmente prezava por sua vida?

Mattia ri, infeliz.

— Por que quer tanto isso?

— Porque... porque... *eu não sei* — murmuro. — Ele disse que ela seria tratada como uma traidora.

O Conselheiro cruza os braços, respirando fundo e fitando o teto longamente.

— Não acho que ele seria capaz de matar a irmã, mesmo que ele ache que sim. — Morde o lábio inferior. — Agora, entre.

— Onde ele está? — questiono, sem vestígios de curiosidade.

— Resolvendo problemas, porque, ultimamente, é isso que tem nos rondado. *Problemas*. — Não violo sua autoridade, mesmo que seja apenas o Conselheiro, Mattia me respeita e sei que é para o meu bem o que ele pede. — Estou saindo. Voltarei durante a tarde.

O quarto é espaçoso demais, tanto que meus pés fazem um barulho maior se arrastando pelo chão do que o vento lá fora. O

jardim não tem sido cuidado por mim e, olhando pela janela, não acho que Marta consiga cortar as folhas nos lugares certos, muito menos dosar areia e adubo em quantidade perfeita para o desenvolvimento de cada flor.

E ainda que eu tente me preencher de alguma coisa, o que me resta, na maioria das vezes, é a solidão. Acho que posso lidar com ela.

Eu me deito sobre a cama, o cansaço está aqui, mas o sono deliberadamente pesado, que tem me consumido ao longo das últimas semanas, virou fumaça, ou talvez o meu subconsciente esteja falando alto demais, impedindo-me de desligar os neurônios.

Não tenho sono, mas certamente tenho fome.

É provável que Daemon não volte hoje, portanto posso dormir na sala se quiser. Embora o guarda-roupa esteja cheio de camisolas estranhas e sensuais, nada é tão confortável e bom quanto suas camisetas largas, que raspam minha pele até o meio de minhas coxas.

Olhando pela janela, acompanho o carro oficial da Alta Cúpula Monárquica sair pelo portão principal. Marta deve estar dormindo a essa hora e, pelas inúmeras sacolas que chegaram nesta tarde, tenho certeza de que foram abastecidas a geladeira e a dispensa.

Os móveis da cozinha foram todos trocados, em uma pegada mais rústica, parecidos com os do chalé. Marta também fez questão de pegar as panelas que eu usava antes, já que existe um vínculo afetivo, mas também uma facilidade muito maior em manuseio de minha parte..

Eu teria parado na cozinha, se o corredor familiar não chamasse tanto minha atenção. O escritório de Daemon está aberto e sei que os livros que ele possui em sua estante são mais interessantes do que os meus.

A luz está apagada, mas as cortinas abertas ajudam a iluminação de fora a entrar e fazer algum trabalho, dando

contraste a uma pasta aberta sobre a mesa.

Talvez as últimas palavras de Mattia estejam mais fortes agora em minha cabeça, mas meu senso de curiosidade é muito maior do que qualquer advertência do passado.

Ao me aproximar, os papéis que, pela quantidade de números pertencem a algum tipo de auditoria, não me chamam atenção. Apenas uma pequena foto três por quatro, do tipo que usam em documentos, repousa sobre uma das pastas abertas.

Uma criança, pequena, de cabelos curtos e loiros, e os olhos verdes, puxados e melancólicos. Não sei presumir a de idade que ele tinha, mas me aparenta ser por volta dos seis anos. Atrás, com uma grafia delicada e alguns corações está escrito: *meu pequeno Daemon.*

Se não se vive de passado, como ele prega não viver, por que guarda este tipo de imagem? O passado é uma arma viva, que sempre abre uma ferida cicatrizada.

— Por que não está dormindo? — Meu suspiro vira um soluço por segundos, quando uma voz do além surge atrás de mim, misturando-se ao som do vento que vem lá de fora. Passo a mão no peito quando me viro e Daemon está logo atrás de mim, com seu ombro encostado no batente da porta e o rosto tombado para o lado. Seu olhar me engole e me queima a pele; ele não poupa densidade.

— Estou... sem sono — respondo, mas, para o meu azar, a pequena foto ainda está entre meus dedos, e, embora não tenha percebido antes, ele acaba de notar.

— O que está fazendo com isso na mão? — Sua postura despojada e desleixada se desfaz e ele caminha lentamente até mim.

— Eu... eu... eu estava procurando um livro para ler.

— Tem uma estante enorme com livros no nosso quarto. Por que está mentindo? — Daemon estufa o peito e decido que não teremos essa briga desnecessária durante a *quase madrugada*. Ao deixar a pequena foto sobre a mesa, saio do escritório,

voltando à cozinha, pois melhor do que ouvir suposições tiradas de algum buraco úmido, é forrar o estômago. — Estou falando com você.

— Onde estava? — questiono. — Eu estava entediada.

— Resolvendo problemas. — Ele se aproxima devagar enquanto retiro do armário o leite e da geladeira, os ovos e o bacon. A pequena frigideira já está sobre o fogão e é preciso apenas uma colher de azeite para deixá-la antiaderente.

— Eu andei pensando, e eu... quero voltar a estudar, terminar minha faculdade, me ocupar com algo — murmuro, olhando de vez em quando em sua direção, para medir seu semblante indecifrável. Quebro dois ovos na frigideira, junto de duas fatias de bacon.

— Não. — Daemon não faz a menor força para negar. Ele o faz como se estivesse negando um pacote de bala para uma criança.

— Você disse que eu teria livre arbítrio e poderia sair quando quisesse. — Subo o nível de altura do fogo.

Ele dá mais alguns passos, até se aproximar da ilha no meio da cozinha.

— Mas agora as coisas são diferentes. Não é mais seguro. Pelo menos não pelos próximos meses. — Seus dedos ásperos arranham minha mandíbula e ele me encara enquanto os ovos com bacon estalam na frigideira quente. O cheiro do perfume dele mistura-se ao da comida.

— E quando será seguro?

A ponta de sua língua roça contra os dentes caninos. Ele encara a panela, então o pequeno galão de papel de leite, e depois volta sua atenção para mim. Seus passos o aproximam de onde estou. Com as duas mãos, Daemon segura minha cabeça, descendo os dedos em direção à minha nuca, pescoço... eu sinto sua unha roçando em meu couro cabeludo.

Ele puxa meu rosto, aproximando sua boca do meu ouvido. O cheiro de cigarro e uísque umedece minha calcinha. Eu talvez achasse isso péssimo em qualquer outra situação, mas é algo tão específico dele que, com um ato tão chulo, fico molhada.

— Eu não estou gostando da sua forma de... questionar minhas escolhas. — Ergue meu rosto, obrigando-me a encará-lo de volta. Sua pupila pequena e as íris de seus olhos nunca foram tão verdes e reluzentes. — Eu ordeno, eu mando, e você não retruca, nem questiona.

— Foi o acordado. Assim como você dormir comigo, mas não o fez, porque odeia minhas perguntas e acha que sua ausência vai me ensinar algo. — Uma quantidade maior de oxigênio deixa seu nariz, como um touro prestes a alcançar o tecido vermelho. Meu marido levanta a base de minha camiseta, revelando a calcinha preta pequena e rendada.

Daemon tira a sua blusa, e eu, sinceramente, não me lembro de outro momento em que seu corpo estivesse tão em forma. Os músculos rasgados por debaixo da pele mostram muito mais de sua densidade do que antes. Os ombros estão mais largos; o peito, inchado e a barriga, tão desenhada que me questiono em que momento ele treina.

— Então é isso? É só te comer que você cala a boca? — Seu dedo, com rispidez, marca a pele do meu quadril ao descer a calcinha. E quando menos percebo, estou sentada sobre o balcão que há pouco tempo usava para cortar as fatias de bacon. Minha mão esbarra na caixa de leite, que derrama do gargalo pela bancada e cai no chão.

— Você está perdendo o juízo? — O cheiro de queimado empesteia a cozinha, e o que deveria ter uma aparência comestível, agora está preto e, ainda assim, continua no fogo.

Ele não está preocupado com isso.

E quando Daemon tira minha calcinha, enfiando sua cabeça no meio das minhas pernas, nem eu estou.

Minhas mãos estão molhadas de leite e eu sinto meu corpo quente, não por apenas estar perto do fogão, mas por meu sangue correr acelerado, extasiado, porque conhece bem o sentimento volátil de quando ele me tem nas mãos.

Primeiro sinto seus dentes contra a parte de dentro da minha coxa, ele esfrega seu queixo em meu clitóris, antes de passar a língua... *fervendo* pelos lábios menores.

Sua mão suspende minha camiseta, agarrando meu seio e esmagando o bico intumescido com a ponta dos dedos, tão ásperos que parecem pedra.

— Ah, meu Deus! — A sensação é uma recordação de quando, sob o nome de *Padre* Daemon, ele me obrigou a orar enquanto me sugava entre as pernas. Eu consigo sentir cada maldita terminação nervosa me engolindo. Meus dedos esfregam-se entre seus fios loiros.

A panela está pegando fogo, mas sei que não está mais quente do que meu corpo. Ele morde meus lábios menores, enquanto suga o clitóris com violência, esfregando a barba entre as minhas pernas. Sua outra mão agarra uma de minhas coxas, suspensa em um de seus ombros.

E eu só consigo pensar no quanto isso é bom.

No quanto quero que ele faça de novo.

No quanto seria bom se ele me acordasse assim.

Ele enfia sua língua dentro de mim e a tira, chupando todo o conjunto de pequenos e grandes lábios, terminando no clitóris. Minha boca se abre e eu finalmente sinto a pulsação vir de dentro, arrebatando meus sentidos em um orgasmo profundo, enquanto agora é minha vez de apertar meus dedos contra seus cabelos e sua cabeça contra minha boceta.

A casa vai pegar fogo e eu não faço ideia do que vamos fazer depois.

A cozinha é iluminada pelas chamas na frigideira, que está fazendo, neste instante, o mesmo papel que a madeira faz em uma

lareira.

Ele se distancia para respirar. Seus lábios brilham e minhas pernas ficam penduradas na bancada, enquanto sinto meus membros moles, já que ele arrancou boa parte da minha energia pela boceta.

— Agora... — Encara o teto e depois volta sua atenção para mim. Em alguns segundos, Daemon está novamente de pé, rente ao meu corpo. Puxa-me pelas pernas, derrubando-me da bancada, e passa os dedos por minha intimidade, que encharca as bandas das coxas, leva-os até a boca e chupa como um bêbado que precisa de glicose. — eu vou comer você como uma vagabunda.

É errado gostar de suas palavras sujas?

— O fogo... a panela... — Eu preciso focar em algo.

— Abre a boca. *Agora*. — E eu o faço. Ele encara com um sorriso saboroso, daqueles que não precisaria falar de novo, porque, embora seja um pedido, são os dentes e a covinha funda em sua bochecha que funcionam como uma chave dentro de mim e me lembram do quanto sou irrevogavelmente apaixonada pelo único homem que tive em minha vida, *meu marido*.



DAEMON DEMARCO

Tão ínfimo e cruel, aprendi que esposas são negócios, mas o anel em seu dedo se torna um conjunto imbecil de ouro e prata, quando a verdadeira joia de meu acervo o usa no dedo e me

chama de marido. Seus grandes olhos redondos estão sempre à minha espera, mas agora, enquanto o leite derrama-se no chão e o fogo chega quase ao teto da cozinha, eles se fecham para fazer somente a minha vontade, sem sequer notar. Por um segundo, eu gostaria de dizer que ela é minha ruína, mas espero não ser tarde quando entender que, na verdade, sua ruína sou eu.

Ela me obedece, tão entorpecida por prazer e desespero que ainda sinto o gosto de sua boceta em minha boca.

Ao retirar o cinto da calça, eu o jogo longe, descendo-a até a altura do quadril, expondo meu pau, latejando junto das bolas, que vibram pedindo por liberdade.

Segurando em seu queixo, Jezebel põe a língua para fora e eu cuspo dentro de sua boca. Ela fecha os lábios, engolindo antes que eu aperte minha boca na sua, sentindo em sua língua o meu próprio gosto.

— O que vai fa... — Não termina de falar, porque a calcinha, que antes pendurava-se em seu pé, agora é empurrada até o fundo de sua boca. Eu a viro de costas, forçando sua cabeça contra o balcão, que estava ocupado por sua bunda. Seu rosto derrapa contra o mármore sujo de leite e, com meu pau em riste, abro espaço entre as suas pernas, enfiando-me com força em seu interior.

Jezebel tenta tirar a calcinha socada em sua garganta, mas sem permitir que ela o faça, levo seus punhos até a região de sua lombar, obrigando-a a esparramar os seios expostos contra o leite no balcão. Ela grita ou, pelo menos, tenta.

A visão é magistral. Sua boceta, que brilha sob a luz do fogo subindo, engole meu pau de forma tão desesperada que me vejo obrigado a dá-lo a ela até a base de mim. Meu saco dolorido colide contra seu clitóris.

Ajeitando suas duas mãos com apenas uma das minhas, agarro seu cabelo com violência, amarrando os fios em meu punho, como se fosse uma corda de rapel.

— Cale a boca. Essa casa pode pegar fogo hoje, mas só vou parar quando sua boceta apertar o meu pau. Só vou permitir que você suba para o quarto quando ela estiver pingando. — As chamas se intensificam o suficiente para que o detector de fumaça acione os jatos de água da cozinha, chiando e apagando a frigideira, mas isso não é o bastante para que eu pare.

Estamos molhados de suor, de calor e da água que tenta apagar o incêndio, não o que acontece dentro de mim ou dentro dela, mas esse que empesteia a casa de fumaça.

O chão está molhado, os móveis também, os cabelos dela colam em seu ombro, sua blusa encharcada, assim como minha calça pela metade. O prazer é maior e não me permite prestar atenção a qualquer outra coisa, que não seja foder Jezebel.

Cada vez mais fundo, mais forte. Ela fecha os olhos enquanto sente a carga energética em cada célula de seu corpo, seu interior acelerado me mordisca e ela se arqueia. Fica mais ereta, fazendo com que eu solte uma de suas mãos. Jezebel me agarra, ainda de costas, enfiando as unhas curtas, porém afiadas, no limiar entre meu ombro e meu pescoço. Eu me enfio mais fundo e mais lento quando os jatos de porra são ordenhados pela tração do orgasmo dela. Seus olhos se reviram e eu gemo contra sua orelha, afundando os dentes em seu ombro logo depois, entrando e saindo, duro como pedra. Enquanto meu gozo serve de lubrificante, prolongo o orgasmo que ela tem conseguido tirar de mim cada vez mais depressa.

É infindável a forma como a desejo cada vez mais, não apenas no termo carnal, mas no interior também, eu não entendo e isso me desconcerta de forma confusa.

Eu a quero perto, mas sei que preciso mantê-la longe, pois vou destruí-la como fiz com tudo em que já toquei.

Jezebel tira a calcinha da boca, respirando fundo, e encara o teto.

— Está tudo molhado — ela diz o óbvio e eu guardo o pau dentro da cueca. Não que vá fazer muita diferença, afinal

precisamos de um banho, mas temo já ter corrido perigo ,de dar de cara com Marta o suficiente, ao transar na cozinha, e não pretendo correr o mesmo risco de que me veja subindo as escadas para o meu quarto com o pau para fora.

— A partir de hoje, não faça mais nada durante a noite, pois ela é minha. E eu vou fazer com que você interrompa o que for que estiver fazendo, para trepar comigo. — Ela está surpresa. E, no fundo, eu também estou. Não esperava uma aproximação assim com ela, mesmo que estejamos casados. Eu não *podia*, mas é impossível dormir debaixo do mesmo teto sem que eu queira, de alguma forma, fazer parte do seu tempo. — Você vai tomar um banho primeiro e depois eu vou.

Muda e calada. Não sei quem mordeu sua língua, mas é perfeito saber que preciso apenas disso para calar sua boca.

— Por que não vem tomar banho comigo? — Reviro meus olhos pela tentativa exagerada de formar o que nunca seremos: *um casal perfeito.*

— Quer mesmo que eu responda? — Seu rosto está rosado, porque seu corpo ainda está quente, mas, quando seus olhos descem ao chão, sei que ela sente vergonha.

Ela vai para o segundo andar e aproveito para passar a chave no escritório, para que ela não erre novamente o caminho dentro de casa por tédio e acabe buscando o que não precisa saber. O passado deve permanecer no passado, e talvez eu precise queimar algumas coisas para que não retornem como fantasmas do além.

— Sr. Constantini, posso sair? — No fim do corredor, onde fica localizado o quarto de Marta, eu a ouço falar por uma brecha que é o suficiente apenas para sua voz vazar até mim.

Ela sabe o que estávamos fazendo.

Não me importo.

Vai precisar se acostumar nos próximos dias, pois posso eu parar, diminuir, ou não. Talvez eu trepe com Jezebel pela manhã,

durante o almoço e pela noite, a fome por ela é finita, e só cessa quando estou longe. É uma sede do deserto.

— Pode, Marta. — Ela sai, encabulada e envergonhada. Seu rosto está voltado para o chão e ela não me encara, em sinal de respeito.

— Quer que eu... limpe tudo? — questiona, na tentativa de ser prestativa de alguma forma.

— Não deveria estar acordada. Durma. — Abotoo a calça ao perceber que está aberta e é possível que este seja o motivo para não me direcionar o olhar. — Não é como se a cozinha fosse criar pernas e fugir pela manhã. Mande que desarmem o detector de fumaça.

A governanta afirma com a cabeça.

— Boa noite, Sr. Constantini.

— Apenas Daemon, Marta. *Apenas Daemon.*

Ela ri, encarando-me pelo canto dos olhos em um gesto educado, recolhendo-se mais uma vez e respeitando minha sugestão de descanso.

Eu me recolho ao quarto de visitas para tomar uma ducha. Uma calça jeans está sobre um cabideiro, dentro do guarda-roupa. Este era o antigo quarto de Jezebel, quando estava aqui como uma quase *escrava.* Agora, arrumado e livre de qualquer item pessoal, designei este quarto para qualquer outra coisa. Tenho memórias curtas deste lugar. Ao olhar para o armário, recordo-me de incontáveis vezes já ter me escondido ali enquanto Adriano deixava suas marcas em Alessa. Trágicos dias que me compuseram um forte homem, mas, ainda que eu reconheça que existam caminhos alternativos para se obter a mesma força, talvez nada fosse tão suficiente quanto os que Adriano tomara. Sei que teve seu sucesso, mas eu jamais trilharia o mesmo percurso.

Ao voltar para o quarto, Jezebel está deitada sobre a cama com sua pequena camisola preta que mal chega até seus joelhos, os cabelos molhados estão esparramados pelo travesseiro e, ainda

que o fogo lá embaixo já tenha se dissipado, o quarto ainda guarda parte do cheiro de bacon frito.

Ela tem o pescoço, os ombros e os braços marcados. Eu gosto de vê-la assim e saber que fui eu a fazê-lo.

Os afazeres do dia me deixam cansado. Não pouco ou mais ou menos, mas em uma escala maior do que o normal. A respiração pesada coincide com a dela, que talvez esteja mais baixa que de costume.

Uma preocupação não recorrente se acende em meus pensamentos, uma pequena atenção.

Ao me aproximar da janela do quarto, minha esposa nota minha aproximação, abrindo os olhos azuis, um pouco vermelhos pelo provável cansaço, já que tem saído de sua rotina com frequência. Ela não está acostumada e não a julgarei, já que eu, ainda que esteja acostumado, consigo me sentir exausto.

— Seu anticoncepcional, está tomando da forma certa? — Ela me olha por alguns segundos, até se sentar.

— Marta me lembra disso todos os dias. — Jezebel fala, sem tomar qualquer fôlego, toda a frase de uma vez só. O jardim do lado de fora se sacode, as flores, antes bem cuidadas e lindas, estão caídas, o que me levanta a dúvida se é por Jezebel que ter decaído em seu hobby, ou por sua ausência. — Por que está tão preocupado com isso?

— Porque não quero filhos. — Achei que estivesse tão claro, que não seria necessária qualquer explicação de minha parte. Os horrores cometidos dentro da Cosa Nostra deveriam causar traumas, sem que ela tivesse vivido o mesmo que eu.

— Você é o *Capo* e, até onde entendi, precisa de um herdeiro. — Meus olhos ficam pequenos e eu consigo enxergá-la com mais nitidez. Ela se levanta, anda até mim e sorri com os olhos, não de felicidade, mas como se sentisse algum resquício de pena, por eu não desejar aquilo que, acho, ela também não queira. — Eu também não quero ter filhos, mas o Conselho vai cobrar você.

— É para isso que você se *cuida*. Filhos só vão atrasar os meus planos, e se você engravidar... — Jezebel fica próxima, até que seus dedos encostem no meu peito nu. — Eu darei um fim a este problema.

— Teria coragem de matar seu próprio filho?

Aqui está uma grande questão.

Um grande passo.

Não é coragem, é *dever*.

— Eu já tenho fraquezas suficientes, não preciso de outra. — Meus dedos passam por seu ombro, acariciando sua pele. Seus braços rodeiam minha cintura e ela encosta a cabeça em meu peito, mas sinto novamente esse bloqueio, ,como se um muro caísse entre nós dois, toda vez que ela se aproxima para ficar encostada em mim por tempo demais.

— Você disse que sou apenas dever e promessa, e agora diz que também sou uma fraqueza? Você confunde a minha cabeça. Uma hora parece se importar com o que eu sinto e, na outra, parece não ligar.

— Mas eu não ligo. — Seus braços, suspendidos até a altura do peito, que ela usa para gesticular, desabam ao lado de seu corpo. — Eu não ligo, desde que você esteja aqui. Entende?

— Eu jamais julgaria você, mas a vida não é apenas o que você viveu. — Tão cheia de falácias, mas zero experiência para impor sugestões.

— Então me diga, o que é a vida, para você? Porque Alessa me pôs no mundo, desejando que eu tivesse nascido morto. No início, eu não entendia, mas o faço e acho que, depois de passar por tudo isso, eu também desejaria o mesmo se você ficasse grávida. — Acho que ela não acreditou quando eu falei anteriormente sobre *dar um fim* a este *problema hipotético*, mas então, com a voz carregada deuma sinceridade quase palpável, dando exemplos, ela arregala levemente seus olhos em espanto, tão assustada que o máximo que sai de sua boca é oxigênio. — Para iniciar um homem dentro da Cosa Nostra, é necessário

destruir sua mãe primeiro, e eu jamais deixaria alguém encostar em um fio de cabelo seu. Eu não posso ir contra a minha própria Monarquia e simplesmente invalidar as regras, isso levaria mais de uma década, talvez. Então, entre perder você, a *Omertà* ou um filho, eu escolho o filho. Tem noção de quantas mulheres morreram nas iniciações? Nos estupros coletivos?

— Daemon... — Ela suspira, aproximando-se. — Quando disse que mudaria a Cosa Nostra, era disso que estava falando?

— Sim. — O peso do meu corpo, ao sentar-me na cama, afunda o colchão. — Seremos para sempre você e eu, e não pretendo mudar. Filhos são para aqueles que querem expandir poder, eu quero apenas configurar o que tenho dentro da *Omertà*. Não há espaço para mais ninguém.

— Isso continua acontecendo nas iniciações? Os... *estupros?*

— Desde que assumi o poder, eu vetei qualquer iniciação. Aqueles que anteriormente já passaram por ela irão se formar da mesma maneira, mas não haverá o começo de outras, já que esse ato injusto é a primeira etapa. — Suspiro, esbaforido. — Alessandro é a favor.

— Você... e principalmente Alessandro existem apenas porque uma criança foi ferida no passado. — Jezebel se deita do seu lado na cama, encarando o chão enquanto joga as pernas para debaixo do cobertor. — Eu vi o quadro, Daemon. Eu vi a sala de quadros. Eu vi os cavaletes, as latas de tintas fechadas. Eu sei que você é assim, porque não pode confiar em ninguém, sei que aqueles quadros são a prova de que você é bom. Mas você pode confiar em mim, eu jamais te trairia. — Jezebel se arrasta pelo colchão e estende sua mão em minhas costas, em um carinho dócil que arranha minha pele.

Meu coração palpita.

Por que ela teria ido até lá, se a porta sempre fica trancada? Marta não a deixaria aberta, tampouco Mattia. Aqueles itens já deveriam ter sido queimados, mas é o pincel que recebe minha

raiva quando penso que, se eu tivesse usado a coragem e o poder que me inflam hoje, Alessa talvez pudesse estar viva.

— Aquele lugar não é para você. Ser minha esposa não lhe dá o direto de invadir a minha vida. Não ache que, por ter um anel em seu dedo, vai poder opinar em minhas escolhas. Eu te dei uma, você quis ficar; agora serei egoísta como prometi e isso será o mais próximo de um marido que você terá. — Em questão de segundos, quando seus dedos sobem por minhas costas, eu seguro seu punho, sem ignorância, mas de uma forma ligeira para que sua atenção esteja no redemoinho de meus olhos. — Você é minha. Possui minhas iniciais em sua pele, eu não me importo se está triste ou feliz, desde que esteja aqui, e não ache que eu não confio em você, pois, se não confiasse, eu jamais fecharia meus olhos para me deitar ao seu lado.

Meus dedos a soltam e ela murcha como uma flor ao ar quente. Jezebel posiciona a cabeça no centro do travesseiro alto.

Apago a luz do quarto quando apenas o abajur ao lado da cama permanece iluminando nós dois. Ela fita o teto.

— Você alega ter se casado comigo por dever a Cosa Nostra e sua promessa de segurança a mim. Eu não fiquei, porque poderia morrer lá fora ou porque sou sozinha neste mundo, eu fiquei, única e exclusivamente, porque você foi o meu primeiro homem e quero que seja o último, mesmo que exista Alessandro entre nós dois.

— Alessandro não é mais um impedimento.

— E como me garante isso? Da última vez, ele quase pôs uma bala em minha cabeça.

Não me recordo, ainda que eu tente fazer força para me lembrar, sequer consigo montar um falso cenário em minha mente, no qual eu tome tais atitudes. Nunca vi vídeo ou foto de quando Alessandro está à frente de meus atos, mas o vestígio de fúria que ele deixa para trás é sempre facilmente detectável.

— Porque você é um interesse meu e Alessandro também quer resolver interesses próprios. Se um interferir nos planos do

outro, ficaremos presos no quarto branco outra vez. Então, acredite, ele não vai tentar nada contra você, e se o fizer, eu preciso que você diga. — Ao me deitar, desligo o abajur, cedendo o espaço à escuridão.

— Eu não quero dormir aqui quando ele estiver... assumindo você.

— E nem eu quero que você durma aqui quando ele estiver presente. Vá para o outro quarto até que eu esteja de volta. — Seus pequenos pés gelados encostam nos meus debaixo da coberta, ela se aproxima, vagarosamente, como uma raposa ladina.

— Por que Alessandro passou a vir... de dia?

— Picos de estresse, eu ainda não sei com certeza, mas existem gatilhos que fazem com que ele saia. — Meus olhos começam a se acostumar com o escuro, e eu vejo, mesmo que com certa dificuldade, seus olhos fechados enquanto seu peito sobe e desce. Ela se aninha com a cabeça em meu braço, encolhendo seu corpo. Eu vetaria a aproximação em qualquer outra oportunidade. — O que está fazendo?

Ela sorri e, antes de cair em sono profundo, murmura baixinho:

— Acho que tenho medo do escuro.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 39

Escalando os problemas

DAEMON DEMARCO

As ideias sobressalentes que maquinei sobre o que talvez possa ser a *Legião*, às vezes, fazem-me rir. Mas é das ideias que as certezas surgem, então pode ser que, para ter uma mais coerente, seja preciso ter muitas, algumas mais realistas do que outras, embora seja difícil lidar com algo sobre o qual não se tem conhecimento.

A idealização de que possamos descobrir seu paradeiro em breve me deixa eufórico, mas também me deixa alerta para um possível problema maior: *Dario e Alessandra*. Certo de que estão quietos demais, e gosto de ver inimigos em movimento, para ter certeza de onde a pancada vai vir. Não é um problema recebê-la, mas sim ser pego desprevenido sobre sua chegada.

O tempo corre, desde a ligação que recebi. Depois daquele dia, nada de anormal aconteceu, mas ainda não confio na quietude das coisas, está tudo muito passivo, tranquilo demais, e eu sei que isso não é comum em épocas tão violentas. Designei boa parte das *decinas* para a segurança dos galpões e estabelecimentos que compõem o poder financeiro massivo da Monarquia e, mesmo que não tenha abandonado a ideia de matar

minha irmã, diminuí os efetivos que procuravam por ela e pela ‘Ndrangheta, como formigas procuram doces.

Conheço Dario, sei que ele não tem o poder de destruir a Cosa Nostra, mas não conheço exatamente a *Legião*, e, se ela for tão grande quanto diz ser, é bom que eu me prepare com o que tenho de melhor, pois um verdadeiro líder não poupa flechas quando o objetivo é atingir o alvo.

Jezebel ficou em casa, mesmo que tenha insistido para vir, pois expliquei que este era um assunto delicado e necessitava de pouca movimentação pela cidade. Não precisamos que os grandes olhos percebam que minha esposa está sempre em posse da minha presença.

Ainda que eu nunca tenha tido uma rotina por muito tempo, tenho me acostumado a chegar em casa e encontrá-la na cama, sempre pronta, sempre disposta a ser cada vez mais minha, e quando a beijo, nunca parece ser o suficiente, pois sempre vou querer mais dela.

Mattia está logo atrás de mim ao entrar na sala. O lugar é simples e, segundo ele, estivemos aqui da última vez.

Lucius arqueia as sobrancelhas quando me vê passar pela porta, sendo fechada por quem vem logo depois. Dante cruza os braços por cima do terço dourado em seu pescoço, a camisa preta destaca bastante o cordão.

— Então este é Daemon ou a versão demoníaca de *Dean Winchester?* — O Conselheiro de Lucius é sempre muito perspicaz em suas frases cômicas. Não é como se ele quisesse ser engraçado, mas nos encontramos apenas para discutir desgraça, então não é crime ter um pouco de humor de vez em quando.

— Ainda que seja a versão demoníaca, você é um padre e pode fazer um exorcismo. — Puxo a cadeira ao me sentar à sua frente, e ele me destina um sorriso largo.

— Para exorcizar Alessandro, apenas se eu arrancasse a sua cabeça. — Então caímos na gargalhada alta. — É bom te ver, meu amigo.

— Daemon — Lucius refere-se educadamente. — Mattia.

— Lucius — ele o cumprimenta. — Fico feliz que não verei ninguém tentando se matar hoje. — Meu Conselheiro se junta a nós na piada interna que não consigo entender.

— Não posso garantir — diz o *Capo* casalês. — Bom, o nosso problema só fica maior à medida que procuramos, e eu tenho certeza de que essa é só a ponta do *iceberg*. — Dante joga sobre a mesa uma enorme mala, abre-a, tira alguns papéis dela e os passa para mim em seguida. A foto é antiga, mas eu reconheceria os traços da mulher presente nela, mesmo que a figura feminina fosse muito nova. Alessa, um tanto jovem, abraçada ao mesmo homem que estava em uma foto com Adriano, meu pai. Mattia tinha me mostrado.

— O que é isso? — Eu sei quem são, não o homem, mas reconheceria os traços da minha mãe.

— Procuramos esse homem por todo lugar. E adivinha? Era o dono de uma antiga empresa que *faliu*. A empresa fazia esculturas religiosas de cera e cimento pré-moldado para igrejas católicas. Consta no sistema de pessoas da Itália, que ele morreu há trinta e cinco anos atrás, mas esta foto... — Dante joga a foto em que o mesmo homem, mais velho, está acompanhado do antigo *Capo* da Cosa Nostra —, esta foto tem exatamente trinta e dois anos. Foi no casamento de Alessa e Adriano. Olhando para os traços dele, não me recordo cem por cento, mas tenho certeza de que já o vi em algum lugar.

— Mas eu ainda não entendi a ligação do meu pai com esse homem.

Dante encara seu líder, antes de se pronunciar mais uma vez.

— Este homem é Elizium Cazan, seu avô. Pai da sua mãe. — Meus olhos se arregalam. É impossível. Minha mãe contou a mim que sua mãe havia falecido no parto e seu pai, antes de ela se casar, entretanto somente após dar o voto de confiança de que

ela se casasse com Adriano, tornando-se a primeira-dama da Cosa Nostra.

— Meus avós já tinham falecido no casamento de minha mãe — murmuro.

— Eu queria confirmar o que você está dizendo, mas... notoriamente, não. Ele morreu, porque precisava, mas a grande pergunta é: *por que ele precisava?* Ou vamos melhorar a pergunta. *Por que ele precisou ficar invisível?* — O dedo de Dante aponta na imagem exatamente para a tatuagem em sua pele. — Essa tatuagem aqui é da *Legião*, então não há dúvidas de que, de alguma forma, esse homem faz parte dela.

— Então o que estamos esperando para procurar esse homem até no inferno? — Ofereço uma solução um tanto útil, visto que todo e qualquer ponto de razão se torna dúvida quando não temos uma prova tão direta.

— Tive informações com alguns contatos da Ásia Setentrional... — Lucius torce o nariz... — Na Sibéria. E lá, eles dizem que a *Legião* é uma organização antiga que guarda segredos da Igreja Católica.

— A Cosa Nostra faz o mesmo — falo, sem contar mentiras ou abobrinhas.

— Você não entendeu, Daemon. Não estou falando de abusos ou de roubos, não estes tipos de segredos. Estou falando de segredos que destruiriam a fé das pessoas na igreja. Lá, eles dizem que a *Legião* esconde o *fundamentum*, *b*asicamente o alicerce da fé e da história. Isso causaria um *apocalipse* entre todas as nações, entende?

Um controle verdadeiro de pessoas. O homem acaba acreditando que a fé está conectada à religião, mas este ato redondo de hipocrisia está ligado à própria igreja, que coloca Deus como o único salvador quando, na verdade, ninguém vai estar salvo se não levantar a bunda da cama e agir.

— Então você está me dizendo que minha mãe veio dessas pessoas?

— A grande questão que se apresenta é que o casamento de Alessa beneficiou a *Legião* em alguma coisa, assim como também beneficiou Adriano de alguma maneira. Não foi apenas dever. Seu pai havia acabado de perder a mulher, quando fez um novo acordo de casamento. — O Conselheiro volta a mexer nos papéis dentro da mala, retirando agora a maioria dos documentos que se agrupavam dentro dela. Mattia me encara, um pouco assustado, pois a história se demonstra mais sólida e densa do que acreditávamos ser.

Este não é apenas um problema, porque esbarramos em algo grande; este é um problema, pois nos negamos, em algum momento, a ser algo que a *Legião* queria que fôssemos.

— Então algum familiar meu está tentando acabar com a Cosa Nostra?

— Eu não acredito que tenha sido isso, caso contrário eles teriam vindo com tudo. Me parece mais uma forma de lembrar a você que podem estar em qualquer lugar. A ligação que Mattia disse que você recebeu, querendo um acordo, funciona mais como um possível acordo de paz. — Lucius, do outro lado da mesa, pensa de forma inteligente; não que tenha sido muito difícil de chegar a essa conclusão. — Mas, como você recusou, eles começaram a mexer os pauzinhos.

Meus olhos cerram-se. Acostumei-me, com os anos, a retalhar de forma não burra, mas inteligente e violenta, e a meu ver, a *Legião* movimentava apenas os peões pelo tabuleiro, sem se expor de forma exagerada ou prevista. Eles estão sempre nas bordas, observando-me esquivar de seus passos.

— De que forma?

— Nas próximas semanas, a Santa Sé vai levantar uma assembleia com o Colégio Cardinalício do Vaticano, para fazer uma votação de remanejamento das classes clericais pela Itália — o *Capo* casalês responde. — Em outras palavras, vão mudar algumas doutrinas nos monastérios e mosteiros e realocarão os padres para expulsar todas as Monarquias de dentro deles, encerrando, assim, qualquer tipo de lavagem de dinheiro.

Isso, sim, é um verdadeiro problema. Estabelecemo-nos dentro dos centros religiosos há séculos, sedimentados em meio a um poder patriarcal que atravessou eras com o auxílio do dogma católico. Se a Cosa Nostra saísse dos monastérios, mosteiros e igrejas, então o vínculo se encerraria e nossa única ligação com o Vaticano seria a linhagem de papas mortos que carregaram o sangue de nossa família, pois, mesmo que Peter esteja conosco, o poder que temos sobre eles é escasso e ameaçá-los liberar segredos de corrupção poderia até fazer um alarde, mas o tempo trataria de escondê-los novamente.

— Droga, Peter Novak ligou antes de virmos para cá e disse para retornarmos quando chegarmos. — Mattia se altera, não com raiva, mas o nervosismo pela profundidade da situação está em todos nós.

Nunca precisamos nos preocupar com o que está acima de nós, porque nada sequer chegou a repousar ao nosso lado, mas agora? É diferente, a *Legião* parece estar se alimentando dos rastros que deixamos para trás.

Existem coisas que posso manter distante do Conselho, mas isso... isso é complicado demais para tentar resolver sem a ciência de todos.

— Peter também acha que pode estar havendo uma conspiração contra ele dentro do papado — falo encarando Lucius, que está atento. — Aqueles que eram contra ele, foram a favor no conclave. Estão quietos demais, observadores demais.

— Vão precisar dele para aprovar a sugestão da assembleia de remanejamento do clero nos centros religiosos. A possibilidade de ele vetar, se não estou enganado, pode trazer algum sinônimo de perigo, porque, se na ligação, aquele homem pediu que ele renunciasse ao papado, é porque quer que Peter saia de lá. — Dante anda ao redor da mesa com a mão na cintura, tentando pensar, extrair de sua cabeça o raciocínio lógico de algo que não lhe tenha sido contado. — Não há opção, Czar sabia quem era a *Legião* e arrisco a dizer que ele também sabia do acordo que Adriano havia feito com eles e o que escondem. Czar

pertencia ao seu pai, Daemon. Ele era leal apenas a ele. Não acha que diria algo sobre os traidores que estiveram em sua casa?

— As coisas ainda não batem. Se Czar era um deles, por que deixaram que morresse? — questiono.

— A imagem de que Czar era um pedófilo estampou inúmeros jornais e noticiários. Não era como se eles pudessem fazer algo; se defendem a integridade do Catolicismo, é óbvio que não o absolveriam, assim como também não causariam alarde matando-o. Mas você foi lá e fez. — Dante é bem claro em suas palavras. Fecho meus olhos, imaginando o tamanho da porra do estresse que ainda terei. Não que eu sinta arrependimento, porém mais peças se encaixam a cada vez que botamos os neurônios para trabalhar. Eu não poderia ter feito diferente. Czar carregava o meu sangue, o sangue de minha família, e nós já tivemos filhos da puta demais que usaram *Constantini* em nosso nome para causar vergonhas e ações precárias de integridade no mundo. Fazemos a limpa, e não sujamos ainda mais as ruas. — E se Alessa é filha de um dos integrantes da *Legião*, nada impede que, desde o princípio, eles tenham mesclado pessoas dentro da Cosa Nostra, que há muito tempo seguiram seus passos de preservação.

— Não se esqueça de que você matou o... que *Alessandro* matou o irmão de Vittorio. Isso já era motivo o suficiente para que ele se unisse à outra causa. Para que haja um traidor, é preciso apenas que você dê motivos a ele. — Meu Conselheiro pisca em minha direção, e o que ele acaba de dizer faz sentido. Embora Vittorio tenha me auxiliado a matar seu próprio pai, junto do meu, sempre notei em seu olhar o ardor dúbio de desconfiança, e acreditei mesmo que aquele ato não era direcionado a mim, mas aos soldados que estavam à nossa volta.

— Vou convocar o Conselho para uma reunião, para decidir se Peter veta ou não. A *Legião* não me parece resolver seus débitos com violência. — Lucius gargalha logo depois de meu equívoco e completa:

— Está sendo difícil encontrar pessoas que possam falar deles, porque todos aqueles que ficaram em seu caminho não

viveram para contar história. Então não pense dessa forma, Daemon. Vocês não estão mexendo com um banco ou uma empresa, o que está no meio, entre você e a *Legião,* é a maior ordem religiosa de todos os tempos. A meu ver, Adriano nunca esbarrou neles. Apenas agregou, para que tudo caminhasse lado a lado, mas você, meu amigo... você está deixando um rastro de fogo por onde anda. — Ele tosse. — Mas tenha em mente que existe a possibilidade de que, se Peter for o único voto de veto da assembleia, a *Legião* pode querer tirá-lo de circulação, assim como você fez com Czar. Vou monitorar o diretor da Santa Sé. Se existe alguém que sabe como chegar até a *Legião*, é ele.

Estou tonto com as possibilidades. Ramificações de problemas que podem melhorar muita coisa, ou podem simplesmente acabar em uma catástrofe.

— Não acho que o Conselho vai permitir que Peter vote a favor. Seria o mesmo que autorizá-los a fazer uma grande fogueira com o nosso dinheiro. Isso está fora de questão. — E, pela milésima vez, a dualidade me atinge: de um lado o poder constitucional da *Omertà* me implora para tomar uma ação violenta, e, do outro, a racionalidade parcial me diz que não se atira em quem não se pode enxergar.

— Então é agora que veremos o quão bom *Capo* é você, Daemon. Não é o poder do estado que o faz, mas sim de quem o governa. — O *Capo* casalês tem uma arrogância redonda que lhe enche a barriga, mas a razão pertence a ele agora. — Ou você conserta o que fez com a *Legião* e cede da mesma forma que Adriano o fez, ou acabe com eles, sem chance de falha, porque se falhar, eles farão como todos os outros que vieram antes: *destruirão você.*

Não perdi boa parte de minha vida para morrer na praia. O meu plano, embora tenha tido inúmeros desvios de caminho, permaneceu direto, mesmo quando Jezebel surgiu nele. Eu a trouxe para o olho do furacão, prosseguindo com a idealização que tinha de mudar a Cosa Nostra e tudo o que havia em torno de suas raízes. Se está em nossa história que fundamos a religião, ninguém irá tirar isso de nós.

— Vou conversar com o Governador para vetar isso com a Santa Sé. Talvez, assim, Peter não acabe se prejudicando tanto. — Não é uma chance de resolver, mas escalonar o problema para alguns degraus abaixo, pois, neste momento, uma guerra não é algo que estou procurando.

Mattia abre a porta para que possamos ir embora e é perceptível em seu semblante a inércia em pensamentos. Seu olhar está perdido, mesmo que seus pés saibam o caminho.

— Acha que estamos nos enfiando em um problema muito grande? — ele me questiona quando entramos no carro.

— Você quer que eu seja sincero?

O Conselheiro solta um riso.

— Se não puder mentir, eu agradeço — ele pede, e bato a porta antes do carro começar a andar. As vias escuras de Palermo me trazem lembranças de quando eu trocava o dia pela noite às ordens de meu pai, quando a lua era o meu sol e as margens dos becos escuros funcionavam como minha casa.

— Não tenho um bom pressentimento. O Conselho está apaziguado, mas do que adianta apaziguá-los e arrumar um problema pior? O mundo é grande, dificilmente não esbarraremos em outras coisas no futuro. — Minha voz cansada sobressai quando deixo que minhas costas caiam contra o estofado do carro. Encaro o teto bem rente aos meus olhos e me questiono o que o futuro tem guardado para mim; prosperidade ou o interior de um caixão em uma cripta familiar.

— Estive com você em todos os momentos, Daemon. Até mesmo quando você decidiu que seu pai não deveria se sentar à cadeira de *Capo* na sala do Conselho. Vou estar aqui, segurando um pedaço do céu, se ele vier a cair sobre nossas cabeças. — A fidelidade de meu Conselheiro é algo raro, mas apreciado.

— Na verdade, tenho um pedido a fazer. — Antes já tinha sua atenção, mesmo dividida com os paralelepípedos da rua, entretanto, agora, quando a curiosidade fala mais alto, ele aguarda a então ordem, que me soa quase como lástima. — Se

tudo sair do controle e ameaçar a integridade de Jezebel, eu preciso que pegue-a e vá embora. Se deixar que algo aconteça com ela, considerarei como uma traição, Mattia.

— Eu jamais o trairia — ele diz. Meu pedido não o surpreende.

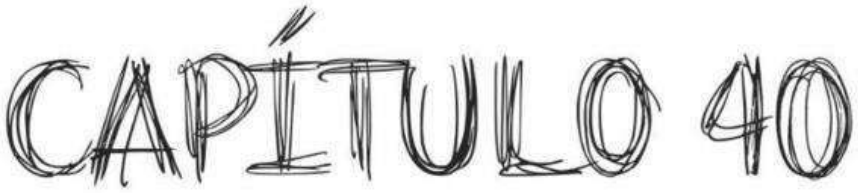
— Eu sei que não. — Mordo a bochecha, apreensivo.

— E você?

— Vou ficar para resolver o problema. Não estou dizendo que isso vai acontecer, estou pedindo isso a você levando em conta que estivéssemos massacrados, em um cenário que eu não seja capaz de protegê-la. — Ele concorda, taciturno, respirando fundo, porque, mesmo que a idealização de um problema nessa escala seja péssimo, ainda é valido pensar em se precaver.

— Deixe comigo.

OceanofPDF.com



Possibilidades catastróficas



Os dias não correm, eles voam.

Esta é a terceira mão de água que jogo em meu rosto. Não porque acordei cedo e com a cara amarrotada, depois de ter ido dormir tarde, devido a Daemon se enfiar inteiro dentro de mim e sempre parecer maior que da última vez. O dia seguinte é sempre doloroso, porque sinto todas as marcas, apertos, mordidas e torções que recebo dele durante a noite. É quando meu corpo esfria e reclama de cada ato cometido.

A vida de uma mulher casada é diferente do que pensei. Talvez eu possa reclamar sobre carinho, já que Daemon não conhece esta palavra, tampouco quer usá-la quando se trata de nós dois, mas ainda consigo ver o quanto cuida de mim nas pequenas coisas, o que se nega a confirmar, mas contra fatos não há argumentos.

Sairemos esta noite, e decidi me vestir mais cedo, o grande problema é que nenhum dos sutiãs que compramos está servindo em mim, como se meus seios tivessem dobrado de tamanho.

— Vomitou de novo? — Marta surge atrás de mim, quando vê que o item amarelo dentro do vaso não se trata de urina. Ela

me encara, preocupada, mas não é como se eu estivesse doente.

— Foram as frutas e... — Minha afirmação não sai com muita certeza. Podem ter sido muitas coisas, uma gastrite, uma azia acentuada, ou algum problema no esôfago e por aí vai, mas ela me veta.

— As frutas são frescas. Estão em bom estado. Você está há semanas vomitando pela manhã, Jezebel. Isso não é normal. Tem tomado o seu remédio anticoncepcional? — Sua desconfiança é desconexa.

— O que está sugerindo? Que o remédio esteja me fazendo mal? — A governanta esfrega o rosto de uma forma cansada, parecendo não ter dormido muito bem à noite, mas não acho que o motivo tenha sido o barulho que Daemon e eu fizemos.

— Estou sugerindo que você esteja grávida. — Minha reação é uma crise de risos intensa, daquelas que doem a barriga, mas à medida que mexo meu busto, a haste de ferro do bojo me aperta, machucando-me.

Esta não é uma possibilidade considerável. Não posso estar grávida. Não existe essa chance. Minha instabilidade emocional também pode ser um agravante, a grande razão para o mal-estar. Ficar preocupada com Daemon, com o que vem acontecendo e o que vai acontecer pode acarretar problemas internos.

— Não posso estar grávida. Tomo anticoncepcionais desde que cheguei aqui.

— Nunca esqueceu de tomar um sequer?

As lembranças dos dias que acabei me esquecendo, com os acontecimentos anteriores ao meu sequestro por Dario, vêm à tona. Nunca precisei procurar sobre reprodução humana, embora sempre tenha sabido como se faz um bebê. Os sintomas clássicos de enjoos e desmaios sempre foram condições explanatória em novelas, revistas e jornais, mas não eram do meu interesse. *Eu era uma freira.* Interessava-me por saber apenas sobre crianças fora das barrigas de suas mães, e não sobre as que ainda se desenvolviam em seus úteros..

Mas o que antes era uma possibilidade remota e inexistente de que eu, de fato, tenha engravidado, torna-se uma semente dentro da minha cabeça.

— Não — respondo a ela, sabendo que talvez, em muito tempo, esta seja a primeira mentira contada. Minha cabeça flutua, rodopia e eu me sento, porque as perspectivas me deixam tonta.

— O anticoncepcional tem uma margem de falha. Se amanhã você continuar passando mal pela manhã, vamos até um médico. — Um sorriso frouxo e relaxado preenche meu rosto, não porque estou feliz, mas porque a preocupação que escondo é muito maior do que deixo transparecer.

Deixo o banheiro ainda confusa e atordoada com a possibilidade. Embora todas as vezes que Daemon e eu fizemos sexo tenham sido consensuais, eu tinha apenas o dever de tomar o remédio da forma certa, mas agora, tremendo de medo por dentro, sei que a porcentagem de aquele pequeno vão, dos dias que me esqueci, pode ter me causado um problema ainda maior.

— Marta? — questiono, ainda perdida, tentando desfocar da situação quando esse assunto é tudo em que consigo pensar. — Não conte ao Daemon sobre minha possível gravidez.

Os pingos de felicidade estampados em seu rosto fazem parte da minha tristeza, uma assombração que provavelmente vai persistir comigo até que eu prove o contrário.

— Se você estiver grávida vai ser uma bênção. Afinal, é isso que o Conselho quer, não é? — Ainda que seja o que eles querem, não é o que Daemon quer e, como sempre, eu me casei com o *Capo*, então que seja feita a vontade dele que, em se tratando de um filho, é a mesma que a minha.

— Não... quero pensar nisso. Nos casamos há pouco tempo — murmuro enquanto ela me ajuda a vestir o espartilho, que antecede o vestido longo, apertando os fios às minhas costas.

— Você não me parece muito contente com a ideia, Jezebel. Tem medo de algo? — Eu listaria um mar de medos agora, não apenas de mim, mas de Daemon, da Cosa Nostra.

— Por que acha que eu... — ela aperta mais forte e quase ofego — estou com medo?

— Porque o seu olhar é o mesmo de Alessa quando descobriu que estava grávida. — Marta busca o vestido e eu levanto meus braços, para que ela encaixe sua abertura na altura dos meus ombros e vá moldando-o em meu corpo. Ponho os braços dentro das mangas enquanto ela fecha o zíper na parte de trás.

— Por que ela teve medo?

— Porque ela sabia que sua primeira gravidez daria a Adriano o sétimo filho, e que, se ele fosse homem, ela seria quebrada junto dele para o fazer *Capo*, mas que se fosse uma mulher, ela veria sua filha ser estuprada para que o neto se sentasse na cadeira como o *Capo*. — A governanta penteia meus cabelos, do topo da cabeça até a parte mais baixa, que chega à cintura. — Dizem, que a aliança de casamento que um homem da Cosa Nostra põe em sua esposa, é considerada uma maldição, porque quem mais sofre quando qualquer filho é iniciado, mas principalmente o sétimo, prestes a ser nomeado o *Capo*, é sua mãe.

— Existem outras formas de fazer com que um homem seja forte. — Sento-me na cama e Marta se curva para pôr em meu pé um scarpin em um tom de pêssego, o mesmo do meu vestido. Ela sorri pequeno.

— O intuito da Cosa Nostra é fazer com que o homem, ao se tornar um soldado da Monarquia, não seja capaz de se traumatizar com nada, porque ele já o viveu dentro da própria casa. Assim, não há traumas quando adulto e eles acabam não medindo esforços para fazer qualquer coisa que lhes é imposta.

Um longo silêncio se perpetua e, mesmo que tenha como isso ser apenas um chute errado, o meu sexto sentido apita, porque a cada novo cheiro que sinto, meu estômago se contorce, ainda que esteja vazio.

— Ainda assim, talvez não seja nada demais. Apenas um mal-estar. — Sorrio amarelo, ficando de pé. — Daemon anda muito ocupado com as coisas que têm acontecido aqui dentro, então... vamos deixar apenas entre mim e você até... confirmarmos essa possibilidade. Tudo bem? — Essa é uma boa ideia, visto que não existe qualquer tipo de certeza, embora o sintoma esteja bem aqui.

— Posso pedir que Mattia leve a... — A iminência de sua ideia é péssima, dando-me calafrios apenas de imaginar o que ele poderia gritar no meu ouvido.

— Não, não, não... deixe Mattia fora disso também. É apenas uma suposição, Marta. Eles têm se estressado com muita coisa, não cabe a nós criarmos um alarde falso. — Visto o bracelete dourado, presente de Daemon pelo casamento. Preciso arrumar uma forma de não me distrair dentro dos meus pensamentos enquanto estiver com ele. Meu marido é bom em perceber as coisas e, com relação a mentiras, eu sou um desastre quando tento insistir nelas.

— Tudo bem. — Ela entende o desconforto que me causa e cessa sua língua, percebendo que minha agonia se torna cada vez mais visível. Marta se aproxima da janela com um sorriso pequeno no rosto. — Ele chegou, está esperando por você.

OceanofPDF.com



QUINTA TROMBETA

E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.— Apocalipse 9:1

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 41

Ruptura

DAEMON DEMARCO

Em algum lugar no passado.

A última vez que senti o medo tão latente me invadir dessa forma foi quando me amarraram a uma cadeira e eu vi dezenas de homens violarem a minha mãe. A partir dali, eu soube que nada mais me daria tanto medo. Mas agora, quando o improvável se mostra real, sinto todos os pelos do corpo se eriçarem de forma estúpida.

Minha cabeça, antes vazia, enquanto recitava a Ludovico todos os meus pecados para absolvição, agora está transbordando de possibilidades em inúmeros “e se”. Lucca sempre foi um soldado inteligente, responsável por boa parte das táticas que usávamos para entrar sem sermos vistos, enquanto eu estava prestes a entrar em ação.

Fomos uma dupla muito elogiada pelos *Caporegimes*, e até mesmo por Velez, o *Sottocapo* de Adriano, que depositava sua confiança em nós dois, quando a metade das *decinas* não recebia quase nada da autonomia que nos davam. A ideia de que um golpe pudesse ocorrer foi vetada por mim, no momento que ele pôs a questão sobre a mesa.

Seria suicídio.

As paredes deste lugar têm ouvidos e até mesmo elas são fiéis a Adriano.

Minha respiração desregulada não cessa, ainda que eu continue sentado. A grande questão é, por que Lucca tentaria seguir com o plano, se eu não estava a par da situação?

Ele não seria tão idiota a este ponto.

O carro estaciona e eu sequer espero que o motorista o deixe totalmente em inerte para abrir a porta e pular de dentro dele. O portão aberto me dá uma visão ampla do jardim. Soldados estão aos montes por todo lugar, mais do que o normal, e quando apenas um dos carros deveria preencher o pátio na entrada, vejo mais dois deles.

Todos me encaram, como se eu tivesse um alvo na testa. Um dos soldados indica com a ponta do fuzil o caminho para área de treino e é para lá que eu me dirijo, em uma pressão que me obriga escolher entre respirar e correr.

A cena é precária.

Lucca está ajoelhado no chão, apenas vestindo uma cueca. Isso é natural, é assim que a Cosa Nostra costuma tratar aqueles que fazem parte do nosso círculo interno de soldados, responsáveis por cometer traição. A humilhação é o primeiro estágio, mas, devido aos inúmeros cortes em seu corpo, creio que Adriano já tenha passado para o próximo.

A pele clara e já inchada grita em hematomas; bolas roxas, galos em sua cabeça e a forma anatomicamente errada de seu ombro demonstram que ele já deve estar há algum tempo aqui.

Minha chegada chama a atenção de todos.

— Hoje pela manhã, me juntei ao pai de Lucca, Leonardo, em sua casa, para conversarmos sobre as administrações dos galpões que ficam ao fundo de uma das catedrais de Palermo... seu filho nos serviu um chá. Adriano chuta as costas de Lucca com força, fazendo-o ir de encontro ao chão..

Percebo as inúmeras manchas de sangue no tatame de plástico, quando o *Capo* siciliano puxa sua cadeira, sentando-se com classe e elegância sobre ela enquanto cruza as pernas, parecendo gostar da bagunça que fez no homem diante dele, e então prossegue:

— Mas... os vetos de Leonardo me deixaram descontentes nas últimas reuniões, por isso pedi para que vigiassem seus passos. Ontem à tarde, descobri passagens retiradas no nome dele, de sua esposa, de Lucca e sua filha, e a existência de uma casa recém-comprada na Suíça. Pela manhã, fui informado de que a esposa e a filha já estavam em um dos aeroportos. — Seus dedos trafegam por seus próprios cabelos arrumados e penteados, ainda úmidos por conta de um banho recente, pois acho pouco provável que seja suor. — Acontece que quando Leonardo me recebia em casa, era sempre sua esposa quem me servia o chá, então, assim que Leonardo começou a falar como se nada diferente estivesse acontecendo, logo pedi para que os soldados entrassem e fiz o Conselheiro beber o líquido. Adivinha o que aconteceu com o pai de Lucca? — Adriano gargalha.

— O quê? — Meus olhos se fecham, balançando a cabeça de forma negativa, não de dor, mas de decepção.

— Ele morreu envenenado exatamente dezesseis minutos depois de beber o chá. — Adriano suspira, falsamente angustiado. — Então eu pedi para que a *decina* que estava no aeroporto trouxesse a esposa e a filha de Leonardo para cá. Dei-lhes a notícia de que o pai morreu envenenado, e agora todos estamos aqui. Porém, eu pensei em dar um carinho especial ao Lucca.

— Onde estão a mãe e a criança? — O olhar desesperado de Lucca, procurando pela família, mostra que, ao menos nele, a iniciação não deu resultado, afinal, mesmo quebrado, ele ainda os coloca em primeiro lugar, na frente da *Omertà*.

A verdade é que eles planejavam matar Adriano e fugir, já que, uma vez dentro da Cosa Nostra, só se sai morto, pois não há desligamentos.

— Ali. — Um dos soldados que está próximo da saída da área de treinamento puxa pelos cabelos, de trás do muro, uma mulher que cai no chão junto a uma criança, que chora como se o mundo estivesse prestes a acabar, mas sabendo das regras da forma que eu sei, é correto afirmar que o mundo delas está literalmente próximo do fim. — E, bom, você sabe como as regras funcionam, Alessandro. — Suspira. — Traidores merecem o ódio de nossos punhos. Lucca sempre acompanhou você nas execuções, até acreditei que ele poderia ser o seu Conselheiro, em vez de ser o chefe de uma das *decinas*. Mas veja só que decepção.

Um teatro. Suas mãos suspendem-se ao céu, mostrando a falsa desilusão que Adriano sente. Remorso não é do feitio dele e a alegria de destruir alguém está em seu semblante, mesmo quando o futuro defunto é alguém de nossa casa.

— O que vai fazer?

— Eu pensei em algo melhor. Como são tão amigos, pensei que talvez você, Alessandro, pudesse realizar sua passagem e a de sua família... — neste momento, Lucca tenta se levantar, mas um soldado à sua frente lhe acerta a boca com o pé, deixando sua percepção lenta enquanto sangue pinga de seus lábios — direto para o inferno.

— Não, não, não faz isso! Minha irmã é só uma criança. — Um péssimo momento para lembrar-se de que agora a criança a qual Lucca chama de irmã sofrerá a mesma coisa que as crianças e famílias que matamos enfrentaram. Existe um bloqueio em mim que me impede de fazer a mesma coisa com a família dele, mas não posso expô-lo para Adriano, isso seria suicídio da minha parte. — Ela é só uma criança, PORRA! Daemon, DAEMON! MERDA!

Minha ausência de palavras o desespera, porque, embora lá fora o silêncio seja um “não”, aqui ele quer dizer um grande e glorioso *sim*. Quem seria corajoso o suficiente de se opor ao *Don*?

— Daemon? — Adriano arqueia uma de suas sobrancelhas grossas e grisalhas. Ele ri. — Aqui, ele é um soldado; aqui, ele é um homem da Cosa Nostra, portanto não manche o meu filho com este nome. Ele se chama *Alessandro*.

Outro chute.

— Mate ele logo. — Minha sugestão é uma lástima, mas a morte é uma bênção que não nos é dada, e o prazer no olhar do *Capo* não demonstra que Lucca, ajoelhado em meio a seu próprio sangue, será abençoado essa noite. O desejo e o ódio em meu pai caminham juntos, enquanto seu olhar faminto cogita o que fazer com o filho do homem que quase o matou hoje.

— Ah, não, não, eu pensei em algo melhor. Eu pensei em algo *muito melhor,* Alessandro. — Ele fica de pé, prende suas mãos às costas e caminha pensativo, ligando os pontos do que aconteceu ao que ele precisa que aconteça. — Eu vou abrir a sua mente.

— Do que está falando? — Meu pai sorri de uma forma que eu não gosto, passando a língua no céu da boca aberta incessantemente.

— Eu quero que o mate, você, sem arma, sem faca ou qualquer outra coisa. Quero que o mate com as próprias mãos e então, depois que ele estiver morto, você tomará o anel de prata de sua mão, em brasas, na sua, tornando-se então um iniciado por completo. — Ele sugere, e meu coração palpita ainda mais depressa do que antes. Este não deveria ser um problema, mas o homem que o *Don* pede para que eu tire a vida se trata, na realidade, o que eu tive de mais perto da palavra irmão. — Mas sua formatura será entrar naquela floresta... — ele aponta para o portão de entrada — e lá, após soltar a irmã e a mãe dele, você vai caçá-las, queimar o corpo delas e trazer apenas os ossos dos crânios até o nascer do sol. Então poderá finalmente entrar em minha casa como um homem feito, poderá viver com sua mãe e... *conhecer sua irmã*. Você é um homem maior de idade, um soldado da nossa Monarquia e o futuro da nossa contravenção.

Seu discurso é patriota, mas a honra que ele jura construir debaixo dos nossos pés fede de uma forma que me enjoa. A felicidade em ver sangue derramado não é algo que me consome, mesmo que eu entenda que é necessário, pois é o dever de fazer e a promessa da vitória, que com certeza é sempre iminente.

— Não faz isso! Deixe ao menos ela, poupe a criança! Você sabe, eu disse que prezava por ela! É só uma criança! — Sua insistência desesperada apenas causa o efeito contrário: a sede de meu pai aumenta quando ele implora com toda a alma, engasgando-se entre palavras e sangue.

— Ponham-no de pé e abram um círculo. — Os soldados executam a ordem, mas Lucca apanhou tanto, que é uma desvantagem encará-lo dessa forma. Seus olhos pesados demonstram o cansaço de um homem que, mesmo sabendo, não tentou se defender quando provavelmente dois ou mais soldados lhe agrediram covardemente. — Ele é todo seu, *meu filho*. — Ele nunca me chama dessa forma, mas sabe que, mesmo que não deva esperar de mim qualquer tipo de emoção, ainda existe uma afinidade entre o traidor e eu, e ele, como o *Capo*, quer expressamente demonstrar que existe um laço muito maior entre o líder e eu, do que com Lucca. Ledo engano, mas, ainda assim, não posso fugir de meu dever.

Deslizo um dos pés pelo tatame enquanto ele mal consegue se sustentar em pé pela surperfície cada vez mais vermelha.Ao primeiro soco, ele cai sentado no chão. Os olhos famintos, que torcem em silêncio para que eu o mate, estão sedentos pelo pico de violência que posso prover. Eu lhe prometi que mudaria as regras da Cosa Nostra, prometi que as mudaria por minha mãe, pela sua mãe e irmã, mas agora estou prestes a matá-lo e elas serão as próximas.

— Por que fez isso? — esbravejo quando me sento sobre o seu diafragma. Eu quero socar seu rosto, não por existir uma ordem expressa para que eu o faça, mas porque eu lhe disse que a ideia era ultrajante. Eu sabia que isso não daria certo e, se Adriano descobrisse, o problema seria dobrado. Eu estava certo antes, e confirmo agora, já que ele não será o único incluído no

pagamento da dívida, afinal estou fazendo parte dela ao carregar a sua morte nas mãos.

Ele levanta a cabeça, olhando na direção de minhas costas, e quando eu sigo o seu olhar, encontro a criança pequena e com menos de um ano, esticando os braços em sua direção. Seus pequenos olhos estão banhados em lágrimas e a mãe de Lucca a segura, contendo seu impulso fraternal de correr na direção do irmão, prestes a morrer.

— Por ela. Você jamais saberia, Daemon. Jamais sentiria o senso de proteção, porque a única coisa que você consegue proteger é a Cosa Nostra. — Desfiro o primeiro soco em seu rosto, quebrando boa parte dos dentes da frente. Lucca aperta os olhos sem revidar. — Consiga a confiança de seu pai e mude isso. Não por mim, mas por muitas como ela, *como sua mãe*... — Um novo soco arrebenta a posição natural de seu nariz, esparramando sangue em seu corpo. Em um impulso, ele suspende o quadril para o alto, derrubando-me na tentativa de ficar sobre mim, mas meu pé empurra sua barriga para cima, pondo-o debaixo de mim novamente. Então outro soco, mais um e outro de novo.

— Você não deveria ter feito isso... Lucca... — A solidão que carrega minha voz não chega até seus ouvidos, seus olhos moribundos e a falta de palavras em sua boca demonstram a beira da perda de consciência.

Suas escolhas traçaram seu futuro e apenas um pensamento intrusivo foi capaz de culminar na morte de cada membro de sua família. Uma escolha burra, eu diria. Sempre soube do que meu pai era capaz e Lucca deveria ter me usado como exemplo, afinal se um homem não tem pena do próprio filho, por que teria de outro homem qualquer?

Sua mãe grita, desesperada, em um choro engasgado que se sobressai a qualquer silêncio. O vento passa, levando a angústia de mais uma mãe que se quebra, não ao ver o filho se perder, mas quando ele finalmente perde para a morte, pois o fim de Lucca é o que nos aguarda.

O homem abaixo de mim ainda está vivo, mas não há justiça neste feito e, como qualquer outro, ele está pagando por suas escolhas. Sei que também pagarei pelas minhas. Agarrando sua cabeça, eu a colido com o chão, enquanto grito em agonia e raiva por manchar minhas mãos do sangue de alguém que muitas vezes manchou as suas próprias mãos ao meu lado.

Seus olhos reviram-se. O peito não sobe ou desce mais e agora sua mãe, às minhas costas, encara-me com ódio, por ter tirado a vida de alguém pelo qual ela daria a sua.

— Este é o meu filho! — Adriano se aproxima, levantando minha mão. As divagações se acumulam, pesadas em minha cabeça. A vida acontece aqui fora, mas eu me questiono como será daqui para a frente, quando me lembrar disto. Meus ouvidos parecem ter sido tampados, quando as imagens que passam diante dos meus olhos estão sem som. Um dos soldados da *decina,* que grita eufórico, tem um maçarico ligado em mãos, enquanto Adriano retira o anel de prata do cadáver de Lucca, posicionando-o no fogo até que ele vire vermelho em brasa. — Você agora, vai comandar as *decinas* de execuções, junto dos *Caporegimes*. Você estará entre eles e sobre eles. Não desperdiçarei suas habilidades lhe dando um cargo, você será invisível aos olhos de todos, mas conhecerão os seus feitos. — Ainda não o ouço, atônito, mas seus lábios desenham muito bem suas palavras.

Ele puxa meu dedo, encaixando o anel em toda a circunferência de meu dedo. Sinto um queimar que só não é mais intenso por meu sangue correr rápido demais, esquentando-me por dentro. O cheiro de carne queimada e a dor latente não são maiores do que meus devaneios.

— Agora... — Minhas palavras não se completam, não se ligam para formar uma mensagem lógica.

— Agora, levem a mulher para a floresta, deem uma coleira e espingarda para Alessandro. *Hoje é dia de caça.*

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 42

Um rasgo no véu

JEZEBEL CONSTANTINI

— É, eu imagino. Vou esperar que você e Ludovico me passem as notícias. — Ao abrir a porta, Daemon está de costas para as escadas da entrada, com seu terno vinho e elegante, ocupado ao telefone enquanto parece resolver um problema sério. — Vou esperar. Até mais. — Meu marido abaixa o telefone, virando-se em minha direção quando ouve o som do trinco da porta se fechar. Ele me encara dos pés aos cabelos e faz um sinal afirmativo com a cabeça, satisfeito com a visão que tem. — E eu já te achava... bonita o bastante quando ainda vestia o hábito, mas, às vezes, eu me surpreendo — murmura ao abrir a porta do carro. Sua sutileza nos elogios é estranha quando é raro presenciar um momento como esse.

Sento-me no estofado e ele então fecha a porta, levando-nos a caminho do restaurante.

— Obrigada. Você também está muito bem. — Meu marido busca minha mão, encarando os anéis novos em meu dedo, mas, passados alguns minutos, percebo que ele encara as feridas recém-cicatrizadas do autoflagelamento, que eu ainda me pus a cometer até pouco tempo.

— Então você... parou?

— Acho que sim — respondo.

Ele entorta o nariz.

— Acredito que isso seja algo bom. — Suspende meus dedos e leva até os lábios, encostando-os levemente em minhas cicatrizes. Respiro em profunda admiração com o ato de carinho que talvez eu nunca o tenha visto fazer, mas, assim como há primeiras vezes, esperarei pelas segundas.

— É, eu também — murmuro.

Não demoramos a chegar, ou talvez realmente tenha se passado algum tempo e eu estivesse vidrada o suficiente na barreira que Daemon está quebrando entre nós dois, pouco a pouco, até mais rápido do que achei que seria. Embora esteja existindo uma aproximação, a felicidade genuína evapora quando penso na possibilidade levantada por Marta mais cedo.

Meu marido tem razão, eu não tenho qualquer vocação para ser mãe, tampouco há espaço para nos preocuparmos com uma criança agora, quando devemos estar atentos às nossas próprias vidas.

O manobrista surge, pegando a chave com um dos soldados enquanto a *hostess* do restaurante nos ampara, indicando o caminho para o nosso destino.

— Seja apenas educada. Não ofereça opiniões. *Apenas sorria*. — Suas palavras educadas soam como uma advertência, não por Daemon não querer que eu tenha destaque, sentada à mesa com muito mais do que minhas vestimentas, mas por não querer que eu chame atenção quando temos lobos e cordeiros disfarçados entre nós.

— Alessandro! — É estranho ouvir quando o chamam assim. Um homem de baixa estatura se levanta de uma das mesas ao canto, enormes e redondas, com um grande castiçal ao centro. Uma música toca em baixo volume e inclusive me parece ser *Robert Schumann*. Daemon sobe a musculatura do rosto em um sorriso sem os dentes e retribui o aperto de mão e o tapa no ombro do governador Augusto Valarini. A mulher ao seu lado,

muito próxima e cheia de carinhos, parece ser sua esposa. — Meu grande amigo! — Ele exala reverência a Daemon. É justo, já que foi o *Capo* que lhe deu a cadeira de governador, na qual que hoje ele se senta.

— Augusto, como vai?! — meu marido o cumprimenta, depois de acenar para alguns homens da mesa, seguranças do político diante de nós.

— Não pareço tão mal assim, correto? — O homem bate na barriga redonda e sobressalente embaixo de seu terno e cai na gargalhada. — Fico feliz que tenha me chamado para um encontro. — Seus olhos pulam para mim. — Ah, esta é sua esposa, Jezebel Constantini.

Ele estica sua mão e eu lhe dou a minha, recebendo um beijo ao qual Daemon encara com um leve incômodo, quase imperceptível.

— É uma honra conhecê-lo, Sr. Valarini. — Os olhos do governador brilham diante dos meus. O *Capo* se senta entre nós dois. Mattia combinou com Lucius que fosse encontrá-lo no lugar de Daemon para buscar informações gerais sobre a *Legião*. Não que fosse necessário ter a presença do *Don*, mas era um dever voltar ao menos com alguma informação para casa.

— A honra é minha — ele retruca. A taça de champanhe, cheia sobre a mesa, é dispensada por meu marido quando o *sommelier* traz um copo do que acredito ser uísque com gelo. Ele o balança e depois o toma.

Olhando em volta, vejo que em ao menos duas das mesas distribuídas pelo salão elegante, trabalhado em madeira e prata, alguns dos homens de Daemon jazem sentados, à espreita de qualquer coisa que possa refutar o direito de paz nesta reunião.

Os assuntos são derivados de poder, legados e favores. Regados a um poder constitucional que não conheço a fundo, apenas um pouco por ter escutado Daemon falar em outras ocasiões, mas a idealização dele é covarde, quando aqueles que o detêm querem sempre crescer às custas dos outros.

— Não precisa se preocupar com nenhuma possibilidade de investigação, Alessandro. — Ele tranquiliza com maestria, enquanto entorna a quarta taça de champanhe na boca, aguçando os sinais alcoólicos que começam a se revelar em sua feição. — Assim que vi o jornal, procurei resolver tudo. A detetive Saliu mandou o relatório de investigação e eu o arquivei como uma denúncia falsa.

— Consegue descobrir quem foi? — Daemon o questiona e ele gargalha. Existe algo fora de órbita na mesa, como um pingo fora do "i". Meu marido esfrega demais o rosto, em um sinal claro de falta de paciência, quando o governador o responde:

— Não, isso é impossível.

— Nada é impossível — o *Capo* retruca. — Peça para que busquem a origem do número que ligou para fazer a denúncia. Saliu vai tratar de conseguir quem deu a matéria para o jornal.

A felicidade evapora do rosto de Augusto, não que ele esteja de má vontade, pois a alegria em estar com Daemon é visível em seu comportamento eufórico, mas acredito que, assim como o *Don* da Cosa Nostra, o juiz, e agora governador, não é alguém que goste de ser contrariado, como se estivesse fazendo pouco caso do pedido.

— Recebemos dezenas de denúncias por dia em formato de ligações. Os telefones usados pelo departamento público não possuem identificadores de chamadas. O sinal de linha que recebemos é via satélite, e não há qualquer tipo de memória nos aparelhos, que registre ligações feitas ou recebidas. — O estresse de Daemon aumenta, porque antes, quando ele detinha o poder de tudo, não havia vetos ou dificuldades em conseguir o que queria, mas agora é como se todas as vias que ele usasse a fim de atravessar, para todos os lados, tenham se tornado mais estreitas do que o comum.

— Se eu cair, Augusto, *eles* vão tirar todos os *meus* do poder, e eu não estou me referindo apenas ao papado. Estou me referindo a tudo. — A explicação básica causa algum medo no

governador. Seus olhos corajosos mudam para o medrosos, como da água para o vinho.

— E sua influência? — A dúvida o faz estalar os dedos, chamando sua atenção.

— Eu uso a influência da Cosa Nostra contra coisas que eu vejo. Estamos enfrentando um alguém que foi dado como morto — fala.

— Isso muda muita coisa. — O ex-juiz suspira. — O que quer que eu faça? Além disso, claro, porque com a justiça, você não precisa se preocupar, mas há lugares que nem mesmo homens como eu podem alcançar.

— O Colégio Cardinalício vai abrir uma assembleia para votação do remanejamento do clero nos centros religiosos da Itália. Peter acredita que pode estar correndo perigo e eu não queria que ficasse exposto a... a *eles ao vetar a decisão*. Eu preciso que alguém de alto cargo político possa encontrar um motivo para vetar essa decisão. — Daemon diminui a própria voz, como se os talheres tivessem ouvidos. Augusto o encara confuso, abandonando sua taça de champanhe cheia sobre a mesa. Encara seu prato com um olhar vazio e pensativo.

— Tem noção do que está me pedindo? Quer que as autoridades italianas vetem uma decisão do papa, sem motivo algum?

— Se não tivesse, eu certamente não estaria aqui. Não sairia da minha casa para gastar meu tempo com idiotices, e é um pesar quando vejo que você não compreende a dimensão do problema que esse remanejamento vai trazer. — A pequena veia em seu pescoço pulsa, como se estivesse de mãos dadas com o seu coração.

— Este é um pedido grande demais. Não que você não o mereça, mas para chegar ao ponto de vetar uma solicitação clerical, diretamente do Vaticano, eu precisaria de uma documentação muito extensa, explicando como isso prejudicaria as pessoas ou qualquer outro órgão público. Precisaria inventar

um motivo, nos indispor com o Vaticano, país que até pode ter um funcionamento administrativo diferente, mas é o mais influente do mundo. Acha realmente que é simples? — Augusto esfrega a careca no alto da cabeça, como se fosse uma lâmpada da sorte. — Levando em consideração que a igreja é independente, seria pouco provável que esse remanejamento prejudicasse o Estado Italiano e, pensando em algo agora, não acho que prejudicaria as pessoas, ou seja, *não consigo vetar.*

— Acho que não entendeu. A lavagem de dinheiro da Cosa Nostra se estendeu dentro dos centros religiosos. Foi de lá que nós viemos, as catedrais e os monastérios sempre pertenceram a nós, sempre foram a nossa casa. Czar era leal a Adriano, jamais tiraria esse poder da *Omertà*, mas agora a sensação que tenho é de que estão nos chutando. O Vaticano não manda em anda acima de nós e claramente querem mudar isso.

— Alessandro, não há o que eu possa fazer, qualquer motivo que eu use para mudar a decisão clerical e, principalmente, do Papa será esdrúxulo. — Eu nunca vi, durante todo o tempo em que estive em Palermo, ao lado do *Capo*, alguém se negar a cumprir suas requisições da forma como Augusto Valarini faz, não porque quer, mas porque sua mão não alça os pedidos de Daemon dessa vez, e acho que meu marido também não fica muito contente, já que seu olhar estático é um reflexo dos mil acontecimentos que rodam sua mente.

— Daemon? — sussurro baixo, para que ele consiga me ouvir de forma privada. Seus olhos se fecham repetidas vezes, mais lentos do que o normal. Ele massageia a têmpora devagar, cerrando os dentes. — Está tudo bem?

— Vou ao toalete, espere aqui. — Ele se vai e não me dá qualquer chance de resposta imediata. Levanta-se devagar, respirando profundamente, e eu consigo ouvir os passos pesados no chão até que ele, por fim, bate a porta do outro lado do salão, fazendo com que eu o perca de vista.

Estou sozinha e é automático encolher os ombros em um lugar com o qual não tenho qualquer tipo de familiaridade,

mesmo que os homens de meu marido estejam espalhados pelo salão com os olhos atentos.

Os minutos passam. A mulher de Augusto me encara com um sorriso gentil no rosto, como se quisesse fabricar entre nós duas algumas afinidades inexistentes. Palavras não deixam a minha boca e o clima denso faz com que eu abra meus lábios apenas o suficiente para respirar. Os minutos não só passam, como correm, o bastante para que os seguranças do governador tornem a pedir alguns pratos e eles cheguem a ser limpos na mesa.

Olho para trás, na esperança de que ele esteja voltando, mas é incoerente que Daemon me deixe sozinha nesta mesa por tanto tempo. E se ele estiver passando mal? O salão começa a se tornar vazio pelo tardar da noite, até que reste apenas nossa mesa ocupada.

Então, quando os nossos pedidos chegam, recebo olhares questionadores, mostrando que essa dúvida não é apenas minha.

— O seu marido está bem? Ele... ele já saiu há tanto tempo. — A mulher que não se apresentou, esposa de Augusto, chama minha atenção com seu olhar terno.

— Eu... — Suspiro, sentindo a onda de enjoo com o aroma da carne de porco, que entranha em meu nariz de uma forma forte a ponto de fazer meus olhos lacrimejarem — eu vou procurá-lo. Um momento. — Sem direcionar o olhar para os outros, procuro a porta indicativa do banheiro quando a ausência de Daemon grita problema.

No fundo do corredor, em uma área completamente afastada do salão do restaurante, identifico a pequena placa que especifica o sanitário masculino.

Sei que, se qualquer responsável do lugar me encontrar, receberei uma bronca, mas não é um crime se eu bater à porta antes de entrar, não é? Com o punho fechado, desfiro algumas batidas sobre a madeira escura. Algumas vezes mais e nada; algumas outras e nada também.

Nenhum homem entrando ou saindo, então talvez ninguém me vera, se eu entrar.

Empurro a porta ao entrar e o banheiro é desnecessariamente gigantesco. Dois enormes corredores que se dobram formando um *L* espelhado. Sem sinal ou barulho dele. Mas, ao dobrar o segundo corredor, de frente para o que parece ser uma lata de lixo, encontro Daemon de costas, virado de perfil em direção ao espelho, e olhando para seu reflexo é possível vê-lo secando as mãos com papel.

— Você está se sentindo bem? — Minha pergunta cuidadosa carrega afeto, afinal, mesmo que por dever ou honra, aceitei que fosse meu marido, pois o amo. Ele permanece quieto, vira-se para o espelho e abre um sorriso encarando minha figura pelo reflexo. Ele estica o pescoço e se vira em minha direção.

— Agora? Agora, estou muito melhor. — O sorriso cresce, esticando-se de um lado até o outro, mostrando todos os dentes em sua boca, principalmente os caninos maiores, que se encostam em seus inferiores. A instalação do problema cresce quando meu marido retira o anel de prata de seu indicador, encaixando-o sobre nossa aliança de casamento no dedo anelar. — Veio me receber, *coisinha?*

Meu coração começa a bater na língua, e me viro, na iminência de ir embora, mas temos um problema ainda maior. Alessandro não pode se sentar àquela mesa, e não importa o quão perigoso ele tenha se mostrado, não posso deixar que ele saia por essa porta. Minha cabeça lateja em um estresse anormal.

— O que está fazendo aqui? — Meu questionamento é firme, mas ele não dá a mínima.

— Não é como se você precisasse me convidar. *Você sabe como funciona*. — Alessandro penteia os cabelos devagar, tentando diferentes tipos de alinhamento enquanto se endeusa pelo reflexo do espelho. — Mas, respondendo à sua pergunta, vim resolver problemas, os que Daemon é incapaz de resolver.

— Devolva-o — eu peço, mas a força com que as palavras deixam minha boca soam mais como uma ordem do que como pedido.

— Não acho que vou devolvê-lo tão cedo. Ele começou bem, mas agora... as coisas estão parando de novo. E a Cosa Nostra não pode ficar para trás. — Ele apoia o quadril de costas na pia do banheiro, com uma energia densa e cansada, porém parece estar mais entediado, como se nada fosse capaz de agradá-lo. Morde o lábio inferior mirando a porta do banheiro à sua frente e depois me encara. — Espero que não esteja pensando em vetar a minha saída.

— Você vai piorar as coisas. Não pode voltar para lá. — Ele torna a gargalhar alto, botando a mão sobre a barriga. Dá meia dúzia de passos até mim, para poder me encarar da velha maneira que virou seu costume e ele tem o prazer de fazer: de baixo para cima, como se eu fosse um pedaço de papel esquecido pelo vento.

— E quem pretende me impedir? — O problema escala, a cada minuto, para uma proporção desenfreada que irá nos levar à ruína se Alessandro fizer tudo o que seu sorriso conta que fará.

— Se veio resolver qualquer problema, sabe que Daemon e eu viemos discutir algo sério com Augusto, violência e ignorância não serão atos de inteligência agora. — Ele passa por mim sem o menor esforço, como se eu fosse apenas parte da decoração, uma estátua parada no meio do corredor.

— Você, quando não é irritante, é *adorável*. — Seus dedos se fecham na maçaneta do banheiro e eu prevejo o início do problema. Correndo até ele, eu me enfio debaixo de seu braço, empurrando com as costas a porta para o lugar de repouso. — Parece uma cadela de estimação, latindo no meio do banheiro.

Gostaria de encará-lo e me lembrar de que este ainda é meu marido, mas sua expressão totalmente diferente, com o jeito de se portar ainda mais arrogante do que o normal, não me permite ter essa visão.

O sorriso ladino, que antes marcava sua expressão, some. Ao tentar desencostar da madeira, em segundos, Alessandro agarra-me pelo pescoço com pressão, causando-me um engasgo automático quando o sinto pressionar minha traqueia. Quando minha cabeça bate contra a porta, ele afrouxa os dedos em minha pele, permitindo que eu respire e encare seus olhos verdes em uma fúria que arrepia até minha espinha.

— Você vai prejudicar Daemon.

— Eu não estou nem aí. Além do mais, não me confunda com ele. Se ficar no meu caminho, vou atropelar você.

— Sei diferenciar vocês. Sempre soube, desde quando você fingia. — Alessandro solta uma risada compulsiva que me dá medo.

— Eu sei e aquilo me deu um puta tesão. Toda vez que eu estou perto de você, consigo sentir o seu medo. *Ele fede*. — Sua outra mão livre atravessa a beirada do decote comportado do meu vestido, expondo o sutiã. — Hummm... seus seios cresceram consideravelmente. — Os dedos grandes abaixam o sutiã pela metade, expondo o bico duro, devido ao arrepio que se prolonga até meus braços e pernas. Ele o aperta com a ponta dos dedos e é inevitável não gemer.

— Ahhh... — É baixo, mas ele ainda consegue escutar. Seu sorriso volta a crescer e a satisfação de me ver ceder é maior do que qualquer outra coisa.

Sua boca desce até a aréola, encaixa os lábios perfeitamente ao seu redor, sugando levemente, depois com uma pressão ainda maior. Meus dedos automaticamente procuram a nuca dele, porque meu corpo já conhece o suficiente de meu marido para pedir por mais toda vez que ele está próximo, ao fechar os olhos e me entregar ao que me obrigo a acreditar que é Daemon, sinto-o cravar os dentes com força, e eu juro por Deus que os sinto furar a pele de meu peito.

Um grito escapa de minha boca, mas, ao me lembrar de onde estamos, mordo o lábio, ferindo a pele até que o gosto de

ferro se alastre pela língua.

— Você pode alegar que sabe me diferenciar de Daemon... — sua mão sobe meu vestido até encontrar a alça da minha calcinha na pele da cintura, ele segue a beirada do pano até ter os dedos entre minhas pernas. Desliza-os com tanta facilidade, que não é necessário tentar adivinhar o que já está explícito. *Eu estou sempre pronta para ele.* — Mas não acho que a sua boceta saiba, *Jezebel.*

Ao olhar para baixo, encaro meu seio, que pinga lentamente gotículas de sangue no tecido do vestido.

— Alessandro. — Seu nome em minha voz é um murmúrio. Perco sua atenção para encarar a marca dos dentes em meu peito e os dois pequenos cortes um pouco acima da aréola.

— Vejo você na mesa, *esposa*. — Ele abre a porta e se vai.

Encaro minha imagem no espelho, uma mulher que pouco almejou e, quando o básico queria, teve-o de formas deturpadas por Deus, porque passar por isso deve ser o pior dos castigos.

Ao ajeitar a roupa em poucos segundos, saio do banheiro ainda acompanhando Alessandro, que acaba de se sentar à mesa, enquanto posiciona o pequeno tecido branco em seu colo com toda a educação e etiqueta que eu sei que Daemon, embora muito elegante, não tem.

Ao me sentar ao lado dele, em um ato de desespero imediato, torno a falar, mas antes que eu possa esboçar minha voz, o olhar da esposa de Augusto em meu decote se arregala.

— Isso é sangue? — questiona, assustada, encarando meus lábios.

— Hum... meu... minha língua... eu mordi minha língua no banheiro. Ele estava tomando um ar, por isso a demora. — A falta de ligação dos fatos não passa despercebida pelos dois homens à mesa. — Humm... nós vamos embora agora. Meu marido não está se sentindo muito bem.

— Na verdade, estou muito bem. Eu só estava precisando de um... *ar*. — Alessandro levanta o dedo, chamando a atenção do *sommelier*. — Uma garrafa de conhaque, por favor. Lacrada, de preferência. — Pega o copo de uísque quase pela metade ainda e despeja seu conteúdo dentro do prato que Augusto está comendo. — Você já está gordo como um porco. Não é como se um pouco de álcool fosse fazer diferença. — Meu rosto esquenta e eu quero me enfiar debaixo da mesa, pois a educação de Alessandro talvez não seja como a de Daemon. — Vamos, eu vou fazer a você um novo pedido: quero que o remanejamento seja vetado pelo governo, não importa como.

— Acho que está confundindo as coisas, Alessandro. — Seu olhar, embora perspicaz, falha em esconder que não entender o que fez o *Capo* da Cosa Nostra mudar sua postura desde que voltou do banheiro. Não sei se ele acreditaria que é uma versão desestruturada do que deveria ser a presença de meu marido.

— Vamos embora, por favor. — Meus olhos se fecham e eu sinto as novas ondas de estresse latejando minha cabeça. Cuidar de mim já é algo dificultoso, mas ter que rezar para que Alessandro não estrague tudo com todos é coisa demais para que eu faça sozinha, é exatamente nesses momentos que Mattia deveria estar aqui, talvez ajudasse a melhorar tudo, ou arruinariade vez.

— Minha esposa é extremamente mal-educada, mas prossiga na resposta, *governador*. Com cautela, por favor. — Sua esposa tem um sorriso na boca, que mais beira a decepção do que a felicidade, envergonhada pelo prato de bistecas que recém-chegou estar cheio de uísque e pedras de gelo.

— Eu não tenho como ajudar você e... — Meu susto é grande quando, em uma velocidade vertiginosa, Alessandro toma posse do garfo sobre a mesa e o enfia com toda força e pressão contra a mão de Augusto Valarini.

Um dos homens que está do outro lado da mesa recebe um prato de porcelana na cabeça quando o *Capo* o mira de forma certeira. Um sorriso grande preenche seu rosto quando o segundo

homem, agora de pé, recebe o arremesso da faca de corte no ombro.

Os funcionários do restaurante se desesperam e eu me ponho de pé diante da mesa, que chacoalha quando Alessandro bate contra ela. A esposa de Augusto grita em um desespero único.

— Se você, hoje, é a porra do governador, é porque fui eu que lhe cedi o trono para se sentar. Então não seja ingrato na única vez que preciso do seu *dever*, seu desgraçado. Você é um associado e quando eu lhe fizer um pedido, apenas diga que vai fazer, não importa como! — Sua voz é alta e parruda. Os soldados das *decinas* recolhem os aparelhos telefônicos dos funcionários, para que nenhuma rede de apoio externa seja alertada.

— O que é isso?! Qual é o seu problema, Alessandro? O que deu em você, meu Deus! — O homem tenta, em pânico, tirar o garfo de sua mão ferida e ensanguentada, mas Alessandro não permite, quando afunda ainda mais o aço, fazendo com que ele grite, como um porco no abate.

— Diga que vai fazer Augusto, diga! — sua esposa grita, com as mãos na altura do peito, pulando e procurando uma só alma que possa impedir as ações de Alessandro. Eu poderia dizer que este é meu marido, mas não consigo enxergar nele mais do que fisionomia, pois o homem que ri enquanto o governador recebe todo o dente do garfo contra sua carne, não tem qualquer característica de Daemon.

— Se eu disser... estarei mentindo, porra! — ele grita e Alessandro tira o garfo, enfiando-o novamente em seu ombro.

— Eu juro que vou furar você inteiro aqui dentro, até que você tenha tantas brechas como uma rede de pescar, *governador.* — Seus olhos se arregalam, apertando-se em uma dor que não parece ser boa. — Veja pelo lado bom, você pode agregar na pesca da Sicília.

— Eu juro, eu juro que vou atrás disso... — implora em uma aflição sem igual, porque, se antes duvidava, agora ele entende que Alessandro pode realmente fazer todas as coisas que prometeu e as que não prometeu também.

— Você não está soando muito convincente. — O *Capo* volta a recitar, chateado por sua motivação não ter sido o suficiente.

— Ele já disse que vai fazer, Alessandro! — Tento encorajá-lo, mas sei que apenas o próprio governador pode fazê-lo.

— Eu prometo que vou dar um jeito, eu vou, estou prometendo pelo meu cargo. — O *Don* continua a encará-lo. — *Prometo com a minha vida* — murmura.

Alessandro finalmente o solta, e eu posso tomar um fôlego de alívio quando tenho certeza de que, pelo menos, não hoje, o governador será morto. Sento-me em uma cadeira, encarando o teto e percebendo o quanto meu corpo está quente. A falta de comida faz meu estômago roncar alto, mas esta é a menor das preocupações agora, pois preciso levar Alessandro de volta para casa, antes que ele resolva furar outra pessoa no meio do caminho.

— Agora, sim, podemos ir embora, Jezebel. — Ele passa os dedos no terno cor de vinho, mexendo na barba logo em seguida e respirando fundo. — Vou cobrar, Augusto.

O garçom passa com a garrafa de conhaque, amedrontado, e Alessandro toma-a da bandeja, abrindo a ponta com os dentes e virando o gargalo no meio da língua, depois de abri-la.

— Meu Deus! — murmuro.

— Deus não, sou apenas eu, matando minha sede com uma boa bebida. — Seus dedos pesados apertam o vidro, virando-o mais uma vez. Ele se volta para a *hostess*: — Mande a conta das despesas para Augusto. Ele vai sentir prazer em pagar. — conclui, antes de passar pela porta, puxando-me pelo punho.



O caminho de volta para a mansão é uma tortura. Não consigo olhar para Alessandro, a janela é o meu ponto de hiper foco quando não quero raciocinar que o homem que se senta ao meu lado tem como sonho me ver morta, dentro de um caixão. Ficar ao seu lado é um sacrifício a se pagar por amor.

E ainda dizem que o amor não mata.

Mal espero que o carro pare na porta de casa. Meus passos apressados me carregam pelas escadas, como se eu estivesse subindo junto de um furacão. Estou com raiva e não sei ao certo a quem devo destiná-la. A Daemon? A Alessandro? Certamente, ele.

Mordendo os lábios, sinto levemente a dor por já tê-lo feito antes, também por tê-lo ferido.

Passo pela porta do nosso quarto e não demora para ele estar ali, junto de mim, encarando-me ao tentar entender exatamente que tipo de emoção meu rosto está transmitindo.

— Que tipo de loucura se passa pela sua cabeça? — Meu questionamento chama sua atenção.

— A loucura de resolver os problemas de maneira eficiente — diz e toma outro gole de conhaque.

— Mattia disse que você deveria ficar comportado. Olha o que você fez, quase matou, Augusto! — Ele gargalha, eufórico, jogando seu próprio corpo na cama enquanto eu ainda estou de pé, vendo-o ser folgado.

— Por que o defende tanto? — Alessandro não está irritado, talvez a palavra certa seja curioso, embora ele já saiba o motivo, mas parece gostar de me ouvir dizer.

— Porque Daemon é meu marido. E se não houver ninguém para defendê-lo dele mesmo, quem mais o fará? — Encosto-me na parede enquanto o encaro com decepção.

— Você o defende tanto, mas mal sabe que ele vai fazer com você a mesma coisa que Adriano fez com Alessa. *Tal pai, tal filho*. — A forma como brinca com a verdade manipulada me faz duvidar se devo dar razão a ele ou acreditar que este homem deitado na cama é apenas um erro de consciência.

— O que quer dizer com isso? — questiono, e ele se aquieta, como se minha pergunta não fosse nada. — Você mente.

A fantasia derradeira de que Alessandro possa deixar de existir, cria magia dentro da minha cabeça, como se em um universo alternativo eu realmente pudesse apagá-lo da Terra, mas ela vai embora quando penso que para que ele suma, Daemon teria o mesmo fim.

— No fundo, você sabe que não, mas é uma tola apaixonada, que está sempre com pensamentos otimistas. Você me acha um problema, e mal sabe que existe um problema maior ainda *dentro de você*. — Meu coração palpita com sua maldição.

Meus olhos lacrimejam.

— Sonho com o dia que você vai sumir. — Quando ele ri da situação, meus olhos caem para o chão, vagueando até meus pés, que se movimentam para me retirar do quarto, pois eu não seria capaz de dormir no mesmo lugar que ele hoje.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 43

Requiem

JEZEBEL CONSTANTINI

Acordo cedo, próximo das sete. Daemon ou Alessandro ainda está dormindo. Não há vômitos pela manhã, mas Marta falou o suficiente no dia anterior, para pôr ideias em minha cabeça, que custam a sair, protagonizando até mesmo sonhos involuntários, que se tornam pesadelos.

Mattia ainda não chegou, então não há a necessidade de avisar qualquer pessoa sobre nossa saída. Com a garrafa de conhaque vazia, Marta prefere não acordar meu marido em sua cama.

Os corredores do hospital vazio estão gelados, e alguns sons dos maquinários cirúrgicos apitam, assustando-me a ponto de afastarem a nuvem de pensamentos que propagam tantas ideias que fica difícil de acompanhar.

Marta está tranquila, mas agora, ao seu lado, não adianta mascarar a preocupação que faz com que minhas pernas não fiquem paradas.

— Se está tão nervosa, dessa forma, acredito que exista a possibilidade de realmente estar grávida. — Ela chama minha atenção, ajeitando seus óculos no osso de seu nariz.

— Estou nervosa, porque posso estar doente — minto na cara dura, mas mesmo que a governanta saiba que é mentira, ela não pretende contestar e afirmar que talvez eu realmente o esteja fazendo.

— Sra. Constantini? — Uma jovem de jaleco branco surge na recepção enquanto me encontro ansiosa o suficiente para ficar em dúvida se dou ouvidos a essa médica ou ao comercial de xampu para caspa, que passa em som alto na TV no canto do balcão. Ao mesmo tempo, ouço o som do galão de água borbulhar, e a sensação é de que eu vou ficar maluca em breve. — Vamos lá?

Eu e Marta a seguimos por alguns corredores adentro, a médica corta em uma das salas e eu a sigo. O lugar é claro demais, janelas e raios solares nunca combinam quando meu estado emocional está deplorável, o escuro é sempre um lugar melhor, no qual ponho meus pensamentos em ordem.

— Lembra-se da última vez que menstruou? — Seu pequeno crachá mostra que o nome da mulher de pele clara e cabelos escuros, que nos atende, é Karin.

— Pouco mais de um mês atrás — respondo. Ela puxa o látex que estala em sua pele e encaro o teto quando sinto seus dedos entrarem dentro de mim de uma forma completamente desconfortável.

— Entendi. — Tenta alcançar algo com mais precisão, e automaticamente trinco os dentes. — Seu útero está fechado.

— Não seria mais fácil... ter feito um exame de sangue? — questiono, como se fosse uma melhor alternativa, do que ter alguém se enfiando dentro de mim de forma não educada.

— Ultrassonografias não apresentam falsos positivos. — Sorri, um tanto amistosa, na tentativa de me deixar confortável, mas a situação é tão preocupante que nem se ela me der um pirulito de ouro vai desencadear qualquer sentimento de felicidade, quando tudo que tive, desde ontem, foram motivos para sequer levantar-se da cama. — Vamos lá, levante a blusa...

Puxo a blusa até a altura do diafragma. O gel frio e gosmento se espalha em meu ventre até quase o quadril, causando arrepios por estar tão gelado, mesmo que provavelmente o pote esteja em temperatura ambiente. Ela busca a pequena cânula, passando-a da minha barriga até a região do umbigo, esparramando-se pela lateral direita, então pela esquerda, e afunda-o no baixo ventre.

Karin puxa a pequena televisão para meu campo de visão. Marta está sentada em um pequeno sofá com a boca miúda fechada, mas seus olhos estão ativos e a todo vapor.

— Eu não... entendo essas imagens. — A tela mostra imagens em um tom de azul que não têm nexo.

— Esse aqui é o seu ovário direito... — Uma pequena bola escura em contraste claro se movimenta na TV à medida que eu respiro devagar. — Hum... temos outra coisa aqui, mas me deixe te mostrar, este aqui é o seu ovário esquerdo... — Ela aperta ainda mais o pequeno aparelho em meu ventre, causando mais desconforto, até que ela simplesmente paralisa o braço em outro ponto, como se tivesse virado uma estátua, e abre um sorriso de orelha à orelha. — *Ele sequer tenta se esconder.*

— Hã... do que você está falando? — Sinto o coração bater na garganta, no ouvido, atrás de meus olhos e em vários outros lugares de meu corpo, mas ela aperta alguns botões no maquinário abaixo da tela, e é de lá que vem o som de um coração acelerado.

— Estava tentando engravidar? — a médica me pergunta, mas não é como se ela precisasse dizer alguma coisa, a imagem bem específica de um feto na tela azul é nítida, assim como os batimentos cardíacos. — Cem batimentos cardíacos por minuto.

— Isso é um... — Minha respiração pesa, como se eu tivesse corrido toda uma maratona, e tento tomar uma quantidade maior de ar para compensar o nervosismo, mas não consigo, não dá para encarar Marta, apenas a imagem do bebê e seu coração acelerado no monitor têm minha atenção.

— Isso é uma gravidez, Sra. Constantini. E, pelo tamanho, estamos entrando no segundo trimestre. — O pequeno som de um telefone sem fio soa em meus ouvidos. Não há mais batimentos de bebê ou qualquer outro som dos estalos de ar dentro do filtro de água lá fora. Há apenas eu, em um desespero que vai me adoecer se eu não me levantar e ir embora daqui.

— Que... — Isso é tudo que consigo esboçar.

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

— Treze semanas e três dias. Como não percebeu? — Karin mexe o instrumento mais um pouco em minha barriga. — Temos um... pequeno descolamento de placenta. Isso talvez explique o que você acreditou que pudesse ter sido uma menstruação.

— Tira — sussurro, abrindo os olhos devagar e fechando-os vagarosamente. Empurro a mão da médica para baixo, abaixando minha blusa em meio a uma vertigem violenta que faz meus joelhos bambearem. — Tira isso de dentro de mim.

— Jezebel... — Marta segura minha mão quando, com a ponta dos dedos, eu tento apertar meu baixo ventre, como se pudesse espremer o bebê de dentro de mim. — O que houve?

— Eu não quero. Eu não quero esse filho. — Em um estado de pânico, eu empurro a governanta devagar, tudo está confuso demais, quando vejo outros médicos entrando na da sala e então sinto todas as minhas forças irem embora.

A consistência da confiança é pautada em muitas coisas, a primeira delas é acreditar, como uma certeza ou realidade, que tragédias nunca vão acontecer conosco, mas o que se apossa de nossa cabeça quando tudo dá errado é capaz de nos acometer com sentimentos muito maiores do que a tristeza ou fracasso: a frustração indigna.

Eu sei que não podia ter engravidado, eu não queria, eu não deveria, mas agora a sensação é de que um buraco se abriu embaixo de mim e eu não paro de descer precipício adentro, desde que caí em sua beira.

Amo Daemon, mas não existe a menor possibilidade de ter um filho quando Alessandro também pode aparecer e me destruir. Não temos psicológico ou razão para criar outra pessoa. Estamos juntos, quebrados, e assim nos completamos. Não há espaço para destruir a vida de outra pessoa, ainda mais a de uma criança.

Abro meus olhos e o lugar no qual estou deitada me parece uma enfermaria. O acesso de soro em minha veia me faz sentir melhor, mas só estarei feliz de verdade quando meu ventre estiver vazio e eu souber que tudo não passa de um pesadelo.

A culpa está de mãos dadas comigo e não consigo raciocinar com coerência. Como vou chegar em casa e encarar meu marido, sabendo que, graças à minha falta de atenção em tomar o remédio da forma certa, estou dando a ele um outro ponto cego para que façam de mira, porque, aos meus olhos, não bastava a mim mesma?

— Por que disse aquilo, sobre *tirar de dentro de você*? — Meu susto involuntário chega quando Marta expõe sua presença, aumentando sua voz na cadeira próximo aos meus pés.

— Daemon não quer filhos. Eu prometi que tomaria o remédio de forma correta. Ele não quer que eu ou outra pessoa passe pela iniciação da Cosa Nostra. — A governanta entende que isso não é um veto, mas talvez uma prorrogação de que o *Capo* da *Omertà* não deseja ter um filho, finalizando a herança sanguínea de sua geração nele mesmo.

— Já está aí, quer ele goste ou não, Jezebel. Ele não tem escolha. — Usar as palavras certas não dá certeza de nada, e não sei se pareço inocente demais ou Marta quer me fazer crer em algo que ela acredita, mas não é a realidade na qual estamos atualmente.

— Você não entende. Existem problemas acontecendo, este não é um momento adequado para um filho. Estamos expostos, a Cosa Nostra enfraqueceu. Não podemos demonstrar mais fraqueza. — Ela esfrega o rosto como se tivesse uma questão a ir aos acertos e, de fato, temos. Tenho duas possibilidades. Ou eu conto para Daemon, ou escondo até que exista um momento propício para contar.

— O correto é que você conte sobre a gravidez assim que descobrir. O que pretende fazer?

O dever é marital entre nós dois. Com isso, ele me jurou lealdade e preciso fazer jus ao que prometi também.

— Eu não posso mentir. Minha barriga logo vai crescer e não é como se eu pudesse esconder.

— Eu fui leal a Daemon durante muitos anos. Não posso interferir em sua vida, mas se não quiser contar, posso ajudar você. Apenas saiba que, se isso sair de controle, eu mesma contarei. — Marta está certa.

— Não. Eu vou contar a ele hoje.



Ao chegar em casa, Daemon está de volta, não sei em que momento isso acontece, nem tenho cabeça para tentar adivinhar. Tudo o que eu penso é em como fugir do *meu problema*. Já que esse não é o tipo de situação que se resolve ao tomar um remédio e repousar, como se faz com uma gripe. Quanto mais eu descansar, mais minha barriga vai crescer e então vou ficar mais debilitada, fraca e estresse será a recepção de meu marido, negativa o suficiente para fazer jus ao que ele havia prometido: *dar um fim ao problema*.

Pedi para que Marta fizesse um almoço simples, apenas para que pudéssemos nos sentar à mesa. Ela o chamou no quarto

e disse que ele já estava na cama, encarando a janela com o telefone na mão. A essa altura, provavelmente devia estar tomando ciência do que Alessandro cometera na noite anterior.

Ele desce as escadas a passos tão pesados, que consigo ouvir enquanto estou sentada à mesa. A iminência de uma discussão já acontece em minha mente, quando estou prestes a contar a ele algo que foi conversado antes entre nós, para que não acontecesse. Não precisamos de uma preocupação a mais, entretanto fiz questão de trazer uma.

A sopa de ervilha está quente. A fumaça indicando a alta temperatura se dissipa no ar sem que eu precise assoprá-la. A governanta também assou pães temperados no forno para usar na comida, mas estou sem fome, como uma azia que queima minha garganta em um lembrete de que nenhum segredo fica escondido por muito tempo.

— Está melhor? — ele questiona, tomando a colher em mãos e pondo-a na língua, degustando do almoço.

— Por que não estaria? — questiono, começando a comer pelas torradas, para pelo menos não parecer tão séria.

Daemon faz uma breve pausa com a colher entre seu prato e a boca. Seu olhar se estreita em minha direção e ele morde a boca em uma apreensão duvidosa.

— Marta disse que vocês foram à feira hoje pela manhã. Quando acordei, vocês tinham saído. Não saia sem avisar. — Não o encaro enquanto ele fala.

— A noite de ontem me deixou ansiosa. Eu precisava sair, não quis te atrapalhar. — Mordo mais uma vez o pão, craquelando alto.

— Alessandro te fez algo? — Meu seio ainda está dolorido por completo por causa da mordida do dia anterior, e ainda que eu odeie esse fato, não foi exatamente esse o tipo de sentimento que tive naquele momento. *Foi bom.*

— Não, mas deveria fazer a mesma pergunta para *Augusto*. — Daemon balança a cabeça de forma negativa quando me ouve

dizer-lhe que os feitos do dia anterior somaram mais dívidas do que lucros.

— Eu fiz. Liguei pela manhã. Ele não quis falar comigo, então falei com sua esposa, Suely. As coisas não estão muito boas entre mim e ele, mas ele vai tentar vetar a Santa Sé na assembleia com o Colégio Cardinalício.

— Como... como aconteceu? Eu nunca o vi... sair assim... — Minha curiosidade fala mais alto. Foram poucas as vezes que pude ver Alessandro agindo dessa forma, mas vê-lo sair de um sono profundo, no meio da noite, ainda é estranho.

— Não me lembro... — De uma forma desajeitada, confuso, Daemon tenta esboçar o que sentiu quando a *outra parte* pôs sua face em jogo. O olhar taciturno está distante, como se quisesse voltar a algum momento do passado para resgatar os últimos segundos que ainda estão claros para ele. — Entrei no banheiro, sentindo uma dor de cabeça muito grande, e então... então eu... tudo apagou.

— Acha que estamos no caminho certo?

Há novamente uma parede entre nós dois, um muro denso e rochoso que o está distanciando de mim. Ele sempre fica assim quando Alessandro vai embora. Como se entrasse em uma catarse própria para tentar se recordar de memórias que nunca vão voltar.

—Nós *precisamos* ir para o caminho certo. Não existe opção, porque se falharmos... *seremos apagados da história*. — Daemon está calmo, calmo demais, e se não for agora, não sei quando pode ser. Existe uma serenidade que pode se tornar o olho do furacão, mas não há maneira mais confiante de fazer isso.

— Eu... preciso... — Um dos soldados que fica do lado de fora me interrompe ao entrar pela porta da frente, chamando a atenção de Daemon. Enquanto aguarda sua permissão para falar, tem uma postura imponente de queixo erguido e ombros suspensos.

— Algum problema? — questiona o *Capo,* sem entender a intromissão fora do normal.

— Tem entrega para a sua esposa, padrinho. O carteiro acabou de deixar uma caixa. — Minha atenção é roubada, e então, ao olhar por cima do vidro da janela, consigo ver a caixa na entrada, do lado de fora, nos primeiros degraus.

Daemon me encara e eu prontamente me defendo de seu olhar acusador.

— Eu não pedi, tampouco comprei qualquer coisa que possa ser entregue.

No mesmo momento ele se levanta da cadeira e torna a ir em direção à porta. Os minutos correm devagar junto do ponteiro do relógio, que vagarosamente soa em um *tic-tac* dramático, acariciando o tempo enquanto nos leva para mais um segundo perto da morte. A porta se abre e eu conto menos de um minuto para que Daemon volte para dentro de casa agitado.

— Vá atrás do carteiro, *agora*. Chame Mattia, Benito e a porra do Conselho. — Não é desespero, mas a preocupação que o alvoroço partiu de algum lugar. Seu olhar estressado pausa sobre mim quando ele torna a atravessar o corredor.

— Sobe para o quarto, agora. — Aí está seu rompante de ignorância, que antes estava perdido, mas com a situação incerta em que estamos, acabo de encontrá-lo.

— Subir para o quarto? O que aconteceu? — Meu semblante confuso pede o mínimo de esclarecimento, mas ele pega o telefone, tenta ligar para alguém, e facilmente se estressa por não conseguir.

— Eu mandei subir, Jezebel. *Me obedeça* — Daemon repete, tirando por algum tempo o telefone da orelha, mas, depois de praguejar, volta com ele para o mesmo lugar. Eu me levanto sem muito ter comido e, mesmo tendo algo tão importante para falar, minhas prioridades mudam quando estou sendo sacodida de um lado para o outro, sem entender a razão. — Vá logo!

Arrasto meus pés pelo chão. Marta está do lado de fora, próximo ao jardim, conversando com os soldados. Há dez minutos, tudo estava normal, as pessoas estavam calmas, mas

uma onda de caos se apossou dessa casa e estou impedida de entender qual foi o ponto de partida.

Daemon se distrai, mas, ao olhar em direção à porta, perto da qual a enorme caixa de papelão repousa, a curiosidade grita, porque foi após sua chegada que fora decretado o estado de calamidade dentro da mansão.

Em um passo rápido, corro até a caixa, pendurando-me na ponta dos pés para encontrar o que há dentro dela, mas como em um filme de terror obsceno, desta vez, tenho a completa e direta noção de que deveria ter ouvido Daemon e subido para o segundo andar, pois entre as bolas de isopor manchadas de sangue, está a cabeça de uma figura feminina: os cabelos escuros, a pele branca e os olhos, retirados provavelmente no ato da morte.

— Merda! — Sinto os braços de Daemon me puxarem quando ele sabe que eu a reconheceria em qualquer lugar, mesmo que seu rosto já não tenha mais a coloração humana.

A cabeça dentro da caixa destinada a mim pertence a Jean Salerno, minha mãe, e antes de ser arrastada para dentro de casa por meu marido, é inevitável não ler o pequeno bilhete aberto sobre seus cabelos.

Tal mãe, tal filha.

Uma evidente ameaça de morte, não a Daemon ou à Cosa Nostra, mas *a mim.*

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 44

Um passo à frente

DAEMON DEMARCO

Os sensacionalismos enrustidos, nas tentativas de demonstração de poder, são usados pela mídia porca que detém a manipulação da comunicação. Dentro das contravenções Italianas, costumamos demonstrar a potência de poder com violência e destruição, tomando negócios e matando famílias. Era assim nos tempos antigos e agora, mesmo que por baixo dos panos, continua sendo. Essa metodologia nunca falhou e isso afastava os demais inimigos, que acreditavam poder intimidar a Cosa Nostra em alguma escala, mesmo que pequena. Portanto, a coragem deles cresce quando tentam usar conosco a mesma tática que temos. *Violência contra violência.*

— O carteiro disse que recebeu cem euros para trazer a caixa até aqui. Foi abordado no centro de Palermo. Averiguei, e ele realmente fala a verdade. — Mattia se aproxima afrouxando as mangas com o rosto suado.

— Peça que algum *Caporegime* vá até a cidade e consiga as filmagens. — Não é impossível mandar uma cabeça humana para a casa de alguém, mas, para enviar a cabeça da mãe de Jezebel à porta de minha casa, é preciso muita coragem. — Jezebel?

— Marta levou um chá para o quarto e deixou que ela se deitasse sozinha. Sei que talvez nunca tenha tido a possibilidade de alguém precisar de você, mas ela vai. Ficou abalada. Vou subir e conversar com ela daqui a pouco. — A sede é saciada quando viro a garrafa inteira de água em minha boca, bebendo até a última gota. O nome disso é estresse. — O Conselho já está nos esperando.

— Qual o seu palpite? — questiono-o.

— Dario, com certeza. A mãe de Jezebel trabalhava em um de seus bordéis. Certamente podem ter sido influenciados pela *Legião*, mas, com toda certeza, foi obra de Dario. — Suspira, raspando os dentes nos lábios inferiores.

— Deixamos tempo demais passar. — Meu casamento com Jezebel me roubou boa parte do tempo e das idealizações, então a *Legião* surgiu logo depois, em um impasse invisível que me fez pisar em ovos e ter que cuidar de uma coisa de cada vez, quando era óbvio que todos estavam me atacando de forma coletiva.

Entro na sala e sento-me em minha cadeira.

Há tanto para passar para o Conselho que eu sei que, nesta tarde, estaremos em discordância acerca de muitas coisas, mas o consenso também precisa estar presente, caso contrário transformaremos esta reunião em um concílio da *Omertà*.

É visível o atordoamento de Nero, sentado em sua cadeira, tomando um gole de água a cada trinta segundos.

— Sua esposa? — ele questiona.

— Está recolhida no quarto. Vai ficar bem — respondo.

— Desejo os meus pêsames a ela. — Aceno com a cabeça.

Emiliano toma a frente, sugerindo um posicionamento mais firme dos fatos.

— *Isso* foi um afronte grande demais. Precisamos contra-atacar, não podemos simplesmente deixar isso passar. Tem a porra de uma cabeça na porta de entrada. — Todos estão em um acesso de raiva. O sentimento é de termos sido complacentes com

Dario. Em vez de tê-lo destruído quando se recolheu com Alessandra, aproveitamos do sumiço para cuidar de coisas mais urgentes e imediatas: o alicerce do meu governo na Cosa Nostra e *o casamento.*

— O ideal seria que pudéssemos fazer ataques múltiplos na Calabria, de preferência, nas maiores monetizações que ele tem nas fronteiras. Se atacarmos apenas um ponto, ele vai reunir todo o pessoal em somente um lugar. — A sugestão de Benito é brilhante.

— Podemos explodir alguns estabelecimentos com uma diferença de algo entre dois ou três minutos. — Emiliano volta a explicar. — Alguns moradores da Calábria dizem que Dario tem o costume de visitar os estabelecimentos de vez em quando.

— Mas pode ter certeza de que, na primeira explosão, ele vai estar bem longe. — fala Benito.

Batendo os dedos sobre a superfície da mesa, tento traçar os mesmos passos que Dario traçaria, mesmo que nossas cabeças funcionem de formas diferentes. Não ajo com a emoção, mas com a frieza da razão, porque, se eu perder, não será apenas eu, será a Cosa Nostra inteira.

— Ou talvez não. Talvez ele resolva contra-atacar de alguma forma. Dario não consegue esperar poeiras abaixarem, ele aproveita para se enfiar no meio delas, mas quando ele botar a cabeça para fora da toca, nós... — passo o dedo no pescoço, simbolizando nosso triunfo — cortaremos o mal pela raiz. — Apoio as costas no encosto da cadeira. — Esse é o maior momento de fraqueza de Dario, o nascimento de seu filho com... sua esposa Alessandra. Mas também existe um ponto sério, o qual eu já queria expor para vocês.

— Mais sério do que a cabeça que recebeu em sua porta? — Alguns riem pelo senso dinâmico da piada interna.

— A *Legião* está se movimentando. Peter acha que está sendo observado e a Santa Sé fará uma assembleia com alguns cardeais para a votação do remanejamento clerical dentro dos

centros religiosos. Se isso acontecer, vamos perder todos os mosteiros, monastérios e... catedrais. — Um silêncio sepulcral invade a sala. O Conselho sabe que a maior porcentagem de ganho da *Omertà* vem de dentro da fé do homem.

— O governador? — pergunta Nero.

— Está ciente da situação e vai tentar ajudar, mas por a igreja ser independente, ele talvez não possa fazer muita coisa. — Minha boca está cada vez mais seca, talvez seja o nervosismo pelo controle que anda escorregando a cada dia mais de minhas mãos.

— Peter precisa vetar — afirma Valério, tomando a voz de forma sobressalente.

— Ele corre perigo e não posso assumir o risco de perder o cargo de sumo pontífice. — Ele balança a cabeça de forma negativa com a minha resposta.

— Isso é um grande problema, Alessandro. Esse remanejamento vai tirar a nossa autoridade nos monastérios e, com um corpo de cardeais tão autônomos, mesmo tendo Peter lá dentro, vai acabar nos encurralando. A resposta agora é arrumar uma forma de vetar esta sugestão da Santa Sé, mas e a longo prazo, como faremos? — O avô de Mattia é um homem de pensamento denso, que, mesmo vendo a vitória logo à nossa frente, olha para o futuro, no desejo que ela também esteja lá.

— Precisamos conter ou destruir a *Legião* — Mattia diz e aperta os olhos, porque entende que o Conselho quer respostas. A grande questão é que nem eu mesmo as tenho ainda.

— Peter precisa vetar. Não há opção. Não podemos correr o risco de que esse remanejamento seja feito, porque será impossível desfazê-lo depois. — afirma Nero.

— Ele vai correr perigo. Não compreendeu? — seu neto lhe responde.

— Precisamos correr este perigo. Peter é um só, em nossa Monarquia somos muitos. Esta contravenção é feita de sacrifícios — Luizio reproduz.

— Eu... — Minha chance de expressão é interrompida pela vibração incessante do meu telefone no bolso. A primeira vez talvez tenha passado despercebido ou a intenção de atender tenha sido minimizada pela prioridade de resolver uma nova questão pendente, que deveria ser a cabeça da minha sogra na porta da minha casa, mas o nome na tela me mostra que as prioridades agora são outras.

Mattia, ao meu lado, encara-me com uma pergunta muda, na intenção de saber quem resolveu nos interromper em uma reunião de última hora.

— Do Vaticano — resmungo baixo, retirando-me de meu lugar sob o olhar do Conselho. — Uma ligação importante. Mattia vai terminar esta assembleia hoje. — Recebo uma confirmação visual de todos, antes de bater a porta e sair pelo corredor. — Peter.

— Deus, por que demorou tanto, Alessandro? — ele se queixa do outro lado. Parece estar nervoso.

— O que houve? Está tudo bem? — Sua pressa me traz preocupação. Peter é dono de uma paciência sem igual e agora, quando mostra o contrário da virtude que sempre o categorizou, traz-me a velha e robusta sensação de peça fora do eixo.

— Não posso vetar a decisão da assembleia neste final de semana. — Noto um certo tom de instabilidade em sua voz, como se a tivesse usado por tempo demais. — Não posso, Alessandro. Sinto muito. Eu... *eu estou com medo.*

— Por que está falando desse jeito, Vossa Santidade?

— O camerlengo[4] de Czar foi encontrado morto ontem à tarde. *Ataque cardíaco,* disseram. A Santa Sé vai emitir uma nota de pesar, hoje, mas acredito que, na verdade, eles não sintam tanto assim. — Dá uma pausa na afobação. — Amanhã será a nomeação do novo camerlengo.

— E você escolheu alguém de confiança?

— É aí que está o problema. Ninguém se ofereceu para o cargo, há apenas um homem. Portanto, com uma opção única,

eles elegeram automaticamente Vicente Valentin. — O silêncio investido entre nós dois me arrepia. — Isso nunca aconteceu.

— Você quer abdicar?

— Sinceramente? Quero, mas acho que descobri algo que pode ajudar. — Uma chama de esperança se acende, mais forte do que anteriormente. As possibilidades são muitas, mas vindo de Peter, diretamente de dentro da Santa Sé, talvez essa chama de fé seja maior do que a que estou depositando no governador.

— Ao me instalar no Palácio Apostólico, eu trouxe alguns itens pessoais. Trouxe um pequeno piano de calda e precisei empurrar o armário do quarto para outro lugar, para conseguir encaixá-lo aqui. Eis que encontrei uma chave de prata com um papel que parece explicar como funciona a caixa que ela abre. — Ainda que esteja sendo muito minucioso em como me passar a informação, não me vem à cabeça qual desfecho a chave em específico poderia ter, mas Peter se prolonga na informação.

— Czar tinha muitas joias que eram dadas por Adriano, e de acordo com as investigações, oferecia aos meninos em seminário, para obter relações sexuais. — De fato, o que digo se trata da verdade, já que a investigação o desmoralizou como uma figura de fé. Ele teria ficado preso o resto da vida, se não tivesse escolhido tomar a pílula.

— Mas acho que você não entendeu, Alessandro. A chave possui uma palavra em hebraico gravada, que traduzindo para o italiano quer dizer: *Legião*. — O ar se prende em meu peito. A chama de esperança, depositada em Peter, não é em vão, porque ele acaba de me mostrar um raio de sol em meio a uma escuridão que beira a cegueira. Algo que nem mesmo Dante conseguiu fazer.

— Me dê a chave. Vou pedir que o *Caporegime* traga pra Sicília e... — tento me pronunciar, mas sou derrotado mais uma vez.

— Não. Acho que a caixa a qual esta chave abre está escondida, eu não sei o que pode ser, mas... pelo visto... ela abre

algo que Czar sabia o que era.

— Peter, a *Legião* guarda segredos do Vaticano. Não estou falando sobre crimes, estou falando de assuntos históricos. Se esta chave realmente for da forma que você está me dizendo, então ela é o caminho para o que a própria *Legião* esconde. — Confio em Peter, mas levando em consideração que ele está dentro de uma toca de cobras, todo cuidado é pouco, e a oportunidade que provavelmente acabara de encontrar, não vai bater à nossa porta uma segunda vez. Aprendi com Alessa que raios nunca caem duas vezes na mesma árvore.

— Deus... então isso explica o meu quarto. — Peter diminui o tom de sua voz.

— Peter, preciso que você me explique o que *realmente está acontecendo*.

— Hoje pela manhã, eu fui à Basílica São Pedro para uma missa e, quando voltei, notei algumas coisas fora do lugar em meu quarto. As irmãs responsáveis pela limpeza relataram não terem entrado aqui. Encontrei a chave antes de sair. — O som de interferência fica um pouco mais alto do que sua voz. — Se Czar sabia da existência deles e era a favor da *Legião*, por qual motivo estariam procurando o objeto que esta chave abre em meu quarto? Por que Czar não entregou a eles antes de morrer?

— Estamos deixando algo passar.

— Vou esconder a chave em um lugar seguro. Entregarei-a para Ludovico até encontrar o objeto que ela abre. — Ele tosse.

— Como vai fazer isso?

— Do mesmo jeito que encontrei este artefato, Alessandro. *Procurando*.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 45

Um pesadelo

JEZEBEL CONSTANTINI

A morte é como uma pessoa famosa distante: você só observa de longe ou pela TV, e nunca acredita que pode chegar tão perto um dia. Nunca esperei rever ou reencontrar minha mãe, depois da última vez que nos vimos, não por eu não queria, mas porque sabia que as configurações de nossas vidas estavam invertidas demais para que precisássemos uma da outra.

Foi um ciclo.

Foi seu feito de ter me deixado no Convento de Palermo que me trouxe até aqui, porque, se eu não tivesse sido transferida para Pavia, a aliança de ouro e prata não estaria em meu dedo, ou talvez eu sequer estaria viva, se tivesse continuado com Jean e seu marido naquela casa.

Estou deitada na cama, com a cabeça no travesseiro, sentindo o choro entalado na garganta por tantos motivos acumulados que eu poderia listá-los de forma infinita. Minha percepção errada do que poderia ser feito pertinente à gravidez quase me custou mais uma dor de cabeça.

Eu não poderia contar a Daemon agora.

Ele não pouparia uma má reação, apenas porque é a cabeça de minha mãe em uma caixa na porta de nossa casa, e eu sinceramente não tenho neurônios para discutir agora ou ouvir gritos.

A região da coluna dói, nada muito forte, embora incomode um tanto. A porta se abre devagar e o rosto de Mattia surge primeiro, mas sua mão, com o pequeno *cupcake*, surge logo depois. Ele tem um sorriso, em uma tentativa desastrosa de tentar fazer com que eu não fique tão péssima quanto já estou, mas adivinha? Ele não vai conseguir.

— Eu sinto muito, Bel. — O Conselheiro se senta ao meu lado, botando o pequeno doce no travesseiro, próximo de minha cabeça. — Eu achei que, talvez, você pudesse gostar, é de noz moscada. Foi o que deu para comprar na estrada.

Recolho-me de barriga para cima, sua mão acaricia meu braço e o sorriso diminui, dando lugar a um suspiro de *falta de sucesso*.

— Obrigada — sussurro.

Desvio levemente meu olhar até o dele para, no fim, encarar o teto que, a cada minuto, vai escurecendo com o pôr do sol lá fora. A xícara de chá deixada por Marta está fria sobre a mesinha ao lado da cama, eu sequer a havia tomado e, ainda que estivesse quente, eu tampouco a beberia. Não tenho estômago para comer agora.

— Parar de comer não vai te deixar menos triste. — Sua tentativa mais uma vez é fracassada.

— A comida não desce.

— Eu sinto muito que você tenha presenciado aquilo. Ninguém merece morrer daquela forma. — Mattia olha para a janela aberta.

— Ela ainda era minha mãe — murmuro. — Aquilo foi uma ameaça, não acha?

— Daemon não permitiria que fizessem algo com você. — Ele pega minha mão, segurando-a firme. — E eu também jamais permitiria que te fizessem algum mal. Eu me preocupo com você.

— Falando desse jeito, eu até acredito. — Um sorriso miúdo me escapa como um suspiro e ele o devolve, contente por ter me feito esboçar qualquer reação que seja, até mesmo a de cansaço.

— Lembra-se dos livros que você disse que queria, quando estava na outra casa? — Afirmo com a cabeça. — Vou comprá-los para que você possa pôr em sua estante. Que tal uma edição especial de *Chapeuzinho Vermelho?*

— Eu não gosto mais dos contos dos Irmãos Grimm. Alessandro já é um pesadelo suficiente.

A lembrança me dá arrepios.

— Tem algo que eu possa fazer para que você se sinta melhor?

O que ele diria se eu contasse sobre a gravidez? Seria tão fiel a Daemon quanto eu acredito que ele seja, ou todo esse voto de carinho e lealdade que despeja sobre mim seria honrado com suas palavras? O relógio matuta no alto da parede e o vento é tão ausente lá fora que tudo o que consigo ouvir dentro desta casa é o *tic-tac,* que já nem sei se realmente existe ou se é fruto da minha imaginação distorcida pelo estresse.

— Jezebel? — A voz áspera arranha meus ouvidos. O olhar verde, pela brecha da porta, chama minha atenção até seu corpo grande e espaçoso passar por ela, parando no meio do quarto em um pedido mudo para que Mattia se retire. É Daemon. — Ah, você está aqui — diz ao Conselheiro.

Com uma pequena bolsa na mão, ele se aproxima.

— Porém, de saída — sibila. — Vou deixar vocês sozinhos. — Mattia se levanta da cama, embaralhando-se em seus próprios passos até estar de pé. — Espero que fique bem. — E se vai.

Daemon está sem jeito, ou provavelmente a palavra não seja essa. Ele não sabe por onde começar, não tem as palavras tão certas como Mattia, porque nunca precisou desejar que alguém ficasse bem, mas agora é sua esposa que está sobre a cama, tendo acabado de perder a própria mãe, e vê-lo assim, desencaixado, não é algo normal.

— Eu não sei desejar condolências. — Ele se aproxima, aconchegando-se ao meu lado, com um rosto monótono, de quem quer se pôr em meu lugar, mas não sabe como. Deita-se de barriga para cima, compartilhando do mesmo teto que eu. — Quando Alessa morreu, eu não... recebi nenhuma. Recebi o *"bom trabalho"*, apenas. Quando descobri que Alessandra morreu, eu ouvi *"foi uma fatalidade"*.

Ele está se abrindo.

— E como se sentiu?

— Cada vez mais vazio. É uma sensação de respirar, mas sempre estar oco. — Seus olhos brevemente se fecham. — Com o tempo, eu me acostumei.

— Não tem... vontade de se sentir cheio de novo? — Viro o rosto para Daemon enquanto seu contato visual ainda está no teto, mas duvido que sua atenção esteja realmente lá. Está imerso e, depois de algum tempo, fica em transe.

— Eu não me lembro de como é, mas... — Meu marido suspira profundamente ao meu lado. Seus olhos piscam. — Foi necessário, para aprender tudo o que eu aprendi, caso contrário teria me afogado no desespero, como muitos fizeram.

— O que quer dizer com *se afogar no desespero?* — Ele ri, tristonho.

— Ficar louco. — Seu rosto se vira e nossos olhares se cruzam, densos e machucados. Há tantas cascas em seu olhar, tantas camadas, mas diferentemente de antes, consigo ver agora que há uma rachadura nelas. — Alessandra ficou com tanta raiva daquele jeito, por causa da iniciação. É natural que tentemos justificar os traumas com algum embasamento imoral, mas

sempre aprendi que não se deve justificar os modos de iniciação, é apenas o dever de quem nasce nesse meio.

— Posso fazer uma pergunta? — Meus olhos queimam pela falta de se fecharem.

— Você faz muitas perguntas, Jezebel.

— E você nunca as responde.

— Mudaria algo, se eu as respondesse? — Meu corpo se vira em sua direção, ele faz o mesmo, unindo-se a mim em posição quase fetal.

— Se vamos ficar juntos por toda a vida, é do meu interesse saber como o meu marido se sente. — Sua expressão suaviza, seus olhos se abrem um pouco mais e seus lábios entreabrem-se para falar algo que não sai em sua voz.

— Eu nunca pensei nisso.

— Sobre ficarmos juntos a vida toda?

Ele nega.

— Sobre como eu deveria me sentir.

— Por que acha que matar Alessandra vai resolver o problema da Cosa Nostra? — Tento não subir o volume da voz. Não quero parecer insistente, mesmo que eu saiba que esteja sendo, mas quero entender por que a solução do problema que a transformação de sua irmã trouxe seja apenas a sua morte.

Daemon passa a língua pelos lábios, e seus olhos brilham. Ele diz que não sente nada, mas está tudo ali, cada sentimento, lacrado em uma forma de mascarar os traumas para fazer com que ele pareça ficar cada vez mais forte. Ele está montado sobre uma cadeira de sofrimento e ataca qualquer um que o ameace tirar dela.

— Não acho. Eu sei que vai. — Ele suspira. — Quando soube que ela estava viva, eu acreditei que... ainda quebrada, havia algo da antiga Alessandra lá, mas quando ela me apontou aquela arma... tive certeza de que a Alessandra que eu conhecia

morreu. — Seu olhar vagueia, e eu consigo ver sua pupila se dilatar antes de se retrair. — Foi ela quem pediu seu açoite a Dario naquela boate.

— Ela merece o perdão, Daemon. Você está deitado nessa cama com sua esposa, depois de tudo o que viveu porque, mesmo sabendo que posso estar errada, eu sei que, após tudo o que você passou, existe uma parte boa aí dentro. Vai matar sua irmã sem nem mesmo tentar? Há quadros dentro daquele quarto com o rosto dela e, seja lá o que eles signifiquem, acho que ela ainda representa algo para você.

— Por que insiste tanto, se ela só te fez mal? Como pode desejar que eu a perdoe, sabendo que ela quer me ver morto?

— Perdoe Alessandra não porque ela merece o perdão, mas porque você merece paz, Daemon. O perdão é sempre maior do que a justiça. — Ele encosta os lábios nos meus sem urgência, espremendo seu rosto contra mim. Posso ouvir nossas respirações se cruzarem. Meu marido se afasta, encarando meus olhos, seu rosto se endurece novamente e ele nega com a cabeça.

— Não há paz sem guerra. Dario está com a *Legião*. Alessandra está com a *Legião*, sendo assim, o responsável pela morte de sua mãe também foi ela. — Sua mão se enrosca em meu pescoço, seus dedos entram em meus cabelos, arrepiando meu corpo com seu toque quente. — Alessandra *precisa morrer.* — E então, como em uma noite de inverno, ele se distancia, frio de novo, sem o remorso de mais uma promessa de morte.

— Daemon... — sussurro. Não queria vê-lo dessa forma. O rancor por ver uma pessoa tão amada e pura, como sua irmã, ir para um buraco sem fim, fez com que ele criasse a ideologia de que ela se perdera em si mesma. Em tese, não duvido, mas mesmo que pouca, há certa bondade em meu marido, por que não há de haver um resquício em sua irmã também?

O bem é como uma planta. Ele só cresce se você o regar, pois nem todos os fins justificam os meios.

— Eu respondi o que você queria. Eu não posso usar palavras quando o próximo só tem morte a me revidar. Eu não vou ficar aqui, de braços cruzados, enquanto Alessandra tenta me destruir. — Daemon dá alguns passos para trás quando finalmente se põe de pé. Eu me levanto vagarosamente, apoiando-me na cama com a mão.

— Nós precisamos conversar. — Ele suspira e esfrega o rosto com as duas mãos, sem qualquer tipo de paciência.

— Já conversamos e eu vou agradecer se você não tocar nesse assunto de novo. — Sua voz endurece e o muro novamente é erguido entre nós.

— Daemon.

— Não — fala, cortante. — Em dois dias, nós vamos atacar a Calábria. Na noite do ataque, iremos para a casa do governador. Não vamos ficar na mansão. Será apenas por uma noite. Eu não tenho *tempo* para outros estresses agora. — Minha boca se fecha como um zíper.

Em sua concepção, é apenas isso que trago para sua vida: *estresses*.

— Se acha que ela realmente merece morrer, por que não conta para a Cosa Nostra que ela não é filha de seu pai?

Meu marido se vira, dando-me as costas como resposta. Essa é sua tática para me omitir o direito de conhecimento. Ele abre a porta como se eu estivesse muda e não houvesse qualquer tipo de questão em pauta.

Quando acho que suas camadas estão expostas, ele me dá uma pequena amostra do que há em seu interior e me expulsa como se eu não fosse nada, mas suas informações parecem nunca ser o suficiente para explorá-lo. É como achar que tem o quebra-cabeça completo e notar que sempre vai faltar uma peça.

Amá-lo dói e esse é o preço a pagar pela aliança em meu dedo.

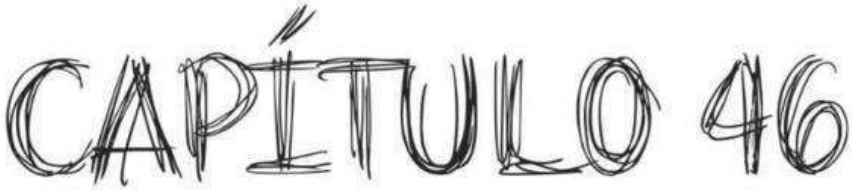
— Não me espere para dormir, chegarei tarde.

— Não vai me responder? — O questionamento fica no ar. É claro que ele não vai, assim como em diversas outras vezes não respondeu.

Sua atenção está presa à cômoda ao lado da cama. Seu olhar pesa, como se houvesse sono em suas pálpebras, e ele respira com firmeza.

— Não se esqueça do remédio. Não precisamos de um filho no meio desta guerra. — O pequeno comprimido branco se destaca na madeira escura. O copo de água intacto serve de piscina para uma mosca, que boia em sua superfície. Recolho toda a coragem que pus em minha língua para uma possível confissão e guardo-a dentro do peito de novo, quando sequer deveria tê-la deixado sair.

OceanofPDF.com



Uma chama se apaga



— Respeito sua família há muitos anos, mas o que você fez foi algo completamente desrespeitoso, Alessandro. — Um suspiro pesado preenche nossos ouvidos. Não costumo estar errado, entretanto, por mais respeitoso que Augusto esteja sendo, ele tem toda a razão. *Eu quase o matei.* — Por um momento, achei que fosse... *outra pessoa.*

— Você será compensado, Augusto. Foi um descuido da minha parte, deixei que o estresse falasse mais alto. — Água. No copo em minha mão, há apenas água. — Esse problema com o Vaticano está me tirando um pouco a paciência e, quando a perco, as coisas não vão muito bem dentro da minha cabeça. Não gosto de perder poder sobre o que é meu.

Augusto se levanta da poltrona de sua sala encarando as garrafas de conhaque até escolher uma. Mattia está ao meu lado sem qualquer pingo de felicidade, desde que contei o que aconteceu no restaurante. Seu receio é maior do que qualquer coisa, porém não vetarei este sentimento que pertence a ele. Sei do que fui capaz no passado, então sei do que Alessandro é capaz.

— Não tenho boas notícias. — Claro que não tem. A regra era simples, o papado deveria ser nosso, mas, em algum momento, um movimento foi feito embaixo de nossos olhos, retirando este poder de nossa mão, mas sei que o casamento de Alessa e Adriano é a chave para entender o que nos levou a ver parte dessa monetização desabar sobre nossas cabeças. — A Santa Sé sequer abriu minha correspondência sobre o pedido, então o enviei para a arquidiocese de Milão, que abrange grande parte das dioceses da Itália, mas a resposta que recebi foi: "*As Arquidioceses e Dioceses dirigidas pelo país do Vaticano, cuja monarquia teocrática está sob poder particular da Santa Sé, abstém-se da possibilidade de veto do remanejamento do corpo cardinalício católico, visto que este ato visa o acolhimento moral e afetivo do ofício religioso por amor às almas de Deus*".

A realidade que não se mostra nem um pouco ambígua; evidencia que, ainda que Augusto tivesse ido pessoalmente entregar o ofício sugerido para quebrar o remanejamento, ele não teria sido ouvido, pois sempre esteve claro que este movimento, na realidade, visa retirar nossa força econômica como uma Monarquia.

A real é que o Vaticano é um país independente demais para se render aos caprichos de um governo que só busca poder por submissão.

— Entendo. — Sou pacífico na hora de responder. Sei que o governador tem boas intenções, mas ainda que ele tivesse qualquer opinião contrária, também sei que Alessandro a fez cair por terra, e é isso que importa.

— Nesta parte, não posso me comprometer a ajudá-lo com algo... — Augusto prova do álcool ao qual se serviu antes. — O governador da Calábria me devia alguns favores, feitos por mim enquanto eu ainda era um juiz e alguns outros que cedi a ele como governador. Para ajudar você na Calábria, pedi a ele para que recuasse a polícia local, a fim de que você pudesse fazer o que é preciso. Além do mais, pedi para que as empregadas disponibilizassem o maior quarto para recebê-los essa noite. Espero que o que planeja dê certo.

— Minha intenção é acabar com o mal pela raiz, mas sei que... isso talvez só tire os insetos do buraco. É o suficiente para que a ‘Ndrangheta entenda que não estamos dormindo enquanto eles sobem a poeira à nossa volta. — Giro o rosto, estalando o pescoço. Não dormi esta noite, fiquei acordado com Mattia traçando o percurso e decidindo com o Conselho a melhor área para criar atenção. A ideia era fazer com que Dario ou Alessandra tentassem se locomover pela Calábria, a fim de procurar um lugar mais seguro do que o comum ou, com esta ação, tentarmos descobrir a maior concentração de soldados calabreses para rastrear o paradeiro do *Capo*.

Lucius assegurou que ambos se localizavam na Calábria, mas as coisas estavam tão estranhas, que até mesmo o dono do tráfico de informações se encontrava em uma cortina de fumaça quanto a isso. Decidimos nos mover à noite, assim, chamamos menos a atenção com o grande fluxo de carros pelas estradas.

Jezebel e eu ficaremos na casa de Augusto, um lugar seguro na ponta da Sicília, uma cidade litorânea chamada *Marsala*. O clima marítimo denso faz com que sintamos o salgado do mar quase preso em nossa língua, a falta de flores da mansão é justificada pelo sal que se dissipa com a maresia, afinal a residência do governador fica literalmente à beira de um penhasco.

— Espero estar acrescentando neste triunfo.

— É muito bom poder contar com você, Augusto. — Ele acena a cabeça de forma positiva, revigorado por ter certeza de que não há chances de outro garfo perfurar sua pele. — Nossos convidados particulares chegarão em breve. Mas existe um outro assunto sobre o qual precisamos conversar, Alessandro.

Augusto escolheu um grupo de homens para que minha aparição aqui, hoje, fosse pública. O meu silêncio e a falta da minha presença na mansão poderia alertar Dario de que eu estaria indo atrás dele e não é isso que queremos, certamente não.

— Eu continuo te ouvindo, Augusto.

— Acho que posso estar sendo seguido. — Minha atenção se desvia da ponta de meu sapato, que brilha com a luz forte do lustre luxuoso acima de nossas cabeças.

Mattia se posiciona melhor, encarando-o.

— E como chegou a essa conclusão? — o *Consigliere* questiona-o.

— Eu... tenho notado alguns olhares estranhos pelo Palácio de Normanni. Quando estou a sair, depois das reuniões de juízo político, há carros que parecem estar atrás de mim. — Augusto tenta traçar um perfil, mas é tudo tão vago que, em outra ocasião, eu provavelmente não desse ouvidos a ele.

— Você acha? Talvez seja coisa da sua cabeça — sugiro.

— Sei notar movimentações estranhas quando as vejo, Alessandro. Não sou um garoto — ele atesta.

Mattia estala a língua no céu da boca e o responde:

— Ninguém disse que você era, Augusto.

— Vou deixar duas *decinas* cuidando de você — sugiro.

— Tenho meus seguranças. Não há essa necessidade. — Ele soa como se não quisesse sair por baixo, mas entendo.

— Mas você não tem os meus homens. — Ele não insiste. — Um minuto — digo ao governador. — Alô... — Atendo o telefone quando toca e me retiro para o lado externo na frente da mansão, na intenção de conversar de forma particular ao ver o nome de Lucius na tela do aparelho.

— Ao menos alguém usa o telefone da forma adequada — Dante resmunga do outro lado.

— E para quem mais você ligou para tratar deste assunto?

— Para seu Conselheiro, oras — o *Consigliere* me responde. — Enfim, quero te avisar que Lucius distribuiu homens à paisana pelas ruas da Calábria. Enquanto suas *decinas* atacarem, nossos homens vão estar de olho em alguns volumes específicos de soldados da ‘*Ndrangueta*. O primeiro ataque vai

começar à meia-noite, o segundo acontecerá após cinco minutos, o terceiro e o quarto exatamente a mesma quantidade de minutos depois. Vamos usar dinamite, a intenção é fazer a maior bagunça possível, para dar a falsa sensação de ataques planejados. — Dante toma um pouco de fôlego do outro lado da chamada. — Sabe que vamos chamar a atenção das autoridades, certo?

— Augusto vai controlar a autoridade local da forma que puder. De qualquer maneira, a justiça está conosco. — Meu costume de cortar o mal pela raiz está sendo engavetado. Sempre tive o hábito de encontrar soluções rápidas e eficazes, mas o que estamos fazendo é cozinhando o calo em nosso pé, esperando que ele fique mole para tirá-lo. Isso me deixa em um estado de agonia, porque não há o que fazer para conseguir agilizar este processo que passa em minha cabeça, como um sofrimento eterno.

— Jezebel?

— Está a caminho, com mais de vinte homens — digo, até ouvi-lo gargalhar do outro lado.

— Deixando a freira andar sozinha por aí? Deveria tomar cuidado para que ela não queira voltar a um monastério.

— Na verdade, você é quem devia tomar cuidado com a forma com a qual fala sobre ela. Da próxima vez, vou lembrá-lo disso.

— Não deveria tentar me ensinar como tratá-la, até porque, fui eu quem salvei ela de você, na última vez. Devia ter visto o desespero no olhar dela, por um minuto, eu senti pena. Você se odeia por amá-la tanto, Daemon. É visível. O homem que conheci, anos atrás, jamais colocaria tantas *decinas* para fazer a segurança de uma mulher. — Ele não está errado. Estou cuidando de um pequeno ponto fraco em minha casa, o qual se torna mais valioso do que qualquer diamante ou dinheiro, mesmo quando não deveria.

— Os homens são meus. Posso jogá-los de um precipício, se eu quiser. — A tentativa de mudança de assunto de nada serve

quando a intenção de Dante é fazer com que eu ouça o que não quero.

— Alessandra foi sua fé, mas é nítido enxergar que Jezebel é a fé de Alessa e, de onde quer que ela esteja, ela sabe que é sua esposa que vai quebrar o ciclo de Adriano. — Meu peito pulsa quando me recordo de tantas coisas que não são necessárias agora. As intenções de Dante são um mistério e suas falas procuram desencadear algo que, por ora, eu não sei o que pode ser. — Ainda não acho que ela seja a esposa ideal para você, entretanto sei que causa em você coisas que qualquer outra mulher sequer chegaria perto.

— Não seja imbecil — praguejo, revirando os olhos com o assunto sem nexo.

— Por incrível que pareça, não é minha intenção ser, mas estaremos juntos em breve.

— E sobre a *Legião*? — tento mais uma vez mudar o assunto, que só desce ladeira abaixo, e precisa dar certo.

— Estamos monitorando o diretor da Santa Sé. Lucius acha que deveríamos sequestrá-lo, mas acho que é melhor evitar um estresse maior e continuar atuando por baixo dos panos.

Rio de sua suposição.

— Estamos atuando por baixo dos panos para o governo, porque, certamente, a *Legião* sabe que vamos agir uma hora, partindo de algum lugar.

— Se eles estão prontos, nós também estaremos. — Seu senso de vitória é inspirador.

— Vou aguardar seu retorno.

— Até breve — murmura antes de desligar.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 47

Um recado no escuro

JEZEBEL CONSTANTINI

Os enjoos pararam, mas a iminência de um período difícil com a ‘Ndrangheta e a tal *Legião*, que se mantém invisível, só me deixa à beira de um colapso nervoso.

Meus seios estão visivelmente maiores, o quadril ficou mais largo, estou perdendo as curvas da cintura e a barriga, que não estava tão em forma, hoje aparenta um inchaço, porém, nada que me denuncie, ao menos, não ainda.

Não o quero, mas, ao mesmo tempo, pergunto a mim mesma que culpa este pequeno ser tem. Aquela que eu não tive quando nasci tendo Jean como mãe.

Não quero ser como ela, tampouco ter um filho para despejá-lo aos pés de um convento.

Os treinos com Benito continuaram. Ele não usa tanta força e procura focar na destreza. Eu gosto, é um bom passatempo.

Daemon tem se distanciado, a tensão do Conselho em encontrar uma solução tem lhe tirado a paz, a paciência e parte do juízo. Embora atacar a Monarquia siciliana tenha sido uma opção, ainda não é uma garantia de que as coisas se findaram,

talvez até acabem, ou talvez transformem a Itália em um verdadeiro inferno na Terra.

Eu tenho medo por mim.

Tenho medo por Daemon.

Por todos nós.

Vejo em seus olhos a forma como perde gradativamente o controle de tudo aquilo pelo qual lutou muito para segurar as rédeas, mas é inevitável, pois o círculo está se fechando em muitos pontos.

— Então não vai contar? — Marta penteia meus cabelos, relaxando tanto meu corpo que seu ato de ajuda me parece mais uma massagem, já que meus ombros caem e os olhos pesam. O cansaço é grande, mas a insônia, por todos esses problemas, é muito maior do que qualquer coisa.

— Não agora. — Ela maneja o cabelo até fazer um coque perfeito na parte mais baixa da nuca. — Vai ser bom, até lá, eu preciso me acostumar com a ideia, para não ficar pior com a reação dele.

— Precisa, ao menos, começar o pré-natal. — Um suspiro escapa de sua boca. A governanta tem a melhor das intenções, mas ainda sinto que talvez esta não seja a melhor hora para pensar nisso.

— Me dê ao menos duas semanas. Tem coisas demais acontecendo, Marta...

— Acho que Mattia poderia nos ajudar, sabe?!

— No momento, apenas eu consigo me ajudar com a minha aflição. Vou levar isso em segredo e... em duas semanas, começamos o pré-natal. Assim que todo esse problema com Dario e a *Legião* acabar, contarei a Daemon.

Depois de estar arrumada, eu me confortei com um pouco do almoço, para matar a fome de um café da manhã não tomado. Quando o sol cessa seus raios no horizonte, alguns carros com

uma *decina*, um dos *Caporegimes* e o motorista, chegam, porém sem Daemon.

Não perguntei por ele ou Mattia.

Em minha mente, mesmo que sem perceber, mas conscientemente, tento formular cenas que produzam o menor impacto negativo para contar a ele. Não sou boa em mentir e, em se tratando deste tipo de notícia, a preocupação está estampada em meus olhos.

Nada parece estar certo. Minha roupa, meu cabelo, o carro ou os olhares do motorista pelo retrovisor, absolutamente nada.

Pego no sono durante o trajeto e desperto apenas com o som de algo grande rangendo. Olhando através do vidro, vejo o enorme portão se abrindo e alguns seguranças na entrada. Pelos trajes, alguns deles são de Daemon.

O lugar é calmo, pelo jardim é possível ver o Mar Tirreno, que se estende ao longo da costa oeste, fazendo parte do Mar Mediterrâneo. O cheiro de sal coça o meu nariz, mas a brisa calma com o som das ondas traz uma falsa sensação de relaxamento, quando não há motivo algum para estar tranquila.

— Ah, você chegou. — Ao olhar para trás, Mattia tem um sorriso carregado de felicidade enquanto anda pelos arbustos do jardim, completamente verdes e com flores.

— Você está aqui — murmuro. O *Consigliere* pega minha mão, levando-a na altura de minha cabeça enquanto me analisa e positiva com a cabeça em um aceno repetitivo.

— Você está linda — Mattia elogia, e meu rosto esquenta. Ainda não é um costume ouvir outras pessoas elogiando minha aparência.

— Obrigada. — O silêncio grita e eu o corto, sem dar a chance para que ele possa se estender. — Onde está Daemon?

Seu sorriso perde a intensidade e ele encara a entrada.

— Em uma reunião. Eu estou de saída, vou para a Calábria coordenar as coisas por lá, junto de Dante, mas... ele vai ficar

aqui com você. — Teria perguntado mais coisas, se ele não tivesse respondido quase tudo.

— Você vai ficar bem?

— Pretendo — responde-me, contente pelo interesse.

— Estou envergonhada para entrar sozinha. — O Conselheiro de meu marido encara o carro na entrada da mansão e logo retorna sua atenção para o lado de dentro.

— Receosa por causa do último feito de Alessandro? Acho que Daemon já resolveu tudo. O governador está nas mãos dele. — E eu não duvido.

— Ainda assim, eu me sinto um pouco incomodada. — Ele estica sua mão para mim, esperando a minha.

— Vem, eu vou te levar lá dentro e depois volto para ir embora. Agora que você é marcada, não há problema em acompanhar você. — Encosto a ponta de meus dedos em sua palma, mas ponho meu braço em volta do dele. O xale em meus ombros não me protege do frio que pode se intensificar nas próximas horas.

— Não gosto de festas — sussurro.

— Mas vai se acostumar — ele sussurra também. Ao adentrar o espaço, a casa demonstra ser quase uma cidade em seu interior. Um espetáculo com parede de pano e mármore, o móveis são rústicos e, provavelmente, moldados em ouro. Não sou a melhor pessoa para determinar isso, porém brilham de forma tão intensa sob a luz dos inúmeros lustres, que não parece ser lataria. — Boa sorte, a mulher de Augusto gosta muito de conversar... — Mattia se desvencilha de meus braços e se afasta enquanto o olhar da esposa do governador, agora caridoso, recai sobre mim, seguido de um grande estouro de felicidade.

— Você veio! — ela murmura ,abrindo seus braços e dando pequenos passos no chão para livrar seu pé de uma torção no salto alto. — Por que demorou tanto, querida? — Sua simpatia repentina me surpreende, já que há mais motivos para me odiar do que para me receber bem. Ela encara uma das empregadas. —

Troque essas louças pela de porcelana, por favor. Não estão combinando com a toalha de mesa.

— Me desculpe pelo atraso — tento.

— Ah, imagina. O importante é que você veio. — Aproxima-se. — Não nos conhecemos da última vez, mas deixe-me apresentar... — ela fez menção de beijar meu rosto e eu tento acompanhá-la, desengonçada, mas reproduzo o mesmo. — Sou Sueli Valarini, esposa De Augusto.

— Jezebel Salern... é... *Constantini* — digo como se ela não soubesse.

— Eu sei, bobinha. Você é esposa de Alessandro Constantini, como eu não saberia seu nome? — O sorriso em sua boca se torna compacto. Ela me segura pela mão e eu me deixo levar pelo lugar. Do lado de fora, com uma linda vista regida pela varanda traseira da casa, de uma espécie de sala, uma mesa redonda de vidro e uma cadeira de madeira e linho ornam com a paisagem. O vento é um pouco incômodo de imediato, mas nada com o que eu não possa me acostumar. — Então me conte, vocês se casaram há pouco tempo, devem estar *aproveitando* muito um ao outro.

Meu rosto esquenta mais uma vez. Não há costume em expor minhas intimidades e, se até mesmo para meu marido é constrangedor, para terceiros costuma ser ainda mais.

— Ah... é... eu acho que sim — murmuro, pensando em algo que possa me tirar deste assunto. — Daem... Alessandro é muito ocupado, mas estamos nos conhecendo melhor. — Marta me contou que, em um casamento dentro da Cosa Nostra, na maioria das vezes, o matrimônio acontece quando os noivos se conhecem apenas de vista. Como eles dizem: *são só negócios*, e eu, talvez, seja uma exceção, afinal não se deve chamar dever e promessas de negócios.

— Augusto e eu já temos mais de vinte e cinco anos de casamento. O primeiro ano é o pior, as brigas são constantes e nos acostumamos um com o outro, mas o segredo é sempre

inovar, sabe? — Não há tom de malícia. Uma das empregadas se aproxima nos entregando duas xícaras. — Sempre lembrar o porquê de terem se casado e o que te traz felicidade vindo dele.

Aqui está. Estou sentada em uma mesa com uma mulher que acreditei, há pouco, só ter futilidades em sua cabeça, mas há males que vêm para o bem, e Sueli parece ter muito mais a agregar do que eu achei que ela poderia.

— Acredito que o seu casamento seja diferente do meu. — Minha sugestão é sútil, mas, por ser uma associada, junto de seu marido, tenho certeza de que ela vai entender a origem de meu comentário.

— No final, todos são iguais, Jezebel. Os homens são iguais. — O vento que vem do mar carrega a fumaça do que parece ser um chá quente sobre a mesa de vidro. Outra empregada vem e deixa algumas bolachas sobre a mesa. O som das ondas quebrando no fim do precipício só não é mais alto do que o som da música que se inicia lá dentro.

— Alessandro é diferente — murmuro.

— Fico feliz que confie em seu marido. Chega um momento que você deixa de ser a *namorada apaixonada* com um anel no dedo e, se não tiver uma boa amizade e uma boa comunicação, o matrimônio se resume a apenas um papel documentado em um registro civil entre dois estranhos na mesma casa.

— Você parece possuir muita experiência. — Ela ri com meu comentário.

— Acredite, minha experiência me custou muita paciência e dias botando Augusto para dormir no quarto ao lado, mas se eu tivesse a cabeça que tenho hoje, eu teria feito diferente. Uma boa conversa resolve muita coisa, afinal *o conversado nunca sai caro.*

— Vocês têm filhos?

Ela nega e seu olhar cai para a altura de seu joelho. O suspiro leve não passa despercebido por mim, assim como o leve

aperto que ela dá na lateral das coxas. Sua tentativa de sorriso sai murcho.

— Não — exclama desconfortável.

— Ah... eu... desculpa, não quis... ser invasiva. — Sueli passa a ponta da língua pelos lábios.

— Isso não é um problema. Mas... eu tive algumas questões de saúde no decorrer dos anos e acabei perdendo uma das trompas. Com seis anos de casada, eu tive uma gestação ectópica e perdi a outra. Não me interessei por adotar, os anos passaram e eu e Augusto decidimos não... não ter filhos. — Há uma desesperança genuína em seu olhar, assemelhando-a ao tipo de pessoa que desiste de seu sonho por falta de coragem, ou talvez por não se sentir capaz; no caso de Sueli, parece-me ser mais a ideia de que não poder gerar uma criança.

— Eu sinto muito... — A intenção não é desejar como se fosse uma condolência, embora saia assim.

— Não sinta. Estou bem com isso. E você, pretende ter filhos? Ah, que pergunta a minha, claro que pretende. Conheço como funciona a Cosa Nostra.

Sua resposta me pega de surpresa. *Não só pretendo, como vou ter.*

— Não estamos pensando nisso agora. — Tento desvencilhar. Meus dedos contornam a xícara de porcelana quente, levando-a até minha boca. A ponta da minha língua queima, mas estou tão nervosa com o assunto que persisto com a bebida, até ter minha boca cheia, engolindo e esquentando meu corpo.

— E nem deveria. — Seu rosto endurece. — Filhos estragam o casamento. É por isso que o meu e o de Augusto ainda funciona como se fôssemos jovens. — Sueli se levanta com um sorriso que mostra todos os dentes da boca. Algumas mulheres chegam pela porta de entrada sozinhas. Provavelmente, os maridos da maioria delas estão em reunião junto de Daemon e o governador.

— Será que vão demorar muito na reunião, lá dentro?

— Acredito que não. Mas, tratando-se de homens, não podemos esperar nada — resmunga, levantando-se. — Vou receber as convidadas. Fique à vontade, Jezebel, a casa é sua. Quando quiser se acomodar em seu quarto, é só pedir a qualquer uma das empregadas. Vão estar à sua disposição.

Filhos estragam casamentos.

Nunca tive qualquer intenção de ter um filho, qualquer sonho enrustido ou inconsciente. Crianças, no Convento de Palermo, eram apenas uma representação da pureza humana, da falta de ódio, violência e 1alícia. Verdadeiramente, nunca tive a questão do "e se", pois eu me via dentro do catolicismo, como uma verdadeira noiva de Cristo, para cogitar que, um dia, uma vida pudesse ser gerada em meu ventre. Eu pedia a Deus o tempo todo para cuidar da minha vida, como eu poderia ser capaz de gestar uma?

Mas a pior parte é não conseguir enxergar um final feliz para uma família em meio a todo esse problema.

Se eu tivesse ido embora quando pude, isso não estaria acontecendo.

Mas então onde eu estaria? Estaria em um lugar paradisíaco, talvez estudando, aprendendo algo, mas estaria com a cabeça completamente perdida nele.

Sozinha, ao olhar para o outro lado da mansão, onde fica a entrada pelo jardim, um dos garçons está parado e me encarando. Seu olhar acerbo se congela, mas sei que ele está consciente do que faz, porque seus olhos piscam, e a mira de sua atenção é reta demais para ser o tipo de olhar que você direciona sem querer.

As horas passam; seis, sete, oito, nove da noite. A música dentro da mansão toca e se repete, a ponto de eu conseguir gravar seus tons e cantar comigo mesma; as ondas lá embaixo hipnotizam e a sensação, quando fecho meus olhos, é como se o oceano me chamasse. Meu chá se tornou uma xícara de água gelada, um pouco salgada, por estar no tempo aberto. Volto a me

pôr de pé, apoiando a mão sobre a beirada do parapeito da varanda e fechando os olhos. O vento engole meu rosto ao soprar em meus ouvidos, sujando minha pele de maresia. Forte o suficiente para soltar alguns fios que antes estavam alinhados no coque perfeito em minha nuca. *Está frio.*

A sensação gelada na barriga se intensifica, porque sei que é apenas este curto vão que me separa do precipício. Esta é a única liberdade que me espera no fim desta vida que, embora acompanhada, ainda é tão solitária: *a morte*.

Os dedos largos e a mão grande ocupam o espaço dos dois lados de minha cintura. Minhas costas se aquecem e o sopro quente contra o vento frio não vem do mar, tampouco é salgado.

Sua barba grossa pinica meu pescoço e depois o ombro, fazendo-me crer que a liberdade lá embaixo jamais será tão confortável quanto a prisão de seus braços.

— Pensando em pular de novo, *noviça?* — ele murmura, enfraquecendo meus joelhos. Daemon percebe e segura meu corpo com mais rigidez. Estala um beijo em meu ombro e o suspiro em minha boca escapa pesado. *Qual o intuito?*

Sinto saudade do tempo que ele me chamava dessa forma, do tempo em que achei que a maldade fosse apenas uma falácia para ser vendida aos jornais e a crueldade estampada na face de Daemon era só uma casca, quando, na realidade, era a sua melhor parte, a versão *boa* que ele tinha.

— Apenas admirando a paisagem. — Seu peito sobe e desce; sua mão passeia por minha cintura e repousa apertada sobre o tecido do meu vestido, por cima do quadril. Meu corpo está colado ao dele e seus toques são tão sensíveis e densos quanto da primeira vez.

— Você admira demais o perigo. — Posso jurar que junto de suas palavras, um sorriso extremo se estende em sua boca. Estou de costas, sem poder confirmar minha teoria, mas consigo ouvir o som, mesmo que tão baixo, de seus lábios se abrindo mostrando os dentes.

— Talvez tenha sido por isso que me casei com você. — Ele ri de maneira mais audível e eu não o acompanho.

— Ah, não diga isso. Não sou perigoso... — suas mãos repousam em meus punhos e sobem por meus braços, adentrando o chale que se sacode com as novas ondas de ventania que invadem a sacada — ao menos, não para você. — Seu queixo trafega por minha nuca, passando suavemente sobre a marca que me denomina como dele.

— Você demorou. — Encaro seu rosto ao virar meu corpo para ele, quem sempre esqueço ser tão mais alto do que eu. Sua mão é quase o dobro da minha.

Termos e gestos carinhosos me desconcertam toda vez, porque sei que Daemon não é adepto a eles, então me faz questionar se ele os faz de propósito, quando estamos *brigados*, ou se gosta de ser controverso com suas palavras no que diz respeito ao nosso casamento.

— Detesto fazer política — resmunga.

— Cheguei há quase três horas. Vi Mattia sair para voltar à Calábria. Que bom que vai ficar — digo a ele.

— Ele vai me representar e me passar tudo o que acontecer lá. — Seu olhar trafega por meu rosto, brincos e cordão. — Demoramos na reunião, porque descobri um possível *traidor.*

Meus olhos se abrem levemente, mais do que o normal. Há muito tempo, eu não ouvia este termo. Com a notícia de que Daemon tomou oficialmente a cadeira de Capo em um casamento, a maioria dos associados foi apaziguada pelo Conselho, que estava preocupado com como a reputação da Monarquia é espelhada pelas ruas, mas, a esta altura, não duvido que isto esteja acontecendo. É no tremor de terra que as formigas deixam seus esconderijos.

— E quem... pode ser?

— Se revelará ao fim da noite. — Daemon está pacífico demais para ter descoberto um homem que põe veneno em seu banquete.

— Aqui?

— Não. — E isso é tudo o que ele diz, sem ter a menor intenção de se referir mais a quem quer que tenha dado a possibilidade de desconfiança, mas não acho que seja apenas uma suspeita. — Como eu disse, você está segura aqui, *comigo*.

— Tudo bem. — Respiro profundamente. — O que pretende fazer quando tudo isso acabar? — Meu questionamento o faz unir brevemente as sobrancelhas, como se seu ato pudesse fazer com que ele entendesse melhor a questão. — Falo sobre a *Legião* e... Dario.

— Fazer a reformulação da Cosa Nostra. Por que o interesse agora? — Ele tem suas dúvidas.

— Porque eu me sinto deslocada nisso tudo. Sinto como se estivesse atrapalhando, em vez de ajudar. — Daemon busca minha mão, demonstrando a aliança que brilha em meu dedo, compondo o desfecho matrimonial.

— Com isso, você já me ajuda. — A ponta de seu dedo roda o objeto circular em meu anelar.

— E por quê?

— Porque a nossa sociedade patriarcal estabeleceu um padrão de estabilidade no modelo de lealdade primordial, *o casamento*. Esta imagem de um homem *de família* constrói a impressão de ordem social, como um tipo de pilar para a sociedade. As pessoas costumam chamar de fascismo, quando o padrão de respeito ainda é *Deus, pátria e família*. Todos esses elementos me tornam bom o bastante para me sobrepor aos demais e, antes de você, Jezebel, eu estava... inadequado. Aos olhos de todos, agora, o meu pilar é sólido o bastante e me autoriza a me impor sobre eles. Se para isso basta um simples anel, então sim, você me ajuda no que preciso. É ridículo, mas para a sociedade funciona.

— Então isso tudo te ajuda a ter uma melhor imagem de forma pública. É isso? — questiono-o.

— Deus, porque o homem sem fé não é nada; a pátria se refere ao quanto você se doa ao seu país e contribui para ser um bom cidadão, e a família... hum... você já sabe.

— Então um filho ajudaria muito mais. — Seu semblante perde a leveza, assumindo uma posição de desconfiança que eu desgosto profundamente, porque é nesses tipos de olhares, como o que ele me dá agora, que acredito que meu marido possa realmente ser perigoso, principalmente para mim.

— Esta é a segunda vez na qual você fala de filhos, ou talvez a terceira. — Sua sobrancelha se ergue o mais alto que pode. — Por que a insistência, quando eu disse que a possibilidade é zero?

Os segundos param. Ele não pode descobrir de minha gravidez agora, no meio deste redemoinho no qual estamos inseridos, então, se eu disser que é coisa de sua cabeça ou apenas uma narrativa qualquer para aliviar seu estresse, ele se tornará ainda mais desconfiado.

— Porque talvez eu tenha mudado o meu pensamento, depois da última conversa.

— Seja mais direta. Esse não é um assunto que deve ser rodeado, Jezebel. — Meu nome em sua voz não soa bem.

— Você pretende mudar as regras da Cosa Nostra, certo? Quando tudo se resolver, podemos... tentar ter um filho, já que...

Ele me corta, frio e grosso:

— *Já que,* nada. Não podemos e *não iremos.* — O sorriso de cinismo nasce na mesma velocidade que morre.

— O que te impede de ter um filho, quando não há uma iniciação que me ponha sob a mira de uma Monarquia e Dario ou Aless... — E me calo, sem completar o nome. Sei do alarde que eu criaria entre nós dois.

— Por que insiste tanto nesse assunto? Eu não sou o bastante? — *Você é o bastante, meu amor.* — Quer ter um filho meu, quando há Alessandro dividindo esta mesma cabeça

comigo? — Daemon aponta o dedo em sua têmpora por cima do cabelo grande. — Está tomando seu remédio? Eu disse que não hesitaria em escolher entre você e um filho.

— É claro que estou. Não seria... irresponsável dessa forma — sussurro.

— Eu matei crianças. Dezenas delas! Como acha que eu poderia ter uma? — Meus olhos se enchem de lágrimas, elas não caem, penduram-se entre os cílios e os globos oculares, mas não duvido que façam com que meus olhos brilhem mais do que a lua que vejo refletida em sua retina.

— Mas... você não faz mais isso, certo? — Ele não pisca, nem uma vez sequer. Seu rosto avermelha e o silêncio me toma de forma inconsequente. Entretanto, eu espero que isso seja uma negação, porque não quero ter o silêncio de Daemon como uma afirmação agora.

— Daemon, aí está você. — Augusto surge com a mão em seu ombro, buscando sua atenção de forma inteligente e educada. — Espero que não esteja atrapalhando o casal.

— De forma alguma. — Daemon se prontifica a dizer.

— É uma honra revê-lo, governador — eu o saúdo.

— Não tanto quanto eu ao vê-la, Sra. Constantini. — Toma minha mão direita, dando um pequeno beijo em meu anel de casamento. Meu olhar escorrega por seu ombro e lá está o mesmo garçom me olhando da mesma forma. — Então, Alessandro... — Augusto continua a falar algo que não chega aos meus ouvidos e sei que meu marido o entretém no assunto de forma ativa. Qual a chance daquele garçom estar chamando minha atenção?

Encaro Daemon, que volta seu olhar para mim quando percebe que o olho fixamente.

— Vou... tomar um pouco de água. — Ele não veta minha saída, tampouco me cumprimenta.

Meus passos apressados me levam em direção à porta de saída para o corredor, onde o garçom se distancia olhando

brevemente para trás. Por outro lado, se eu me dirigir até a passagem que leva ao lado externo da casa, Daemon pode vir atrás de mim e não é isso que quero. A sala de jantar possui outra saída enorme e é por ela que saio quando chego lá.

A friagem me atinge rápido, arrepiando os pelos dos meus braços.

Aqui é seguro. Meu marido me garantiu, mas, se realmente não fosse, ele jamais me deixaria livre para andar por qualquer lugar por aí.

Porém, a pergunta é: quem seria louco de entrar na mansão do governador Augusto Valarini quando há um homem armado a cada cinco metros quadrados? Talvez nem mesmo Daemon fosse tão idiota assim.

O garçom entra em meu campo de visão, próximo aos arbustos. Sua roupa é como a dos outros, seu rosto também e o corpo pequeno e magro não implica à minha mente colocá-lo como possível ameaça. Eu me aproximo a passos curtos e ele sequer se move.

— Pois não? — Tento fazer contato direto, puxando o xale de forma que cubra ainda mais minha pele do ombro, que segue cada vez mais arrepiada, e não acho que seja tanto pelo frio desta vez.

Ele estica a bandeja.

— Pegue a taça. — Uma única taça pequena de água repousa sobre a bandeja, que por mais que pareça aço, duvido muito que Sueli, com todo o seu requinte, permita a falta de luxo até mesmo nos pequenos detalhes.

— É que eu vi você lá dentro e achei que estivesse me chamando e... — Ignoro sua sugestão, mas ele estende ainda mais a taça.

— Pegue a taça — murmura mais grave, entretanto mais baixo, e devido à pequena distância consigo ouvi-lo nitidamente.

— Eu não estou com sede.

— Pegue... — fala vagarosamente — a taça. — A palpitação se intensifica, causando-me um desconcerto na respiração.

Tomo de forma calma, porém instável, a taça em minha mão, e para minha surpresa um pequeno bilhete repousa em contraste ao objeto metálico.

O pequeno papel fora dobrado em muitas partes, o homem sequer espera e volta para dentro.

Minha cabeça está confusa agora.

Não há grafia visível. O letreiro foi colado com pedaços de jornal velho que, por ora, parece-me queimado ao passar o dedo e sentir as cinzas na pele, mas ainda é legível ao todo.

“*Rosas são violentas, as minhas preferidas, mas me questiono se o segredo que guarda em seu ventre vai custar a sua vida.*

É uma pena que nossos filhos não poderão brincar juntos. Me pergunto se Alessandro está feliz com a notícia. Com amor, A.”

Meu corpo fica estático, mas já não sinto o frio na mesma potência de antes, porque meu coração passa a bater mais depressa, bombeando em uma velocidade frenética que esquenta todo o meu corpo.

Transpiro. Minha pele se torna úmida enquanto, agora há pouco, estava seca.

Alessandra sabe sobre minha gravidez. Mas como? Não há chances de que ela saiba. Quem poderia assinar com a mesma vogal que carrega no início de seu nome? *Nossos filhos.* Só pode ser ela.

O hospital usado para o exame jamais vazaria qualquer tipo de informação, afinal apenas Marta, tirando a instituição de saúde, sabe que escondo este segredo de meu marido. Ela não contaria a ninguém.

E se Alessandra estiver deduzindo? Por que enviar o papel diretamente para mim? Como o garçom entrou nesse lugar? De onde ele veio?

Preciso de mais oxigênio do que consigo respirar agora.

O papel é amassado pelos meus dedos. Não sei se o sentimento iminente que me corrói por inteiro é de desespero, mas há um descontrole que não me permite sequer administrar para onde direcionar o meu olhar.

Conto a Daemon? Mas se contar, eu me entregarei. Como Alessandra sabe que estou aqui? Então será que ela sabe do ataque desta noite?

Há tantas alternativas. Posso ser egoísta ao esconder minha gravidez e permitir que, se Dario souber sobre o movimento de Lucius e Daemon de fato, ele desvie e continue encubado em seu esconderijo, ou posso contar ao meu marido sobre o garçom, revelando a ele minha grande mentira.

São duas opções que podem mudar o rumo de tudo.

Solicito, em pequenas palavras desengonçadas, a uma das empregadas que me mostre onde está meu quarto. Ela o faz depois de perguntar ao menos três vezes o que eu havia dito e se eu estava bem, porque, provavelmente, o choque da situação está estampado em meus olhos de forma taciturna.

O desespero só cresce.

Não consegui mais encontrar o garçom, ou talvez eu esteja desequilibrada até mesmo para prestar atenção ao chão por onde ando.

Minha mala e a de Daemon estão estiradas sobre o sofá, na lateral do cômodo. A pequena varanda no segundo andar da casa, em nosso quarto, tem uma vista privilegiada.

Mas não consigo reparar nisso, quando meu corpo está queimando em uma ansiedade que me engole a cada mísero segundo.

Fico nua no meio do espaço, buscando o banheiro, sem ligar qualquer luz, seja do lavabo ou do quarto. A escuridão toma cada canto do lugar, dando voz e espaço para meus pensamentos e neuras existenciais que vão me levar à ruína interna, antes que meu marido o faça, se descobrir o que guardo em mim.

Preciso me acalmar.

A água gelada banha meu corpo com pressão quando abro o registro, mas nem ela parece ser suficiente para acalmar minhas células, que agitam cada parte de mim. Meus seios pesados ainda estão doloridos, talvez em uma potência menor, mas ainda estão.

Levo meus dedos à boca, mordendo o canto de sua pele para um alívio psíquico que não chega. As extremidades de minha unha ardem debaixo do chuveiro.

Deixo que a água caia sobre meu corpo constantemente. Minha testa repousa na parede molhada do banheiro, enquanto eu me faço questionamentos sobre o que acabou de acontecer alguns minutos atrás.

Eu estou em apuros.

Ferrada.

E sequer há um espaço na tangente para sair.

Ao menos minha respiração se acalma. Vagarosa, mas consigo sentir o sangue esfriar aos poucos. Ao abrir meus olhos, Daemon está à minha frente, nu, com seus habituais olhos verdes, que cintilam em curiosidade.

Meu nervosismo volta parcialmente, fazendo com que eu pegue a toalha e deixe o box. Nossa última conversa explicaria meu comportamento.

Ele tenta vetar minha saída com o braço, mas como eu estou molhada, minha pele escorrega contra a dele, permitindo que eu saia sem grandes manobras.

Mas ele me segue, sem ter se convencido.

— Está desse jeito apenas pelo que eu lhe disse mais cedo? — *Preciso dizer alguma coisa. Preciso dizer alguma coisa. Preciso dizer alguma coisa.* Seu olhar cai para minha mão. Daemon rapidamente a toma entre seus dedos. — O que é isso? Por que está se autoflagelando de novo?

Não posso deixar que ele pense. Sua atenção oscila entre os ferimentos recentes e meu corpo descoberto.

Eu sempre o quero, mas agora é o seu desejo por mim que vai tirar a atenção do real motivo que me trouxe para o quarto, porque minha escolha será deixar a gestação em segredo, quando, provavelmente, Alessandra já sabe sobre o atentado.

Eu o estou traindo, de qualquer forma, e sei que pagarei o preço.

A cama está logo atrás de mim. Andando para trás, eu me sento sobre o colchão, arrastando o corpo com as mãos até o meio. O lençol de algodão seca parte de mim, mas são as pernas que torno a abrir para chamá-lo, tal como encantadores usam flautas para atrair serpentes.

— Faça amor comigo. — Meu pedido é sincero.

— Sabe que nunca vou lhe negar isso, mas, antes, diga o porquê voltou a machucar seus dedos. — Daemon deposita seu joelho sobre a beirada da cama.

— O futuro me dá medo — não minto, porém omito o motivo.

Ele caminha com as mãos, engatinhando sobre o lençol, afundando na maciez da cama. Deposita um beijo em minha boca, demorado e molhado. Sua mão aperta a parte de dentro de minha coxa e é o suficiente para que eu me entregue, cada fagulha do meu corpo.

Seus dedos trafegam por minha nuca, sua boca comprime a minha enquanto sua língua saboreia cada canto da minha, chupando os lábios em um beijo forte que me deixa inteiramente vermelha.

— Eu estou aqui, Jezebel. — Dá uma pausa. — E vou fazer muitas coisas com você essa noite, mas amor não será uma delas.

Meu corpo perde a sustentação quando ele enterra sua cabeça entre minhas pernas, lambendo meu clitóris para, logo depois, puxá-lo entre seus dentes, junto dos pequenos lábios, causando uma dor intensa a ponto de me fazer apertar os olhos.

Os problemas se vão como uma nuvem de fumaça e ele faz com que eu me esqueça da ameaça velada que quase fez com que eu desabasse dentro do banheiro.

Sua mão procura meu seio quando ele passa a língua por toda a extremidade e extensão dos grandes lábios, para esfregar a barba com força em meu ponto de prazer. Sobe mordendo a gordura abaixo do meu umbigo, onde já desponta um volume quase imperceptível.

— Então faça... — É um gemido, daqueles sofridos, de dentro do peito, não apenas da garganta. Minhas mãos agarram seus cabelos e rebolo contra sua boca. Daemon tira seus dedos de meus seios e os leva à minha bunda, apertando a minha boceta contra sua boca, e já não identifico mais o que faz quando há uma mistura de dor e prazer exagerado, mas ele continua e eu me desfaço em um gemido baixo, fechando os olhos enquanto meu marido não deixa uma gota sequer escapar por entre minhas coxas.

Sua roupa está inteira pendurada no estrado inferior da cama. Daemon levanta o rosto vermelho, como se tivesse o deixado sobre o fogo por algum tempo. Sua respiração acelerada torna-se audível até que ele alcance minha boca, mais afoito desta vez, compartilhando meu próprio gosto em sua língua.

Daemon agarra meus dois tornozelos, virando-me de quatro na cama em um susto com o movimento repentino. Tem-me na palma da mão, tal como uma boneca, enquanto brinca um jogo de prazer no qual ele é o mestre.

— Vamos reviver os velhos tempos... — Meu marido enfia seus dedos entre meus cabelos, embolando cada fio em sua mão,

como se fosse a rédea e eu, a sua égua. Puxa-os, batendo minhas costas contra seu peito duro e suado. — Matando a saudade e comendo esse rabo, como se fosse a primeira vez.

Aperta meus seios e chupa meus ombros, intercalando-os na tentativa de que eu não sinta sua cabeça inchada entre as bandas de minhas nádegas, enquanto abre caminho de forma dolorosa, afinal paciência não é o seu forte, tampouco carinho, quando é a minha dor que alimenta sua fome.

Doí, dói tanto, mas consigo me sentir cada vez mais molhada.

Ele continua até estar inteiro dentro de mim.

— Hoje, vou permitir que você me chame de amor... — Sua língua úmida e quente explora minha orelha, é inevitável não contrair e sentir o pau duro pulsar em minha bunda. — Mas é só por hoje.

— Não fique parado aí... *amor.* — Eu o sinto rir em meu ouvido. Daemon permite que eu apoie as mãos no travesseiro quando sai pela metade e se enfia com toda a agressividade possível. Sinto a pele do rosto se esticar enquanto ele puxa meus cabelos e entra fundo dentro de mim. Dói, mas o prazer e a satisfação de tê-lo tão entregue a mim me deixam mais excitada. O primeiro estalo queima como o inferno. Ao olhar para trás, ele tem um cinto de couro atado à sua outra mão e desfere golpes sem pena na minha bunda e quadril, enquanto me fode como se o amanhã não existisse.

Minhas costas queimam.

No meio da noite, entre os problemas que tocam o mundo lá fora, somos apenas eu e ele, sem saber onde seu coração começa e o meu termina.

Meu marido puxa-me novamente, até que minhas costas estejam coladas ao seu peito. Ele flexiona uma das pernas, buscando um apoio melhor na cama e massageia o ponto inchado e prazeroso entre minhas pernas. Arremete com mais

profundidade em minha bunda e eu sinto o prazer se acumular e pesar o diafragma.

— Vamos gozar juntos... porra... — geme contra minha bochecha até conseguir buscar minha boca, em um desespero que nem mesmo eu consigo entender.

Meu orgasmo chega enquanto as costas ardem e meu marido me toma a língua, ainda investindo contra mim. Eu o sinto me preencher, vibrar no canal anal enquanto minha própria musculatura o drena durante meu pico de prazer.

Deixo-me cair, cansada, enquanto Daemon permanece de joelhos com uma respiração descontrolada e afoita.

Meu corpo suado merece um banho, mas não tenho forças sequer para mexer um fio de cabelo. Minha cabeça torna a latejar um pouco, mas meus olhos estão pesados demais para dar qualquer atenção a isso.

— Está tudo bem? — ele me questiona ao sair da cama, sentando-se em sua beirada. Sua respiração está quase regularizada.

— Será que alguém ouviu, lá embaixo? — Daemon sorri.

— Essa é a sua preocupação?

— Estou cansada — relato ao sentir as pálpebras pesadas.

— Durma, vou apenas tomar um banho e... — O telefone toca em algum espaço do quarto. Não possuo qualquer aparelho telefônico, então este pertence ao *Capo*. Ele se desdobra, procurando a calça pelo chão, até encontrar seu bolso e de lá tirar o aparelho, que torna a tocar incessante. — Oi — atende. Sua face perde a estabilidade e seu olhar endurece devagar, rígido em uma imponência vigorosa. — Ok — diz por fim, antes de desligar.

— Daemon? — Ele se vira, enfiando os dedos entre os cabelos ao adentrar o banheiro. O sono dissipa-se e eu me detenho, em uma preocupação grande. Ergo o corpo, sentindo a queimação nas costas tomar vida de forma abrupta e, ao passar a

mão nas nádegas, sinto a pele inchada. — O que houve? — Ouço o som do chuveiro ligar e o box ser fechado. *Ele não me ouve*. A luz está acesa e, ao pôr o rosto para dentro do cômodo claro, ele está de pé, debaixo da água, respirando fundo. — Daemon?

— Alessandra sabia. Os lugares escolhidos para explodir estavam mais vazios do que o normal. Estavam nos esperando. Perdemos uma das *decinas*, Lucius perdeu alguns homens e, para não saírem no prejuízo, explodiram lugares aleatórios na Calábria. — Seu queixo abaixa, encostando-se em seu peito. — Fizemos exatamente o que Dario queria, *começamos uma guerra*.

Que poderia ter sido evitada por mim.

O que eu fiz?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 48

Os primeiros traços

DAEMON DEMARCO

Algum lugar do passado.

Em um desespero estoico e uma aflição sem igual, uma mãe corre, porque sabe que sua morte se aproxima e não importa o quanto ela tenha a intenção de salvar a vida de sua amada filha, a proteção materna de seus braços não será mais o suficiente.

Eu não posso fazer isso.

Não posso sair por esses portões quando prometi a Lucca fazer exatamente o contrário quando me tornasse *Capo*.

Os soldados de Adriano aglomeram-se à minha volta, como se esta fosse uma corrida contra o tempo, quando, na verdade, a mãe do falecido *Caporegime* se prepara para a corrida que custará a sua vida.

Trazer parte delas para provar a Adriano que me tornei exatamente o que ele sempre quis, não está nos meus planos, mas se eu não o fizer, a caça ao fim do dia serei eu, quando adentrar esses portões outra vez, sendo acusado de traição por um pedido que, para ele, pode soar simples, embora seja uma traição às minhas próprias convicções.

— Pegue — ordena o *Capo*. Um dos soldados se aproxima de mim, entregando-me uma espingarda junto de uma corrente de ferro. — *Faça o que precisa ser feito, Alessandro.*

Os portões se fecham às minhas costas, declarando o serviço de “faça ou suma”, mas meu posto de herdeiro a este trono ordinário não me permite tal escolha, porque há motivos demais que não podem ser esquecidos como se fossem peso para papel.

Os olhares estão em mim agora, e eu sei que não há para onde correr.

Meus pés pesam toneladas depois do primeiro passo, arrastando-se entre as folhas secas que preenchem o chão e tiram qualquer possibilidade de visão das terras e pedras que sinto na sola do sapato.

Durante as caças, o principal fator de visibilidade sensorial é a audição, mas o vento faz meu trabalho ser árduo e. mesmo que isso seja ruim, rogo graças aos céus por distanciá-las de mim.

Não existe problema em matar crianças, não existe problema em ver seus pais chorando e implorando por suas vidas, o grande problema que me corrompe é ter passado anos da minha vida ao lado de Lucca, vendo-o manifestar o interesse de mudar as regras da Monarquia apenas para que sua irmã não sofresse o peso de nossa constituição. Embora seja errado tentar mudar toda uma convenção pelo motivo exclusivo de bem-estar de alguém, quando, na real, deveríamos mudá-la em prol de melhorá-la para ela mesma, eu me sinto convencido a tirar do colo materno o peso da participação em destruir o próprio filho.

Um pai pode traumatizar seu filho, mas só a mãe pode destruí-lo como ninguém.

— Corram! — eu grito. Gosto de caçadas, mas nesta, em particular, eu teria prazer em perder meu alvo de vista. A instabilidade, que há muito tempo já não dava as caras, está aqui, repleta de adrenalina enquanto invade minhas veias, trazendo um enxame de nervosismo que corrompe até a mais plena calmaria.

As veias da minha cabeça estão palpitando e a sensação é de que meu coração não bate mais no peito.

A dúvida me estraçalha: acabar com isso rápido, remoendo a culpa e guardando-a dentro de mim na gaveta de sentimentos de que não preciso , ou postergar a certeza de que necessito voltar para a mansão tendo em mente que dois corações terão parado de bater na floresta. Para que serviriam? Para nada.

Já estão mortas, mesmo que tenham os órgãos funcionando como os de pessoas vivas.

Com a corrente envolta no braço, empunhando firme a espingarda na mão, torno a caminhar decidido, ainda que, no fundo, minha vontade seja diferente da que me leva a engatar o olho na mira superficial do cano de aço.

Sacudindo a cabeça de forma abrupta, a dor em minha nuca se intensifica, de forma que a noção de espaço suma e me dê a sensação de que estou caindo em um buraco no chão.

Tudo escurece e, como se segundos tivessem passado, tudo volta com uma percepção diferente de uma grande escuridão, como se o dia tivesse virado noite por algum tempo e o sol tivesse sido puxado de volta para sua orbita no céu.

— *Um*... do*ix*... *tex*... *quato*... *cinco*... — A voz tão jovem me leva a encarar por sobre meu ombro. — Posso olhar agora? — ela questiona. A irmã de Lucca está agachada, com as pequenas mãos em seu rosto. A respiração quase imperceptível me faz reconhecer que está com medo. Mas em qual momento eu cheguei até aqui?

Por que ela não poderia olhar?

Ao erguer minhas mãos, minha pele está inteiramente vermelha, fedendo a sangue tão fresco que faz meus dedos brilharem quando os mexo diante dos meus olhos. Tenho minha resposta ao olhar para o chão.

A figura da mãe de Lucca está sentada rente a uma árvore, enquanto repousa de ombros caídos e relaxados, recostada no tronco grosso o suficiente para cobrir seu corpo da visão de

qualquer um que venha na direção contrária à minha. Sua cabeça está no chão, separada do pescoço.

— Não olhe! — A criança se assusta com minha voz autoritária e faz menção de se virar. — Eu mandei não olhar! — Então ela se volta assustada, retornando à sua posição anterior.

Em que momento eu a matei?

Como cheguei até aqui?

—... seis... sete... *oto*... nove... — A menina faz uma pequena pausa e ergue o rosto um pouco para cima. — Titio Daemon, eu só *xei* contar até o nove.

— Conte tudo de novo e ponha a mão nos olhos. — Ela o faz de forma obediente.

Merda, o que estou fazendo?

A espingarda parece intacta, apoiada em outra árvores à minha lateral. O vento infame faz o trabalho de dispersar o som da arma sendo engatilhada.

Viro-me em sua direção. Os pequenos cachos loiros estão sujos de terra e eu tento não deter minha atenção em uma pureza que não deveria sofrer a fúria causada por uma traição, mas o quão hipócrita eu seria , ao prezar pela morte de uma criança, quando muitas outras já se foram por minhas mãos enquanto me encaravam?

Merda, como cheguei até aqui?

Que lapso de memória reduzida foi esse que tive?

Ela se vira lentamente, olhando por cima do ombro, e encara o cano da arma.

Puxo a espingarda para os olhos, pondo-a sob a mira.

Faço o que precisa ser feito.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 49

Maldição familiar

DAEMON DEMARCO

Um outro traidor se revelou. Não porque procuramos, mas porque nos foi servido de bandeja sobre o banquete que Dario sabia que faríamos com ele dentro de nossa casa.

A grande questão impetuosa é... por quê? Por que Irene trairia a Cosa Nostra depois de tantos anos? Dario fez com ela o mesmo que fizera com Jezebel, quando estirou-a sobre uma cruz, mas desta vez, referindo-se a Judas, pondo uma corda em volta de seu pescoço e um pequeno banco de madeira na ponta de um de seus dedos do pé, dando-lhe a chance de se equilibrar e não enforcar a si mesma.

Ela está presa no quarto branco neste momento, enquanto vasculhamos toda sua casa, registros telefônicos e muitas outras coisas.

Desconfiamos de um possível traidor quando notamos que uma das moedas marcadas da Cosa Nostra havia sido usada em um dos estabelecimentos, momentos antes do nosso ataque. Todas as casas possuem exatamente o mesmo velho modelo grego de moedas antigas, as quais eram usadas para tapar os olhos dos mortos, porém as nossas se diferem das demais, polidas e brilhantes.

Este é o nosso submundo, que fica sob o governo da Itália.

A *Omertà* possui olheiros em diversos lugares, até mesmo nos territórios onde somos malvistos, e se a bartender tivesse conseguido ver o rosto de Irene no momento que ela adentrou o estabelecimento, não teríamos sucumbido ao problema, mas a informante só reconheceu as moedas quando já estavam repousando no caixa, assim que entrou em seu horário de trabalho. Acreditamos que ela estava ali.

Mas o que me deixa em dúvidas é... *como Irene sabia do ataque?*

Jezebel sai na companhia de Marta, assim que chegamos em casa. O final de semana se mostra longo até chegar a segunda-feira. Saímos da casa de Augusto com a sensação de perda, quando acreditei que, mesmo que não ganhássemos tudo, poderíamos, quem sabe, ganhar a coroa de forma parcial. Demos danos a 'Ndrangheta, mas o que acarretaram a nós foi tão grande quanto.

A raiva condiz com a situação e, ultimamente, eu a tenho sentido mais do que o habitual, o que não deveria acontecer.

— Lucius chegou. Pedi para que esperasse com Dante, na sala do Conselho. — O *Consigliere* entra no quarto, encarando-me. O olhar morno, na tentativa de suavizar a situação que se agravou ainda mais do que antes. Mas quem dera se essa atitude fosse capaz de apagar os feitos. — Tudo bem?

— Parece que está tudo bem? — questiono.

— Nunca vi você tão estressado dessa forma. É melhor fazer alguma coisa antes que isso vire um desastre. — Mattia sugere em uma ameaça velada acerca do quarto branco. Sua boa vontade me torna alguém paciente por alguns segundos. Sei que Mattia tem a melhor das intenções, mas, dessa vez, um ombro amigo não vai tirar os pensamentos corrosivos que se espalham por minha mente. — Não sei se seria interessante Alessandro vir à tona agora.

— Uma máquina do tempo, para voltar ao passado? — sugiro de forma irônica.

A vinda de Alessandro agora não dará muito certo. Eu sei que não, já que em situações com menos problemas e dores de cabeça, quando veio à tona, ele resolveu de maneira convencional demais, estreitando a confiança naqueles que circulam à minha volta. Ele está contido apenas por seus interesses, e parte de mim teme o que vai acontecer depois que ele tiver o que quer.

Muitos dizem que o futuro a Deus pertence, mas o meu... talvez pertença ao Diabo.

— É uma boa ideia — ele devolve no mesmo tom.

— Vamos. — Levanto-me, cansado, não nos músculos ou juntas do corpo, mas na mente.

Jezebel, Alessandra, meu casamento, a Cosa Nostra, tudo está virando um vórtex dentro de mim, mas o que espero é que não esteja alimentando Alessandro de forma negativa.

Ele é a porra de uma raiz que não consigo tirar do chão, *acimentado*. Duro como aço.

Ao adentrar a sala do Conselho, não me importo em sentar-me em qualquer cadeira. A lareira mantém o lugar aquecido, diferentemente do frio traiçoeiro que jaz lá fora. Estupefato pelo devaneio interno, Lucius me encara quando me sento. O silêncio sepulcral ressoa contínuo, porque ele está perdendo tanto quanto eu.

— Sua cara está péssima — murmura. — Achei que sua esposa estivesse fazendo um bom trabalho.

— A sua não está diferente e não duvido que faltem mulheres em sua cama, portanto não tente ser engraçadinho. — Dante ri, achando graça, mas permanece quieto, poupando-nos de suas palavras.

— Precisamos atacar Dario com tudo o que temos. — Minha sobrancelha sobe em um vinco de dúvida por estar mesmo ouvindo o que Dante acaba de dizer.

— Perdeu a cabeça? — Meu questionamento é obvio demais para perguntar o porquê.

— Meu mosteiro recebeu, essa manhã, uma carta de remanejamento do clero. E eu tenho certeza de que você pode deduzir o que vai acontecer. Eu não vou sair, o governo da Itália não vai me tirar, mas a *Legião* talvez possa querer mover os pauzinhos para resolver isso. — As mãos grandes do *Capo* casalês se espalham pela superfície da mesa de forma pesada, deixando todo o peso dos ombros estalar seus dedos, que estão cada vez mais abertos sobre o tampo. — Nós vamos cair, se continuarmos aqui. Não estamos mexendo com qualquer um, a *Legião* se prova ser tão ardilosa quanto nós.

— Eles não usam força, Lucius. Não percebe? Estão se movendo de forma estratégica. Se eles se movem dentro do Vaticano, é lá que precisamos mexer. A *Legião* é muito maior do que a 'Ndrangheta. Acabemos com eles, e Dário vai cair fácil.

— Estamos fazendo movimentos aleatórios. Perdemos parte dos nossos homens e você está mais preocupado com o Vaticano. A cabeça da mãe de Jezebel foi enviada à porta de sua casa. Tem noção do quanto isso é problemático, Daemon? — O *Capo* sobe o tom de voz.

— Estão tentando me desestabilizar, mas me parece que é a você que eles estão conseguindo atingir, Lucius. Está desesperado.

— Peter está como sumo pontífice. Vamos buscar Casper Turin, extrair o que pudermos e dar um fim nele em seguida, talvez ele não diga muito, porém precisamos cortar duas cabeças ao mesmo tempo. — Dante se refere ao diretor da Santa Sé.

— E quem será a segunda cabeça? — questiono. Mattia, ao fundo da sala, se senta ao meu lado, tomando mais lugar na reunião.

— Dario — meu Conselheiro me responde de imediato. — Mas como o pegaríamos?

— Explodiríamos todos os seus estabelecimentos e perderíamos muitos homens no processo. Temos que obrigá-lo a sair da Calábria, atacando todos os lugares ao mesmo tempo, sem chance de deixá-lo fugir. Sua mansão não possui subterrâneo ou um *bunker*, e ele não ficaria lá, sabendo que o mundo está acabando à sua volta. — A ideia de Dante é boa, mas arriscada demais.

— Escalaríamos isso a uma guerra envolvendo outros órgãos. O Estado não ficaria de braços cruzados enquanto explodimos tudo — digo.

— Por isso explodiríamos tudo de uma vez só. — Dante volta a especular. — Causaria um alarde, mas faríamos tudo em uma única noite.

— Ficaríamos expostos demais. A *Legião* poderia se aproveitar e terminar o serviço. Não perceberam que é exatamente isso que Dario quer? Não está na cara sua estratégia? — Mattia toma a palavra.

— O que faremos, então, Daemon? — questiona Lucius.

— A *L*. Precisamos descobrir o que eles escondem. Desmascarar o que exatamente eles temem que possamos descobrir. Se conseguirmos isso, vamos resolver boa parte do problema. — Minha solução é ainda mais lenta, porém tudo que vem muito rápido, tende a cair na mesma velocidade. Já tivemos estresse demais para encontrar soluções meia-boca, precisamos de algo definitivo, que nos permita sentar em uma cadeira de repouso sem hora para levantar. — Me dê três dias. Se não encontramos nada, pegamos o diretor da Santa Sé e seguimos o caminho que você quer.

— Não acha que Peter corre perigo? — Dante pergunta.

— Se a *Legião* defende as questões do Catolicismo, eles não farão nada diretamente contra ele e, sim, contra nós, bem como fizeram o remanejamento — explico. — O Conselho vai defender a sua ideia, mas, ainda assim, é muito arriscada.

— Certo — concorda o *Capo* casalês.

— Czar escondeu a caixa e a *Legião* não sabe onde está, talvez seja por isso que querem tanto tirar Peter do poder. Precisamos encontrá-la, porque, ao que parece, por algum motivo, o antigo papa traiu a confiança deles e o que eles escondem está exatamente lá dentro — Dante torna a explicar.

— Peter está cuidando disso. Seguindo os passos de Czar, talvez ele dê alguma sorte — concluo.

Alguém bate à porta, Mattia autoriza sua entrada e um soldado aparece. O Conselheiro vai até ele, que cochicha algo e se vai.

— Irene se recusa a falar — ele diz, o que não me parece ser algo tão exclusivo assim. Não esperava que ela cooperasse de forma espontânea. — Está calada. Benito vai acabar matando-a.

— Talvez, se a tivesse comido direito, Mattia, ela não teria virado a cabeça contra vocês. — Dante gargalha e Santino revira os olhos, cansado de suas piadas de mau gosto. Não que antes tivesse paciênciapara qualquer uma delas, mas, agora, ele nega com a cabeça, desaprovando a brincadeira sem graça.

— Ela tem um filho, certo? — Ele confirma minha dúvida. — Peça para que o botem sentado em uma cadeira em frente à porta do quarto em que ela está. Diga para porem uma venda em seus olhos.

— O que pretende? — Lucius se levanta da cadeira, mexendo nos *dreads* amarrados no alto de sua cabeça.

— Ela é uma traidora — resmungo. — E nós temos regras quanto a isso.

Mattia me encara apreensivo e se retira junto de Lucius, que não se pronuncia para vetar a constituição que detém nossa convenção. Ele jamais o faria, visto que nunca me meti em suas decisões como *Capo* quando estive em seu mosteiro na própria Calábria.

Dante se demora a sair da sala, sua reticência em fazê-lo me parece ser motivacional e não pretendo extraí-la dele, porque está claro em seus olhos que ele mesmo está prestes a dizê-la:

— Eu achei que você.... — Demora-se e talvez complete sua frase dentro da cabeça, poupando-me de saber o resto.

— *Achei que você...?* — estimulo.

Seu olhar divaga pela mesa, pelo chão, e então ele se vai, depois de dizer:

— Deixa para lá.

Encaro as duas alianças em minha mão. A de casamento no anelar e a da Monarquia, presa ao indicador. Ambas brilham e significam tanta responsabilidade que acredito funcionarem separadas, mas a realidade é que eu as mantenho juntas, como carne e unha, porque aprendi que estas devem correr unidas, mesmo que Jezebel desaprove.

Meu telefone toca e o número na tela não é restrito, tampouco registrado em minha lista telefônica, mas em vista da época que estamos vivendo, não é sábio deixar que toque à toa. Entretanto, tenho algo muito mais sério para fazer agora.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 50

A face do abismo

JEZEBEL CONSTANTINI

A culpa é tão latente que, na menor chance de desvio de atenção, eu me volto para a oportunidade que tive de correr até Daemon e contar a ele sobre o papel.

O filho que carrego não tem qualquer culpa dos nossos atos e não merece absorver as maldades que vejo no mundo. Se Deus me capacitou para isso, por que negaria uma vontade sua? Não sou sua filha mais devota, mas ainda tenho fé que, mesmo que a situação seja complicada, meus ombros se fizeram fortes com os últimos acontecimentos, o suficiente para carregar esta culpa, se é que Daemon enxerga desta forma.

A carga é minha por não ter me atentado ao básico e eu hei de conviver com esse martírio sem amaldiçoar este bebê, assim como Jean cansou de fazer comigo.

Eu serei melhor do que ela, serei a mãe que nunca tive, pois o instinto nasce conosco e não é necessário partir de qualquer outro lugar, que não seja dentro do meu ser.

— Precisa iniciar o pré-natal logo. — Marta tenta se acomodar entre as sacolas, dentro do carro. Saímos para comprar mais roupas, após eu decidir que esconderia a gestação de

Daemon. Alguns vestidos começaram a se tornar pequenos na região do quadril e a maioria dos sutiãs já não cabiam mais, foi necessário sair para comprar mais peças, e Daemon estava estressado o suficiente, com o último acontecimento, para dar atenção a isso. — Você precisa tomar vitaminas.

— Eu estou me alimentando bem — murmuro, tentando ver o lado de fora através da janela. O carro blindado não me permite abaixar o vidro para enxergar com clareza.

— Apenas alimentação não é o suficiente — Marta rebate. — Achei que você poderia ficar feliz com a gestação, com o passar do tempo.

— Meu umbigo já está... mudando.

— É natural. O bebê cresce a cada dia que passa. — Ela sorri. — Se não crescer é porque tem algo de errado, por isso o acompanhamento de um médico é essencial para que ele esteja saudável.

— Quero outro médico, que não seja naquela clínica. — Exponho meu desejo como uma moeda de troca. Ela tem o que quer e eu também. Não posso correr o risco de que alguém saiba sobre a minha gestação, além de Alessandra. A pior parte é não saber como ela tomou ciência disso, de onde veio a informação, para que eu possa me precaver. — Não posso dar a chance de que alguém descubra.

— Não pretende levar isso tão adiante, certo?

— Poucos dias apenas, Marta — respondo.

— Sua barriga vai crescer, não se demore. — Sua preocupação é genuína e eu enxergo isso, mas não é justo que uma criança pague o preço da fúria de uma possível ascensão ou queda da Cosa Nostra. Não posso ter ninguém vendo em mim um ponto fraco ou um peso morto.

O carro estaciona no jardim da mansão. Marta sai com as bolsas, junto de um dos homens que normalmente fica de guarda do lado de dentro do portão. Mas em direção ao salão de festas, depois do jardim, há uma grande movimentação de soldados, o

que não é normal para o horário e muito menos para o dia de hoje.

Vou até lá a passos curtos, quando alguém grita em um desespero que dói a alma, mesmo sem eu saber o motivo.

Nos fundos do salão, há ainda mais homens, talvez alguns *Caporegimes*. Não conheço todos, mas sabendo que Benito, o *Sottocapo* de meu marido, está presente, é natural a presença das *decinas* aos montes.

Ao adentrar o segundo acesso, depois da área de treino e do salão, consigo ver com nitidez o que acontece na sala.

Mattia está em pé ao lado de Benito. Há uma criança sentada sobre uma cadeira em frente à porta. Uma venda, do que parece ser pano, cobre seus olhos e suas mãos estão amarradas para trás. Talvez ele tenha cinco anos, não mais do que isso.

A cena a seguir revira o meu estômago.

Uma mulher que, depois de muito encarar, reconheço ser Irene, jaz ajoelhada e amarrada diante da cadeira, mas a parte mais indigesta é Daemon com uma arma de fogo com o cano virado diretamente para a cabeça da criança, que não faz ideia do que está acontecendo.

Meus passos aumentam de velocidade e o medo de que ele realmente faça o que deduzo pela cena me rouba o fôlego. Tento chamar por seu nome, mas o nervosismo trava meu diafragma, sem me permitir impulsionar a voz.

— EU JÁ DISSE! — Irene grita. Seu rosto roxo quase me impossibilita de reconhecê-la, mas sua aparência ainda está ali. *Deus*, o que eles estão fazendo? — Você nunca teria me deixado sair...

— Pôs a vida do seu filho em jogo. Não pensou nele, Irene? — Meu marido tem a voz tão calma. — Eu confiei em você por anos, te dei um teto. O que fez você pensar que não tinha abertura para me pedir o que quisesse?

— Eu não sei... eu pensei... você matou conselheiros apenas por discordarem de você e...

— Seu achismo matou soldados sicilianos e os de Lucius. Entende o que isso significa, certo? — O *Capo* engatilha a arma apontada para a cabeça do menino e eu busco velocidade, até finalmente destravar a voz.

— DAEMON! — Depois de muita insistência, consigo gritar. Automaticamente, um dos soldados vem ao meu encontro, agarrando-me pela cintura quando tento parar meu marido. — PARA!

Ele não faz mais isso.

Ele não pode ser frio a ponto de fazer com que o pequeno pague pelo erro de sua mãe, pois, pelo que parece, Irene foi a traidora.

— Tirem ela daqui — ele pede e sequer me olha, ou se o faz, é quando não percebo. — Saiam todos, apenas Mattia fica. Vasculhem os carros, a princípio. A escuta que ela botou está dentro deles.

Ele não vai matá-lo.

O Conselheiro de meu marido, alguém que eu considerava um irmão, acaba de sentenciá-los ao fim que ninguém pode evitar. Minhas mãos tentam se soltar, mas o som do primeiro tiro ressoa alto.

Um pequeno pássaro pousa sobre a janela, bicando levemente partes diferentes da madeira, mas se assusta e se afasta quando o segundo tiro ecoa, em um *looping* nos meus ouvidos, porque, provavelmente, foi este a ceifar a vida de alguém que sequer pôde chegar à metade de sua existência.

Não sei se é o tempo que para diante de meus olhos ou os segundos que se atropelam uns aos outros no relógio, mas minha saliva cola no céu da boca quando, em um estalo, entendo exatamente ao que Daemon se referia quando disse que "*resolveria o problema escolhendo a mim, no caso de uma gravidez*".

Ele escolherá a mim e resolverá o problema.

Resolverá o problema.

E ele *resolvero faria* da mesma forma que acabou de resolver este problema?

Meu senso de confiança nele decai, pois, neste instante, sei que, a partir do momento que o pai de meu filho tiver ciência de sua presença, talvez o coloque em risco.

A porta se abre e meu marido deixa a sala, fechando-a em seguida. O soldado me solta e minha primeira reação é a pior que eu poderia ter neste momento.

— O que você fez? — Meu tom de ordem sai sem querer, minha intenção era usar o de preocupação.

— Entra — ele murmura, enfiando as mãos na calça do terno. Mattia logo vem.

— Você deixou que ele... que ele atirasse na criança? — O Conselheiro de meu marido fica calado. Ele responde ao *Capo* e não deve satisfações a mim, mas o mínimo que espero é sua consideração. — MATTIA! — grito.

Estou instável, eu sei. Mas não há qualquer estabilidade no que presenciei.

— Daemon, me responde, o que você fez? Ele era só uma criança! — Meus punhos fechados vão de encontro ao seu peito, sequer fazendo cócegas em sua musculatura dura como pedra por baixo do paletó.

— Cala a boca e entra. Faça o que eu mando! — Seu peito se estufa e sua mão agarra meu braço como se fosse um pedaço de graveto, puxando-me entre os homens em direção à porta de entrada da mansão.

Ao entrar, ele bate a porta e eu o encaro, enfurecida por seu ato impiedoso.

— *Não!* — O impulso do meu ombro faz o braço escorregar por seus dedos suados. — O que você fez?

— Confie em minhas escolhas. — Suas palavras têm a ausência de remorso ou qualquer tipo de compaixão humana.

A tristeza me invade enquanto eu subo as escadas, apressada, sem acreditar que esse pode sempre ter sido o Daemon que conheci, e nunca fuitcapaz de perceber.

Ele não me segue, apenas me observa me distanciar.

OceanofPDF.com



Trágicos fins



Ela sobe para o segundo andar com lágrimas nos olhos, mas não será a primeira mulher a chorar em minha frente. Ela se vai, e acredito ser a primeira vez que sair seja melhor do que ficar aqui e discutir ainda mais.

Jezebel não entenderia, tampouco concordaria comigo neste momento, então não há saliva para gastar. Mas também sei que, uma hora, vai entender.

Meu telefone toca tantas vezes que me parece fazer parte do som natural do ambiente. O número de alguma linha aleatória aparece mais uma vez na tela, o mesmo de mais cedo e me vence pela insistência.

— Meu Deus, Alessandro! Por que não atendeu? Estou te ligando desde cedo! — É Peter, mas ainda não entendo o porquê de estar usando este telefone.

— Peter? Que linha telefônica é essa? O que houve com o telefone que eu dei a você? — O outro lado da linha está movimentado.

— Alguém o pegou em minhas coisas. Consegue chegar ao palácio apostólico em até três horas? — As palavras bagunçadas e

pedidos sem explicação me fazem questionar sobre sua origem, mas para solicitar algo assim, coisa boa não é.

— Há uma *decina* e um *Caporegime*... — Ele cessa minhas palavras de forma rude.

— Não diga nada por aqui. Absolutamente nada! Estou sendo vigiado, tenho certeza agora.

— Peter, vou pedir que uma *decina* tire você daí agora. — Não há tempo. Minha mão abre a porta com grosseria e desço as escadas com pressa, abrindo a porta do carro ao alcançá-lo. Um dos soldados se aproxima com as pequenas escutas na mão, dizendo que *retiramos todas*. — Queime-as. — O motorista, do outro lado do jardim, ao ver minha afobação, assume o volante quase ao mesmo tempo que adentro o automóvel. As coordenadas de nosso destino me saem tão engasgadas, que só um milagre para que ele tivesse entendido de primeira. — Peter, me escuta! Saia daí.

— Não posso. Hoje é Dia de São Bento[5], a Praça de São Pedro está lotada de fiéis para celebrar o dia do padroeiro da Europa. Eles esperam a minha bênção na sacada, eu não posso sair daqui, mas... encontrei algo e não vou correr o risco de perder. — Seu tom vai diminuindo até se tornar um sussurro. Os ecos de passos do outro lado ficam o tempo todo aumentando e diminuindo com o passar dos minutos em silêncio. — Me espere depois da bênção. Vou estar nos fundos da Capela Sistina.

— PORRA! — berro dentro do carro, quando noto que ele desligou o telefone.

O controle, antes ameaçava escapar, embora permanecesse entre meus dedos, agora parece ter virado pó, escasso como cimento ao ser jogado contra o vento. Estão todos, um a um, sendo levados pelo vórtice de desespero que cada área da minha vida experimenta.

Se Peter realmente encontrou a tal caixa, podemos estar mais perto de recuperar a força que nos foi tomada. Seria ideal entrar em contato com o *Caporegime* que faz estadia no Vaticano

para solicitar a retirada imediata do sumo pontífice, mas se eu fizer isso, vamos perder *a grande chance*, e o que eu aprendi sobre sacrifícios quando mais jovem, precisa ser reproduzido agora.

— Mattia! — O telefone torna a vibrar em meu bolso e uma fagulha de esperança acende, porque meu *Consigliere* pode ter uma ideia melhor do que a minha, já que estou em dúvidas insanas entre o fazer e o esperar, ambas arriscadas quando se trata de descobrir o que a *Legião* procura.

— Por que saiu como um furacão? — Ele está preocupado, mas não posso fazer muito, a não ser deixá-lo ainda mais.

— Acho que Peter descobriu algo, talvez sobre o paradeiro da porra da caixa... mas ele me ligou de outro número, disse para encontrá-lo na Capela Sistina e... — informo, ouvindo Mattia esbravejar.

— Tem certeza de que era ele? — Rio, como se pudesse ter sido enganado neste nível.

— Fala sério, Mattia! Óbvio que era ele. — A falta de credibilidade me irrita. — Ligue agora para o *Caporegime* que está lá e peça para se dividirem de forma cautelosa pela Praça de São Pedro e esperarem pelo meu sinal.

— Não acha arriscado? Se tiverem olheiros na praça, até mesmo Dario... isso seria problemático — diz ele.

— Problemático vai ser se eu sair de lá de mãos abanando. Fortaleça a segurança na mansão, não permita que Jezebel deixe o quarto e não conte a ela o que está acontecendo. Ligue para Lucius e peça para que ele fique de prontidão. — Minhas ordens são diretas, sem muitas voltas. O Conselheiro me obedece, despedindo-se antes que eu encerre a ligação.

O cheiro de borracha queimada vem do pneu. A janela do carona não abre, mas o do passageiro, ao lado do motorista, desce cerca de três dedos, o suficiente para que eu ouça as rodas cantando sobre o asfalto quente devido ao sol do pico da tarde.

Quando o carro para, mal espero que o motorista gire a chave para desligar o motor. Minha pressão não é contida, e nem deve ser, pois no surgimento de pendências, o sangue quente é um dos maiores aliados para estar apto a resolvê-las.

O helicóptero demora mais de uma hora em todo o trajeto. O dia está quente na Sicília, diferente do tempo quase nublado do Vaticano. As vias estupidamente cheias me fazem tomar a ridícula decisão de ir à paisana, usando um boné e um óculos de sol, como se isto fosse o mesmo que trocar de rosto.

Se me atrevesse a chegar carregado de homens, a atenção seria grande e toda essa locomoção seria em vão, mas o perigo de estar indo com a cara e a coragem me lembra dos velhos tempos, em que dez homens sequer costumavam me divertir.

A ansiedade faz com que a dor de cabeça palpite. Preciso me controlar, porque esta, definitivamente, é uma péssima hora para que Alessandro venha à tona. Preciso tirar Peter de lá, e não o contrário.

Se o atual Sumo Pontífice do Vaticano morrer, a Cosa Nostra perde, pela primeira vez na história, qualquer chance de se estabelecer no poder de novo, uma vez que apenas não há quem colocar em seu lugar, e talvez, seja exatamente por isso que Peter Novak tenha clamado por um filho meu, mas não tirei de minha cabeça a ideia de ser o último Constantini. A resolução continua aqui e não tenho a menor pretensão de mudá-la.

Estou a exatamente dois quilômetros da Praça São Pedro e as ruas estão tão apinhadas que é quase impossível me locomover entre os corpos fervorosos que estão à espera de uma palavra de fé. São todos movidos pela mesma coisa, *literalmente à espera de um milagre*, quando estamos fadados a um sofrimento eterno em vida, pois na morte jaz o esquecimento.

O telefone toca e eu sei que estou atrasado.

— Acho que não vou conseguir me encontrar com você... — Peter tem um tom estranho, sua voz vibra como se estivesse nervoso o suficiente para tossir por isso.

— Eu vou até você. Me fale onde está... — grito contra o fone do aparelho telefônico. Enfio-me entre as pessoas da forma mais rápida e organizada que consigo, empurrando idosos, mulheres e homens, como se minha vida dependesse de chegar próximo à praça, mas a cada passo que direciono até lá os caminhos parecem se estreitar, impedindo que eu me torne mais rápido ou mantenha a velocidade de antes. — Peter, me responde! Fala alguma coisa...

— Me escuta, eu vi o que há dentro da caixa, Alessandro... — Sua voz está embargada, detenta de uma prisão triste que nunca o ouvi usar em suas palavras. — E, por Deus... entendo por que a *Legião o guarda*. Aquilo arruinaria tantas coisas... — Um suspiro agoniado sopra de forma longínqua. — Quando a encontrar, *destrua-a*.

Ele não fala coisa com coisa, como se tivesse sido entorpecido.

— Porra, Peter! Diga algo coerente. Me diga em que lugar está e eu vou entrar de cara limpa para tirar você daí. — A sacada apostólica está sendo guardada por muitos.

— *A verdade está exatamente para onde Deus aponta*.

— Peter... — A linha está muda. A ligação cai ou ele desliga. Não consigo discernir. Sua manobra de transformar o que deveria ser linguagem direta em uma analogia acaba tornando tudo muito mais difícil de entender, sou bom com os olhos e pensamentos, mas decifrar um enigma bíblico pode ser demais.

A euforia do público cresce e os cartazes sobem, idolatrando o homem que hoje, em nossa sociedade, detém o maior poder como chefe de estado, mesmo sendo de um determinado lugar. A organização da qual ele veste a roupa domina o mundo sem que o homem perceba.

Peter surge na sacada em toda sua glória em vestimentas papais brancas, o sorriso estirado no rosto de quem ganha e aguarda todas as esperanças diretamente das mãos de Deus. Seus

dentes escancaram-se para o sol, mas o olhar está perdido no céu, como se nem mesmo lá ele pudesse encontrar a salvação.

Tudo acontece de forma lenta. Ele ergue os braços em direção ao sol, que sai por entre as brechas das nuvens escuras, fecha os olhos, como se pudesse uma última vez alcançar os céus, e abre as mãos, recebendo a fé que tanto almejou em vida, até que o primeiro tiro raspe no ar e acerte a lateral de sua garganta.

Não, não, não, não...

Outro tiro atinge seu pescoço, e seu olhar encontra o meu, dentre toda a multidão. A roupa branca se mancha em sangue puro e sua cabeça pende para frente, fazendo com que o peso de seu corpo o alavanque de maneira brusca o suficiente para fazer com que o Papa despenque da varanda de cabeça até o chão.

Peter está morto.

A forma anatomicamente errada com a qual sua cabeça se esparrama pela superfície de pedra, em uma poça de sangue que só cresce a cada batida do ponteiro no minuto seguinte, não me deixa a menor chance para me aproximar e tentar qualquer tipo de intervenção, *porque simplesmente não adianta mais.*

Meu olhar segue na direção contrária da qual o projétil cortou o ar e, quase de forma imperceptível, enquanto as pessoas correm, é possível ver no prédio do outro lado da praça um reflexo brilhante que possivelmente se dá devido ao raio solar que refrata na lente de mira de algum rifle.

Minha corrida é extensa, porém, com o fluxo de pessoas correndo em desespero para a mesma direção que eu, minha movimentação consegue ser muito mais precisa do que antes.

O atirador está no prédio abandonado, envolvido de andaimes e pedaços de plásticos rasgados. É a minha chance de alcançá-lo e arrancar sua língua.

A porta da frente está travada por inúmeras tabuas grossas que me impossibilitam de entrar, mas a janela na lateral está craquelada, com vidro estilhaçado. O pano do paletó pode servir de alguma coisa ao enrolá-lo em minha mão, para proteger o

punho de qualquer corte possível enquanto quebro o restante da janela empoeirada. Meu corpo passa rente aos cacos, rasgando alguns pontos específicos da minha camisa.

Meu nariz, completamente empoeirado, coça em meio à sujeira. O prédio abandonado parece ser um antigo centro comercial com móveis esquecidos e cadeiras quebradas, que estão agarradas ao chão devido ao excesso de umidade ou de algum cano quebrado.

Pego um pedaço de pau jogado no chão e travo a porta que dá acesso ao que parece ser o único vão de escadas do prédio. Na tentativa de não fazer tanto barulho, meus pés flutuam sobre o piso como se eu pudesse levitar.

O barulho dos andares de cima ecoa baixo.

— A saída está trancada — digo alto, ouvindo o silêncio devolver minha própria voz na mesma intensidade. Vejo um homem correr ao atravessar a escada, dois andares acima, e minha chance está bem diante dos meus olhos, quando começo a correr atrás dele. As motivações da *Legião* podem estar bem debaixo do meu nariz e não vai ser por falta de energia que irei perdê-las.

Meu nariz queima com a possível alergia, mas não deixarei que isso me impeça.

As salas abertas e vazias fazem com que gotas de água que despencam do teto ecoem, distraindo-me e puxando a atenção para onde não devem.

O som de ratos se funde aos dos passos e minha percepção se torna uma tremenda bagunça. Ao adentrar um dos quartos, o ruído de uma grade atinge meus ouvidos, antes que a porta de aço atinja meu rosto, lançando-me para trás.

O som da tranca estala. Esfregando o rosto, ponho-me de pé, ainda com a visão turva pela pancada e a poeira que sobe com meu tombo. O homem de roupa completamente preta e máscara escura se tranca em uma das salas que dá exatamente de frente para a sacada do Papa.

Eu estou sem a porra da minha arma e o meu telefone se perdeu em algum momento, em meio à aflição de correr contra o tempo.

A sirene de policiais grita do lado de fora quando todos lá manifestam sua tristeza pela morte de um pontífice da forma mais banal que poderia vir a acontecer: *um assassinato*.

— Quem é você? — Os olhos escuros piscam desenfreados.

O corpo do homem é robusto e o desespero para que ele não pule da janela ou se mate antes de eu conseguir o mínimo de informação me preocupa. Com a força do ombro, minha tentativa de abrir a porta com um solavanco é vã, pois o aço na parede, mesmo que podre, sequer se mexe da forma que deveria. Então tento com a sola do pé, pondo nele uma força tremenda, mas nem isso me dá qualquer porcentagem de êxito.

— Então... você é Alessandro Constantini, mas acho que prefiro Daemon DeMarco. — O homem retira a toca que cobria seu rosto, revelando a verdadeira face que trouxe o trágico fim do Santíssimo. Este que é o homem que estava ao lado de Adriano na foto de seu casamento, ninguém menos que o pai de Alessa, *meu avô*. Lembro-me da conversa com Lucius. *Elizium Cazan*, este é seu nome. — Ou melhor... *Padre Daemon*.

As perguntas lutam em minha mente para serem respondidas. Não há, neste momento, qualquer interlocução que elucide motivação suficiente para o ato cometido, e embora eu explique minhas mortes com a quebra da lealdade, Peter era um dos meus e não um dos dele.

— Quem é você? — Meus dedos se fecham contra a grade, sacudindo-a como se isso pudesse arrebentar os trincos da parede, que, pelo cheiro de umidade, estão mais do que podres.

— Eu tenho muitos nomes, já fui muitos homens. — Seu cabelo grisalho mostra a idade avançada, ainda assim ele não me parece ser um homem tão velho. A ousadia brilha em seu olhar, os músculos estão relaxados enquanto ele segura nas costas algo como uma bolsa, o rifle descoberto que usou em seu alvo. — Mas

como qualquer homem em prol de uma causa justa, eu me moldo ao que é necessitado.

— Você matou... Peter... — murmuro, como se pudesse voltar no tempo. Mesmo não querendo, o sentimento de lamentação por ele me entorpece. Eu lhe dei um cargo, pondo seu pescoço em uma corda e chutando a cadeira em seguida.

— Não. Você matou o Papa. — O homem joga a arma no chão. — Eu disse que haveria consequências. Não somos os vilões, estamos apenas protegendo a história, estamos protegendo a fé das pessoas.

Minha risada se estende pelos corredores do lugar, mesmo que eu já a tenha parado. O ódio fundamentalista que cresce por ele ter tirado não só alguém importante do tabuleiro, mas um amigo dentre os meus poucos, infesta-me de pensamentos brutais, daqueles que me fariam comer o coração deste homem em um prato, se eu pudesse.

— Protegendo as pessoas? Felippo usava aquelas *meninas*, ele usava da fé delas para cometer estupro! Dario as traficava, abastecendo o mercado de órgãos, Czar abonou as denúncias de abusos nas arquidioceses... e você diz que protege a fé das pessoas? — Ele só pode estar brincando, e eu não acredito que um homem desta idade, que prova ter tamanho poder, pratica algo dessa forma.

— Esses são apenas detalhes... linhas soltas na costura, Daemon. — Ele anda até um dos armários abandonados, encarando suas prateleiras vazadas e inúmeros livros tão velhos que sequer é possível ler os títulos nas capas. — Você é um homem inteligente, mas não pode ser hipócrita para não entender o que fazemos. Você me alerta sobre os órgãos religiosos encobrirem seus crimes, mas não olha para os próprios pés para enxergar quantas crianças mortas compõem a base da Cosa Nostra.

— Filhos de traidores, não há comparação — certamente digo a verdade.

— O homem é um ser falho e as rupturas de caráter daqueles que compõem o núcleo religioso é só um ponto. O benefício do catolicismo é muito maior do que os males.

— Está me dizendo que... vocês sabem e... — O homem suspira e completa.

— Permitimos. A força da fé das pessoas é a religião, e se você suja a imagem da religião... — As coisas se clareiam em minha mente e eu termino suas palavras.

— ... você perde o controle sobre elas. — *Porra*. Meus dedos apertam o ferro.

— Você tornou públicas muitas coisas que não deveria. Sua família colaborou para a ascensão do Vaticano e é uma tristeza ver que o último Constantini está fazendo o trabalho contrário ao que o primeiro de seu sangue construiu. — Ele pega um dos livros em mãos, folheando cada página que se solta, graças à podridão causada pela umidade.

— Minha mãe... por que não fez nada? ELA ERA SUA FILHA! Alessandra... por que não fez nada? — Algumas partes dessa história ainda estão nubladas, mas este homem pode retirar todas as nuvens que deixam o entendimento na escuridão.

— É inegável que a *Omertà* tenha crescido de forma exponencial. *Poder infindável.* Adriano tentou... tomar conta da Santa Sé, acreditando que podia ser maior do que nós, quando viu que não poderia nos... derrubar e não tinha um próximo homem para pôr no papado, ofereci-lhe a mão de minha única filha para garantir um acordo bem específico. — Joga o restante do livro no chão molhado. — Daríamos a ele cobertura para qualquer feito utilizando influência religiosa, extrair qualquer coisa dela para aumentar seu poder, mas, em compensação, quando o governo de Czar acabasse... seria um dos nossos a se sentar na cadeira de sumo pontífice.

— O papado sempre foi nosso. — O que este homem está dizendo?

— A cadeira sempre foi de vocês, mas tudo porque *nós* cedemos. Nós protegemos a cadeira, Daemon. Fomos nós que a fizemos. Vocês foram responsáveis por decidirem o que entraria nos primeiros arquivos bíblicos, mas fomos nós que disponibilizamos essa oportunidade.

— Do que você está falando? — Ele abre um sorriso fraco. — De onde vocês surgiram?

— O primeiro de nós foi o sétimo seguidor *dele*. Ele era sábio, abundante em riqueza, e foi o primeiro a anunciar ao mundo quando Pedro foi digno de prologar a palavra de fé pela humanidade. — Seus olhos buscam o chão e o meu peito se enche de ar, porque conheço esta parte da história.

— Mateus? Um discípulo?

— Enquanto muitos olhavam para Judas, lá estava Mateus, fascinado pela forma como *Cristo* pôs no chão todas as crenças pagãs, pelo modo como as pessoas temeram quando sabiam que poderiam padecer eternamente, mas também se encheram de esperança quando souberam que existia um... *pai de todos*, que poderia salvá-los da condenação. A esperança moldou a todos. — A história só fica mais esquisita, a cada segundo que corre. — Então, quando lhe açoitaram e fulminaram suas ilusões, o mundo novamente caiu em uma crise de fé. Os sucessores dos discípulos, representando a *legião*, ainda sem usarem essa alcunha de forma oficial, seguiram sendo caçados enquanto espalhavam o cristianismo. Semeavam a esperança em um campo fértil e sedento por salvação e medo do inferno. Eis que o primeiro Constantini decidira adotar o catolicismo como religião oficial de Roma, pois era inegável sua eficiência. Antes do Concílio, assumimos o nosso nome, prezando pela moralidade pública do cristianismo, estando sempre nas sombras. — Seus passos o aproximam de mim. — A Cosa Nostra se desenvolveu como uma Monarquia logo após a dominação da igreja por toda a Europa, se estabelecendo nos subsolos sagrados. Contribuímos para o crescimento de vocês, pois se aproveitaram igualmente dos desesperados que cultivamos e moldamos como quisemos, por séculos.

— Como cresceram, sem financiamento? — Ele ri.

— Acha que os tesouros das Cruzadas foram parar onde? Quantas pessoas, empresas e organizações você acredita que se beneficiam disso? O quanto você acha que eles pagariam pelos movimentos religiosos que agregam a seus negócios? O catolicismo é uma empresa que nunca vai falir. Enquanto houver fé, estaremos no poder. — Ele está cada vez mais próximo, para ver em meus olhos a confusão que a verdade causa. — Adriano sempre soube. O *Capo*, que é você, tomaria conhecimento pouco tempo antes de se sentar no trono, mas ao ter matado Adriano, você o impediu de lhe contar. — Minha mão direita avança por entre a grade, tentando agarrá-lo, mas sua destreza é muito maior. — Então quando soube onde você estava, eu fui até lá...

Minha testa forma um vinco, desconhecendo do que ele fala.

— Você... foi até lá? De onde está falando?

— Você me conheceu como Padre Ângelo, no Monastério de Pavia. Eu o vi, Daemon, olhei em seus olhos e sabia o tempo todo quem você era. — Mas que porra... eu me lembro... eu me lembro dele. — Não interferimos na causa das coisas. Seu pai não era meu amigo, tínhamos um acordo e eu não me meteria, contanto que não nos afetasse. Suspeitei que você não soubesse sobre nós... mostrei a você que temos muitos, por todos os lugares. Foi assim com Vittório, foi assim com Alessandra, pois, para fazer parte da *Legião*, basta ter interesses em comum. Não morremos ou matamos por nossos companheiros, *apenas por nossa causa.*

Defender o catolicismo.

— Foram vocês... o tempo todo... — Agora, sim, tudo está claro.

— A partir de hoje, estamos tomando a cadeira de Sumo Pontífice do Vaticano. Você é o último Constantini vivo. Se quiser continuar sendo, sugiro que aproveite nossa misericórdia,

porque, se tentar qualquer coisa, vamos esmagá-los como baratas velhas.

— Por que não me mataram quando puderam?

— Porque vocês não são nada, seria um desperdício matá-lo. — Suspira. — Você acha que ser o sétimo filho do sétimo filho te transforma em algo? O sétimo filho é um controle imposto por nós, no início, fazendo alusão ao sétimo apóstolo que fundou nossa causa. Nós estamos no controle. — A forma como fala tem um rompante de vitória. — Com a morte de sua mãe, o acordo está desfeito, o Vaticano é nosso, e você fica livre, da maneira que quiser, para lidar com Alessandra. Mas, se voltarem a manchar a imagem religiosa, não teremos outra conversa. Ande na linha, e seremos invisíveis para você. Sei que há muitos segredos do papado em suas mãos, guarde-os como os que vieram antes de você. — Elizium se aproxima da janela, encarando o lado de fora agitado.

— EU VOU MATAR VOCÊS! — Não há o que eu possa dizer. Eu me vejo pequeno diante de algo que cresceu sem que eu pudesse notar.

— Nós somos a história e não importa o que faça, a história não morre. Mate um e surgirão dois. — Seus dedos adentram o bolso da calça, encarando de forma fria o meu semblante perturbado, por tudo o que acabei de ouvir. — Peter teria sido um bom papa, mas morreu pela sua fome de controle, Daemon. Foi bom ver você, *meu neto.*

Os socos agressivos contra o ferro arrebentam a pele de minha mão, enquanto observo o homem que me desestabilizou, como se fosse a porra de um lixo, partir por uma janela, porque, neste momento, ele provou que sou tão pequeno quanto um grão de areia, tirando de minhas mãos todo o poder que eu ainda jurava que tinha.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 52

Uma falha assintomática

JEZEBEL CONSTANTINI

A cama amanheceu vazia e meu sono pesado não me permitiu abrir os olhos durante a madrugada, para constatar que Daemon não dormiu nela, mas, devido ao lado intacto dos lençóis, ainda no mesmo lugar, eu sei que ele sequer entrou pela porta deste quarto, assim como sei que o motivo que o levou a não vir para casa é sério, pois o Conselho inteiro da Cosa Nostra está reunido na sala de reuniões. Mattia dormiu na mansão esta noite e está tudo movimentado demais, porém muito... *estranho.*

Descendo pela escada, deparo-me com a governanta, que passa com uma bandeja repleta de comidas que compõem o café da manhã, depositando-a sobre a mesa e, mesmo que meu estômago esteja se revirando, alimentando-se de si mesmo, a azia me incomoda muito mais.

Mattia deixa a sala no fim do corredor e, ao abrir a porta, o falatório corre pela casa, até que ele a feche de novo, cessando as vozes.

— Bom dia — murmuro. A seriedade em seu semblante me preocupa. O sorriso simpático matutino some e não dá sequer indícios de que possa reaparecer.

— Tome o seu café da manhã e suba para o quarto de novo — o *Consigliere* fala de uma vez só, sem recuperar o fôlego. Levo algum tempo para assimilar o quão direto ele é, já que nunca o vi falar desta forma, ao menos, não quando está em uma conversa comigo.

— Mattia? Está tudo bem? Onde está Daemon? — Ele se aproxima da porta, girando o punho com os dedos na maçaneta.

— Tome o seu café e vá para o quarto, Jezebel.

— O que está havendo? — Ele me ignora completamente. E se vai.

O café desce pela metade, não por falta de fome, mas o nervosismo de ver muita gente se movimentando e não saber o motivo, já me deixa em uma ansiedade sem igual, porque duvido que Daemon esteja na mansão tanto quanto sei que ninguém vai me confirmar.

Marta tem a cabeça baixa e sequer me encara nos olhos, sempre tão comunicativa, mas mal a ouço respirar.

E se algo tiver acontecido com Daemon?

— Marta, por que estão todos assim? Onde está Daemon? — Em sua boca, o oxigênio entra e o gás carbônico sai, mas as palavras pelas quais espero se perdem em algum lugar do caminho. — Então é isso, todos vão continuar me ignorando como se eu fosse ninguém?

A cena que vi ontem ainda mexe comigo, mas mesmo que o ache errado, o *Capo* continua sendo meu marido e se há qualquer avaria na paz da mansão, é um direito meu de ao menos saber.

— Suba, vou retirar o seu café da manhã e logo mais estarei no quarto. — Sua mensagem velada é bem recebida.

— Marta, Daemon está bem? — murmuro baixo, para evitar que qualquer soldado ou até mesmo Mattia me ouça, caso esteja a retornar para a sala do Conselho.

— Sim — responde monossilábica, tomando em mãos a bandeja já cheia e deixando a mesa vazia.

— O que está acontecendo?

— Para o quarto, Jezebel. As coisas não estão muito boas. — Ela ameaça me deixar, assim como Mattia fez.

— Vai me dar as costas também? — Meu questionamento não fica no ar dessa vez. Ela se vira, encarando-me e diz:

— A Cosa Nostra perdeu o papado. Peter Novak foi assassinado ontem, durante a bênção papal, na varanda do Palácio Apostólico em frente à Praça de São Pedro. — Então a dúvida é esclarecida, mostrando que provavelmente nunca houve paz. O nevoeiro de mistério se dissipa e dá visibilidade à força que exorta o caos, que agora constato ser permanente.

O bolo perde a sua cereja e a Cosa Nostra perde a base de seu poder, e talvez influência: *o Vaticano*.

Em um silêncio sepulcral, retorno ao quarto de onde eu não deveria ter saído nem mesmo para tomar o café da manhã, já que, da mesma forma que Marta pode levar a bandeja até a mesa, poderia ter trazido até aqui.

O sol não me parece estar forte lá fora, apenas o suficiente para iluminar o jardim e suas rosas, que começam a se revigorar cada vez mais. Abaixo da janela, uma pequena sacola descansa no chão. Lembro-me de que Daemon a trouxe e debatemos sobre suas feridas expostas, as quais ele julga não serem de minha conta.

Levo-a para a cama, despejando sobre o colchão todos os itens dela: um pequeno quadro branco, duas latas de tinta de cores diferentes, *vermelho e preto, e* um pequeno pincel que, pela cor e cerdas inteiras, nunca foi usado.

Por que ele traria algo assim para cá? Não está embrulhado para presente e ele sequer mencionou que poderia vir a ser um.

Minha mente se perde nas ideias e esperar Marta voltar é um martírio quando tenho que encarar a parede sem uma TV sequer ou um rádio dentro do quarto. Abrindo as latas de tinta sobre a cômoda ao lado da cama, arrisco-me a fazer qualquer desenho alternando entre o preto e o vermelho, até traçar minha última memória visual: *as rosas vermelhas do jardim*. Não sou a melhor pintora que existe, mas acredito ter coordenação o suficiente para identificar exatamente do que se trata o desenho, e minha ansiedade se aquieta, não de maneira definitiva, mas o suficiente para que os pensamentos intrusivos vão embora e eu perceba, mais uma vez, que estou tirando a pele de meus dedos.

O cheiro de tinta fresca é fraco e o pincel sujo encontra seu lugar sobre a tampa da lata de tinta que agora está fechada.

Talvez eu devesse estirá-la sobre a parede para ornamentar algo, mas, quem sabe, quando a seriedade sumir do humor de Mattia, ele possa arrumar alguns pregos para que eu dê à arte o devido reconhecimento.

A porta se abre e Marta entra de fininho, como uma criança prestes a cometer um crime.

— Estou preocupada com tanto suspense! — Minhas mãos apertam meus joelhos e os soltam de forma repetitiva. — Você disse que Peter foi assassinado? Tem certeza disso?

— Os Constantinis estão desde cedo no poder e isso é algo que nunca aconteceu. Um assassinato dessa forma? Para nos atacarem tão diretamente, é porque as coisas não estão bem. — A governanta se senta ao meu lado, com sua mão sobre a minha em uma tentativa agradável de me acalmar, e realmente dá certo. — E não é só isso. Ludovico também desapareceu.

Meus olhos piscam, quando recebo a notícia que provavelmente ainda vai nos trazer muitas ramificações, para encontrar uma solução didática sem rachar ainda mais o vidro que nos protege.

Seja lá o que tenha acontecido e Daemon não tenha percebido a tempo, mostra que a falha sempre foi assintomática, pois tenho certeza de que se o *Capo* da *Omertà a* tivesse percebido, ele a teria impedido a tempo.

— Como assim, desapareceu?

— Encontraram todos os seus pertences em sua... *igreja*. Mas ele sumiu, e o que se especula é que ele tenha sido pego no mesmo momento que mataram Peter no Vaticano. — Ela encara o quadro.

— E Daemon? — questiono.

— Está resolvendo os trâmites de alguns assuntos pendentes relacionados ao sumiço de Ludovico e a morte de Peter. — Ela está cabisbaixa. — Jezebel. — Eu a encaro. — Não deve absorver esses estresses. Logo tudo vai se resolver e você vai poder *contar* a Daemon. Certo?

— Ele deve estar... *desolado*. — Sorrio com um sentimento descontente de tristeza. — Há muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

— É natural. Uma perda nunca traz bons sentimentos. — Suspira profundamente dando uma pausa ao perceber que embora o acontecimento tenha me tocado, não é um desejo meu remoer esta história. — Precisa focar em você agora, no seu filho.

— Ele vai ficar bem — digo, enfiando as mãos entre as pernas como se pudesse aquecê-las, mas não me refiro a Daemon.

— Ninguém pode protegê-lo mais do que você, Jezebel. — Aceno com a cabeça, concordando. — Evite roupas justas e... evite que Daemon encoste em sua barriga. Eu descobriria sua gravidez a metros de distância. Seu marido não é um expert em corpo humano, mas acredito que conheça bem o seu.

Uma cólica leve transforma meu rosto em uma breve careta, atraindo a atenção de Marta.

— Humm... é só um pouco de cólica — murmuro.

— Lembra-se do que a médica disse sobre o descolamento de placenta? Você não deveria manter relações com Daemon assim, pode prejudicar o bebê. — A governanta passa a mão em meus cabelos, descendo-a até a metade das costas. — Fuja dele por enquanto. Mattia bloqueou nossa saída hoje, mas se as coisas estiverem melhores até amanhã, iremos procurar um obstetra para começar o pré-natal. — Levanta-se com um sorriso no rosto.

— Tudo bem. — Seu olhar paralisa novamente sobre o quadro recém-pintado sobre a cama. — O que foi?

— Quem desenhou? — pergunta, e eu sinto o diafragma estranho.

— Hum... eu... — hesito — eu vi a sacola no chão e achei que talvez Daemon tivesse se esquecido de me entregar... talvez um presente. — Sonhadora. Essa é exatamente a face que ela expressa. — Por que o pequeno sorriso, Marta?

— Porque Alessa ensinou Daemon a pintar usando um quadro como esse e uma rosa, talvez um pouco mais elaborada que a sua... — diz de forma educada, para não ter que afirmar que meu desenho parece mais um espirro. — Então se... se ele te ensinou...

— Não ponha coisas na minha cabeça, Marta. Daemon tem um dever comigo. — E, de fato, a verdade é somente essa, e embora uma parte de mim diga o contrário, eu não alimento esperanças, porque de nada elas servirão durante esta turbulência. Talvez eu sequer as tenha mais.

— O amor e o cuidado estão nos pequenos gestos. É irônico dizer isso falando de Daemon, mas ele só reproduz o que aprendeu. É apenas um ato de repetição que veio desde os primórdios. — Ela se distancia, aproximando-se da porta do quarto, que dá no corredor do segundo andar. — Alessa

ensinou que uma das formas de demonstrar o carinho e o sentimento de amor é nas pinturas, se, de alguma forma, ele te envolveu nisso, é sua forma inconsciente de expressar o que sente. Se apegue aos pequenos atos. Não espere um homem romântico, mas um homem que destruiria o mundo por você.

Daemon destruiria o mundo por mim, mas o que me cabe questionar é se o filho que eu estou gerando se engloba neste grupo também.

Ela se vai sem minha breve resposta, mas, ainda que ficasse para ouvir, não há palavras que expressem meus sentimentos dúbios em relação a isso, já que, de todas as confirmações, a que quero é proteger este ser indefeso, fazer o que Jean nunca fez por mim.

Proteger o meu corpo do masoquismo que inflama o sangue quando meu marido me toca.

Eu não serei o que minha mãe disse que eu seria, mesmo que eu tenha que dizer não para Daemon.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 52

Ofensiva

JEZEBEL CONSTANTINI

O dia vira e, novamente, o lado de meu marido sobre a cama permanece vazio. A rotina se repete: café da manhã, banho e os ensinamentos de Benito no treino. Refizemos a parte de montagem e desmontagem de uma das armas, já que me detive de participar dos treinos físicos, da mesma forma como venho fazendo há alguns dias. Não posso pôr uma criança que sequer nasceu em risco.

O confinamento por parte de Mattia, dentre os muros da mansão, sem qualquer embasamento ou palavra sincera durante o dia se repetiu, e outra vez não tive direito a qualquer explicação do porquê de sair representar tanto perigo.

O tédio instaurado me deixa com a energia à flor da pele, e até mesmo um singelo bater de asas corrói minha atenção.

O sol se vai, depois que as densas nuvens se dissipam, e um novo final da tarde, demasiadamente frio, é anunciado pelo restante da claridade que escapa por entre as montanhas.

Fico feliz com a falta de sol, já que estava queimando as pétalas das rosas que Marta plantou também no jardim. O chão de terra batida suga toda a água que jogo sobre as plantas, sem deixar de refrescar nenhuma delas.

Os portões da entrada principal se abrem e o carro entra, minha atenção está sobre suas rodas, vagarosas. Quando o veículo estaciona, a porta se abre e Daemon desce. Ele está com outro terno, escuro e não tão formal como de costume. Seus olhos me encaram por durante poucos segundos, por cima do ombro, ao virar o rosto levemente em minha direção, mas sua pressa faz com que essa passagem seja breve, quando bate a porta ao entrar, sem falar comigo.

Ele está sem cabeça. A falta de controle sobre as coisas o enlouquece e afasta o Daemon que conheço, deixando apenas a face e o olhar soberbo que reconheço pertencerem a Alessandro.

Não vou atrás dele agora.

O tempo passa. Talvez uma ou duas horas, até que, por fim, o vermelho cintilante nas pétalas em minhas mãos se torne escuro, na ausência detotal claridade. É demasiada a vontade que tenho de entender Daemon, mas não posso fazê-lo quando ele não deixa. É como tentar encaixar um quadrado em uma superfície redonda. Uma porta que nunca se abre o suficiente para olhar o que há por dentro. Talvez eu saiba, só não consiga ainda colocar tudo isso em palavras.

Quando os mosquitos do jardim começam a me atacar, decido que finalmente é hora de entrar, desejando em pensamento que ele não esteja no quarto. Toda essa loucura o está desconcertando, fazendo, por consequência, o mesmo comigo.

Ao entrar no quarto, fecho a porta devagar. A casa está silenciosa, todos devem estar dentro da sala de reuniões discutindo coisas infindáveis com o Conselho, mas

o meu arrependimento chega no instante que Daemon abre a porta do banheiro de calça, sem blusa, expondo os músculos rígidos com a toalha no ombro. Seus cabelos estão em total desordem.

Não importa quantas vezes eu o veja sem roupa, ele sempre me desconcerta como se fosse a primeira vez.

A indiferença fica de lado quando seus olhos me alcançam e me deixam em uma maré de tensão dentro do quarto. O silêncio de tudo à nossa volta só não é pior do que o de fora.

— Não podia ter me avisado? — Meu questionamento chega sem cumprimentos.

Meu marido dá alguns passos pesados pelo quarto, penteando os cabelos loiros para trás, que em segundos se partem em uma linha no meio de sua cabeça.

— Não acho que nossa última conversa tenha dado a entender que eu deveria avisá-la. — Ele se vira, encarando-me. — Você me desobedeceu na frente dos meus homens.

— Eu vi o homem que amo atirando contra uma criança. O que esperava que eu fizesse, Daemon? Aplaudisse você? — Ele se aproxima a passos que para ele são curtos.

— Você precisa entender que esse é o meu dever — murmura. — O que acha que vai acontecer quando as pessoas virem aqueles que me traíram andando livres por aí?

— Mas ele era uma criança apenas.

Suas pestanas se tocam algumas vezes e seus olhos estão claros como água.

— Alessandra também era uma criança, a irmã de Mattia também era uma criança... — Faz uma pausa que parece arriar seu peito até o chão. O fardo que ele carrega está exposto neste momento. — Eu também fui uma criança.

— Está usando seus traumas para suavizar seus feitos. — Meus dedos sobem por seu braço.

— É isso que acha? Os meus feitos são para suavizar futuros traumas. — Sua frase se prolonga, para que eu não perca entonação ou palavra alguma, por receio do caminho que esta conversa toma. — Peter morreu por causa de Irene. Ludovico sumiu, provavelmente, por causa de Irene.

— E por que confiava tanto nela? — questiono.

— Porque foi ela quem prendeu o Conselho de Adriano na sala de reuniões no dia que os matei. Ela se arriscou, mesmo sabendo que poderia ser morta.

— E se Irene era tão fiel a você assim, por que ela lhe traiu? — Daemon abaixa a cabeça por algum tempo e depois retorna o olhar, mais brando.

— Liberdade. Eu jamais a teria deixado sair, ela sabia demais e tinha consciência disso. A ’Ndrangheta ofereceu milhões a Irene e então ela cometeu um suicídio no dia que entrou pela porta da frente daquela boate. — Seus dedos esticam o cabelo até a nuca. — Ela certamente tinha informações privilegiadas, mas ela não sabia de tudo, inclusive, dos informantes na Calábria.

— E o que pretende fazer agora?

Meu marido se vira, esfregando as mãos uma na outra, respirando profundamente.

— A Cosa Nostra sempre soube quem era a *Legião*, na verdade, não a Cosa Nostra, mas a Tríplice Hierárquica. Adriano tinha um acordo com eles e seu *Sottocapo* e *Consigliere s*abiam até onde ir. O Conselho nunca soube, nunca precisou, porque se as partes da camada mais alta da cúpula tinham ciência, não afetaria a parte de baixo. — A decepção e incredulidade estão estampadas em seu rosto em uma escala mínima, mas não preciso fazer força para enxergá-las.

— Onde Alessandra estava, nisso tudo?

— Eles só demonstraram poder. Alessandra não defende a ideia da *Legião*, mas, como eu esbarrei onde não devia, eles tinham um ponto em comum: *cortar as minhas asas*, e agora que conseguiram o papado, vão nos deixar em paz, contanto que a *Omertà* se aquiete em relação à *lLegião,*. Também nos deixarãoam-nos lidar com Alessandra sozinhos.

— Isso só se complica mais a cada dia. — São duas forças distintas e, no desvio da atenção de uma, poderemos receber a mordida da outra.

— Eles não vão se meter entre Dario e eu, estão ocupados com a preparação de um falso Conclave para eleger o próximo pontífice. Conversei com o Conselho hoje, e a Cosa Nostra vai atacar Dario com tudo nessa madrugada. — Senta-se na cama, pensativo demais para um homem sentido pelos atos falhos e isentos de razão. — Existe uma caixa que guarda os segredos que a *Legião* quer esconder, e Peter morreu sabendo onde estava o maldito objeto. Sei que é em algum lugar da Capela Sistina, mas preciso descobrir onde.

— Daemon... *deixe para lá.* — Essa seria a melhor coisa a se fazer, mas existe uma síndrome de vingança aguçada demais dentro dele para que se esqueça de alguém que tenha atentado contra a casa que ele governa.

— Eu só vou conseguir me sentar tranquilo, quando Elizium Cazan e Dario estiverem debaixo de suas lápides. Apodrecendo em caixões de madeira. — Seu dedo aproxima-se de meu cabelo, enrolando uma mecha solta até que sua unha suma entre meus fios. — Ele a estirou em uma cruz! Não me peça para ser brando, não me peça para *deixar para lá.* — Seu olhar escorrega para algo atrás de mim. O rosto, antes duro em uma raiva crescente, desmorona. As veias em seu pescoço murcham e ele suaviza, como se alguma imagem diante dele tivesse o desarmado pelo fio certo.

— O que foi? — Minha preocupação aguça.

— O que é isso? — Rastreio seu olhar, seguindo a mesma direção, e ao mirar sobre a bancada ao lado do

travesseiro na cama, vejo que o quadro, no qual eu desenhava antes, está virado para cima, agora seco, após eu deixá-lo de repouso ao vento livre do jardim.

— Ah... — Meu rosto cora. — Eu não sabia se podia... eu... eu vi a sacola no canto do quarto e...

— Achou que pudesse pintar — completa.

— Me desculpa, eu não achei que... — Meu marido nega com a cabeça, estalando a língua no céu da boca em um esporro mudo que chega a ser adorável.

— Há inúmeras telas como essa lá dentro. As tintas secam com o passar do tempo, mas coloco diluente quando se tornam pastosas demais. — Vejo sua língua transitar pelo céu da boca. — Então pensei que talvez você quisesse algo para passar o tempo...

— Por que guarda os quadros de Alessa e Alessandra? Ocupam espaço demais dentro do quarto.

Daemon se estica até a cama, puxando o quadro pela beirada, depois ele se senta, encarando-o entre as mãos, sobre seu colo. Seu olhar brilha e transita entre o presente e o passado de forma dolorosa. Ele não esconde, e acho que,agora, face a face com alguma coisa que remete ao que viveu, ele não conseguiria, nem mesmo se quisesse.

— É a única lembrança boa que tenho do passado, porque até as fotos carregam muita morbidez. — Sua confissão me espanta, mas agarro-me à oportunidade de destrinchar o sentimento, puxar a corda para o lado de fora da janela e obrigá-lo a sair deste lugar frio e escuro.

— É natural. Isso se chama saudade. — Aproximando-me, minha mão vai até seu ombro nu. Sua pele quente está macia e o cheiro de sabonete líquido emana dele, como se estivesse perfumado a base de óleo. — Você se sente assim, porque as ama, e ninguém pode julgá-lo por isso. Elas são sua família, sempre serão... e eu também, Daemon. — Seus dedos calejados arranham meu punho ao segurá-lo.

— Eu não consigo... raciocinar de forma coerente, quando penso que você poderia ter ido embora. Eu não sei por que dei a você essa opção... — A euforia incontrolável é totalmente visível.

Minha outra mão aterrissa sobre seu rosto quando ele fecha os olhos, apenas para sentir o meu toque, com a guarda baixa, uma visão inédita em se tratando dele, que sempre está pronto para o pior.

O agarre em meu punho aumenta, o quadro é deixado na cama e Daemon me puxa, fazendo-me cair sentada sobre seu colo. Seu dedo áspero arrepia minha pele quando sinto-o arranhar minha coxa por baixo da saia longa.

— Eu jamais teria ido embora. — Meu marido aninha sua cabeça entre meus seios, sobre a blusa sem decote, e estende o queixo para me tomar a boca e a língua de imediato. Desarma minhas barreiras quando suas duas mãos sobem por meu quadril, apertando a cintura como se fossem um massageador para seus dedos. Ele me aperta, como se o que tem de mim sobre seu colo não fosse o suficiente, e eu o beijo, como se a saudade fosse infinita e ele estivesse sempre tão longe, mesmo tão perto.

Rebolo sobre o seu colo, sentindo-o se tornar duro embaixo do meu corpo. Ele geme contra a minha boca e eu faço o mesmo quando Daemon arrasta sua língua por meu queixo.

Meus dedos entram por seus fios molhados, aninhando-se atrás de suas orelhas enquanto nossas bocas tornam a se engolir. A respiração sôfrega e insuficiente parece demais até para mim.

Seus dedos procuram minha calcinha e automaticamente um balde de água cai sobre minha cabeça quando me lembro que há muito mais do que a mim para preservar, mas um ser que agora cresce em meu ventre.

— Não... — murmuro. Ele desacelera com rispidez, mas seus dedos ainda estão em mim e, mesmo gostando, sei que não devo.

Puxa seu rosto para trás, encarando-me com as pupilas dilatadas e o peito estufado em uma respiração que parece que

vai matá-lo em breve, se continuar por esse caminho.

— O que houve? — Sua voz rouca e seu hálito quente ressoam em meu ombro.

— Estou... menstruada. — Tomo um fôlego, reformulando coerência.

Daemon beija meu queixo, seus lábios inchados me dão a visão do paraíso ainda sobre seu colo.

— Mas isso não é um problema. Eu te desejaria até do avesso. — O sorriso majestoso e cínico desabrocha nos lábios vermelhos e dentes brancos. Eu me desmonto.

— Mas... prefiro parar por aqui, posso sentir cólicas. — Ele respira fundo, não em um ato de falta de paciência, mas na tentativa paliativa de se recompor, quando deixa-se jogar as costas no colchão e, fechando os olhos, procura por equilíbrio.

— Se puder sair de cima do meu pau, vai me ajudar um pouco! — Sento-me ao seu lado, deixando meu corpo tombar sobre o dele, inalando seu cheiro, como se fosse uma espécie de reação química.

— Durma comigo. Você passou dois dias fora — murmuro, cansada demais para me levantar e completa demais para falar algo agora. Sua resposta não vem em palavras, apenas em seu corpo relaxando ao meu lado.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 54

Primeira falha

DAEMON DEMARCO

Passado.

Meu corpo está banhado em sangue seco, diferente de minhas mãos. Os crânios que foram expedidos pelo *Capo* estão no chão, queimados, cheios de fuligem e cinzas que perpetuam a minha entrada como um homem que jamais poderá sair, um homem que fará parte da história da *Omertà*.

Jogo os ossos cranianos sobre os pés de Adriano que, com palmas exageradas, abre um sorriso tórrido pertencente apenas àqueles que encontraram um balde de ouro no meio do caminho, mas diferente das histórias contadas, este é apenas o começo, o início de meu verdadeiro fim.

— Eu sempre soube que era capaz, Alessandro. Quando lhe trouxeram para mim, logo após seu nascimento, seus dedos rosados agarraram minha mão com tanta força que eu soube que o futuro *Capo* da Cosa Nostra havia nascido para se sentar em meu lugar. — Seu discurso escrupuloso jorra egocentrismo descabido. — Você é a minha obra prima. O Alfa e Ômega, o início e o fim. — Seus dedos apertam meu ombro.

— Fiz o que me pediu, Padrinho. — O respeito paterno está abaixo do hierárquico, pois, ainda que ele seja meu pai, primeiramente ele é meu *Don*.

— Pois, vá e mostre à sua mãe o filho perfeito que *eu criei*. — Meu corpo está cansado, não porque os músculos foram levados à exaustão, mas porque minha mente sabe o que fez, pois minha cabeça entende que minhas ações trarão consequências no futuro.

— Alessa...? — murmuro. Eu não a vejo há anos e, com o passar do tempo, esqueci-me de como é sua fisionomia. Tento formular os traços maternos em minha memória, mas é tudo vago demais, o tipo de quebra-cabeça no qual faltam peças ou elas não se encaixam, mesmo quando estão à sua frente.

— Essa é a sua casa, meu filho. — As *decinas* abrem espaço para que eu consiga passar, subindo cada um dos degraus duros debaixo de meus pés, ontem, uma última vez como um soldado, e agora, regido pela Monarquia, oficialmente como o futuro *Capo*.

O anel está preso em meu dedo anelar, por algum motivo desconhecido. O sangue que começa a tornar-se rígido sobre minha pele faz com que o metal cole-se ali, mas o retiro, depositando novamente sobre o indicador, demonstrando o poder que comandarei quando estiver pronto para me sentar sobre a cadeira e ser chamado de *Padrinho*.

A noite ilustra o chão, esfriando o ambiente quando o sereno derrapa pela janela, balançando as cortinas. O cheiro de sangue está encrustado em meu nariz, como se fizesse parte de mim. Meus pés se arrastam, grudando-se ao assoalho oco que reclama a cada passo e anuncia-me para quem quer que esteja dentro de casa.

O corredor está vazio e mórbido, como nos meus sonhos.

A porta range com o vento que perpassa o escritório de Adriano, mas ao me aproximar, vejo que, na verdade, o cômodo

já não tem mais esta funcionalidade, pois logo ao fim dele, há um pequeno berço, bordado em tons de bege, branco e cor-de-rosa.

Os móveis claros confirmam que uma filha viera ao mundo, e esta agregará em seu poder massivo, ou talvez no meu. A regra é limpa e clara, quase transparente; *a filha do Capo só se casa com outro Capo*. Da mesma forma que é errado andar para trás, pois, para o crescimento, é necessário sempre caminhar para frente, seria burrice dar a mão dela a um homem de hierarquia menor do que a de seu pai.

Eu me aproximo, devagar. O som de algo balbuciando aumenta cada vez mais, conforme o berço toma proporção em meu campo visual. O linear dos pequenos dedos gordos se expõe quando a criança coloca apenas as mãos para cima, balançando-as.

O colchão toma meu espaço de visão, junto da criança pequena. Seus olhos brilham e, ao me encarar, mesmo que diante da escuridão do quarto, ela sorri, não genericamente ou em um ritmo de cinismo, mas de alegria, como se me conhecesse e dissesse: *que bom vê-lo de novo.*

E eu quis matá-la por isso.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 55

Revelações

DAEMON DEMARCO

— Explodiram tudo. — Dante ainda tem o telefone colado à orelha quando fala, mas logo o põe sobre a mesa, encarando Lucius e depois Mattia, sentado e tenso na cadeira.

Ele se refere a Dario.

— Defina tudo. — Este é o terceiro copo de uísque que tenho em minha mão e, pelo andar da carruagem, virá o quarto em breve.

— Todos os estabelecimentos dele, dos quais tínhamos conhecimento, exceto a mansão. Deixamos ao menos uma sacada para que ele possa ver o próprio dinheiro queimar ao longo da cidade. — Dante ri, convencido de que esta é a parte mais interessante da história, quando, na verdade, vi nos olhos de Elizium que a *Legião* é a parte com a qual mais devo me atentar.

O falatório de que me deixariam em paz se me mantivesse fora do caminho público não me convence. O que me garante que, nos dias futuros, eu não esbarrarei em seus negócios, entrando mais uma vez como alvo?

— Ótimo. E sobre a *Legião*? — pergunto. Mattia se levanta, coçando a cabeça em uma preocupação que só aumenta.

Ele claramente teme pela Cosa Nostra, mas é visível que também teme por Jezebel.

— Se a *Legião* disse estar fora, por que não a deixamos para lá um pouco? Precisamos nos reerguer, Daemon. E não buscar mais brigas, devemos deixar o foco na 'Ndrangheta agora. — Meu olhar se estreita e eu não reconheço o homem que agora fala.

— Está me pedindo para recuar? Consegue se ouvir?

— Você diz como se eu estivesse lhe pedindo para ser covarde. Mas não é uma atitude sábia chegar à essa altura, com um Papa morto, ou melhor, *assassinado*, e tentar atirar para todos os lados. Não tiro sua razão, jamais faria isso. — Ele tenta se explicar, mas parece mais sentir medo, e esta é uma característica que não se compete aos meus homens.

— Nós fomos massacrados, feitos de idiotas porque Irene, uma das nossas, decidiu nos trair. Agora eu lhe pergunto: está sugerindo isso, porque seguiu o mesmo caminho dela? Deve me ajudar a ir para a frente e não para atrás. — Minha ignorância é o meu maior ponto de simpatia neste momento. Não pretendo ser mais educado do que isso. Os ares, nos últimos dias, têm estado hostis demais para ter otimismo.

— Está me acusando de traição? — Seu estresse e aflição encrustados em seu tom de voz não me agradam. — Eu sou o *Consigliere*, meu trabalho é aconselhar o *Capo*, e é justamente isso que estou fazendo. Estou evitando que você se enfie em erros, Daemon. Erros, esses, que você está a um passo de cometer se não me escutar.

— Você não é a voz da razão — respondo-o.

— Ei, ei, ei, vamos acalmar os nervos? — Lucius transita pela beirada da mesa quadrada, para diante de mim e espalma sua mão sobre meu bolso,ajeitando-o. — Esse não é um momento interessante para brigas. Eu consegui mais informações... e talvez você não as ache tão bacana, *Padrinho*. — Chamar-me desta

forma é uma ironia, mas há tantos *poréns* que nos cercam, que este é o que menos me preocupa.

— Se soubesse quantas coisas eu não tenho achado *bacana*, você mudaria sua concepção de representação para essa palavra. — Dante se joga em minha cadeira enquanto encara o fogo estalar a madeira fina que Marta havia inserido na lareira. O clima quente da sala se mantém com as chamas acesas. Lá fora faz frio, mesmo com o calor durante o dia.

— Eu realmente não sei como... essa história passou despercebida por mim. E... eu nunca paguei tão caro por informações. — Seus dedos se arrastam pela borda do copo e eu quase posso ver o destilado nele evaporar. Vodca fede. — Eu só quero... reforçar que... eu nunca fiz isso por ninguém.

— Não aja como se estivesse fazendo isso por mim, Lucius. Sabemos que você ganhou muito com a morte de Frederico Fabbri e sabemos que o seu mosteiro está ameaçado. *Estamos todos no mesmo barco.*

— Arrisco dizer que Jezebel, provavelmente, está dormindo de calça. Mas a julgar por seu estresse, *Don Constantini*... — O Conselheiro casalês se estica sobre a mesa, estalando os braços devagar ao se despreguiçar. — Eu diria que é você que está dormindo de calça.

— Dante... não o instigue. Não viemos aqui para isso. — O *Capo* casalês está fazendo um trabalho milimétrico. Não que Lucius seja alguém aproveitador, ele tem seu valor, mas também não joga para perder. *Nada que vem dele é de graça.* Mas por outra perspectiva, ele também sabe que sou louco o suficiente para enfrentar a *legião*, beneficiando-se quando sou eu quem dou meu peito a tiros, ainda que seja Lucius quem dê as coordenadas geográficas de onde pisar para que a bomba não estoure embaixo de nossos pés.

— Prossiga — falo.

— Vasculhamos todos os possíveis endereços de Czar... todos os lugares que ele frequentava, mas... descobrimos algo em

uma caixa postal trancada, não em seu nome, mas no nome do seminarista com o qual ele tinha um... *romance*. — Dante tosse, incomodado. Vasculha a mala e joga sobre a mesa um diário de letras garrafais, escritas por alguém que não tem poucos espasmos musculares na mão. Parece a letra de um médico em seu pior dia de trabalho. — A caixa que você procura... Czar nunca lhe deu para ficar em sua posse, porque temia que você, de alguma forma, pudesse entregá-la à *Legião*, já que era contra tudo o que seu pai permitia. — Lucius segura o diário, folheando-o algumas vezes. — Não há muitas coisas aqui, mas o suficiente... — murmura o Conselheiro. — Há uma chave que abre a caixa, a chave sempre ficou com a *Legião* e a caixa sempre pertenceu a Cosa Nostra, mas quando você matou Arthur Casarin, Czar deu um jeito de pegar a chave.

— E quem garante que a caixa já não foi aberta? — Meu questionamento é levantado.

— Pelo que Czar escreveu nesse diário, e pelo que eu soube, eles realmente levam a caixa a sério. A *Legião* realmente leva o cristianismo a sério. Ela nunca foi aberta, porque existe exatamente para jamais tirar a autonomia deste segredo. — Dante faz uma pausa. — A *Legião* só permitiu a morte de Adriano, porque queriam o objeto.

— Mas eles tinham um acordo — prontifico.

— Não acho que Elizium tenha ficado muito feliz ao saber que sua filha morreu a troco de nada, não importa o quanto ele tenha negado para você, mas ele também sabia que, após um casamento, Alessa pertenceria à Cosa Nostra e não mais a ele. — Ele folheia o diário.

— Isso não faz sentido, Dante. Se são tão devotos ao que eles pregam, por que existe uma caixa com esses segredos? Por que não a queimar? Por que guardar algo que pode destruí-los? Por que eles não ficaram com a caixa e a chave em um só lugar? — As informações, por ora, parecem um tanto controversas, mas, aos poucos, as peças se encaixam e tudo começa a fazer muito sentido.

— Bom, existe uma regra antiga, que surgiu em Roma, que determina que grandes segredos nunca devem ser incumbidos a um homem só. Portanto, escolheram dois lados para dividir o poder. A linhagem do Imperador Constantino foi tão importante quanto a *Legião*, para o catolicismo, então julgaram dividir os meios de guarda entre ambos os lados. — Toma um fôlego intenso. — Eles mantiveram a caixa, porque entenderam que da mesma forma que podem destruir o cristianismo, esse também pode destruí-los, então ao mesmo tempo que isso pode ser um perigo nas mãos de pessoas erradas, pode ser uma escolha... uma espécie de saída, se tudo estiver fora de controle.

— Está me dizendo que a caixa anularia a história do cristianismo no Vaticano, caso a Santa Sé caia em mãos erradas? — pergunto, e talvez a resposta mostre que o buraco é bem mais embaixo do que eu pensava.

— Exato — diz Lucius. Mattia estala a língua no céu da boca em um desacordo que demonstra sua desaprovação.

— Eles devem estar com a caixa. — Chego à conclusão depois de ter ouvido Elizium confessar que esqueceria a Cosa Nostra, caso saíssemos de seu caminho. Se ele disse isso, é porque não há nada que o ponha em uma situação inferior, ou seja, eles tem a caixa.

— Na verdade, não. Digamos que Peter a tenha encontrado e a *Legião* tenha pegado antes de ele aparecer naquela sacada, você acha que ele apareceria com os braços abertos e um sorriso de felicidade? — As coisas estão começando a ter um outro sentido. — *"A verdade está exatamente para onde Deus aponta"*. Faz muito mais sentido para mim que ele tenha te dado uma dica de onde escondeu a caixa, do que qualquer outra coisa. A dica de Peter é, na verdade, uma clara afirmação de que a *legião* não a possui.

— Está preocupado com algo que não representa perigo, em vez de terminar o que começou na Calábria? — Mattia me dá nos nervos. — Dario quase matou sua esposa.

— Saia do escritório, por favor. *Agora*. — Não preciso de vetos, não preciso de motivação para ir até lá e buscar algo que, de acordo com a história, pertence a nós. A grande questão é que Mattia se esqueceu de que nós somos iniciados pelo fogo que abrange cada homem da Monarquia, e se a *Legião* não tem a bendita caixa, quer dizer que ela deve ser nossa.

— É sério isso? — Meu silêncio se encaixa com sua pergunta. O Conselheiro se retira sem fazer birra ou reclamar, em tom mudo. Não me importo com isso, preciso de paz para travar uma solução e encurralar Dario, já que enxugamos toda a monetização que ele tinha na Calábria. — Tudo bem.

— Mattia está receoso. Teme perder mais do que o papado, que era algo tão certo na *Omertà*. — Tento explicar a falta de obediência parcial do Conselheiro, mas também não sou obrigado a ouvir sua falta de apoio.

— Não o julgo, eu também ficaria do mesmo jeito. Ele não está errado em pensar desta forma, entretanto não temos todo esse tempo. Precisamos agir o quanto antes. — Lucius o entende bem, mas, a essa altura, duvido muito que ele diria algo se, de fato, se incomodasse, mas como se trata de meus homens e não dos dele, a postura que mantém é a de sempre. — Um dia a menos para nós, é um dia a mais para eles. O próximo passo é conseguir a caixa e negociar os termos, como Alessandro fez.

— Eu vou matá-los. — Não é uma escolha, é a única opção que existe agora.

— Daemon, tem noção de quantas pessoas se beneficiam deste universo religioso? Não sabemos quem está com eles. Nessa parte, eu preciso concordar com Mattia, uma aliança é melhor do que uma guerra agora. Eu disse que você deveria eliminá-los em uma oportunidade, mas sinto lhe informar que isso não é uma oportunidade, a chance que temos é de destruir Dario e ter a caixa em mãos para negociar. — Dante é alguém astuto, mas seu equilíbrio para lidar com o lado contrário do time, como se fosse o nosso, é realmente impressionante.

— Não me peça para fazer acordos com os inimigos, porra. — O estresse pulsa e minha nuca queima em uma dor latente. Encho mais uma vez o copo de uísque, em uma ignorância primal que me faz transbordar suas beiradas.

— Estou evitando que a gente se foda. Não sei se te contaram, mas um defunto não pode se sentar na cadeira de *Capo*, Daemon. — O *Consigliere* casalês não é um exemplo claro de falta de paciência. Dante é centrado, mas acho que nossas últimas movimentações têm afetado o mais ponderado de nossos homens. — Precisa abrir os olhos. Acha mesmo que as traições vão parar em Irene?

— Não é sobre achar. Eu vou fazer com todos o que fiz com ela. — Apenas a idealização de que isso possa ser uma verdade, ameaça a me tirar do prumo.

— Evite estresse e ache a caixa. Não estamos lidando com poder. Estamos lidando com política nesse momento, e política não se faz com as mãos, é com a cabeça e sabemos que você não a está usando agora. Descanse o restante do dia e tire um tempo para você. Amanhã, você precisa ir ao Vaticano e é ideal que o menor número de pessoas saiba. Talvez ir de carro seja a nossa melhor escolha por ora.

Lucius está certo, e embora eu ainda me ache contraventor nas medidas de segurança que nos levaram ao provável sucesso, sinto-me retesar o corpo quando penso que terei que ser brando com alguém que invadiu minha casa e provavelmente me desejou morto.

— Sairei amanhã de manhã, acredito levar aproximadamente seis horas de carro. Vou sozinho, não quero chamar atenção — murmuro. O cigarro prende-se entre meus lábios ao tirá-lo da carteira, mas é na brasa da lareira que eu o queimo para tragá-lo uma primeira vez, sem me importar de estarmos em um lugar fechado. Vou morrer um dia mesmo, não me importa que seja aos poucos, ou talvez um pouco acelerado.

— Tome cuidado. — Para ouvir Dante me desejando este tipo de coisa, quer dizer que não é à toa. Ele sabe exatamente o

barco no qual estamos enfiados.



A noite cai e eu me deito na cama um pouco tarde, depois de passar horas reformulando as *decinas* e lendo os relatórios de como foram feitas as explosões na Calábria. Nos jornais e noticiários, não se fala de outra coisa.

Pessoas não se feriram, excetos os soldados calabreses, que a mídia costuma chamar de *cidadãos* para criar um alarme desnecessário e inflar a guerra entre contravenções e monarquias. Mas o número de mortos foi bastante menor do que deveria ser, e isso me faz questionar aonde realmente estavam os números massivos de *decinas* da ’Ndrangheta já que o ataque interno idealizado aconteceu de forma repentina e sigilosa.

O relógio corre, parecendo-me que mais do que o normal. A cama vazia ao meu lado declara que Jezebel está por algum lugar da mansão e eu me sinto desconfortável em saber que eu não conseguirei dormir se o lugar dela não estiver preenchido por seu corpo quente.

Ao olhar pela janela, vejo-a próximo aos portões de entrada da mansão e, mesmo tendo certeza de que ela não sairá, o medo de que realmente decida fazer isso me assola, impulsionando-me a descer as escadas a passos rápidos e me dirigir para o lado de fora.

— Jezebel. — Ela apenas me encara. Seu semblante cansado atravessa o jardim sem parar diante de mim ou me responder. Minha esposa trafega pelos arbustos, usando sua camisola, e para diante de uma rosa vermelha, acreditando que o item merece mais atenção do que eu quando chamo por seu nome. — Vai me ignorar? O que está fazendo aqui fora a esta hora da noite? — A camisola branca vai até a metade de suas coxas, os bicos intumescidos marcam a seda na altura de seus seios, e a

ideia de que alguns soldados estejam com os olhos presos a algo que só deveria ser visível a mim esquenta meu sangue, fazendo minhas veias arderem.

— Você mentiu para mim, Daemon — ela murmura, seu olhar se perde entre mim e as rosas no meio do caminho.

— Do que está falando? — A cada passo que dou, ela dá o dobro para se manter o mais longe possível de mim.

— Do que estou falando? Estou falando da promessa que quebrou... — Uma lágrima desce por seu rosto e, mesmo na escuridão da noite, ela brilha. — Era dessa forma que iria me proteger?

— Você está falando... — Minhas palavras somem quando surge, de trás do chalé, um homem à minha imagem e semelhança. O terno branco e alinhado em seu corpo,, veste tão bem que parece ter nascido sobre sua pele. Jezebel vai ao seu encontro, ele a toma pela cintura enquanto beija seus lábios de olhos abertos, encarando-me com um desdém que bem conheço. Ela me encara agora, ao se separar dele.

— Você deu minha virtude em troca da iniciação de nosso filho, Daemon? Você deu à Cosa Nostra a única mulher que prometeu proteger, assim como fez com Alessa e... *Alessandra* — murmura com a voz dolorida.

— Obrigado pelo presente, *criador* — Alessandro diz por fim, referindo-se à mulher que tem possessivamente nos braços. O sentimento de traição não é parcial e o ódio que cresce é exponencial, porque ainda que seja eu mesmo, há a dor da corrupção interna ao saber que minha esposa prefere o outro lado da moeda do que a mim mesmo.

Não há sentimento que seja findável, mas há uma forma de acabar com esse que mina tal sentimento. Se isso não for um sonho, certamente é o atestado que me põe como um louco diante do mundo, a arma em minha mão fica em punho mais rápido do que o olhar de minha esposa pode acompanhar, minha mira é

certeira, entre os olhos de Alessandro, mas é de minha testa que o sangue escorre até atingir as vistas.

Tento limpar-me, mas o olhar de Jezebel se torna próximo, espalmando as mãos em meu peito. Ao encarar seus dedos, enxergo-me, não com a roupa de dormir, mas com o mesmo terno branco de antes, tornando-me a origem de meu pesadelo.

O lugar muda e a sala branca surge abaixo de nossos pés, não somente ela, como todos os rostos ferozes que reconheço das profundezas do meu passado, aqueles que participaram da noite mais aterrorizante de minha vida. A noite em que minha mãe foi violada para que eu ocupasse a cadeira na qual agora me sento.

O preço é alto demais e eu estou prestes a pagá-lo quando minha sede por poder cresce no inconsciente, afetando o mundo real.

— O que você fez, Daemon?! — É uma lamentação, não uma pergunta.

É um *paradoxo* que me engole e me afunda dentro de mim mesmo enquanto tento entender as convicções que eu mesmo produzi.

Eu não deveria ter aceitado os termos do Conselho sobre as iniciações. Joguei minha mulher diretamente na boca do leão, quando achei que estava pondo-a no ponto mais alto e seguro.

Minha visão some e meu corpo cai de um precipício sem fim, até que finalmente meus olhos se abrem e encontro os azuis celestes de Jezebel sobre mim, com as duas mãos derrapantes sobre minha pele.

— Daemon!!! — ela exclama, visivelmente abalada. Quando nossos olhares se encontram, minha esposa suspira em um alívio contemplador.

Era um sonho.

— O que... — A confusão mental ainda instaurada me faz rodopiar os olhos por todo o lugar, tomando consciência de que este é realmente o meu quarto e que estou em plena consciência

agora. Há uma arma na mão de Jezebel, mas não me parece que ela estava pronta para fazer algo, mas, sim, que acaba de evitar algo. Não preciso ir muito longe para entender o que aconteceu.

— Você estava... gritando. — Alívio, é tudo o que ela sente. — Dizia: *não, não, não...* — Suas mãos estão quentes sobre meu peito. — Eu tive... medo. — Ao olhar diretamente para a parede, um pequeno buraco se encontra nela e a resposta para o motivo de ter uma arma na mão de Jezebel é este. Eu atirei enquanto dormia.

— Foi só um... pesadelo — murmuro. Com paciência e delicadeza, tomo a pistola de suas mãos, e ela se deixa levar enquanto me encara para tentar saber o que tanto me aflige, mas o que acabei de sonhar me faz despertar um novo medo, de que eu não seja eficiente o bastante para manipular as regras da contravenção para salvá-la. Eu destruiria a Cosa Nostra, mas jamais permitiria a qualquer homem encostar em minha mulher.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 56

Amém

DAEMON DEMARCO

— Não. — Jezebel está em frente à porta, como se seu bloqueio pudesse realmente me impedir, mas a única coisa que faz é atrair meu olhar para o decote indecente que me fará trancá-la dentro do guarda-roupa, caso não troque a blusa. — Eu não vou ficar aqui sozinha e esquecida, enquanto você passa diversos dias fora. Eu sei que se importa com a minha segurança, mas... você só vai investigar, o que tem de tão perigoso? — Tão inocente em certos assuntos, em outros, não. A realidade nos expõe ao perigo mesmo debaixo de nosso teto, em nossa casa. Apenas a morte é segura, de resto, o perigo é constante, até mesmo dentro do útero de nossas mães.

— Você, perto de mim. Ser vista comigo. *Isso é perigoso* — murmuro.

— Somos casados. É extremamente normal que a gente esteja no mesmo ambiente juntos. Não sou a sua escrava, para que você me mantenha em casa acorrentada, fazendo suas vontades. — Minha sobrancelha estreita-se com a sua opinião.

— Me lembro de fazer muitas das suas vontades também — reafirmo, e seu rosto torna-se rubro enquanto seu olhar cai para o chão abaixo de nossos pés.

— Daemon... você permitiu-me ajudá-lo uma vez, quando eu estava marcada para tráfico de pessoas. — Ela põe a mão na cintura, subindo o queixo e jogando o busto para frente, dando-me uma visão privilegiada de seus peitos cheios, que balançam à medida que minha esposa vai falando.

Meu pau poderia ser esmagado entre eles, mas, infelizmente, não há tempo para isso. Não agora.

— O quanto eu vou me arrepender de permitir que você venha comigo? — um questionamento em voz alta estende seu sorriso vencedor nos lábios.

— Muito, e talvez só se dê conta do quanto, quando chegar em casa e descobrir que vou passar o mês inteiro sem encará-lo nos corredores deste lugar. — Meus olhos reviram-se e me dou por vencido de forma errada. Empunho seu braço em minha mão.

— Troque de roupa. Não vamos levar nada, voltaremos à noite, de helicóptero, mas vamos de carro para não criar alarde. — Seus braços me rodeiam em uma demonstração genuína de felicidade, mas minha reação é moralmente cinza, pois sequer consigo fechar os meus ao redor dela, desconexo de tal gesto.

— Por que está com tanto medo? — O mais intrigante não é que ela pergunta se isso existe em mim, mas falar com tanta certeza, quase como se pudesse palpá-lo.

— Eu não deveria estar levando você. Entenda que, se me atrapalhar, eu ordenarei que te busquem e te tragam de volta para cá. — A ponta de meus dedos aperta seu queixo, entretanto Jezebel, talvez pelo costume de me ter o tempo todo apertando alguma parte de seu corpo, não carrega qualquer defesa automática no olhar. Certa vez, ouvi dizer que a liberdade vale o preço da dor, e acho que é sobre isso o que estou olhando. — Sem gracinhas.

— Deveria confiar mais em mim — ela murmura antes de sumir para dentro do banheiro, e tudo o que consigo fazer é fingir que ela esteve muda desde que acordou. A viagem será mais tranquila.



Chegamos ao Vaticano antes das três da tarde. A vasta movimentação na praça de São Pedro nos ambienta melhor como cidadãos comuns, apesar de ter mais guardas da polícia pontifícia do que o normal. Nada é por acaso, mas, ainda que seja, a desconfiança é um traço em mim que pode nos precaver de muitas coisas, mesmo que sem necessidade.

Jezebel, apesar de já ter vindo aqui, encontra-se curiosa quando enfia sua mão dentro da água de uma das fontes da praça, como se pudesse alcançar uma de suas moedas douradas ao fundo sem molhar-se por inteiro.

— Não faça isso — digo.

Há túneis debaixo do Palácio Apostólico por onde alguns homens, cujos familiares trabalharam por muitos anos com as obras internas, aprenderam os caminhos que levam às salas internas, e se tudo o que eu sei estiver correto, talvez Peter tenha escondido a caixa nesses túneis. Arrependo-me profundamente de ter trazido Jezebel comigo, mas talvez seu jeito leve e sorridente me ajude a manter afastado todo e qualquer sinal que estampe em minha cara algum planejamento decisivo contra o órgão religioso.

— Vamos ficar aqui até anoitecer? — ela questiona.

Fui claro ao dizer que o homem que deveria nos encontrar só estaria aqui à noite. *É mais seguro para eles*, sem falar que a cidade fica vazia e, consequentemente, menos perigosa.

— A ideia é essa — respondo.

— Por que não aproveitamos para andar por aí? — Não consigo soltar os ombros, quando a tensão está tão enraizada pela ansiedade que é impossível me desprender do estado de alerta interno.

— Não viemos a passeio — escancaro.

— Achei que a ideia era evitar chamar atenção e não ficarmos aqui parados enquanto a noite cai. — Seu corpo pequeno, mas... *robusto* se põe diante de mim, encarando-me nos olhos, sempre com um sorriso prestes a escapar. — Nós nunca fizemos um passeio pelo Vaticano.

— Nem pensar. — Não existe a menor probabilidade de que eu saia andando por aí como um louco, logo no meio do dia, quando as pessoas estão suadas e reclamando da vida de boca cheia.

— A Capela Sistina está logo ali. Você podia me contar mais sobre ela. — Agora, eu realmente me arrependo por tê-la trazido. Ironia infame alegar que tenho poder sobre minha esposa, quando ela consegue muito mais com um par de olhos amistosos e meio sorriso que mal expõe os dentes.

Há duas *decinas* espalhadas pela praça. Todos à paisana e se misturando entre lojas de comida, pontos de venda de balões infláveis, pessoas em situação de rua e coisas a mais, que mal tenho conhecimento.

— Desde quando gosta de me ouvir, já que discorda de minhas opiniões?

Ela ri.

— A graça é vê-lo irritado ao ser contestado — diz ela.

— Você nunca me viu irritado de verdade. — Tratando-se disso, ela sabe que não é verdade e balança a cabeça, desdenhando de forma negativa. — Vem, a Capela fecha às quatro. Ainda temos algum tempo...

— Acha realmente que a caixa pode estar lá? — Essa é uma possibilidade da qual não sabemos sequer uma porcentagem de acerto. Ela entrelaça sua mão na minha e, mesmo que não deixe transparecer, esse tipo de contato é novo para mim, pondo-me em questionamentos dúbios sobre estar agora, de fato, não só em um casamento em termos de juízo, mas de corpo e rotina também.

— É uma possibilidade. Mas, ainda assim, se não a encontrarmos, espero ao menos ter alguma pista. — Jezebel

aperta seus dedos em minha mão, com um sorriso de orelha à orelha enquanto sobe os degraus da capela, um a um, à medida que um passo meu, representa dois ou três dela.

Uma jovem senhora lhe entrega algum panfleto que, mesmo tendo a oportunidade de passar adiante, Jezebel se converte a pegar, desejando-lhe uma boa tarde.

— O que é isso? — pergunto ao vê-la encarar o cartão, que provavelmente é um folheto religioso qualquer. Entramos na capela principal, que não está tão cheia, mas me questiono se a atenção de Jezebel, ainda no papel, é genuína ou apenas fingimento para se enturmar como alguém comum, sem chamar atenção.

— *Diga não ao calvinismo.* — Seus olhos sobem e me encaram com dúvidas, o olhar perdido demonstrando que ela sequer sabe o que fala. — O que é isso? — questiona.

— Não sabe? Sério?

— Por que eu deveria? — Seu desdém é uma graça.

— Porque você foi uma freira e deveria saber o mínimo. — Jezebel se torna rubra. — O *calvinismo* está dentro da Soteriologia, que é o estudo sobre os modelos de salvação do homem.

— E por que acreditam que devem dizer *não* ao calvinismo?

— Porque eram de extrema conduta, fundaram o protestantismo e o modelo de salvação radical trouxe mais problemas do que soluções. Mas a Igreja Católica resolveu fazer a contrarreforma para combater os efeitos negativos protestantes.

Sua mão solta a minha e ela se vira de frente para mim.

— Efeitos negativos?

— Durante a Inquisição, as regras da Igreja Católica, adotadas pelo calvinismo, basicamente diziam que Jesus tinha morrido apenas por seus eleitos, as pessoas passaram a ter uma crise de fé, porque tudo era considerado um pecado tremendo e a

punição para qualquer coisa era a morte ou a fogueira. A própria Igreja Católica começou a sofrer, perdendo potência em impostos, descrença e outras coisas, então precisaram abrandar e fazer uma reforma para que o plano de fé continuasse a se expandir pelo mundo. — Meus dedos transitam seus fios escuros de cima de seus cílios para detrás de sua orelha. — Ainda há muitas igrejas protestantes hoje em dia, que tentam impor que não há escolha alguma que não seja o próprio Cristo, mas a maioria prefere seguir pelo arminianismo.

— Preciso dizer que não sei a fundamentação? — Rio com sua singela sinceridade.

— Arminianismo é o plano de salvação que conhecemos nos dias atuais: o livre arbítrio no qual o homem tem de procurar Deus. A idealização de que Jesus morreu por todos, mas sua morte não tem efeito sobre aquele que não crê — explico.

— No arminianismo você nasce salvo e no calvinismo você nasce perdido? — Seu embasamento é certo e ela entendeu da forma correta, fazendo uma simples analogia.

— Exato. — Encorajo. — O arminianismo preserva a vontade do homem e o calvinismo a soberania de Deus.

— E qual deles você prefere? — questiona, curiosa com a resposta, mas acredito que, mesmo de forma inconsciente, ela já saiba.

Ao olhar bem para cima, encontro mais uma vez a imagem da obra de Michelangelo e este é um ótimo exemplo para demonstrar minha preferência no que se trata de liberdade e maldições, mas é notório que não sou o tipo de homem que anda com uma coleira no pescoço.

— Olhe para cima. — Ela encara a obra e sorri.

— Eu já sabia. *Livre arbítrio* — murmura. — Essa obra me traz boas lembranças.

— Compartilhe — solicito.

— Volterra. O livre arbítrio que tive em escolher aquela noite... — Seus olhos escapam do teto e recaem sobre mim. Sei exatamente do que ela fala, na noite em que pediu que eu a fizesse minha, no altar de uma igreja, enquanto se absolvia de todas as suas culpas para dar lugar às suas vontades e desejos.

— Eu me lembro — murmuro. É inegável dizer que sinto uma leve remexida quando ela me olha dessa forma. Sua atenção está em mim, mas sei que seu consciente busca memórias que a marcaram, memórias essas das quais participo, mesmo que ela seja sempre a protagonista. — Mas não existe diferença entre quais escolher. Mesmo que você tenha tido cem opções, no fim, escolheu nenhuma.

— Foi uma escolha por livre arbítrio, Daemon. Esta é a pintura original? — pergunta.

— Sim. — Sua ingenuidade é intrigante às vezes. — Foi pintada no teto. Por que pergunta?

— Porque em todas as outras catedrais que fui, capelas e igrejas que reproduziram esta pintura, o dedo de Deus sempre está apontando para o altar, porém aqui é diferente. — Sua frase termina, mas ainda ressoa em *looping* dentro da minha cabeça. — Mas não acho que ambos estavam certos.

— Não importa se estavam certos! Você sempre deixou que escolhessem por você, fossem homens ou santos, então não importa para onde Deus aponte, você sempre se deixou ser guiada de olhos vendados. — *Há algo diferente*. — Repete — solicito, tentando encontrar em qual parte de sua falácia minha mente mais dá ênfase.

— O quê?

— O que falou antes, Jezebel! — peço.

— Não é nada demais, é só que, em outros pontos religiosos, nas artes de Michelangelo, *Deus sempre está apontando para o altar.* Qual o problema nisso? — Ela está confusa, mas sua confusão, para mim, é uma certeza genuína de

que sua resposta é algo que, se ela não estivesse aqui, eu jamais teria raciocinado.

"A verdade está exatamente para onde Deus aponta".

— Acho que sua maldita teimosia vai nos tirar daqui mais cedo hoje. — Meu sorriso é de uma felicidade sem igual, mas ainda preciso confirmar o que acredito que seja. Se Peter estiver falando da Capela Sistina, a caixa só pode estar lá.

Eu a puxo pelo braço, andando em meio a algumas pessoas que sequer nos olham, encantadas com as paredes pintadas e seus relevos sob a tinta. Aproximando-nos do altar de pedra, meus olhos o varrem, tentando encontrar alguma inconsistência.

Ok, uma caixa. Mas de que material é feita, de que cor é, de que tamanho?

A escassez de informação dificulta minha busca, mas nada que uma força de vontade ampliada não auxilie.

— O que estamos fazendo? — Jezebel me segue com o olhar, na tentativa de buscar a razão de minha agitação.

— *A verdade está exatamente para onde Deus aponta*. Foi isso que Peter me disse. Se você olhar para as paredes, não vai encontrar nada, mas se centralizar o dedo de Deus, vai ver que, na verdade, ele aponta para o altar. — Seus olhos se erguem levemente.

— Daemon, isso é loucura. Eu fiz apenas uma observação. — Dou a volta no altar retangular de pedra, passando os dedos por sua superfície, olhando ao mesmo tempo por todos os lados, para ter a certeza de que não estamos chamando mais atenção do que deveríamos.

— Se sua observação estiver certa, eu vou lhe conceder um pedido. Qualquer um que quiser. — Minha risada é vigorosa, baixa, mas o acúmulo de felicidade me deixa enérgico.

Ela ri de volta.

— Hum... deixe-me ver. — Ela está parada atrás do altar, encara o chão e se agacha. Uma espécie de bueiro, provavelmente

para vazar a água das banheiras de batismo, está semiaberta.

— O que está fazendo? — questiono, observando Jezebel quase se deitar no chão e enfiar mais da metade do braço no buraco.

— Aí... — ela grita, retrocedendo.

— O que foi? — Puxo-a, esticando seu corpo, encarando tudo à nossa volta e alguns rostos espalhados pelo salão que nos olham diretamente. *Precisamos nos apressar.*

— Tem alguma coisa aqui dentro, espetou minha mão... — Suspira profundamente enquanto observa o dedo sangrar em finos filetes de sangue. que escorrem em direção ao seu punho.

Abaixo-me até estar próximo ao chão e enfio mais que a metade do braço dentro do buraco úmido. Sinto algo que parecer ser baratas passeando por minha pele, e uma delas até consegue sair, encontrando a sola do sapato de Jezebel próximo de meu rosto.

Eu a olho.

— O que foi? São nojentas. — Gesticula. Meu braço é grosso demais para entrar por inteiro na extremidade. — Daemon... — Seu olhar endurece e ela olha em direção à saída da capela. — Acho que tem gente demais olhando para a gente, você pode... andar depressa aí?

O primeiro trovão se expressa do lado de fora, mas sem sinal da chuva, *ainda*.

— O que está vendo? — questiono. Forço mais uma vez o braço e sinto pontas afiadas perfurando meus dedos, fazendo-me retroceder instantaneamente, mas a falta de tempo me impulsiona a tentar mais uma vez, com mais calma.

— Quatro homens entraram juntos na capela, dividiram-se e estão sentados na sexta fileira, de lá para cá... mais dois homens... entraram... — Suas pausas vão se tornando dramáticas enquanto ela fala, como se sua visão afetasse de forma aguda o que sente no peito. Isso vai ser um tremendo problema.

— Continue olhando para a frente, não olhe para mim. O que eles estão fazendo? — Impulsiono mais o braço, ralando a parte do ombro contra o azulejo afiado, até finalmente conseguir tocar uma superfície oval ferrosa e pesada. Pego-a e puxo-a com os dedos, trazendo o braço até finalmente tirá-la de dentro do bueiro.

É um coração de ferro com uma coroa de espinhos em volta.

O coração de Cristo, quase do tamanho da palma de minha mão.

Parece-me enferrujado. Alguns de seus espinhos estão quebrados devido ao ferro envelhecido e, em algumas partes, oxidado.

— Estão... vindo devagar... — A voz de minha esposa está trêmula. — Daemon...

Em sua parte traseira, uma pequena entrada se destaca, provavelmente à espera da chave que Elizium possui.

Ao me pôr de pé, entendo o que Jezebel diz. Mais da metade das pessoas que estavam presentes simplesmente saíram, e boa parte dos homens sentados aqui nos encara, delatando não serem quaisquer tipos de turistas a passeio pela cidade, já que, provavelmente, o único turismo que os interessa é uma bala em minha cabeça.

A grande questão é: são de Dario ou da *Legião*? Independentemente de quem sejam, de uma coisa eu tenho certeza: não vão começar uma briga aqui dentro, tampouco sacar suas armas, afinal essa merda de lugar serve para alguma coisa que não seja esconder segredos e foder vidas.

— Merda — praguejo baixinho. Segurando minha esposa pelo punho, eu a arrasto pela saída traseira da capela, que dá saída para outro lugar, nos fundos do Palácio Apostólico. Alguns cardinais transitam e nos encaram com um ar de dúvida quando entendem que estamos invadindo o salão, já que, em nosso corpo, há a ausência de qualquer roupa cardinalícia.

— Dario ou a *Legião*?

— Não pretendo descobrir — respondo a ela. Tiro o casaco de Jezebel, enrolando o pequeno coração que, por alguma razão, chamam de caixa, e escondo-o embaixo de meu braço por dentro do paletó, caso contrário ele me furaria inteiro. — Corre — murmuro ao notar, por cima do ombro, que há muito mais gente nos seguindo pela tangente das calçadas.

A chuva começa a cair depressa, ensopando Jezebel em poucos minutos e fodendo com minha visão e retaguarda. Minha noção de espaço e pessoas vai para o lixo.

O telefone em meu bolso está completamente ensopado. Eu disse ao motorista que voltasse apenas tarde da noite, pois ficar com o carro parado poderia trazer algum tipo de suspeita, mas, além de estar molhado, o sinal está praticamente zerado, fazendo com que eu não consigo efetuar com sucesso qualquer tipo de ligação.

— Vamos entrar em algum estabelecimento ou casa. Não podemos ficar na rua, Daemon.

— Fica quieta, me deixa pensar. — Fecho os olhos devagar por alguns segundos, enquanto me abrigo em um beco de construções antigas que provavelmente botaram abaixo de forma proposital. — Merda, eles querem a caixa.

Não tenho muita vantagem agarrado a Jezebel, mas consigo pensar em algo para despistá-los, protegê-la e manter a porra das informações importantes seguras. Eu não posso perder a chance de foder com a *Kegião* de forma definitiva. Se dentro desta caixa está o segredo, então ele precisa ser compartilhado, afinal *só a palavra liberta*[6].

— Eles estão vindo no fim da rua. — E ela não está enganada. Ao longe, é possível ver as silhuetas virando a esquina. Ainda segurando o punho de Jezebel, eu quase a arrasto pelos becos e vielas, mas sou surpreendido quando um dos homens surge, rompendo a porta no fundo do restaurante e lançando-me longe.

— Não! — minha mulher grita, acertando-lhe um chute no joelho, rápido o suficiente para que ele se envergue no chão e eu consiga sacar a arma do coldre interno da jaqueta, por dentro do paletó, e acertar-lhe um tiro no peito. — Ele... *morreu?*

O homem desaba e ela se aproxima de mim, correndo.

— Espero que sim. — Em breve, estaremos cercados. Conheço o Vaticano, mas se esses homens forem da *Legião*, certamente conhecem cada ponto estratégico deste lugar. A saída é chamar atenção.

Um enorme túnel de lixo está abandonado no fundo do beco. Ao me aproximar, abro a tampa pela metade, até onde o braço dolorido me permite fazê-lo.

— Você vai entrar aí. — Não é um pedido, e ela sabe reconhecer quando é um.

— Não vai caber nós dois aqui. — Eu agarro-a pela cintura, pondo seu corpo dentro da caçamba de aço até que ela esteja totalmente lá dentro.

— Não precisa. Só você vai entrar. — Ela arregala os olhos e agarra meu braço quando tento levar a mão dentro do paletó para dar a ela a caixa que a *legião* procura.

— Nem pensar! Você não vai me deixar aqui. — Eu a encaro, desta vez preocupado, porque sei que a melhor escolha é a que estou fazendo agora, mas o desespero em seus olhos não compete com o arrependimento que eu vou sentir se algo acontecer a ela. Se não fosse por Jezebel, eu jamais encontraria a caixa.

— Toma. — Pego o telefone, dando-o em sua mão. — O sinal vai voltar quando a chuva passar. Ligue ou atenda Dante ou Mattia. Se eu não voltar, você só sai daqui se um deles vier te buscar.

— Não.

— Porra, Jezebel. Mas que caralho, não dificulte as coisas! — grito em um estresse primal, porque não é sobre ter escolhas,

mas, sim, sobre a única opção que está ao nosso alcance no momento.

— Está me pedindo para deixar que você... — Interrompo, empurrando sua cabeça, e ela se força para cima. A melhor tentativa de desarmá-la é quando minha mão puxa sua nuca e eu consigo apertar meus lábios contra os dela.

— Eu sei me cuidar, agora, entra. — Ela não tem escolha, a não ser se abaixar entre o lixo que fede, mas não há melhor lugar para se esconder. — Não saia daqui *em hipótese alguma*.

Eu me ponho a correr pelas ruas desesperadamente, gritando como um louco, atraindo mais atenções do que preciso, enquanto mais homens surgem. O farol alto torna a virar a esquina, tão perto de mim que demoro a entender que o carro vem em minha direção, rangendo os pneus sobre os bolsões de água no asfalto, e me acerta precisamente quando pulo, jogando todo o peso do corpo no ombro para amortecer a queda, mas não sei se o ato me traz sucesso, pois tudo se apaga e perco a consciência antes de chegar ao chão.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 57

Uma fenda no futuro

JEZEBEL CONSTANTINI

Já sentiu um desespero tão grande a ponto de alucinar? Pois é. Depois do som do carro derrapando, em algum lugar próximo, tudo ficou silencioso demais. A coragem de sair grita em meu peito. O cheiro de lixo forte arde minhas narinas e tudo o que eu consigo pensar é: *o que Daemon está fazendo?*

As horas passam e isso, aqui dentro, parece ser uma eternidade.

Sua clara tentativa de me tirar daqui com vida não é irresponsável para ele, mas entendo que, mesmo jurando querer cumprir com sua promessa, meu marido não se perdoaria se deixasse algo acontecer comigo. E, embora eu acredite que possa ser uma severa obsessão, Daemon dá indícios de que este sentimento turvo alimenta muito mais nossa ideologia de marido e mulher do que a de apenas *dever* como *Capo*.

Estou cansada, mas meu corpo está ansioso demais para dormir.

O telefone vibra, acendendo a luz na tela, e eu atendo antes que ele possa repetir o processo vibratório uma segunda vez.

— Alô? — *Não é Mattia*.

— Dante?

— Jezebel? — A voz mais grave adquire um tom de preocupação. — É Lucius. Onde está Daemon?

— Achamos a caixa. Estou presa dentro de uma caçamba de lixo e Daemon partiu, chamando atenção de alguns homens que nos seguiam. Eu preciso sair daqui e você precisa ajudá-lo. As *decinas* que estavam no Vaticano... *sumiram*. Estavam na praça, mas não conseguimos dar a volta para chegar lá e o telefone não tinha sinal. — Expurgo as palavras de uma vez, causando-me uma falta de ar tão colossal que quase me engasgo ao tomar fôlego de novo.

O telefone chia, cortando algumas palavras que mal entendo.

— Merda, onde você está?

— Em alguma das esquinas, próximo à Capela Sistina. — Meu corpo dolorido, agora com sangue esfriando, pulsa em um medo fora do normal.

— Continue na linha... vamos rastrear você. Dante está aí! — Permaneço na linha, tentando continuar prestando atenção a tudo o que acontece lá fora. O som de passos se aproxima e se distancia. Estou nos fundos de um restaurante, e não sei por qual milagre, não fora despejado lixo sobre minha cabeça. — Vamos tirar você daí e, em seguida, vamos procurar por Daemon.

Passos soam pesados enquanto eu tento continuar agachada, aproximam-se e então ouço a voz chamar meu nome.

— Jezebel? — O questionamento pendura a dúvida. — Sou eu, Dante.

Com a cabeça, levanto-me vagarosamente, empurrando o rosto para o lado de fora quando ergo a tampa da caçamba e Dante me nota.

— Estou aqui! — exclamo.

Ele não está sozinho, há ao menos vinte homens com ele, dos quais a maioria está armada. O *Consigliere* está me

encarando, quando percebo que está observando o que tenho debaixo do braço. Daemon foi categórico quando disse que eu deveria entregar a Dante ou a Mattia, e é exatamente essa a minha intenção quando estico meu casaco lacrado com a caixa dentro.

— Está bem? — Dante não se importa. O que ele deseja, na verdade, é que a esposa do *Capo* esteja inteira.

O estresse está à flor da pele e, embora a chuva pesada já tenha cessado, ainda ouço os raios e trovões que martelam, avisando que talvez tenhamos outra tempestade no meio da noite.

— Onde está Daemon? — Minha preocupação é desesperadora.

— Você vai voltar pra Sicília com uma das *decinas* e nós vamos ficar aqui. Voltarei com ele. — Sua garantia de nada serve, quando a que tive de meu marido era uma promessa de que sabia se cuidar, esquecendo-se apenas de prometer que voltaria em breve.

Eu me remoí a viagem inteira, pensando nas inúmeras possibilidades de qual fim poderiam ter dado a Daemon.

Sequestro.

Tortura.

Morte.

Mas a última me deixa em um estado de profundos pensamentos intrusivos que só servem para botar mais coisa em minha cabeça. Já há preocupações demais para eu enviar outras dezenas.

A porta do carro se abre e eu pulo para fora. Meu corpo ainda cheira a lixo.

Marta me recebe e tudo o que consigo fazer é chorar.

Vi o sol nascer pela janela do banheiro, enquanto os raios fracos, às vezes tombados pelas nuvens escuras, contornavam o chão do box. Deixo que a água caia gelada, enrugando minha pele

em um arrepio que me dói até a espinha. Meus dedos trafegam por minha barriga, que começa a despontar nitidamente.

Dentro do guarda-roupa, procuro uma de suas maiores camisetas, daquelas que me tampam até o joelho, enquanto seu cheiro perpassa por meu nariz, dando-me a sutileza de memórias intensas de quando era sua pele a transmitir este aroma para a minha.

Eu o amo de uma forma que parece mais uma condenação do que outra coisa, ou talvez eu tenha jogado alguma pedra na cruz, pois este fato, ao qual chamo de amor, assemelha-se muito mais a um castigo.

O quadro da pequena rosa está pendurado na parede da janela.

A porta do quarto se destranca e Mattia passa por ela, com um grande semblante de alívio, os olhos relaxados e um suspiro que vem do fundo de sua alma.

— Droga! — O *Consigliere* é quase um porto seguro. Seus braços se abrem e só se fecham quando eu me aproximo o suficiente para que ele me dê um abraço apertado. — Que porra de susto você me deu. Está bem? — Mattia me puxa pelo ombro, analisando meu rosto e a falta de qualquer tipo de esparadrapo ou fita que pudesse me remendar de um possível tiro ou ferimento.

— Estou. E de Daemon, alguma notícia? — Não escondo minha aflição e, ainda que eu tentasse fazê-lo, seria uma grande egoísta. *É o meu marido.*

Ele aperta os lábios em uma posição de pesar e reticência.

— Pegaram as filmagens da rua e... levaram ele. Não era a *Legião* — murmura.

— Dario — completo, sentando-me na cama devagar.

Alessandra. Isso é tudo em que eu consigo pensar. Não posso conceber que talvez ela concretize a vingança contra o irmão. Quero focar em que Daemon sabe se cuidar, quero pensar que isso pode ser apenas passageiro, mas também não consigo

escapar da noção de que há uma remota chance de Daemon nunca mais voltar.

É impossível não chorar, é impossível não sentir uma tristeza que me aperta o peito, tomando o fôlego sem saber o que fazer, pois de um lado tenho uma gestação da qual desconheço o futuro e agora, no limite da emoção, sei que meu filho pode crescer sem um pai, e sequer tenho ideia de como é isso dentro da Cosa Nostra.

— Ele vai voltar. Conheço Daemon. — Mattia se senta ao meu lado com um meio-sorriso que sei que não vai crescer e, ainda que o faça, não vai me passar credibilidade, quando tenho conhecimento da real situação e dos riscos que ela implica.

— Não pode afirmar com tanta certeza. — Minha certeza é maior do que a dele.

— Então você não conhece seu marido.

— Não é porque não quero, acredite. — Meus dedos secam minhas lágrimas, antes que qualquer outra possa querer vir a cair. — E se algo... acontecer... entende o que digo?

Sua mão se sobrepõe à minha em um ato que, até então, significava fraternidade para mim, mas o desvio caloroso de olhar de Mattia demonstra que há um toque maior do que apenas o sentimento fraternal que tanto o aproximou de mim.

— Eu estou aqui, *Bel*. — Sua entonação deduz mais do que minha imagem como uma irmã. — Eu sempre estarei aqui... — *Não. Ele não faria isso.*

Puxando minha mão, observo seu rosto transformar-se em um marco insatisfeito pela minha ação que interrompe a dele.

— Por que está falando dessa forma? — Minha pergunta denuncia o que ele já não esconde, mas então me questiono, *quando?* — Deus... você... você...

— Eu jamais te desrespeitaria. — Engulo a saliva rascante que desce com uma bola de vidro, travando em minha glote,

arrasto-me pela cama e ele faz menção de me seguir, a fim de não se distanciar tanto.

— Eu amo Daemon, Mattia. — Isso não é uma novidade e, mesmo que eu não diga, minhas ações expõem bem meus sentimentos.

— Eu sei.

— Quando? O que eu fiz para que você se... se... *se apaixonasse por mim?*

O Conselheiro aperta os olhos, tentando raciocinar a melhor resposta sem que pareça tão grosseiro assim, mas acho que, a essa altura, nada do que ele falar vai neutralizar o que acabou de me mostrar com meia dúzia de olhares e gestos.

— Nada. Absolutamente nada, você foi apenas você. — Deus, o que está acontecendo? Meu marido acabou de desaparecer e seu Conselheiro, melhor amigo e padrinho de casamento está, neste exato minuto, confessando que existe uma afeição maior do que a fraterna por mim.

— O que acha que Daemon vai fazer quando descobrir? Não pensou nisso?

— Eu não escolhi isso, Jezebel. E eu jamais trairia meu *Capo*. Sei que você o ama e, ainda que eu saiba que você é boa demais para ele, que sequer te merece, sei também que ele *precisa* de você. Eu não serei egoísta. — Aqui está, mas uma caçapa para arremessar a bola e, dessa vez, eu sentiria a dor de sua pancada.

— Eu não acredito que isso está acontecendo. — Quando terei a oportunidade de ficar calma? Quando terei a oportunidade de viver uma vida tranquila, o livre arbítrio que me fora prometido do outro lado do jardim. Pedi tanto para que Daemon fosse meu marido, que agora sofro como uma viúva. — Achei que você me considerasse uma irmã.

Minha mão para sobre minha barriga e tudo o que eu penso é em como ficarei sozinha, porque esta possibilidade, para mim,

acaba de crescer em um exponencial grande demais para que qualquer um possa vetar.

— Minha irmã, a Cosa Nostra matou, mas eu jamais permitiria que fizesse o mesmo com você — responde.

O choro copioso retorna, invencível, de lágrimas que molham minha camisa e Mattia não tem qualquer reação, já que não faz ideia do motivo que possa esclarecer essa tristeza profunda. Ele sente que é muito mais do que o sumiço de Daemon.

— Bel, você está bem? — O Conselheiro desiste de avançar em minha direção. Ele respira devagar, tentando não agourar qualquer reação minha, para compreender a falta de estabilidade que parece ter uma motivação muito maior.

— Não, estou em uma maré de azar que... que... não sei... — Minhas mãos cruzam o braço, acariciando a pele para me livrar do calafrio devido ao estresse.

— O que você tem?

Sua curiosidade genuína não me convence, mas já estou completamente ferrada e, quem sabe, dividir o fardo do segredo agregue mais em minha saúde psíquica do que tenho feito ao guardar esta tremenda mentira, como se fosse morrer comigo, quando sabemos que quanto mais tempo passa, mais as chances de ser descoberta aumentam.

— Eu... *estou grávida*.

OceanofPDF.com



Bela adormecida



A água gelada em meu rosto me acorda no susto, como se estivesse tirando-me de dentro do oceano em um fôlego único ao alcançar a superfície.

Meu pescoço dolorido se ergue até que as imagens, antes borradas e vibrantes, juntem-se, tornando-se uma só. A dor no ombro é latente, mesmo que meu corpo esteja anestesiado e eu tenha acabado de acordar.

Dor é dor e eu odeio senti-la quando sequer posso me mexer para aliviá-la.

Estou sentado em uma superfície dura, meus braços apertados nas costas e as pernas rentes a uma madeira que incomoda meu tornozelo. O gosto ferruginoso em minha boca ainda está fresco, entretanto embrulha meu estômago e quase me faz vomitar.

— Você já foi mais esperto, Daemon. — Minha visão duplica e volta, como uma bolinha de *ioiô*. Mas a cabeleira loira, agora curta, cumprimenta minha memória, trazendo-me o raciocínio necessário para reconhecer Alessandra em carne e osso, à minha frente.

— Não acredito... —Pum momento, desejo que tivesse sido a *Legião* a ter me fodido na Capela Sistina, mas... *Dario?* Ele não tinha qualquer interesse direto na caixa, ao menos, não que eu saiba. A prepotência familiar em seu rosto, lapida sua beleza, que, mesmo após tanto tempo de sofrimento, só aumenta. É o martírio da família Constantini; *beleza em excesso, poder e destruição também.*

Embora não compartilhemos da paternidade, a maternidade em nosso sangue também pertence a Elizium, que, mesmo acreditando ser tão certo, fez negócios com a própria neta, sabendo de tudo pelo que ela passara.

Alessa deve estar se remoendo no túmulo.

— Não, não sou uma ilusão. — Rio, mas sinto o peito dolorido, como se tivesse tomado um grande soco ou tivesse sido jogado de cima de um prédio de vinte andares. Minha cabeça lateja, como um coração prestes a ter um infarto.

— Uma pena. — Forço o desdém, mas meu corpo está tão sensível, que o sentimento de precariedade se mistura a tudo. Como a porra de uma máquina que não recebe óleo há anos.

— Você me deu a porra de um trabalhão, Alessandro. — A voz vem de trás de mim e, enquanto os passos vão soando leves e ocos sobre o chão de pedra, a figura do *Capo* da 'Ndrangheta surge bem à minha frente, como a personificação de todo o meu ódio. — Existem coisas muito inteligentes a se fazer, e uma delas não é visitar a Capela Sistina sem a segurança adequada, quando você destrói toda a merda dos meus negócios. — Ele ri. —É uma pena Jezebel não ter vindo junto. Seria uma grande diversão, primeiro, para mim, e depois, quando ela não tivesse mais utilidade, Alessandra poderia ficar com o que sobrasse. — Ele deposita sua mão sobre a cintura magra dela. A ausência da barriga mostra uma gestação finalizada enquanto até seus seios estão grandes. Ela me encara fixo, mas o que chama minha atenção é o lugar abandonado.

Esta não é a mansão de Dario, tampouco qualquer floresta nos arredores da Calábria, e, se eu não estiver ficando louco,

certamente estamos na Sicília, mas acho que nem mesmo este psicopata seria tão louco, expondo-se a este ponto.

— Quem sabe em outra vida, ou quando você fizer uma força maior? — Escarro a maior quantidade de cuspe que consigo, apesar da secura, devido à sede. — Você não acha que está velho demais para essas mulheres novas, Martino? — Minha vez de rir e, em seguida, cuspir na ponta de seu sapato.

O primeiro soco em meu rosto vem a cavalo, cortando o supercílio.

O segundo acerta a maçã de meu rosto, deixando a bolsa debaixo do olho inchada com o passar dos segundos.

— Você não está sendo inteligente — o *Capo* retorna a dizer. — Não consegue ver o lugar em que está?

— E você continua batendo fraco demais. — Acerta-me mais uma vez, com força dobrada, arrebentando meu supercílio de vez, a dor arde meus olhos e, em breve, se ele continuar, estarei quebrado ou moído.

— Onde está a caixa? — Então talvez eu tenha me equivocado. A caixa está sendo procurada, não só pela *Legião*, mas pela 'Ndrangheta, que provavelmente, por ter visto nosso crescimento exponencial por conta da religião, agora quer comandar parte dela, mesmo que nunca tenha estado na história.

— Pergunte para Alessandra. Não é ela quem faz parte da *Legião*? — Dario me acerta um novo soco na boca do estômago, e só quando seu anel frio acerta minha pele, é que percebo que, além da cadeira abaixo de mim, também fizeram questão de me deixar sem a blusa.

A blusa de minha irmã está molhada na região dos seios. O leite, que desce ininterrupto, demonstra que o parto não ocorreu há tanto tempo assim.

Uma mesa ao fundo da sala está cheia de apetrechos, alguns muito parecidos com os que costumamos usar para extrair o que queríamos dos informantes e traidores em nossa Monarquia.

— Dario te fez uma pergunta, Daemon. — A esposa do *Capo* fortalece seu pedido.

— Dizem que quando o peito da mulher vaza, é porque seu bebê tem fome. — Seus dedos tremem e ela se vira, passando a mão pelos apetrechos, decerto escolhendo qual deles vai utilizar para arrancar de mim o que eu sei, mas não é como se fosse mudar qualquer coisa. Dario jamais teria coragem de invadir a mansão, sabendo que lá há mais homens do que ele pode imaginar. — Por que está fazendo isso?

— Foi para isso que eu nasci, não foi? — Sua voz vibra com raiva e sua pergunta parece ser mais para ela mesma do que para mim. — Para ser a esposa perfeita, para ser a merda de uma moeda de troca. Então não há por que reclamar, irmão... estou sendo exatamente o que nasci para ser, *a esposa do Capo*. Sua frustração é que você não conseguiu nada com isso, contrário de nosso pai.

Ela ainda não sabe que seu marido é o mesmo homem que a pôs no mundo.

— Esposa perfeita? Você matou os próprios filhos, Alessandra. O que fizeram com você? — Sua base de consciência é completamente deturpada. Não há certo ou errado.

— Você sabe o que fizeram comigo. E sobre matar os próprios filhos... eles se tornariam problemas, Daemon, assim como todos nós fomos para Adriano. — Ela separa um bisturi e, logo depois, outro. — Nós vamos matar você e acabar com a Cosa Nostra.

— Onde está a caixa? — Dario questiona mais uma vez. Ele massageia o punho e eu sinto o rosto latejar e inchar, apertando minha vista. O cheiro de sangue aquece meu nariz enquanto sinto a gota raspar meu queixo e pingar sobre meu peito nu.

— Provavelmente, com Lucius agora — respondo, vendo-o trincar os dentes em um ato de ódio, porque ainda que os homens de Lucius tenham me ajudado a explodir a maioria de seus

estabelecimentos, Dario só teve a certeza do tamanho do envolvimento da contravenção casalesa nesse exato momento, e talvez esteja se dando conta do quanto ele é pequeno agora. — Eu estou me perguntando, neste segundo, se Alessandra está com a *Legião*, por qual motivo vocês querem a caixa? Por qual motivo eles não estão ajudando vocês agora?

— Cala a boca! — ela grita.

Juntando as peças, só existe uma resposta coerente para o que está acontecendo.

A *Legião*, que fomenta e capacita seus membros pelos planos em comum, usou a 'Ndrangheta para somar apenas na casca que ela usa para se defender.

— Então foi isso... depois de a *Legião* ter conseguido o que queria — digo, referindo-me ao papado —, eles recuaram, deixando vocês sem qualquer respaldo e o caminho livre para que nós massacrássemos vocês. Por que querem destruir a Cosa Nostra? Não seria meu sobrinho a ascender em meu lugar?

Ela se mantém calada quando o choro de um bebê surge, aumentando a potência a cada segundo que passa. Minhas sobrancelhas erguem-se, incrédulas. Por que ela traria seu próprio filho para cá?

— Faz ele ficar quieto... — ela murmura, e o *Capo* calabrês esfrega seus ombros. A aflição faz com que seus olhos brilhem. O puerpério é triste demais para mulher sãs; para aquelas que já estão quebradas deveria ser mais fácil, entretanto não é isso que me parece.

— Vá cuidar dele! — Dario a trata com certo carinho exagerado, mas não um carinho saudável, é algo arrepiante, talvez por saber que foi ele mesmo que a gerou. Isso é nojento demais, até para mim.

— Eu... *não quero*. — Ela o está rejeitando.

— Se não for você, quem será? — ele pondera e Alessandra se vai, deixando-me sozinho, perdido no meu espaço enquanto a

claridade lá de fora faz com que minha sombra se projete no chão.

— Quem diria, *Padre Daemon*... todos nós em família. — Sua ironia é nojenta.

— Família... — murmuro, apreciando a mensagem que essa palavra traz. — Ela sabe que você faz parte de sua família, muito mais do que como marido e mulher?

— Ela não precisa saber.

— Não tem medo de que eu conte? — Ele ri enquanto me olha.

— Se o fizer, vai levar o restante de sanidade que ela tem, mas para a ter largado aqui e continuado seu casamento, como quem brinca de casinha, não acho que você se importe com isso, certo? — Dario puxa uma das cadeiras, botando-a à minha frente. Ajeita a gravata preta em seu pescoço, pois ele está muito mais ansioso do que qualquer outra coisa.

— Ela tem livre arbítrio. — Ele gargalha com minha resposta.

— Nem mesmo você o tem. Por que está dizendo isso? Está tão acorrentado às ideologias de seu pai, que se divide entre amar uma freira imunda e a cadeira de *Capo* na qual se senta. Mas não lhe julgo, o amor costuma nos cegar. Isso, sim, é uma *certeza*. — Ele sopra a pequena mosca presa em seu anel, que logo trata de fugir. — Adriano estaria se revirando no túmulo, se soubesse de onde virá o próximo *sétimo filho*.

— Sou o último Constantini vivo e assim permanecerá. Jezebel não vai carregar nem um filho meu. — Volto à minha declaração oficial e ele gargalha, botando a mão na boca.

— Eu realmente achei que isso não pudesse ser verdade, mas, pelo visto, me enganei. — Dario se levanta, aproximando-se de mim. Leva sua mão até meu rosto, eu tento afastar seu dedo imundo de minha pele e sua unha raspa contra o sangue que está quase seco em minha bochecha. Eu poderia avançar contra ele e

arrancar um pedaço seu, mas certamente iria me foder nesta tentativa e a minha cota já está cheia o suficiente.

— Quer mesmo falar sobre verdades? — Minha nuca lateja de maneira tão intensa que preciso fechar os olhos em alguns momentos, na tentativa inválida de aliviar. — Diga à sua esposa que você também é pai dela.

— Cale a boca. — O som do bebê chorando cessa e eu me encontro intrigado, porque, evidentemente, há coisas aqui que são do meu conhecimento. O plano de Alessandra era muito claro, desde o início: me matar e seu filho assumiria a cadeira de *Don* da *Omertà*, mas a grande cilada é que ela acredita que a saída positiva de toda essa combustão é o encerramento da Cosa Nostra, mas então *por quê?*

— Vocês estão acabados, Dario. Mal têm uma Monarquia. Onde está seu *Sottocapo* e seu *Consigliere*? Hein? — Rio para mostrar que ele é uma piada e que nem mesmo eu, sentado e amarrado nesta cadeira, estou tão fodido quanto ele.

— Com saudades, *Constantini?* — Ao olhar para trás, uma porta aberta dá para o lado de fora do que parecer ser um jardim ou a continuação de uma floresta. O semblante de Franco Corleone é cansado, com o braço enfaixado, provavelmente recebido por alguma arma que as *decinas* de Lucius ou as minhas empunhavam enquanto atiravam nos soldados calabreses.

— Franco — murmuro, encarando-o. — Pelo visto, te deram um presente.

— E eu vim retribuir. — O homem mostra entre seus dedos um soco inglês, sinto a primeira e a segunda porrada na mandíbula, que adormece com a primeira, mas na segunda já não sinto mais nada. A visão, mais uma vez, escurece e a dor na nuca cessa completamente.

Estou desmaiando de novo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 59

Pesadelo real

JEZEBEL CONSTANTINI

— O que... — Não consigo identificar se isso é uma pergunta ou uma exclamação, mas ainda que ele tenha entendido exatamente o que eu disse, sua cabeça está processando o que tudo isso significa em nosso meio.

Mas quando seus olhos se arregalam devagar e ele começa a se distanciar, andando, expondo todo o desespero que eu não queria ver estampado em seu semblante, é o meu medo que ele começa a extrair.

— Eu... eu não contei pra ninguém ainda. Só eu e Marta sabemos — digo e ele entreabre os lábios, em seguida os fecha e esfrega a mão no rosto, que começa a ficar vermelho.

— Jezebel, *como assim, você está gravida?* Você tomava remédio. — Sua sobrancelha se contrai e a forma com que Mattia fala comigo, parece que fui pivô de algum milagre, quando fiz apenas o que qualquer um faz para engravidar: *transei.*

— Acabei esquecendo alguns. Tenho passado mal há algumas semanas e quando fui até o médico para entender o que estava acontecendo, recebi o diagnóstico. — Não é justo eu dizer

que *aconteceu*. Era minha responsabilidade tomar os remédios, mas agora sei que devo encarar as consequências.

— Você só tinha uma tarefa — o conselheiro murmura. — Tomar a droga do remédio. — Meu silêncio impossibilita que esta pequena exposição de segredos se torne uma briga generalizada.

— Brigar comigo agora não vai mudar o que está aqui — respondo. — Daemon ainda não sabe.

— E nem pode saber. Não agora. — Seus olhos recaem-se sobre minha barriga, temoroso como nunca vi. — Quanto tempo de gestação?

— Estou no segundo trimestre, já são praticamente cinco meses. — Seus olhos se fecham e ele suspira, tentando não acalmar a mim, mas a si mesmo, porque sabe exatamente o que significa um filho nessa altura do campeonato.

— Você escondeu essa gravidez por todo esse tempo, Jezebel? Qual o seu problema!

— Não escondi por todo esse tempo. Descobri há pouco tempo. — *E se ele contar a Daemon? E se ele resolver fazer o alarde que eu não queria?*

— Ninguém pode saber disso enquanto Daemon não voltar, porque se ele não voltar, sua cabeça vai a troféu tão rápido que você não vai acordar viva no dia seguinte. — Mattia escorrega pela porta de costas, até chegar ao chão, encarando o teto como se entendesse o tamanho do novo problema que acaba de aparecer debaixo de seus pés. — Eu falei para tomar o remédio.

— Havia coisas demais acontecendo. Foi um erro meu e estou pronta para encarar o resultado dele — digo e ele torna a negar com a cabeça, como se a errada fosse eu.

— Acha que é simples assim? Acha que é fácil dessa forma? Daemon não quer filhos... — Mattia aperta os lábios um contra o outro com raiva e ódio, como se não quisesse falar demais. — Ele... não vai aceitar isso.

— Ele não tem que *não aceitar*. Esse filho já está dentro de mim — murmuro e ele revira os olhos, andando de um lado para o outro.

— Marta sabia disso?

— Não tente a colocar como culpada.

— Ela escondeu de Daemon. Ela não deve ser fiel a você, deve ser fiel a ele! — ele grita de volta, visivelmente transtornado. Mas há diferenças comprometedoras entre nós. Mattia está influenciado pelo estresse de tudo o que vem acontecendo, o sumiço de seu *Capo*, toda a situação com a *Legião* e a 'Ndrangheta e o fato de Alessandro não ter saído nos últimos dias, pois quando ele não dá as caras, sua vinda costuma ser muito explosiva, e tudo de que precisamos agora é paz, mesmo que seja mais difícil estabelecer.

— Não tente achar um culpado. Você disse que se importava comigo e a forma como diz está me machucando, Mattia. — É importante mostrar o quanto um mau relacionamento aqui dentro me afeta, especialmente com alguém que considero tanto.

— Eu te fiz um pedido, era só tomar o remédio direito. E sinto muito, mas a forma com a qual estou falando é para machucar. Tem noção de como vai ser cuidar de uma gravidez no meio desse problema todo? Imagina se algo tivesse acontecido a você. — Suas mãos gesticulam com frenesi e eu não consigo acompanhá-las quando são seus olhos a se tornarem vermelhos, junto das veias que saltam em seu pescoço. Mattia mal toma fôlego para falar, *está afobado demais*.

— Eu estaria morta.

— Se ponha no seu lugar, como a esposa do *Capo*! — ele grita, mas o desconforto fala mais alto, talvez só não tão alto quanto a voz que arranco de dentro de minha garganta para gritar acima dele.

— NÃO GRITE COMIGO. VOCÊ NÃO É O MEU MARIDO! — Sem reação e sem esperar que eu pudesse peitá-lo

da mesma forma com a qual conduz seu posicionamento masculino, ele retrocede sem medir força, pois sabe que posso ser tão grande quanto ele, se eu quiser, mesmo que ele não espere esta posição de mim.

— Você não entendeu, Daemon vai considerar isso uma traição e vai fazer muito pior do que gritar com você. — Seu tom desce e sua preocupação não é somente minha gravidez, mas é natural que haja esperança sobre as coisas quando se está apaixonado, então, se em algum momento, Mattia alimentou qualquer esperança chula, o anúncio de que uma criança de Daemon cresce dentro de mim anula qualquer mínima chance de que a paixão que sente possa ser correspondida.

— Fala como se meu marido fosse me agredir.

— Você o ama e ele pode te ferir de diversas formas, sem te encostar qualquer dedo, e aí, então, você vai entender como Daemon pode ser o Diabo na Terra.

— Falácias — eu o acuso, tirando sua credibilidade quando, no fundo, sei que não há verdade mais sólida que esta no momento.

— Então, agora, eu perco minha credibilidade?

— Deveria me apoiar, não falar coisas como essas — expresso.

— Quem avisa amigo é, e eu fui seu amigo. Eu não vou me meter nisso, mas entenda que mentira é uma desgraça e você deveria usar a história de Daemon como parâmetro, pois foi a mentira que quase o levou à ruína. — O Conselheiro se levanta, negando com a cabeça uma ideia que provavelmente está funcionando com uma configuração de pesadelo em sua cabeça.

— Estou esperando um herdeiro. O Conselho vai vibrar com essa notícia — digo. Por tudo que aprendi da Cosa Nostra, isso é o que irá acontecer. — Apenas o sétimo filho é empregado na cadeira de *Capo*, certo?

— Sétimo filho para ser o *Capo*, mas você pode ter muitas *decinas* no seu ventre, desde que Daemon queira um filho

iniciado ocupando qualquer outro cargo.

— Mas ele não quer, certo?

— Você não faz a menor ideia do que fez.

— Está com medo por mim ou com raiva da minha gestação, Mattia?

Não me sobra resposta, não me restam mais questionamentos, apenas sua ausência quando a porta é batida com raiva.

Aprendemos, de alguma forma, durante toda a vida que mentiras crescem de forma exponencial e elas costumam se alimentar do tempo, que, em sua plena virtude, está sempre transformando grãos pequenos em tempestades de areia. Esta mentira se encaixa em uma diferente perspectiva, porque minha gravidez ser escondida é algo que beneficia não só a mim, como também vai impedir que a tempestade chegue. Ela é, na verdade, o guarda-chuva em meio aos raios e, pelo menos por enquanto, eu preciso me abster de qualquer estresse e acreditar que o meu fardo não é criar este pequeno ser sozinha.

Meu corpo desaba sobre a cama, carregado de um sentimento de fracasso que nunca parece se tornar vitória. Minha expressão mórbida, congelada em uma tristeza enfadonha, não me permite sequer respirar direito. Uma bola de aço está presa em meu peito, e sinto seu peso, mesmo que não consiga vê-la.

A porta se abre e, pela bandeja em mãos, eu sei que é Marta com o almoço. Sento o estômago revirar e sei que a comida não vai descer.

— Precisa comer. — Deposita a bandeja sobre a cômoda. — Você emagreceu, Jezebel. — Uma solução seria dormir e não acordar mais, entretanto não posso ser egoísta a este ponto, porque antes não havia ninguém que pudesse depender de mim, mas agora... *acredito que sim*.

— Contei para Mattia — murmuro, ainda encarando o teto como se pudesse extrair dele algum tipo de solução, mas neste momento é apenas meu foco de calmaria.

— Eu ouvi — ela diz, sentando-se na beira da cama.

— Então ouviu a reação dele — respondo.

— Ouvi também que ele é apaixonado por você. Daemon não vai gostar disso. — Sem virar o rosto, olho apenas para o lado com os olhos, dando a ela um pouco da atenção dispersa que o teto recebia.

— Daemon *não vai saber disso* — completo. — Assim como não vai saber da minha gestação agora.

— Ele é o pai.

— E eu sou a mãe — pontuo com a palavra firme. — O que eu estou dizendo? Eu nem sei se ele está vivo agora, Marta.

Seus braços me rodeiam, apertando-me contra o seu peito e, por fim, acho que é exatamente disso que eu preciso, um ombro amigo, um leito para desabar. Meu choro sai esganiçado, com um soluço e uma sede por ar que faz doer a minha alma.

— Não chore, criança! — Aninhando minha cabeça em seu peito, sinto seus dedos massagearem meus cabelos. Conforme o tempo passa, sinto um alívio interno, uma paz que se instaura, porque mesmo que o mundo esteja contra mim, minha tranquilidade em saber que ao menos Marta está do meu lado acalma a euforia que cogita sair por algum lugar.

— E se tudo piorar? — Sua blusa seca meu rosto.

— Eu estarei aqui — ela me tranquiliza — Daemon vai ficar estressado, mas vai ceder quando vir uma pequena cópia dele.

Ela se afasta e eu respiro fundo. Com sua ajuda, limpo o rosto úmido sentindo os olhos inchados. Maldita instabilidade de humor que me coloca no céu e no inferno em intervalos tão pequenos de tempo que me sinto em uma loucura só.

— Eu vou tentar me estabilizar. — Não é uma promessa de conseguir, mas de tentar, e, se eu tiver algum sucesso, será um grande avanço.

Meu sorriso pequeno invade seus olhos e ela o retribui com todo carinho guardado.

— Eu fico feliz que tenha sido você a se casar com ele. Não sei como seria se ele tivesse se casado com Antônia. Ele te ama e talvez só não tenha percebido ainda que sente isso. Daemon não sabe como é amar uma mulher, mas sei que você pode mostrar isso a ele. — Meu coração se aquece com esse tipo de ideia. Não é como se eu tivesse o sonho de ser aceita desta forma por ele, talvez eu já tenha sido, mas a forma errada com a qual ele fora ensinado sobre como ter uma esposa, deturpou-o para o mundo, trazendo conotações erradas de como viver a dois.

Temos muito tempo pela frente, ou ao menos deveríamos, e espero ter psicológico para fazê-lo entender que a vida não é feita apenas dos traumas que ele viveu.

— Eu torço por isso, Marta — sussurro.

— O que você acha de iniciarmos hoje o seu pré-natal? Você precisa começar a tomar vitaminas, comer bem e realizar exames! É ideal que você dê início a ele. — Marta pega minha mão, acariciando meus dedos. — Precisamos começar a fazer algo por esse bebê.

Estou deixando que o tempo passe por mim, quando sou eu quem precisa passar por ele. Não posso parar no meio dos meus pensamentos, eu preciso dançar conforme a música. Tomo um fôlego caprichado, transformando-o em coragem para que possa refazer meu caminho quando me perdi dele.

— Tudo bem.

— Não vou pedir para que bote um sorriso no rosto, porque não sabemos o que aconteceu ao seu marido, mas erga-se! Você não deve se deixar levar pelos obstáculos, deve fazê-los de degrau. Tudo bem? — Concordo com ela, balançando a cabeça.

— Vou... trocar de roupa. Pode me dar algum tempo? — Marta se levanta.

— Troque-se e coma. Vou esperar você no primeiro andar em uma hora, tudo bem?

— Tudo bem.— concordo.

Ela se vai.

Encaro o teto uma última vez antes de me erguer. Passo a língua sobre os lábios ressecados e procuro o guarda-roupa que divido com Daemon. Algumas peças soltas são respostas da minha pressa nos últimos dias, e a falta de pedidos para que Marta as revise nos lugares fez com que a desorganização só piorasse com o passar dos dias.

Afasto alguns cabides, quando uma jaqueta que nunca vi Daemon usar cai diante de meus pés, eu a posiciono no mesmo lugar de antes, mas um pequeno bilhete descansa logo abaixo de meu dedo maior do pé.

Parece velho.

Está dobrado em tantas vezes que para desdobrá-lo parece levar o infinito de tempo.

A letra me parece feminina e o teor de sua caligrafia, em um carinho que me toca, excede à pena.

“ De: Alessandra Constantini

Para: Alessandro Constantini

Irmão, tenho saudades. Conheci alguém com a mesma idade que eu, ela se chama Merida. Temos ficado muito próximas, acho que posso afirmar que finalmente encontrei uma grande amiga, em contrapartida, encontrei alguém a quem odiar, o nome dela é Charlotte. Tivemos uma briga por alguns pães da ceia terem sumido e a culpa recaiu em mim, mas sei que foi ela. Enfim, vou ficar bem.

Diga à mamãe que eu a amo, e não se esqueça que te amo um tanto também.

Com amor, coisinha.”

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 60

A

Origem do erro

ALESSANDRO CONSTANTINI

Meus olhos se abrem em um segundo, atentos como os de uma águia que nunca dorme, a visão direita um pouco prejudicada, mas consigo entender o que aconteceu pelos olhos de Daemon, em minha mente.

O sol se estende lá fora e a claridade aqui dentro é tanta que ofusca minha visibilidade, enquanto demoro a me acostumar com os feixes de luzes que apenas esticam-se pelo chão, alcançando quase a beirada da outra mesa.

Rodo o pescoço, sentindo o corpo dolorido, mas não é nada de preocupante.

Incomodo-me pela posição em que estou. Deveria ter alguém sobre a cadeira e não *eu estar na cadeira.*

Não gosto de ser a brincadeira, apenas de brincar.

Meu peito está sujo de sangue, *meu sangue*.

— Eu vou matar o filho da puta! — grito, sacudindo-me contra as amarras que apertam meus punhos. A sensação de ódio me deprime, porque não gosto de perder autonomia. Gosto de tirá-la dos outros, mas a mim essa regra não se aplica.

Quem aplica as regras sou eu.

— A surra que eu te dei deveria te deixar calminho, *Constantini*, e não ao contrário. — O *Sottocapo* de Dario entra em cena. Um palito é espremido e rolado em seus dentes, até que ele finalmente o pegue entre os dedos.

— Me surrar enquanto estou preso é fácil. Me tire daqui, hein... — Eu rio, jogando o queixo para trás, friccionando os pés um contra o outro conforme tento, de alguma forma, afrouxar a corda que me ata à base da cadeira. O meu estresse só aumenta, pois é ele que está bem livre, quando ficaria melhor morto.

— Não sou tão burro assim — responde.

— Se fosse inteligente, eu já estaria morto, mas como é um burro, imbecil, eu ainda respiro — grunho, entredentes.

— Você está falando demais.

Ele se aproxima face a face, com um sorriso em deboche pela posição de liderança que assume, desdenhando de sua liberdade, enquanto estou aprisionado com uma vontade alucinante de arrancar-lhe os dois olhos e matar a fome que sinto.

Nada demais, já comi coisas piores.

Sua língua passa mais uma vez pelos dentes e, em um impulso firme e certeiro, consigo quase saltar da cadeira e agarro-a com meus dentes, que se cerra com toda a força, arrancando quase dois dedos de carne.

Tombo para frente, de rosto ao chão, e não tenho dúvidas de que adquiri um corte na testa, a cabeça dói e não é apenas pelo impacto.

Cuspo o restante da língua no chão e olho para Franco Corleone, que está no piso, enfiando a mão na boca enquanto sangue jorra dela.

— Filho da puta! PORRA, PORRA, PORRA! — gritando, ele procura no chão o pedaço que lhe roubei.

— Amarrado, eu ainda faço mais do que você. — Gargalho com o nariz no chão, impulsionando o pé e caindo de lado, mas a porra da cadeira me impede de levantar ou me sentar.

— Mas que merda está acontecendo aqui? O que... — Dario surge no pequeno corredor ao lado da mesa de itens *cirúrgicos.*

Meu olho treme e, apesar de que não é bem sua cara me matar enquanto esotu deitado no chão, talvez ele me levante e me aplique alguns tiros.

Adriano nunca esteve errado. Inimigos não foram feitos para brincar, ou você os mata de forma imediata, ou corre, porque certamente morrerá pelas mãos deles. A cada segundo que respiro em vida, mudo em minha cabeça a forma com a qual desejo que Dario morra.

Ora entalhado, ora repicado, ora queimado.

Gosto da que dá menos trabalho, mas também não acho justo desperdiçar tantas balas para ter sua morte imediata. Em se tratando de Martino, preciso confirmar e ter plena certeza de que o Diabo não mandou sua alma de volta do inferno.

— Saudoso cunhado, quanto tempo... — murmuro, sentindo o gosto de sangue viscoso e o líquido secar em meus lábios, enquanto tudo que queria era livrar-me dele.

— Você é louco, completamente LOUCO! — grita o *Sottocapo*.

— Venham aqui e levem Franco para resolver isso. — O *Capo* encara o sangue excessivo no chão e depois torna sua atenção para mim, sem entender o que aconteceu. — Como você conseguiu...

Eu gargalho, deitando a cabeça no chão, para dar algum descanso ao meu pescoço.

— Vesti uma batina e já fui chamado de Padre, deveria saber que opero... *milagres,* e que, para mim, nada é impossível. — Recebo um chute grosseiro do esposo de Alessandra. Eu perco o ar, mas através de uma concentração admirável o recupero com o passar de poucos segundos.

— Então, se eu fosse você, começaria a rezar para que *Deus* opere um milagre e você saia vivo daqui. — Outro chute, e

demoro um pouco mais de tempo para me recuperar do que da outra vez.

— Deixe-o para mim. — A voz feminina conhecida é um martírio quando se trata de família. Tão pequena, sua voz ainda era fina e a vontade de matá-la era dúbia dentro de mim todos os dias, enquanto eu me dividia entre o dever de fazer dela uma oportunidade para a Cosa Nostra e a promessa a Alessa de que ela deveria estar a salvo. — Ponha-o de pé.

Meu sexto sentido nunca falha e, ainda que todas as provas me levem para o caminho contrário, eu nunca me engano. Ela deveria ter morrido no dia que nasceu. Foi criada com amor e isso estragou toda a continuação de contravenção familiar que Adriano planejava fazer. Ele tentou criar uma empresa ilícita, mas criou apenas herdeiros para sobrepujar destruição sobre o poder patriarcal.

Somos máquinas de destruição, tentando servir de solução para a paz, quando esta chula palavra não existe em nosso vocabulário.

Seus olhos, antes ingênuos, inocentados do erro e do dever, agora estão carregados de tantas coisas que seria difícil separá-las por completo, mas uma coisa é certa, ela está quebrada, em pedaços tão pequenos que nem mesmo a morte os juntaria por completo. Ela está morta com um coração batendo dentro do peito. Livre de remorso, pois sabe que não pode morrer, então desfere o fim a qualquer um que cruze seu caminho.

— Olha quem está aqui... — Minha voz é uma mistura de sopro e surpresa fantástica, conforme Dario me ergue do chão.

— Já nos vimos ontem. As pancadas que recebeu te fizeram perder as memórias? — Ela quer ser desdenhosa, mas tudo o que vejo é rancor, daqueles que são inegáveis de esconder. *Eu gosto disso.*

— Você cresceu um tanto... *coisinha.* — Ela arregala levemente os glóbulos oculares, expondo os olhos verdes que tanto viram caos e destruição ao longo de sua curta vida. É duro

ver que ela é quase da mesma idade que Jezebel, mas tão diferente em seus atos e pensamentos. É notável que houve um antes e um depois de Dario em sua vida.

— Fala como se estivesse há anos sem me ver. — Ao finalmente encará-la num todo, noto o pequeno carrinho atrás de si, que ela se vira para puxar e deixar em evidência. Não tão profundo, ela deposita o bebê ao lado da mesa e de todos os pertences, ainda sem tirá-lo do carrinho. Ele faz algum som e Alessandra, com a face chorosa, põe o dedo na frente dos lábios, indicando para a criança o estado de silêncio que deseja, como se o bebê fosse racional o suficiente para acatá-la, quando na realidade, talvez nem mesmo consiga enxergá-la, levando em consideração a distância em que estão um do outro.

— E, de fato, estou. Ao menos ao vivo, sim. — Dario estreita seu olhar em minha direção, mas logo depois direciona-o a sua esposa. De forma privada, tento fazer força com minhas mãos, friccionando-as para tentar liberar o punho da corda que visivelmente está encerada. Talvez, se eu puder lubrificar com meu próprio sangue, as cerdas possam escorregar com mais facilidade. Há alguns pontos de farpas soltas na ripa da madeira onde começo a esfregar os punhos.

— Não deveria tê-lo trazido! — Dario exclama.

— Ele não serve mais para nada. *Você sabe*. — Alessandra me parece esgotada, como se seu último ato em vingança fosse tirar a minha vida, quando escolhe bem os itens que vai usar no processo.

— Você pode usá-lo para se restituir. — Seu marido alisa seus cabelos em um ato falso de carinho, depois de tudo o que já fizera a ela. — O puerpério nunca escarneceu tanto de você como agora.

— Deveria se corrigir e dizer que o puerpério nunca escarneceu de mim tanto quanto você, Dario. — Está estressada, cansada. A bolsa arroxeada de cansaço abaixo de seus olhos denuncia muitas coisas, as evidentes noites mal dormidas e coisas que eu jamais saberei.

Mas porque ela julga que a criança não serve mais para nada? Ele deveria ser o próximo *Capo*, em suas considerações finais, mas o olhar solto e perdido mostra que o mapa do plano traçado não se encontra mais disponível em seu inventário de loucura.

— Leve-o para lá — o *Capo* pede.

— Deixe-o aqui, despedindo-se do próprio tio, já que nem para tomar seu lugar vai prestar. — Ela engole a saliva e, quando estica os braços, aproximando-se de mim, puxa a manga do casaco que usa e consigo ver as diversas marcas do que me parecem ser agulhadas. — Eu nunca vi sua tatuagem no peito, estou vendo-a pela primeira vez agora. — Ela sorri, buscando com seus dedos outra das navalhas sobre a mesa, passando-os pela furadeira na tomada, mas continua com sua clássica escolha. — Que tipo de inferno você governa, Alessandro?

Eu rio da forma lenta com a qual ela se aproxima.

— Aqueles onde você seria considerada um anjo. — O punho dela é rápido em meu rosto. Minha cabeça pendura para trás, mantendo as pernas firmes e um equilíbrio que não me deixa cair.

— Ouvi histórias sobre você. Então era por isso que saía no meio da noite? Para matar em nome do nosso pai? — Seus dedos trafegam por sobre a pele de meu peito, desenhando cada letra que compõe minha tatuagem.

— Estou curioso para conhecê-las. — murmuro com um sorriso ainda no rosto, e sinto desapontá-la se ela espera qualquer tipo de tristeza. Se eu morrer agora, será com a porra de um sorriso satisfeito na cara. — Não deveria me perguntar as coisas se já tem suas respostas.

— Ah... chamavam-no de muitas coisas. A primeira cabeça que surgiu da hidra, aquela que ninguém conseguia cortar, o primeiro dos ceifadores... — Ela tem bons pontos.

— Apelidos fracos. Alessandro é o melhor deles. — Minha cabeça retorna, encontrando seus olhos rentes aos meus, tentando

desvendar o que já está escrachado demais para que ela não veja.

Arrasto mais uma vez o punho contra a madeira e a dor aumenta, molhando a palma de minha mão em um anúncio de que o sangue começa a escorrer.

Ela me acerta uma sequência de socos no peito, no pescoço e nos lábios, cortando-os, fazendo com que o ar se dissipe e tornando meu corpo mole, mas não demora muito até a sensação de imponência começar a desaparecer de seu rosto mais uma vez.

— Chama isso de tortura? — O deboche dificulta a sua paciência, que mal apareceu e já nos disse adeus.

Alessandra empunha a navalha em mãos e enfia ao menos dois dedos dela em meu peito. A primeira coisa que sinto é a ardência; não é latente, é mais como se estivesse sendo deslocada, porém não darei a ela o gosto de presenciar o meu desespero.

Ela torna a puxar a navalha, com a lâmina ainda em minha carne, tornando o corte maior à medida que separa minha pele.

Meu dente trinca e eu me mantenho calado enquanto ela me rasga de um lado ao outro do peito, encarando-me nos olhos de forma dura, para que eu devolva o mesmo senso de coragem que ela.

— Eu vou escalpelar você por inteiro, começando por isso aqui. — Sua mão desce e faz o movimento contrário enquanto me rasga em toda a parte da tatuagem.

— Espero que se... divirta... — Aperto os dentes em um nervoso comum. O corpo humano não foi feito para visualizar este tipo de feito sem afetar o sistema nervoso, que grita pedindo que pare. Quando faz o corte perfeito, puxa a derme junto da epiderme, expondo em meio a sangue e fibras o músculo sobreposto de camadas de gordura. *Arde pra caralho.*

— Eu estou apenas começando.

Continuo esfregando a mão, tentando tirá-la da corda.

— Continua sendo tão fraca como era quando criança. Te falta ódio, faziam muito pior na iniciação da Cosa Nostra. — Rio, mas, dessa vez, de forma forçada. Ela está à beira de um colapso e eu não posso permitir que se mantenha firme na intenção de me matar até o fim do dia.

Dario busca a criança dentro do pequeno carrinho, está dentro de um manto, mas a cabeça está para o lado de fora. Meus olhos se agarram à sua anatomia não uniforme, dando-me clareza o suficiente para entender o porquê de a ideia de tomar a cadeira de *Capo* da Cosa Nostra não é mais ideal para eles.

Ela me acerta um soco na boca do estômago. Sangue escorre de meu peito de forma alarmante.

— Você não está em posição de falar aqui.

A *Omertà* funciona como o antigo quadro espartano de guerra: os filhos com más-formações ganham direito à morte, por não poderem desenvolver em pleno teor de saúde as habilidades suficientes para serem denominados guerreiros ou até mesmo líderes de estado e políticos.

E ela sabe.

O filho de Alessandra nunca será apto para estar em minha cadeira por causa de uma má-formação. *Aqui está a resposta.*

A cabeça lateja e minha vista ameaça escurecer. Aqui está o ponto da dualidade, bem diante de mim, tornando-se tão ruim quanto eu. Em qualquer outra ocasião, eu estaria orgulhoso.

— Você é realmente uma inútil. Nem mesmo para parir um sétimo filho decente serve. — A criança torna a chorar sem parar, enquanto em um movimento repetitivo, Dario tenta acalmá-la, não porque ele pensa no próprio filho, mas porque sabe do estresse de Alessandra. Ela me acerta outro soco e eu quase vomito. A desgraçada tem o punho forte. O *Capo* põe o bebê dentro do carrinho mais uma vez, quando ele se cala. — Explique a ela por que a criança nasceu com má-formação. Eu duvido que ela saiba.

Apenas o olhar mórbido de Dario me encontra. Sei que ele está arrepiado. Não é todo dia que alguém consegue fodê-lo tantas vezes, mas ele deveria saber que é de uma burrice sem tamanho que ele traga Alessandra até aqui e realmente acredite que não direi nada a ela.

— Mate ele — o *Capo* pede.

— Não. Eu esperei muito por isso e não vou finalizar tão rápido. Quero que a mente de Alessandro se esvaia aos poucos. Quero ser sua última memória. — Segura parte de minha pele na mão e a deposita sobre a mesa.

— Diga a ela, PORRA— grito seriamente, e isso chama a atenção dela.

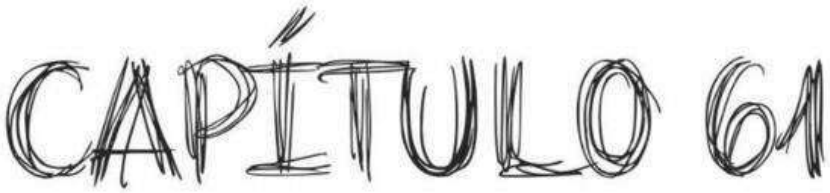
— MATE ELE, MERDA! — Dario berra mais uma vez.

— Do que ele está falando? — Ela realmente não faz ideia do que estamos discutindo.

Sinto como se uma faca estivesse entrando em minha nuca, os lapsos e apagões aumentam com os segundos, até que eu finalmente não consiga mais enxergar nada, mas uso o resto de consciência que tenho.

— Estou falando que seu filho nasceu inútil, porque você e ele compartilham do mesmo genitor. — O mundo se vai e eu também.

OceanofPDF.com



A

Última chance



ALERTA; INFANTICÍDIO

Agora é diferente, não é como acordar de um sono, é como explodir em uma consciência que, até pouco tempo atrás, não existia, porém com a somatória de uma enxurrada de coisas que quase me levam à loucura.

A dor absolutamente ignorante no meu peito ganha uma preocupação a mais quando meus olhos não encontram a tatuagem cotidiana que me enfeita a honra, mas sim a carne exposta em uma fonte de sangue que escorre por minha barriga até o cós da calça.

O som de uma gritaria vai tomando minha atenção, até que eu entenda que é Alessandra quem está gritando, bem em meu ouvido.

Os indícios estão todos aqui: *Alessandro* acabou de me dar espaço para assumir a frente da consciência, ou talvez o gatilho de meus traumas esteja em pessoa diante de mim, causando uma confusão tão grande em minha cabeça por estar com um pensamento dividido entre matá-la e deixá-la matar a si mesma com sua loucura.

Meu corpo está tremendo, não consigo controlar.

— Por que disse isso? — ela grita repetidas vezes, como se eu realmente estivesse entendendo, mas sequer sei do que ela fala.

— Do que você está falando?

Antes de minha resposta, um soco chega no lado direito do maxilar.

— Não se faça de louco! Você acabou de dizer. — Seus dedos travam em minha mandíbula e eu forço o meu punho na corda que, por algum motivo além da dor, está soltando-se, escorregando à medida que raspo a pele dolorida nela. — Por que disse que Dario é meu pai?

Jezebel ronda meus pensamentos. Certamente ela não foi pega, pois é óbvio que Alessandra me faria assistir à sua morte lenta enquanto esgoto minhas forças para me livrar das amarras.

— Deveria perguntar a ele. — Minha resposta revela muito mais do que dúvida no interior da jovem esposa do *Capo* da ’Ndrangheta. Seu olhar vagueia, tentando encontrar uma mentira em minhas palavras. — Posso ser qualquer coisa, mas você sabe, *você sabe,* que nunca fui um mentiroso.

— Do que ele está falando...? — Dario destrava a arma e, antes que ele aponte em minha direção, o corpo pequeno de Alessandra entra em minha frente, surpreendendo até mesmo o mais cético de todos nós. Ela não o faz para impedi-lo, ela quer apenas preservar a única prova da possível mentira que seu marido está sustentando.

— Por que acha que eu matei nossa mãe? — murmuro.

— Saia da frente. — Não consigo ver Martino, mas, pelo som, consigo saber que ele ainda empunha a arma e só não vai atirar porque Alessandra, mesmo que não seja filha legítima do *Capo* da Cosa Nostra, fato que o Conselho desconhece, carrega o sobrenome Constantini, ainda que o sangue de Adriano não esteja misturado ao seu. Ela pertence muito mais à *Legião* do que a qualquer uma das duas casas.

— Se não falar, Dario, convoco meu irmão a contar o que você é incapaz. — Sua paciência inexistente surge, pois, para dar ouvidos ao passado, sempre é necessária uma sorrateira paz para entender o que muitos julgam ser ilegível na linha do tempo, quando, na verdade, é mais uma descoberta dos enigmas que compõem a nossa história.

— Adriano ordenou uma morte, a sua ou de Alessa. E adivinha quem escolhi? Alessa — murmuro. Meu peito dói, pela musculatura, a ausência de pele, minha cabeça quase me tira da linha de raciocínio e preciso equilibrar meus interesses com necessidades de vida. É uma linha bamba sem lado certo, pois se eu cair para qualquer um deles, vou morrer na insuficiência de uma das partes. — Antes de tirar sua vida, ela me pediu que tomasse conta de você. Adriano me garantiu que você ficaria lá, em segurança... ele não queria causar alarde, mas mentiu. — Minha tosse aumenta. — Mas... ele sabia de quem você era filha. Seu casamento com Dario já estava marcado, e quando ele entendeu de quem era sua paternidade, decidiu que você era uma vergonha e não era mais problema dele. Eu não sabia, eu juro que não sabia, porque, se soubesse, eu teria te arrastado de lá e te levado para um lugar longe, distante de todo esse lixo.

— Isso nunca foi um problema, meu amor. — Martino está se referindo a ela, tão taciturno quanto se realmente fosse uma briga normal entre marido e mulher, mas mulher esta que está descobrindo que foram seus pais, tanto o biológico como o de criação, a foderem com sua vida desde criança.

— Então... — Sua voz se torna grave e os soluços logo a acompanham. Ela dá alguns passos para trás, tentando raciocinar e desvendar alguma mentira em minhas palavras, mas os fatos são ligados e não precisa ser ultra inteligente para fazer as conexões. — Todos os meus filhos nasceram doentes...

— Você é minha esposa. Eu lhe dei o trono de senhora da ’Ndrangheta — Dario fala, como se tivesse dado a ela o mundo, quando, na verdade, atira-a de um precipício desde que a teve e sempre que tem a oportunidade, repete o processo.

— Meu deus... — Incredulidade. Ela desaba, em um desespero que se sobrepõe a qualquer outro caos interno, mas o puerpério aguça tudo e é como uma exagerada quantidade de álcool sobre o fogo grosseiro, que engole tudo e, como sempre, não difere trigo de joio. — Você... é meu pai? — Ela se vira, devagar. — Ele é meu pai? — Em seus olhos, por milésimos de segundos, a luz interna brilha e a fagulha da irmã que um dia tive vem à tona por um breve instante, como se estivesse a atravessar a rua e logo sumisse em uma tristeza desesperadora, a qual eu pegaria no colo e botaria para dormir, como fazia nos velhos tempos, sem me importar com seu tamanho adulto, apenas para ter certeza de que a segurança de sua cama a aguarda outra vez e fazer jus à promessa que quebrei quando o dever deixou de fazer qualquer sentido para mim.

— Alessandra, vamos voltar para casa. — Sei que vou me arrepender, mas as memórias que tenho me fazem acreditar que é possível virar uma chave, quando talvez nada tenha restado dentro de sua cabeça, mas só me darei por vencido depois que tentar. — Foi Dario quem teve a relação que engravidou Alessa de você. Não existe espaço para nós aqui. *Vamos para casa.*

— Então aquela criança... é o meu irmão? — *Ela está chorando.* — Então eu dei à luz o meu irmão? — *Ela está destroçada.* — VOCÊ ESTUPROU SUA PRÓPRIA FILHA?! — Minhas mãos se soltam finalmente da corda, e ainda que meus pés estejam presos, já é um grande avanço, pois consigo fazer o suficiente com os punhos livres. Meu peito dói, mas o consciente disponibiliza menos independência para a dor quando a oportunidade de sair daqui com vida surge. Meus braços continuam para trás.

Ela está cega e sequer me ouve, pois vê diante dela o homem que a destroçou, assim como aquele que deveria ter cuidado de sua segurança. No que acreditar, quando aquele que deveria protegê-la, na verdade, foi o primeiro a deflagrar sua carne e torcer para que as pequenas partes já quebradas de sua mente pudessem se repartir em muitos outros pedaços?

— Você seria morta por Felippo. — Ele tenta se explicar. — Eu salvei você.

— Merida te amava, Alessandra. Ela acreditava que você estava viva — falo, compassivo. Ela me olha, suas sobrancelhas perdem a força e seus pensamentos divagam; ela monta em sua cabeça toda uma estrutura de vida que poderia ter vivido, mas lhe foi arrancada sem qualquer privilégio, quando tudo que queriam dela foi subtraído e agora sobra apenas uma alma vazia e um corpo usado.

— Você me salvou? — ela grita, virando-se para seu marido, que se afasta, indo na direção contrária à jovem senhora da *Onorata Società* andando a passos rápidos. — Você me destruiu... — Ela pega uma das navalhas sobre a mesa e vai em direção à criança. Meus ouvidos se fecham, prestes a registrarem um novo trauma.

Seria hipocrisia afirmar que, de certa forma, a morte de uma criança me impacta. A grande questão não é essa, mas sim o fato de que a irmã que eu conhecia não é esta mulher à minha frente. Ela tinha um carisma sociável, cuidava das plantas e até tentava cuidar de mim também, mas vê-la assim, prestes a matar o próprio filho, após descobrir que este mesmo filho parido também se trata de seu irmão, é um novo trauma, quando eu achei que já havia passado por todos.

Não, não, não.

Vejo apenas as pequenas mãozinhas e nada mais, entretanto, com raiva e furiosa, ela desfere alguns golpes contra a parte interna do carrinho.

Não consigo ouvir nada.

Meus olhos piscam e eu desvio o olhar.

Precisa ser agora.

Não posso salvá-lo. Com a mãe que tem, nasceu condenado, já o estava quando crescia no ventre, mas agora Alessandra o liberta de um futuro catastrófico quando ela, no fundo, deseja o mesmo.

Matar Dario, Alessandra ou salvar a criança?

O tempo para e a dúvida se vai. Tão nova e pequena, talvez não dê tempo sequer de tirá-la desta casa com vida e, por outro lado, posso prevenir males futuros com a morte de Martino, que era o plano desde o início.

Tenho chance de encerrar aqui um conflito emblemático que decide não só parte de minha vida, como o descanso da filha de Alessa, que embora em carne esteja presente, tem sua alma perdida em algum de seus pedaços, que talvez nem mesmo Deus seja capaz de encontrar entre os estilhaços.

Enquanto Dario me dá as costas, tentando impedir Alessandra, eu retiro os pés das cordas com a ajuda das mãos, disponho-me a correr até a mesa e puxo a furadeira enquanto meu dedo se posiciona no botão, ligando-a. Antes de ele se virar para trás, enfio toda a broca girando rápido na nuca do Capo da ’Ndrangheta. Quando o objeto encerra os giros, agarrando no interior de sua cabeça, suas mãos de tato fraco procuram sua nuca, mas a consciência deturpada da vida que se esvai logo perde o equilíbrio, enquanto eu guio seu corpo através do metal em sua nuca, como se fosse o guidão de uma bicicleta.

E mesmo com o som alto, Alessandra não para os golpes, mesmo que o corpo infantil sequer tenha qualquer vida, como se a morte do próprio filho anulasse sua vinda ao mundo, quando, na verdade, ela vai não só pagar as penitências cometidas por ela, como também fará parte das que empunharam contra sua liberdade.

— PARA! PARA, PORRA! — O golpe de hipocrisia me atinge e eu me questiono por que sinto tanto a morte desta criança, quando tantas outras morreram por minhas mãos, não de maneira tão brutal, mas, ainda assim, não deixei de tirar suas vidas.

É neste momento crítico, não só de fé ou humanidade, que percebo o traço compatível com o dela. A loucura infame que a deixa hiperativa, sem parar os movimentos contra o carrinho,

demonstra algo que talvez eu nunca teria entendido de outra forma.

Eu deveria ter a mesma loucura de Alessandra, mas, pelo exclusivo motivo de que Alessandro divide a cabeça comigo, ainda tenho esta parte sã que não me empurra no precipício da loucura, tornando-me capaz de fazer coisas como essa.

Tentando há tanto tempo me livrar de Alessandro, quando é por ele assumir toda a carga traumática psíquica que ainda consigo associar a razão e o dever.

No final, fui salvo, quando jurava ter sido jogado ao vento por ele.

Dario Martino está morto e nenhum de seus homens se compadecera com o som da morte que jaz aqui dentro.

Agarro Alessandra pelos cabelos, porque não há qualquer indício de que ela consiga viver em sociedade e, mesmo que a fé de Jezebel esteja um pouco sobre mim, não há esperança para alguém tão perdido que não consegue encontrar sequer o chão debaixo dos próprios pés.

Está tão quebrada que corro o risco de que ela vaze por entre meus dedos quando a tenho em mãos.

Ela cai no chão e, quando me sento sobre ela, sinto uma dor aguda no braço ao ver a navalha inteira dentro de minha carne.

Uma de minhas mãos agarra seu pescoço, empurrando-a contra o chão.

— Por favor... — implora. Com a outra mão agarro seu punho, prendendo-o no alto da sua cabeça, mas meu músculo do braço, rígido, ainda está sendo rasgado pela sua mão forte, que tenta puxar a faca para baixo, na tentativa de terminar o serviço.

Porém, seu rosto branco torna-se vermelho como vinho. Veias saltam em sua testa e seu punho perde a força quando o ar cessa e seu cérebro não tem mais oxigênio para fazer conexões e manter a consciência.

Seus olhos vão se fechando devagar.

Eu preciso terminar isso.

Ela torna-se inconsciente logo embaixo de mim.

Eu preciso matá-la.

Eu só preciso terminar o trabalho.

“— Promete protegê-la?”

A voz de Alessa é uma maldição fresca que ressoa sempre que a morte de Alessandra se torna o mais real possível, mas já falhei dever e promessa tantas vezes, por que o faria de novo agora?

Eu preciso de sossego e ela também. A morte, para pessoas como nós, é só uma bênção dos céus.

O *Capo* da ’Ndrangheta está morto.

Retiro a navalha de meu braço e o sangue torna-se viscoso enquanto escorre até minha mão. Não estou preocupado em estancá-lo. Há coisas mais importante para tratar. A lâmina esta rente ao seu pescoço, e basta um pequeno e duro movimento para fazer com que ela não acorde mais, entretanto o quão covarde eu seria?

Eu preciso fazê-lo.

Ela está derrotada, que tipo de mal representaria sem a *Legião* e sem Dario? Ou o quão culpado eu me sentiria ao deixá-la viva para definhar por aí?

Matar Alessandra é a mesma coisa que matar a menininha que tinha medo do escuro, comia rosas e arranhava meu rosto em um abraço, quando pequena.

Jogo a lâmina longe.

— Não posso — murmuro. A falta de coragem me assola diante da única coisa que nunca tive o impulso de exterminar, mesmo com todas as chances; *minha irmã.*

— Dario? — É a voz de Franco, não está tão próxima, mas ainda pode se tornar, se eu não me levantar daqui e fugir.

Retiro o casaco do corpo de Dario, que jaz no chão sobre sua poça própria de sangue. Enrolo o corpo do bebê tão pequeno e sem vida para, talvez, dar-lhe um destino digno de onde descansar seu corpo, pois ser enterrado ao lado do pai e avó não é um fim à altura.

Deus, o que estou fazendo?

Os homens dispersos pela floresta estão com a guarda baixa, não é difícil me enfiar no meio dos arbustos e buscar apoio nas árvores enquanto corro entre os galhos, certificando-me de que nenhum buraco ou armadilha me esperem.

Minha cabeça lateja enquanto meu peito aberto me traz uma dificuldade latente de respirar, já que os músculos expostos estão ressecados de sangue e poeira.

Estou fraco, mas preciso encontrar algum lugar e tentar contatar Mattia para uma retirada com sucesso, caso contrário, um caixão vazio será enterrado em meu lugar.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 62

Bom filho à casa torna

JEZEBEL CONSTANTINI

— Leve qualquer coisa. *Eu não me importo* — murmuro para Marta. Estou com sono ao extremo. Dormi tão pouco esta noite, pensando em como estaria Daemon, depois de três noites sem vê-lo. Estamos em uma loja, comprando uma variedade maior de roupas largas, já que agora, esconder minha gestação não é uma opção.

Mattia passa longe de mim sempre que pode e, embora eu tente puxar qualquer assunto, ele evita ter contato e até mesmo me olhar, entrando em alguma sala ou qualquer outro cômodo da casa para que não precise ter interação direta.

A situação é insalubre e sinto a tristeza profunda da solidão, que começa a surgir de todos os cantos possíveis, sem que eu possa sequer olhar para os lados e desfrutar da companhia de alguém que não seja Marta.

— Vou levar uma grande quantidade de peças — ela responde, e eu dou de ombros.

Mattia não pode nos acompanhar, então Otto fez questão de fazê-lo. Sempre tão monossilábico, mas prestativo, até mesmo para abrir a porta e se unir às *decinas* do lado de fora da loja,

enquanto Marta faz todo o trabalho sem qualquer participação minha, que estou sentada neste momento, olhando para o chão desde que entrei.

Fui obrigada a levantar da cama.

Obrigada a comer.

Obrigada a abrir os olhos por conta dos raios de sol que entraram no quarto pela manhã, mas obrigada também a me recordar de que Daemon talvez tenha ido para não voltar. Tento não me apegar a esta possibilidade fajuta, pois não me recolhi para longe, na noite do casamento, com a certeza de que estaríamos sempre juntos.

Comprando roupas enquanto meu marido está desaparecido? Não me soa nem um pouco bom, mas talvez mais importante que isso seja a necessidade de esconder minha barriga que cresce.

Deixo a loja com Marta ainda no caixa, fazendo os pagamentos necessários para ir embora. Otto me encara em pé na entrada, aproxima-se para mostrar-me que tem boca, e ele fala.

— Está tudo bem? — Sua pergunta já tem uma resposta, mas ainda que esteja tão estampada em meu rosto, ele deseja confirmar ou ter certeza.

— Preciso responder? Achei que estivesse claro — murmuro. Esfrego o braço, sentindo um arrepio por conta do vento frio que se arrasta rua abaixo.

— Ninguém na *Omertà* está feliz com o sumiço de Alessandro.

— Então você tem a minha resposta — digo, respirando fundo, como se o ar gelado me entorpecesse por dentro, causando ainda mais frio do que sinto. Otto se cala, provavelmente arrependido de ter tentado quebrar o gelo e, em consequência, acabar gerando ainda mais. — Você... acha que ele vai voltar?

Não é um sorriso que nasce em seu rosto, mas ele agora atesta uma satisfação em saber que sua aproximação desajeitada,

de alguma maneira, deu certo.

— Alessandro é... *duro de matar*. — O membro do Conselho adquire um tom de brincadeira sucinto, com leveza, mas ainda cooperando para a esperança que talvez nunca morra dentro de mim.

— É, ele é mesmo. — Suspiro.

O caminho de casa acaba tornando-se curto quando estou perdida em pensamentos para encarar as árvores da estrada e da floresta, como sempre o faço. Cogito algumas remotas possibilidades de que ele possa ter saído de toda essa situação ileso, mas esteja preso em algum lugar.

Ao entrar, decido subir direto para o quarto, mas me surpreendo quando, ao abrir a porta, Mattia está parado bem na janela, encarando o jardim, com o rosto pesado e ombros endurecidos, em uma postura de quem quer dar muito mais do que algumas palavras.

Eu poderia dar um boa-tarde, ser graciosa, como sempre fui, mas sua falta de empatia com toda a situação durante os últimos dias, mostra que talvez ele não deva ter nem mesmo a cordialidade de minha parte.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, devolvendo-lhe o mesmo grau de educação que tive.

— Boa tarde. — Seus olhos varrem o chão e ele sabe que está errado. Sei de minha parcela de responsabilidade, mas o mínimo é que Mattia também saiba da sua.

— Este é o meu quarto e eu não quero que você entre sem pedir permissão — digo, visivelmente alterada.

— Você nunca se importou antes, então por que se importaria agora?

— Isso era antes de eu saber que você não me vê mais como *uma irmã*.

Balança a cabeça negativamente em um desacordo com ele mesmo.

— Fala sério, para mim continua sendo como antes. — Solto uma risada infeliz, anasalada.

— Como antes? Eu contei a você que estou grávida e você tem me tratado como nada, Mattia. Sequer me cumprimenta. Já estava me sentindo culpada o suficiente, mas agora? Estou um verdadeiro caco, porque Daemon sumiu e não tenho qualquer garantia de que ele vai voltar. Estou tendo que lidar com tudo sozinha e... — Ele se aproxima e me abraça pelos ombros. O maldito choro retorna e se torna copioso quando há sempre tanto conflito em mim, muito mais do que eu possa classificar.

— Preste atenção, *me desculpa*. — Secando o rosto e tentando controlar o soluço que surge quando o pranto começa a fugir de controle, respiro profundamente para apaziguar a vontade. — Eu... só estou confuso. Você não é a única abalada com tudo isso, eu também estou me sentindo afetado com o sumiço de Daemon. Dante entregou a caixa para Lucius, mas... ele não consegue abrir, porque teme cortar o metal e a mensagem estar codificada em sua parede interna, afetando o entendimento do que está dentro com isso. Estamos tentando abrir de uma forma menos... invasiva — murmura.

— E as buscas sobre... Daemon?

— É sobre isso que eu vim conversar com você, *Bel*. — O sufixo de meu nome é um arrepio, pois se ele precisou amansar a forma com a qual fala comigo, é porque a notícia precisa ser dada de forma branda.

— *Não*. — O estado de negação é o primeiro que surge, pois a mente maquina a pior das hipóteses quando noto que Mattia precisa de todo um toque de cuidado para falar.

— Preciso que você fique... calma.

Fecho os olhos, afastando-me de seu toque em meus ombros.

— *Não*.

— Ele está vivo. — São quatro passos até que meu corpo encontre a cama e eu me deixe cair sentada. A respiração torna-se

ofegante, porque o quadro de estar vivo é um tanto ambíguo quando Daemon pode estar enfiado em muitas situações entre a linha de ter sobrevivido e estar em qualquer outro estado no qual tenha um coração batendo, mas o consciente desligado. Não é mau agouro, mas o pouco tempo em que aqui estou, sei que, na realidade, nada é impossível em se tratando dele.

— Onde? — pergunto rápido, esperando ter a resposta na mesma velocidade, mas o filtro de suas palavras as seleciona muito devagar para chegar aos meus ouvidos. — Mattia!

— Calma. Ele... ligou para mim, mas eu estava em reunião com o Conselho. Daemon conseguiu contato com Lucius, eles o encontraram em uma pequena província chamada *Messina,* quase seiscentos habitantes, fica em uma comuna da Sicília chamada *Floresta*. Passou por uma cirurgia de enxerto de pele no peito, recebeu transfusões de sangue e vai vir para casa nos próximos dois dias. — O suspiro de alívio me parece mais longo do que o normal. Meu corpo tomba para trás de braços abertos, encarando o teto, mas sua condição me chama atenção, afinal *não faço ideia do que pode ter acontecido.*

— Enxerto? Por que ele precisaria de enxerto? — As sobrancelhas criam um vinco em minha testa e eu respiro profundamente.

— É... hum... — Mattia hesita demais, novamente tentando encontrar palavras certas para usar, mas, durante os segundos que se demora, põe-me a enfatizar a probabilidade de que as coisas não estejam tão boas quanto ele tenta me passar. — Parece que... que Dario arrancou a pele do peito de Daemon, onde estava sua tatuagem. — Engulo em seco. O que ele há de ter passado?

— Eu quero vê-lo. — É um direito meu como esposa, que posso proclamar.

— Ele está em repouso, não é sábio você ir até lá agora. Além do mais, ele não está na Sicília. Está com Lucius, ele vai se instalar aqui assim que chegar. — O Conselheiro cruza os braços. — Está com o rosto um pouco roxo e tem um corte no braço, mas isso é o de menos. Ele está vivo e em perfeito estado.

— Meu Deus, que alívio. — Ele concorda, mas seu jeito desconcertado e incomodado continua, e pela forma imóvel com a qual ainda se porta, próximo à janela, não acredito que a notícia de seu *Capo* seja a única coisa da qual quer conversar.

—Mas também acho que precisa contar da sua gravidez. — Ele me lembra o óbvio e, embora eu queria adiar, é simplesmente inevitável.

— Eu sei, mas não vai ser agora — recordo a ele. — Quando a caixa for aberta e Daemon recuperar o papado, apaziguando tudo, vou contar a ele. Estamos com preocupações demais e chega a ser um egoísmo de sua parte querer que eu conte a ele dessa forma.

— Não é egoísmo, mas quando ele entender que você já sabia e não contou a ele, vai levar como se fosse uma traição, e eu não quero que ele enxergue você como uma mentirosa ou uma mulher omissa. — Entendo o que Mattia diz, mas o risco agora vale muito mais do que dar a margem para escalonar o possível desentendimento.

— Vou permanecer com a minha decisão. Entendo que é o *Consigliere*, mas contar ao meu marido só cabe a mim. — Ele concorda comigo e parte minha se aquieta, já que os eixos estão se centralizando de novo. — Serei eu a ter o peso de sua decepção, mesmo que não haja motivo para isso.

— Se acha que não tem motivo, então você não conhece realmente a Cosa Nostra. — Eu sorrio em sua direção. Ele não sabe o que fala, ao menos é o que acredito. — Dante esteve no centro de Palermo, resolvendo algumas coisas para Lucius, entretanto passou aqui para deixar alguns documentos. Ele está lá embaixo.

Sei que Mattia intermedia a notícia, mas talvez Dante tenha alguma nova atualização sobre Daemon. Sinto o sangue esquentar com a ansiedade de que o Conselheiro casalês possa me oferecer alguma novidade do *Capo* siciliano.

— Vou falar com ele. — Minha afobação só aumenta, mas, ao passar diante dele, seus dedos seguram meu punho.

— Acho melhor você ficar aqui. Dante não está contente com a situação de Daemon ter quase morrido para proteger você — ele me responde hesitante, mas puxo o punho, ignorando completamente suas palavras. — Jezebel. — Ao abrir a porta, dou a ele minha atenção. — Eu me importo com você.

— Se realmente se importa, não tente tirar a minha autonomia, pois já basta Daemon me submeter a este tipo de veto. — E eu o deixo em pé, sozinho.

Desço as escadas e Dante é a primeira coisa em meu campo de visão. Há algumas pastas em sua mão, que ele deposita sobre o sofá na sala.

Mattia surge logo atrás de mim, sabendo que o arrogante do Conselheiro de Lucius não tem a intenção de filtrar qualquer falácia que sobrepuja a ignorância alheia.

— Então você é Jezebel. — Dante não questiona. Ele afirma em ironia.

— Dado o que Daemon já me contou sobre você, me surpreende que tenha se esquecido de minha fisionomia tão rápido, já que, há pouco tempo, me tirou de uma caçamba. — Seus olhos cerram-se em minha direção e sua respiração deixa de ficar leve e imperceptível, para torna-se audível enquanto é soprada pelas narinas. — Como ele está?

— Ele está bem, não graças a você, mas já esteve melhor, embora não haja com o que se preocupar. Ele é um homem duro de cair. Vamos cuidar dele melhor do que se ele estivesse aqui. Ele só vai precisar de repouso.

— Eu não tenho culpa — defendo-me.

— Você foi um elo fraco. Não deveria ter ido com ele para o Vaticano. Se não tivesse ido, nada disso teria acontecido. Estaríamos com a caixa e, talvez, já a tivéssemos aberto.

— Eu quero ir até ele. — Dante ri, quando faço meu pedido.

— E como pretende ir?

— Você pode me levar. — É quase uma súplica e não duvido que meus olhos estejam brilhando agora.

— Não mesmo. Dado o que conheço de Daemon, não achei que ele escolheria uma mulher como você para se casar, mas acho que já expus isso de forma muito clara para você e não sou o tipo de homem que fala sempre a mesma coisa. — É Mattia que ergue a sobrancelha quando escuta suas palavras. Ele desafia qualquer homem que cruze esta casa, com autoridade incerta em voz e que não carregue o nome Constantini em seu registro.

Meu rosto permanece imóvel.

Está tudo desmoronando à nossa volta, não agraciarei Dante com a possibilidade de experimentar meu desespero, quando sequer sei se a solução virá a cavalo ou arrastando-se. Mas duvido que ele consiga desferir uma frase sem insultar alguém, ou dar um passo sem tentar ser complacente comigo, sem desejar me explodir ou dar a entender que sou o pivô dos fracassos de Daemon.

— E o que seria uma mulher como eu? — questiono-o, antes que eu me arrependa.

— Um fardo, sem poder, sem uma boa linhagem familiar e sem um lugar no mundo, caso fosse expulsa por esses portões. Uma cabeça valiosa para o mundo lá fora e para quem sabe-se lá mais. — Dante atravessa, rígido, o espaço que há entre nós. — Mas pense pelo lado bom, você ainda tem fé. Isso deve servir para algo.

— Achei que fosse um padre, mas esta não é uma conduta de alguém que tenha trilhado pelo caminho de fé. — Eu me recordo de já ter dito isso antes, só não para ele.

— E quem é você para ditar o que é um caminho de fé, Jezebel? Eu continuo sendo um padre, mas prefiro estar ao lado da ciência. A fé é só a cereja do bolo. É como se jogar de uma

ponte e acreditar que pode voar. Se não tiver um bolo, a cereja não serve de nada. — Ele dá as costas. — Os documentos estão todos aqui. — Aproxima-se sem me encarar, tratando-me como uma planta no meio da escada quando entrega para Mattia algumas pastas. — Avisarei conforme estiver chegando com o *Capo*. — Então parte. A porta bate e eu não ouço, indecisa se o motivo foi pelas *mãos leves* do Conselheiro de Lucius, ou se estou afundando em um caos interno tão grande que o mundo externo já não me afeta mais.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 63

Desconfiança amarga

DAEMON DEMARCO

Sempre achamos que já estamos quebrados ou destruídos o suficiente, mas, quando outra parte de nós se racha, descobrimos que até mesmo o que já estava despedaçado pode se partir de novo em infinitas possibilidades, até que sejamos reduzidos a pó, à *nada*.

Algo mudou dentro de mim, posso sentir.

Havia uma certeza genuína antes do último encontro com Alessandra. Crianças morreram pelas minhas mãos, mas é sábio dizer que quando se tira a vida de um inocente, parte de você vai junto, e eu nunca me importei de perder esses pedaços de mim, uma vez que a Cosa Nostra já demandava muito.

É uma autodestruição consciente que inunda os pensamentos, bloqueando o senso de humanidade que nos impede de ferir o próximo, quando acreditamos que as mortes são cooperações para bens maiores.

A grande surpresa foi ver Alessandra esfaquear o próprio filho ininterruptas vezes, depositando seu ódio demasiado em alguém, cuja única certeza na curta vida era a de que ela se tratava de sua mãe, e, em contraste, todas as vezes que tirei a

vida do próximo precocemente foi por dever, de forma prática e rápida, dando o alívio que só a morte detém.

— Está pensativo. — Lucius se encontra sentado ao meu lado no carro. Estou sob o efeito de analgésicos, mesmo que eu tenha dito que não precisava.

— As soluções vêm dos pensamentos. — Fecho os olhos para obter um descanso qualquer da luz. O inchaço em meu rosto já diminuiu e a dor que eu sentia antes dos medicamentos não é tão diferente da que se faz presente agora, mas saber que Jezebel está bem é um alívio maior, assim como saber que a caixa já está em posse de Lucius.

— Então espero que esteja pensando em como acabar com a fome do mundo, porque você está há quase três horas calado e o silêncio não é algo que combine muito com você — especifica, na tentativa de quebrar um gelo tão sólido quanto aço. Os pensamentos são intrusivos nessas horas, enquanto remoo tudo o que vivi nos últimos dias. — Nossa reunião está de pé, amanhã?

Alessandra está viva, e eu talvez sinta um arrependimento de ter permitido isso, mas que tipo de pedra no sapato ela será, sem ter absolutamente nada em que se escorar? Está desiquilibrada o suficiente para não conseguir raciocinar sozinha e não acho que vai durar tanto tempo assim por aí.

Fui covarde o suficiente para lhe negar a bênção da morte, egoísta o suficiente para ainda permitir que ela viva, em um sofrimento que só a destrói mais a cada dia.

Merda, o que eu fiz?

Assim que o carro para no jardim da mansão, percebo os soldados em maior movimento. Um deles abre a porta para que eu saia, e meus joelhos doem ao forçar o pé contra o degrau, nada muito forte, apenas *dolorido*. Giro a maçaneta e entro, enquanto Lucius fica ao lado de fora conversando com Mattia sobre qualquer outro assunto.

Subo devagar os degraus da escada, e a casa silenciosa me deixa em dúvida sobre Jezebel realmente estar aqui. Não há

pressa, mas também há ansiedade em vê-la mais uma vez.

Antes que eu abra a porta, ela o faz, exibindo seu rosto pálido através do batente. Seus olhos azuis dilatam-se quando encontram o verde dos meus. Ela estagna em surpresa, mas os segundos se passam até que ela se dê conta de que realmente sou eu.

— DAEMON! — Dá um grito em surpresa, antes de me agarrar pela cintura, apertado, de forma calorosa e eu gosto.

Sua baixa estatura faz com que ela não bata a cabeça contra o curativo no meu peito; incomoda, mas a satisfação de apertá-la em meus braços é muito maior do que qualquer dor. *Ela está viva*, então eu passaria pelo mesmo desastre centenas de vezes, se fosse necessário.

— Eu estou aqui — murmuro enquanto meu nariz se afunda em seus cabelos e suas mãos abertas trafegam por minhas costas, como se não importasse o quão próximo eu esteja, pois não é suficiente para ela, e talvez eu acredite que para mim também não seja. — Você está bem? Ficou bem? Olha para mim! — Seus olhos marejados ameaçam molhar seu rosto. Não me parece compulsivo, mas sim emocional.

Jezebel sorri para mim.

— Não é você quem deve perguntar se eu estou bem. Sou eu que devo fazer essa pergunta a você. — Meus dedos secam suas lágrimas até que nenhuma ameace cair mais.

— Meu Deus, eu nem acredito que você realmente está aqui!

— Não seja tola e me responda: você está bem? — pergunto, pois as aparências enganam, e ela hesita, mas responde com o mesmo sorriso.

— Estou... fiquei aflita, pensando que, por culpa minha, algo pudesse ter acontecido.

Meus dedos roçam em seu pescoço, quando o anel de meu indicador acaricia atrás de sua orelha. Sua pele sempre quente é

quase um conforto e, ao trazer seu corpo para mim, ela entende o recado, respirando profundo até que nossos lábios se toquem e o choque corporal reverbere. Cada terminação minha acorda, demonstrando que a boca que me beija agora pertence cem por cento a mim.

É um beijo denso, daqueles que não é por paixão, mas por necessidade, dependência física e mental, tornando esta pequena mulher em minhas mãos uma bateria para que eu funcione. Sua língua aveludada transpassa por entre meus lábios, tomando a liberdade de avançar o marco da saudade. É sobre desejo e vontades, misturando-se com o torpor que apenas sua boca oferece. Meus dedos navegam por sua cintura, despido do pudor de estar me recuperando.

Um desejo insaciável por ela que me remete sempre à ideia de estar em um deserto, sendo Jezebel o oásis que mata a sede. Minha boca seca, e apenas a dela me umedece.

O sorriso pequeno em meio ao beijo é uma deixa. Minha mão procura a barra de sua saia enquanto sinto o pau endurecer dentro das calças, com a vontade de buscar abrigo dentro dela, quente e molhada, *sempre pronta*.

Mas, para minha surpresa, Jezebel engata sua mão contra a minha e foge de minha boca, repousando sua testa contra o começo do meu abdômen.

— Você precisa descansar.

— Eu estou bem — atesto, ainda sem tirar a minha mão de seu quadril, sentindo a calcinha apertar sua gordura lateral. *Gostosa,* não pouco.

— Não pode... misturar suor aos ferimentos, *precisa descansar.* Teremos todo tempo do mundo para isso — ela murmura, convencendo-me.

Ando até a cama e retiro a camisa, expondo o enorme ferimento que seca por baixo de um curativo paliativo. Respiro profundamente, sentindo os músculos apertarem-se debaixo da carne.

Minha esposa se senta na cama e eu encaro o anel em seu dedo, tentando passar em minha mente todas as cenas que vivi ao seu lado, desde que finalmente, não só perante a lei dos homens, como também a lei de Deus, eu a fiz minha. Pensei apenas em minha vontade, havia tantas maneiras de deixá-la sozinha quando a trouxe para perto, mantendo-a ao meu lado por proteção, mesmo que corresse o risco de que eu a destruísse internamente, mais do que já o fiz.

Seremos eu, ela e a Cosa Nostra até o fim.

Sua mão quente e macia trafega pelos músculos relaxados de minha barriga, arrepiando-me.

— Não devia fazer isso ou eu vou mudar de ideia. — Seu rosto adquire uma cor avermelhada e noto que, pela forma contida, provavelmente ela se prepara para falar algo, entretanto, minha atenção se volta para os dedos machucados, demonstrando que Jezebel voltou a arrancar sua pele na intenção de aliviar a carga de ansiedade que se acumulou dentro dela. — Voltou a se autoflagelar. — Puxo sua mão por seus dedos, e ela suspira. Seu rosto vermelho transmite ansiedade, como se pudesse se explicar, como se fosse errado.

— Eu estava aflita e... — Puxo seu corpo rente ao meu e respiro profundamente quando ela deita a cabeça em meu braço bom, sem o corte que Alessandra causou.

— Eu disse que estou aqui. — E ela se cala. O silêncio tumultua nós dois internamente. — Dario está morto. — Ela levanta a cabeça e o olhar de choque perpetua em uma troca nossa. Foi em prol de sua morte que nos unimos, para evitar que ele a pegasse, e eu me obcequei por seu bem-estar, mas agora, mesmo após sua morte, o sentimento de que o mundo possa feri-la mais está aferrado em minha cabeça como uma espécie de tatuagem que, contrário a que estava na pele de meu peito, não pode ser extraída.

— Dario Martino? — Ela pisca os enormes olhos azuis.

— Sim.

— Mattia disse que o ferimento foi feito por Dario.

Jezebel analisa minha expressão, sabendo que nós dois avançamos um marco com este feito, mas talvez não seja melhor dar a ela a visão completa dos fatos que presenciei, eu estarei apenas mexendo com sua cabeça sem a menor necessidade .

— Queriam saber onde estava a caixa.

— E Alessandra? Estava lá também? Conversou com ela? — Pisco algumas vezes, antes de tentar reformular algo decente.

— Alessandra enlouqueceu e eu... eu não consegui matá-la. — Minhas mãos ainda sentem sua pele entre meus dedos. É duro afirmar, mas fui covarde e não dei a ela o que precisava, mantendo-a viva em um perpétuo sofrimento.

— E o... *bebê?* — ela murmura em um tom bem fraco de pergunta, como se tivesse medo.

— Cremado por Lucius. Está morto. Alessandra enlouqueceu no puerpério e... *o matou.*

— O próprio filho? — questiona.

— Filho e irmão. — Seu braço rodeia minha cintura, aumentando o contato.

— Eu sinto muito — sussurra.

— Tenho uma reunião amanhã à noite com o governador.

Seus cabelos se esparramam sobre meu ombro e exalam o aroma doce que só ela tem, deixando-me entorpecido em uma rede de relaxamento que há muito tempo não experimento.

— Você deveria descansar — ela diz.

— A ’Ndrangheta caiu. Preciso conversar com o governador nos próximos dias, sobre tomar a Calábria o quanto antes, para que nenhuma outra pessoa o faça. — Meus dedos trafegam por seus fios, acariciando-os de forma tão inconsciente que só percebo quando ela me olha encantada. — O que foi?

— O que aconteceu lá? Você está diferente.

— Diferente de que forma, Jezebel?

Seus dedos sobem até o curativo, apalpando tão leve que quase não consigo sentir.

— Dói?

— Você ainda não me respondeu. — Tenho minhas dúvidas agora, e ela se senta para respondê-las.

— Porque o seu olhar está perdido e eu não acho que é de cansaço. *O que aconteceu lá?* — Quando Jezebel deixa meu braço livre, passo a mão no rosto em um gesto exausto. Essa é a grande questão de conviver muito tempo com alguém, porque essa pessoa acaba te conhecendo muito, a ponto de enxergar coisas onde não deve, embora ela *saiba que existam.*

— A morte de Dario.

Com toda delicadeza, seus dedos pousam em meu rosto, dando-me a sensação primordial de aconchego, seus lábios se espremem em minha testa e, de forma carinhosa e acolhedora, ela diz:

— Quando se sentir confortável o suficiente para me contar, estarei aqui para ouvir. — Ela atravessa o quarto, andando de um lado para o outro com o traseiro largo, abre a porta e, com um sorriso, completa: — Não se esqueça de que eu te amo. É bom ter você de volta, *marido*. Descanse.

Meu estômago esquenta e eu me pergunto: *então é essa a sensação de ter um lugar seguro*?

OceanofPDF.com



SEXTA TROMBETA

E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus. — Apocalipse 9:13

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 64

Erupção

DAEMON DEMARCO

Um mês depois.

— Mas que merda! — O soco de Lucius é forte, mas não o suficiente para sacolejar a mesa. O Conselho está estressado, assim como todos os outros homens presentes. Benito está, há dias, dormindo o mínimo possível para ocupar os terrenos e estabelecimentos vazios com as *decinas*, agora que Dario morreu. Não é algo que precisa ser tão imediato, embora me adiantar nisso possa me poupar muita dor de cabeça futura.

Lucius está furioso e Dante sequer parece ter sido afetado. Os dois são uma combinação inusitada, mas, ainda assim, não é comum ver o *Capo* casalês em um estado de fúria intensa como agora.

— Vamos resolver isso logo. — Otto tenta apaziguar a situação como um ditador da paz, mas com palavras, quando foram ações que foderam a contravenção casalesa.

A grande questão é que Casper Turin, o diretor da Santa Sé, estava limpo. Sabíamos que, de alguma forma, ele é manipulado pela *Legião*, mas enquanto não encontrarmos a linha que o guia, não poderemos fisgar a pesca com a isca dentro da água. *Estamos*

às escuras. Para melhorar a situação e mostrar como nunca estamos fodidos o bastante, o Colégio Cardinalício anunciou a nova decisão do Conclave em votos decisivos de quem será o próximo Papa. A escolha foi feita e a *Legião finalmente tem o sumo pontífice*, mas me questiono se sabem mesmo que a caixa está conosco. Estão silenciosos demais, e isso me incomoda.

— Resolver? Eles vão diretamente em meu mosteiro. Isso vai virar uma guerra sem fim. Precisamos matar o Papa que se sentar na cadeira ou varrer Casper Turin do mapa. — Ele está descontrolado, eu sequer deveria levar em consideração seus pedidos, mas entendo que está em sua razão quando a opção que levanta, embora seja a mais radical, eliminaria todos os obstáculos.

— Temos que fazer uma coisa de cada vez. Vamos tomar primeiro a Calábria. — Mattia tenta acalmá-lo, mas acho que a única coisa que poderá parar Lucius é um tranquilizante para cavalos. Seus olhos estão vermelhos como fogo. Ele não entende que talvez tenha que ser mais paciente, o desespero de ter o que é seu destruído por algo superior é muito maior.

— A Calábria está vazia, o poder que o papado traz é muito maior que os estabelecimentos e os órgãos podres de Dario Martino — o *Capo* insiste. — Precisamos tomar o papado.

— Franco Corleone e seu *Consigliere* estão vivos, ainda — reitero.

— Se tivesse matado o desgraçado e a esposa do *Capo*, não estaríamos tendo esse contratempo agora. Estamos jogando tempo no lixo. — Dante põe a mão no ombro de Lucius, na tentativa de apaziguar a situação ao drenar sua energia psíquica de um estresse que escalonará muitos graus se ele continuar.

— Você tem a caixa. Vamos descobrir o que há dentro dela, e então manipularemos a *Legião* da forma mais certa, para não haver danos. Não está pensando direito agora. — Sei de sua parcela de razão, mas ele acaba por reconhecer a minha também.

— Hoje, no aniversário do governador, Daemon levará o documento da associação da polícia calabresa com a Cosa Nostra. Tendo a polícia de lá ao nosso lado, vai ser mais fácil se movimentar. Precisamos de força primeiro. A *Legião* não tem mais aliança com a ’Ndrangheta, então quanto mais território, mais potencial teremos. — Mattia joga sobre a mesa um punhado de papéis. — Está tudo aí, redigi com sabedoria cada página. Este é um jogo de perdas e ganhos, vamos perder algo no caminho, porém, quanto mais pudermos reduzir esta perda, melhor será.

Uma movimentação na sala compete com alguns assuntos aleatórios entre os homens presentes. Estou cansado devido à recuperação lenta desde que cheguei, mais de um mês atrás, mas o ferimento em meu peito se encontra muito melhor do que qualquer outro; a casca já está caindo, expondo uma grande cicatriz em minha pele.

— Parabéns, Mattia — Benito murmura.

Os homens deixam a sala, principalmente Dante e Lucius, sem olhar uma segunda vez, e Mattia dá alguns tapas leves no ombro de Benito, indo logo atrás. Os outros membros do Conselho fazem o mesmo. Otto permanece, batendo a ponta dos dedos contra a mesa, e eu, na certeza de que haverá algum recado de sua boca, permito-me esperar para que enfim fiquemos a sós.

— E então? — Abro os braços levemente, deixando que eles caiam na lateral de meu corpo.

— Já se passaram muitos meses do seu casamento. O Conselho está preocupado com a linhagem da família Constantini. — Otto Santino não me encara, mas seus dedos raspam a superfície do tampo até chegarem à borda do copo, que ele pega e leva à boca, esvaziando metade do líquido.

— Há outras coisas para se preocupar agora, Otto, e um filho não está na lista.

— Isso é bem preocupante. Estamos em uma guerra e, ainda que ela esteja na fase civilizada, talvez não tenha entendido, mas a qualquer momento a *Legião* pode entender que

nós não estamos mais apaziguados e resolver nos explodir, como fez com boa parte daqueles que se enfiaram no caminho. Se estamos aqui é porque você tem o sangue da *história*. Você é um Constantini e o seu sangue lhe fornece respeito e segurança, assim como para a Cosa Nostra. Porém, sua morte sem um herdeiro vai nos levar direto para a ruína. — Seu ponto estratégico faz muito sentido, entretanto, Otto é um homem diplomático que tenta levar a razão para os dois lados.

— Eu não pretendo ter um filho, Otto. Prefiro vê-lo morto do que saber que ele faz parte disso tudo. *Eu seria capaz de lhe dar a paz antes de ele nascer.* — Ele nega, decepcionado com meu pensamento, mas esta pequena tese em minha cabeça tem a maior das fundamentações. Eu jamais repetiria os passos de Adriano, tudo o que ele fez para que eu me tornasse o que hoje sou, e não fazer isso, dentro da *Omertà*, seria encomendar o meu velório com as letras em caixa alta. — Vou morrer como o último Constantini, mas não será pela mão da *Legião*, tampouco pela da ’Ndrangheta, que praticamente não existe mais.

— O Conselho, Alessandro — faz uma pausa dramática —, o Conselho quer que a Jezebel refaça os exames, para saber que tudo está bem e pede para que os resultados sejam levados até a mesa.

— Que seja.

— Em trinta dias — ele diz, revigorando-se até a última gota alcoólica. Meu silêncio é uma concordância.

— Certo — murmuro. Ele se levanta e parte, como os outros fizeram há pouco tempo. Mas, assim que sai, uma figura feminina, antes apenas encostada no batente, atravessa-o.

Encontro Jezebel com um sorriso largo e devidamente arrumada, trajada em uma roupa vermelha que mostra demais de seu decote, solta na área da cintura, arrastando-se pelo chão. Os lábios vermelhos e o rosto pintado em uma maquiagem para ficar mais bonita, mas nunca exagerada. Seus cabelos estão presos em um coque frouxo. Um par de pérolas pequenas nas orelhas e uma fina corrente de ouro no pescoço, que foi presente de Mattia.

A festa do Governador será a caráter, com trajes vermelhos, e ela escolheu bem a peça, apesar de eu não gostar tanto do modelo.

Ela está deslumbrante, ainda assim, é possível notar um tom menor em seu olhar, como furar uma bola de ar e vê-la murchar vagarosamente.

— Prefiro o seu cabelo solto. — Sem questionar, desarmo o pequeno grampo atado ao seu couro cabeludo e o retiro, enquanto o coque afrouxa, espalhando seus fios escuros pelas costas brancas e nuas. — Não gosto quando pouco pano cobre sua pele. — O decote avantajado parece valorizar os seios, que estão mais cheios.

A última vez que transamos foi algumas noites antes de irmos ao Vaticano e, desde que cheguei, tenho sido vetado de aprofundar qualquer toque em seu corpo, vê-la nua, dormir próximo demais dela, mas entendo o que está passando, com o terror psicológico do perigo que todos corremos.

Beijo sua boca sem deixar que ela reclame. Minha mão chega até seu quadril, transferindo-se para a bunda suculenta, que engole a calcinha com tanta facilidade que imagino ser meu pau ali. *Eu estou com saudade dela, da boceta dela, de estar dentro dela.* Meus dedos apertam sua carne da cintura e ela geme contra minha boca.

Em segundos, ela está sentada sobre a mesa e me ponho no meio de suas pernas. Eu daria rios de dinheiro para puxar sua calcinha para o lado e escorregar a cabeça do pau molhada para dentro de sua fenda. Eu pulso, apenas com as memórias da sensação quente enquanto ela me ordenhava com espasmos internos. *Boas lembranças, quentes lembranças.*

Está tudo aqui e ela me ganha com tão pouco, mas, novamente, quando meus dedos capturam o bico de seu seio e tento erguer seu vestido com a outra mão, sou vetado sem qualquer remorso ou explicação.

Tento chupar sua língua doce, mas ela termina a chupada em meus lábios e se afasta em uma soltura com pressão.

— O que está havendo? — questiono, com o resto de ar sôfrego que usaria para prolongar-me mais em sua boca. Minhas bolas estão doendo e eu me recuso a me aliviar sozinho, quando tenho em minha cama a mulher mais gostosa que já pisou neste planeta.

— Eu... gostaria de não me atrasar para a reunião, podemos voltar cedo — murmura baixo, envergonhada, *omissa*.

Existem coisas que você só aprende olhando para o fundo do abismo, porque nele há um espelho que reflete o poço da alma e, nesse momento, olhando para o abismo dos olhos de Jezebel, consigo ver o reflexo do que ela esconde, *sabe que o faz*, mas não quer contar.

Afasto-me sem dizer nada. Já foram tantas vezes à noite, até no meio da cozinha, que tentei tê-la, mas as desculpas continuam esfarrapadas e a confiança que eu tinha, valendo ouro, agora é menos valiosa do que latão.

— Daemon — ela chama, quando me vê distanciar. Meu dedo tenta afrouxar a gravata que parece me apertar excessivamente.

— Vá para o carro, já estou indo. Mattia vai estar nos esperando. — Jezebel hesita na hora de descer da mesa. Ajeita a alça fina da calcinha por baixo do vestido e então desce sozinha, andando para o lado de fora sem olhar para trás.

Encaro a luz da sala de reunião e me disponho a acreditar que, talvez, a luz esteja cessando quando pisca, mas demoro a entender que não é a luz que o faz, mas sim a minha consciência.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 65

O inferno está em festa

JEZEBEL CONSTANTINI

— Onde está Daemon? — Quando entro no carro, Mattia questiona, sentado ao lado do motorista. Uma leve cólica passageira chama minha atenção, mas, na verdade, são os movimentos do bebê que começaram desde a última semana, são estranhos e se assemelham a gases intestinais.

O pré-natal tem sido uma fase às escondidas, para que Daemon não descubra. Marta está chateada com a situação, mas esta é uma escolha que apenas cabe a mim e ninguém deve se meter, até segunda ordem, o *Capo* pode ser o líder, mas sobre o meu corpo, quem ordena sou eu.

— Disse para que eu me adiantasse — murmuro. — Sinto como se... ele já estivesse desconfiando.

— Precisa contar *logo*. Isso vai tomar uma proporção que ninguém vai querer ficar para ver. — Fecho meus olhos, pois sei que ele tem razão. Talvez, algumas semanas atrás, eu tivesse alguma parcela de razão, mas agora, só me resta ouvir Mattia, porque, mesmo que seja doloroso, sei que ele fala para o meu próprio bem.

— Antes de entrar na sala, ouvi que Daemon prefere ver um filho morto do que vê-lo fazer parte disso.

— Ele só está dizendo isso da boca para fora, é apenas estresse. Ele jamais mataria o próprio filho, assim como eu jamais permitiria que ele fizesse isso. — O Conselheiro se vira e me dá um sorriso amigo. — Você está segura. Alessandro jamais faria algo também, afinal, se ele fizer, sabe que vai ser preso e nunca mais sair.

— Não quero falar sobre isso. Minha opinião permanece a mesma. *Eu não vou contar agora.* — Mattia revira os olhos, olhando para a frente. Pede para que o motorista buzine desenfreadamente, até que Daemon surge, abrindo a porta da frente com seu terno vermelho, combinando com a minha roupa.

Ele entra e senta-se ao meu lado, quieto. Respira pelo nariz para evitar abrir a boca, e o clima, que antes já não estava bom, fica ainda mais pesado.

Daemon não está em um de seus dias mais felizes, mas, neste momento, ele deixa transparecer isso quase de propósito, em um pedido mudo para que eu lhe conte o que está acontecendo. Os atritos não podem ser estendidos para nosso relacionamento, pois aí, sim, estaríamos perdidos entre ódio e fúria.

— Daemon? Eu sinto muito. Eu te amo, só estou um pouco estressada com tudo que está acontecendo e... — Não há palavras que expliquem meu comportamento e Mattia tem razão quando fala que isso está se tornando uma grande bola de neve, que vai rolar por cima de minha cabeça, se eu não a parar a tempo. Eu estou errada, mas continuo persistindo no erro de forma burra. — Tudo está se resolvendo, Alessandro tem aparecido menos, Dario está morto e... apenas me entenda. Eu sei que é capaz de me entender.

Ele se estende no silêncio, chamando até mesmo a atenção de Mattia, quem, mesmo que eu fale em voz baixa, sabe que seu *Capo* não me responde, o que dá ao Conselheiro a incidência do tamanho do buraco que estou cavando entre mim e meu esposo, e

se eu não encontrar uma forma de contornar isso, não haverá tangente para escapar mais tarde.

Ao chegarmos à mansão de Augusto, meu marido é o primeiro a sair de dentro do carro. Ele conversa algo com seu *Consigliere* sobre o envelope e falam que se sentarão para discutir primeiro com o secretário do governador, para então serem feitas as assinaturas oficiais entre o *Capo* da Cosa Nostra e o Governador da Sicília, junto do Governador da Calábria.

Mattia vai na frente e Daemon finalmente se vira para abrir a porta do carro, que ele deixou fechada ao sair. O jardim está cheio, mais do que da última vez, e eu me sinto menos protegida agora do que quando vim aqui. Naquela ocasião, recebi um bilhete de Alessandra que não falava coisa com coisa e deixou a incógnita de uma ameaça quase velada. Pode ser que, com sua loucura congênita, ela tenha desistido ao se perder dentro da própria cabeça.

Talvez ela mereça uma segunda chance, ou o fato de Daemon tê-la deixando viva se deva ao seu coração duro, que não tem mais a consistência de pedra para impedi-lo de olhar para a criança que viu crescer e achar que a vida dela vale menos devido aos seus erros cometidos. Quantos também não cometeram com ela?

Ponho-me de pé, recebendo boa parte da luz externa. Sinto as mãos quentes de meu marido sobre minha pele e seu hálito fresco ao pé de minha orelha, fazendo minhas pernas fraquejarem ao tomar uma postura diferente do que esperei, pelo que achei que ele sentia.

— Então quer dizer que o fato de eu estar aparecendo menos te deixa feliz? — *O tom da voz o denuncia.* Não preciso me virar, não preciso olhar o anel em seu dedo. Sei que é Alessandro. A vontade de me afastar é muito maior do que qualquer coisa.

— Você não é bem-vindo — murmuro, virando-me para encará-lo.

Sua mão pega em meu braço, e seu dedão raspa sobre minha pele arrepiada.

— Tem certeza que não? — Puxando o braço de volta, trinco os dentes, frustrada por sua presença justo agora, quando achei que tudo poderia ficar bem. A troca provavelmente se deu quando ainda estávamos na mansão, mas não percebi antes, acreditando que ele estava chateado pelo meu veto a seu avanço sobre mim.

— Eu não quero ficar aqui... *com você*. — Alessandro pega minha mão e enfia seus dedos entre os meus em um gancho que é impossível desfazer, mesmo que eu tente soltá-lo.

— Eu sou o teu marido e quem manda aqui sou eu, portanto, quando eu disser que você virá comigo, acredite, *você virá*. — Não tenho qualquer poder de desistir ou de comandar para onde meus pés me levam agora. Ele me arrasta, e eu não tenho escolha alguma, a não ser concordar em segui-lo, pois, contrário a isso, serei arrastada como as bonecas que são carregadas por crianças pelo pátio da escola.

— Me solta. — Alessandro não dá a mínima. Entrega sorrisos cordiais quando o cumprimentam, e eu sou a única que passo a imagem de mulher desesperada enquanto sacudo os braços para todos os lados, mas a desistência é iminente quando decido deixar-me levar.

Subimos uma pequena escadaria no segundo corredor à direita, depois do salão interno de jantar da casa; soldados e *Caporegimes* vigiam a entrada. Mattia está ao lado de uma enorme mesa oval. Um castiçal de luz quente ilumina o lugar, suas arestas escuras camuflam bem os homens que distribuem-se promovendo segurança. Lucius também está junto de nós.

— O que sua esposa está fazendo aqui? Achei que fosse uma reunião de negócios — Lucius reclama. — Mulheres não fazem negócios.

— Ela veio comigo, ela fica comigo. — O *Capo* casalês balança a cabeça de um lado para o outro em negação,

entendendo exatamente a circunstância.

— Alessandro — ele murmura, revirando os olhos. — Péssima hora para surgir.

Mattia apenas encara Alessandro com um semblante preocupado. Expõe em sua mão o papel, tirado do envelope pardo. Ali, está estampada uma chance que não seria possível se Daemon não tivesse finalmente ceifado a vida de Dario. Entretanto, seus soldados isolados, que vagueiam por aí, podem representar certa resistência, o que, por ora, é um movimento completamente burro.

O Governador da Calábria permanece quieto e não me parece que esteja feliz em concordar de dispor a polícia calabresa a um contraventor siciliano. Mas favores são favores, e não acho que ele esteja na posição de negar qualquer coisa no momento.

As assinaturas acontecem e Alessandro fica do meu lado, apertando ainda meu punho enquanto as assinaturas são feitas e o clima tenso se dissipa aos poucos. Não entendo de política, embora saiba que o que estão fazendo aqui é um grande movimento benéfico para Daemon, mas quando tivermos uma vitória, Augusto será beneficiado, eu estou ciente que sim. Afinal, é sobre isso que a Cosa Nostra se trata: *influência*.

— Por que está fazendo isso? — sussurro, e ele não responde, mas está com um sorriso tão funcional que eu diria que se encontra em um estado perpétuo de felicidade. O *Capo* se afasta, assinando sua parte do documento, e aperta a mão do Governador calabrês, logo faz o mesmo com a mão de Augusto.

Do outro lado da sala, um dos soldados encara meu decote de forma tão obscena, que, mesmo com a visão não tão boa quanto deveria, eu torno a me sentir incomodada. Meu marido percebe antes e chama sua atenção:

— Ei. — O soldado direciona seu olhar a ele. — Meu pau está no meio de minhas pernas e não no decote da minha mulher. Da próxima vez que olhar para lá, eu deixarei você cego, para que se lembre sempre de não o fazer outra vez. — O soldado

concorda e todos ficam em silêncio com a ameaça que está longe de ser velada. Tão certeira que é o suficiente para que o homem sequer erga o olhar do chão quando finalmente chega lá.

Estou plantada aqui há alguns minutos, minha vontade inerente de criar asas e ir embora não some depressa, e eu só preciso de uma chance para pôr meu plano em ação.

Mattia vai andando junto de Augusto em direção à saída, pelo corredor, tranquilizando-o e tentando pôr em sua cabeça que não será, de fato, um massacre. Tudo tão rápido e pontual que não consigo raciocinar da maneira que preciso. É a ansiedade de novo e, com ela, meu raciocínio não acompanha, nem alinha o que vejo, o que sinto e o que quero.

— Podemos conversar? Tenho um... pedido para fazer a você. — Lucius se aproxima de meu marido e aproveito a deixa para me retirar na mesma velocidade que fui arrastada para cá. Não entendo o princípio de ter me trazido aqui, se eu poderia ter ficado em casa.

Retiro-me depressa, andando sobre o salto curto, mas ainda alto o suficiente para fazer com que eu tente pisar com o máximo de cuidado. Todo o tipo de desastre possível já aconteceu, não quero causar outro.

O ar do jardim é formidável, mas minha vontade de me distanciar dele é ainda maior. Ao caminhar olhando para trás, meu corpo colide com o de outra pessoa, uma mulher, que tem o mesmo uniforme dos outros garçons e carrega em sua mão uma bandeja de prata.

— Ei, espera... — Mal olha para trás ao seguir adiante. Confirmo que o pequeno ponto branco sobre a grama úmida, ao tê-lo em minhas mãos, é um... *papel dobrado.* Meu corpo se arrepia e tento procurar com os olhos pela garçonete, que o deixou cair, falivelmente.

Desdobro-o em partes pequenas, fica com o tamanho único em um amassado que quase o torna ilegível, ele finalmente se abre.

Tussê Café, às 16h. ***Sozinha****. Ansiosa para conhecer meu sobrinho, ainda que no ventre.*

Minha mão, automaticamente, trata de amassá-lo. O nervosismo e a ansiedade fazem com que ele fique menor do que quando o peguei no chão.

Alessandra, de novo.

Daemon disse que sua irmã havia ficado doida durante o puerpério, mas isso não me parece ser tanta loucura assim. Há consciência em suas palavras e inteligência demais em seus interesses, para uma mulher que, de fato, tenha ficado louca. O que ela quer?

Tomo ciência de olhar ao meu redor, e o nervosismo só aumenta quando vejo Alessandro com seu terno vermelho vindo em minha direção, assim que sai da casa. Minha primeira reação não é correr, mas me pôr a andar mais rápido para dentro do jardim, em meio aos arbustos que arranham meu braço pelo estreito caminho a percorrer.

— Não faça isso. Não corra de mim. Vai ativar meu gatilho dessa forma... não posso ver uma cadela se escondendo entre as árvores que tenho vontade de caçá-la. — Divertido, é isso que Alessandro acha. Adentro alguns metros a mais, afundando o salto do sapato na terra úmida, minha estabilidade completamente afetada.

— O que...

Mas ele aproxima-se de mim, puxa-me pelo cotovelo, colando sua boca à minha sem qualquer delicadeza, mas não vou beijar a boca de meu marido enquanto não for Daemon que estiver à frente. Ao capturar seu lábio inferior entre meus dentes, forço os caninos contra sua carne, sentindo o sabor de sangue e acertando-lhe um tapa que estala forte em seguida.

— Isso só me excita. — Eu sou uma diversão, sou um pequeno coelho que deixa o caçador que, há muito tempo preso, agora quer sair para se divertir.

— ME SOLTA! — Seus dedos ásperos seguram a minha mão, puxando-me para sinalizar a aliança dourada, que orna o conjunto de poder e política que sou para Alessandro.

— Está vendo essa merda de aliança? — questiona. Meu olhar assustado não consegue medir o que ele quer fazer. — Ela me dá o direito de foder com você a hora que eu quiser, mas vou me abster de qualquer violência, porque quero ver essa criança nascendo e provando a você que Daemon é um monstro. — Ele gargalha quando o sangue foge de meu corpo e encontra abrigo em meu coração, que tem o dificultoso trabalho de pulsar diante da exposição do que acreditei ser um segredo. Minha nuca umedece, meu rosto também. A grande questão é como Alessandro sabe sobre minha gravidez. Minha cara de espanto não me deixa esconder absolutamente nada. — O que foi? Surpresa? Se mais sangue fugir da sua cara, teremos que realizar uma transfusão.

— Eu não estou grávida.

Sua risada escala para níveis mais altos, e é necessário levar a mão ao estômago para apaziguar minha azia.

— Está usando roupas largas, seus peitos mal cabem no sutiã..., mas isso são só detalhes, quando se tem um exame em mãos. Você não acha? — *Do que ele está falando?* Minha cara dita muito do que penso e o meu olhar desconexo para os lados, tentando encontrar uma gota de razão, mostra que ele tem mais conhecimento do que eu sobre minha própria gravidez. — Você é a senhora da Cosa Nostra. Precisou de exames para ser aceita aqui. Os resultados vêm diretamente para o *Capo*, e eu me certifico de que está tudo nos conformes. Adivinha? O exame gestacional acusou um positivo, mas ainda que pudesse existir a possibilidade de um falso positivo, você me confirmou o suficiente quando acordava durante as manhãs para vomitar, com esse quadril mais largo, nas vezes que acorda no meio da madrugada para atacar a geladeira. — Estala a língua no céu da boca. — Sabe, às vezes, eu acho que você gosta da forma carinhosa como eu te trato.

— Está blefando. Me trata dessa forma, porque sente algo por mim. — Sei que ele fala a verdade, mas não vou dar razão às suas afirmações. Tratá-lo como louco é a melhor forma de passar por essa situação sem grandes estragos.

— Apaixonado? O que você acha, Jezebel? Que são esses pares de seios duros que me deixam excitado? Eu ficaria muito mais excitado te fodendo com uma arma apontada para sua cabeça e apertando o gatilho, mas... não posso. Você é o meu jogo de política e o que é um homem de poder sem a própria política?

— Quer provar para si mesmo que não é apaixonado por mim, quando sabe que é. Você entorta a verdade a seu favor e tenta me humilhar, transformando tudo em um jeito de me pressionar. E se eu estiver grávida? Qual o problema? — questiono, até vê-lo entortar o nariz.

— Ah, problema nenhum. Acho ótimo, na verdade, porque tenho uma nova brincadeira a bordo. Vai ser divertido. Tudo estava tão... *monótono*. — Alessandro enfia suas mãos nos bolsos, arqueando as sobrancelhas, e sua língua derrapa pelos dentes caninos em sua boca. Ele busca virar-se enquanto ainda olha para mim por cima do ombro. — Eu tenho um histórico grande em brincar com criancinhas...

Ele sabe o que faz, sabe exatamente como me abalar e não importa a imagem que eu tente agregar, como alguém de psicológico sólido, Alessandro consegue esmagar-me, como o faria a uma barata, demonstrando que sou completamente o contrário.

— Eu te odeio — murmuro, escondendo os braços sobre o peito. *Está frio.*

Leva sua mão ao peito em um falso pesar.

— Vou cortar os meus pulsos por isso. *Que triste.* — Em segundos, seu semblante se torna rígido. Alessandro levanta o braço e aponta para o estacionamento logo depois do jardim, onde vejo Mattia se aproximar de nós, notando que as coisas não estão tão boas quanto deveriam estar.

— Você está bem? — O Conselheiro encara meu rosto pálido e, aproximando-se, deposita sua mão em meu ombro.

— Melhor do que isso, só a morte de alguém. — Alessandro se distancia e nos encara por cima do ombro. — Já resolvemos o que deveríamos. Vou em um carro separado.



— Eu posso ficar aqui até Daemon voltar, *não confio em Alessandro*. — É notório que o carinho de Mattia cresceu. A vontade de quase me pôr em seus braços e dizer que tudo vai ficar bem, também.

— Eu preciso conversar com ele para que não... não conte a Daemon de alguma forma.

— Você deveria aproveitar que Alessandro sabe e contar a Daemon também. Não vê como a mentira está escalonando? — O Conselheiro aperta um lábio contra o outro e encara o céu escuro. — Olha, eu não quero te deixar nervosa, mas o Conselho pediu para repetir os seus exames e levá-los a uma reunião. *Eles estão desesperados* por um filho. Então deram trinta dias para refazê-los, e eu acho que é esse o tempo que você tem.

A errada sou eu e tenho consciência disso, mas estou perdida entre o medo e a razão, quando, na verdade, é o medo que prevalece, tomando toda a coragem que adquiri com esse tempo, sendo exposta aos perigos e traumas que nunca acabam.

— Eu sei me cuidar. — É mais um afirmativo para mim mesma do que para Mattia.

— É aí que está o seu erro. Você acha que sabe, mas não sabe. — Sorri. — Eu não vou embora, vou ficar aqui fora. Se precisar, é só... *literalmente*, *me gritar*. — Devolvo o sorriso. Mattia de fato se importa comigo.

— Obrigada. — O agradecimento pelo seu cuidado vem do coração. Um Conselheiro não precisa se preocupar com a mulher do *Capo*, apenas com seu *Don*, mas ele o faz até muito mais do que se preocupa com Daemon.

A casa está silenciosa. Em qualquer outra ocasião, eu dormiria no quarto ao lado. O quarto vizinho ao *nosso* , mas qual o tamanho do problema que terei, se meu marido souber que escondo um filho no ventre em meio a uma guerra? Existem coisas que podem ser evitadas e livrar Daemon deste conhecimento é o meu dever esta noite.

O vestido ainda orna o meu corpo e o carro no jardim mostra que Alessandro chegou antes de mim. A porta range, mesmo que não o fizesse antes. Tento controlar o nervosismo para não me deixar evidenciar o óbvio, *o inevitável.*

Ele está exatamente de costas para mim, em frente ao espelho do banheiro, penteando os cabelos após um provável banho.

— Achei que gostasse da minha ausência, *coisinha.* — Alessandro jamais vai perder a oportunidade de me lembrar que ele não é o meu marido.

— E eu gosto — afirmo.

Alessandro se vira, mostrando a enorme cicatriz em seu peito, mas os músculos ainda estão lá, rígidos, desenhados e de uma densidade atlética impressionante. A toalha em sua cintura me faz duvidar se há algo por baixo.

Eu sinto falta de me deitar com Daemon.

— Não sou o seu marido, e acho que você sabe, mas levando em consideração que ele não encosta em você há mais de um mês, espero que não ache que vai se deitar nesta cama, pois eu não vou comer você. — Ele está tranquilo, calmo até demais.

— Eu vim fazer um pedido. — murmuro.

— Claro que veio.

Fecho a porta, ficando finalmente a sós dentro do quarto. Não que houvesse alguém esperando do lado de fora, mas aqui, dentro destes metros quadrados, somos apenas eu, ele... *e nosso filho*.

— Daemon não sabe e não quero que saiba, não ainda, apenas quando *eu contar.* — Alessandro dobra seu joelho sobre a cama, jogando seu dorso sobre o travesseiro e ajeitando o cotovelo na maciez dele. Apoia o queixo no centro da mão, dando toda atenção á minha figura rígida e em pé, diante da porta.

— Com medo de que ele faça com seu filho o mesmo que fez com o de Irene?

— Ele não faria. — Estar aqui dentro é como não ter fôlego, porque, ainda que esta seja a fisionomia do meu marido, o homem que responde é completamente diferente.

— Imagina que ironia... — seus olhos verdes divagam por algum lugar abaixo do teto e depois recaem sobre mim, com um peso que quase arreia meus ombros — o homem que quer matar seu filho ser aquele que você julga ter mais moral do que eu. — Sua risada ecoa no peito. — Seria lindo, eu juro, mas não se sinta especial. Você não será a primeira mãe que me implora pela vida do filho.

— Ele não... — sussurro, e ele se ajeita sobre a cama. O cetim derrapa por seu braço.

Alessandro sorri.

— Ele sim... — Seus braços se ajustam atrás de sua cabeça, expondo os pelos loiros de suas axilas. — A vantagem é exatamente essa, de saber *o que ele pensa*. E a única coisa que Daemon tem em comum com você, agora, é que ele quer *o que é dele por direito* e você *também quer,* mas ele jamais a forçaria , e você tem um segredo para guardar — ele fala sobre a vida matrimonial, a parte mais *íntima* dela.

— Blefe, de novo. — Aperto os olhos, canalizando o contrário do que ele me fala.

— Eu me importo unicamente com a Cosa Nostra, o restante... *vou ter prazer em ver queimar* — murmura, mas é demais para mim. — Então não se preocupe, quanto mais você omite, quanto mais você posterga, maior vai ser o problema, sendo assim... *conte comigo para escondê-lo.*

O sorriso ganancioso quer apenas rios de sangue e eu, novamente, de uma forma errada, questiono-me se não deveria ter ido embora quando pude, pois, pelas minhas contas, já estava grávida e talvez, com tudo o que Daemon prometeu que me daria, eu poderia criar este filho em paz em algum lugar.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 66

Erro parcial

JEZEBEL CONSTANTINI

Estou sentada no sofá, encarando o relógio sobre a lareira apagada e matutando a cada segundo que passa, quando sei que tenho um encontro às quatro da tarde e, embora ainda faltem quase duas horas, preciso me decidir rápido.

Fiz um *checkpoint* na minha cabeça, uma lista dos motivos que Alessandra teria para fazer esse tipo de coisa. É burrice ir, mas penso que talvez a misericórdia de Daemon, em mantê-la viva, seja ainda maior do que qualquer coisa e tenha despertado nela o chamado de volta para casa.

Mas por que eu? Por que não vir até os portões da mansão? O que acarretaria se eu fosse? O café, no qual ela solicitou o encontro, é um lugar público. Talvez Alessandra também esteja com receio, mesmo que eu não possa fazer qualquer mal a ela.

Alessandro permaneceu durante quase três dias ininterruptos, sem permitir que Daemon voltasse. Mattia e eu ficamos preocupados, mas não havia nada que pudéssemos fazer, a não ser esperar. Ao voltar, meu marido sequer falou comigo direito durante os dois dias seguintes. Penso que pode ter sido pelos vetos a qualquer tipo de intimidade, ou por ele realmente

desconfiar de algo, ele está trabalhando duro para descobrir o que há na caixa de Lucius.

Estava tomando o território da Calábria aos poucos com a ajuda do *Capo* casalês, entretanto alguns homens ainda resistem, e são abatidos com eficiência ao pisar duro no chão, em tom de comando, a um lugar que não lhes pertence mais.

Daemon está na cozinha quando me aproximo, passando os dedos pelo balcão. Ele se serve de um copo d'água e é inusitado que não seja um copo de uísque.

— Eu... queria ir à cidade comprar algumas roupas, na mesma loja de sempre. Marta vai comigo, junto do motorista e alguns soldados. — Daemon deposita o copo sobre a bancada, espalmando as duas mãos abertas sobre ela. Mira apenas o olhar em minha direção, sua cabeça continua baixa.

— Mas você já não comprou roupa o suficiente? — *Até mais do que cabe em meu guarda-roupa.*

— É um passatempo. Gosto de sair — murmuro, sorrindo fraco.

— É só por isso? — Ele desconfia, sabendo que, ainda que não seja algo sério, eu não vou falar, mas quando descobrir, vai ter o álibi para dizer "*eu perguntei.*"

— Sim.

— Não vejo problemas, mas Otto e Mattia vão junto.

Respiro profundamente. Pode ser muito arriscado que Otto descubra.

— Não acho que precise. — Meu marido levanta o rosto, analisando-me meticulosamente.

— Não é você quem diz o que acha que precisa, sou eu, portanto, estou dizendo que eles vão com você. — Seu estado de ignorância retorna com vigor e sem remorso. Na verdade, acho que Daemon desconhece essa palavra.

— Os soldados não são o suficiente?

— No período que estamos? Nada é suficiente, talvez nem mesmo eu — murmura antes de sair de vista, indo para o segundo andar, como se fosse impossível de ficar no mesmo espaço que eu.



Meu corpo está quente, mesmo com o tempo frio do lado de fora. Estou sentada na parte de trás do carro, junto de Marta e Otto. O silêncio reverbera e minha mente grita, em uma mistura de arrependimento e ansiedade.

Para que Daemon tenha deixado a irmã viva, mesmo depois da traição, talvez ela tenha merecido clemência ou ele tenha visto uma certa bondade nos olhos de quem já foi a sua família um dia.

— Está mais quieta que o normal — murmura Marta.

— Impressão sua — respondo. Não estou com cabeça para pensar em respostas mirabolantes, na verdade, eu não estou com cabeça para nada. Estou em uma balança que toda vez que se equilibra acaba encontrando o desequilíbrio de novo, mas espero ao menos não cair com a maré agitada.

— É que você nunca pediu para comprar roupas, então eu, no mínimo, estranhei..., mas eu disse que você ia se acostumar. — Ri e massageia minha mão que está sobre a sua.

— Preciso passar o tempo com algo — digo, e ela se aproxima de meu ouvido, sussurrando.

— A médica disse que você poderá saber o sexo do bebê na próxima data.

— Eu não quero. Não estou pensando nisso no momento — sussurro de volta, afastando meu ouvido dela para que o assunto se encerre aqui, antes que Otto possa ouvir, ou até mesmo o motorista. Seria um problema se isso se espalhasse entre as

decinas, pois não demoraria muito a chegar aos ouvidos de Daemon.

Tento me apegar à ideia de que o *Capo* realmente pode mudar as regras que compõem a Cosa Nostra. Tento me convencer de que não corro perigo, mas fica difícil quando o único que pode me salvar, resolve, na verdade, que a destruição de seu herdeiro é o mais importante.

Minha própria mente me sabota de um jeito que ninguém faz, talvez nem mesmo Alessandro.

Ao chegarmos à loja, meu coração acelera, porque sei que há outra entrada nos fundos, que, na verdade, vai se transformar em minha saída, porém, dada a situação, dificilmente Mattia e Otto não vão notar nossa saída, mas se o Conselheiro de meu marido presa tanto por mim, talvez ele realmente me acoberte, a fim de não querer ver um pedaço do céu cair sobre nossas cabeças.

— Posso entrar, se quiser — o neto de Otto oferece.

— De forma alguma. É uma loja para mulher, não vai querer vê-la nua — Marta diz. Talvez ele até quisesse, mas não quero pensar nisso. Ele é um irmão para mim e não há espaço para pensar o contrário. É uma lástima que Mattia me veja de outra forma.

Ele me encara, como se esperasse que eu contestasse as palavras de Marta, mas estou do lado dela neste momento.

— Tudo bem, vou esperar aqui fora — assente.

O protocolo é sempre o mesmo. As *decinas* averiguam todos os cantos do estabelecimento, desligam as câmeras e aguardam na entrada da loja, impedindo qualquer um de entrar ou olhar demais pelos vidros frontais que dão para a rua, que são transparentes.

As vendedoras esperam próximo ao balcão enquanto Marta e eu andamos pelos corredores à procura de algo, mas sequer consigo prestar atenção nas roupas que estão estiradas sobre os cabides. Só consigo pensar em uma coisa:

Alessandra.

O relógio na entrada da loja mostra que faltam apenas cinco minutos para as quatro e, considerando que eu levarei dois minutos para chegar lá, eu só tenho mais três minutos para passar pela porta dos fundos.

— Acho que estou mais ansiosa com esse bebê do que você. — A governanta me arranca dos pensamentosl Não posso me distrair, contudo seria de uma péssima educação deixá-la falando sozinha.

— Disso não tenho dúvidas — respondo, passando os dedos por um casaco de algodão tão grosso que provavelmente só usarei em tempos de neve.

— O que te preocupa ao certo? A iniciação? — Não respondo, hesitando por um tempo. — Daemon vai mudar a iniciação, mas, se for uma menina, ela ficará livre e só terá suas responsabilidades quando mais velha. Não há com o que se preocupar, Jezebel. Se for menino, Daemon não vai querer iniciar o primeiro filho homem, apenas o sétimo, aquele que se sentará em sua cadeira.

— Eu sei que ele vai mudar. O que me preocupa não é a iniciação — murmuro.

— O que é, então?

— É estar levando isso longe demais, por medo, ter a indecisão e a dúvida de que posso estar fazendo o certo postergando a verdade, mas estar piorando tudo também ao tomar essa atitude — explico, pensativa.

— Tudo vai acontecer da forma como deve acontecer. Talvez esteja fazendo o certo. — Mas ela esquece de dizer que talvez eu esteja fazendo *muito errado.*

— Eu nunca quis esse filho. — Minha sinceridade é externada.

— Mas você pode ter certeza de que ele te quer. Ele só tem você, *Bel* — sussurra, passando o indicador na ponta de meu

nariz. — Bom, mas quando nascer, também terá a gente. Mattia vai ser um bom... *tio*. — Ri, divertida.

A conversa cessa, pensamentos se vão e dão lugar a uma nostalgia, pois não há boas lembranças em minha infância, apenas as memórias ruins que constituíram traumas, os quais nunca consegui dispersar de minha mente.

Preciso ir.

Meus dedos auxiliam a retirada do cabide da vareta de aço, puxando uma blusa única exposta na loja, em meio a vários outros modelos diferentes.

— Gostei dessa, poderia ver... se há um tamanho maior no balcão? — Ela sorri por ver que, pela primeira vez, demonstro interesse em escolher minhas próprias roupas, já que a governanta provavelmente está cansada de me fazer de boneca. — Vou ver outras peças para levar até o vestiário.

— Claro, volto já. — Ela se vai e, quando vira as costas, ponho-me em direção ao fim da loja, olhando sempre por cima do ombro para os soldados da Cosa Nostra. A porta de ferro, sem qualquer vigia, está fechada por um trinco fino de ferro que já está torto, mas quando o forço, ele termina de quebrar, abrindo a porta.

O problema está oficialmente causado, porque, segundos antes de passar pela porta, colocando o primeiro pé na rua, um dos soldados da *decina*, na entrada do outro lado da loja, me vê escapar pela parte de trás.

Nunca precisei correr.

Certamente nunca.

Mas, agora, eu me encontro fazendo-o sem perceber. O desespero move montanhas, talvez não tanto quanto a fé, mas isso é apenas um pequeno passo para o descontrole psicológico de ser descoberta no erro.

Lembro-me de ter visto no mapa, mas as placas me orientam melhor. Pelas coordenadas, o Tussê Café fica a duas

quadras e, a julgar pelo senso de tempo, estou atrasada.

Ao virar a próxima esquina, dou de cara com o estabelecimento. Um enorme lugar a céu aberto, ornamentado com diversas rosas vermelhas, que inclusive são usadas no logo do lugar. Um enorme varandão onde algumas pessoas estão sentadas.

Não sei para onde ir ou o que fazer, mas a certeza infame de que é aqui que preciso estar não me atrapalha quando me sento na primeira cadeira, rezando para que Mattia, Otto ou Marta não apareçam.

O tempo corre; dois segundos parecem duas horas.

Meu corpo está suando, mesmo sem motivos para isso, a corrida não foi o suficiente para aquecer meu sangue dessa forma, mas o medo e o receio, com certeza, sim.

Os sentimentos afloram, mas tudo acontece de forma rápida demais para que eu assimile com calma e certeza. O medo deturpa os sentimentos e as percepções.

Algo frio encosta-se em minha nuca.

E é nesse momento que tenho a plena convicção de que meu maior erro foi ter vindo aqui, era tão óbvio, mas eu, em minha inocência, acreditando que ainda havia uma luz no fundo de toda escuridão, vim, na esperança de que Alessandra fosse realmente a irmã de Daemon, e não a esposa do finado Dario.

Minha única reação é fechar os olhos.

Sinto que me perco, o tiro alto ressoa com precisão, vibrando meus tímpanos e deixando-os zunindo, mas a precisão não me acerta, mesmo tão perto. Sinto o objeto frio, que julgo ser o cano de uma arma, afastar-se de mim.

Outro tiro.

Então outro e, por fim, outro.

Respiro fundo, tomando coragem de olhar para trás.

Mas a cena me corta o coração, porque minhas escolhas não só afetaram a mim, como também a pessoas demais, e as consequências serão gigantes. A arma que antes mirava minha nuca, estava na mão de um homem todo vestido em panos pretos, encapuzado, agora morto com um tiro no olho direito, caído literalmente aos pés de minha cadeira. A mais de três metros, está Otto, com a mão no pescoço enquanto sangue vaza aos bocados de seu ferimento, mas em sua barriga também há manifestação de outro tiro e, pela perda de fluídos, não acho que hajam muitas chances para ele.

Levanto-me da cadeira e me aproximo dele, e logo na esquina é possível avistar Mattia, correndo como um louco em direção a nós dois, Marta e uma *decina* inteira vêm logo atrás. As pessoas correm, desenfreadas, como se o amanhã não existisse e aqui fosse, literalmente, o fim do mundo.

— Otto... — sussurro. O que direi? *Me perdoe?* A culpa é minha. A arma que disparou a bala não estava em minhas mãos, mas a culpa por ela ter deixado o cano é inteiramente minha. — Droga... — Tento, de alguma forma, pressionar seu ferimento, mas o que mais me deixa assustada é a quantidade de sangue que vaza por meus dedos, até que seu rosto se torna pálido e o olhar se desoriente, anunciando a perda de consciência por ter sido atingido em um local tão vascularizado e irrigado de sangue como o pescoço. — Me perdoa, me perdoa, me perdoa, me perdoa, por favor... — sussurro. Ande cheguei? O que fiz?

O olhar de Mattia me encontra, dilacerado, demonstrando desespero quando assume meu lugar e toma seu avô nos braços, encarando seu olhar perdido, que logo se fecha. Seu braço derrapa pelo ombro, enquanto seu corpo desfalece, provavelmente perdendo a vida.

Eu o matei.

— Vô... — ele sibila, passando sua mão suja de sangue na pele envelhecida do cadáver, parte de sua árvore genealógica que falece.

— Eu não quis... eu não achei que... — Que explicação posso dar, que justifique a perda da vida de alguém? Nem uma sequer.

Seu olhar de desespero se transforma em ódio quando me encontra de novo, raiva, remorso e desprezo. Seus dentes trincam e ele expele a respiração caótica de quem mal consegue fazer o básico para respirar: *puxar o ar.*

— O que você fez, Jezebel?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 67

Mentiras banais

JEZEBEL CONSTANTINI

Marta está ao nosso lado. Monossilábica, ela sequer olha para mim, pois provavelmente vai levar parte da culpa quando meu marido souber que eu a enganei para sair pela parte de trás da loja.

Otto está morto, graças a mim. Eu matei o avô do *Consigliere*, que também era um dos membros do Conselho. O que vão falar sobre isso? Não faço ideia, mas não espero que sirvam um buquê de flores pelo feito.

Não tenho o direito de pedir nada, até porque, sei que Mattia está com raiva de mim. Serei egoísta se tentar?

— Mattia... — Meus olhos se apertam, minha mente nublada se nega a formular qualquer solução para este problema, talvez sabendo, desde já, que esta solução que tanto quero sequer existe, mas ao menos posso tentar minimizar os danos. — Sobre Daemon... me deixe conversar com ele, não diga que tentei sair... você não entenderia, eu não quis aquilo.

— Não — corta, tão alto que todos ouvem dentro do carro. O Conselheiro de meu marido não me encara, desvia o olhar

propositalmente. — Hoje você passou dos limites. Eu tentei te ajudar, mas você *não me ajuda*.

— Não conte a ele. — Ignorada. — Você não entende. Existem muitas coisas atreladas a isso.

Sou dispensada mais uma vez, mas me detenho, na esperança de que ele esteja pensando enquanto as árvores passam pela janela do carro.

O portão se abre e meu corpo endurece quando vejo a imagem de Daemon, ereto, com o rosto tão sério que o frio na espinha perdura na nuca e parece não querer ir embora. O queixo está erguido e ele acompanha o carro quase sem piscar.

— É para o seu bem.

— Não... você... — Não sou capaz de respirar e falar ao mesmo tempo, o fôlego me é escasso e agora sinto falta dele.

Ele não só contou, como acabou de me arruinar no processo.

— Você me odeia? — Minha pergunta já tem resposta, mas acho que a vontade de ter a certeza extrapola qualquer sentimento. Meu coração, sempre batendo tão rápido, vai parar a qualquer hora, cansado, desistindo da quantidade de trabalho que dou a ele.

— Saia do carro, Jezebel — ele murmura, desacreditado de todo seu coração.

Abro a porta, e meu marido está exatamente dois degraus acima, olhando-me de cima para baixo, com o jeito superior que já tenho me acostumado a receber, mas a frieza de seus olhos verdes sempre me arrepia, porque tenho a ligeira impressão de que não é ele quem assume essa conduta, mas sim o *Capo* que tudo decide.

— Entra e sobe direto para o nosso quarto. — Sua mão abre a porta e a casa está vazia. Marta desce do carro e encara Daemon, passando à minha frente e indo para o corredor, em

direção ao seu quarto — E você, Marta, para o seu quarto. Vou conversar com você em seguida.

Subo as escadas com os joelhos trêmulos, entendendo que o sedentarismo não me conduz, mas não me recordo da última vez em que tive a respiração calma, com a certeza de que nenhum nervosismo me tiraria a paz que tanto preciso.

Ao entrar no quarto, tento ir para o mais distante que posso, com os dedos no peito, respirando fundo. Essa seria a oportunidade perfeita para contar da gestação, mas acabo de trazer outro problema, não posso jogar em seus braços um filho oriundo de minha falta de atenção.

— Antes de você chegar, eu tentei traçar inúmeros pontos que me fizeram acreditar que você está escondendo algo de mim. Pensei em coisas banais, pensei em uma possível traição, mas não acho que seja isso. Então eu me pergunto, por que tinha um homem com uma arma apontada para sua cabeça, no meio de uma cafeteria em Palermo? O que você foi fazer lá? — É evidente que Daemon está tentando conter todo seu descontrole. Com as mãos dentro da calça, ele apenas me fita, impaciente, mordendo a parte interna da boca, mas duvido que esteja tão nervoso quanto eu.

Eu tento esconder uma mentira e ele tenta descobrir uma verdade. É um jogo de cabo de guerra, ao qual não sei se tenho força para resistir.

— Estava estressada, queria ficar um pouco sozinha, ter a liberdade de poder andar sem ter ninguém atrás de mim, ditando para onde ou quando devo ir. Eu me sentei lá, e então apenas senti... o cano da arma em minha cabeça. — Sua impaciência aumenta e o ar é expulso de seu nariz como se ele fosse um touro.

— Eu não acredito em você e eu não tenho o hábito de ter, dentro da minha casa, pessoas em quem não confio — sibila.

— Não estou mentindo.

— Porra, Otto está morto por culpa sua, porque saiu da loja por algum motivo que está me escondendo! — Sua raiva explode e ele acaba gesticulando com o dedo acusador em minha direção,

mesmo que esteja a muitos metros de mim. — O que eu vou dizer para a droga do Conselho? Mattia te odeia. A sua teimosia me custou um bom homem.

Se sua intenção é me enfiar no fundo do poço, ele realmente consegue e só me mostra que sou mais egoísta do que ele. Este filho nem nasceu, e já está matando pessoas. Eu não quero ser a próxima.

— Eu não queria isso, não planejei isso.

— Acho que você não entendeu! Eu não controlo suas saídas e aparições porque quero, é por causa disso! Não imaginou que o tiro de Otto poderia ter sido em você?

— Eu te amo, mas não quero ser uma prisioneira. — Expor meus sentimentos sinceros talvez mascare os verdadeiros atos.

— Eu não me preocupo se você me ama ou não. Eu me preocupo com o seu bem-estar, com a porra da sua vida, mas você não se importa com isso. Eu disse que, se ficasse, seria sob os meus termos, seria da forma que eu quisesse e você não está seguindo-os. — Daemon vomita as palavras sem qualquer tato, sem qualquer cuidado, mas por que ele teria algum carinho em falar comigo? — Estamos em uma guerra e você se comporta como uma criança!

— Se realmente se importasse comigo, não me trataria desta maneira — digo, no mesmo tom furioso que ele. Meu marido se aproxima, agarrando meu punho e levando minha mão diante de meus olhos, para me mostrar a aliança de casamento.

— Vê isso? Essa é a sua promessa de lealdade! — exclama. — Mas você não está sendo leal a mim. Entendo que não tenha o mesmo interesse em nossa cama como antes, mas está mentindo sobre suas motivações.

— Eu não quero ficar marcada, não mais. — Ele gargalha, como se uma piada tivesse saído de minha boca, mas eu permaneço quieta, aflita por dentro, em um transtorno que só vai diminuir ou cessar quando Daemon sair de dentro deste quarto.

— Acha que eu sou idiota o suficiente para acreditar nisso? — questiona. — Está se deitando com Alessandro?

Meus olhos se arregalam. Por que chegou a essa desconfiança?

— O quê? Óbvio que não. Jamais faria isso — murmuro, receosa.

— A partir de hoje, você não sai mais — garante. Daemon solta minha mão com ignorância, dando-me as costas quando não quer mais encarar meus olhos, que transmitem a mentira com tanta certeza que chega a ser palpável.

— Não pode fazer isso — sussurro, mas ele ouve.

— Consequências. Toda ação tem uma, e a sua é essa. — Meu marido abre a porta, com o olhar perdido. — Poucas vezes vi alguém conseguir o rancor de Mattia, mas você, Jezebel, consegue sempre o impossível.

Antes que ele feche a porta, ouço o som de algum dos soldados do outro lado, a ponto de conseguir enxergar sua cabeça.

— O que houve? — questiona baixo o *Capo* , mas a voz enrustida de preocupação do *Sottocapo* soa mais alta pelo nervosismo.

— O novo Papa do Vaticano foi morto nessa madrugada.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 68

Tórrido alicerce familiar

DAEMON DEMARCO

Em algum lugar do passado.

O som da ópera tocando no cômodo da sala é alto para mim, habituado ao silêncio noturno, no qual costumo deixar meus pensamentos me engolirem. A sonata preferida de Alessa.

Não gosto do sol. Prefiro a noite, tão densa que crepita com os insetos e o vento noturno, que sopra mais gelado, já que meu sangue sempre está quente, e daqueles que perecem pelas minhas mãos também.

Pela janela do meu quarto, vejo Alessa no jardim recém-feito. Alessandra está em seu colo, tão pequena e tão indefesa que uma queda ao chão a quebraria inteira. Desço as escadas, saindo pela porta de entrada até encontrá-las. Quero me aproximar, mas não consigo sentir nada ao olhar para minha mãe, que antes era um ímã para os meus braços.

— Daemon... — ela murmura, assustada, quando nota minha presença.

— O que está fazendo? — É tão óbvio, mas a falta de assunto me faz perguntar assim mesmo.

— Ah... vim ver as rosas. Alessandra gosta muito delas, então resolvi trazê-la para vê-las e tomar um banho de sol também. — Concordo com a cabeça, pegando a rosa vermelha entre os dedos, tão viva quanto sangue, e que quando morre, fica como sangue seco.

A criança em seus braços pega uma das pétalas e a enfia na boca, mastigando com os pequenos dentes que ainda rasgam sua gengiva.

— Ela está comendo — alerto Alessa.

— Ah, tudo bem. São crianças. — Ergo minhas sobrancelhas, enquanto a garotinha come a rosa como se fosse algo extremamente gostoso, quando provavelmente deve ser um tanto amarga.

Aproximo-me, retirando todo o item de seus dentes e a criança desabrocha a chorar, compulsivamente.

— Oh, meu Deus, seu irmão não fez por mal, meu bem! — Alessa põe as mãos em suas costas, dando leves tampinhas e balança Alessandra de um lado para o outro, mas ela estica seus braços e me agarra pelo rosto, com as unhas finas que arranham por baixo da minha barba. Alessa permite que ela venha para o meu colo, mas eu não quero. Não gosto da sensação que esse contato me provém.

— Tire essa coisinha de cima de mim. — Segurando em suas costelas, eu tento devolvê-la, mas minha irmã parece não querer a própria mãe.

— Ela gosta de você. — Alessa busca a criança de volta.

— Não gosto de crianças — murmuro, massageando o rosto.

— Vai ter filhos, um dia, e vai cuidar deles, assim como eu cuido de sua irmã, assim como *você cuida dela*.

— Não. — Distancio-me, subindo os mesmos degraus pelos quais vim agora a pouco, mas, antes de subir, minha mãe continua.

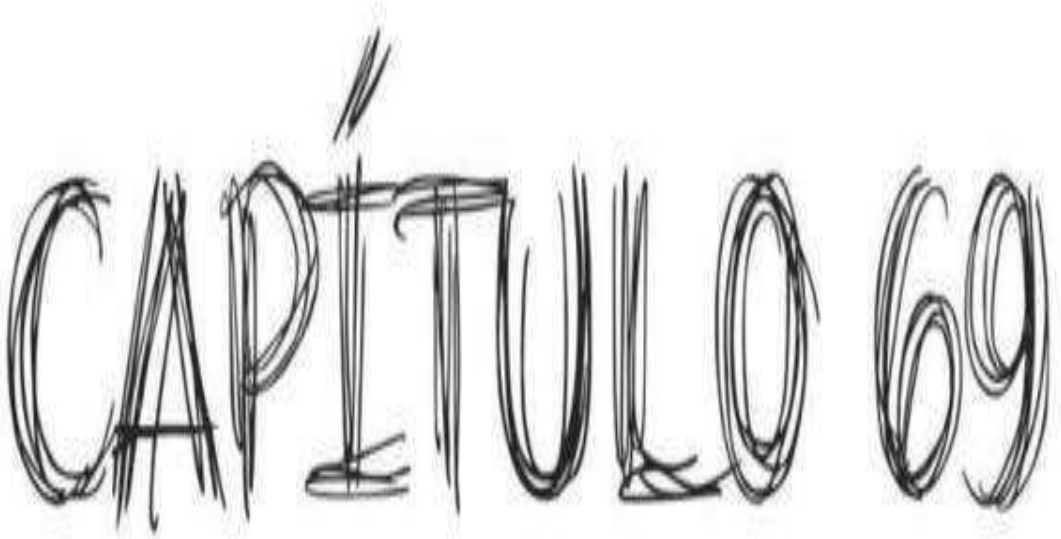
— Não se cobre pela irmã de Lucca. Eu não gostaria que tivesse sido dessa forma, mas fez o que deveria ser feito.

— E você não tem medo de que eu, um dia, faça o mesmo com Alessandra?

Seus dentes se expandem em um sorriso dentro da boca, daqueles que costumavam aquecer o meu estômago e sempre vinham com um abraço forte.

— Eu sei que você nunca faria nada para machucá-la. Confio em você, filho.

OceanofPDF.com



A Caixa de pandora

DAEMON DEMARCO

Em todos os noticiários apenas se falava disso: a morte do último Sumo Pontífice. Em alguns lugares, até mesmo a suposição de uma maldição do trono católico foi feita, mas a verdade é que a sede de poder funciona como veneno dentro do lugar que deveria ser a casa de Deus.

Uma semana se passou, e a densidade dos corredores da Cosa Nostra e das ruas tem se tornado ainda mais intensa.

Evitei reuniões com o Conselho quando, na realidade, isso deveria ter sido prioridade, mas recalcular a rota era necessário.

Não fomos nós a tentar tomar o posto mais alto do catolicismo de volta, então só me resta levantar a possibilidade de que a *Legião* tenha algum trunfo em mente.

Lucius foi bem específico quando solicitou uma reunião urgente. Não é costume dele, já que a paciência é uma de suas muitas virtudes, mas a pressa oriunda de algum motivo não é à toa.

Vetou que o encontro fosse na Sicília e solicitou que acontecesse na Calábria, em um dos postos da contravenção casalesa.

Mattia entra à minha frente e eu vou logo atrás. A caixa, que é um coração de ferro, está sobre a mesa, aberta. Há alguns papéis embaixo dela e eu consigo entender a pressa dele agora. *Ele a abriu.*

— E então? — O silêncio é longo demais para que eu faça parte dele, a resposta está logo diante de nós, e eu, sinceramente nunca entendi por que foi tão importante esconder a tal caixa por tantos anos.

— As coisas escalaram para um nível que acho que não estávamos preparados. — Dante espalma as mãos na mesa, rodando o pescoço para esticá-lo.

— O cansaço está afetando seu cérebro. — Sento-me na cadeira, jogando os ombros da forma mais relaxada que consigo. O cansaço é enorme, porém ainda preciso me abster de querer descansar. Há tantas coisas para resolver que me sinto sonolento apenas em pensar, e a recusa de Jezebel só tem me aflorado o estresse. As coisas só pioram.

— Está pronto? — Lucius questiona e eu, honestamente, acredito que, pelo suspense, possam ter descoberto o segredo do Universo. Ergo as sobrancelhas e ele joga a resma de páginas empilhadas em minha direção, fazendo com que elas se espalhem pela mesa, mas uma, certeira, para bem à minha frente, tomando

minha atenção. Pego-a nos dedos. — O catolicismo é o fundamento na ideia de que um homem, no passado, venceu a morte, mas esses documentos mostram exatamente o contrário, mostram que a morte nunca foi vencida.

No papel, há muitas coisas em hebraico, mas há uma tradução na lateral com algumas fotos de túmulos antigos e mapas geográficos; tudo se torna confuso de entender em uma leitura dinâmica.

A mente clareia e eu volto nos tempos de seminário, quando a bíblia era quase um mapa decorado em minha cabeça.

Ele está falando...

— Mas o único que retornou dela foi...

— Ele mesmo — Dante completa.

— Espera, Lucius, você está dizendo que o primogênito de Maria... — A frase não se completa, a ideia, clara demais, é um ato de blasfêmia tão grande que nem em meu estado de mais baixa fé eu poderia sugeri-la.

— Isso mesmo... nesse papel está o local da sua sepultura. O local que todos os fiéis visitam todos os anos é apenas uma cortina de fumaça. Abaixo dele, inacessível a todos, nas mãos da *Legião*, você pode até mesmo chorar a sua morte diante do corpo.

Começo a rir como se fosse engraçado, mas a seriedade no rosto de todos mostra que esta não é uma piada medíocre de mau gosto. *Ele está falando a verdade.*

— Alguma coisa não está certa. Se realmente fosse isso, a *Legião* teria tirado o corpo dele de lá. — Dante suspira.

— A Basílica do Santo Sepulcro possui muitas camadas, foi aberta duas vezes[4], uma em mil quinhentos e cinquenta e cinco e outra há oito anos. Não há como tirar nada de lá de dentro. São túmulos dentro de túmulos. Se tentarem qualquer movimentação arqueológico, ela desaba. — Dante respira ao sentar-se também. — Além do mais, fica em outro país; não está na Itália. Não é

simplesmente entrar lá e buscar. É muito mais fácil preservar e proteger do que tirar a qualquer custo.

— Espera, isso ainda não... *faz sentido.* — Estou definitivamente desacreditado.

— Daemon, eu tornei a fazer algumas pesquisas e encontramos algumas coisas interessantes e que completam todo esse mistério em volta da história, principalmente da sua família. — Faz uma pausa. — Há duas versões a respeito dos acontecimentos, mas uma parece ser mais verídica... A Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, começou sua peregrinação[5] partindo de Roma para traçar os passos do *filho de Maria*. Ela foi incentivada e financiada pelo próprio filho, levando uma equipe de arqueólogos e pesquisadores, e então encontrou o lugar exato da verdadeira cruz da crucificação. Considerando que a *ressureição* do filho de Maria foi o que espalhou a palavra cristã pelo mundo, Helena não poderia deixar que o mundo perdesse sua fé por uma manipulação da verdade na história. Então ela pôs seu corpo no segundo quarto da Edícula, o lugar mais profundo do sepulcro, impedindo que qualquer um entrasse lá dentro ou tirasse uma pedra sequer. Construiu a Basílica lá e fomentou o cristianismo como religião oficial de Roma, espalhando-a posteriormente pelo mundo.

— Então... você está dizendo que minha família, minha linhagem, escondeu isso por séculos? — questiono.

— A sua linhagem escondeu, mas foi a *Legião* que os ajudou a manter em segredo. E você está fazendo tudo totalmente ao contrário agora. O acordo centenário era esse. A Família Constantini fundou a Cosa Nostra, que cresceu em seus porões e se alimentou do catolicismo que vocês mesmos criaram. *Você é a história, Daemon, não a Legião*.

— Isso é inacreditável. — O peso que cai em meus ombros me arreia na cadeira. Não importa o que esteja neste papel, eu não consigo ler. Não consigo raciocinar.

— Esse papel é de uma pesquisa e fotos do corpo dele. — Jogo-os de volta para ele.

— Eu não quero ver isso — sibilo.

— A caixa com o segredo sempre pertenceu aos Constantini, mas a *Legião* só queria tomar de você com medo de que expusesse o que há dentro dela. — Lucius cruza os braços à minha frente. — Tem noção do que aconteceria se você divulgasse essa informação? A base do catolicismo é a ideia de que ele voltou à vida, mas, com a prova do contrário, a crença desabaria. O mundo perderia a fé, Daemon. Isso abalaria milênios de história. A idealização de inferno e a salvação divina ainda são controles de massa. Sem o que temer, o mundo seria um caos. O Vaticano é uma empresa que fatura bilhões todos os anos; as Cruzadas e a Inquisição sempre foram a troco de nada. Existem documentos que comprovam isso dentro da caixa. *Nós temos ouro nas mãos.*

Ergo-me.

— Você precisa esconder isso no lugar mais fundo de seu mosteiro. Vamos descobrir quem matou o papa deles, e se necessário, vamos usar isso como escudo. Se fizerem qualquer coisa, vamos divulgar algo para mostrar que o poder é nosso. — Isso é estratégia e eu estou um pouco cansado de apenas usar força. O mesmo silêncio se espalha pelo recinto, e é Mattia quem se pronuncia desta vez, com tanto entendimento quanto eu, ou seja, *nenhum*.

— Por que vocês estão tão quietos?

Dante e Lucius se entreolham.

— Você me devia um favor, Daemon. Se lembra? — Meus olhos cerram-se.

— Não venha me pedir favores agora, Lucius. Existem momentos para isso e esse não é um deles. — O estresse é nítido na forma com que falo, pois não tento filtrar e, mesmo se quisesse, não conseguiria.

— Na verdade, eu já pedi, e você já me concedeu. — Não, não concedi. Vasculho na memória e, a menos que eu sofra de

Alzheimer, ele não pediu, mas uma pequena ideia passa por minha cabeça, tão pequena que sequer merece atenção.

— Do que você está falando? — questiona meu Conselheiro.

— Na verdade, eu pedi a Alessandro. — Meus olhos se arregalam e eu entendo exatamente o que ele fez.

— Não. — Mattia nega, porque já entendeu o recado.

— Sim, pedi a Alessandro que poupasse o meu mosteiro e me desse mais alguns dias. — Lucius põe um de seus *dreads* atrás da orelha. — Ele achou justo. Peter pelo Papa deles.

Alessandro assassinou o papa deles.

— Você ficou LOUCO? — Meu grito assusta os soldados casaleses, assim como meu soco contra a mesa. As folhas de papel vibram e Dante entra em alerta.

— O seu parâmetro de loucura é muito vago. Eles nos tiraram um homem e nós tiramos outro deles. Fabuloso, não acha? Mas, de qualquer forma, não se preocupe. Alessandro é realmente muito bom.

Lucius não usa sarcasmos, pelo menos, não agora. Seus olhos sorriem e ele se sente seguro. De certa forma, tem sua credibilidade, porque, de fato, tinha um pedido meu, mas a covardia de esperar que Alessandro assumisse para pedir foi sem precedentes. A grande questão, no entanto, é que demos à *Legião* um forte motivo para revidar.

— Acha que a *Legião* vai deixar assim? — pergunto. Poucos já viram Lucius declarar guerra a alguém, mas, com o controle da verdade e da mentira, ele mata muitos sem ter que chegar perto, eliminando os inimigos quando informações valem rios de dinheiro.

— Já entramos em uma guerra há muito tempo, Daemon. O certo, nesse momento, é tomar a espada em punho e se preparar. Ou ficamos aqui e reclamamos, ou fazemos de tudo para varrê-los do mapa. — Dante se mantém quieto, abrindo os braços em um

espreguiçar e, em seguida, tomando as páginas na mão. — Eu vou deixar que você assimile tudo. Vou continuar traduzindo os documentos e retorno o contato. — Ele passa por mim com dois tapinhas no ombro. Meus olhos, fixos na mesa, dão-me o sentimento de incapacidade.

Eu sou Daemon, não Alessandro.

Ele me usou de forma inteligente, e eu caí, sem poder fazer absolutamente nada, afinal um favor devido é questão de honra quitar.

Dante sequer me olha, apenas se vai pela porta, deixando-me com Mattia, também surpreso.

— Você está bem? — o Conselheiro me pergunta.

— Estou perdendo o controle de tudo, inclusive de mim mesmo. — E de Jezebel também. Não se pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo e eu detesto dar razão a isso. Não posso controlar o mundo, como se estivesse na palma de minhas mãos.



Ao chegar à porta da mansão, Benito vem em minha direção com dois homens que constituem a primeira *decina* da *Omertà*. Ele chegou hoje pela manhã da Calábria, coordenando a organização da distribuição de homens pelo estado. A tomada de poder é sempre muito exaustiva, mas ele tem conseguido estar com frequência na mansão.

— Padrinho — ele saúda e pega minha mão, depositando um beijo sobre o anel de prata em meu indicador.

— Benito. — Faço o mesmo ao saudá-lo.

— Estamos nos organizando melhor na Calábria. A cidade está praticamente vazia, então facilitou o esquema de distribuição das *decinas* pelos estabelecimentos. — O *Sottocapo* me entrega uma série de documentos. — Esses são os documentos de

propriedade dos estabelecimentos. São oficialmente seus agora, para fazer o que quiser. — Não que não fossem antes, mas agora *ninguém me toma*.

— Ótimo — resmungo.

— A Calábria é oficialmente nossa, Padrinho. Existe uma divisão de território entre Lucius e você, mas não acho que isso seja um problema. — Ele põe sua mão para trás.

— Lucius é um homem inteligente. Sabe que só tem a ganhar.

— Aproveitei que Jezebel parou os treinos e resolvi passar uns dias a mais lá, mas está tudo bem. — Minha sobrancelha arqueia, sem entender a motivação da recusa de minha esposa quando sugeri o básico, que era sua defesa, pois, em minha ausência, será ela e sua fé, mas estou ao menos fazendo o possível para que ela não precise recorrer a isso, *fortalecendo mais*, a cada dia, esta contravenção.

— Jezebel parou os treinos? — Essa é uma vírgula que desconheço. Ela não me falou nada.

— Achei que soubesse. Já está sem ir há algumas semanas.

Sorrio gentilmente.

— Claro, ela deve ter me falado, mas resolvendo tantas coisas, devo ter deixado passar. Obrigado, Benito.

O Subchefe assente ao passar por mim, em direção a suas obrigações.

Subo as escadas depressa, sem tentar suavizar os passos, para que Jezebel entenda que estou a caminho. Meu cansaço exala a mais pura falta de paciência, e de fato nunca a tive, quando estou exausto não é o momento que a terei.

Ela está em frente ao espelho, penteando seus cabelos, que se tornaram ainda mais longos com o tempo. As costas brancas estão escondidas pela metade com a toalha enrolada em seu busto, e apenas em pensar que o pano esconde sua nudez, meu corpo esquenta.

— Ah, é você — ela exclama ao me ver, retraindo-se mais dentro do banheiro.

— E quem mais seria? — Meus olhos cerram-se e ela suspira vencida.

— Marta. Quem mais entraria aqui sem permissão? — A forma como tem me respondido firme me incomoda. É muito fácil pegar suas mentiras quando ela hesita para falar, mas está tão ligeira que é necessário mais tempo do que antes para mim, para ter certeza de que a mentira não está molhando sua língua quando fala.

— Por que parou de fazer as aulas de defesa com Benito? — Minha esposa perde a euforia de fala, piscando as pestanas. Abre a boca para elaborar algo, mas perde o fio de raciocínio, e eu não repito a pergunta, apenas espero seu conforto em me dar um motivo decente.

— Eu não gosto de violência. — Sua resposta é direta, não mente, mas também mascara o real motivo de ter cessado qualquer e todo tipo de contato, não só com o *Sottocapo*, como também com seu marido.

Ela se vira e eu a encaro dos pés à cabeça.

Eu a jogaria sobre essa cama e a comeria sem pena, com toda a raiva acumulada, mas eu jamais faria isso contra sua vontade.

Minhas bolas doem, acumuladas de hesitação.

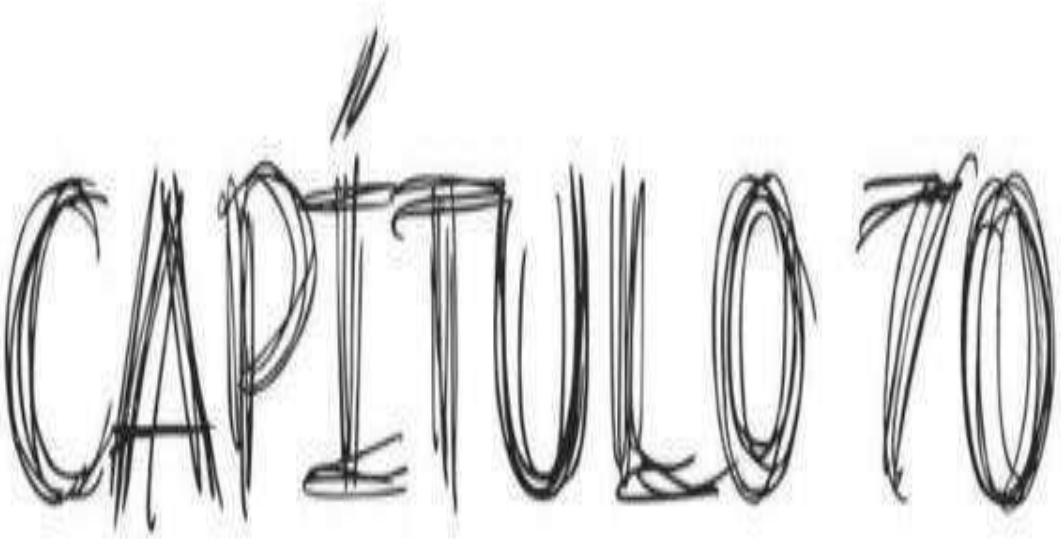
— Você me ama? — Surpreendo-me com a minha pergunta.

— Achei que não se importasse com isso. — Ela é certeira, e lhe dou razão, *eu não deveria me importar.*

— A Cosa Nostra solicitou exames seus. Vou pedir para que Marta leve você até a próxima semana. — Não cruzo o quarto. Tenho saudade de sua pele e sua boca, mas chegar perto dela é pedir demais para resistir. Jurei para mim mesmo que ela ficaria distante de mim, mas agora sou eu quem a quero perto e, por algum motivo desconhecido, não posso tê-la.

Quando ela não responde, sinto na pele que o silêncio realmente mata e tem feito exatamente isso comigo nos últimos dias.

OceanofPDF.com



Desespero

JEZEBEL CONSTANTINI

A casa está quieta e, mesmo que esteja cheia; *sempre está silenciosa*.

Daemon não contou ao Conselho o real motivo de Otto ter sido morto. Deu-lhes uma versão alternativa dos fatos, para não minarem um ódio ainda maior por mim. A verdade é que estou exausta. Carregar uma mentira deste tamanho é um fardo pesado demais para insistir nele como se fosse algo certo.

Tenho ciência dos meus erros.

É difícil e complicado.

Marta está na cozinha e não tem falado comigo nos últimos dias.

Minha barriga cresceu consideravelmente e eu não posso passar da última semana para contar a Daemon. Se seus olhos baterem em meu quadril ou em meu corpo nu, ele terá ciência do que escondo.

— Oi — murmuro ao me debruçar sobre o balcão, enquanto Marta termina de fazer a comida.

— Gostaria de algo, Sra. Constantini? — Essa indiferença me mata em doses homeopáticas.

Suspiro pesadamente, sentindo a culpa ainda mais evidente.

— Marta... me perdoa... eu não queria isso... — Minha voz está embargada e uso mais oxigênio do que preciso. Ela ignora. — Eu... estou me sentindo sozinha. Vou contar a Daemon na próxima semana. O Conselho pediu exames meus e eu não sei o porquê, mas... achei que talvez deveria saber.

Seu olhar é direcionado a mim e sinto sua chateação.

— Apenas não me ponha nos seus problemas — diz. — Estou aqui há muitos anos, Jezebel. Esse lugar é a minha casa, eu trabalho aqui, porque me doei a cada um de meus patrões, mas a sua mentira está custando um pouco de todos nós.

— Seis dias. — Pauso. — Em seis dias, contarei a Daemon.

Sua mão enrugada seca a outra, molhada pela água que ela usava agora há pouco para lavar os tomates.

— Então boa sorte.

O som da voz de Mattia vem do corredor e, a passos leves, certifico-me de que realmente é ele. Olhando pela fresta da porta da sala do Conselho, ele está sozinho, falando algo ao telefone, mas logo desliga, encarando os papéis sobre a mesa. É hora de pedir desculpas a ele também.

— Posso entrar? — Ao perguntar, seu olhar se direciona a mim. Não há a menor vontade de me responder.

— Você não deveria estar aqui. — Sua voz é seria, mas não há ignorância em seu tom, ao menos não ainda.

— Eu sei que aqui é a sala do Conselho e... — Ele me interrompe:

— Não deveria estar aqui, perto de mim. Vá para o seu quarto. — Segura na ponta da folha, assinando cada uma delas. Não sou prioridade nesse momento, e posso apostar que ele está rezando para se livrar desta conversa.

Busco no bolso os dois últimos papéis que recebi de Alessandra e, ao entrar na sala do Conselho, deposito-os sobre a mesa para mostrar a Mattia a motivação por trás de minhas escolhas.

— Foi por isso — digo.

Sem paciência, revirando os olhos e acreditando que, provavelmente, deve ser picuinha da minha parte, escolhe me dar o mínimo de atenção. Seus dedos transpassam pelas letras, e ele volta a me encarar.

— Quem sabe disso?

— Apenas eu — conto, sinceramente.

— Você é mais ingênua do que eu achava. Por que não me disse isso antes de ir para a loja de roupas? Eu poderia ter ido com você e meu avô estaria vivo, Jezebel. — Mattia não esconde a dor em seus olhos. — Você já deveria ter contado a Daemon sobre essa gravidez há muito tempo.

Encosto a porta atrás de mim para que ninguém ouça este assunto proibido.

— Fale baixo, por favor.

— Do que tem medo? Hein? — Essa é uma boa pergunta, mas não é apenas uma frase que poderia respondê-la. — Eu estou

com raiva de você, tanta raiva, que eu... que eu... poderia *abandoná-la*. Você vai destruir tudo dessa forma.

— Eu sinto muito. — O que eu poderia fazer para suprir a perda de seu avô? Ajoelhar-me e pedir perdão? Ele não aceitaria. — Eu sinto muito por Otto. Eu tenho medo pelo meu filho, sei o que Daemon já fez com outras crianças e não quero que meu filho seja mais um.

— De que outras? A irmã de Lucca?

— Irmã de Lucca? — questiono, sem entender.

— Esquece — murmura. — Conversa encerrada. Daemon deu ordens para que você não saia dessa casa sem ele. Agora, por favor, se retire que eu preciso trabalhar.

A curiosidade foi plantada, entretanto eu me retiro. Já causei muitos danos e não quero piorar as coisas, mais do que já fiz à nossa relação. Eu o amo e o considero como um irmão. Não posso perder mais ninguém.

Não quero ir para o quarto, talvez o jardim seja o melhor lugar agora.

Meus pés pesados me levam para lá, e só não estão mais pesados do que minha consciência. Eu quase morri, quase pus a vida de meu filho em risco.

Sinto-o se sacudir dentro de mim. A protuberância da barriga estufada não denuncia com tanta clareza a gestação, roupas largas fazem o trabalho em escondê-la, mas meus seios estão enormes, pesados e quentes. Estrias começam a se romper na lateral da carne dos dois, pequenas e vermelhas, costumam coçar, mas um hidratante resolve facilmente a situação.

A flores no jardim estão quase secas, mas estão melhores do que na última semana. A última tempestade simplesmente quebrou inúmeros galhos, fazendo com que o jardim adquirisse uma espécie de deficiência nas cores que antes eram tão vivas, e agora parecem estar opacas.

Ouço o som de alguns gritos e rugidos que vêm da área de treinamento na mansão, e ao me aproximar, consigo identificar de quem são. Trata-se de Daemon, com um olhar estressado enquanto derruba a maioria dos soldados em um treino pesado, vestindo apenas uma calça.

Tenho a incômoda sensação de que ele está cada vez mais chamativo, agora que estamos nos afastando mais, e percebo o quanto meu marido é um homem bonito e atraente. Os cabelos estão maiores, a barba recém-feita lhe dá um tom de autoridade, que faria com que eu lhe cedesse o que ele quisesse em outra ocasião e o corpo denso de uma musculatura que cresce mais a cada vez que eu o vejo. Dois metros de muito homem, com o qual fico hipnotizada quando vejo, e sei que posso chamar de meu. O tempo se estende, eu o vejo utilizar de toda sua força sem que quase ninguém consiga encostar nele.

Está estressado, então usa os treinos para revigorar a mente e evaporar os pensamentos robustos que ocupam espaço demais, cooperando para a falta de paciência.

Mas quando ele finalmente para e me encara, puxa um mínimo sorriso de canto que é quase imperceptível, então percebo a aliança em seu dedo anelar.

Não é Daemon, e sim *Alessandro*.

A forma como ele tem tomado a frente com muito mais frequência me preocupa e me faz perguntar qual é o real nível de estresse pelo qual Daemon está passando. Quando souber da gestação, poderia Alessandro tomar a frente completamente? São perguntas sem respostas, que nem mesmo ele saberia me responder.

Meu estômago ronca e decido entrar, para me servir do jantar. Marta põe meu prato sobre a mesa quando me vê ir para a sala de jantar na lateral da cozinha, logo ao lado da sala. Ela deposita meu prato e, em seguida, vejo outro bem ao lado, o que me faz questionar se ela realmente voltou atrás em seu pensamento desgostoso e resolvera se juntar a mim.

Mas, como uma resposta mental, a porta de entrada se abre e Alessandro passa por ela com um sorriso no rosto. O peito, brilhando em suor, destaca a enorme cicatriz que não tira nem um pouco de sua sensualidade e beleza.

— Vamos jantar em família hoje. — Ele mal se senta à mesa e já chega abrindo os braços, passando os dedos sobre o cabelo molhado de suor.

Eu não vou ficar no mesmo ambiente que ele.

— Perdi a fome — murmuro.

Ponho-me de pé, afastando a cadeira, pronta para subir e ficar com fome se necessário, mas de uma forma rápida que mal consigo acompanhar, o *Capo* simplesmente toma posse da faca à sua frente e a arremessa na parede logo atrás de mim. Consigo ouvir a lâmina raspando o ar próximo ao meu rosto.

— Você vai sentar essa bunda na cadeira, comer e alimentar essa criança. Ela é uma Constantini, e há tantos planos para ela, dentro de um caixão, que eu sequer consigo listar. — Senta-se na cadeira, dando garfadas na salada e nas tiras de peixe assado. — Então coma.

Não digo nada, mas rumino a possibilidade de que ele saiba exatamente o que aconteceu com a irmã de Lucca. Questiono-me tanto, sabendo que Alessandro não mentiria se for algo ruim. A comida desce por minha garganta com tanta dificuldade que eu a mastigo até que ela fique gelada em minha boca. A respiração controlada, para que não soe tão alta, faz com que eu fique mais nervosa ainda.

— O que Daemon fez com a irmã de Lucca? — Alessandro já terminou sua janta. Passa a língua pelos dentes até finalmente me encarar, sério, e questionar.

— Quem te disse isso e por que o interesse? — Meu olhar cai para o prato, faltando quase um terço da comida para finalizar a refeição.

— Apenas curiosidade. — Ele sabe que não é curiosidade, e a julgar por seu olhar ameaçador, o *Capo* vai se aproveitar disso

para continuar suas sessões de me diminuir.

— Ele fez com a irmã de Lucca a mesma coisa que fez com o filho de Alessandra. — Sua suposição é demais para mim e eu, então, me levanto da mesa, deixando apenas um resto de comida fria sobre o prato de porcelana. Alessandro não veta ou me impede, continua quieto, sentado sobre a cadeira e sequer me acompanha com os olhos ao subir a escada.

Estou exausta mentalmente, o choro é inevitável e o cansaço, com o sono a seguir, também.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 71

O outro lado

JEZEBEL CONSTANTINI

Acordo em um susto no meio da noite, despertada durante a madrugada pelos raios da tempestade que parece acabar com o mundo lá fora. Abraçada ao travesseiro, encaro o espaço vazio ao meu lado que, um dia, já pertenceu a Daemon. Sei que ele está dormindo em nossa cama, no outro quarto, mas é Alessandro em sua cabeça agora.

Outro raio e eu me encolho. Outros trovões soam em sincronia com a batida de meu coração, deturpando o senso de paz que me colocava em um sono tranquilo.

Não gosto de tempestades, tampouco de momentos frios, e talvez eu só não tenha me dado conta, porque meu marido esteve sempre ao meu lado, amparando-me e fazendo com que o mundo à minha volta não se materializasse, pois ele *estava ali*.

Sinto falta dele.

Daemon teria um ataque de raiva se soubesse que, de alguma forma, deitei-me com Alessandro, mas, embora a cabeça e a personalidade sejam diferentes, ele ainda é meu marido. Sua outra face sabe de minha gestação e acredita que meu filho deve permanecer vivo, pelo motivo de ver o caos quando descobrirem

de sua existência, então por que não se deitar comigo sem toda ofensa e violência?

Como sinto a falta de Daemon.

Sento-me na cama, botando os pés no chão frio e me questionando o quão louco seria se eu fosse até lá agora.

E se fosse meu marido naquele quarto escuro?

E se eu pudesse matar a saudade de suas mãos e de sua boca, apenas por uma noite?

É loucura, definitivamente.

Respirando fundo, seguro o roupão de cetim amarrado à minha cintura, tomando a coragem de andar até a porta e estar diante da porta do nosso quarto. Apenas a idealização de que eu possa senti-lo em mim me deixa pulsando, quente entre as pernas, e isso é capaz de obter uma resposta do meu corpo.

Abro a porta no momento que outro relâmpago cruza o céu, fazendo luz sobre o quarto, e a imagem que tenho é totalmente atípica.

Seu corpo está estirado sobre a cama, nu, o cotovelo apoiado na cama, e a única coisa que cobre sua genitália é um livro aberto, sendo folheado por seus dedos. Ele não precisa me encarar para saber que sou eu, e eu tampouco preciso olhar em seu dedo, a aliança dourada que o denomina como meu e o anel prateado no anelar, para saber que é Alessandro, o sorriso que se estica em seus lábios quando abro a porta já diz tudo.

Um surto de consciência me atinge e nossos olhares finalmente se cruzam. Os bicos dos meus seios intumescidos marcam o roupão, assim como a ausência de roupas íntimas.

— Os livros que Daemon lhe deu são umas porcarias. — Ele folheia. — Mas este livro é o pior de todos. — Suspira. — *Sem fé é impossível agradar a Deus*, livro de hebreus. Que péssimo. Não agrado nem a mim mesmo, por que agradaria alguém inexistente?

— Desculpa, eu... me enganei. Não era este quarto — murmuro, já preparando-me para fechar a porta.

— Era e você sabia, mas é covarde demais para pedir o que quer. — O feitiço se volta contra o feiticeiro. Ele está usando da mesma tática que usei com Daemon em nossa primeira noite depois do casamento, e acho que agora entendo porque deu certo.

— Não sou covarde — afirmo, virando-me novamente.

Ele joga o livro longe, e dentro de uma gaveta busca um objeto que demoro a identificar, mas ao voltá-lo para próximo do pau, enxergo o terço de madeira idêntico ao que tinha em Pavia.

Ele não vai reproduzir a mesma cena.

Não agora.

— Como eu disse, não agrado a mim mesmo, mas soube que você costuma agradá-lo com frequência. — Contorna o pau e as bolas com o objeto, apertando firme, enquanto a outra mão está em volta de toda a extensão, massageando-a em uma masturbação lenta. Ele deita a cabeça no travesseiro e fecha os olhos.

A visão de meu marido relaxado, com os ombros leves e as pernas flexionadas é divina, pois nunca permaneceu assim por tanto tempo sem que eu estivesse por cima dele.

— Eu... — A quentura entre minhas pernas se intensifica e a única coisa que me separa de estar com ele dentro de mim é a distância, pois as roupas entre nós dois estão um tanto ausentes.

— Não seja idiota. Está esfregando as pernas uma na outra, quando o que quer está bem à sua frente. — A porta permanece aberta e eu apenas caminho em direção à cama, sem deixar que qualquer moralidade me abata no caminho. Vai ser rápido, vai ser direto, e eu apenas preciso pensar que é Daemon diante de mim.

Outro trovão.

Alessandro prende o terço amarrado nas bolas, fazendo com que a ereção se potencialize muito mais do que normalmente já fica, e eu ajeito as duas pernas na lateral de sua cintura, quando

ele põe os braços atrás da cabeça, deixando que eu faça tudo absolutamente sozinha.

A cabeça encosta entre os pequenos e grandes lábios, raspa na pele úmida e encharcada, e entra facilmente pelo excesso de lubrificação. Arde tanto, e estou há tanto tempo sem recebê-lo, que sinto a falta de costume com seu tamanho grande, pedindo mais espaço para entrar do que tenho para dar.

— Arde... — A reclamação vem como um gemido entredentes, ao apoiar minhas mãos abertas em seu abdômen duro, desço o quadril até a base, sentindo-o por inteiro dentro de mim e as bolas do terço masturbando-me, à medida que meu quadril rebola sobre elas.

É melhor do que eu me lembrava.

Estou tão na borda que eu poderia gozar com ele dentro de mim mesmo parada. Sinto seus dedos abrirem meu roupão, expondo a barriga protuberante e os seios avantajados.

— Veio pingando para cá e ainda diz que... tinha errado o quarto. — A minha respiração está embolada e ele não está diferente.

— Você não é o meu marido — gemo. Ele se senta e eu ponho os pés embaixo do travesseiro bem atrás dele. Ele cola nossas bocas em um beijo agressivo, ainda que o movimento de seu pau, que sai e escorrega de volta até o fundo, seja mais lento.

— Deveria dizer isso para sua boceta, acho que ela não sabe. — Aperta minha cintura com grosseria, auxiliando nos movimentos crus, nos quais seu corpo está sendo coberto por uma fina camada de suor, transformando nosso beijo em algo salgado e duro.

— Sem marcas... — sussurro contra sua língua.

— Com medo de que Daemon perceba? — Sua boca se encaixa em meu peito e eu sinto seus dentes entrarem ao redor da aréola mais uma vez. Seus dedos sobem para minhas costas, indo até o ombro, e ao chegarem no alto da minha nuca, ele usa os cinco dedos para cravar suas unhas em minhas costas e sujá-las

com meu sangue enquanto as arranha até o início de minhas nádegas, fazendo com que o prazer aumente dentro de mim, no limite de um orgasmo.

— NÃO! — eu grito, à medida que o deslize se torna uma cavalgada. Acerto-lhe um tapa no rosto, e ele logo busca meu punho , derrubando-me de peitos contra o colchão e bunda estirada para cima. Alessandro entra inteiro em minha bunda, sem qualquer preocupação em ser calmo, e dói como nunca. Prende minha mão para trás e continua as estocadas firme, mas não violentas. Sinto algo gelado em minha nuca e, quando o cano estala, reconheço o barulho da arma.

— Eu disse que era exatamente disso que eu gostava, e juro que poderia gozar se atirasse, mas este desejo ficará apenas em minha imaginação. *Você é só a porra de uma diversão.*

Sinto-me suja, a pior das mulheres quando, ainda em uma posição humilhante, meu corpo responde aos seus toques, e eu me jogo dentro de um orgasmo agressivo, junto de Alessandro que preenche a minha bunda com o pau que lateja dentro de mim, enquanto meu interior pulsa, anunciando a exaustão de um clímax.

Meus olhos reviram contra o travesseiro, quase sem fôlego, não porque não tenho, mas porque ele ainda me força contra o colchão macio.

Viro-me cansada e ele toma minha boca mais uma vez, morde minha língua e eu faço o mesmo com seu lábio inferior, com raiva do que fez.

Alessandro trava minha mandíbula com sua mão, encarando-me no fundo dos olhos, e ri.

— Agora, suma do meu quarto. — Meus olhos se arregalam, arrependida de ter sequer entrado aqui, mas meu corpo agradece o desejo sanado. O sangue escorre de meu seio, assim como ele fez quando estávamos no restaurante com o governador e sua esposa.

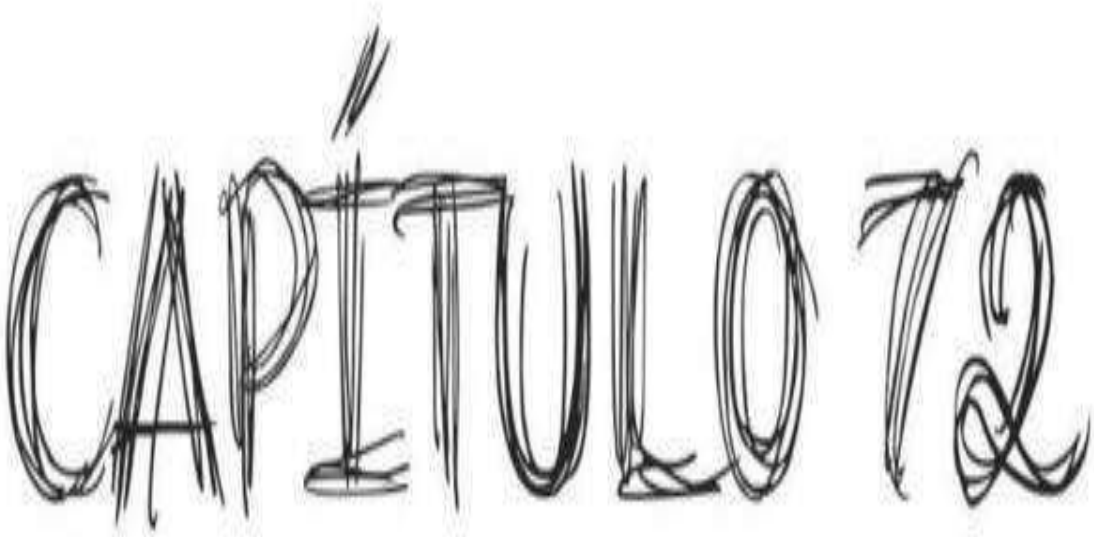
Era tudo um plano dele. Percebeu meus olhares enquanto treinava, sabia que eu sentia falta de Daemon, e usou isso para me marcar.

— Você...

— Quando quiser de novo. Estarei aqui — ele diz, orgulhoso do feito.

Foi bom, entretanto me sinto envergonhada. A saudade do corpo de meu marido foi sanada nesta noite, mas será restaurada pela manhã, quando eu acordar e notar seu lugar vazio na cama mais uma vez.

OceanofPDF.com



Desconfianças

DAEMON DEMARCO

Estou há horas encarando o papel na cabeceira de minha cama, pensando em diversas ideias em que eu possa encaixar esta mensagem.

"*Você deve eliminar tudo que dificulte seu processo, não importa o que seja"*. Não está assinado, mas sei que é Alessandro.

Não sei o que quer dizer, não ainda.

Uma unidade do par de brincos perolados de Jezebel está debaixo do meu travesseiro. Sei que era a outra persona nos dias anteriores, assim como sei que pedi para que ela não se juntasse a ele quando estivesse no meu lugar, mas com os mistérios que Jezebel tem escondido, em que nível será que ela tem mentido para mim? E se, de alguma forma, ela se apegou mais ao outro lado?

Eu jamais toleraria isso.

Ao me vestir, deixo o quarto, abro lentamente a porta do quarto de visitas e, assim que vejo Jezebel dormindo sobre a cama, entendo o porquê de tornar-se quase dela. Os passos suaves no chão mascaram minha entrada, para averiguar se falta um brinco em sua orelha. Seu rosto está virado para cima, os cabelos esparramados pela cama enquanto dos lábios vermelhos o ar é expelido ruidosamente em um sono pesado. Em sua orelha, repousa um brinco, como o que está em minha mão agora, mas, no outro, o lóbulo encontra-se vazio, dando-me a razão de que ela só poderia ter dormido lá esta noite.

Não há vestígios em meu corpo de que isso tenha acontecido. Então, o que pensar?

Saio no mesmo pé que entrei: *silencioso.*

Ao entrar no corredor, Mattia está subindo pelas escadas e me encara espantado.

— Daemon? — ele diz, surpreso.

— Bom dia. — O Conselheiro suspira aliviado quando o cumprimento. — Por que o espanto?

— Porque Alessandro ficou por quase sete dias. — Minhas sobrancelhas se arqueiam e estou um pouco assustado com a quantidade de dias, que pareceram ser apenas horas. Perco a sensação de tempo, como uma criança que perde o controle dos pés ao cair.

— Isso é preocupante? — questiono.

— Em alguns aspectos, sim, mas ele tem se comportado, apesar do jeito mais... *violento*.

Então, em algum momento dentro dos últimos dias, o brinco de pérolas de Jezebel se perdeu em meu quarto, e não no dia anterior. Indagações à parte e respostas perdidas, enquanto desconfianças me ruminam.

— Se o comportamento dele tem sido um ponto positivo, por qual motivo você diz que, em algum aspecto, o tempo estimado é preocupante?

— Porque o carro do governador explodiu há dois dias, a *Legião* resolveu contra-atacar. Lucius está a caminho e estivemos esperando você voltar, já que Alessandro quer simplesmente liberar todas as informações da caixa, mas sabemos que isso é impossível. — Mattia deve estar enlouquecendo. — E Saliu está lá embaixo, veio conversar com você.

— Então é isso, eu fico dias fora e o mundo está desabando na nossa cabeça?

— Era exatamente isso que eu estava pensando — ele diz. Minha cabeça pulsa em estresse, apenas por cogitar que tudo piore mais ainda. Não há tangente, talvez nunca tenha tido uma, mas por ter aprendido a ter mais esperança do que lógica nos últimos meses, sempre tento encontrar uma alternativa. — No fim da tarde, teremos o enterro do governador junto de sua esposa.

— Ela também...

— Estava junto dele no carro — sopra, desapontado. — Me instalei no antigo chalé nos últimos dias, Benito tem precisado de auxílio com algumas burocracias na Calábria e eu preferi ficar por perto. Nunca se sabe quando podemos precisar. Algumas armas e munições estão lá, caso precisemos... contra-atacar daqui. Não se preocupe, só eu tenho acesso.

Augusto está morto e não me resta escolha a não ser enfrentar a *Legião* de frente, como sempre fiz com qualquer inimigo. O antigo Daemon precisa voltar, o *Alessandro*, filho de

Adriano, o primeiro dos ceifadores, precisa estar aqui para destruir tudo o que se enfie em meu caminho.

Não posso ser brando ou pacífico para ter vitória, a guerra é inevitável.

— Quando Lucius chegar, mande-o para a sala de reuniões. — Mattia assente e eu desço.

Ao entrar na sala, Saliu está sentada em uma das cadeiras, brincando com a lareira que está acessa no canto do lugar. Parece divertida e ansiosa enquanto põe o dedo na base de ferro.

— Lugar legal! — exclama a detetive, olhando para a lâmpada no teto, a mesa está vazia, exceto por um pequeno copo de água, que descansa sobre ela, provavelmente servido por Marta.

— Se não tivesse vindo, eu sequer teria me recordado de que você existia. — A mulher ajeita os óculos e põe a mão no peito, ofendida, ou falsamente ofendida.

— Eu disse que viria, então estou cumprindo com a minha palavra. — Cruza os braços, falando manso.

— É bom saber que alguns associados ainda fazem jus ao nome. — Minha resposta é firme.

Saliu separa uma pasta parda, abre-a sobre a mesa e me entrega duas das folhas que ali estavam guardadas.

— Esse foi o número que ligou para o jornal espalhando a notícia. Está registrado no nome de uma sueca que tem quase noventa e cinco anos de idade, sem quaisquer precedentes criminais. O código de área também é de lá.

— Laranja[7] — completo.

— É. Não conseguimos rastrear as ligações, podemos entrar com uma liminar judicial, mas levaria algum tempo. Estou tentando ver de onde fizeram a ligação, a origem da torre do sinal.

— Poderia ter me ligado. — E, de fato, sim, pouparia tempo e provavelmente gasolina.

— Eu quis vir aqui para medir meu compromisso. — Saliu bebe o copo de água. Não me parece estar nervosa.

— Seu compromisso é com a informação, não importa como ela chegue até mim, pessoalmente ou a mil quilômetros de distância, mas fico feliz que pense dessa forma. — Sento-me na cadeira.

— Me parece estressado.

— Dá para perceber?

Ela sorri.

— Você não imagina o quanto. — Lucius está parado à porta e não vai entrar até que a Detetive saia, pois ele detesta a polícia local, principalmente a do Estado. — Hum... acho que era só isso. Quando tiver mais informações, entrarei em contato. — Ela se põe a andar até a porta, abre-a e cumprimenta o *Capo* casalês de forma branda. — Ah, *Padrinho*, eu tomei uma puta multa do meu condomínio quando viram dezenas de homens no corredor do prédio.

— Mande a conta para Mattia. — Ela sorri e se vai.

Lucius entra com um palito entre os dentes. Seus cabelos amarrados em um coque que não é típico dele, mas em se tratando do frio que tem feito, eu não o julgo, já que o casaco não veste seu corpo no momento.

Seus olhos varrem a mesa.

— Você costumava receber melhor os convidados. Onde está o uísque? — reclama, sentando-se à mesa. Rio com seu feito, mas também espero que ele esteja de bom humor.

— Depois do que fez, não deveria lhe oferecer nem mesmo água. — Ele gargalha sobre minha desgraça.

— Não seja dramático. Iríamos entrar em uma guerra de qualquer forma. — Debruça-se sobre o balcão, aparentemente

cansado. Talvez as traduções dos itens na caixa tenham lhe tirado o sono, ou talvez a possibilidade de perder não só uma guerra, como também seu próprio mosteiro esteja fazendo o mesmo. — Devo lembrar que seu avô matou Peter. Só demos o troco.

— Eles escalaram os ataques. *O governador,* Lucius. Tem noção? — Às vezes, não acho que ele tenha e acredito que não teria nem mesmo se eu pedisse.

— Tenho total noção. Acho que é você quem ainda não teve. — Seus dedos batucam contra a mesa. — Tentaram invadir o mosteiro essa madrugada.

— É exatamente disso que estamos falando. Eles sabem que a caixa está com você. E o que fizeram? — O *Capo* quebra o palito em seu dente.

— Dante os enterrou vivo. Nada de mais — ele fala. — Mas sei que vão voltar. Precisamos fazer algo.

— Espere que eles contra-ataquem de novo. Prepare algumas informações mais brandas, mas poderosas, que façam com que mentiras sejam levantadas sobre a Igreja Católica do Vaticano. Isso vai dar a eles o gosto de poder.

— Tem certeza do que está fazendo? Há muitos documentos, principalmente sobre a Inquisição, muitos são condenatórios, expedições de mortes banais e outras coisas.

— Absoluta. Precisamos parar de atacar com a força. Precisamos atacar com a cabeça. — Lucius concorda quando exponho.

— Claro — murmura, cansado. — Retornarei outra hora. Vou deixar uma de minhas *decinas* pelas redondezas para caso precise.

— E você vai estar bem lá? — O *Capo* atravessa o batente da porta.

— Sou eu quem deveria perguntar isso para você. A contravenção casalesa é impenetrável.

OceanofPDF.com



Certezas

A garrafa de uísque se vai inteira em minha garganta, agora sozinho dentro da sala de reuniões. Dela, é possível ouvir Jezebel e Marta monossilábicas enquanto batem o garfo sobre o prato de porcelana que, um dia, pertenceu a Alessa.

Minha esposa... o pronome possessivo quer dizer tantas outras coisas, assim como a aliança que aperta meu dedo anelar. A irracionalidade do estresse me leva a pensar que até mesmo uma traição pode estar acontecendo. Tento repassar os dias anteriores, na tentativa fracassada de encontrar motivações para o comportamento de Jezebel durante todas as últimas semanas, mas é inviável encontrá-las, não só isso, como também está quase invisível aos meus olhos.

É como se alguma ação de minha parte tivesse apertado um botão de distanciamento, de uma forma que sequer olhar em meus olhos de maneira fixa, como antes, ela hoje é capaz.

A cama vazia me adoece. Teimei que ela ficasse no chalé, como o proposto inicialmente, embora, com sua insistência e teimosia, eu tenha me convencido de que talvez, experimentando uma vida a dois, ela pudesse desistir e entender que realmente precisava apenas da promessa que fiz, assim como eu precisava do dever, mas o efeito contrário nos tomou com força.

Depois de me acostumar à sua pele, sua presença, à forma como acordava e como facilmente me propunha a me enfiar nela nas resenhas matinais, antes de acordar, deixavam-me mais suscetível ao autocontrole não só da raiva, mas de decisões normais. Passei a depositar em Jezebel, sem perceber, o meu próprio equilíbrio, quando eu deveria desenvolvê-lo sozinho.

Eu sempre estive certo, ela é um tremendo ponto fraco, um *calcanhar de Aquiles*. O pensamento errado de que eu deveria tê-la matado quando tive a oportunidade ainda me assombra; hoje, eu não teria ponto fraco, não teria o que temer, e eu teria enfrentado tudo de peito aberto.

Fui ao velório de Augusto e me estendi durante toda a noite, conversando com o Governador da Calábria enquanto ele sugeria manobras políticas para que eu pudesse me reerguer na política da Sicília.

Enterrei um homem, mas não apenas perdi um dos meus, pois enquanto aquele caixão descia à sepultura, o meu governo também o acompanhava em uma lástima de dever que tinha que ser refeito em algum buraco, quando nem mais tangentes me restam para contornar a alma partida.

São quase duas da manhã, quando finalmente cruzo o jardim de casa e, ao pôr a mão sobre a maçaneta, encaro a aliança em meu dedo, enfatizando o casamento perpétuo, que só a morte tem o poder de encerrar.

O dever está se ruindo e o meu casamento também.

Meu rosto vira para cima, ao segundo andar, e me surpreendo em encontrar a luz fraca do abajur acesa e a sombra de Jezebel atravessando a janela.

Mas por que ela está acordada a esta hora da noite?

Meu olhar novamente encontra-se no anel de prata em meu dedo.

A ideia derradeira que me acomete não me tr remorsos, mas uma sequência de *"e se"* na mente, com os quais eu não acho que quero me deitar . A possibilidade é viável. Se está em minha cabeça a ideia de que Jezebel pode estar deitando-se com Alessandro, por que não me passar por ele? Assim, tirarei a limpo as dúvidas e terei certeza de que elas são apenas desconfiança de minha parte, ou terei a certeza de pensamentos pútridos, que não fazem o menor sentido.

Qual será a maior loucura?

Ter a certeza da ideia ou cometer o erro, na intenção de procurar a certeza?

Devo me ligar à ideia de arrependimento por não ter feito ou à de remorso de fazê-lo?

Minha mão desfalece sobre a maçaneta, e o anel de prata, encaixado em meu indicador, deixa-se levar até o anelar, dando a falsa personalidade de Alessandro pela primeira vez, quando, na verdade, é a parte mais moral da história que assume minha carne. Não há remorsos, já fiz coisas piores para obter o que queria.

E eu não estarei fazendo nada que ela não queira.

Abro a porta, entrando de forma barulhenta, propositalmente, tentando pensar em como Alessandro realmente age quando está em posse.

Meus ombros relaxam e eu tento travar a mandíbula de um jeito desleixado, afrouxando a gravata até desarrumaro nó que há nela.

Porque Jezebel tem me evitado e me rejeitado há semanas?

Sua porta está encostada, eu entro e ela sequer olha para trás para ter a certeza de quem é a identidade. Sua roupa de dormir é um pequeno vestido de alças, algodão fino que deixa sua pele visível, mas é em suas costas que detenho minha atenção, onde um enorme arranhado, como se um gato estivesse fincando suas unhas de cima a baixo. Eu não estive com ela no último mês, e duvido que Jezebel tenha conseguido flexionar-se o suficiente para fazer isso.

Ela se vira, demonstrando os seios marcados no tecido.

Espero qualquer recusa, qualquer grito pedindo que eu vá embora, qualquer indagação sobre quem é, mas minha mão deixa a maçaneta, expondo-a em seu campo de visão para que ela tenha a certeza de que é Alessandro e não eu. Minhas mãos entram no bolso da calça e meu queixo sobe no ar, cobiçando-a com arrogância.

— O que faz aqui, Alessandro? — ela questiona e meus pés bloqueiam os passos em uma dúvida cruel.

— Tomar o que é meu — digo entredentes.

— Eu não quero mais. — O *mais* me pega com jeito, a palavra fomenta as neuras. — E eu não sou sua, a aliança em meu dedo foi posta por Daemon.

— *Não quer mais?* — Endureço a postura e dou dois passos à frente, vendo-a dar três passos para trás.

— Não vou mais me colocar em risco pela violência. Não sou como Jean, *não quero ser como ela* — sussurra, arrependida e dividida, e me confunde mais do que eu havia feito sozinho. Jezebel se vira, frustrada pelo dever de querer e não poder, mas é agora que saberei da verdade, *tudo ou nada*.

Caminho até ela, suas costas se encostam em meu peito, e meus dedos arriam a alça de seu vestido com sutileza, espero qualquer veto, *mas não vem*.

— Então será do seu jeito. — Consigo vê-la fechar os olhos até a primeira das muitas lágrimas caírem.

— Eu sinto falta de Daemon... Deus, como eu sinto falta dele... — Sua lástima não explica nada. Jezebel permite que eu desça o vestido, expondo os seios sinuosos, muito maiores do que quando os vi pela última vez.

Por que ela declara sentir tanto a minha falta? Estou no quarto ao lado. Minha esposa me pôs tão próximo dela e, ao mesmo tempo, tão longe, que as analogias não se completam. Por que sente saudade se sempre soube que pode matá-la a qualquer momento? *O que se passa com Jezebel que eu não sei?*

Pela situação, há muito mais coisas a se descobrir aqui, e uma delas é o real motivo de seu afastamento.

Realmente não sei o que responder e, na dúvida, as ações falam por mim.

O cinto vai embora em segundos, todo o terno também, permitindo-me estar nu, duro como pedra, com apenas a menção de que terei a minha esposa mais uma vez, ainda que ela acredite que não sou quem espera. Sua camisola está a seus pés, o quadril mais enlarguecido ocupa mais espaço em minhas mãos, quando minha língua derrapa pelo pescoço já vermelho, ela geme enquanto seus dedos entram por meus cabelos.

Que saudade infernal, a pele dela agora tem o aroma de rosas e o sabor doce infindável do desejo.

Ela se vira e toma minha boca, com urgência, ao sentar-se sobre mim quando caio sentado na cama.

Os seios estão maiores do que o normal, isso evidentemente chama minha atenção, mas o corpo, ainda que robusto e carnudo, não compete com o crescimento no mesmo nível ao todo.

Minha cabeça bate sobre o travesseiro e ela rebola, encharcando meu pau com sua excitação quente entre os lábios pequenos e grandes em um vaivém, expondo apenas a glande enquanto todo o restante é massageado por sua intimidade.

Jezebel acredita que sou Alessandro.

Quantas vezes ela transou com ele?

Peculiaridades à parte, para mim, isso também é uma traição.

O desejo compete com a razão, eu tomo seus seios em minha língua, sentindo o bico rígido e comprido entre meus dentes. Agarro sua cintura, jogando o quadril para trás e entrando deem sua cavidade úmida e latente de forma tão esperada, que se ela se movimentar muito rápido, eu facilmente gozaria como um touro, pela saudade e desejo de estar dentro dela ao longo de todo esse tempo.

Ela me empurra pelo ombro e me encara nos olhos.

— Eu vou ser rápida e essa será a segunda e última vez. — Ela acaba de se confessar, *segunda vez*. Murmura entredentes em meio a arfadas e perda de juízo, quando me deito mais uma vez, arranhando meus dentes em seus peitos, ela geme alto, sem se preocupar com quem escuta ou assiste.

Eu estive todo esse tempo logo aqui ao lado, e me pergunto inúmeras vezes o porquê, mas como uma resposta vindo do céu, eu encaro sua barriga, o baixo ventre cheio, a parte interior do umbigo estufada para fora e a pequena linha escura quase imperceptível, mas ainda notável com a claridade que vem de lá de fora, mesmo sendo pouca.

Meu peito se estufa e eu apenas junto os fatos. Informações demais para assimilar enquanto ela cavalga sobre mim e minha visão privilegiada encara sua entrada me engolir com fome, drenando-me a energia quando todo meu gozo é esporrado dentro dela. Seu interior me masturba, também sofrendo de um evento pós-clímax. Mordo minha boca e ela geme contra meu pescoço, jogando seus cabelos em meu rosto.

— Eu...

— Cala a boca... — Minha raiva é real. — Vou voltar para o meu quarto.

Eu não faço ideia se Alessandro diria algo assim.

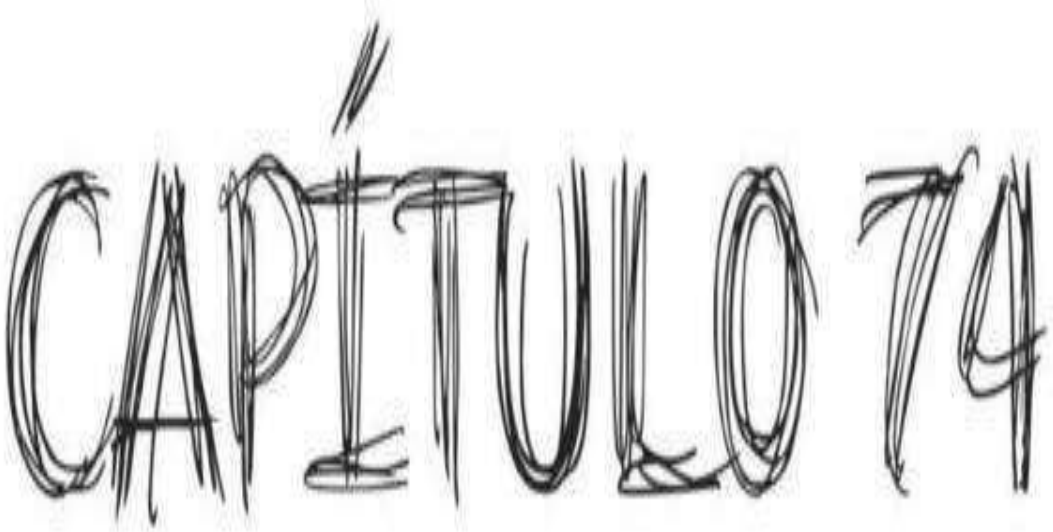
Mas ela se deita ao meu lado, virada de barriga para cima, dando-me total visão de seu ventre estufado. Não se demora

muito e seus olhos pesados se pregam em um sono profundo, totalmente perceptível pela respiração pesada e constante.

Aproximo-me de sua barriga e, quando um de meus dedos encostam na superfície, delicadamente, para que ela não acorde, *ele* chuta, como se pudesse me sentir.

A traição não se deve apenas por ter quebrado a lealdade, mas porque escondeu de mim não só suas vontades, como também *um filho*, que pelo tamanho de seu ventre, está maior do que deveria, para uma gestação recente.

OceanofPDF.com



A inconstância da razão

JEZEBEL CONSTANTINI

Sinto o frio e ouço a forte ventania que vem do lado de fora. Ainda de olhos fechados, recordando-me da última noite, eu desperto quando, ao mexer minhas pernas, noto minha nudez e o excesso de umidade entre elas, que as faz derrapar com facilidade. Antes de abrir os olhos, minha mão apalpa a lateral da cama para ter a certeza de que Alessandro já foi embora.

— Estou aqui. — A voz grave se faz presente e meus olhos se abrem, cansados, para tentar enxergar no escuro a figura de Alessandro, sentado sobre uma cadeira. A dor nas costas por todo o peso que vem crescendo na região pélvica sempre piora com o frio.

— O que está fazendo aqui? Por que já não foi embora? — Ele está nu. Não parece preocupado, mas sou eu quem torno a ficar quando põe um cigarro entre seus lábios e acende-o com o isqueiro.

Alessandro não fuma.

O anel dourado em seu dedo, centrado no anelar, e o prateado no... *indicador.*

É Daemon.

Neste exato segundo, entro em um descontrole interno, travando a respiração e transpirando um suor que surge do mais profundo nada, quando estou nua na cama, expondo todo o meu corpo após uma noite de sexo que acreditei ter tido com Alessandro, imaginando se tratar de Daemon.

— Quantos meses? — A voz está calma, ainda.

Minha voz não sai.

E eu fui pega da pior maneira.

— Daemon, a gente precisa conversar — digo, como se realmente pudesse adiantar de alguma coisa. Fiz minha escolha quando tudo culminou para que eu tomasse a decisão de não contar antes. Marta, Mattia... fui avisada por todos.

— Eu estou perguntando de quantos meses está, DROGA! — ele grita, logo depois respira fundo e retoma o cigarro de forma intensa. É possível ver pela densidade da fumaça que expele pela garganta.

— Quase seis — sussurro.

Ele ri.

— Você escondeu um filho de mim por quase seis meses?

— Eu só descobri com três. Eu não sabia, eu juro. — Pegando a camisola no chão, envergonho-me de estar diante dele, nua pela primeira vez, quando a barriga que não preciso esconder não recebe um minuto sequer de sua atenção. — Da primeira vez que fui à casa do governador, recebi uma mensagem de Alessandra e...

— Você... você sabia que ela tinha conhecimento de que estávamos lá e não disse nada? — Meu marido se levanta, espantado pela denúncia que me arrependo de fazer. *Deus,* estou piorando as coisas em uma escala que só será possível resolver se Cristo descer do céu. — Você sabia e, mesmo assim, não me disse? Meus homens morreram lá, Jezebel.

— Eu não queria causar problemas, te trazer mais estresse em um momento tão importante, com tantas coisas acontecendo. Eu não queria sexo agressivo por causa do... *bebê.* Eu só dormi com... *Alessandro,* porque sentia sua falta.

Daemon se veste, ainda com o cigarro entre os lábios. Minhas palavras entram por um ouvido e saem pelo outro. Ainda que no escuro, sei que ele está em um momento de pura raiva e ódio de mim, e não lhe tiro a razão. Sou uma traidora.

Ele aponta o dedo para mim e fecha os olhos, comprimindo os lábios, como se forçasse as palavras a se trancarem na garganta, porque sabe que, se abrir a boca agora vai piorar tudo ; se é que há uma forma de piorar o que já está destruído.

— Eu... eu.... — sibila. — Porra, Jezebel! — pragueja, jogando o cigarro longe dentro do quarto.

— Vamos... *vamos conversar.* — É quase uma suplica. Tento me aproximar, mas Daemon se afasta do meu toque, como se estivesse em chamas.

Sua mão agarra minha nuca, não de forma agressiva, mas firme, obrigando-me a encarar a fúria de seu olhar, fúria essa que nem mesmo Alessandro possui. Pela primeira vez em tempos, *eu tenho medo do meu marido.*

— Eu dei a você uma parte de mim que ninguém jamais teve, mas você a usou para esconder *isso* de mim. Eu dei um Daemon a você que precisei extrair da porra do passado, porque achei que seria injusto te tratar como tratei os que vieram antes... — Ele ergue o queixo, em seu velho jeito soberbo, no qual encontro Alessandro, não Daemon. — A partir de hoje, você vai ter de mim o que todos têm, apenas Alessandro Constantini, o *Capo* da Cosa Nostra. — Seus dedos me soltam no ar enquanto as lágrimas escorrem por finalmente cair na real. — Torça para que seja uma menina. — Seus olhos brilham e eu não sei se é de raiva ou dor. Mas por que seria *dor?*

— Por quê?

— Porque se for um menino, vou fazer questão de que ele seja iniciado como o primeiro filho à moda antiga da Cosa Nostra. — Ele sai do meu quarto, deixando-me afogada em pensamentos suicidas.



Dois dias.

Dois dias de silêncio enquanto o mundo gritava ao lado de fora. Daemon sequer me olhava dentro de casa nas poucas vezes que me viu passar. Mattia estava na Calábria com Benito e Dante, e eu estava amargurada em uma tristeza que consumia até a última de minhas células. Contrapor-me a esse sentimento me faz sentir muito mais do que o necessário.

Sei da minha parcela de culpa, assim como também sei que Daemon está magoado pela mentira que se estendeu por tempo demais, igualando minha ação à mais terrível traição que eu poderia causar em nosso relacionamento.

Dormimos na mesma cama. Eu o via chegar no meio da noite, e o via virar-se de costas e postergar o sono, revirando-se a

todo momento. *Daemon estava perturbado* e, por um segundo, não sei como não me obrigou a deixar o quarto pela manhã, mas, quando o sol raiava, o seu lado já estava vazio.

Descendo para o primeiro andar, Marta estava pondo a mesa, para uma pessoa apenas. Meu olhar fúnebre desfaz o anseio pela felicidade quando tudo que faço é tentar me esquivar da tristeza. Ao me sentar na cadeira, a governanta vem com o último item do café, uma xícara de chá.

— Ele descobriu. — Ela deposita sobre a mesa o bule quente e me encara sem entender, apesar de escutar exatamente o que eu acabo de dizer.

— Ele descobriu? Eu não... você diz sobre a gravidez? — Afirmo com a cabeça — Ah, meu Deus! Jezebel do céu.

— Eu não consegui... contar a tempo — murmuro, mordendo a torrada em minha mão, como se fosse um pedaço de ferro não mastigável.

— Eu disse, eu disse para você... — O descontentamento é visível, mas o que posso fazer?

— Acho que agora tenho apenas um casamento, não mais um marido.

— Deveria ter me ouvido. — Seu tom é de lamentação.

— Eu sei que... – Minha narrativa é interrompida. A porta da entrada se abre e, por ela, passa Daemon, sem olhar para o lado, sabendo que estou aqui, e está acompanhado de ao menos quatro soldados das *decinas* de segurança que ficam do lado de fora.

Eu o acompanho com o olhar. Segundos se passam, Marta continua a falar, mas eu não escuto. O som de coisas batendo no segundo andar faz com que ela se junte a mim na intenção de adivinhar o que estão fazendo lá em cima. Eu poderia ficar aqui, eu poderia ficar quieta e não me meter, mas o senso de teimosia e curiosidade nunca vai me deixar, é exatamente quem eu sou. Ao me pôr de pé, subo as escadas enquanto o barulho está crescente.

Marta aguarda-me no pé da escada, tendo estranhado os mesmos sons que eu.

Estão retirando grande parte dos itens do meu quarto e de meu marido, pondo-os no quarto de visitas do segundo andar.

— O que está fazendo, Daemon? — Ele coordena um dos soldados que leva a estante de livros já vazia nos ombros, pedindo passagem para que eu me afaste e ele consiga entrar na porta do outro lado do corredor.

— Você já cumpriu o seu papel. Não há por que dormirmos juntos. — Suas palavras são um rosnado e ele não esconde a fúria e o ódio sucinto de estar praticamente me expulsando de algo que deveria ser nosso.

— Do que você está falando? — questiono, ainda nublada pela falta de entendimento.

— Você cumpriu seu papel como esposa. Tem um herdeiro no seu ventre e de acordo com a Constituição Siciliana desta contravenção, você não dorme mais comigo a partir de hoje. — O sentimento é de ser humilhada. De ser descartada como papel barato e eu só consigo olhar em desespero para as mobílias que continuam saindo do nosso quarto. *Ele está me abandonando*. O homem que me jurou proteger está me abandonando, consciente de suas ações, não por achismo, mas por certeza e decisão.

— Por que está fazendo isso? Ao que isso implica de forma negativa entre nós dois? — Minha voz é uma mistura de tristeza e desespero.

— Essas são as regras. O *Don* segue as regras de sua casa e eu disse exatamente quem seria para você a partir daquela noite. Seu único dever é acatar. — Torce o nariz.

Em um último ato de aflição, paro os soldados que, sem reação, não avançam, conforme a ordem do capo.

— PAREM! Deixem tudo aqui! — grito, impedindo que mais coisas entrem no quarto de hóspedes.

— Jezebel! — meu marido grita de dentro de seu quarto, observando-me no corredor. — Não é você quem dita as regras aos meus homens.

— *Eu sou a sua esposa*, não pode fazer isso. — Uma mistura de decepção e raiva.

— Se aumentar a voz, eu vou jogá-la no quarto branco. — Ele está diante de mim, encarando-me de cima a baixo, com o mesmo tom de ordem que dá aos seus homens, mas Daemon precisa entender que não sou um deles.

— Você não teria coragem — grito também, e seus dedos fecham-se em meu braço, não de forma grosseira, mas firme o suficiente para que eu não saia, mesmo que tente.

— Eu adoro quando você duvida. — Ele desce as escadas e eu sou obrigada a acompanhá-lo, pois, pelos passos rápidos e densos no chão, não acho que ele vá desistir.

— Para! — grito.

— Nem pensar! — A porta se abre e o carro oficial da *Omertà* está no jardim, onde Dante e Mattia logo desembarcam, petrificados e confusos, sem entender a cena que se desenrola diante de seus olhos. Atravessamos o jardim juntos, aproximando-nos do salão e da área de treino, na qual fica o quarto que prometera, *o quarto branco*.

Seu agarre afrouxa e consigo finalmente puxar o braço, desvinculando-me a carne de seus dedos.

— Você não precisa agir assim, me tratar mal ou me odiar como Alessandro, apenas porque Daemon foi magoado. — Meu marido arregala os olhos pela ousadia. Ele não espera tanta autossuficiência de mim, não espera qualquer confronto, pois, em sua cabeça, minha permanência depois do casamento se daria em um quadro de passividade como tivemos ao decorrer do primeiro ano em Pavia.

Antes que ele tente recuperar meu braço, Mattia surge, segurando-o pelo peito, enquanto seus olhos verdes de pupilas dilatadas me têm como foco principal, ensandecido pela tristeza,

acreditando que minha permanência no mesmo lugar em que enfia seus inimigos vai aliviar qualquer sentimento de frustração que tenha aparecido dentro dele, desde o dia que descobriu que, de fato, seria pai.

— Qual seu problema, Daemon? Ficou louco? Pretende matá-la, apenas porque ela expôs seus sentimentos? — Mattia está perplexo, mas então, como eu deveria ficar? Já que ele, como Conselheiro há anos, talvez nunca vira o próprio chefe tão ensandecido dessa forma.

— Matá-la? Do que está falando, porra? Apenas uma punição pela desobediência! — ele grita, ainda tentando me ter em suas mãos, mas o Conselheiro mais uma vez o impede. Dante está de pé a alguns metros, com a face calma, analisando a situação com uma frieza surreal.

— Nem pensar, você vai se arrepender depois — o Conselheiro insiste.

— Diga a ele, diga a ele a mentira que escondeu! — Daemon se apazigua, mas as veias saltadas ainda palpitam em seu pescoço e seus braços expostos.

—Merda! — Mattia recolhe o olhar famigerado pelo sentimento de frustração, porque ele acaba de entender a motivação de Daemon em me punir e, assim como Marta, após ter me alertado inúmeras vezes, sabe que estou apenas colhendo o que plantei no início. — Vamos conversar lá dentro. Desse jeito, não vamos resolver absolutamente nada. Só vai piorar as coisas.

Daemon dá exatamente quatro passos. Seus lábios se entreabrem e seu rosto está retorcido entre a decepção e o mesmo sentimento de traição que teve na noite em que descobriu minha mentira, mas agora tem a certeza de que não o fiz sozinha.

— Você... você sabia? — Olha para Marta de pé, pronta para me retirar daqui. — Você também, Marta?

A governanta evita o olhar dele, mas Mattia se entrega cada vez mais com seu jogo de suspiros e tentativas eximes de

controlar Daemon, que está entre a ruptura do ódio e o amargor da decepção. Seu rosto está vermelho, o pescoço também.

Normalmente, ele não se deixaria afetar tanto, mas noto, há algum tempo, que quando se trata de mim, ele não tem qualquer controle sobre isso.

— Você precisa se acalmar. Eu não vou deixar que você converse com Jezebel nesse estado — o Conselheiro murmura.

— Você deveria ser a minha mão direita, Mattia. Você escondeu de mim todo esse tempo? Você a *ajudou* a esconder isso de mim? Quando mudou de lado?

— Você ao menos tentou ouvir o que ela tinha a dizer? — Daemon não me tem como foco agora, seus olhos estão pregados em seu Conselheiro e talvez ex-companheiro.

— Não há nenhuma conversa que explique o que ela fez. Além de ter escondido a gestação, ela estava se deitando com... *Alessandro.* — Mattia fecha os olhos, respirando fundo, como se a cada segundo ficasse mais difícil me defender.

— Olha, Jezebel só não te contou antes, porque ela tem medo de você, Daemon. Não de Alessandro, *mas de você.* — O Conselheiro se mostra imponente e eu devo dizer que vivi para ver isso. Ele não desrespeita seu *Capo*, mas o faz entender a importância de sua presença como a mão direita que lhe serve. — Eu sou completamente leal a você, mas não espere que eu vá ficar a seu favor nessa situação. Eu tenho promessas... — Ele me olha para me deixar segura. *Mattia me prometeu que tudo ficaria bem.* — E eu pretendo cumpri-las, mesmo que precise ficar contra você agora.

Isso, sim, é um baque para o *Capo*. Seu homem de confiança acaba de escolher um lado, e Dante, que estava sério até então, fica surpreso e entra em uma crise de riso irônica.

— Você *enlouqueceu?* — murmura Daemonl desacreditado, com as mãos abertas e os ombros caídos.

— Nunca imaginei que uma vinda à Sicília seria tão divertida e reveladora, porque talvez não seja apenas o

Conselheiro de Lucius que esteja apaixonado pela esposa do *Capo*. — Então o mundo acaba de desabar sobre a minha cabeça, pois consigo ver apenas o olhar de Daemon dirigir-se para mim, então para Dante, que continua a rir, e para Mattia em seguida.

Uma granada é lançada entre nós, e ainda que não seja literal, o ambiente se densifica tanto quanto.

— Não seja idiota! — exclama o *Capo*, mas o silêncio reverbera.

— Era para ser um blefe. — Dante retoma à seriedade de antes, entendendo a grande merda que fez.

— Mattia... — Ele puxa o ar do fundo do peito, cerrando a mandíbula com os dentes para tentar apaziguar a euforia que o toma. — Diga que ele não está falando a verdade.

O Conselheiro me encara, em seguida olha para Marta em um pedido que, na verdade, torna-se uma afirmação para a pergunta de Daemon.

— Marta, tire Jezebel daqui agora. Leve-a para dentro! — Marta o faz, temerosa, já que viu tanto Daemon quanto o seu braço direito crescerem juntos e entende o que a exposição deste fato pode causar entre os dois.

— Mattia! Responda! — o *Capo* grita, severo em sua voz que se torna tão forte como a de um touro, que para se transformar em um animal, falta apenas ficar de quatro no chão, já que o acúmulo de raiva está inteiramente em seus olhos. — Como você pôde? Você não tinha a droga do direito!

Marta me puxa, mas *eu não quero ir.*

— Mas eu não escolhi isso, Daemon. Isso não muda nada entre nós. — O que o faz perder a credibilidade é que ele simplesmente me encara para ter certeza de que estou longe o suficiente.

— Não muda nada? Você se apaixonou por ela, porra!

— Eu sempre a respeitei, sempre respeitei você e isso nunca vai mudar.

— Acha que eu sou idiota? Como acha que eu vou continuar permitindo que você continue próximo de Jezebel, sabendo que deseja a minha mulher da mesma forma que eu? — Frustrado, é essa a palavra mais permissiva que encontro para encaixar o estado de Daemon, em uma linha tênue com a ignorância que o faz ficar cego. O telhado está desabando sobre a minha cabeça, mas é o mundo inteiro que acaba de desabar na dele.

— Não bote as palavras na minha boca. — Em um minuto, estavam a quase um metro de distância, mas, no outro, o punho de Daemon cortou o ar, acertando o de Mattia. Posso ver Dante indo em direção a ambos, mas tudo foge de cena quando a governanta, com ajuda de alguns soldados conseguem me pôr dentro de casa, enquanto outros provavelmente vão em direção à briga para apartar os ânimos decadentes do *Capo* da Cosa Nostra e de seu *Consigliere*.

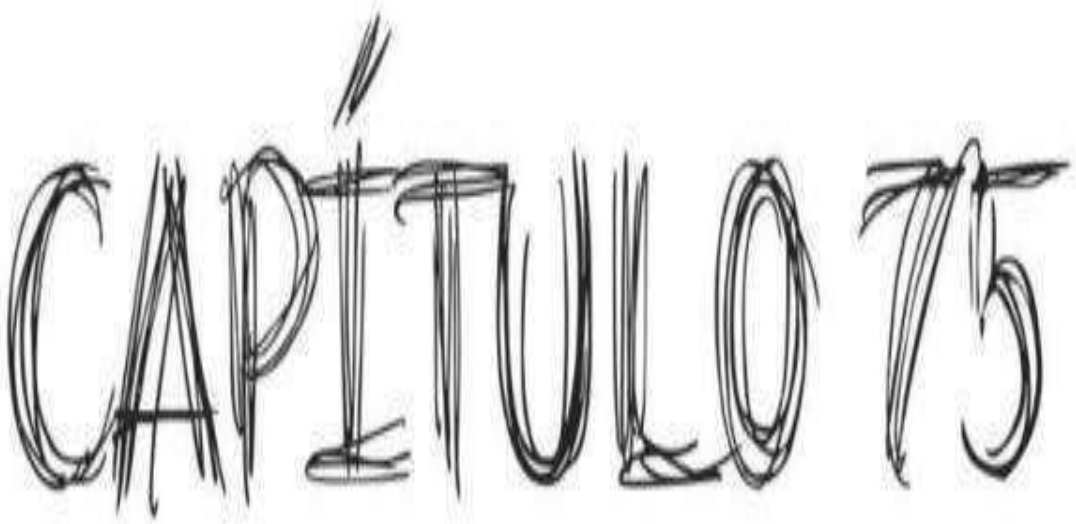
OceanofPDF.com



SÉTIMA TROMBETA

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. — Apocalipse 11:15

OceanofPDF.com



Bem-vindo ao inferno

DAEMON DEMARCO

Uma semana depois

Proibi Mattia de pisar na mansão pelos últimos sete dias. Enviei-o para a Calábria para se ocupar com Benito enquanto cuidava das coisas de longe. As inúmeras ligações dele em meu celular transparecem que talvez um pouco de consciência tenha regido sua cabeça nos últimos dias. Não vou, de qualquer forma, julgá-lo pela defesa de Jezebel, mas é inevitável não o julgar por

simplesmente ter a coragem de me trair quando passou meses desejando minha mulher às escondidas.

Quem ama quer, e a paixão não o isenta de criar em sua cabeça as inúmeras irrealidades que ele poderia ter com ela em minha ausência. Eu me sinto incapaz, sinto-me vendado quando estive de olhos abertos o tempo todo e não enxerguei o que estava àminha frente.

Mas eu sinto falta de Mattia. Permiti-me fazer tantas coisas quando Adriano se foi e uma delas foi enxergá-lo como muito mais do que um Conselheiro ou um membro desta organização; eu o vi como um irmão e fiz por Mattia tudo o que fiz por Lucca.

Em outras épocas, ele estaria sendo morto agora, teria a cabeça encomendada por traição, mas não consigo. *Deveria conseguir* e, assim como, há uma parte de mim que dói diante da minha incapacidade, existe uma parte de mim que dói por um motivo desconhecido que, sinceramente, nem quero conhecer.

A vontade de Adriano foi o que sempre segurou o poder da Cosa Nostra e, embora ele esteja no fundo do mar, suas vontades ainda estão vivas aqui, mesmo que eu me recuse a tornar-me como ele. A Monarquia está ruindo, e eu também.

Estou diante de meu espelho, encarando minha imagem que, ainda que em boa postura, está apodrecida por tantas razões que eu não saberia listar. Marta aparece na porta e me encara, dolorida com a situação, por ter sido exposta a um segredo que não deveria ter existido entre nós. Ela sempre foi tão leal à nossa família, mas agora me questiono se realmente merece minha confiança ou não. Ou talvez seja Jezebel que, de alguma forma, consegue cativar o mais duro dos corações, assim como fizera comigo.

Hoje é o jantar de anunciação da gestação, e nunca estive tão amargo. Estou anunciando ao mundo que minha esposa será destruída. Isso, porque ela espera que apenas o sétimo filho passe pelo inferno, quando acredita que eu jamais faria isso com os demais, entretanto sei que haverá desespero quando souber que o último documento assinado a põe no círculo de fogo, junto do

filho. Eu espero ter tempo para mudar a gravidade dos fatos. *Eu nunca deixaria que pusessem a mão nela.*

Meus dedos atravessam o nó da gravata, certificando-se que ela não vai se locomover ou ficar torta no meio da noite.

— Senhor, Jezebel não quer comer, está desde ontem sem se alimentar. — A governanta tem o olhar baixo.

— Faça com que ela coma e continue saudável. — Eu não permitiria que ela adoecesse por essa situação, mas não tenho coragem de chegar perto de seu ventre. Aquela criança é o símbolo de tantas coisas do passado que, ao pensar nisso, minha cabeça chega a doer.

— Ela... não quer — diz simplesmente.

— Obrigue-a. — Marta se vai e, não demora muito, a figura de Jezebel aparece na porta do quarto, sem atravessar o batente, como se não tivesse sido convidada.

Meus olhos sequer se movem e sua presença continua sendo invisível quando estamos no mesmo ambiente. Arrumo meu terno por cima do corpo, ajeitando a gravata azul –escura e abotoando a camisa, que mais funciona como uma espécie de foco para não ter que encará-la. Ainda insisto na esperança de que apenas uma palavra deixe minha boca, mas em se tratando de mim, ela nunca saberá se meu silêncio é positivo ou negativo. Uma roleta-russa.

— Daemon?

Minhas mãos estagnam no meio do caminho, e apenas o meu olhar se move através do espelho, encontrando o seu, duro, soberbo e cruel.

Eu direciono atenção a ela, não por ser a minha esposa que está diante de minha presença, mas porque passei tempo demais aprendendo que, se alguém chama meu nome, não é por motivos desprezíveis.

— Não temos o que conversar.

Eu me distancio em dois passos, para apanhar um vidro de perfume.

O seu favorito.

É a chance dela se aproximar três passos.

— Como não? Estamos a um passo de anunciar a gestação e eu sequer sei o que meu marido pensa. — Rio em resposta e, ao virar o rosto, o sorriso e qualquer resquício de felicidade cômica evapora.

— O que o seu marido pensa? — Nem mesmo respiro até o fim de minha pergunta. — Aqueles que me traíram descansam em uma cova, afogados no próprio pó. Você o fez por meses e agora quer saber o que eu penso?

— Eu tive medo... — sussurra. — Você disse que não queria e...

— Mas eu não quero. — E então ela cai na real.

— Eu entendo a sua posição e... — Eu corto suas palavras.

— Não entende. Realmente não entende, porque se entendesse, não teria levado todo esse tempo. *Você* se afastou de mim, Jezebel. Você me rejeitou por meses. Pensei um milhão de coisas, achei que o errado era eu. Achei que... *porra*. — Aproximo-me e é sua vez de dar dois passos para trás. A barriga parece ter crescido mais na última semana, é delicada. — Não é sobre você ter me negado sexo, você me negou a sua companhia. Você me negou como marido por uma mentira. Tem noção do que fez? — Ela não pisca os olhos, eles apenas lacrimejam.

— E você se importava com a minha companhia? — *Parece piada*, mas sua pergunta me faz travar por segundos, milésimos deles, até que eu finalmente entenda o que disse.

— Você era minha mulher — sussurro.

— Mas continuo sendo.

— Não, agora você é somente a minha esposa, a minha política. — Seu rosto está brilhando em lágrimas. Ela assiste a quando me perde ao vivo. — Agora, vá comer e termine de se arrumar. Temos uma gestação para anunciar.



Passei tanto tempo me escondendo e atuando nas sombras que me expor em público não é algo de meu costume e não importam os motivos, eu ainda me sinto fora de órbita, como um balão perdido na atmosfera.

No momento que a notícia foi dada por Mattia, que *precisou* estar presente, o Conselho vibrou. O exame de sangue e o de imagem foi dado a eles para comprovar uma gestação avançada, revelando o sexo masculino do bebê, o que apenas culminou minha incredibilidade, pois a sensação é que a vida parece estar me empurrando do abismo em direção ao pesadelo e, na borda, encarando a escuridão, eu a vejo me encarando em troca; não gosto disso, *realmente não gosto.*

— Meus parabéns, Daemon! — Emiliano se aproxima, dando-me alguns tapas nos ombros, com um sorriso estirado de face a face. — E pensar que o Conselho o queria apressar! Seis meses? Como vocês não descobriram?

Não tento ficar sério, sei que não vai adiantar demonstrar felicidade, porque tentar sorrir é dar a certeza de que eu nunca quis estar nessa situação.

— Estávamos... ocupados demais com tudo o que está acontecendo — murmuro, educadamente.

— A parte boa é que o primeiro filho homem será iniciado, assim não teremos dor de cabeça quanto a esperar o sétimo. Você será o último sétimo filho a se sentar na cadeira de *Capo* — exclama, como se fosse uma honra, quando, na verdade, isso é somente mais um desastre. *Que inferno.*

— É — sussurro. Permito-me fugir desta conversa inconveniente. Mattia está do outro lado do salão, seu olhar esbarra no meu de vez em quando, e está com Benito e Dante.

Não duvido que meu nome tenha surgido naquela roda como assunto em algum momento.

Quero tomar uma dose de uísque, talvez duas, *talvez a garrafa inteira.*

Jezebel está no canto, ao lado do bar, como se eu tivesse que escolher entre ficar bêbado e enfrentá-la ou ficar sóbrio e estar longe. Mas para enfrentar esta festa? Apenas com muito álcool no sangue.

— Um copo de uísque com gelo, por favor. — Peço ao garçom que prontamente atende ao pedido. Reconhece-me como o *Capo* e deixa a garrafa ao lado do copo, para que me sirva à vontade. Eu poderia virá-la sem desperdiçar uma gota, mas há uma reunião do Conselho no fim do evento, e preciso estar sóbrio para o que tenho em mente, caso contrário, jamais me levariam a sério.

O olhar de Jezebel recai sobre o homem e ela pede um copo de água. Está sozinha no canto enquanto Mattia não pode chegar ao lado dela e Marta está na cozinha ajudando no buffet. Minha esposa agora é como uma espécie de cavalo de raça, que os admiradores enaltecem pela crina longa, pelagem brilhosa e densidade muscular, e o que ela tem de mais precioso para oferecer agora está crescendo constantemente dentro do seu útero.

— Então é isso? Estaremos no mesmo ambiente como se fôssemos desconhecidos? — Ela espera uma resposta, e eu não quero dá-la. Não serei condescendente.

— Hoje, não é um dia de comemorações. Não para mim.

— Estou começando a acreditar que sua raiva não é de mim, nem de minhas omissões. — Jezebel joga suas suposições em uma isca, sem temer que eu morda o anzol.

— Essa criança é a personificação de todos os meus pesadelos, ou será que você quer ouvir todo o inferno que passei em minha vida mais uma vez?

— Você disse que mudaria as regras da Cosa Nostra. Não é somente a obrigação do sétimo filho ser iniciado? Você pode optar em não iniciar os outros. — Como eu diria do documento? Como eu diria que serei o último sétimo filho a ser chamado de padrinho?

Nunca senti qualquer receio de não ter a aprovação do Conselho, esta é a primeira vez.

— Só para, *por favor.* — A cada conversa, nós dois nos distanciamos ainda mais.

— A notícia já foi dada, então... vejo que não há motivos para que eu permaneça nessa festa. — Não espera minha resposta, partindo. Não a acompanho com os olhos. Embora ela tenha perdido parte de mim, também sei que estou perdendo parte dela, e talvez seja melhor assim.

A hora passa e não dou brecha para que ninguém se aproxime de mim, desejando felicitações pela paternidade, ou melhor, *pelo herdeiro.*

Fecho a garrafa no quarto copo, quando meu corpo começa a esquentar e eu sinto a testa suada. Anestesiado em pensamentos justificados na mais absoluta neurose, que sequer tem qualquer fundamento, tento não me deixar levar por eles, pois já não quero arruinar o que já está ruim.

— Temos a reunião do Conselho em alguns minutos. — Sei que é ele. Conheço sua voz.

— Não precisa me lembrar — digo.

— Não acho que vá se lembrar do próprio nome, se continuar bebendo essa garrafa inteira. — Eu o encaro, feliz por vê-lo, mas triste por não o ter matado quando Dante e mais seis homens conseguiram soltar seu pescoço da minha mão.

— O que quer? — Minha arrogância é ímpar.

— Você está me distanciando. Eu continuo sendo o seu *Consigliere*.

— Eu não tirei seu cargo, Mattia. — O garçom traz um copo de água gelada e eu a viro, findando a queimação na garganta e no estômago. — Mas para estar tão preocupado em ficar próximo, não acho que queira estar na mansão pelo seu cargo. Minha mulher está grávida, como consegue?

— Isso é tudo o que você consegue pensar? Não consegue destrinchar esse seu pensamento? Me culpa como se eu tivesse escolhido estar nessa situação. — Debruça-se sobre o balcão e eu reviro os olhos. — Você é o que eu mais tenho perto de família. Estaria sendo hipócrita se dissesse que não sinto falta de Jezebel, mas eu sinto a sua também. Você não está somente ferindo a mim ou a si mesmo, está ferindo a nós todos. E, acredite, eu não vou ficar aqui tentando enfiar isso na sua cabeça... — Quando diz tudo o que precisa, ele se afasta, tornando-se avaliativo enquanto destrincha cada sentimento dúbio em meus olhos.

— Não me importo com seus achismos.

— Claro que importa, só não percebeu ainda — rebate.

— *Tsc*. — Estalo a língua no céu da boca.

— Me diga uma coisa, o que fez com a irmã de Lucca? Hum?

— Mas que porra de pergunta é essa? — É nítido sua desconfiança nos fatos confirmados do passado.

— Apenas responda — Mattia insiste. — O crânio que levou embora naquela noite, junto do crânio da mãe dela, era maior que o de uma criança tão nova.

Sem encará-lo, respondo friamente.

— O que deveria de ser feito — sussurro.

— Quebre o ciclo, Daemon. *Quebre a porra do ciclo*. — Do que ele está falando? Espero mais qualquer coisa, palavra ou ladainha, mas ele se vai com alguns membros do Conselho à procura da reunião, que certamente é para onde eu deveria ir, mas a catarse forte me golpeia sem pena, trazendo à tona

questionamentos do passado que sobreviveram ao longo dos anos sem qualquer tipo de pergunta.



A sala do conselho está cheia. Ninguém há de faltar em um comunicado tão importante, *um herdeiro a caminho*. Depois do anúncio de tomada de cadeira de um *Capo*, a notícia de que um sucessor está em vida é a segunda maior dadiva de uma Monarquia, afinal o poder, de acordo com as regras, depende do próximo descendente da linha específica. *Os Constantinis*.

Todos em silêncio esperam um grito de vitória, quando o que é um motivo de alegria para todo o Conselho da *Omertà* é motivo de desespero e agonia para mim. E a porra da culpa é inteiramente minha.

— Eu andei pensando nos últimos dias e decidi que talvez tenhamos nos precipitado. A linhagem dos Constantinis sempre se baseou que o sétimo filho seja o homem a se sentar na linha de sucessão da cadeira de *Don*, portanto acho inviável, quebrar uma cultura monárquica apenas pelo desespero de um herdeiro, levando em conta que ele já está a caminho. — Um suspiro cansado surge de Luizio ao me ouvir.

— Você assinou um documento. Não é assim que as coisas funcionam — ele rebate. Sinto falta de Otto nesta cadeira, afinal seu senso de diplomacia e igualdade equilibravam os hormônios na mesa, impedindo que uma bala cruzasse o ar pela sala em todas as direções. Não estamos falando de um objeto neste lugar, mas sim de Jezebel, e eu deveria ter me atentado a isso quando, em um desespero para calar a boca deles, assinei a minha ruína. Estava certo quando disse que seria a ruína dela.

Mattia está ao meu lado e o seu semblante impressionado entende exatamente o que quero fazer. Ele estufa o peito, pondo as mãos sobre a mesa.

— Daemon está certo. Não podemos correr o risco de que a primeira criança faleça na iniciação. A ideia de que o sétimo filho tenha a obrigação de ser sempre iniciado, é para que o mundo tenha chance de ter sempre seis Constantinis para outras lideranças políticas. — *Boa.* O Conselheiro expõe suas convicções com maestria. Estou protegendo minha esposa, mas Mattia também está protegendo a mulher que ama.

— Eu não estou entendendo. Isso já foi conversado antes, por que o incômodo em tentar mudar uma regra estabelecida em comum acordo por todos nós? — Emiliano questiona de forma pacífica, mas, talvez por ter crescido com a honra intacta e uma iniciação imaculada, ele não entenda que, embora Jezebel devesse ser apenas política entre nós, para mim ela exerce um papel muito maior do que esse.

— Permaneço com a primeira ideia. A iniciação será feita pelo primeiro filho e a primeira etapa, na destruição da mãe no quarto branco, será feita por Mattia e Benito. — Meus olhos se arregalam. E eu consigo visualizar a cena que me tonteia bem diante de meus olhos. *É a merda de um pesadelo acordado.* O Conselho inteiro vota a favor e eu me desespero por dentro.

Não só botaram Jezebel na boca do lobo, como escolheram Mattia e Benito para quebrá-la, como fizeram com a minha mãe.

Neste momento, enfiam-me dentro de uma cova com duas escolhas: contornar essa situação de alguma forma e salvar Jezebel, ou afundar a Cosa Nostra para que ela já não seja mais estilhaçada do que fiz até agora.

— Mattia e Benito? — questiono, anestesiado.

— Sim, são as regras. Os homens de confiança do *Capo*. O *Consigliere* e o *Sottocapo*. — Eu me sento, antes em pé, porque sinto o sangue evaporar da cabeça como se fosse pó. E é nesse momento que entendo o quanto me deixei atingir por Jezebel, o quanto me deixei atingir por sua companhia. Eu estou corroído e não posso ficar assim, preciso estar inteiro, pois, senão, serei quebrado em mais de dois pedaços e sinceramente... não sei se me restituirei mais uma vez. Ele estica uma cópia do papel

assinado com minha promessa de que o primeiro filho seria dado à iniciação. Dobro-o, pondo-o dentro do paletó.

— Não — murmuro duramente, deixando-me levar pela incoerência do querer, mas não poder. — Nós temos poder, nós temos enormes empresas que funcionam como postos de monetização. Se, em algum momento, a política de casamentos falhar, teremos de nos transformar em uma república para conseguir viver de forma gradual em um desenvolvimento crescente, e não o contrário.

— Está sugerindo que nos tornemos uma república? Está fugindo de seus deveres, Daemon? — Luizio me questiona, como se realmente eu estivesse a fazê-lo.

— Está equivocado. De forma alguma — murmuro, preocupado com a forma como me deixo ser visto. Já me bastam os problemas internos, não quero arrumar confusão com o Conselho e ter que me comportar como Alessandro. — Se não concordam, vamos manter da forma que estava... — Suspiro pesado. — Antes... — Levanto-me, encarando o anel de prata no indicador. — A reunião está finalizada.

Eu não me estendo na sala. Subo pelas escadas sem olhar para trás, mas, ao chegar no topo, olho brevemente por cima do ombro e vejo Mattia com o olhar entristecido em minha direção. Ele sabe o que aconteceu, ele sabe o peso de uma iniciação.

Entro em meu quarto sem pensar que ela está do outro lado do corredor. Abro a gaveta e encaro os papéis que Jezebel recebeu de Alessandra. Eu preciso evitar o pior; primeiro, cuidar de minha irmã, depois do Conselho e mudar definitivamente essa regra e a porra do papel assinado.

Busco o telefone, discando o número de Benito, com um rompante de fúria, como se eu pudesse mover montanhas.

— Benito? — Ele atende.

— Padrinho?

— Separe doze *decinas* pela Calábria. — Uma pausa se estabelece para decidir algo que não tenho como voltar atrás,

pois, se tivesse finalizado tudo naquela noite, muitas coisas poderiam ter sido evitadas. — Preciso que encontre Alessandra a todo custo. Não importa como.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 76

Um fio de esperança

JEZEBEL CONSTANTINI

A janela do quarto tem sido uma das únicas paisagens que eu tive o prazer de ter. A de meu quarto tem sido a única que reflete um mundo lindo lá fora, quando aqui dentro, todas as bases sólidas que estabelecem segurança estão ruindo, por todos os cantos, por todos os lados.

Dante está lá embaixo, tomando a sopa de tomates que Marta levou para ele pela terceira vez nesta noite. Lucius pediu que Dante ficasse por perto, para que não houvesse a possibilidade de Daemon se descontrolar e causar problemas com Alessandro. Ele enviou felicitações pelo bebê e relatou vir nos visitar em breve.

A última vez que olhei o relógio era quase nove da noite, mas um pequeno cochilo pela noite me fez acordar quase às três da manhã com o estômago roncando de fome, não tendo como ignorar as dores por não ter me alimentado bem o dia todo.

Aí está um problema: a falta de apetite de dia é compensada à noite, mas, ao ingerir grandes quantidades de comida pela fome desenfreada, a azia me ataca com força pela manhã, levando-me até o lavabo para simplesmente pôr tudo para fora.

Ao descer para o primeiro andar, certifico-me de que a cozinha está vazia. Pela janela da sala de jantar, consigo ver Mattia entrar no chalé e, ainda que eu possa chamá-lo para conversar, não o farei. As coisas já estão ruins o suficiente e não cabe a mim piorar ainda mais, se é que isso é possível.

A geladeira está cheia, mas não consigo encontrar algo interessante com o que me esbaldar para cozinhar a essa hora da noite. Fecho a geladeira e me direciono ao armário, no qual talvez encontre alguma guloseima. Abro a porta de madeira, tentando encontrar algo no escuro. Eu poderia acender a luz, mas chamar atenção não é a minha intenção.

Ao fechar a porta, dou um salto, assustada pela figura de Daemon em pé bem diante de mim, como um espírito maligno que vaga pela madrugada. Certifico-me de olhar para seu anel e ter certeza de que é ele.

— Vai jantar a essa hora? — Sua pergunta mórbida, com a voz rouca, mostra que ele não pregou os olhos para dormir. As olheiras demonstram cansaço. Mantenho-me em silêncio. — Não vai comer?

— Não comer seria como estar no quarto branco. — Ele passa por mim, ignorando-me, como se eu fosse nada, bem como fez nos últimos dias. Respiro firme, sem paciência para o que acabou virando joguinhos de sadismo dentro de um casamento que está se tornando fracassado. Talvez estivéssemos fadados desde o início.

O *Capo* abre a geladeira, e eu realmente prefiro dormir com fome a ficar aqui. No segundo passo em direção à escada, ele exclama alto;

— Fica.

— O que você acha que eu... — Ele me interrompe:

— Cala a boca e fica — insiste. Detesto essa proeminência de soberba que, ainda quando em boas intenções, prevalece mais do que a educação.

Não sei ao certo quanto tempo se passa, mas o suficiente para que minhas costas comecem a doer na região lombar.

— O que você estava fazendo aqui? — pergunto. Ele está na bancada, mexendo em algo, com uma faca na mão, mas seu corpo é grande e robusto demais para que eu possa enxergar sua superfície.

— Não é da sua conta. — Entreabro os lábios e os fecho, desistindo de falar qualquer outra coisa. Ele se vira, com os olhos pequenos de sono. A regata branca mal cabe nele, marcando o corpo viril que, mesmo depois de tudo, ainda me causa um misto de sensação e de saudade. — Aqui. — Deposita um pequeno prato de porcelana e sobre ele um pão de forma. A textura é macia e, ao abri-lo ao meio, identifico o atum. *É um sanduíche de atum*, daqueles que eu gostava de comer no Monastério de Pavia. Meu peito se aquece. — Coma e vá dormir. Não pule as refeições.

Não me dá qualquer tipo de chance para conversar, faz o que deve e simplesmente bate em retirada. Seus passos passam por mim, mas antes que ele se distancie o suficiente, meus dedos seguram seu punho e, sem perceber, sua mão está perto demais de minha barriga saliente debaixo da camisola.

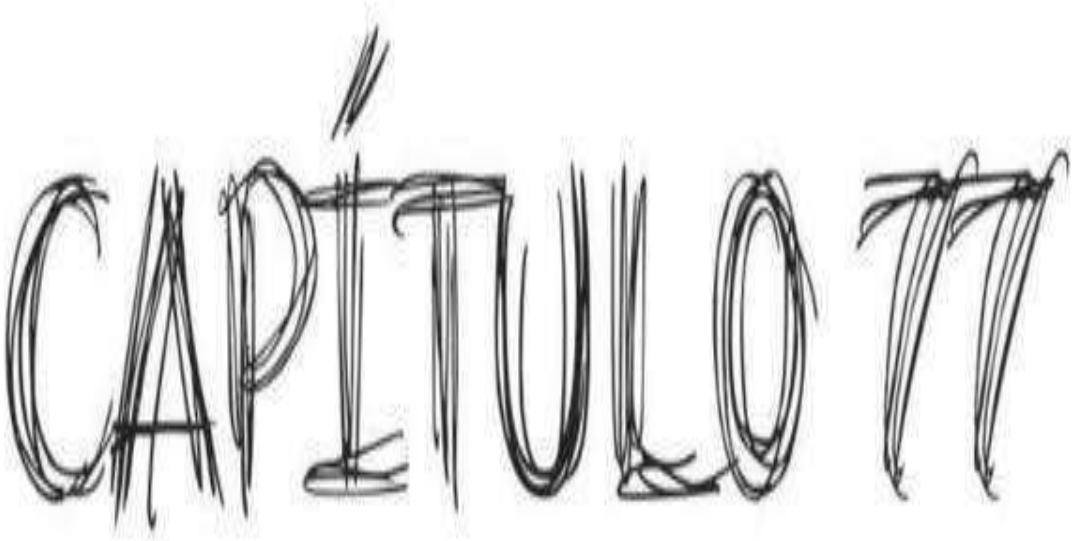
Daemon percebe a proximidade e puxa a mão, como se o meu toque o ferisse.

— Você está me abandonando — sussurro, a quietude à nossa volta o permite me ouvir. Seu silêncio é uma afirmação do pesadelo em que estou afundada, afogando-me. É o meu interior que sente falta dele, não é a Jezebel Constantini, é a Jezebel Salerno, a noiva de cristo. — Daemon, por favor... não faz isso.

Ele me olha uma última vez e se vai, sem dizer nada.

Estou perdendo meu marido para um passado mórbido que está agarrado em seu pé como uma bola de aço, mas, antes de deixá-lo ir, vou fazer o possível para tiraálo deste sentimento, que o rumina e nos leva à tragédia.

OceanofPDF.com



Mate ou morra tentando

ALESSANDRO CONSTANTINI

As roupas formais de Daemon são uma porcaria quando tudo o que procuro é algo confortável. O papel sobre a cômoda pega fogo e abriga o seguinte aviso:

"*Não encoste a mão na minha mulher outra vez.*"

E, em contrapartida, sei que ele vai voltar uma hora, então a resposta amigável que deixo sobre sua cama é:

“*Isso é medo de que ela prefira o meu lado sombrio ao seu? Porque, honestamente, eu acho que ela gostou do nosso último encontro.*”

Dante e Lucius me esperam no segundo andar e, apesar de Marta já ter vindo no quarto há muito tempo para me contar sobre a chegada deles, eu não me preocupo em passar o dia inteiro aqui dentro, apenas para que entendam que certas decisões minhas importam.

Estou de mãos atadas. Isolado e entediado, porque a vida como *Capo* é realmente uma merda quando se quer buscar apenas paz e não se tem o total poder para governar.

Ao descer para a sala de reuniões, o *Capo* casalês revira os olhos ao encarar o anel de prata no dedo anelar. Um sorriso vasto estampa em minha boca pela insatisfação de saber que não vai ter o que quer, pois já imagino que não sou eu que ele esperava receber.

— Viemos falar com Daemon. — Há uma cigarrilha sobre a mesa, e Lucius resolve servir-se dela, quando a toma em seus dedos e faz questão de acender um cigarro na lareia ainda acesa.

— Sinto muito, *Bispo Lucius,* mas quem está em casa, hoje, sou apenas eu. — Devolvo a oratória irônica, e ele não se agrada da resposta, mas se nem mesmo Deus agradou a todos os homens, quem sou eu? *Um mero mortal.*

— Vim reivindicar um de meus acordos com ele. — Acomoda-se melhor, enchendo a sala de fumaça quando esta não tem para onde sair, mas Dante faz questão de abrir a porta para não morrermos sufocados.

— Respondo em seu nome. Se for em nome de alguma política, posso carregar o recado. — Dante ri de minha resposta e torna a tomar o lugar de seu *Capo*.

— O filho de Jezebel — murmura, impaciente, quando tento ter certeza do que estou ouvindo. Sei que Daemon prometeu a Lucius um filho, mas não foi qualquer certeza de que o filho prometido seria o último nascido de nosso sangue.

— Sem chance — digo para os dois. A criança é a passagem para mostrar a real face de Daemon, quando acreditam que a minha é a pior possível.

— Resolveu tornar-se pai, Alessandro? — O *Consigliere* pergunta.

— A criança é o passe para botar fogo em algumas partes do mundo, então... nada feito. — Não é uma barganha. É uma certeza. — Espero que entendam, *são burocracias.*

— Não estou brincando — o *Capo* diz firme, como se eu realmente fosse mudar qualquer tipo de pensamento pelo tom de sua voz.

— Está dentro da minha casa, sentado na cadeira do meu Conselho enquanto me obriga a lhe dar meu herdeiro? De forma alguma. Nem Jezebel, nem a criança vão deixar a Sicília.

— Não é uma escolha. — Dante retorna à paciência de sua decisão, quando, na realidade, nada depende dele, e sim de mim.

— Querem uma barganha? Já que a caixa de nada serve, fiquem com ela. Aquela merda não me importa. Faça um documento e eu assino. — A sobrancelha de Lucius arqueia e o interesse em seu olhar é genuíno, quando Dante, ainda assim, quer insistir na criança.

— Você precisa do consentimento de Mattia para confirmar as certezas como *Capo* — o *Capo* diz, e eu gargalho.

— Aproveitem a facilidade. Não duvido que Daemon tomaria a mesma decisão que eu, mesmo odiando o próprio filho — digo e, ainda que Lucius esteja por fora do assunto, Dante entende exatamente o que estou dizendo.

— Feito. — O *Don* casalês está eufórico. Gerenciador das verdades e mentiras, ter em mãos as provas de que o catolicismo é realmente uma mentira, desde o princípio, é uma forma que ele tem de se tornar superior a qualquer órgão religioso.

— Muito mais interessante do que apagar a história, é ter a descrição do seu nome em parte dela. — Jogo o copo de vidro

que estava sobre a mesa dentro da lareira, o tédio faz o homem fazer coisas que ele mesmo não entende e, nesse momento, eu imagino Jezebel em seu lugar.

— Se você continuar desse jeito, não haverá nomes para pôr na história e logo a sua linhagem realmente ficará apenas na lembrança, porque seus restos estarão apodrecendo debaixo da terra. Se Daemon não matar a criança, ele vai acabar matando vocês dois e te enxergando como um inimigo. — O senso de Dante faz total sentido. A luta pelo poder central, com o qual um de nós assume a luz, é contínua e, embora Daemon não esteja focado em me desestabilizar, *eu estou*, porque o excesso de raiva e estresse me traz para a luz quando o gatilho que me criou foi exatamente esse.

— Tenho muito mais domínio sobre ele do que o contrário. — Minha defesa é fraca.

— O que você quer? Poder? Você não tem poder, Alessandro. Você pode ser inevitável, mas te faltou independência. Para mim, tanto faz se é você ou Daemon, pois é *indiferente*. Só que você não consegue segurar o poder que tanto quer, você sozinho apenas atrapalha. Vai passar mais tempo tentando se livrar de quem quer se livrar de você do que exercendo efetivamente o poder que tanto almeja, então pergunto: *que marco você vai deixar na história?* — Dante tem um ponto, *fraco por sinal*.

— Da forma como fala, poder parece ser algo complexo. — Ralho o olhar por cima do ombro e ele está me analisando. — Mas a facilidade com que você julga ser banal, eu abro caminho entre meus inimigos.

— Derrotar inimigos é o básico, fazemos isso todos os dias. Até Leônidas de Esparta lutou com um exército de milhares enquanto conquistava cidades. O que você conquistou até agora? — Este é um momento reflexivo que me puxa do conforto interno e me expõe para levantar este fato que, sem resposta, torna-se um martírio. *O que eu realmente fiz até agora?* Desde que publicamente me assumi como independente, após sair do quarto

branco, dediquei meus passos a foder Daemon, quando o principal objetivo era subir a Cosa Nostra de patamar, mas, no fim, foi Daemon que fez o que eu deveria por todo esse tempo.

— Eu sou a grande realização de Daemon. Você me chama de erro, mas foi esse erro que trouxe vitórias muito específicas depois da morte de Adriano.

— Erros não comandam nada, não fazem as coisas darem certo. Vocês são dois, precisa aceitar isso. Vocês precisam entender suas necessidades recíprocas. Se ficarem neste cabo de guerra, um lado vai acabar perdendo, e se isso acontecer, todos perdem. — Um resumo básico do que nunca precisei que dissessem para ter a plena certeza, mas agora, evidenciando isso de forma externa, consigo tratar o rumo da destruição não só dele, mas a minha, já que por esse motivo tenho tentado me comportar enquanto estive fora. Não me saí bem, mas com certeza este foi o melhor que consegui.

Mas o orgulho tem garras afiadas, e elas machucam.

— Adivinha? Eu detestei a sua ideia. Interessante, *mas detestável.*

— Basta Daemon não querer e a sua vida acaba, Alessandro, mas se aceitarem a dualidade, é possível que um aperfeiçoe o outro. Você é ambicioso, mas não tem qualquer controle sobre si. Daemon, por si só, tem um bom senso em manter algo para ser governado. Não acredite que tem valor sozinho, pois até mesmo uma moeda de prata tem dois lados. Sem Daemon, você continua sendo a porra de um saco de traumas. — Meu olhar perde-se no chão, criando cenários múltiplos em que as teorias insanas parcialmente dão certo, mas que questiono o nível de autonomia que eu teria. Não é de meu feitio dar liberdade para outra pessoa, mesmo que seja *eu mesmo.*

— Você deveria medir suas palavras. Preciso lembrá-lo de que o mais próximo do poder que sua bunda chegou foi à cadeira de *Consigliere*, Dante.

— Você poderia ir muito mais longe, cooperando de uma forma mais inteligente. Vocês são um só. Se Daemon perde a cabeça, você também perde. Se for à ruína, você também vai. O controle não é seu. Quando você tenta arruinar o mundo de Daemon, está arruinando o seu também.

Eu odeio dar razão a este homem.

— Ele nunca aceitaria um acordo. — O Conselheiro sorri quanto entende que suas palavras duram muito mais do que o efeito da raiva que costumava causar em mim. Ele transforma o sentimento duro em uma catarse que poderá me levar justamente aonde ele quer: *entendimento*.

— O grande primeiro passo é você aceitar. Sobre Daemon, ele precisa apenas de uma garantia ou de uma prova. Demonstrar lealdade a ele é também demonstrar lealdade a você, Alessandro.

OceanofPDF.com



Queime sozinho

JEZEBEL CONSTANTINI

Minha barriga não parece ter crescido tanto quando a olho pelo espelho, mas definitivamente, ao olhar de cima para baixo e ao passar meus dedos pela circunferência, não há dúvidas de que ela esteja realmente maior.

Independentemente do que aconteça, sei da responsabilidade que preciso ter com essa criança, mesmo que de

alguma forma afetiva, eu ainda não tenha conseguido restabelecer uma conexão materna, nem sequer dar a ele um nome.

Mas estou cansada de ser ignorada, estou cansada de Daemon *nos* tratar dessa forma pelo passado, remendado pela ruindade de seu pai. Chegou a hora de escancarar a ferida e fazer com que ele finalmente enxergue o que está acontecendo à sua volta, pois a impressão que tenho é de que o tempo está passando e ele está perdido na própria cabeça.

O *quarto proibido* repleto de quadro de rosas e do rosto de Alessa é aberto por mim, e espalho pela sala cada imagem que reflete ao seu passado, na intenção de fazer com que meu marido destrinche seus medos, para que entenda que há um filho esperando por ele. Ainda que eu possa fazer isso sozinha, eu me recuso a acreditar que a promessa de Daemon está se desfazendo e correndo direto para o ralo.

Estou na sala, posicionando sobre o bar o último quadro que tem quase o dobro de meu tamanho. O céu escurece lá fora, premeditando o caos que vai acontecer aqui dentro.

Não se demora muito e ele atravessa a porta de entrada. Fica petrificado logo nos primeiros passos, quando entende exatamente o que estou fazendo, talvez não o motivo, mas é visível que estes quadros foram pintados pelas mãos dele.

— O que esses quadros estão fazendo aqui? — Seu murmuro é baixo e mostra o quão surpreso, de forma extremamente negativa, ele está.

— Estão ornando a sala. Foram os quadros que você pintou. — Tento me manter firme, apesar de ter medo de sua reação. Marta se enfiou em seu quarto quando tentou me impedir e eu disse que sobraria para ela, se continuasse com sua postura, que certamente viabilizava o fechamento de Daemon.

— Tire tudo e guarde. Eu disse que não era para entrar naquele quarto! — É um tom de ameaça velada, mas vai precisar de muito mais do que isso para conseguir me tirar da posição defensiva em que me ponho.

— Não — sibilo.

— Por que está fazendo isso? — Incrédulo, essa é a melhor palavra para defini-lo. Seu rosto vermelho demonstra não medo, mas um desespero desenfreado que não se explica. Entendo que, para mim, são quadros e, para Daemon, eles fazem parte de uma sequência de traumas que continuam alimentando-o, não importa quanto tempo passe.

— Isso é passado, Daemon. Precisa olhar para o futuro. Vamos ter um filho e sequer conversamos dentro dessa casa. Isso está indo longe demais. *Eu quero o meu marido!*

— Foi você quem me afastou. Eu estou respeitando a sua vontade, mas se tiver tanta urgência, espere por Alessandro e peça a ele. — Ele esfrega o rosto, encarando todos os quadros com desespero. Caminha até eles, derrubando todos no chão. — Está tentando expor o meu passado para me atingir?

— Eu gosto das rosas. — Não é minha intenção soar tão irônica. A ventania forte abre a porta, batendo-a contra a parede. Ele ri, desacreditado, e entende tudo da forma errada.

— Marta, venha aqui! — A governanta não se demora em sair do quarto, provavelmente ouvindo toda a discussão atrás da porta, enquanto corre, a passos tímidos, para atender ao chamado de seu chefe. — Me traga álcool e um isqueiro.

Meu medo se expande.

— O que vai fazer? — Marta some na cozinha e logo traz o que ele pede. A ventania bagunça seus cabelos, enquanto fios loiros cobrem seus olhos, ele some ao lado de fora, mas o receio do que ele possa fazer é maior do que a vontade de ficar plantada dentro de casa, esperando que ele incendeie o mundo.

Ao sair, Daemon joga álcool em todo o jardim, desde a madeira, as prateleiras, absolutamente tudo, com o rosto retorcido por raiva, pronto para vingar-se de mim com o lugar ao qual dediquei boa parte do meu tempo, cuidando do *jardim de Alessandra*.

Meu marido faz questão de me olhar uma última vez por cima de seu ombro quando acende o isqueiro e o joga por inteiro entre as plantas, formando uma enorme chama, que engole tudo em uma rapidez impressionante. Nem mesmo o vento forte é capaz de assustá-lo ou diminuí-lo.

Ele está queimando todas as rosas.

— Alessa e Alessandra estão mortas e você quer revivê-las a qualquer custo.

— Jezebel, vai chover, entra! — Marta tenta buscar meu braço, mas, desvencilhando-me, eu corro até ele para que interrompa o que está fazendo, já que, quando a ficha cair, o arrependimento será o menor de seus problemas. O céu relampeia e eu nunca ansiei tanto por uma chuva quanto agora.

— Olha o que você está fazendo! Para! — O vento acerta-me os cabelos, levantando-os, enquanto Daemon assiste ao fogo engolir uma das poucas lembranças e promessas que ele fez a Alessandra, mas, ao tentar avançar, ele espalma a mão em meu peito, empurrando-me. — Você é um covarde!

— Estou dando um fim nessa lamúria. — Tento avançar contra ele, como se eu pudesse apagar o fogo, mas Daemon trata de me manter sempre atrás de seu corpo. Paro de insistir quando a coloração das rosas atinge o tom mais escuro de vermelho. O chuvisco começa e o vento faz com que as gotas ricocheteiem em minha pele, fazendo não só meu corpo arder, como também a minha respiração. *Eu o estou perdendo de verdade*. Se quer apagar a mãe e a irmã de sua vida, o que vai querer fazer comigo?

— Pretende atear fogo em mim também? — Minha mão na barriga protege nosso filho, coisa que ele também deveria estar fazendo. Daemon não está só ateando fogo a suas memórias, está ateando fogo no que o faz mais fraco, negando-se a ser o contrário que Adriano programou que ele fosse. A chuva aumenta e os raios estouram em infinidades, como se desabasse não só minha tristeza, mas todo o conflito interno que Daemon vinha remoendo há semanas.

Dizem que a tempestade é capaz de limpar almas, mas agora ela só expõe meu marido, quebrado em mais pedaços do que eu jamais fui.

Ele arregala os olhos quando vê minha posição defensiva, *defendendo-me dele*, *defendendo nosso filho dele*, como se o perigo não fosse apenas o jardim que queima debaixo da chuva.

— Você quer realmente me pôr como vilão? — Outro trovão ressoa com sua voz, como se tentassem o impedir de fazer uma besteira que talvez vá lhe trazer um arrependimento muito maior do que não ter salvado Alessa, porque, nesse momento, não é mais eu que o estou perdendo, *é ele quem está perdendo sua esposa*.

— Quem está se prestando a esse papel é você! — Meu dedo aponta em direção ao seu rosto e Marta, em desespero atrás de mim, está preocupada, pela chuva que que nos lapeia, pela ventania e os raios que estrondam e iluminam o céu, como uma noite de Natal.

— Você enlouqueceu? Acha que vamos ser uma família feliz? Essa criança vai destruir não só a mim, mas a você também. — A fumaça evapora, a chuva intensifica e eu mal consigo enxergá-lo quando água entra em meus olhos e as pálpebras não são mais suficientes para poder pará-las.

Água e lágrimas se misturam, dor e solidão se fundem, abandono e sofrimento se unem à minha alma.

— Quem está destruindo nos três é você, Daemon. Está apegado ao passado e acha que pode se livrar dele, queimando rosas e me afastando? Ou pior, odiando o nosso filho?

Suas mãos derrapam por meus ombros molhados, meus cabelos estão ensopados e a roupa dele está ainda mais encharcada do que a minha. A água despenca por seu nariz arrebitado e as gotas caem incessantes por seu queixo, um novo raio cai.

— Você não entende. Era pra ser só eu e você até o fim dos dias e, agora, essa criança vai destruir tudo! — Daemon grita

com raiva, do fundo do peito, apertando meus ombros, como se isso fosse suficiente para que eu entenda, mas quanto mais ele toca neste ponto, mais eu me confundo. Como ele pode odiar uma criança que sequer nasceu ainda?

— Por quê? — questiono, passando a mão no rosto. O céu escuro troveja em raios que, com certeza, estão caindo nas árvores da floresta ao lado de fora da mansão, os sons são alto demais para estarem tão longe. A ventania retorna e eu me protejo.

Eu detesto tempestade. Recordo-me de ter medo delas quando criança. Jean não permitia que eu a abraçasse durante uma, mas me permitia estar aninhada ao seu lado, sobre a cama.

— Jezebel, a tempestade está piorando! — Marta grita mais uma vez, molhando-se tanto quanto nós.

— Porque, sem ele, é o único jeito de você ficar viva! — Ele perde a força.

— O que você fez? — É um murmuro de medo e aflição.

Outro raio, seguido de relâmpagos mais fracos, a chuva arrepia minha pele.

— O que estou tentando *desfazer.* Essas são as regras e nós estamos dentro delas. Eu jamais deixaria que fizessem qualquer coisa com você, mas se eu não estiver dentro das regras vivo, eu vou estar *morto.* — Enigmas. Daemon não usa de palavras diretas e se nem mesmo ele, que é acometido por uma coragem constante, consegue fazer o mínimo, o que vai ser de mim?

— Então por que o desespero? — *Conte-me, Daemon, vamos lá, abra o seu coração.* Não sai uma palavra de sua boca, mas a aflição de seus olhos me deixa amedrontada. — Você quebraria as regras por mim e pelo seu filho?

— Não me peça isso! — Não é um pedido, ele está me implorando para que não o faça e eu simplesmente não consigo acreditar no que ouço. — Eu já disse, sem regras, eu sou um homem morto.

— Então você prefere ser um homem vivo, sem mim e seu filho? — Meus passos me levam para trás. Minhas duas mãos passam pelos cabelos, raspando o excesso de água à toa, visto que a chuva continua grossa. A poça de água no chão engole meus pés e eu então olho para o céu. — *Deus, o que eu fiz para merecer isso? Foi porque te abandonei? Por que fui uma péssima filha? Eu tive fé e se queria prová-la, saiba que não me restou NADA!* — Então eu grito, grito do fundo da minha alma, como se eu pudesse vomitar para fora todos os pensamentos ruins e todas as dores que se fundiram e me confundiram. Eu estou no limite, ou bem provável, já tenha passado dele.

— Jezebel! — E eu me esgoto. Ele não se importa em olhar para minha ferida sangrando, mas talvez pressionando a dele, ele tenha ciência do quanto dói em mim.

— Então é isso, você vai dar um fim na sua esposa e no seu filho da mesma forma como deu à sua mãe? — Os olhos verdes se arregalam, porque Daemon nunca esperou ouvir, da mesma boca que o acalentou, uma acusação assim.

— Eu jamais faria isso. — Sua voz ameniza e ele entende exatamente como me sinto agora. Outro trovão e, dessa vez, muito mais perto de nós.

O jardim virou cinzas, tornando-se um cemitério de memórias, agregando as dores e hematomas de tudo o que ele passou e viveu, mas agora, quando ele olhar para as rosas queimadas no chão, não vai se lembrar apenas de Alessandra, mas de mim também.

— Já está fazendo em doses homeopáticas. Não apontar uma arma na minha cara não quer dizer que você já não o esteja fazendo. Uma pena Adriano estar morto, eu poderia dar os parabéns, ele finalmente tem o filho que sempre quis. — Meus ombros pesam e eu posso finalmente dizer: *eu cansei.* — Você pode não escolher este filho, mas eu o escolho, assim como também escolho me abdicar de você.

— Você não pode fazer isso. — Não só expus uma ferida em seu peito, como acabo de abrir outra.

Em passos cortantes, eu me ponho diante do meu marido, com a mão sobre o ventre e o olhar alinhado em uma circunferência inferior à dele.

— Queime suas rosas, queime sua história e seu passado, faça o seu *apocalipse*, porque no meu filho, você não toca. Farei exatamente a mesma coisa por ele. — Dou-lhe as minhas costas, pois agora isso é a única coisa que eu tenho para lhe dar.

— Você não vai me dar as costas, Jezebel.

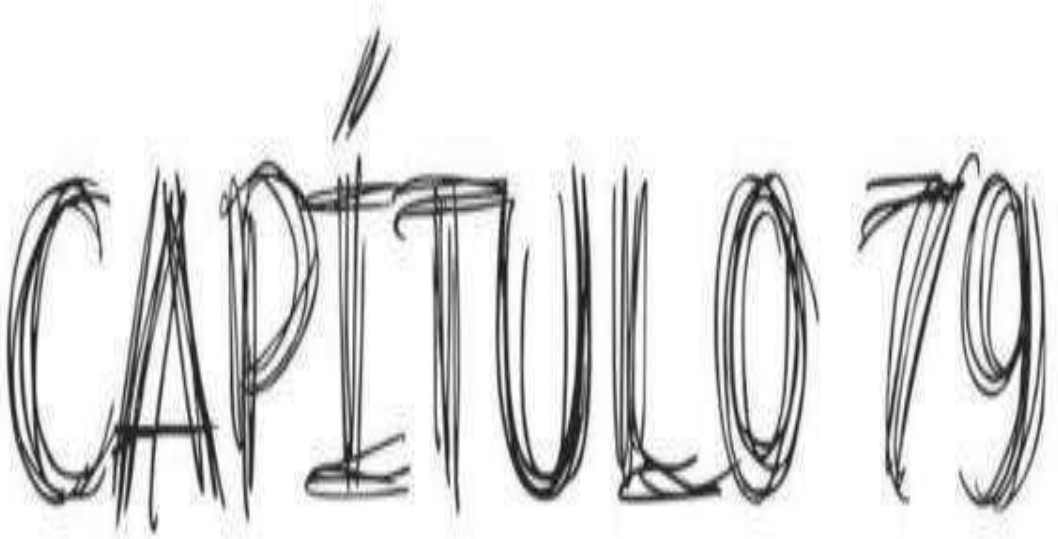
Um raio cai exatamente no portão e eu respiro fundo, quando meu corpo começa a tremer de frio e de medo, de que talvez eu esteja começando a vencer.

— Por meu filho, ando até na droga de uma tempestade, se for para protegê-lo de você. As regras o mataram muito antes, e você se agarra a elas para acreditar que ainda está vivo, mas é justamente elas que estão te enterrando há mais de dezoito anos. Eu não vou permanecer nesse inferno com você, Daemon... você vai queimar nele *sozinho*.

Não há mais palavras que eu possa usar para recuperá-lo, porque, aos meus olhos, depois disso, não acho uma boa ideia tê-lo perto de nós. Daemon é mais seguro longe, e isso me dói, porque ele foi o primeiro homem que escolhi para amar, talvez seja o último também.

Um dia, os portões do inferno estiveram abertos e o Diabo ficou solto, mas agora eu fecho as portas e espero que ele apodreça lá dentro.

OceanofPDF.com



Ponto de equilíbrio

DAEMON DEMARCO

O fundo do poço é pior do que falam. Lá, você consegue enxergar o contraste de todos os erros cometidos, e, ainda assim, te falta consciência para interpretar tudo o que eles significam.

Passei semanas vendo-a atravessar os corredores e, toda vez, suas pernas tornarem-se mais resistentes quando precisava subir as escadas, devido à barriga que agora despontou e dobrou de tamanho.

Nove meses de gestação.

O silêncio da *Legião* é ensurdecedor.

Passo a maior parte do tempo divagando em torno dos "*e se*" do que, de fato, fazendo algo para mudar a realidade das coisas. A Cosa Nostra tem sido minha distração, estabelecendo-se fixamente na Calábria de forma pacífica.

Meu casamento está destruído, em contrapartida Alessandro deixou de ser um problema, mas o filho que minha esposa carrega no ventre tem tirado todo o meu sono, porque estou divido entre enfrentar a Cosa Nostra por ele e entender que a iniciação é inevitável. Eu o prefiro morto a ter que ver Jezebel fazer parte disso, ou criá-lo para ser destruído e nivelado em camadas, como eu fui. *Nenhum ser humano merece isso*. Então o que seria a crueldade da morte oferecida a um filho pelo pai, quando estou lhe oferecendo o paraíso, visando livrá-lo do inferno futuro?

Olhar para o teto, como faço agora, tem sido uma rotina e, embora eu nunca tenha percebido antes, a infiltração começa a tomar conta de forma sorrateira e, fazendo uma analogia banal, foi assim que Jezebel corrompera o plano de Adriano.

Mattia retornou para a mansão. Os olhares complacentes que ele me dava ao entrar na mansão designavam bem o que sucederia de nosso novo relacionamento, depois de descobrir que ele estava apaixonado por ela. *Eu sinto falta dele*. Mas não deveria e reconheço isso, então tudo o que consigo fazer é me manter afastado, para que talvez a ausência o ensine algo, mesmo acreditando que *talvez* quem esteja aprendendo seja eu.

— Alô? — Meu telefone sobre mesa da cabeceira toca e, ao atendê-lo, é Benito.

— Padrinho? — questiona-me, esperando mais do que um *alô*.

— Estou ouvindo — digo.

Ele suspira e eu entendo que, depois dessa atitude, terei qualquer outra decepção, mesmo já não sendo qualquer tipo de surpresa.

— Olhamos tudo. Cada lugar da Calábria. Botamos a mansão de Dario abaixo, as fronteiras, os rios, as margens oceânicas, mas não conseguimos sequer vestígios de Alessandra. Talvez ela já esteja morta. — Sua convicção não engana nem a ele mesmo.

— Ela está viva, Benito — murmuro. — Eu sei que está.

— Posso continuar as buscas, se quiser, ou podemos encer...

— Continue até achá-la. Não aceito esse veredito — respondo, sentando-me na cama.

— Entendido, Padrinho — diz, antes de desligar.

Ainda é cedo e eu não consigo dormir. A quietude é pior do que os gritos de raiva *dela*.

Ao descer pelas escadas, a casa está silenciosa e eu finalmente sinto falta do barulho, da agitação, dos passos e *dos toques*. Meu corpo endurece ao notar que, em cima da mesa, há muito mais do que os castiçais e taças que normalmente Marta usa para orná-la.

A porra de um homem estirado sobre a mesa.

Andando de fininho até o bar da sala, retiro uma pistola do acesso escondido embaixo da gaveta. Aponto-a em direção ao corpo na mesa, o entorno está vazio. Mas que porra está acontecendo? Abro a janela, chamo por Mattia e espero que seu sono não seja pesado o suficiente para eu estar gritando à toa, mas quando, alguns segundos depois, ele aparece informalmente vestido com uma camisa preta e uma calça jeans, seu rosto não demanda sono e o alerta altivo demonstra que ele não estava na cama.

— O que houve? — ele questiona e eu faço o sinal para que ele se aproxime. Respirando de forma desenfreada, ele vem em minha direção e, ao entrar na casa e ver a mesma coisa que eu vi sobre a mesa, espanta-se. — Mas que porra é essa?

— Acabei de acordar e já estava aí. — O rosto virado de lado não me é estranho. — Merda, espera... — murmuro, preocupado, porque acredito saber a quem pertence o corpo estirado. *Ele está morto.* — Mas que porra é essa...

— Reconhece? — O *Consigliere* se aproxima, encarando-me à espera de uma resposta para o espanto que toma meu rosto.

— Franco Corleone. O *Sottocapo* de Dario. — Está degolado e com o sangue ressecado sobre a mesa, não tão seco, porém um tanto fresco, se pensar por esse lado.

— Você chegou pela madrugada. Vi pela janela do quarto do chalé, Daemon. — Suspiro, porque sei de quem ele fala, e este a quem ele se refere veste minhas roupas e domina meu corpo.

— Alessandro — murmuro e, de fato, o pequeno bilhete sujo de sangue exposto dentro da boca aberta de Corleone mostra que, na verdade, ele não chegou aqui sozinho.

"Um presente de reconciliação. Se há uma forma de crescer, não vai ser querendo botar fogo em você. Não me faça mudar de ideia."

A minha risada é de nervoso. Minha mente quer se unificar, mesmo que isso não aconteça de forma consciente. Talvez ele perceba a merda na qual estou estirado e entenda que é um dos únicos que pode auxiliar, mas ainda estou perplexo com a facilidade que teve de buscar Franco em um buraco que eu, até então, desconhecia. *Isso é uma loucura.*

— O que é isso? — Mattia pergunta e eu dou a ele o papel que explicaria muito melhor do que eu.

— Uma trégua?

— É isso o que parece? — digo.

— Não só parece como é. — Suas sobrancelhas estão estreitas e ele está confuso e surpreso, não tanto quanto eu, mas está.

— Peça aos soldados que tire o corpo dele daqui e que rebobinem a gravação para saber a hora que Alessandro saiu e a

que chegou — digo, a tentativa de despistá-lo e não o encarar tanto é letárgica. O velho senso comum de “querer não é poder”, da mesma forma que poder não é um dever.

— Daemon. — Ao me virar, eu estagno com os pés no chão sem subir as escadas, então ele aproveita para continuar: — Eu quero apenas o bem de Jezebel. Nunca fiz nada para te confrontar. Sou fiel a você. Eu a protegi não só porque também a amo, mas porque eu sou o seu braço direito. Sei que a perder desestabilizaria não só você, como toda a Cosa Nostra. E, acredite, ao trancá-la naquele quarto branco, no mesmo lugar que trancou seus inimigos, em que destruíram Alessa naquela iniciação, faria você perdê-la.

Odeio me recordar de nossas últimas brigas.

— Tarde demais, Mattia. *Eu já a perdi* — murmuro, desapontado.

— Você pode acreditar que é como Adriano, mas sei que você é tudo, menos semelhante ao seu pai. *Não tente ser ele*. — Ele está afobado e sua intenção é tão genuína que nunca notei o carinho na voz de Mattia tanto quanto agora, mas a visão que tenho, aquela em que ele deseja Jezebel, ainda está aqui, latente como a droga de um alerta.

— Eu sou o que a Cosa Nostra precisa. Eu sou o que preciso ser, sem ela... *eu não sou nada*. — É raso e, no fundo, nem mesmo eu acredito em minhas próprias palavras.

— Não se perca, porque não quero perder você e não acho que Jezebel queira. Otto foi o meu limite. — O silêncio... ele fala tanto quanto as palavras, mas às vezes nem mesmo elas conseguem transmitir a mensagem como ele o fez. O Conselheiro, com palavras mornas, tenta aplacar a confusão na qual estou, bem aqui dentro. Mattia nunca foi bom em se expressar verbalmente, mas agora sinto como se oo se encaixado que disse se encaixasse como pecinhas de LEGO..LEGO. Ele abre a porta, ameaçando a ir.

— Ela está lá em cima. — Ele arregala os olhos quando ouve minhas palavras.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que ela está lá em cima, e você irá encontrá-la acordada — digo.

— Como...

— Porque eu a vejo despertar todos os dias — sussurro, em um fracasso risível que pesa toneladas quando tudo que sempre procurei foi a vitória, mas não importa o tamanho do troféu, o sentimento de falha está aqui dentro, latente e constante. — Há uma reunião do Conselho amanhã, não se esqueça.

Não faço por mim.

Mas o faço *por ela*.

OceanofPDF.com



Advento

JEZEBEL CONSTANTINI

A cama tem se tornado minha melhor amiga, livrando-me das dores, sejam elas internas ou externas, inviabilizando pensamentos de horror quando tendo a me englobar no mantra de que *é tudo pelo meu filho.*

Devasto-me na imensidão do vazio. Talvez eu tenha errado em algum momento do caminho, e pego-me pensando em como teria sido, se agora eu estivesse longe daqui, se Daemon já

tivesse resolvido tudo com a *Legião* e eu houvesse recuperado a fé que, embora enganada pela igreja, moldou-me à esperança com o passar dos anos. Esperança essa que não importa quantas vezes o céu desabe sobre mim, sempre há um pouco dela guardada, como uma chama que nunca se apaga.

Alguém bate à porta e, cogitando ser Marta, não preciso pedir que entre, mas o rosto que toma lugar em sua brecha faz com que meu coração derrape uma batida mais forte.

— Mattia! — Ele sorri e finalmente entra, mas o medo de que Daemon possa encontrá-lo aqui é maior. — Espera, Daemon pode...

— Ele sabe que estou aqui. *Ele praticamente... pediu.* — Uma estimada surpresa. Se há algo mudando dentro dele, não sei, mas de fato é uma atenção a mais para se ter. — Sento-me sobre a cama, enquanto ele se ajoelha no chão, para deixar os olhos no mesmo nível que os meus. — Você está bem?

— Já estive melhor — murmuro, e seu olhar cai sobre minha barriga.

— É um menino... — afirma, mas não acho que seja para mim. É uma contemplação pessoal, *um pesar.*

— É — afirmo.

Mattia solta um longo suspiro de dentro do peito inflado, que murcha em segundos.

— Sinto muito pelo que aconteceu. Eu não queria aquilo. — Não é ele quem me deve desculpas e, ainda que saiba disso, continua a tentar fazê-lo, para minimizar o estrago que não pode ser desfeito. Você não pode quebrar um copo e acreditar que ele servirá para matar a sede, como já o fez um dia.

— É passado — interrompo.

— Vou tentar ser um bom tio. Posso? — Sua mão aproxima-se de minha barriga e eu permito em um movimento com a cabeça. Seus dedos abertos param sobre a circunferência rígida. — Precisa dar um tempo a *ele*. Tenho certeza de que a

ideia de ser pai está se assentando em sua cabeça. — Não há respostas minhas quanto a isso. Essa persuasão não funciona mais comigo. São as palavras de Mattia contra os feitos de Daemon, é um peso injusto na balança. — Escolheu um nome?

— Ainda não.

— Também não sou bom com nomes masculinos. Mas, se fosse uma menina, poderia chamá-la de *Helena*. — Seus olhos brilham.

— Esse nome pertenceu a alguém?

Ele sorri, afastando o olhar e a mão.

— Ninguém importante. — Mattia pisca os olhos repetidamente, encarando a parede atrás de mim. Seu rosto é tomado por uma seriedade imediata que afasta qualquer sentimento dúbio de carinho, enquanto seus olhos gritam uma preocupação imediata. — Eu queria deixar algo com você. — Sua mão adentra o casaco do terno. — Está tudo parado demais. Mesmo que Dario tenha morrido, e a *Legião* esteja no papado com outro sumo pontífice, *tudo continua muito calmo*. Alessandra sumiu junto de metade das *decinas* da ‘Ndrangheta, tenho medo e sei que Daemon também tem. Não acho que seremos avisados dessa vez. Portanto... tome. — Uma arma. Pesada e brilhante, parecendo ser cromada.

— Mattia, por que está me dando isso?

— Para caso você precise e, por Deus, eu espero que não seja necessário. — Meus olhos encaram o objeto de fogo. — Você ainda sabe como atirar, certo?

— Benito me ensinou — respondo.

— Espero que não tenha que medir sua pontaria — resmunga.

— Você está me deixando com medo. O que sabe que eu não sei? — Sua omissão exposta está longe de ser um alento.

— Não estou omitindo nada. Estou sendo sincero com você.

— Quando eu devo usar isso? — Ele passa a língua sobre os lábios.

— Quando tudo que te importa depender apenas de você. Você saberá no momento certo. — Ele se põe de pé e deixa um beijo pesado em minha testa. Mattia é um bom homem, bom demais para esse mundo, e não mereceu perder todos aqueles que perdeu. Ele está pronto para ir, mas acho que ele merece muito mais do que isso.

— Eu sinto sua falta. — Seus olhos crescem de forma vagarosa. A respiração harmônica com o rosto calmo e sereno. Não é à toa que ele e Daemon formam uma boa dupla, calmaria e passividade, quando seu *Capo* é um furacão. Ele não diz nada. — Me perdoe por Otto. Se eu soubesse...

— Jezebel, as coisas aconteceram da forma como deveriam acontecer. Se Otto não estivesse lá, você teria morrido, e talvez eu tivesse me sentido ainda pior do que me senti com a morte de meu avô. Esse é o preço que pagamos por ter nascido nessa vida. Poderia ter sido Daemon, assim como poderia ter sido eu.

— Me desculpe por não o amar de volta como você merece, mas eu o amo como a família que eu nunca tive, como a que eu gostaria de ter tido. — Ele sorri de uma forma que nunca vi antes.

— E você me tem, *Bel*. Isso é o bastante. Não é preciso que você me ame de outra forma. — Seus passos o distanciam de mim e, antes que ele saia, suas palavras acalmam o meu coração, como um lençol quente depois de uma longa noite de frio. — Te trago um *cupcake* no Natal. — Ele olha para minha barriga. — Na verdade, *dois*.

Ele se vai.

As seguintes refeições do dia são todas feitas dentro do quarto. Não quero sair daqui, é a minha redoma de segurança, pois minhas convicções intactas não sofrem qualquer manipulação pelos soldados que vejo lá fora e sei que vão defender qualquer decisão que Daemon escolha tomar.

Posso não ter um marido nesse momento, mas confio no que Daemon diz, quando me alerta que jamais vai deixar que algo aconteça comigo.

Eu amo e me odeio por isso.

A noite cai junto à tempestade, que parece nunca ter ido embora quando tudo se torna ruínas nas brechas que eu usava para acreditar que poderia realmente ser amada por ele. Os raios não me assustam mais. Adormeço, mas o mesmo sono que derruba a minha consciência está leve o suficiente para me fazer despertar quando a porta do quarto se abre. A silhueta de seu corpo grande não me deixa acreditar que isso seja um sonho. É real demais.

Ou talvez seja Alessandro.

— O que está fazendo aqui? — Minha pergunta funciona mais como um sussurro.

— Você tem medo de tempestades. Pensei que talvez... — O orgulho. O orgulho manipula e dói. Não é preciso ver seu rosto quando sua voz expõe muito mais do que ele quer. — Posso me deitar com você?

Afirmo com a cabeça sem reação pela pergunta, e pela presença que eu não esperava. Daemon se deita ao meu lado, de costas para ele, e sinto o colchão afundar com seu corpo pesado. Reticências à parte, tudo o que ele fez quase some da minha mente ao sentir o cheiro de seu corpo.

— Quando eu era pequena, tinha medo de tempestades.

— E agora? — Sinto o hálito quente em meu pescoço, assim como a pele tão quente quanto.

— E agora acho que cresci — murmuro baixo. — Acho que... perdi esse medo.

É nítido a dualidade em suas escolhas e achismos. Daemon está preso em uma parcialidade que não pretende compartilhar comigo, mas, pela primeira vez, acho que isso não é algo que eu possa ajudá-lo. Eu viro o rosto quando sinto seus lábios na altura

de minha orelha. Meu corpo sempre reagiu à sua presença, ainda mais agora, por tanto tempo afastados. A boca dele procura a minha, e a minha procura a dele. É inevitável não procurar seus fios na nuca com meus dedos. A mão de Daemon arrasta-se até minha cintura, no limiar da barriga. O gosto de uísque e cigarro está presente, causando-me um misto de saudade e desejo. O beijo pesa mil toneladas e, ainda que ele não me peça a língua, causa-me falta de ar.

Sua testa encosta na minha e eu sinto minha bochecha molhar.

Ele chora.

— Eu realmente estou no inferno agora — grunhe, entredentes. Quase sussurrando.

Meus dedos se sobrepõem aos seus em minha cintura, arrastando sua mão, que quase tem o dobro de tamanho da minha, para a parte circunferencial mais baixa de minha barriga, enquanto nosso filho parece sentir a paternidade que o aguarda e responde ao primeiro contato que tem com o pai. A mão de Daemon treme.

— Mas só você pode sair dele — murmuro.

Ele arrasta o rosto pelo meu, em uma caricia de desespero.

— E o que acontece se eu não conseguir?

— O amanhã, a Deus pertence, e hoje, ao menos, poderemos dormir juntos, nós três. — Não há respostas, não há expectativas. Apenas três corações.

Sua mão para de tremer e consigo finalmente cair em inconsciência noturna.

Este foi o melhor sono que tive em meses.



DAEMON DEMARCO

O conselho está a postos à mesa, irradiando a seriedade contínua enquanto ninguém tem coragem de falar, até que Luizio toma a voz com um papel em mãos.

Benito está na Calábria e não pôde comparecer, mas Mattia está ao meu lado, como minha mão direita, *desde o princípio.*

— Levando em conta que o sucessor nasce em dezembro, decidimos marcar um compromisso público com a iniciação dele na Cosa Nostra. — Ele puxa o papel em frente aos olhos e então o estica até mim. — Em dezembro de dois mil e trinta e um, quando o menino completar seus sete anos, Benito e Mattia levarão a senhora da Cosa Nostra para o quarto branco, no qual ocorrerá a primeira etapa da iniciação do próximo *Capo,* que restabelecerá os domínios da *Omertà* pelos próximos anos.

— Eu contesto. — Minha resposta não é postergada nem um minuto sequer.

— Foram dezesseis votos contra um. Emiliano votou contra. O *Capo,* o Sottocapo e *Consigliere* não têm o direito de voto nesta mesa, em se tratando da iniciação, e, como sabe, regras são regras. E sabe o que acontece com quem não segue as regras.

Para contorná-las, eu teria que matar cada um a favor.

E se eu matá-los, será minha cabeça no podium de todos os soldados, *Caporegimes* e *decinas* pela manhã. Eu serei o prêmio, mas não é justo que Jezebel também seja.

Com o papel na mão, não me deixo permanecer. Minha cabeça vai explodir.

Eu não vou permitir que ninguém encoste em Jezebel.

A *Omertà* é minha vida, o propósito pelo qual nasci.

Esta é uma balança para dois, na qual não pode haver desníveis.

Eu sei que, em todas as escolhas radicais, alguém sairá perdendo.

Então se eu tiver de escolher entre um filho e Jezebel, *sempre será ela.*

E se eu precisar destruir alguém, não será a minha esposa.

Talvez a certidão de nascimento do herdeiro da Cosa Nostra, seja a certidão de óbito, na verdade.

Ela é a minha escolha.

Sempre será.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 81

Véspera de Natal

JEZEBEL CONSTANTINI

Essa é a oitava contração hoje.

A barriga endurece de uma forma que é completamente impossível ficar de cócoras.

É um alarme falso, *contrações de treinamento*.

A respiração ofertada de minha boca é controlada.

Daemon nunca mais foi até meu quarto depois daquela noite. Ele se manteve distante e eu respeitei seu momento. Confiei na palavra de Mattia, que me alertou ao dizer que ele precisava de um momento, e é exatamente nisso que estou acreditando, com baixas esperanças, para não ter que lidar com a frustração de criar esta criança sozinha, embora tão perto do próprio pai.

Estamos na última confraternização filantrópica do ano organizada por Maurice.

Alessandro está à frente e, ainda que a amizade deles nunca tenha sido tão conjunta como é com Daemon, é estranho vê-los convivendo em harmonia e concordando com tudo. A face rebelde do outro lado de meu marido entendeu sua importância e, ao que parece, está disposta a somar, não a subtrair, em um poder que

não deve ser dividido, mas apenas escalonado para alcançar o que sempre quiseram.

— É estranho ver você assim... como cabe uma criança aí dentro? — o Conselheiro pergunta. É genuína a forma com a qual se porta diante de uma peculiaridade que talvez nunca tenha acompanhado de perto. Assemelha-se a ver Mattia como um menino.

— Acho que você sabe como — respondo, beliscando um pedaço de queijo brie com geleia de damasco.

Nós dois encaramos Alessandro de longe, refletindo sobre como poderá ser o futuro daqui para frente, mas este não pertence a nós.

— E Daemon?

— Tenho visto mais Alessandro do que Daemon. — Encaro meus pés inchados na sandália sem qualquer salto. Os joelhos acompanham no mesmo ritmo que os pés e nada do que eu faça ameniza-o, ainda que eu os ponha para cima e Marta, com suas mãos mágicas, auxilie em massagens. — Estou fazendo como você disse, *dando um tempo a ele*. — Aperto os olhos quando a barriga mais uma vez endurece e eu sinto uma pontada ignorante de dor em minhas costas.

— Jezebel. — Mattia está em um estado constante de alerta.

— Contrações de treinamento. — Sorrio tão falso que até mesmo eu acredito. Não vou criar falso alarde, tive tais dores desde o início da gestação e, de acordo com a médica, a criança cresce saudável, e ainda sem nome.

Marta, extremamente melindrosa, estava cuidando de mim como nunca alguém havia feito. A todo momento, auxiliou-me a andar, já que meu corpo não aparta mais o tamanho de minha barriga.

A confraternização não foi até tão tarde. Após a meia-noite, será Natal e, como acreditei que seria, passarei as primeiras horas

dormindo. Bom, não posso afirmar, já que a dor latente, que irradia pelas minhas costas e ventre vem aumentando.

Eu tenho medo de quando este filho nascer.

Não sei o que será de mim, de Daemon ou de nós; se é que ainda existe *nós*.

Chegando à mansão, Mattia se despede formalmente e vai para o chalé. O ar frio e o jardim, agora morto, dando uma paisagem fúnebre para a mansão, faz-me falta. Às vezes, sinto vontade de pedir que sejam repostas lá, mas não serão as mesmas rosas, não serão os mesmos cuidados, *não será a mesma coisa*.

Marta vai para seu quarto, depois de se certificar de que não espero nada mais dela. Sinto-me um pouco mal, às vezes, por vê-la se dobrar em muitas para atender não só às necessidades da casa, como às minhas no fim da gestação.

Encaro Alessandro à porta de seu quarto enquanto fito seus ombros largos.

— Não me olhe dessa forma, *coisinha*. Daemon não te tocaria, mesmo que ele voltasse nas primeiras horas pela manhã. — Ele abre a porta, entrando em seu quarto. A curiosidade subjacente à falta de informação me manipula a perguntá-lo.

— Alessandro? — Seu rosto está na brecha da porta. — Você consegue saber o que Daemon pensa? — questiono, vendo-o arquear as sobrancelhas.

— Depende. — Seu sorriso irônico se estica. Sua resposta é afirmativa, mas entendo que ele queira medir o que pode me passar.

— O que ele... pensa sobre o bebê?

Estou tomada de ansiedade e expectativa.

— Entenda que, mesmo não gostando de você, acatarei, em conjunto a ele, a escolha que *ele* desejar. — Passa a língua nos dentes e termina antes de fechar a porta. — Respondendo à sua pergunta: *acredite em mim, você não ia querer saber.*

Expectativa é realmente algo muito pessoal. Mas, em se tratando de Alessandro, minhas dúvidas se estabelecem, pois, mesmo sabendo que ele responde lealmente a Daemon agora, ainda busca o caos quando só quero a paz.

Deito-me na cama, com a cabeça sobre o travesseiro. Não há chuva lá fora e, pela primeira vez, desejo os raios da tempestade, pois estes, sim, falariam menos que meus pensamentos.

A noite roda adentro e, ainda que eu esteja cansada, *não consigo dormir.*

Meus olhos se fecham, mas uma cólica chega tão forte que eu sinto a urina vazar por entre as pernas, molhando toda a cama. Ao me levantar e ir em direção ao banheiro, entendo que, na verdade, o que achei que pudesse ser urina é a minha bolsa estourando, que deixa não só um rastro de água, mas uma poça no chão.

Meu filho não pode nascer agora.

As contrações ainda estão espaçadas e, para tentar apaziguar a pressão na lombar, tomo um banho quente, deixando que a água escorra por minhas costas por pelo menos uma hora. *E realmente funciona*. Não é um alívio incrível, mas ajuda. Cedo pela manhã , manifestarei a notícia, mesmo que eu tenha medo das consequências que essa criança trará ao vir ao mundo. Não há sono, e eu finalmente me deito, na tentativa de me acalmar, porém o som de algo explodindo no jardim, com o de um motor de carro, faz com que eu quase pule da cama; assim o faria, se o peso no ventre fosse menor. Existem tantas possibilidades em um contexto certo, mas, pelo som múltiplo e limpo que vem de lá, não acho que seja engano, é o prelúdio da necessidade de me proteger seja lá do quê.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 82

Um alento no escuro

MATTIA SANTINO

O som que vem do lado de fora é tão alto que mata qualquer sono que esteja pesando meus olhos. O coração martela e a primeira coisa que faço é procurar a arma embaixo do travesseiro. Mas não é difícil descobrir o que está acontecendo quando, ao afastar a cortina da janela, percebo que o barulho ensurdecedor que vinha de lá de baixo era, na verdade, o portão de entrada da mansão sendo destruído pelos fundos, quando um carro o invade sem qualquer cuidado.

Que é uma invasão, é um fato.

Mas a grande questão é: *quem seria louco o suficiente para vir até aqui?*

Os tiros cruzam a janela de forma ininterrupta. Os soldados da Cosa Nostra, em menor número, não estão dando conta do que deveriam e a minha maior preocupação é a casa principal: *Daemon e Jezebel*. Não é como se o *Capo* fosse leigo, mas com a esposa grávida, sua locomoção fica afetada e ele acaba retardando mais do que deveria.

Corro pela cozinha, abaixado, e não há tempo para esperar qualquer coisa quando alguns homens atiram em direção ao quarto de Jezebel. *Como eles sabem que ela está lá?*

O desespero é fúnebre no meio da noite, o sereno não ajuda e a pressa em tomar as decisões rápidas só piora tudo. O desespero deve ser abominado, mas há um erro de cálculo quando, no dia anterior, Daemon acabou mandando alguns soldados, que vigiavam o exterior da mansão, para o centro da Calábria, solicitando uma varredura maior atrás de Alessandra.

Ao sair pela porta, um tiro cruza o antigo jardim, acertando meu peito. O sangue quente me impossibilita de sentir qualquer tipo de dor e, ainda que eu sentisse, seria necessário muito mais do que isso para me impedir.

Não é apenas um carro.

São dois carros, que invadiram não só o portão dos fundos, como também o da frente. Dependendo de quantos homens há na mansão, estamos fodidos, mas não cairemos antes de foder muitos deles também.

Ao me verem, atiram contra mim e, em uma destreza e senso de campo rápido, consigo acertar quatro dos que estão próximo ao portão de entrada, enquanto um acaba caindo com um tiro que vem do quarto de Jezebel.

Daemon ou Alessandro.

Ele vai precisar de ajuda. Enquanto outros soldados da *decina* da casa tentam proteger a retaguarda, corro até a porta da mansão para auxiliar o *Capo* na proteção de Jezebel, mas, ao segurar a maçaneta, sinto o puxão contra o colarinho da minha camisa, fazendo com que meu corpo seja derrubado com toda força e eu caia de costas no chão.

O mundo treme e minha vista faz o mesmo quando o foco de consciência cintila por um minuto pelo baque.

Minhas mãos estão vazias.

A droga da arma está distante e, quando volto a olhar para cima, um punho vindo em minha direção é tudo o que eu enxergo, antes de sentir o nariz queimar, como se tivessem injetado álcool em minhas narinas.

A primeira sensação é de novo de perder as forças por segundos, mas a minha queda pode significar a queda de outros.

É Leonel Martino, o filho de Dario Martino, o *Consigliere* da extinta ‘Ndrangheta.

Antes que outro soco cruze o ar, consigo chutar seu peito.

O arrependimento pelo desespero anterior poderia ter me custado a vida, se ele não fosse burro o suficiente para querer entrar em uma guerra corporal em vez de ter atirado em mim quando pôde.

— Filho de uma puta! — grito quando ele se aproxima. De pé, aguardo suas investidas, observando novamente o quarto de Jezebel receber um punhado de tiros. Eu jamais me perdoaria se deixasse que a vida levasse outra mulher que eu amo.

Correndo até o Conselheiro, eu o empurro ao chão pela cintura, acertando seu rosto e seu pescoço, mas sua força parcial consegue inverter as posições enquanto travamos uma batalha agressiva, arrastando-nos pelo chão úmido devido ao sereno.

A porta da frente se abre e o meu coração se aquieta quando Daemon surge por ela, com Jezebel sendo amparada por Marta logo atrás. Ao me ver, ele consegue acertar um tiro na perna de Leonel, mas pela quantidade de homens que tentam acertá-lo, ele direciona sua mira impecável, atingindo quatro dos cinco homens que vieram dentro do carro invasor pela entrada dos fundos.

O olhar de *Bel* arregala ao ver em minha blusa parte do sangue que deveria estar concentrado dentro de mim. Sua primeira reação é se soltar de Marta em um desespero difundido ao caos, mas as mãos ágeis de seu marido a detêm, impedindo que se exponha tanto, quando, na verdade, não está pondo apenas a si mesma em perigo, mas também seu filho, o herdeiro da Cosa Nostra.

— Mattia!!!! — ela grita.

A falta do anel de prata no dedo me mostra a imparcialidade em escolher quem usa sua mente agora, mas, pelo

olhar complacente e apreensivo, sei que é Daemon.

— Tira-a daqui, é mais importante — o *Capo* grita com Marta, após olhar para ela, que está com tanto medo que seus olhos transbordam em lágrimas. Em todos esses anos, ela nunca passou por algo assim. — Leve-a para o carro.

— Não, ajude ele! — Jezebel está quase sendo carregada por Marta contra sua vontade e, dessa vez, eu realmente preciso concordar com seu esposo.

Marta hesita.

— Tira-a daqui agora, droga! — encorajo-a e ela, apreensiva, continua a hesitar, mas finalmente pega Jezebel e tenta andar devagar, mesmo que não tenha tempo para isso.

Meu rosto dói, só não mais do que meu peito molhado por baixo da camisa.

Daemon mira em Leonel, que se põe de pé, mas quando tenta disparar a arma, *não há balas.* O *Consigliere* se levanta e, antes que possa deixar o *Capo* raciocinar, ele corre em sua direção, agarrando-o pela cintura e arrastando-o para dentro da casa pela porta aberta.

Ao procurar Jezebel, a porra de um pesadelo se estabelece. Uma mulher ruiva bloqueia a saída e, como se a esposa do *Capo* pudesse me ouvir perguntar, ela clama seu nome em uma denúncia aos céus.

— Charlotte? — questiona *Bel*. Marta tenta dar a volta, mas a arma na mão da mulher acerta-lhe a perna, desequilibrando não só ela, mas Jezebel também, levando as duas ao chão.

Ao tentar me levantar e buscar minha arma , ouço o som de tiros de dentro da casa e, pelos fatos ouvidos e vistos, sei que estou diante de uma delicada situação: salvar meu amigo e *Don*, ou salvar sua esposa e a mulher que eu amo.

Ainda que o dever seja pregado como algo muito maior do que o amor, neste momento o dever perde, pois é o amor que

resta quando tudo lhe é arrancado até as vísceras, e talvez agora eu entenda quando Daemon a escolheu em vez da própria causa.

Atiro novamente contra o último homem que sobrou vivo, mas não antes de ele acertar-me a coxa direita. A bala entra, mas sai do outro lado, fazendo com que eu perca a sustentação na perna.

Caio ao chão.

Charlotte mira sua arma em Jezebel e, em um ato impensado, minha mira é ultraje, mas prova-se digna quando consigo acertar a mão da mulher ruiva que ameaça o futuro da *Omertà*.

— Seu filho terá uma mãe, Jezebel. Mas não será você — ela murmura e atira novamente contra meu corpo. — Alessandra vai cuidar bem dele e eu vou levá-lo, nem que precise tirá-lo de você com as minhas próprias mãos.

Marta está perdida na dor do tiro e eu estou perdido na probabilidade de que eu possa perdê-la, pois eu *não posso* e me recuso a acreditar que esta seja uma opção.

Na tentativa de outro tiro, que possa tirar a vida de Charlotte dessa vez, o cartucho se prova vazio e o desespero, que eu não deveria sentir, faz-se mais do que presente.

— DAEMON! — O som de coisas se quebrando dentro da casa ainda é alto, portanto ele só pode estar vivo; *ele precisa estar.*

Charlotte se senta na barriga de Jezebel, que arfa pesado com o gesto. Marta tenta tirá-la de lá, mas um soco bem dado é capaz de fazer com que a governanta caia a poucos metros de distância.

Jezebel sufoca em uma agonia que me dói a alma. Tento me arrastar, mas não vai dar tempo.

Charlotte se move para falar algo em seu ouvido, mas, em uma inteligência irracional, a esposa do *Capo* ergue o tronco e

toma a orelha da ruiva em uma mordida que lhe arranca a pele e todo o lóbulo pelos dentes da ex-noviça.

— VAGABUNDA, DESGRAÇADA! — Busca acertar o rosto de Jezebel em cheio, e eu sei que preciso chegar lá, ainda que a dor esteja cortante. Ponho-me de pé aos poucos e, mesmo com a arma sem qualquer munição, acerto a mulher, jogando a pistola sobre sua cabeça. A distração é o suficiente para que a grávida embaixo dela consiga se virar de lado, saindo do agarre de Charlotte, e, na próxima oportunidade, enfiando o pé em sua barriga. Atirá-la ao longe, Jezebel se arrasta e me encara.

Estando ereto, sinto outro tiro cortar o ar e a região lateral da lombar queimar.

Não, não agora.

Meu corpo desaba, perdendo a força.

Queima, *queima pra um caralho.*

Logo atrás de Jezebel, um corpo descansa e, em sua mão, há uma arma.

— Jezebel! — Charlotte está se levantando, mas consigo sua atenção por míseros segundos e eu espero que isso seja suficiente. — A arma! A arma atrás de você!

Ela olha e a toma em mãos, hesitante. Consigo ver daqui que está tremendo.

Bel está com dor, seja a força que Charlotte tenha usado para se sentar sobre ela ou outra coisa, mas algo não está certo.

No momento que seus dedos tocam na arma, meu único pensamento é uma prece rogada aos céus, em um momento de fé que nunca presenciei na vida.

“*Que, por Deus, não ironicamente, Jezebel a use.*”

Apesar do treino, mas ainda sem qualquer experiência vivida, ela usa as duas mãos enquanto Charlotte está a menos de dois metros dela. Sem pensar duas vezes, em um desespero estampado em seu olhar, ela dispara muitas vezes consecutivas de

olhos fechados e rosto levemente virado para o lado até que o corpo da mulher ruiva caia ao chão, com seus míseros segundos restantes de vida.

Sempre foi sobre fé, porque eu jamais cogitei ver Jezebel cometendo o pior pecado de todos, que é mandar alguém ao inferno, e em se tratando de alguém tão pura, o Diabo vai receber essa oferenda de braços abertos, pois, diante de mim, não está mais a noviça, mas sim a esposa do *Capo*; a esposa de Daemon DeMarco.

Ela conseguiu.

Jezebel solta a arma assustada, engatinhando em minha direção.

A porta da entrada se abre em um estrondo e Leonel passa por ela, mas, antes que seu pé pouse no primeiro degrau do desnível para o jardim, uma bala atravessa sua cabeça, tirando-lhe qualquer pensamento possível de vitória.

Daemon está bem, Jezebel também está. Então eu também estou, *eu acho*.

Ela encara seu marido e vai até ele, rodeando-lhe a cintura em desespero, e não importa a que pé andaram as coisas nos últimos meses, Jezebel se sente aliviada. E talvez amor seja exatamente isso.

Ainda que eu a ame, fico feliz por eles.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 83

A fé de Alessa

MATTIA SANTINO

Em algum lugar do passado.

Hoje é o aniversário de Helena, aniversário de falecimento.

Não é algo a se comemorar, mas, depois de tudo o que vivi, sei que sua morte foi um livramento, já que tenho certeza de que não teria sangue frio o suficiente para vê-la passar pelo inferno ao qual a Cosa Nostra determina que todas as mulheres da Monarquia passem.

O analítico poder associativo do *Capo* não difere nas decisões que o Conselho toma, em uma regra infundada de que tudo que é destruído pode ser mais bem lapidado.

É como uma colheita: você amassa os copos até que eles virem vidro em pó para manipulá-los à sua maneira.

O anel de prata em meu dedo ainda está colado à queimadura da noite anterior. *Minha formatura* como um Homem de Honra.

Estou sozinho no tatame da área de treinamento da mansão, mas o som dos passos, de quem entra pelos fundos, determina que a solidão não será mais um presente.

O olhar duro condiz com a sua fama. Na porta de entrada, encarando-me da mesma forma com a qual meus inimigos têm o hábito de me encarar, está Alessandro Constantini, o futuro *Capo* da Cosa Nostra, filho do atual *Don*. A soberba acompanha o seu nome, mas seus feitos atestam totalmente a sua soberba. Em suas mãos, há sangue de tanta gente que mal sobra espaço para o dele próprio.

Na última, fui designado como seu soldado pelo Conselho, para me sentar na cadeira de *Consigliere* quando Alessandro tomar a cadeira de *Capo*.

O homem à minha frente é quase uma lenda para o mundo lá fora, visto que Adriano, por algum motivo bárbaro, esconde de todos que este homem é Alessandro, dando a ele o nome de Daemon DeMarco, aquele que assassina crianças se necessário, a estrela de ouro da *Omertà*, a promessa de nossa ascensão.

— Você é Mattia Santino? — pergunta enquanto me observa do primeiro dedo do pé, até o último fio de cabelo no alto da cabeça.

— Sim, Alessandro. Eu sou.

— Daemon. Ao lado de fora dos portões, você deve me chamar de Daemon — murmura em um tom de desafeto. — Acredito que o Conselho já tenha lhe dito sobre a omissão de meu nome para os demais que não compõem a nossa Monarquia.

— Aqui dentro, não é um segredo. Sei o que seguir. — Enfia suas mãos no bolso.

— Não será um soldado qualquer, será a minha mão direita, portanto comporte-se como tal. — É um esporro sem sentido, visto que, até então, tenho me exilado de qualquer tipo de desobediência. Depois de Lucca, fui o melhor soldado e me assusta saber que, por um erro não divulgado, o próprio companheiro e sua família morreu pelas mãos dele.

— Não lhe neguei lealdade — respondo, sem pestanejar ou descer o tom de voz.

— Você teve a bênção do *Capo*?

— Obviamente, apesar de ter sido escolhido por votos unânimes do Conselho. — Ele concorda com a cabeça e suspira, retirando as mãos do bolso e me dando as costas, mas, antes de sair, encara-me e diz:

— Pode ter sido escolhido pelo Conselho, mas deveria ir agora agradecer Alessa pela indicação. Não confio no Conselho, mas se minha mãe o escolheu, confiarei nela. — Ele se vai.

Se o filho do *Capo* confia na senhora da Cosa Nostra, por que eu não poderia confiar?

É, é exatamente isso que eu farei.

Alessa é uma mulher fechada, e ainda que a *Omertà* se aproveitasse do Vaticano para os negócios, sua fé sempre foi genuína. Ela, em sua torre de babel, dentro da própria casa, sempre procurava olhar para o lado de fora, a fim de ser como uma grande percursora das guerras internas dentro da Organização.

Seu chalé, ao lado do jardim, é um local sagrado, livros aos montes, uma oficina de pintura e um pequeno santuário católico, no qual ela procurava ditar suas preces contra o mal que seu marido costumava disseminar.

Não é um hábito agradecer, já que tudo dentro da Cosa Nostra funciona como uma obrigação. Marta está na biblioteca, cuidando de Alessandra, que tão pequena já demanda de tempo e atenção. Soldados fazem a segurança interna do lugar e não é um empecilho para que eu entre e tenha qualquer contato com ela, desde que seja respeitoso.

Sempre a vi de longe, mas nunca tive qualquer tipo de contato com ela, *até agora*.

Ao abrir a porta, ela está ajoelhada sobre um pequeno altar de Nossa Senhora, com um pano vermelho sobre a cabeça, encarando a imagem religiosa que parece realmente a encarar de volta. Algumas velas estão acesas, apesar de ser pouco mais de meio-dia.

Não a interrompo e, mesmo sabendo que eu estou aqui, Alessa não se permite interromper a própria prece.

Quando ela o faz, vira-se com um terno sorriso no rosto, tão digno dela e de mais ninguém, pois outra pessoa não resistiria a tudo que passou pelos próprios filhos.

— Mattia. — Ela sorri e não se aproxima. O respeito à esposa do *Capo* se denomina em não a tocar, visto que as iniciais de Adriano estão em sua carne. *Ela pertence a ele.*

— Alessa — cumprimento-a com um aceno de cabeça. — Já deve saber da notícia, falei com Alessan... hum... *Daemon*, hoje pela manhã.

— Claro que falou e, se está aqui, é porque sabe a motivação do Conselho — ela diz baixo, buscando uma das velas acesas e apagando cada uma delas.

— Bem, eu vim agradecer. — Ela sorri em resposta.

— E eu espero agradecê-lo daqui a alguns anos.

— E por que faria isso? — A esposa do *Capo* torna a arrumar toda sua mesa, suas imagens, cruzes, símbolos e almofadas sobre o pequeno sofá ao lado da parede, mantendo sempre uma distância segura, já que o soldado no canto do quarto está bem atento a qualquer proximidade. Não é minha intenção fazer com que qualquer falta de respeito seja vista.

— Você tem fé, Mattia? — Sua pergunta é, no mínimo, peculiar.

— Não acho que fé adiante de muita coisa em nosso mundo.

— Mas deveria achar. — Alessa aperta os olhos em um cinismo sadio. — Eu lhe escolhi para estar ao lado de Daemon por um propósito. Sei do que aconteceu com sua irmã, vejo a forma com que encara a iniciação e toda a Monarquia. Seus olhos não mentem. Sabia? — Do que raios ela está falando?

— Isso é um plano de salvação?

— Salvação neste nosso mundo já não serve de nada e se a última coisa que eu posso é amaldiçoá-los para, assim, resgatá-lo de algum modo, eu o faço. Minha fé será como um espinho na carne de meu filho e eu sei que ela irá doer até que ele acabe com tudo o que o destruiu e fez dele mesmo Alessandro.

— Mas é exatamente isso que a Monarquia prega. Um homem destruído constrói o indestrutível — reclamo, taciturno, tentando entender exatamente aonde Alessa quer chegar. — Sua fé se parece mais com um tipo de maldição.

— Não sei se foi Deus que o enviou, mas espero que você cumpra com o propósito do significado[8] de seu nome. — Seu sorriso brilha mais do que o sol lá fora.

— Não estou entendendo.

— Mas uma hora vai — murmura. — Se me dá licença, preciso terminar a minha oração. — Sua voz é alta, não porque é de um cotidiano seu, mas ela faz questão de que sua prece chegue até meus ouvidos: — Deus entregou o próprio filho para a salvação da humanidade, e eu amaldiçoo o meu filho para a salvação dele mesmo. — Suas mãos estão unidas com fervor e, após descer o tom, ela suspira e finalmente encerra. — *In nómine Patris, et Fílli, et Spíritus Sancti. Amen.*[9]

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 84

A grande traição

DAEMON DEMARCO

Eles tiveram a audácia.

Eles tiveram a coragem.

A ‘Ndrangheta não pode ter feito isso sozinha. Não mesmo.

— Que... — O corpo de Charlotte jaz no chão, afogado no próprio sangue fresco. Minha preocupação não é uma lástima. Ela deveria ter estado morta desde o momento que saiu de Pavia. Se é que eu deveria tê-la deixado viva para contar história.

— Não fui eu, nem Marta — Mattia exclama apertando os olhos, estirado no chão.

— Você está bem? — Seguro Jezebel pelo ombro e ela suspira profundamente.

— Sim... e você? — Ela está atônita, assustada. Não a julgo, também fiquei no mesmo estado quando tirei uma vida pela primeira vez. Sinto a dor na coxa, devido a uma facada bem localizada de Leonel, entretanto nada como um tiro em sua cabeça para vingar meu ferimento.

— Nada sério. — Seu olhar segue a minha mão, depois ela vai em direção a Mattia, correndo, e abraça-o pelo pescoço

enquanto tenta encontrar o furo da bala alojada em seu ombro.

Ele não me parece estar bem.

Mas ele precisa ficar.

— Precisamos sair daqui. Mattia precisa de um médico. Você consegue andar? — Ao me aproximar, tento ajudá-lo a ficar de pé, mas seu corpo está sem a força necessária. Ele está completamente lúcido. — Preciso ligar para Benito. Alguém deu a quantidade de homens na mansão. Como sabiam que Jezebel estava exatamente no quarto de hóspedes? — A desconfiança é um veneno.

— Acho que sim! — Ergo seu corpo e Marta se aproxima, amparando-o.

— Jezebel, vai para o carro, *agora*. — Aponto para o carro que invadiu a casa pela frente. Nós o usaremos para sair desse buraco inseguro. Da mesma forma como fomos invadidos agora, pode muito bem haver mais homens no meio do caminho.

Meu telefone vibra e eu atendo.

— Você está bem? Vivo? — Afobada, essa é a descrição da voz de Lucius.

— *DAEMON!* — Jezebel grita. — *Ele tem um tiro nas costas, está perdendo sangue.... droga, aperte aqui, Marta.* — Problemas infindáveis.

— Se está ouvindo a minha voz, sabe que sim! Fomos atacados. Marta tomou um tiro e Mattia... não está bem. Preciso que peça a Benito para que mande o máximo de *decinas* para cá. — Enfio o dedo sobre o corte na coxa e metade do meu dedo entra no ferimento. Dói, mas a dor que eu vou sentir, se continuar aqui, vai ser muito maior quando mais homens chegarem.

— Daemon, lembra-se do posto de comando no meio da floresta? Leve Jezebel e Marta para lá. As estradas estão cheias deles, ‘Ndrangheta e a *Legião* estão queimando toda a floresta ao longo da estrada. Benito está ocupado na Calábria. Doze estabelecimentos foram atacados simultaneamente. Já mandei

decinas para lá, e vou pessoalmente para aí. Acha que consegue esperar? — Minha vontade de praguejar é maior. Estamos fodidos mesmo que saiamos desse inferno com vida. O *pós-guerra* não vai ser fácil. Meu olhar passa pelo Conselheiro, lutando apenas para ficar em pé.

— Eu consigo chegar lá, mas honestamente? Não sei se Mattia consegue, preciso de um hospital.

— Mas que merda! — Lucius entende a gravidade da situação e sabe que alguém vai sair perdendo disso tudo. — Deixe Marta e Jezebel lá. Há um bunker embaixo da madeira na sala. Vá com Mattia de carro pela estrada, mas... por Deus, se protejam.

A situação não é famigerada. A calamidade que nos chicoteia nos tira a possibilidade de vitória imediata. Estamos perdendo e, se eu não tomar as rédeas agora, não o farei mais tarde.

— Lucius.

— Estou ouvindo — responde.

— Pegue todos os documentos da caixa sobre a Santa Inquisição, exponha os nomes, exponha essa merda toda. Divulgue todas as denúncias de pedofilia e abusos dentro do centro eclesiástico da Itália, aqueles que Czar nunca deu ouvidos. — Sei que não há volta, mas esse será o gosto amargo que a *Legião* experimentará. Não usarei força, mas a sabedoria de matar a cobra com o próprio veneno.

— Você entende o que isso significa?

Rio, enfraquecido.

— Deixe que o mundo os julgue, e então a Igreja entenderá que a voz do povo é tão grande quanto a voz de Deus.

— Certo. — Ele desliga.

Corro até Mattia, averiguando a camisa na parte de trás, que está completamente ensanguentada. *Isso é a porra de um problema gigantesco.*

— Jezebel, leve-o até o carro. Vamos sair agora. Vou buscar arma e munições. — Ela atende ao pedido.

O chalé está aberto. Correndo até o quarto nos fundos, encontro o quarto cheio de armas, um enorme arsenal que sequer foi usado, porque não premeditamos algo como deveríamos.

Meu telefone toca e eu não quero atender, mas não tenho escolhas. Eu devo estar a par de tudo, notícias boas ou ruins. O mundo está caindo à nossa volta e, em breve, retornará a cair sobre a nossa cabeça. Tenho minhas dúvidas se será possível nos reerguer depois disso, mas não me compete pensar no futuro agora, se o presente está a ponto de ser perdido.

Meu telefone continua a tocar e atendo no automático.

— Alessandro?

— Saliu? — pergunto.

— Ah, estou ligando em um mau momento? — Reviro os olhos e não tenho tempo de explicar a ela que a porra da Igreja Católica está tentando me enterrar a qualquer custo.

— Depende do motivo da sua ligação. — Ponho a alça do fuzil pesado no pescoço. Eu poderia levar uma arma de calibre leve, mas se for para tirar a vida de alguém, seja com a certeza de que ela não vai se levantar do chão para tentar revidar depois.

— Está sentado?

— Não tenho tido muito tempo para isso. — Pego grandes quantidade de balas nas caixas, enfiando-as no bolso, e aproveito para pegar um revólver trinta e oito, colocando-o dentro da calça. — Se apresse.

— Eu descobri de onde foi que aquele número ligou para os veículos de informação para repassar suas informações. Consegui também com a justiça a localização dos últimos números para onde ligaram e bom... sete ligações para o Vaticano no último mês e, durante a última ligação dessa noite, consegui a origem da localidade.

— Me mande a localização em latitude e longitude, que eu vou passar para as *decinas* e os *Caporegimes*. Vamos acabar com essa merda.

Saliu suspira.

— Você não precisa. — Meu corpo se arrepia com o tom de voz dela. — A localização está na sua mansão. A última ligação foi feita há seis horas. Foram exatamente nove segundos de ligação, mas consegui pegar o sinal nas laterais do muro da mansão. — Minha respiração some e o meu silêncio é engolido pelo interior do chalé. — *Daemon? Daemon?*

— Continue. — Aproximo-me da janela, encarando Jezebel, que já põe Mattia sentado dentro do carro. *Ele* esteve dormindo no chalé todo esse tempo; também poderia ser Marta, entretanto ela está agachada, apalpando o chão como uma imbecil, na tentativa de pegar os óculos que estão bem diante de seus pés. Não teria qualquer sabedoria para fazer algo assim, *tomou um tiro na perna*.

Mattia, por outro lado... por que ele faria algo assim? *Ele sabia que eu estava no Vaticano naquele dia*, mas por que teria sido alvejado pela ‘Ndrangheta? E se somente fornecesse informações para a *Legião*?

— Consegui interceptar algumas mensagens também — murmura. — E, bom, sinto muito, mas a maioria foram enviadas para o nome de alguém chamado... *Mattia*. — Meu telefone cai no chão.

Lidei a vida inteira com traidores e suas diversas perspectivas: aqueles que traíram por dinheiro para alimentarem-se, aqueles que traíram por luxo e aqueles que traíram por ganância, mas por qual motivo Mattia poderia me trair?

A traição nunca me doeu até *agora*.

Merda.

Estava aqui.

Bem diante de mim.

Eu dei a Mattia a autonomia para se tornar o *Capo*.

Eu morreria e então ele ficaria com Jezebel, já que somente um *Capo* pode tomar uma *senhora marcada por outro Capo*.

Foi tudo esquematizado.

O ódio me guia.

Está aqui, em algum lugar. Começo a vasculhar a casa, em todos os lugares, abaixo da cama, da mesa, dentro das almofadas, agora rasgadas, embaixo do sofá, lanço as gavetas da cozinha longe, à medida que eu as esvazio, mas o som do quadro caindo chama minha atenção, quando, na verdade, não foi apenas um objeto que caiu.

Encaro o pequeno ponto preto no tapete claro, *um celular.*

Modelo antigo e pixelado, parecendo ser velho, com bastante uso. A tela pisca quebrada, mas ainda é possível acessar facilmente as mensagens.

“Certo, Mattia. Eles chegarão à noite.”

É real.

Essa merda é real.

Taco o telefone no chão, tomado pela irracionalidade, invadido pelo ódio de ter sido feito de imbecil pelo único homem a quem chamei de amigo e confiei, como se fosse a porra de um irmão.

Os sentimentos de rancor e repulsa me levam até o carro em um desespero túrgido de acabar com a vida de Mattia. Abro a porta e sua primeira reação é estranhar meu rosto vermelho e quente, mas ele não tem tempo de pensar quando agarro seu colarinho. Arrasto-o para fora do carro e jogo seu corpo no chão.

— DESGRAÇADO! — grunho entredentes, e assim que ele ameaça a se levantar, o punho da arma encontra o seu rosto, levando-o de volta ao chão.

— O QUE DEU EM VOCÊ, DAEMON? — grita, ainda de olhos fechados, deitado com a mão no rosto.

Puxando o fuzil para a mira, com a merda do dedo no gatilho, sinto alguém puxar a corda em meu pescoço, desequilibrando-me.

— Daemon, para! O que você está fazendo! — Jezebel segura minha mão, como se realmente pudesse parar. Ela não será capaz de defendê-lo quando souber.

— Me solta. Entra para o carro agora!

— O que você está tentando fazer? Vai matá-lo! — Um caos. É isso que está acontecendo agora.

— Deixe de ser burra e ingênua. FOI ELE O TEMPO TODO, FOI MATTIA O TEMPO INTEIRO PASSANDO INFORMAÇÕES NOSSAS PARA LEGIÃO. — Seus olhos se arregalam e meus olhos voltam para a mira do fuzil, mas os olhos azuis de minha esposa estão agora no cano da arma. *Ela chora.*

— Que merda você está dizendo? Eu fui leal a você a vida toda. — Mattia tosse, tentando sentar, mas o ferimento em sua lombar não permite que o faça muito bem.

— Você não pode... *matá-lo* — ela murmura. — Ele...

Solto a arma e agarro seu rosto com as duas mãos.

— Eu o proclamei em minha sucessão, caso eu morresse. Ele ficaria não só com a minha cadeira, mas com a minha mulher, *com essa criança, Jezebel.* — Seus olhos se arregalam. — Como acha que a *Legião* sabia sobre o nosso paradeiro no dia que encontramos a caixa? No dia que eu saí daqui, ele ligou avisando que eu estava a caminho. *Por favor, não seja ingênua. Não agora.*

— Ele poderia ter pegado a caixa se quisesse, isso não faz sentido! — ela grita também.

— Eu achei a porra do telefone, estava lá, atrás do quadro de Alessa. Todas as mensagens. — Puxo a arma de volta em punho. — Saia da frente, *AGORA!*

— Daemon, você não sabe o que está fazendo... — Mattia murmura, na tentativa de obter sua inocência, mas nem mesmo que o próprio Diabo anteceda por ele, hei de atendê-lo.

— Eu não vou deixar... — Jezebel tenta mais uma vez, mas agarro-a pela cintura, depois de jogar o fuzil longe, e jogo-a dentro do carro, fechando a porta. A chave que descansava na ignição agora está em minha mão. Tranco o carro, para que ela não tenha qualquer chance de me impedir. — PARA, PARA, PARA! — grita atrás do vidro. Tomo, em seguida, a arma de fogo em minhas mãos.

Meu peito dói, e meus olhos ardem, *molhados.*

— Seja lá o que tenham falado para você, é mentira, porra! — ele grita, e é claro que vai fazê-lo. É natural defender a própria vida. Nascemos para viver.

— Eu te considerava muito mais do que um Conselheiro, Mattia. Você era MEU AMIGO, MERDA!

A face de confusão em seu rosto é só uma máscara. Ele não tem qualquer arma para se defender agora, o vitimismo é o máximo que ele pode fazer. Somos apenas eu e ele.

— Daemon, me escuta...

— CALA A BOCA!

Ele tenta gritar ainda mais alto.

— EU AINDA SOU A PORRA DA SUA MÃO DIREITA. — E foi exatamente assim queo nomeei no passado, e esse era o meu desejo para o futuro. *Eu teria salvado sua irmã, eu teria feito por ela o mesmo que tentei fazer por Alessandra.*

— Então, a partir de hoje lavo as minhas mãos. — Sua cabeça está sobre minha mira. Jezebel grita atrás de mim, de dentro do carro.

— Por favor...me escuta... — sussurra, desesperançoso.

É só apertar o gatilho.

É só apertar a porra do gatilho.

É só apertar, Daemon. Vamos lá!

Eu jurei tantas coisas a ele. A confiança depositada no homem ao chão fere o meu orgulho e prova que, mais uma vez,

assim como deixei que Jezebel saísse com vida de Pavia um dia, também me firo internamente, impedindo que tudo o que depositei em Mattia faça com que meu dedo seja incapaz de pesar contra o gatilho.

Eu não posso. Sua morte não será pelas minhas mãos.

— Sua morte será pelas suas consequências. — Afasto-me dele, indo em direção ao carro. — Eu poderia matá-lo agora. Mas... seria honrado demais morrer pelas mãos de seu *Capo*. Você vai morrer, sozinho. *Sem ela*.

Sem olhar para trás, abro a porta do carro, enquanto minha esposa, em uma tristeza compulsiva que a faz gritar coisas sem nexo, desfaz-se em lágrimas, não por apenas eu quase ter matado o homem em que confiei por toda a vida, mas também pela nefasta ideia de que ele tenha traído, de alguma forma, ela também.

— Daemon, o que você fez?! — Antes de ligar o carro e ir embora, esta é a última coisa que ouço dele.

Não estou deixando apenas meu *Consigliere* para trás.

Estou deixando um amigo.

Minha família.

Um pequeno pedaço coerente de mim também.

Como se eu tivesse perdido uma pequena porcentagem do meu coração.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 85

Noite de Natal

JEZEBEL CONSTANTINI

Sou uma mistura de dor e devastação, dobrada para obedecer, quando eu jamais posso aceitar que o homem que não só Daemon confiou, na realidade, foi o que trouxe a desgraça para debaixo do nosso teto. É difícil entender os termos que o levaram para esse caminho, ainda que o encaixe dos fatos esteja embolado demais para assimilar.

Por que Mattia faria uma coisa dessas?

A fome por poder é algo que nunca vou entender. Famílias se desfazem, filhos perdem seus pais e pais perdem os seus filhos. A corrupção interna é um alavanque para a autodestruição, mas me questiono até onde conseguimos reproduzir esse *modus operandi* a um ponto em que é possível regredir.

O regresso pode ser feito, mas as marcas da tragédia sempre estarão em seu solo.

O círculo se fecha e Mattia fica para trás. As lágrimas em meu rosto são uma mistura de desespero e dor, a cada contração que aperta.

Eu preciso dizer sobre as contrações, mas e meu futuro? Será decidido em prol de uma Organização monárquica, que só

visa extrair de mim os lucros para benefícios futuros? Eu não quero fazer parte da seleção deste gado, tampouco permitir que meu filho passe pelo mesmo. Se Daemon não for capaz de quebrar esse ciclo, eu o quebrarei à força.

Marta desce do carro e ouço Daemon ampará-la até a porta do chalé. Ela está andando mancando, mas ainda está em uma posição melhor do que a que me encontro.

A porta está aberta e a noite serena não se dissipa. A luz alaranjada para dentro da mata florestal mostra o fogo que consome tudo no horizonte. A fumaça se camufla no chão. A falta de árvores em volta do chalé, que funciona como um ponto de apoio das *decinas,* faz com que o local não corra perigo de ser queimado. Certamente, ficaremos bem.

Daemon retorna e, ao tentar me auxiliar a deixar o carro, eu puxo meu braço, desvencilhando-me de seu aperto.

— Eu te salvei, Jezebel. Ainda acha que eu fui o errado? Ele traiu a gente! — A razão está estampada em sua face, mas eu não concordo com nada do que ele fala.

— Você ia matá-lo. — Uma traição não diz nada, pondo em regra a vida ou a morte de alguém. Não somos ninguém para escolher esse feito.

— Poque foi graças a ele que quase morremos, que Charlotte quase matou você.

— É nisso que acredita? — questiono. Outra pontada que aperta em uma dor lacerante na pelve, fazendo com que eu pressione os joelhos para o lado de dentro e me concentre em não transparecer a dor.

— Eu não estou acreditando nisso, você realmente acredita na inocência dele?

— Mattia agiu de forma que merece muito mais a minha confiança do que você. — Agora, ele realmente é ofendido e sua expressão se nega a acreditar veementemente que acabei de proclamar um traidor alguém mais digno de confiança do que ele, que é meu marido.

— Você preferia ter morrido e ido para o inferno, então? — A indagação é uma arma de cinismo de Daemon, quando ele tem a resposta, mas procura sempre fazer um conflito em minha mente.

— Não é você quem diz que o inferno é aqui e você que o governa? A única coisa que você conseguiu, ao tentar matar Mattia, é provar que sempre esteve certo. Está tão desesperado para pôr a culpa em alguém, que escolheu o único que sempre intercedeu por você. Eu já disse uma vez e repito, fechei os portões do inferno e não entrarei nele com você. — Não quero ter que discutir isso, pois, mesmo que haja evidências de que Mattia realmente o fez, ele não deveria ter sido abandonado lá.

— Sempre governei um mundo em que você estava ausente — ele diz quando já estou de costas, e eu paro.

— E agora eu estou aqui, Daemon. O que pretende fazer? — Meu marido se aquieta. — Nunca estive aqui por poder, nunca estive aqui por dever ou promessa, foi sempre por você, de forma natural e genuína, quando você é incapaz de dizer até o que sente, a não ser se for sobre o quão devoto é a Cosa Nostra, e quem me dera se você pudesse me ver como vê a Monarquia.

Viro-me e ele alcança meu braço com seus dedos, impedindo que eu vá embora.

— Eu nunca poderia compará-la a monarquia ou a Cosa Nostra, pois é justamente a ela que estou destruindo por você e, mesmo que Monarquias não existam em alguns anos, eu ainda espero que você possa fazer uma nova prece, *noviça*.

— Você proclamou o meu filho como propriedade da Cosa Nostra. Quando fala que está quase destruindo-a por mim, está dizendo que vai levá-lo junto e, se o levar, acredite, *Don Constantini,* eu também estarei debaixo desses mesmos escombros. Se essa é a sua forma de dizer que me ama, sinto muito, você não pode me amar em partes, pois eu e esta criança somos um só. Então decida se seremos uma trindade ou um trono partido ao meio — digo, e ele não tem o que responder. Seu olhar faz minha alma doer, mas não há palavras bonitas ou didáticas que possam fazer com que ele aprenda. E talvez nem mesmo

expondo a carne e enfiando sob ela uma lâmina, Daemon entenderá que nem tudo pode ser julgado ou decidido por ele. O ciclo natural não faz parte do governo siciliano, e eu me tornarei independente dele, se necessário.

Ao entrarmos, o lugar é como o chalé de Alessa, mas com dois quartos a mais. Marta entra, já fechando todas as janelas para que a fumaça pesada não invada a casa. Ela avisa que vai tomar um banho e fecha a porta do banheiro.

— Vou lavar o ferimento e nós vamos descer. — Daemon passa por mim e eu o encaro até que ele adentre o quarto dos fundos, procurando pelo banheiro pequeno, mas que ainda tem alguma corrente de água disponível na torneira da pia.

— Descer?

— Um bunker. As estradas estão cheias e a *Legião* está procurando por nós. Eles querem a caixa, Alessandra também a quer... — ele suspira — e, provavelmente, esse filho também.

— *Nosso* filho — reitero. Ele retira o terno branco, põe-no sobre a cama e vai ao banheiro, ignorando minha correção.

Minha barriga endurece e uma nova contração surge tão forte que minhas vistas escurecem.

Está chegando a hora.

Quarenta semanas.

Ela se prolonga por tempo demais, quando sinto o quadril latejar em uma sensação pulsante até a pelve. É como uma cólica menstrual cem vezes pior, que vai me levar à morte.

Puxo o paletó de Daemon, a fim de me deitar sobre a cama macia, detendo-me para respirar, em um descontrole que mistura ansiedade e nervosismo.

Eu não posso parir agora.

Um papel se mostra no bolso do paletó. Intacto, como se me convidasse a abri-lo. Ao olhar para a porta do banheiro

encostada, sei que ele não vai sair tão cedo quando o barulho de água começa a cair, mostrando que acaba de começar o processo.

Pego o papel em mãos e... bom, não entendo muito de política, mas o brasão da família Constantini, logo embaixo do brasão da Cosa Nostra, mostra que não é algo apenas específico da Monarquia. Tem a ver com Daemon.

O que não entendo é o que meu nome está fazendo no topo da lista.

A leitura dinâmica para e eu torno a prestar atenção em cada linha.

O horror vem e eu simplesmente não consigo acreditar no que meus olhos veem. A maior traição não veio de Mattia, mas sim do homem que amo, que fez sua escolha em prol do que nasceu para fazer. Agora, diante de fatos comprovados em minhas mãos, quem precisa fazer a minha escolha *sou eu*.

E eu escolho a vida, o livre arbítrio, *o meu filho.*

Andando a passos leves, busco minha bolsa e tomo em mãos a arma que Mattia me deu, pois, como diz seu nome "*presente do senhor"*, não duvido que ele realmente seja, ainda que tenha seguido o caminho errado. Só que existe algum ponto solto nesta informação. Eu sei. *O meu Mattia jamais faria algo assim.*

A porta do lado de fora, antes apenas encostada, é aberta sem qualquer barulho. Em meio às contrações que me tiram do rumo, corro para dentro da floresta, em um desespero ímpar, entendendo que não será a minha coerência que salvará a minha vida hoje, mas sim a força que tenho em minhas pernas.

Eu preciso de ajuda.

Eu não vou conseguir ir muito longe sozinha.

As pausas durante a corrida são fundamentais para me recuperar do cansaço das contrações violentas, que só aumentam com o passar do tempo. Uma mistura de suor, fuligem e terra se juntam à minha pele quando me agacho de quatro no chão,

respirando fundo para não enlouquecer com a dor que quase me parte ao meio.

O som do fogo engolindo as árvores me assusta quando os troncos estouram e seus cascos se soltam. Algumas casas pequenas em meio à floresta estão fechadas, mas isso não me impede de tentar pedir ajuda.

Ao avistar uma, esmirrada, na qual um pequeno rosto se destaca na janela, entendo que talvez possa ser a esperança no fundo do poço. Aproximo-me da porta robusta, implorando.

— Por favor.... — O punho fechado, já sem força, arrasta-se cansado pela madeira. — Eu estou em trabalho de parto... por favor... — A fumaça é um pouco grossa, mas consigo ver a janela ser fechada e meu pedido não atendido, deixando-me aqui à mercê da noite escura, sem pena daqueles que peregrinam por ela.

Outra contração e, dessa vez, não tem uma posição para aliviar. Não há para onde fugir da dor, não há o que fazer para que ela diminuía ou acabe, a não ser pôr essa criança para fora.

Arrasto-me até a árvore mais próxima, agarrando-a com os braços e incontrolavelmente, de forma natural, fazendo força enquanto sinto os ossos do quadril quase abrindo em uma dor lacerante.

— AAAAAAAAAAHHHHHHHH! — A garganta arranha com a força do grito de dor. — São Geraldo Magela, me dê um bom parto... — A contração dá um alívio ao cessar e aproveito para me locomover, chegando a uma enorme fazenda que vira cinzas enquanto chamas a consomem como o fogo consome o álcool. Um rebanho de ovelhas assustadas se espalha pelo enorme lugar. O gramado não é tão alto a ponto de escondê-las. Sua lã brilha no escuro e eu posso vê-las. Outra contração chega e eu firmo os pés no chão, botando as mãos no joelho e sentindo uma ardência tão grande entre as pernas que eu poderia jurar que há alguém cortando-me ao meio. Ao pôr a mão entre elas constato meu maior desespero, a cabeça está passando pelo canal vaginal e eu estou a minutos de parir no meio do nada, sozinha, sem saber o que fazer, e pior; sem *saber para onde ir.*

O rebanho corre em minha direção e, em um reflexo de medo, eu atiro contra um dos animais, abrindo o caminho e livrando-me de ser derrubada por eles.

Uma das ovelhas está deitada no chão, e não há lugar melhor para me encostar do que ali.

— *JEZEBEL!* — O grito de meu nome é extenso, e pela potência da voz, não acho que ele esteja tão longe. *É Daemon.*

O vento lambe a plantação de trigo soprando o fogo e dando a ele novas plantações e árvores para se alimentar, exibindo a figura formosa de Daemon em seu terno branco, caminhando por entre as chamas em minha direção.

A minha perdição.

Eu não hesitarei. Não mais.

A arma em minha mão bambeia, mas ainda o tenho em minha mira, preparando-me para não surtar quando uma nova contração vem, eu aperto um dos olhos, trincando os dentes para passar por ela sem perder o controle ou a consciência do que acontece ao meu redor.

Ele se aproxima e eu não preciso do anel para saber que é Daemon, mas pela primeira vez, eu desejo que à minha frente fosse Alessandro e não ele.

— FIQUE BEM LONGE DE MIM! — Berro quando ele está a poucos metros. O vento novamente sopra, empurrando seu terno para trás, Daemon tinha tudo para estar em desespero depois do papel que vi, mas ele está *calmo.*

— O que está fazendo? Do que está fugindo? — questiona, e eu me pergunto se está se fazendo de desentendido ou usando da ironia, mas não encontro qualquer vestígio de que ele realmente esteja sendo.

— Você quebrou a sua promessa, Daemon — digo, respirando fundo enquanto tomo fôlego até a próxima contração.

— Eu estou justamente reforçando ela — mente, só pode ser uma mentira.

— Como? Marcando a data do dia que você vai me jogar naquele quarto branco e me fazer em pedaços diante do meu filho? — Ele arregala os olhos, surpreso. Não deveria estar. O papel ficou aberto sobre a cama e sei que ele é bom em deduções.

— Eu jamais deixaria. — Murmura.

— TINHA SUA ASSINATURA LÁ! — grito quando uma nova contração vem e eu aproveito a fala para enfezar todo ódio e dor física que me acomete. Abro as pernas, finalmente retirando a calcinha, pois não há para onde fugir. Eu vou parir no meio do nada, enquanto o fogo engole tudo à nossa volta, tendo o pai do meu filho em minha mira. — AHHHHHHHHHHHHH!

— Está nascendo. — Ele dá quatro passos e eu reforço a mira.

— Fique bem aí! Eu escolho o meu filho e se precisar atirar em você pra garantir que ele fique bem, eu o farei.

Não consigo raciocinar com clareza. Há coisas demais para me dedicar a ter atenção.

— Como pode amar alguém que pode te arruinar? — A contração se vai e ele torna a se aproximar, mas, desta vez, resta força em meu dedo para apertar o gatilho, embora a tremedeira faça com que eu acerte de raspão sua perna, rasgando a calça branca que já estava suja pelo sangue dele próprio, e talvez de Leonel também.

— Da mesma forma que eu amei você, Daemon.

— Amou? — questiona.

A contração volta com uma força muito maior do que em todas as outras. Sou obrigada a soltar a arma e espalmar as mãos sobre o chão, o desespero é alucinante.

— Deus, como doí... — murmuro apertando os olhos. Sinto duas mãos quentes em meus joelhos e, ao abrir os olhos, a ternura está no olhar de Daemon, bem diante de mim. Sua boca cruza o espaço entre nós e se espreme em minha testa, em um beijo cálido de conforto que não me fará esquecer nenhum de seus

feitos. Ele tira seu terno, e forra o chão bem no meio das minhas pernas, para amortecer e privar o bebê o máximo possível do contato externo.

— Precisa fazer força. Não há nenhum hospital por perto. A única coisa que eu posso fazer é estar do seu lado e te ajudar. — *Por que só agora?*

A pressão aumenta, meu cotovelo força contra a ovelha, que continua quieta atrás de mim. O céu salpicado de estrelas e o vento que sopra o trigo, ricocheteando contra o meu braço, faz um barulho de calmaria. Os animais se acomodam com o rosto no chão como se fizesse uma troca, oferecendo seu alento, enquanto vêem a natureza fazer seu trabalho em meu corpo.

Há quase dois anos, estávamos na sala de Felippo enquanto ele dizia que seria responsável por mim, e agora, estamos aqui, casados, parindo um filho à beira da autodestruição.

Um pouco mais de força.

Um pouco mais de resistência, e eu me sinto ser partida ao meio quando um alívio chega pela primeira vez, sabendo que as dores não retornarão mais. O corpo relaxa, um ato psicológico demais para resistir e não o fazer.

Meus olhos se entreabrem.

E Daemon está com o bebê no colo, envolto em seu paletó, seu cordão umbilical tem um pequeno nó na ponta, enquanto o restante da placenta está espalhado bem diante de mim.

— Daemon... — murmuro, *exausta*. — Me dê ele. — Meu marido se põe de pé. Com o olhar mórbido em uma paz que não lhe pertence. Não está aflito, mas está *triste*. — Daemon!

Tenho medo.

Então meu pesadelo se materializa quando ele me encara e diz:

— *Não*.

OceanofPDF.com



OITAVA TROMBETA

A VINDA DE CRISTO

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 86

Dia de Reis

DAEMON DEMARCO

Sou arremessado para o passado e, não importa quantas vezes eu tente correr dele, a sensação de que estou inapto a enfrentá-lo está sempre escancarada em meus atos e pensamentos.

Não interessa o quanto eu tenha tentado me abster da ideia de enxergar Alessandra naquele berço, a mesma sensação que tive antes, é a que tenho agora, naquele momento encarando minha irmã, mas nesse, encarando a janela da alma, o espelho do homem, *meu próprio filho.*

Seu rosto inchado e as bochechas vermelhas me trazem a lembrança de Jezebel. A falta de cabelo parece deixá-lo mais branco do que já é.

Você já fez isso muitas vezes.

Essa será apenas mais uma das várias vezes, Daemon.

Tire a vida da criança e Jezebel será poupada. Sem herdeiro, sem iniciação.

Adriano ficaria orgulhoso pelo viés de violência, mas ao estar matando talvez o único que possa se sentar em minha cadeira, seria um grande pesadelo.

Não posso.

Meu próprio filho.

Mas perco o raciocínio quando, ao direcionar meu olhar pelo vento que raspa a plantação de trigo até o chão, encontro Jezebel com a arma apontada sobre o próprio queixo.

— Para... — murmuro. Ela não pode fazer isso.

— Você sentiria a minha morte em dobro por não ter cumprido a própria promessa. — Ela está fraca, não só fisicamente, como psicologicamente, *sentimentalmente*.

— Espera, espera... — Ela levanta o queixo enquanto peço.

— Está fazendo com o próprio filho o mesmo que seu pai fez com você. Como uma iniciação perfeita, você levará a mãe e o filho. Ao invés de impedir que a monarquia cumpra as regras, será você mesmo o executor delas. Você terá cumprido seu papel e quebrado a sua tão genuína promessa, exercendo-a da forma errada. — A saliva seca, meus olhos ressecados, e ainda que eu queria a morte de meu próprio filho em prol de um sacrifício errado, mas necessário, eu o protejo das fuligens externas que voam da fazenda que pega fogo logo ao nosso redor.

— Eu não queria nada disso. Eu nunca quis.

— Você sempre teve escolha e, até hoje, continua escolhendo Adriano. Está no seu inconsciente, você o faz nos mínimos detalhes. — Ela tosse, cuspindo no chão. Seu rosto está suando. — Ele não está mais aqui. Existe um livre arbítrio para se escolher, você mesmo disse isso. Hoje não há ninguém impondo que você decida quem vive e quem morre, como uma vez houve. A escolha ainda é sua... — Aa voz dela embarga e a minha faz o mesmo.

Estamos no limite, na beira do precipício, e eu me pergunto se vale a pena me jogar ou não.

Uma bola entala em minha garganta e eu quero falar, mas não consigo, como se minha língua paralisasse no céu da boca. A criança torna a chorar em meu colo, seu primeiro choro após o

primeiro suspiro de vida fora do corpo de sua mãe, da mulher que escolhi para ser minha, e que embora externamente tenha sido por dever, em realidade tenha sido por amor desde o início.

— Eu... — O menino chora em meu colo, seu choro de agonia parece premeditar e ler meus pensamentos, implorando para que eu tenha piedade dele, que por sua vez não cometeu sequer uma traição para merecer a morte, pois sou eu quem estou traindo o meu dever de pai, optando por não dar a ele o livre arbítrio de viver entre nós ou não.

— Você não quer, Daemon. Eu vejo em seus olhos. Não está olhando apenas para o seu filho, está olhando para uma segunda chance, está olhando para o amor de Alessa quando ela pintava as rosas naquele quarto, está olhando para o amor de Alessandra quando ela escrevia as cartas esperando suas respostas, está olhando para a sua última esperança, porque se não a abraçar agora, você a perderá para sempre — Jezebel fala e zomba do destino, aquele cruel que sempre esteve à espreita, brincando com as idealizações morais que sempre tentei seguir. A primeira tentativa com Alessandra quase rompeu o véu coberto por Adriano, mas esta criança, em meus braços, tem o machado na mão para encerrar o ciclo inquebrável. — Não *mate* a sua esperança.

O bebê continua a chorar. Meus olhos ardem, não por causa do frio, não por causa da fumaça.

Perdi minha mãe e, por Deus... a espada no peito que nunca deixou com que o ferimento de sua ida sarasse me fez um homem duro, porque a todo momento eu tive a escolha, mas a coragem e o dever nunca andam juntos quando se visa ser um pilar para outro alguém, que não para si mesmo.

Sacrifiquei parte de meu coração para fazer a vontade dele. E onde estou?

— Ele está com frio... — Ao abrir o terno sobre a pele fina e tão jovem, experimentando as sensações perigosas as quais o mundo lhe impõe, seus braços enrugados procuram por alguma

coisa em que se agarrar, mas algo não está certo, porque a criança em meus braços não é um menino, e sim, uma *menina*.

Deus, o que eu estou fazendo com minha própria filha?

— Shhhhh... — murmuro enquanto seu choro me dilacera o peito e seus braços e mãos buscam o meu rosto em movimentos reflexivos, sem enxergar com nitidez o que há à sua frente. Ela me suja de sangue e vérnix, como se me mostrasse sua origem e que, talvez, se eu permitisse, poderia reconhecer-me como um cais, tornando o homem que um dia foi chamado de monstro, em um ponto de paz, quando cessa o choro e finalmente deita a cabeça sobre o meu peito.

Estou imerso no passado, recebendo a chance de fazer tudo diferente, como uma grande formatação dos traumas que só poderia se curar com um presente enviado por *ele*.

Muitas vezes acreditei que Alessandra deveria morrer, mas não tive coragem de mudar o meio em que ela vivia, para mudar exatamente o seu futuro, mas aqui, agora, há uma chance, e ela não depende de Jezebel, mas de mim.

A bola entalada por anos em minha garganta sai, e o choro copioso de um sentimento inerte transborda em uma explosão que leva meus joelhos ao chão quando sinto o calor da pequena fé depositada sobre os meus ombros, que possui um coração batendo e pulmões que ainda estão se adaptando ao mundo caótico à nossa volta. Tenho a capacidade de adequar tudo para que ela possa viver sem uma monarquia, sem regras, sem imposições, *com livre arbítrio*.

Minha cabeça tomba de lado, sobre sua mão tão pequena.

— Me perdoa... — sussurro, sentindo o rosto molhar-se em uma tristeza acumulada por duas décadas.

— Ele reconhece você — Jezebel murmura.

— *Ela* — corrijo-a.

Jezebel se aproxima devagar e eu faço o mesmo, mostrando a ela a criança que mal conheceu depois que trouxe ao mundo.

Ela também chora. E ao contrário de mim, ela chora de *alívio.*

Alessa tinha o costume de falar sobre a sua fé, expô-la em preces, mas a verdade é que a fé de minha mãe está bem diante de mim, possui um coração que ama e, mais do que isso, ama cada um dos meus pedaços, na esperança de que, mesmo com chances quase nulas, eles se juntem e formem um só, para que eu finalmente sirva a ela em uma bandeja de prata, como merece.

— O que mudou? — Seus braços seguem envoltos na nossa filha, que dorme serena.

— Eu não sou Alessandro Constantini, filho de Adriano Constantini. — Ela roça nossas testas suadas, enquanto, sorrateiramente, nossos narizes se tocam. — Eu sou Daemon DeMarco, filho de Alessa DeMarco.

A arma cai de seu punho e ela me abraça em lágrimas, como se minhas palavras fossem um ponto final para sua aflição e o fogo sobre o documento que a enfiava dentro do quarto branco, dando a mulher que amo em prol de uma monarquia fascista.

— Eu sempre soube. — Ela beija minha boca, forte, e eu entendo que esse gesto diz: *está tudo bem.* E sei que, agora, vai estar. — Por um momento eu achei que... eu realmente achei...

— Você não pertence a esse mundo, e o meu erro foi tentar encaixá-la onde você nunca coube. Você não merece isso. — Meus dedos raspam seu rosto em uma caricia terna.

— Eu sempre soube que havia alguém aí dentro, mas era preciso muito mais do que força para resgatá-lo, era preciso fé — diz.

Não importa quantos segredos a *Legião* tenha guardado durante todos esses anos, eu não sei se Ele venceu a morte ou não. Mas, certamente, a mulher à minha frente me resgatou do inferno, e eu faria de tudo para que ela pudesse não o conhecer novamente.

— Eu preciso tirar vocês daqui *agora!* — O fogo começa a se alastrar pelas árvores, tomando parte do trigo quando todos as ovelhas fogem. — Feliz Natal! — murmuro contra o seu rosto, esfregando minha bochecha a dela.

— Feliz Natal, *amor*... — sussurra.

Eu sei que fui o algoz da minha mãe, quando seus olhos serenos encontraram os meus e tomei seu último suspiro ao apertar o gatilho, em prol de uma causa que já nascera perdida, mas hoje serei o salvador de minha filha, e quando nossos olhos se encontrarem no futuro, eu terei certeza de que o seu primeiro suspiro foi minha absolvição perante os homens e talvez, perante a Deus.

Alessa me pediu que eu não perdesse a chance de abraçar o Diabo, e quando encarei minha imagem no espelho, soube que não poderia abraçar a mim mesmo. Hoje este espelho é estilhaçado, uma vez que reescrever a história da minha vida não é uma opção, mas uma obrigação.

— Vem... — Tiro os joelhos do chão, mas a perna queima quando o tiro ecoa e eu entendo exatamente onde ele procurou abrigo.

— Finalmente, *irmão*.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 87

Solucionando o passado

DAEMON DEMARCO

— Parece que eu cheguei em um ótimo momento para uma reunião familiar — Alessandra anuncia, os cabelos opacos estão ressecados debaixo da noite. Seu olhar túrgido e as olheiras evidentes não são as únicas a mostrar que ela não está bem. Sinto Jezebel encostar algo gelado em minhas costas e, ao pôr a mão para trás, sinto a arma em meus dedos. Eu a pego e trato de devolver a mesma mira que minha irmã destina a mim, do outro lado do campo de trigo. — É uma pena que você sempre tenha gostado de me manter de fora. Pretende excluir o pequenininho também? Sabemos que você não gosta de crianças.

Ponho-me na frente de Jezebel e a criança.

— Jogue essa arma fora, vamos conversar. — Minha voz imponente não faz qualquer diferença, ela sequer tem vontade, e suas pernas se arrastam em movimentos fracos, trazendo-a para mais próximo de mim.

— Tivemos muito tempo para conversar. Foram exatamente oitenta e seis cartas sem qualquer retorno seu. — É notável a dor em seu peito. Os olhos brilham no escuro e são lágrimas dolorosas que caem deles.

— Eu não fazia ideia do que acontecia lá, ESCONDERAM TUDO DE MIM! — grito. E, de fato, não minto. Adriano sabia que se eu tivesse ciência de que as cartas veladas de Alessandra nunca foram pirraças, eu a teria tirado de lá de dentro e passado por cima de qualquer um que tivesse tentado me impedir.

— Eu contei em inúmeras cartas, eu pedi por ajuda.

— Em palavras ambíguas. Eu achava que você só queria voltar e eu não queria que estivesse aqui para ser violada e passar pela mesma coisa que Alessa passou. — A arma ainda está em punho e eu poderia ir lá e abraçá-la, mesmo sabendo de tudo o que fiz.

— Eu contei, mas você não acreditou em mim quando eu mais precisei de você, e no fim... no fim, Alessa teve sorte, porque ela teve uma vida ruim, enquanto eu fui ao inferno e todos me largaram lá. Se você não queria vínculo, parabéns. Não temos.

Ela nunca vai acreditar em mim. Não porque não tenho provas, mas o tempo que Dario passou mexendo com sua cabeça foi demais para que, em alguns minutos, eu tente consertar tudo.

— Eu queimei o mundo por você — murmuro, ainda na esperança de que ela possa acreditar em mim.

— Não, você queimou o mundo e Pavia por ela. A mim você apenas abandonou enquanto se remoía em sua própria comiseração.

— Você não faz ideia do que está falando — digo com toda a certeza. Não preciso de achismo quando temos fatos sobre a mesa.

— Então por que está com essa arma apontada em minha direção? Você continua escolhendo o mundo ao invés de mim, não fique chateado, irmão, disparar contra mim é a coisa mais gentil que alguém poderia fazer. Acredite, já fizeram coisas muito piores. Coisas que sua adorável noviça jamais suportaria, ou será que sim? — Ela se aproxima, fazendo um movimento circular em volta do terreno

— Abaixe essa arma e vamos conversar, por favor.

— Parece piada, querendo conversar uma hora dessas. Hoje, eu já deixei você falar demais. — Uma ameaça distinta de ódio quando ela procura um alívio cômico para o fogo que nos cerca. — Sempre tentei entender, quando os homens do nosso pai diziam que a morte era uma benção, acho que, depois de tudo isso, posso compreender. — Ela procura Jezebel em seu campo de visão. — Espero que esteja pronta, Jezebel. Porque esse é o futuro que te espera. Este filho, que carrega nos braços, ainda é o primeiro. Para as finalidades dele, ainda te faltam seis. — Ela cospe as palavras com uma arrogância sem igual.

Ela começa a se aproximar demais, o cano de sua arma está mirado para o meio do meu peito.

— Para — ordeno, mas sou ignorado como em todas as outras vezes, desde que ela chegou.

Miro o cano da minha arma, e esta é uma maldição, porque cuidei tanto dela, a ponto de que nem mesmo se Adriano mandasse, eu poderia fazer-lhe qualquer mal.

— É, é exatamente como eu pensei. — Ela entende a fraqueza dentro de mim. Ela sabe o que significa, mesmo que acredite ser insignificante diante de meus olhos. — Você continua omisso quando eu peço ajuda. Como eu disse,; a morte é uma benção.

Sua mão sobe, então me testa demais para acreditar que eu não faria nada. Sua arma agora está sob sua nova mira, *Jezebel*. Eu amo, mas identifico a perdição em seu olhar. Ela não quer ser salva, quer que eu a ajude de uma forma muito específica. Meu coração dói, porque para chegar ao ponto de desejar a morte, é necessário ter odiado demais a própria vida.

— PARA, PORRA! — grito em seu rosto, mas ela não se importa.

— Atire e acabe com tudo, Daemon. — Ela continua a mirar em Jezebel, que aperta minha camisa. Eu sei que ela está desesperada. Basta que Alessandra se desequilibre para apertar o gatilho. — Eu mandei atirar!

Aperto o gatilho, pois não arriscarei mais uma vez a vida da minha esposa, já o fiz o suficiente e a minha cota já está mais do que cheia. Aperto os olhos quando a bala perfura seu ombro e ela cai sentada no chão. O arrependimento bate forte, mas esse é um exemplo perfeito de fazer o que deve ser feito.

— Para, por favor... — sussurro.

— Você, finalmente, atendeu ao meu pedido. — Ela sobe a mão novamente para o ar e respira profundo. O sorriso pequeno enquanto apenas quer me atiçar e implorar para que eu lhe dê a benção que tanto deseja. Meu próximo tiro pega em sua mão, no busto, e no joelho. *Ela não vai mais se levantar dali.*

— Jezebel, saia daqui. Volte para o chalé e não saia do *bunker* até eu chegar. — Ela me puxa a blusa e me encara atônita.

— Não vou sem você — afirma.

— Isso não é um pedido, pela primeira vez, me escuta e vai, proteja *ela*.

— Mas... — Ela tenta, mas não vai me convencer, não agora.

— Eu mandei ir. Eu resolvo daqui para a frente. — Seus passos lentos a levam para longe enquanto embala a menina nos braços e se distancia, sumindo entre as árvores.

Alessandra poderia ter me matado se quisesse. Acertou minha perna, mas poderia ter acertado muitos outros lugares. *Ela já está cansada, e acho que eu também.* Minha irmã cai sobre o chão, moribunda. O tiro em seu busto faz o efeito que ela queria, mas ao menos, agora, eu preciso estar ao lado dela quando seu coração parar. Ela me fita do chão, e eu tomo seu corpo em meus braços, como costumava fazer todas as noites antes de dormir.

— Me perdoa...? — questiono. Ela já não está mais sã, para responder as coisas de forma consciente, mas há uma essência da velha Alessandra, bem lá no fundo, e agora, quando seus olhos me encaram, eu espero que ela possa estar me vendo não como Daemon, mas como o velho irmão a quem ela costumava recorrer

em segurança, e que em determinado momento falhou com ela. Mas eu estou aqui para fazer jus ao que prometi à nossa mãe.

Seus dedos ensanguentados deixam seu ferimento no ombro, ela esfrega os dedos em meu rosto como o fez ainda bebê, em uma carícia inocente, antes sem se importar com o sangue que eu tinha nas mãos, e no momento, sem se importar por ter sido eu uma das grandes causas de sua destruição.

Eu devo isso a ela, eu devo paz a Alessandra.

— Ao menos você está aqui, porque eu ainda tenho medo do escuro. — Meus olhos desandam em lágrimas. — Me abençoe, como fazia em nome de Adriano. — Com sua única mão ainda funcionando, ela puxa o cano de minha arma, posicionando-o sobre sua têmpora, e então eu entendo. — Espero que esta carta você responda. Agora eu vou sonhar.

Ela fecha os olhos, aninhando-se em meu peito e eu vejo, por segundos, sua imagem jovem, tão nova e inocente.

— Te vejo nos seus sonhos... *coisinha*.

— Ela sempre confiou em você, Daemon — sussurra.

Meus lábios tocam a sua testa e eu murmuro comigo mesmo, antes de apertar o gatilho:

— *Mãe, eu estou cumprindo a nossa promessa...*

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 88

Uma premissa do futuro

JEZEBEL CONSTANTINI

Estou fraca. O cheiro de sangue em meu corpo é notável e, ainda que eu precise chegar rápido ao chalé, tento ter os pés firmes para não correr o risco de cair com minha filha nos braços. Eu estou exaurida, os músculos da perna tremem em exaustão, e eu sei que não deveria estar aqui,mas em um hospital. Talvez, se eu tivesse dito tudo isso antes, nós poderíamos estar em um lugar diferente.

Ao me aproximar do carro no qual viemos antes, a figura de Marta desesperada em frente ao lugar aparece em meu campo de visão. Ela corre em minha direção, perplexa, encarando a figura infantil em meus braços. Nossos olhares se cruzam, até que ela finalmente esboça alguma reação que não seja surpresa.

— Meu Deus, você estava aqui há pouco tempo... o que houve? — Seria coisa demais para explicar agora, e diante da situação, palavras precisam ser poupadas.

— Te contarei tudo em breve, eu só... estou exausta. — Ainda sinto leves cólicas e a coluna dolorida.

— Onde está Daemon?

— Com... Alessandra. Eu não sei... precisamos esperar por ele. — Minha preocupação é genuína. Não posso simplesmente decidir sair agora. — Está tudo resolvido.

— Olha essa fumaça toda. Essa criança precisa ser limpa e... — Ela olha para o meio de minhas pernas, notando o caminho de sangue. — E você também.

— Não vou entrar no *bunker* sem ele. — Minha insistência é apenas pela certeza de que o pior não aconteça e o destino acabe sendo irônico o suficiente para achar que pode tirá-lo de mim, aos menos, não agora, quando tudo se encaixa de forma tão certa e conjunta. Uma cólica me acerta novamente.

— Vem, eu te ajudo! — Suas mãos melindrosas procuram tomar a bebê de forma delicada de meus braços, para que ela não chore. Eu realmente preciso de um banho. A casa está limpa, as luzes apagadas.

Mas Marta não me acompanha, e ao me virar para a porta do lado de fora, há uma arma virada para mim, concretizando mais uma camada deste pesadelo.

— Marta? — A dúvida não é dúbia, é uma certeza ordinária que levantou a blusa e acaba de mostrar os seios.

— Eu não vou atirar, Jezebel. Eu só quero levar o bebê. — Ela se afasta, até que comece a contornar o carro. — Eu avisei que cuidava de todos os Constantini. Eu poderia ter continuado dentro da mansão, cuidando dos próximos que ainda viriam, mas Daemon mexeu onde não devia. — A verdade então me golpeia, com uma força devida, salientando os erros perceptivos que tivemos quando, por um momento, botamos a carga da traição nos braços de alguém que sequer a merecia.

Mattia.

— Era você! Durante todo esse tempo, o que você quer com minha filha? — Ela arregala os olhos e diz:

— Uma menina? Deveria ser um menino. Mas, ainda assim, é uma benção — murmura, passando o dedo sobre o queixo pálido do bebê.

— Devolva ela, por favor... — eu já estou cheia de as pessoas tentarem proclamar algo que saiu de dentro de mim, alguém que me pertence, como delas.

— Existe um legado que precisa continuar. Eu tenho a continuidade da história em minhas mãos. Daemon e sua esposa morrem, mas há um Constantini no poder, para sempre reerguer a fé do Catolicismo. A criança pertence a Igreja, assim como Daemon, um dia, pertenceu. — A convicção errada de que realmente a história importa de algo, quando tudo o que ela fez foi mentir, enganar e roubar, é errônea, visto que o sangue de minha filha é o suficiente para que eles a insiram neste mundo podre de poder e autodestruição.

Dou outro passo, e então, ela aponta a arma em minha direção com mais força e coragem.

— Nós somos a *Legi*...- — Um som grosso ecoa no ar e ela paralisa o corpo, caindo de joelhos. Minha primeira reação é tomar a menina de seus braços, até que, ao tombar no chão, liberando a visão do que há atrás de si, noto que a arma que acabou de derrubar Marta vem da mão de... *Mattia*.

— *Eu nunca gostei dela mesmo.* — O seu rosto pálido me alarma, mas apenas a premissa de que ele está aqui, não só provando que o título de traidor não lhe compete, como dando-me a certeza de que não importa o que tenham pensado dele, ele sempre estará por perto. O conselheiro encosta suas costas na árvore, arrastando-se até o chão.

Ao correr até ele com a criança nos braços, mesmo que fraco, ele rodeia meus ombros com o mesmo carinho.

— Eu sabia que não era você — murmuro com o rosto em seu abdome.

— Onde está Daemon? — Seus olhos abrem em fecham em uma lentidão grande. — Quero dar um soco em sua cara e quebrar alguns de seus dentes.

— Está com Alessandra — digo baixo. O sorriso de Mattia morre e ele aperta os olhos em um claro sinal de dor. A pequena

menina chora em meu colo, atraindo sua atenção.

— Meu Deus, não me diga que... — O sorriso volta, e não só o sorriso, mas o brilho no olhar, ainda que quase opaco. — Eu fiquei poucas horas fora e ele já nasceu?

— Ela — corrijo-o.

— *Ela* tem um nome? — questiona.

— Ainda não. — Eu me agacho ao seu lado. A criança chora, compulsivamente, e eu estou cansada o bastante para não conseguir entender o que ela pode estar querendo. Os olhos escuros dele avaliam todo o seu rosto e as mãos que se apertam.

— Talvez ela esteja com fome — sugere.

É, *talvez ela realmente esteja*.

Deixo que a alça de minha blusa caia, deitando sua cabeça na dobra de meu braço quando, em um movimento natural e instintivo, ela abre a boca e procura o bico do meu peito, mordendo com tanta força que é preciso apertar os olhos para me acostumar.

— Você estava certo — digo a ele, que tem uma posição relaxada.

— Eu seria um tio incrível. — A forma que Mattia se refere a um futuro distante, o qual ele talvez não tenha a sorte grande de viver, me desconcerta. É como vê-lo rogar uma praga para si mesmo. Ele fecha os olhos sem abri-los em seguida, e eu me desespero, porque a chance de tê-lo inteiro está aqui e o mínimo que espero é que ele fique vivo para rir dessas histórias depois. Eu o sacudo e ele abre novamente os olhos, até a metade, como uma cortina que não se afasta por completo, com medo de que o sol invada o interior da casa mais do que o necessário. — Eu ainda estou aqui, *Bel*.

Na tentativa de me levantar e puxá-lo pelo braço, percebo que Mattia mal tem força para respirar, quando é notável o esforço que faz para conseguir o básico.

— Você precisa de um hospital — afirmo sem poder dar a ele a chance de vetar.

Ele sustenta o dedo dentro da mão pequenina de minha filha e ela agarra com toda força.

— Geniosa como Daemon. — O desespero é maior e não importa quanta força eu faça, ele sequer se move. — Está tudo bem, *Bel*. Eu prometi com a minha vida que tudo ficaria bem. Eu cumpri com a minha promessa, não foi?! — Sua voz é um sopro e eu me aninho em seu corpo, e Mattia faz o possível para tentar retribuir.

Eu quero que ele fique, mas o meu querer não me parecer ser *poder*.

— O que é... isso? — Ao olhar para o lado, o corpo de Mattia jaz cansado, mas é a voz de Daemon que surge com um questionamento ímpar, então o corpo de Marta chama sua atenção.

— Nunca foi ele, Daemon. Era Marta o tempo todo. Ela pegou a nossa filha e, se não fosse Mattia... — O choro compulsivo arranha-me a garganta, porque me nego a perder alguém que acreditei que estaria comigo pela vida toda. — Ela era da *Legião*.

— Ei, Daemon, eu disse para Jezebel que eu queria te dar um soco agora! — O olhar apreensivo de Daemon me cheira a arrependimento, quando ele tenta levantar o amigo que quase grita de dor em seu ouvido, devido à forma abrupta, já que não há mais tempo.

— Para, para... — geme. — Me deixa aqui, a gente sabe que não vai dar tempo. — Meu marido não dá ouvidos. — Pela primeira vez na vida, me obedece.

E é assim que ele o faz.

É triste, e impiedoso. Ele não merecia esse fim.

— Como fui tão idiota? Eu deveria ter trazido você. A culpa é toda minha.

O Conselheiro entende a culpa, mas nem por isso deseja que seu Capo pense dessa forma.

— A gente sabe que não seria bem assim. As estradas todas estão bloqueadas, e, no fim, tudo aconteceu como deveria acontecer — murmura, os olhos parecem estar colados.

Daemon pega sua mão e eu sei que Mattia sente.

— Você não é a minha mão direita, você é os meus olhos. Muito mais do que um conselheiro, um irmão. A minha família. — Ele aperta os dedos de seu Don.

— Pode me responder algo? — o *Consigliere* questiona.

— Diga.

— O que aconteceu com a irmã de Lucca? — O sorriso de Daemon se abre, de forma espantosa, não maldosa, mas em uma felicidade genuína, que poucas vezes tive o prazer de ver. — Você sempre dá a mesma resposta.

— O que precisava ser feito.

— E o que precisava ser feito? — Daemon se senta ao lado dele. Botando a cabeça em seu ombro.

— Ela precisava ser salva, assim como filho de Irene — o Capo alega e Mattia cai em uma gargalhada fraca. — Estão na Suíça.

— Eu sempre soube! — o conselheiro exclama.

— Mas... o filho de Irene não estava morto? — Daemon nega com a cabeça.

— Para a Cosa Nostra sim, mas... na realidade, não — responde-me.

— Você deveria confiar nas decisões de seu marido. — O Capo dá dois tapas no ombro de Mattia, que aperta os olhos, porque é justamente ali que um de seus ferimentos está. — Não abuse, Daemon.

— Acho que já sei um nome para ela, sabia?! — Um sorriso misturado de acolhimento vem, já que foi um pedido feito antes

de sairmos da mansão. — Vai se chamar *Helena*.

Mattia deita a cabeça para trás, é notável que seu pescoço perde a força.

— Mesmo que tentemos fugir da história, a história está sempre em nós. Assim como Helena Constantinopla, prestes a começar uma nova era, me parece que, dessa vez, o mudo terá mais sorte. — Mattia fecha os olhos e minha filha parece balbuciar algo. Ele enfia a mão no bolso da calça que veste e a tira de lá com o punho ainda fechado.

— Este é um nome lindo, mas eu prefiro o bebê *cupcake*... — O conselheiro da Cosa Nostra abre os olhos e, dessa vez, não há vida, tampouco vontade para fechá-los de novo, pois o último fôlego acaba de lhe escapar. Sua mão tomba para o lado e dois itens caem sobre a terra úmida.

Dois chaveiros de borracha em formato de c*upcakes*.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO 89

Barganha

DAEMON DEMARCO

— Vem... a gente precisa ir... — murmuro segurando seus ombros, enquanto Jezebel desaba em lágrimas sobre o colo do corpo de Mattia, que embora não tenha passado seus melhores últimos segundos de vida, talvez tenha encontrado um lugar no paraíso, ao qual sempre julgou inexistente, assim como eu

O mundo é para os fortes e o sentimento difere os verdadeiros campeões daqueles que só buscam o poder egoísta.

Mattia foi um bom homem, faltam adjetivos para ele.

Estará sempre em nossa memória.

Ela se levanta, *obrigada*.

Ali está somente sua casca, porque o produto já se foi e a mente já está vazia.

Mas, como nem tudo são rosas, eu percebo antes de Jezebel deJezebel .

— Pelo visto, meus entes resolveram que hoje é um ótimo dia para tratar dramas familiares. — Minha fala não é equivocada. Do outro lado das árvores, em conjunto com alguns homens que não reconheço fazerem parte das *decinas s*icilianas

ou calabresas, porque certamente os que o acompanham pertencem a mesma organização que ele. *A Legião.*

— Elizium. — Seu nome é um veneno que trouxe apenas a catarse para todos nós.

— Tem noção do que fez? — Suas indagações genéricas não servem de tanto, quando ele me pergunta, mas sabe exatamente o que fiz.

— Certamente, mas me questiono se *você* sabe o que fez. — Ele não se felicita quando retorno para ele a mesma pergunta, enquanto ela só espera por uma resposta.

— Foram suas consequências que destruíram a sua casa. — Não vou morrer envenenado aqui.

— *Daemon*... — Jezebel sussurra atrás de mim e eu tomo a sua frente para que o meu corpo seja seu escudo, não apenas agora, mas daqui em diante.

— Então serão as consequências de suas ações que destruirão o Vaticano, Elizium. — Não há armas. Ele não precisa disso. Sua imponência física não me causa medo, mas ele sabe que em meu maior momento de fragilidade, estou farto de causar guerras sem fundamento. — Eu provei a você que podemos mudar o rumo da história. Não é isso que os Constantini fazem? — Ele prova do próprio veneno.

— A caixa existe por um motivo, as pessoas precisam de algo a que temer, se você tira o pilar de fé, você tira o controle, a esperança. Nós agregamos ao mundo. — Falácias, *mentiras e* o corpo de Mattia no chão é um lembrete funcional disso.

— Vocês controlam tudo de forma negativa. Ao seu bel prazer, como se realmente se importassem com alguém. Usam a fé das pessoas para movimentar mercados que tiram o livre arbítrio, quando juram dar a liberdade através da fé. *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.*

— Você precisa entender que as pessoas não estão prontas pra isso, Alessandro. Precisa me dar a caixa.

— A caixa já não está mais comigo há muito tempo. Não consegue entender? — murmuro. — O conhecimento que há dentro dela está espalhado e, caso qualquer coisa aconteça comigo, a pessoa em posse de suas informações irá liberar tudo pelo mundo, e então vocês não terão qualquer credibilidade ou influência. — Eu rio. — Precisa aceitar que a caixa sempre esteve com a nossa família porque *nós somos a porra da influência*. Se nos erguemos do Catolicismo, nós também podemos destruí-lo.

A aflição em seu rosto não me comove, mas ele tem seus próprios interesses, e perder tanto por uma escolha burra, não me parece o tipo de coisa que ele faria agora. Se até Deus barganhou com o Diabo, por que eu não poderia barganhar com *meu avô*?

— O que você quer? — o homem questiona, seco.

O alívio começa a surgir.

— Fique com o Vaticano, mas o remanejamento precisa ser desfeito. Eu quero que esqueça minha família, meus negócios. — Encaro meu pequeno legado nos braços de Jezebel. — Eu também quero que esqueça a minha filha. Ela não servirá para nenhuma política. — Seu queixo se ergue no ar e ele analisa o quanto perderá. Mas não é preciso fazer qualquer conta, ele sabe que sua perda será incomparável. — Quero que a Santa Sé receba as denúncias eclesiásticas de forma limpa e honesta. Continuem brincando de serem deuses, mas não façam com que as pessoas paguem por isso. Não se esqueça de que até deuses podem cair.

Elizium encara seus homens, entendendo que a força que ele acreditava que eu havia perdido está aqui, sem precisar erguer qualquer arma ou fazer qualquer ameaça.

Agora, ele entende que a história somos nós.

— Feito. — Eu não o encaro, mas sei que seus homens viram as costas, e , no meio da floresta, enquanto tudo pega fogo, não é preciso um *bunker* para garantir que tudo ficará bem. Eu me viro para Jezebel, abraçando-a.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo — murmuro contra seus cabelos. — Está consumado.

Mattia sempre teve razão, todas as coisas foram consumadas.

OceanofPDF.com

EPÍLOGO

ALESSANDRO CONSTANTINI

Sempre tive um apresso por velórios. A ideia de se despedir de pessoas que talvez nem sequer sabem que estão mortas, parecia-me mais uma zombaria do que uma última prestação de contas às condolências de suas mortes. A necessidade de fazer a diferença para alguém precisa existir quando ainda estamos em vida.

Diante de mim, enquanto o vento sopra frio na direção do horizonte, quatro túmulos descansam em meio ao gramado verde, enquanto condolências são destinadas a mim por quatro perdas em um único dia, em uma tragédia que só acomete a eles, e não a mim.

Mattia Santino, um sábio conselheiro, exímio amigo.

Jezebel Constantini, s sSenhora da Cosa Nostra, dedicada esposa.

Luigio Constantini, amado filho.

Alessandra Constantini, querida irmã e filha.

A falecida criança foi registrada, mesmo que comprovadamente no gênero feminino, lavrado como um menino

para fortalecer a ideia da imensa perda dentro da posição patriarcal siciliana.

Benito se aproxima, apertando minha mão, tornando a estar do meu lado enquanto flores são jogadas sobre os caixões que descem.

— Minhas condolências, Padrinho — Deseja-me, tão sentido que não o reconheço. Ainda que Adriano tenha tentado, ainda há um pouco de humanidade dentro de cada homem que se propôs a honrar com o juramento de nosso nome.

— Aceitas, Benito. — Meus olhos não passam por ele.

— Eu... gostaria de agradecer pela oportunidade. Darei continuidade à lapidação da Cosa Nostra como você o fez, Alessandro. — Ele acredita que é uma benção, quando, na verdade, está se sentando em uma cadeira amaldiçoada.

Não somos mais uma monarquia. Com o falecimento de Jezebel e da criança, a Cosa Nostra entendeu que a necessidade de se transformar em uma república era válida, visando prolongar a vida da contravenção que, agora, não tem uma base para esticar-se ao longo dos anos.

Não existem mais herdeiros, ou qualquer outra esposa para reaver um casamento arranjado na intenção de propagar os herdeiros e permanecer com uma monarquia, como sempre foi.

Esse é o desejo de Daemon, *ser o último Constantini no poder.*

O Conselho não teve escolhas. Era isso ou a extinção em alguns anos, já que nenhuma cobra vive com cabeças alheias.

Mattia, com toda sua perspicácia, faz falta e é um dúbio sentimento de remorso externar isso. Antes, essa merda toda era divertida, agora... é realmente monótono e, às vezes, eu acho até que dentro da cabeça de Daemon é um lugar muito mais confortável e caótico do que aqui fora.

Eu consegui o que sempre quis; uma Cosa Nostra temida e respeitada, não só por outras organizações, mas também pela

própria *Legião*, que se cerca de medo quando sabe que o poder somos nós.

Lucius se põe ao meu lado direito, Dante está sempre em sua retaguarda.

— Então, eu acho que é isso — o Capo casales se pronuncia, com os braços cruzados.

— É, eu também acho — respondo. — O que pretende fazer agora?

Ele suspira, cansado. Acho que dei uma boa diversão a ele nesses últimos meses.

— Tenho a caixa, um território maior e, agora, acredito que tudo o que me falta é um casamento, certo?! — Solto uma risada, mas seu conselheiro, ao seu lado, não me parece muito confortável.

— Difícil achar alguém que te queira por perto.

— Casamentos arranjados são para isso, para que não haja escolha. Fico triste por Jezebel, mas talvez tenha sido melhor assim, ela não nasceu *para isso*. Entende?

— Perfeitamente — respondo a Lucius com uma firmeza crua. Entretanto, ele mal sabe que alguns dos caixões que começam a ser engolidos pela terra estão cheios do mais absoluto *nada*.

Ele ameaça ir embora, mas retorna o olhar e diz:

— Tenho uma filha solteira, e seria um prazer ter você na família. — O homem se diverte.

— Ah... acredite, você *não teria* esse prazer — eu lhe garanto.

O Capo se vai, ainda assim, Dante se prolonga na beirada do precipício por onde os passivos corpos jazem em paz, ao menos os de Alessandra e Mattia.

O conselheiro me dá as costas e encara minha mão.

— Interessante a sua aliança de casamento. — Ele sorri, sabe o que significa.

Sete anos.

Sete anos até que Daemon saia da cadeira de Capo e a Cosa Nostra se torne oficialmente uma república.

E quem sabe, até lá, eu possa cometer algumas atrocidades, para quando descansar dentro da cabeça de Daemon, possa, por fim, nunca mais sair de lá.



DAEMON DEMARCO

4 anos depois.

A pacata cidade de Mürren sempre está acometida pelo frio. No início, foi difícil me acostumar, mas os Alpes Suíços têm uma beleza de tirar o fôlego e isso talvez tire o foco do clima e o que antes era um traço negativo, hoje se torne um positivo.

No ponto mais alto da cidade, um canteiro enorme de rosas vive intensamente, com suas cores saudáveis, vermelhas como sangue e eu não poderia esperar outra coisa sabendo por quem elas são muito bem cuidadas. Há um pouco de neve, mas nada que divague ou exerça qualquer influência negativa sobre a saúde delas.

Chegando à casa, deposito os sapatos do lado de fora.

Mal abro a porta, porque uma miniatura de pessoa pula em meu colo como se eu fosse uma cama elástica. Meus braços

agarram sua cintura e o corpo pequeno, enquanto seus braços me sufocam pelo pescoço no abraço mais gostoso que já pude sentir.

— Tio Daemon! — ela grita.

Mas um mês.

Ela cresceu um centímetro e seus cabelos escuros estão maiores.

— *Coisinha*... — Puxo o pescoço de seu agarre, ela é forte como a mãe.

— Deixe-me contar, deixe-me contar! — Helena é sempre afobada, com as mãos sacudindo-se no ar enquanto encara a mãe, que está em pé do corredor, vendo-a eufórica. — Eu tenho um amigo na escola e o nome dele é Jhonatan.

Minha sobrancelha entorta e eu não acho que entendi direito.

— Eu não gostei disso — murmuro.

— Daemon... — Jezebel me tolhe — eles são crianças.

Pondo-me de pé, enquanto minha, então, falecida esposa segue aguardando um beijo em sua testa, uma vez que o acordado é não expor para Helena uma relação intima, mas amigável, afinal; *ela não sabe que sou seu pai.*

Sou apenas o tio Daemon, amigo de Alessandro, seu pai que está em uma longa viagem.

Bel me beija no rosto e a saudade de ter ficado um mês sem vê-la me entorpece com seu cheiro doce. *É sempre como se fosse a primeira vez*, não importa quanto tempo passe.

Helena tem o rosto sujo de azul e o interesse é astuto para saber tudo o que acontece com ela.

— O que houve com seu rosto?

Ela faz um bico e as maçãs de seu rosto tornam-se rosadas.

— Mamãe fez *cupcakes*! — Balança a pulseira onde se encontra o chaveiro que Mattia lhe deu quando ainda bebê. *Ela*

nunca o tira. — Fez iguais ao *Mat, o homem cupcake*. — Jezebel ri, fora ela ao ensinar nossa filha, que mesmo não se lembrando de Mattia, está com ele por toda parte.

— Entendi, está tarde. Acho que é hora de dormirmos, né? Amanhã o dia vai ser cheio e eu vou cansar você. — Ela corre para o quarto e Jezebel se mantém calada enquanto admira a relação primorosa que tenho com Helena. Ela já está com seu pijama e sua cama rosa é tão pequena que mal cabe metade do meu corpo. Mas ela se põe de joelhos enquanto os meus estão repousados sobre o chão.

— Tio Daemon?

— Estou ouvindo — ela resmunga algo inaudível.

— Você acha que meu pai vai demorar muito para vir me ver? — O meu coração se corta com este tipo de pergunta. Não é que eu ache que ela não mereça saber quem sou, mas ainda sou da Cosa Nostra. O meu nome é uma vinculação eterna, enquanto eu ainda for o Capo, mas em três anos, quando apenas a cadeira do Conselho me restar, estarei aqui de corpo e alma, para não perder nenhum passo de sua vida, para pôr Helena para dormir não apenas uma vez ao mês, mas todos os dias ou sempre que ela precisar. — Acha que ele pensa em mim?

Suas mãos estão entre as minhas, tão pequenas, tão frágeis e indefesas.

— Seu pai é um pouco atarefado, Helena, mas não duvide que ele te ama. — Olho por cima de meu ombro e Jezebel está na porta. — Como também ama irrevogavelmente a sua mãe.

— O que é irrevogável? — Tão curiosa.

— Uma palavra de adultos.

— Eu quero que ele seja como você, Tio Daemon... — Seus braços me agarram o pescoço. — Eu amo você...

— Eu também, *coisinha*. — Um suspiro aliviado irrompe pela minha boca e ela se deita com a cabeça sobre o travesseiro.

Faço menção de desligar a luz e ela sorri. — Não precisa, eu não tenho mais medo do escuro.

As lembranças, elas não doem mais, mas causam um sentimento de grandeza, porque o curativo que a criança na cama representa em minha vida, é muito maior do que qualquer ferida que tenha sido aberta no passado.

— Quer... orar antes de dormir?

Ela sorri.

— Sim.

E então o fazemos, e ela cai no sono assim que acaba.

Com a luz apagada, deixo o quarto, minha esposatem um sorriso esperto no rosto, enquanto se afasta pelo corredor em direção ao quarto.

— Onde estão as crianças? — refiro-me à irmã de Lucca e ao filho de Irene. Eles vivem com Jezebel em uma vida pacata, tendo direito a tudo que jamais teriam se estivessem na Sicília.

— Colônia de férias, só chegam amanhã. — Meu sorriso enlanguesce e eu juro que estou duro apenas com a premissa de que nos próximos minutos eu possa matar a saudade de exatamente um mês longe dela.

Eu a alcanço no quarto, de fininho, para que Helena, com o sono tão leve, não acorde no final do corredor.

Meus dedos procuram o seu seio por baixo da blusa, enquanto sua boca choca-se com a minha, ordinária e desejosa, respirando profundamente, indecisa entre respirar e chupar minha boca, enquanto passa a mão sobre o meu pau e, pelos meus dedos em sua cintura, sei que já me espera sem a calcinha.

— Eu posso comer você agora? Eu prometo que da segunda vez vou com mais calma... eu só... — Tão atrevida. Suas unhas arranham minhas nádegas por dentro da calça já aberta, enquanto sua outra mão aperta minhas bolas embaixo do pau em riste, duro, pingando por ela.

Uma das alças da camisola cai e minha boca encontra seu bico, mordendo sem qualquer pena, enquanto ela esfrega o busto contra meu rosto, derrubando-me sobre a cama e posicionando-se exatamente sobre meu pau até que sua bunda esmague minhas bolas e eu quase goze na primeira sentada.

— Devagar, devagar... — eu peço. Ela está afobada e é nessa afobação que ela vai arrancar cada gota do meu leite, se não se tornar calma nos próximos minutos.

— Eu estou com saudades — ela geme, rebolando sobre o meu colo. A fivela do cinto, ainda em minha cintura, arranha sua coxa. Os dentes de Jezebel mordem meu queixo e eu procuro seu pescoço, abocanhando seu ombro, deixando mais uma das milhares de marca de meus dentes em seu corpo. *Ela gosta.*

Inverto as posições, arreganhando suas pernas enquanto minha língua ocupa-se em seu seio. Seu interior me aperta e ela me segura pelos cabelos, vou arrastando-a pela cama e inundo seu interior de porra, sentindo ainda seus espasmos valentes à medida que, nem mesmo com toda a sensibilidade, sou capaz de parar.

É sempre assim.

A saudade de passar quase um mês longe dela não me permite ser paciente e não acho que ela queira ser também.

É uma necessidade quase crua, uma energia que precisa ser domada para que as próximas vezes sejam mais controladas, *mais doloridas*.

Seus braços me rodeiam e seu rosto se esconde em meu pescoço, ainda sem permitir que eu saia de dentro dela.

— Helena vai crescer e, uma hora, ela vai entender exatamente quem você é. — É eu penso nisso.

— Essa é uma forma de mantê-la segura. O sobrenome que eu carrego é uma maldição e não vou permitir que esta recaia sobre ela — digo, ajeitando o braço embaixo da cabeça. — Também não quero que ela saiba que o próprio pai tem a cabeça

dividida em duas partes. Mantê-la longe, é afastá-la do meu passado.

— Ela te ama do jeito que você é, Daemon. — Um sorriso sincero expõe meus dentes e Jezebel beija meu pescoço. — Assim como eu também te amo.

— E Alessandro?

— Tem... aparecido menos. E não acho que vai aumentar as aparições. É um sinal de que as feridas que ele abriu estão se fechando.

— Mas as cicatrizes sempre estarão aqui — murmuro, apreciando o gesto de carinho.

— Hm... eu sei que não tem nada muito a ver com assunto, mas... você nunca me contou porque Charlotte foi embora do monastério de Pavia, naquela vez...

Sorrio com a curiosidade genuína de Jezebel.

— Se até *ele* viu que tudo o que havia feito era bom, não importa, para você, o que eu fiz naquele quarto, Jezebel. Tudo o que fiz teve propósito para arruinar esse vazio e o caos que se encontrava em Pavia, na monarquia e, no fim de tudo, no mundo.

— Parafraseando ***Genesis***? — Ssorri.

— Não é *ele* o início de todas as coisas? — E nós caímos na gargalhada. — *Noviça*...

— Padre Daemon... — murmura ao me beijar outra vez, para recomeçarmos tudo de novo.

Conheci a verdade no monastério de Pavia e a tenho nos braços agora, foi ela quem me libertou.

Jezebel foi minha fé, mesmo quando eu quase destruí a dela.

Dante Barbieri volta em 2025, assim como o livro de JUDAS pelo ponto de vista do Padre Daemon DeMarco.

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a tantas pessoas, mas não acho que eu vá conseguir me lembrar de todos que contribuíram para essa série. Primeiramente, a Deus; minha mãe, que cuidou de mim enquanto eu me enfiava de cabeça nessa série; minha assessora incrível; minha amiga Colchero, que foi quase a minha bíblia humana, mandando-me altos áudios explicativos no meio da madrugada e que quase escreveu esse livro junto comigo, há tanto minhas mãos quanto as dela nessa história; minha amiga Red, maravilhosa, pela ajuda nas cenas de Hot; Lavinia Ferreira, amiga, você é incrível; minhas leitoras maravilhosas que engajaram o pré-lançamento fabuloso que tivemos; minhas parceiras e à minha família maravilhosa! Eu sou muito grata, MUITO! Obrigada por nunca soltarem a minha mão.

Um grande beijo.

---

[1] Que inspira aversão, ódio; abominável, detestável.

[2] Bebês e crianças.

[3] Significa baixo teor (concentração) de oxigênio. É quando a quantidade de oxigênio transportada para as células do corpo é insuficiente.

[4] A função do camerlengo é cuidar interinamente da administração da igreja quando o sumo pontífice falece ou abdica de sua cadeira. Ele anuncia o fim do papado, organiza um novo conclave e é responsável por assumir o poder eclesial até que o novo papa seja nomeado.

[5] Dia 11 de julho, a Igreja Católica celebra o Dia De São Bento, considerado “o pai dos monges” e padroeiro da Europa.

[6] “A palavra liberta” é uma interpretação derivada de alguns princípios e versículos presentes na Bíblia. Um versículo que pode ser associado a essa ideia é João 8:32, que diz: "E

conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Aqui, a palavra "verdade" é associada à libertação espiritual e ao conhecimento que leva à liberdade interior.

[7] Nome dado a uma pessoa que, na linguagem popular, a pessoa que intermedeia, voluntária ou involuntariamente, transações financeiras fraudulentas, emprestando seu nome, documentos ou conta bancária para ocultar a identidade de quem a contrata

[8] Mattia significa: *O dom de Deus* ou *o presente de Deus.*

[9] "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém."

---

[i] Mecanismo presente no fogão que marca o tempo em que a comida deve ficar no fogo, que ao chegar no tempo marcado, apita alto.

OceanofPDF.com